

Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde

GABRIELA ALVES MIRANDA
EMBAIXADORES DA MEDICINA SOVIÉTICA: MÉDICOS
COMUNISTAS, SAÚDE E PROPAGANDA POLÍTICA NO BRASIL
(DÉCADAS 1930/1950)

Rio de Janeiro

2023

**EMBAIXADORES DA MEDICINA SOVIÉTICA: MÉDICOS COMUNISTAS,
SAÚDE E PROPAGANDA POLÍTICA NO BRASIL (1930/1950)**

Tese de doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor. Área de Concentração: História das Ciências.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gilberto Hochman

(Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz) – Orientador

Prof. Dr. Olival Freire Junior

(Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências da Universidade Federal da Bahia)

Prof. Dr^a Andrea Casa Nova Maia

(Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Prof. Dr^a Kaori Kodama

(Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Prof. Dr. Rômulo de Paula Andrade

(Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Suplentes:

Prof. Dra. Tamara Rangel Vieira

(Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Prof. Dr. Érico Silva Muniz

(Faculdade de História – UFPA – Campus Bragança)

Rio de Janeiro

2023

Ficha catalográfica

M618e Miranda, Gabriela Alves.

Embaixadores da medicina soviética: médicos comunistas, saúde e propaganda política no Brasil (décadas 1930/1950) / Gabriela Alves Miranda. – Rio de Janeiro, 2023.
307 f. : il. color.

Orientador: Gilberto Hochman.

Tese (Doutorado Acadêmico em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz.

Bibliografia: f. 264-274.

1. Gestão de Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde.
2. História do Século XX. 3. U.R.S.S. 4. Brasil.

CDD 362.1

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica
da Rede de Bibliotecas da Fiocruz com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Responsável pela Ficha Catalográfica: Marise Terra - CRB-6-351

Para minha mãe

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Gilberto Hochman, pela oportunidade de desenvolvimento acadêmico, pela instigação do tema de pesquisa, por sua conhecida qualidade da orientação, leitura atenta das versões, trocas intelectuais e de vida. Sem sua paciência e confiança, esta tese não seria possível. As deficiências e lacunas deste estudo são da minha responsabilidade, entretanto. Buscarei saná-las, na medida do possível, enquanto perseguir essa agenda de pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, à Coordenação, aos professores e professoras das disciplinas, ao corpo técnico da Casa eu sou grata pelos incentivos, compartilhamentos e aprendizados. Sobretudo, aos meus colegas de curso, eu agradeço o apoio e a persistência que amenizaram angústias em cada etapa dessa jornada. As leituras de algumas disciplinas apoiaram mais diretamente o desenvolvimento desse estudo, da história da saúde geral e do Brasil, da circulação e materialidade nas práticas científicas e ciência, saúde e Guerra Fria – aos professores e colegas desses cursos, agradeço pelos encontros, os cafés e pelas refeições que compartilhamos, muitas vezes em aulas durante o dia inteiro. À professora Lorelay pelo incentivo no Seminário de Pós-Graduandos da UERJ e ao Rômulo na fase inicial. À professora Kaori, por ter acolhido minha vulnerabilidade, sem julgamento me estendeu a mão e então, pude continuar. Agradeço à professora Ângela de Castro Gomes, por me receber em sua disciplina sobre história e biografia ministrada no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Suas aulas memoráveis animaram a conversa em nossa caminhada semanal até a estação de metrô. Eu, Maria Gabi, Eveline e Luiz mantemos amizades baseadas na admiração por tudo que tínhamos acabado de ouvir, na esperança de escrevermos algo de história que fosse também sensível como a vida das pessoas.

Agradeço aos professores da banca pelo aceite e leitura que agregarão à discussão e contribuirão com a divulgação de nosso estudo. Sinceramente, espero que a banca me ajude nessa etapa tão importante. Tive a sorte de contar com o olhar atento de Jorge Moutinho que trabalhou o texto e amenizou a leitura com sua revisão impecável, acusando o que meu cansaço não via. Meu muito obrigada ao Jorge, ao meu colega de

orientação Ramon e à minha colega Daniele, que também ajudaram com leituras de partes do trabalho e com organizações técnicas do texto.

Agradeço aos servidores da Biblioteca Nacional e do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, instituições de pesquisa que mais frequentei durante o levantamento da documentação. Agradeço ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP) e ao Arquivo Histórico da Faculdade de Medicina da USP, que digitalizaram material de pesquisa a pedido durante o trabalho remoto. Em especial, à pesquisadora Raquel Mundim Torres, que me confiou o livro raro de viagem *Onde o Proletariado Dirige*, de Osorio Cesar, de seu acervo pessoal, viabilizando o andamento desta pesquisa no momento em que os arquivos se encontravam fechados devido à pandemia da Covid-19. Não apenas o livro de viagem, como outros cuja leitura ainda pretendo me dedicar. Também ao Luciano García que prontamente compartilhou seu livro nesse momento de dificuldade de acesso a matérias-primas de nosso trabalho.

Sou tão grata aos familiares, colegas e amigos (à Mariana, Dani, Bárbara, Isadora, pela rede de apoio quando não podia contar com creche) que me apoiaram com incentivos e materialmente e aos profissionais de assistência à saúde, que trataram minhas dores nesses momentos de desafio acadêmico em meio a um desgoverno, a uma pandemia e à maternidade que não cabe em palavras. Ao Glaucio pela parceria nos desafios e por acreditar em tempos melhores.

Agradeço ao programa de bolsas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que permitiu conjugar pesquisa, produção de artigos, produção da tese e aquisição de material de apoio que será integrado à instituição. Penso que os livros serão de grande valia para futuras pesquisas. Essa bolsa, embora defasada, foi fundamental para esse estudo. Recebi com tristeza a notícia de que o programa a perdeu em um dos inúmeros cortes de bolsa de fomento à pesquisa vivenciados por programas de pós-graduação e universidades brasileiras nesses últimos anos.

Mais do que nunca, é digno registrar o orgulho pela oportunidade de fazer parte da Casa de Osvaldo Cruz, Fiocruz, por conta da seriedade e compromisso com a preservação, memória e estudos críticos relevantes sobre história das ciências e saúde em nosso país.

Eu agradeço às mulheres da minha vida por todos os motivos.

RESUMO

O objetivo da tese de doutorado é analisar a divulgação da medicina e da saúde soviética no Brasil por meio de livros de viagem à URSS escritos por médicos brasileiros e de periódicos como a revista *Atualidades Médicas e Biológicas*, que circulou entre 1951 e 1960. Entre os relatos de viagens, foram selecionados para análise os mais significativos e publicados em dois diferentes contextos históricos na URSS e no Brasil: os dos médicos Maurício de Medeiros e Osório Thaumaturgo Cesar no início dos anos 1930 e o dos médicos Milton Lobato e Reinaldo Machado e o do médico Raul Ribeiro da Silva em meados da década de 1950. A divulgação da medicina soviética e do modelo estatal de saúde pública foi parte da diplomacia cultural e científica da URSS desde o período do entre guerras e alcançou importância inédita durante a Guerra Fria com o patrocínio de publicações, viagens, festivais e congressos. Médicos brasileiros, membros do Partido Comunista (PCB) ou simpatizantes do socialismo, relataram em livros e artigos suas experiências na União Soviética, seu encantamento com os avanços científicos e tecnológicos, com a organização e a remuneração dos profissionais de saúde, com as instituições educacionais e de pesquisa e com os programas de saúde pública. Parte significativa dessas publicações foram veiculadas pela imprensa comunista e popular no Brasil como propaganda política e como informação sobre aspectos positivos que seriam desconhecidos dos médicos brasileiros e do grande público devido aos preconceitos e ao anticomunismo veiculados pela grande imprensa.

Os relatos de viagem e a revista *Atualidades Médicas e Biológicas*, apesar de serem veículos de divulgação de natureza diferente, convergiam na apresentação da modernidade soviética na ciência e medicina como um caminho alternativo ao modelo de medicina hegemônico no Brasil fortemente influenciado pelos Estados Unidos. Com trajetórias diversas no campo da medicina e na militância no PCB, esses médicos viajantes, militantes e intelectuais mediadores conformaram uma rede de sociabilidade que incorporava a ciência à cultura comunista no Brasil. Em diálogo com pesquisas que destacaram o papel das publicações para a circulação do conhecimento como uma prática política e cultural dos intelectuais e com a literatura sobre viagens ao mundo socialista, a tese analisa os esforços desses embaixadores da ciência soviética em contextos de forte anticomunismo. Como estratégia de legitimação dessa atuação e afastando as acusações de ideológicos, os relatos foram apresentados como resultantes da observação *in loco*, portanto verdadeiros, e os artigos publicados em jornais e na revista como resultantes de pesquisa científica. A divulgação da saúde e da medicina soviética envolveu dimensões internacionais assim como disputas simbólicas e concretas em torno de projetos de organização da saúde pública e da assistência médica no Brasil, em diálogo direto com a agenda do PCB e dos médicos brasileiros no entre guerras e na Guerra Fria.

Palavras-chave: mediação cultural; União Soviética; intelectuais; médicos; comunismo; ciência e medicina estatal.

ABSTRACT

The doctoral thesis aims to analyze the dissemination of Soviet medicine and health in Brazil through travel books to the USSR written by Brazilian doctors and periodicals such as the magazine *Atualidades Médicas e Biológicas*, which circulated between 1951 and 1960. travel reports, the most significant ones were selected for analysis and published in two different historical contexts in the USSR and Brazil: those of doctors Maurício de Medeiros and Osório Thaumaturgo Cesar in the early 1930s and that of doctors Milton Lobato and Reinaldo Machado and the by doctor Raul Ribeiro da Silva in the mid-1950s. The dissemination of Soviet medicine and the state model of public health was part of the cultural and scientific diplomacy of the USSR since the interwar period and reached unprecedented importance during the Cold War with the sponsorship of publications, trips, festivals, and congresses. Brazilian doctors, members of the Communist Party (PCB), or sympathizers of socialism reported in books and articles their experiences in the Soviet Union, their enchantment with scientific and technological advances, with the organization and remuneration of health professionals, with educational institutions and research and public health programs. Many of these publications were published by the communist and popular press in Brazil as political propaganda and as information about positive aspects that would be unknown to Brazilian doctors and the general public due to the prejudices and anti-communism conveyed by the mainstream press.

Despite being vehicles of different natures, the travel reports and the journal *Atualidades Médicas e Biológicas* converged in presenting Soviet modernity in science and medicine as an alternative path to the hegemonic model of medicine in Brazil strongly influenced by the United States. With diverse trajectories in the field of medicine and militancy in the PCB, these traveling doctors, militants, and intellectual mediators formed a sociability network that incorporated science into the communist culture in Brazil. In dialogue with research highlighting the role of publications for the circulation of knowledge as a political and cultural practice of intellectuals and with the literature on comrades' travels to the socialist world, the thesis analyzes the efforts of these ambassadors of Soviet science in contexts of strong anti-communism. As a strategy to legitimize this action and remove ideological accusations, the reports were presented as resulting from on-the-spot observation, therefore accurate, and the articles published in journals and magazines resulted from scientific research. The dissemination of Soviet health and medicine involved international dimensions as well as symbolic and concrete disputes around projects for the organization of public health and medical assistance in Brazil, in direct dialogue with the agenda of the PCB and Brazilian doctors in the interwar period and the Cold War.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1:** Capa do livro publicado pela Editorial Calvino em 1944 contendo as obras de Esther Conus, *Proteção à Maternidade e à Infância*, e de Lélío Zeno, *A Medicina na Rússia* p. 35
- Figura 2:** Capas dos livros de viagem *O mundo da paz*, de Jorge Amado, e *Viagem*, de Graciliano Ramos..... p. 41
- Figura 3:** Desenho de Tarsila do Amaral em livro de viagem de Osorio Cesar p. 80
- Figura 4:** Movimento de atendimentos do narcodispensário de Moscou, tabela publicada em *Onde o proletariado dirige...*, livro de viagem de Osorio Cesar, 1932..... p. 84
- Figura 5:** “Biblioteca comunista” de Osorio Cesar apreendida pela polícia política de São Paulo em seu apartamento.....p. 103
- Figura 6:** Livro *A Rússia vista por um médico brasileiro*, de Raul Ribeiro da Silva, indicado entre as novidades editoriais no jornal *Diário Carioca* de 1/7/1956.....p. 104
- Figura 7:** Convite à conferência sobre a Medicina Soviética no salão da ABI, publicado no *Imprensa Popular* de 2/10/1953.....p. 135
- Figura 8:** *Rússia*. Por Maurício de Medeiros..... p. 143
- Figura 9:** *Onde o proletariado dirige...* Por Osorio Cesar..... p. 144
- Figura 10:** *Médicos brasileiros na URSS*. Por Milton Lobato e Reinaldo Machado..... p. 145
- Figura 11:** *A Rússia vista por um médico brasileiro*. Por Raul Ribeiro da Silva p. 146
- Figura 12:** Passeio dos médicos no Canal Volga-Don publicado no livro de viagem de Raul Ribeiro da Silva..... p. 147
- Figura 13:** Recorte de jornal anexado ao prontuário de Raul Ribeiro da Silva p. 147
- Figura 14:** Anúncios de *Atualidades Médicas e Biológicas* no *Imprensa Popular*..... p. 149
- Figura 15:** Detalhe da contracapa de *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 17 p. 150

- Figura 16:** Anúncio do medicamento dilaminal e João Calvino Filho como seu distribuidor publicado em *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 12 p. 154
- Figura 17:** Detalhe de mandado de segurança requerido por Alcedo Coutinho reclamando a apreensão da *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 4..... p. 163
- Figura 18:** Capa e sumário da revista *Cahiers de Médecine Soviétique*, n. 3, 1953..... p. 167
- Figura 19:** “Subscribe to medical magazines in 1959”. Pôster soviético, 1958.....p. 168
- Figura 20:** Anúncio “Atenção, médicos, já está à venda”. *Imprensa Popular*, 14/04/1954.....p. 169
- Figura 21:** Anúncio de Natal da Ed. Vitória. *Imprensa Popular*, 14/12/1957..... p. 170
- Figura 22:** Anúncio da Ed. Vitória. *Imprensa Popular*, 1/3/1958 p. 171
- Figura 23:** “Diminuição Progressiva das Doenças Mentais da URSS”. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 6 p. 208
- Figura 24:** Lafitte, Victor. “Rumo a uma teoria da medicina: a fisiologia córtico-visceral”, p. 31. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3 p. 210
- Figura 25:** Fotografias de pacientes publicadas no artigo de Filatov em *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 14p. 232
- Figura 26:** Fotografias de pacientes publicadas no artigo de Filatov em *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 14 p. 233
- Figura 27:** Quadro representativo de casos clínicos publicado em artigo “Enxerto de Placenta” por Milton Lobato na *AMB*, n. 15 (jun. 1957) p. 238
- Figura 28:** Contracapa de *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 5 solicitando assinaturas p. 255
- Figuras 29 a 31:** Capas das revistas *Atualidades Médicas e Biológicas* p. 256- 257
- Figura 32:** Capa do livro *O parto sem dor*, publicado pela ed. Vitória, e revista *Atualidades Médicas e Biológicas* p. 257
- Figura 33:** Anúncio do livro *O parto sem dor* na revista *Atualidades Médicas e Biológicas* p. 258
- Figura 34:** Contracapa da revista *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 20, em que se coloca como “órgão oficial da Sociedade Pavlov de Reflexologia” p. 259

- Figura 35:** Notícia no *Imprensa Popular* de 29/10/1955, p. 1, sobre o Curso Pavlov organizado pela Associação Médica do Distrito Federal e com apoio da Sociedade Pavlov de Fisiologia e Medicina de São Paulo p. 265
- Figura 36:** Notícia sobre o Curso Pavlov. *Imprensa Popular*, 26/10/1955 p. 266
- Figura 37:** Notícia divulgando *Atualidades Médicas e Biológicas* no *Imprensa Popular*, 24/2/1956 p. 266
- Figura 38:** Retrato de Alcedo Coutinho em seu prontuário (DOPS-RJ) p. 284
- Figura 39:** Detalhe do ofício confidencial do Exército durante a Ditadura Civil-Militar informando sobre Alcedo Coutinho receber correspondências do PCB postadas de países socialistas p. 284
- Figura 40:** Recorte de jornal indexado ao prontuário de Arnaldo Marques p. 285
- Figura 41:** Retrato de Irun Sant’Anna em ficha prontuário (DOPS-RJ) p. 2
- Figura 42:** Detalhe de documento confidencial do DOPS resumindo dados relativos a Irun Sant’Anna p. 290
- Figura 43 e 44:** Retrato de João Belline Burza, formando na Faculdade de Medicina de São Paulo, e visita do fisiologista soviético Anokhin ao Brasil, 1959..... p. 291
- Figura 45:** Capa do livro de Burza, *Cérebro, neurônio e sinapse: Teoria do Sistema Funcional*. São Paulo, Ed. Ícone, 1986. E retrato do autor p. 293
- Figura 46:** Envelope de correspondência entre João Belline Burza e Carlos Lacaz: “Meu velho e caro amigo, meu ilustre colega Lacaz”, Moscou, 5/10/1968 p. 292
- Figura 47:** Capa de livro traduzido e prefaciado por Burza, *Ciência dos sonhos de Maiarov* p. 294
- Figura 48:** Retrato de Milton Lobato em recorte de jornal sobre sua candidatura na eleição de 1950 anexado a seu prontuário (DOPS-RJ) p. 302
- Figura 49:** Retrato de Osorio Cesar anexado a seu prontuário do DOPS-SP p. 305
- Figura 50:** Anúncio de consultório particular de Raul Ribeiro da Silva publicado no *Correio Paulistano*, São Paulo, 12/5/1938 p. 305

LISTA DE SIGLAS

AMB – revista *Atualidades Médicas e Biológicas*

AMB – Associação Médica Brasileira

AMDF – Associação Médica do Distrito Federal

ANS – Teoria da Atividade Nervosa Superior

Aperj – Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro

FR – Fundação Rockefeller

Intourist – Instituto do Turista

IPM – Inquérito Policial Militar

OMS – Organização Mundial da Saúde

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PCUS – Partido Comunista da União Soviética

PSD – técnica do “parto sem dor”

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

VOKS – Sociedade para Relações Culturais de Toda a União Soviética

SUMÁRIO

Introdução - A União Soviética pela lente dos médicos brasileiros..... p. 1

Capítulo 1- Ecos da medicina soviética no Brasil: camaradas na saúde e a batalha dos impressos..... p. 15

- 1.1 Divulgação científica, medicina e militância..... p. 16
- 1.2 A URSS na imaginação social comunista..... p. 27
- 1.3 A batalha dos livros e a imprensa comunista..... p. 30
- 1.4 Turismo e peregrinação à URSS: as viagens como experiência e como propaganda..... p. 42
- 1.5 Guerra Fria Cultural e cultura política comunista internacional..... p. 55
- 1.6. Por que medicina soviética?..... p. 60

Capítulo 2 - Viajantes médicos no país do comunismo: relatos de viagens de médicos brasileiros na União Soviética no Entreguerras e no Pós-Guerra..... p. 66

- 2.1 - Dois médicos na Rússia Soviética: os olhares pioneiros de Maurício de Medeiros e Osorio Cesar..... p. 72
- 2. 2 - Médicos brasileiros viajam à Rússia em plena Guerra Fria.....p. 103
- 2. 3 - O Congresso Internacional de Médicos em Viena, 1953.....p. 113
- 2. 4 - Conhecendo de perto a medicina soviética..... p. 121
- 2.5 - Sociabilidade e cultura política nas viagens à URSS: considerações gerais...p.136
- 2.6. Os livros de viagem escritos por médicos brasileiros e seus índices.....p. 143

Capítulo 3 – “Fermento para que os ‘poucos’ se transformassem em ‘alguns’”: A medicina soviética na revista *Atualidades Médicas e Biológicas* em tempo de Guerra Fria (1951-1960) p. 148

- 3.1. A revista *AMB* como porta-voz da medicina soviética no Brasil.....p. 150
- 3.2. A revista *AMB* na militância política de Irun Sant’Anna..... p. 155
- 3.3. A *AMB* entre outras revistas sobre medicina soviética.....p. 164
- 3.4. Cartas editoriais: espaço de luta política.....p. 171
- 3.5. Ainda sobre as cartas editoriais: uma revista, uma teoria científica, um pensador, um sistema político-ideológico e algumas aplicações..... p. 181

Capítulo 4 – Das novidades da medicina soviética e dos interesses da medicina nacional: a revista *Atualidades Médicas e Biológicas* por dentro p. 187

4.1. A centralidade da autoridade científica central de Pavlov na medicina soviética.....p. 193

4.2. Modelos de Saúde Pública: medicina entre o capitalismo e o socialismo.....p. 199

4.3. A fisiopatologia de Pavlov..... p. 208

4.4. A aplicabilidade dos postulados de Pavlov (teoria e prática clínica) por meio das técnicas empregadas em diferentes especialidades da medicina..... p. 216

4.4.1. O famoso “parto sem dor” na AMBp. 216

4.4.2. A Tissuloterapia ou o método Filatov na AMB.....p. 228

4.4.3. A terapia do sono na AMB..... p. 240

4.5. Algumas Considerações..... p. 249

Considerações Finais..... p. 260

Referências de acervos consultados e bibliográficas..... p. 267

Anexos

Anexo 1 – Relação de livros de viagem à União Soviética publicados no Brasil... p. 275

Anexo 2 – Relação das instituições científicas visitadas por Osorio Cesar indicadas em seu relato de viagem, 1932..... p. 279

Anexo 3 – Trajetórias entre a medicina e a militância comunista..... p. 281

Introdução

A União Soviética pela lente dos médicos brasileiros

Esta tese trata das práticas de divulgação da medicina soviética que foram empreendidas por médicos brasileiros. Eles – que atuaram em diferentes especialidades – tiveram em comum a participação em práticas e mobilizações da militância do Partido Comunista Brasileiro (PCB),¹ ainda que em diferentes níveis de dedicação e envolvimento. Em geral, todos desenvolveram produtos de imprensa cujo foco principal era difundir informações sobre a medicina e a saúde pública na URSS.

Anos atrás tivemos em mãos o livro de viagem *Rússia: notas de viagem, impressões, entrevistas, observações sobre o regime soviético*, uma edição encadernada em capa dura. Escrita pelo médico, político e escritor brasileiro Maurício de Medeiros, a narrativa de viagem à União Soviética foi publicada em 1931. Estávamos em reunião de orientação para assistência à pesquisa do professor orientador Gilberto Hochman. Era preciso organizar uma documentação levantada nos arquivos da Fundação Rockefeller (FR), os diários e algumas correspondências de Robert Briggs Watson, responsável no escritório filial dessa fundação no Rio de Janeiro. No escopo das atividades, também estava a consulta a documentos da polícia política sob guarda do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (Aperj) relativos a médicos que integraram a relação de indiciados do inquérito policial militar (IPM)² de medicina da Universidade de São Paulo (USP). Entre outras preocupações, Hochman estava interessado em compreender a dinâmica que envolveu as decisões da FR quanto às solicitações de bolsas de estudo durante os anos da Guerra Fria por médicos e cientistas brasileiros. As relações entre medicina, saúde pública e comunismo definiam as linhas de investigação, temática sobre a qual se ocupava desde anos anteriores, como a trajetória do professor de parasitologia e cientista Samuel Barnsley Pessoa (HOCHMAN, 2014; HOCHMAN; PAIVA, 2020). O livro de viagem

1 O Partido Comunista do Brasil foi fundado em 22 de março de 1922 e atuou entre períodos de legalidade e ilegalidade. Em 1960, houve uma mudança de nomenclatura para Partido Comunista Brasileiro, mantendo-se a mesma sigla PCB, numa tentativa de retomar sua legalidade (em resposta a acusações de que era uma facção do partido comunista soviético). Em 1962, fruto de uma dissidência do PCB, formou-se o PC do B, que se apropriou da nomenclatura original e reivindicou como sua a memória do partido desde 1922. Essa tese irá considerar a nomenclatura Partido Comunista Brasileiro para evitar confusões, e daqui em diante, à sigla PCB.

2 Inquérito policial militar foi o procedimento jurídico com o qual se iniciava um processo de acusação de crime militar, documentando os fatos relacionados a uma determinada pessoa ou instituição. Durante a Ditadura Civil-Militar após 1964 ocorreram inúmeros, e o maior objetivo era investigar atividades subversivas que contrariavam o regime. O IPM de medicina foi decretado em junho de 1964. A Faculdade de Medicina foi um dos maiores alvos dos militares, sendo denominada de “departamento vermelho”.

de Medeiros não fazia parte da pesquisa do professor, mas era um documento-monumento da relação entre saúde e comunismo. Entre 1955 e agosto de 1958, Maurício de Medeiros ocupou a pasta ministerial da saúde durante os governos de Nereu Ramos (1955-1956) e Juscelino Kubitschek (1956-1961), até ser substituído por Mario Pinotti em julho de 1958. Anos antes ele havia realizado uma viagem à URSS e publicou suas impressões naquele livro.

Era conhecido o uso por historiadores dos relatos de viagens dos naturalistas europeus nos trópicos, mas não dos relatos de viagem a países de regime socialista. Viagens científicas impactaram o desenvolvimento de práticas e disciplinas científicas, interferiram em relações de poder entre os sujeitos e Estados. Da virada do século XIX ao século XX, de maneira geral, as viagens se tornaram uma prática cultural de massas impulsionada pelo desenvolvimento dos meios de transportes, mas o século XX assistiu ao surgimento de outro tipo de viagem burguesa, a motivada por turismo político. Encontramos trabalhos acadêmicos nacionais e internacionais que abordaram o tema, indicando um movimento no sentido de historicizar esse tipo de relato de viagem, na maioria à União Soviética, mas também à China, à Iugoslávia, a Cuba. O turismo à URSS tem elementos de uma viagem comum, mas apresenta peculiaridades. Atravessar suas fronteiras significava mais do que ultrapassar limites geográficos; era um novo mundo. Para alguns, poderia ser a experiência de conhecer de perto “o grande experimento” que, após a Revolução de 1917, prometia o fim da exploração do homem pelo homem. Porém, para outros poderia, por exemplo, ser a confirmação da ideia da União Soviética como um regime que oprimia seus cidadãos, impedidos de usufruírem de liberdades individuais, ou ter um sentido totalmente diferente, a liberdade da condição feminina afetando negativamente as tradições morais da sociedade.

Na fase inicial do levantamento, a localização de outras narrativas de viagem publicadas por médicos – um livro de viagem em 1932 e dois nos anos 1950, além de *Rússia* – ampliava a possibilidade de pesquisa e indicava uma continuidade da prática cultural após término do conflito da Segunda Guerra Mundial.

O livro *Rússia: notas de viagem, impressões, entrevistas, observações sobre o regime soviético*, de Maurício de Medeiros (1885-1968), pode ser considerado o primeiro relato de viagem à URSS escrito por um brasileiro e que tenha sido publicado por uma editora, a Editorial Calvino. O livro se tornou um sucesso de vendas com cinco reimpressões, algo atípico para a época (Motta, 2006). No ano seguinte, o médico psiquiatra Osorio Thaumaturgo Cesar (1895-1979) publicou *Onde o proletariado dirige... uma visão panorâmica da URSS* (CESAR, 1932). Em 1953, um grupo de médicos brasileiros marcou presença num congresso internacional

realizado em Viena para debater as condições de vida das populações após a guerra. O evento fez parte dos numerosos congressos do Movimento Mundial pela Paz, organização de inspiração comunista que pregava discursos em defesa da paz entre as nações, posicionando-se contra as bombas atômicas e mobilizando muitos intelectuais nos anos iniciais da Guerra Fria. De Viena, a maioria do grupo seguiu em viagem para a União Soviética, após convite realizado por agentes soviéticos que também participaram do congresso. Essa viagem deu origem a duas publicações: o livro *Médicos brasileiros na URSS* (1955), escrito por Milton José Lobato e Reinaldo Machado; e *A Rússia vista por um médico brasileiro* ([1956]),³ de Raul Ribeiro da Silva.

Durante a fase da pesquisa de campo, em consulta aos jornais da época, nos deparamos com anúncios de lançamento de novos números da revista *Atualidades Médicas e Biológicas* (1951-1960) veiculado no jornal *Imprensa Popular*, diário de ampla circulação (1948-1958) financiado pelo PCB. A revista divulgava as novidades da medicina soviética e tinha como diretor o médico Alcedo Coutinho. Ele esteve na comitiva brasileira de médicos na União Soviética como o secretário da delegação brasileira naquela ocasião (LOBATO, 1955).

A motivação inicial desta pesquisa, o livro de viagem de Medeiros, representava materialmente a relação entre medicina e comunismo. Em conjunto com as obras já referidas, poderíamos ampliar em perspectiva a qualidade do encontro entre médicos brasileiros com a medicina soviética. Ainda que se tratasse de um conjunto documental respectivo a dois períodos e contextos distintos, tal mapeamento de livros de viagem escritos por médicos brasileiros que estiveram na Rússia e a revista *Atualidades Médicas e Biológicas*, especializada em artigos sobre a medicina soviética, nos indicavam pelo menos dois aspectos: 1) chamava a atenção para uma interface entre cultura política comunista e o campo da medicina/saúde pública; 2) associava-se à ideia de a propaganda política ser veiculada com base em um sistema, com diferentes suportes, inspirando-nos a tratar os impressos comunistas considerando dessa maneira.

A ideia de sistema na propaganda foi referida por Jean-Marie Domenach em *A propaganda política* (1963)⁴, obra na qual apresentou leis comuns à propaganda política de acordo com a observação de regimes autoritários (hitlerista e leninista). Deixando de lado o fato

3 Ainda que o livro de Raul Ribeiro da Silva, *A Rússia vista por um médico brasileiro*, não indique a data de publicação, há uma resenha do livro em jornal que nos leva a inferir que a sua publicação se deu no ano de 1956. Groia, Paulino. *A Rússia vista por um médico brasileiro*. *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 2/2/1957. As próximas referências que ocorrerem ao longo dessa tese estarão sem a marca de colchetes, que indica atribuição da data, visando facilitar a leitura. O leitor deve considerar tal dado como fruto da pesquisa, e não da nota editorial.

4 A primeira edição do livro *A propaganda política* é de 1950.

de o pensamento do autor estar comprometido por adotar a noção de propaganda como manipulação das massas, perspectiva datada pelo período da sua obra, seu trabalho contribui com a nossa pesquisa. A propaganda, segundo Domenach, seria “uma empresa para influenciar a opinião pública e dirigi-la” (DOMENACH, 1963: 14). A propaganda política seria um fenômeno estrito ao século XX por se apropriar das novas técnicas de comunicação de massas. Essas novas técnicas⁵ revolucionaram o que ele chamou de “os sustentáculos permanentes da propaganda”: a palavra, a escrita e a imagem, oferecendo “os meios de agir de maneira imediata e simultaneamente sobre essas novas massas” (DOMENACH, 1963: 17). Ainda segundo Domenach, a propaganda política nas suas formas modernas foi inaugurada com a Revolução de 1917, com os soviets manifestando-se nas rádios contra os governantes, o que foi se espalhando para outros canais de divulgação como imprensa, palestras, teatro) (DOMENACH, 1963: 40). Para ele, “a propaganda do tipo bolchevista pode-se ligar a duas expressões essenciais: a revelação política (ou a denúncia) e a palavra de ordem” (DOMENACH, 1963: 31). Essas revelações e palavra de ordem seriam difundidas pelos propagandistas e agitadores, organizados por células ou sindicatos.

O papel desses homens, de início, é o de fazer a propaganda por todos os meios, diligenciando no sentido de adaptar seus argumentos ao meio em que se encontram. A grande diversidade de sua imprensa constitui uma das características da propaganda comunista. Há, na União Soviética, jornais para cada região e cada profissão; todos repetem a mesma coisa, mas dizem de maneira apropriada às diversas mentalidades. Por outro lado, não há propaganda sem constante contribuição de matéria informativa, tanto assim que outro encargo dos especialistas comunistas é o de alimentar as revelações de ordem política por contínuo afluxo de notícias colhidas em todos os setores profissionais e sociais (DOMENACH, 1963: 38).

Um dos trunfos de seu estudo foi ter demonstrado que é característica da dinâmica de funcionamento da propaganda política operar uma mensagem central de forma sistêmica, na qual a mensagem é adaptada aos diferentes tipos de suportes em que é veiculada. Nesse extrato, Domenach indicou como a operação da propaganda busca informar de modo a se adequar ao meio de comunicação e ao público-alvo: “todos repetem a mesma coisa” (DOMENACH, 1963: 38), mas de maneira diferente, se ajustando ao público que se quer atingir. Além disso, o autor

⁵ As “técnicas modernas de difusão” são exemplificadas quanto à escrita pelo surgimento do jornal moderno, que contava com máquinas de rotativa (mais tiragens com menos custo), publicidade (financiamento de recursos), automóveis e aviões que aceleraram sua distribuição. A transmissão das informações com o uso de telégrafos possibilitou a criação de redes de agência de notícias – quanto à palavra, pelo uso do microfone e do rádio; e quanto às imagens, pela invenção da fotografia e depois da televisão (DOMENACH, 1963: 17-21).

salientou a importância dos especialistas profissionais como importantes porta-vozes de notícias especificamente voltadas para seu campo intelectual ou social.

Nesse sentido, a informação alimentaria a propaganda e serviria de resposta rápida a propagandas produzidas por adversários. Daí a importância dos “correspondentes populares”, como Domenach denominou pessoas comuns que enviavam cartas aos jornais. Outro aspecto fundamental nessa dinâmica era o papel da “amostra-testemunho”. As “amostras-testemunho” teriam a função de legitimar as propagandas por meio de realizações práticas tais como obras sociais, colônias de férias, acampamentos, construção de ginásios esportivos (DOMENACH, 1963: 40). As viagens seriam uma oportunidade para que intelectuais estrangeiros vissem por si próprios uma série de “amostras-testemunho”, que forneceriam experiências e informações para futuros “correspondentes populares”, ou seja, aqueles que divulgariam seus relatos em notícias, conferências e livros.

Outros autores buscaram definir as atividades dos militantes comunistas. Elas se pautavam por formação política, informação, agitação e propaganda, o que se conhecia pelo acrônimo *Agitprop*. Segundo Secco (2017), o que diferenciava as qualidades dessas atividades tinha a ver com a temporalidade de cada uma delas. Ele explica que a informação e a agitação se davam em um tempo curto. Para os comunistas, “a informação era ‘contrainformação’, uma denúncia de falsidades atribuídas à imprensa burguesa” (SECCO, 2017: 191). A agitação se caracterizava pela objetividade, visando esclarecer e mobilizar as pessoas para uma atividade de massas (greve, passeata, ato etc.), e se utilizava de mensagens diretas, apelativas, denúncias, palavra de ordem (SECCO, 2017: 191). As atividades de formação política seriam a reunião de todas essas categorias (informação, agitação e propaganda) por meio de aulas, cursos, grupos de estudos, coletivas editoriais de jornais do Partido, leituras individuais ou coletivas (SECCO, 2017: 192).

Segundo Rubim (2017), as atividades de formação com as chamadas escolas do Partido passaram a ser desenvolvidas pelo PCB com mais intensidade a partir da década de 1950. Entre 1951 e 1954, a documentação do Partido consultada por ele evidenciava que 4.500 alunos passaram por três escolas de formação marxista-leninista (Rubim, 2007: 381). Essa intensidade se estendeu para a produção de revistas político-culturais, no início da década de 1950, coincidindo com o auge do stalinismo e do realismo socialista – a versão stalinista na política cultural do Partido Comunista da União Soviética (PCUS).⁶ Esse montante de publicações, em

⁶ Coordenada por Andrei Zhdanov (1896-1948), a política cultural soviética teve como base o realismo socialista. Este foi desenvolvido a partir dos anos 1930, no I Congresso de Escritores Soviéticos (1934), e se radicalizou após

geral, além de atacarem a cultura burguesa formalista, miravam o imperialismo e difundiam o discurso do Movimento pela Paz (RUBIM, 2007: 392). Tratando da temporalidade da propaganda como parte dos elementos que formavam a atividade militante, Secco destacou os livros de viagem à URSS. Dessa maneira, eles eram percebidos como um produto essencial para a propaganda comunista.

Já a propaganda se desenvolvia num tempo médio e que podia abranger alguns anos, até que as temáticas mudassem de ênfase com a conjuntura. No Brasil, a difusão da imagem dos países socialistas era a essência da propaganda até os anos 1950. Depois, o PCB difundia principalmente questões nacionais (petróleo, reforma agrária, etc.). A propaganda se utilizava de todos os recursos impressos, principalmente faixas, panfletos, cartazes, teatro político e mesmo livros. Toda a literatura pode ter a função subsidiária de propaganda, mas no caso dos comunistas, a de viagens era destinada primordialmente para aquela tarefa (SECCO, 2017: 191).

Concordamos com a ideia de que livros, revistas e jornais da imprensa comunista no Brasil, alguns dos quais analisados nesta tese, tenham sido produtos de propaganda política. Porém, não é possível concordar com a perspectiva segundo a qual, uma vez entendido o caráter de propaganda dos relatos de viagem à URSS, eles se limitariam a ser todos iguais e estereotipados pelos roteiros definidos pelas agências soviéticas. Ainda que esse posicionamento não seja totalmente incorreto, seria um modo ultrapassado de olhar para essa produção e essa prática cultural que estiveram tão presentes nos intelectuais do século XX. Para Brigitte Studer, observar aspirações, sensibilidades e crenças próprias do viajante não significa abrir mão de aspectos da sociologia do fenômeno (STUDER, 2003: 5). Assumir que esses livros de viagem à URSS seriam publicações de propaganda não lhes atribui menor valor documental. Ao ser encarada pela chave interpretativa da manipulação, a propaganda como fonte e objeto da história reduz seu potencial analítico. Uma vez renegada essa perspectiva, se preza pelo papel dos sujeitos na história, legitimado com a retomada das fontes (auto)biográficas nas décadas finais do século XX.

Dessa forma, convém ressaltar que os relatos de viagem são considerados como um gênero híbrido. Isso significa que uma narrativa de viagem permite a reunião de diferentes tipos

1945. Tratava-se de uma perspectiva em que a arte deveria se afastar da estética burguesa e se dedicar a uma série de diretrizes que em geral traduziam a ideia de que a arte deveria retratar a “realidade”. Entretanto, era a realidade circunscrita pelo Partido, como a valorização do marco inaugural do regime com a Revolução de 1917 e das projeções a um futuro glorioso. Chegou ao Brasil em 1945, com a política de União Nacional, e se fortaleceu nos anos iniciais da Guerra Fria. Com a crise do PCB após 1956, com o relatório Krushev, perdeu o status de arte oficial entre os comunistas (FERNANDES, 2017: 35-36).

de escrita: diário, correspondência, autobiografia, ficção, discurso científico, memorialístico, citações ou intertextos (JUNQUEIRA, 2011: 55). Também acomoda diversos tempos narrativos (passado, memória do autor, passado histórico, presente e futuro), em que diversas perspectivas e disciplinas interagem, para atender a análise multidisciplinar que o gênero exige (JUNQUEIRA, 2011). Como objeto de estudo, os relatos de viagem interessam a diversas disciplinas do campo acadêmico.

Intelectuais de vários países e áreas de atuação, principalmente artistas e literatos, viajaram para a União Soviética e participaram de uma verdadeira batalha de ideias acerca da representação da Rússia ao publicarem relatos de viagem em forma de livros, notícias em jornais e revistas. Também palestraram em conferências no âmbito privado ou abertas ao público. No Brasil dos anos 1930, além dos livros de viagem escritos pelos médicos Medeiros (1931) e Cesar (1932), foram lançados os livros de um engenheiro e um arquiteto, brasileiros que trabalharam no Plano Quinquenal de Stálin (política econômica que visava à modernização com rápida industrialização).⁷ Nos anos 1950, após a Segunda Guerra Mundial e a abertura gradativa da URSS, brasileiros oriundos de diferentes segmentos sociais – como juízes, jornalistas, literatos e algumas mulheres⁸ – publicaram livros de viagens à Rússia. Nesta tese, destacamos os relatos de viagem de autores médicos brasileiros. Suas narrativas se diferenciavam de outros relatos à URSS quanto aos temas de interesse e formas de abordagens pelo fato de serem médicos? Como trataram dos aspectos da medicina estatal de países socialistas?

A batalha de ideias entre comunistas e anticomunistas se apropriou de meios da imprensa no período de Entreguerras e da Guerra Fria, compartilhando seus respectivos valores e disputando espaços de influência de opinião. Como isso se evidenciou na divulgação da medicina soviética por esses médicos comunistas?

7 Trata-se de Claudio Edmundo, *Um engenheiro brasileiro na Rússia*, Editora Calvino Filho, 1933, e Juvenal Guanabara, *O que vi em Roma, Berlim e Moscou*, Editora Calvino Filho, 1934.

8 A variedade dessas publicações pode ser consultada na seção dos anexos desta tese. A maior parte foi levantada por Edgard Carone, um dos primeiros a mencionar a importância das edições comunistas. Relatos de viagem à URSS escritos por mulheres se encontram no livro *Atravessando as fronteiras da URSS: entrevistas* (Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1954), organizado pela Federação de Mulheres do Brasil, com entrevistas de brasileiras que haviam viajado à URSS. Entre elas, destacamos o depoimento de Jovina Pessoa, esposa do médico e professor Samuel Pessoa. Estiveram em Moscou brevemente de passagem, a caminho da China e da Coreia. A entrevista não precisa a data da viagem, mas provavelmente trata-se da participação de Pessoa na Comissão Científica Internacional que atestaria o uso de armas biológicas pelos EUA na guerra da Coreia, realizada entre 31 de junho e 23 agosto de 1952 na China e na Coreia do Norte. Jovina o acompanhou na qualidade de sua intérprete (HOCHMAN, 2015). Além disso, a educadora Branca Fialho, que prefaciou o referido livro com entrevistas às mulheres, publicou seu próprio livro de viagem: *Viagem à União Soviética* (Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1952). Outra autora mulher foi Eneida de Moraes, com *Caminhos da terra: URSS, Tchecoslováquia, China* (Rio de Janeiro: Antunes, 1959).

Além das narrativas de viagem, alguns desses médicos reuniram esforços para produzirem uma revista dedicada a divulgar as novidades da medicina, da saúde pública e de alguns temas ligados às ciências da vida que estavam em voga na URSS, em plena Guerra Fria. A revista *Atualidades Médicas e Biológicas* foi editada durante os anos de 1951 a 1960. A revista, até onde pesquisamos, não foi tratada como objeto de investigação. Entretanto, o periódico foi mencionado por Dênis de Moraes (1994) em sua análise sobre o realismo socialista no Brasil e a imprensa comunista, em uma nota de rodapé que enunciava sua importância naquele contexto a respeito do rechaço dos comunistas às teorias de psicanálise. Mais especificamente, Moraes se referia a um artigo de Álvaro de Faria na revista *Fundamentos*, que também pertencia ao sistema de imprensa comunista, em que criticava as teorias de Freud enquanto enaltecia as de Pavlov num tom de “marxismo vulgar” (MORAES, 1994: 196). A revista *Atualidades Médicas e Biológicas* (AMB) foi citada por Moraes por ter publicado artigos tratando da supremacia da URSS no campo das ciências.

A revista *Atualidades Médicas e Biológicas*, dirigida pelo médico comunista Alcedo Coutinho, editou, ao lado de quilométricos artigos sobre a supremacia da URSS nas pesquisas científicas, o ensaio de G. Politzer, “O fim da psicanálise” (nº 3, ago.-set. de 1952). Segundo o físico Mario Schemberg, membro do PCB, a “ciência proletária” soviética não teve maior repercussão entre cientistas brasileiros. Ainda assim, a Editorial Vitória publicou, em 1949, *A herança e sua variabilidade*, de T. D. Lyssenko, colaborador de Stálin e Jdanov que negou a genética (MORAES, 1994: 197, nota 198).

A fala do cientista Mario Schemberg (1914-1990) – militante comunista mencionado por Moraes (1994) – sobre a ciência soviética não ter tido repercussão entre cientistas brasileiros era algo que os editores da AMB reiteraram nos discursos das cartas editoriais da revista. Seus editores declararam que haveria uma lacuna quanto ao conhecimento sobre as técnicas médicas soviéticas no Brasil, e que a revista viria a saná-la (ver os capítulos 3 e 4 desta tese).

Esta tese está organizada em quatro capítulos. No primeiro apresentamos esses intelectuais que atuaram como “embaixadores da medicina soviética no Brasil”, uma expressão em analogia ao cargo com o objetivo de destacar o papel desses médicos comunistas quanto ao intercâmbio entre médicos brasileiros e russos. Essas trocas se deram totalmente fora de vias oficiais, já que a União Soviética e o Estado brasileiro não mantinham relações diplomáticas. Nesse sentido, consideramos que o conceito de mediadores culturais foi essencial para denominar e compreender as atividades desses médicos. No da tese, nos anexos, encontram-se dados acerca das trajetórias dos médicos comunistas que se envolveram com projetos de divulgação da medicina na URSS. Essa relação não tem a pretensão de ser exaustiva, mas trata-

se da reunião daqueles que desenvolveram produtos culturais que divulgaram a medicina soviética. Ali constam os autores dos relatos de viagem (Maurício de Medeiros, Osorio Cesar, Milton Lobato, Reinaldo Machado e Raul Ribeiro da Silva) e os editores da revista *Atualidades Médicas e Biológicas* (Alcedo Coutinho, David Hunovitch, Carlos Cesar Castellar, Irun Sant'Anna, Washington Loyello, Milton Lobato e João Belline Burza). Além de tratar do papel dos intelectuais, abordaremos no capítulo 1 parte da historiografia que se debruçou sobre os livros comunistas, chamando a atenção para as suas especificidades ante o mercado editorial. Na batalha das ideias entre comunistas e anticomunistas ao longo do século XX, o mundo dos impressos tornou-se seu palco, cenário e ator, do lado tanto dos comunistas como dos anticomunistas ou defensores da ordem (MOTTA, 2006: 98, 138). Nessa dinâmica, as representações da União Soviética assumiram uma posição de centralidade. Tanto os livros como as casas editoriais atuaram na disputa em torno do imaginário sobre a URSS.

Alguns trabalhos enfocaram as viagens à União Soviética como prática cultural de intelectuais ocidentais no século XX, os *fellow travellers* que conheceram o “grande experimento”, expressão comumente associada ao processo de constituição do estado dos soviéticos na Rússia após 1917. A Revolução de 1917, a república dos bolcheviques e a implementação de uma nova política econômica na URSS alimentaram esperanças em uns, pela ideia de um governo dos trabalhadores, e causaram temor em outros, em razão do enfrentamento da ordem capitalista vigente.

A circulação dos relatos de viagens a países comunistas está inserida, nesse momento, em contexto de forte efervescência política que marcou a década de 1930 no Brasil. Com a “Revolução de 1930” e a instauração do “Governo Provisório”, pelo menos nos primeiros anos do governo Vargas (1930-1937) havia maior liberdade de informações e maior circulação das reivindicações sociais (MOTA, 2006: 138). Segundo Konder, o próprio termo “Revolução de 1930”, como denominação do movimento que levou ao fim da Primeira República, com a derrubada de Washington Luís por Getúlio Vargas, passou a inspirar possibilidades concretas e não mais inspirações abstratas de um país longínquo (KONDER, 1988: 183).

Desde a década de 1920, os rumos do Estado socialista eram discutidos por meio de notícias esporádicas na imprensa e por alguns livros que, em geral, eram traduções de autores europeus. As notícias que circulavam na imprensa eram vistas com muita desconfiança por representantes das esquerdas. A partir dos anos 1930, segundo Jorge Ferreira (2002), uma “mudança substancial operou-se no imaginário dos militantes brasileiros. Jornais comunistas, livros de divulgação e panfletos alardeavam o progresso material na União Soviética”

(FERREIRA, 2002: 197). De modo geral, esse processo foi similar em todas as Américas e na Europa.

A propaganda de prosperidade soviética era recebida em um ocidente que sofria com os impactos da “crise de 1929”. Era uma realidade contrastante ante as representações positivas da URSS no período em que se inaugurava a fase político-econômica dos planos quinquenais, que a partir de 1928 substituíram a Nova Política Econômica (NEP) implementada por Lênin em 1921. Eric Hobsbawm (1995) comentou a “russofilia” compartilhada pelos ocidentais em seu livro sobre o século XX:

De 1929 a 1940, a produção da União Soviética triplicou, no mínimo dos mínimos. Subiu de 5% dos produtos manufaturados do mundo para 18% em 1938, enquanto no mesmo período a fatia conjunta dos EUA, Grã-Bretanha e França caía de 59% para 52% do total do mundo. E mais, não havia desemprego. Essas conquistas impressionaram mais observadores estrangeiros de todas as ideologias, incluindo um pequeno, mas influente fluxo de turistas socioeconômicos em Moscou em 1930-5, que o visível primitivismo e ineficiência da economia soviética, ou a implacabilidade e brutalidade da coletivização e repressão em massa de Stálin. Pois o que eles tentavam compreender não era o fenômeno da URSS em si, mas o colapso do seu próprio sistema econômico, a profundidade do fracasso do capitalismo ocidental. Qual era o segredo do sistema soviético? (HOBBSAWM, 1995: 100).

A citação anterior se refere ao período da década de 1930, mas relatos de viagens assumiram diferentes significados, variando de acordo com quem os escrevia e com o momento de sua publicização. Na década de 1950, o olhar para a URSS se traduz nos mesmos termos de busca por modelos de Estado, mas trata-se de outro mundo. No final dos anos 1940, aspectos culturais, intelectuais e simbólicos alcançaram seu ponto mais alto de contraposições entre União Soviética e Estados Unidos. Menos estudado do que o comunismo nos anos 1930, a história do comunismo nos anos 1950 até a atualidade vem recentemente ganhando maior atenção de pesquisadores (PETRA; GARCÍA; MARTÍREN, 2021: 34).⁹ Inclusive quanto aos contextos latino-americanos, tem havido maior interesse em recuperar a relação de intelectuais, comunismo e suas culturas locais. Segundo Petra, García e Martíren (2021), esse movimento historiográfico vem a ser fundamental para o conhecimento de dinâmicas e atores específicos de circulação de conhecimento e representações no mundo comunista. E também para ampliar e identificar os atores, mediadores, usuários e produtores das ideias, apontar as relações de

⁹ A exceção seriam os estudos sobre o período a partir de meados dos anos 1970, que abarcam o debate sobre a luta armada (PETRA; GARCÍA; MARTÍREN, 2021: 34).

intercâmbio entre os partidos ocidentais e destes com a URSS, “além de mostrar diversas formas de difusão e legitimação das ideias comunistas, em um sentido mais capilar e horizontal do que vertical e oficial” (PETRA; GARCÍA; MARTÍREN, 2021: 35).

Considerando os entrelaçamentos entre vida intelectual, política e cultura dos anos 1950, mobilizamos a ideia da Guerra Fria Cultural. Mais do que um campo definido, é uma perspectiva, um enquadramento de pesquisa voltado para uma multiplicidade de problemas e desafios que se apresentam na mesma medida em que se aprofundam estudos de casos nacionais e locais. A proposta da Guerra Fria Cultural amplia as possibilidades por descentralizar o conflito, preocupando-se com seu impacto para além das duas potências – e ainda por abarcar outras temáticas e atores para além do universo científico-militar. A Guerra Fria politizou e internacionalizou a vida de pessoas comuns: intelectuais, artistas, editores, diretores de jornais e revistas populares e culturais, professores e outros produtores culturais são mobilizados (GILBERT, 2008; CALANDRA; FRANCO, 2012: 11). Por outro lado, cabe sublinhar que a Guerra Fria impactou todas as especialidades científicas, não apenas aquelas que se relacionaram mais diretamente à corrida armamentista (POLLOCK, 2006). Nesse sentido, o debate sobre práticas de circulação do conhecimento na perspectiva da nova história das ciências lança luz sobre questões de divulgação científica e complementa o primeiro capítulo desta tese, que também apresenta conceitos da modernidade e da ciência soviéticas e a noção de modelo soviético como central nessa prática de divulgação.

No capítulo 2, tratamos da divulgação da medicina soviética com base nos relatos de viagem escritos por médicos brasileiros. Analisamos dois grupos de viajantes: um deles que viajou no início dos anos 1930; outro, no início de 1953 – separados pela interrupção do fluxo de turistas estrangeiros na União Soviética pelo “Grande Terror” empreendido por Stálin a partir de 1936-1937, pela Segunda Guerra Mundial e pelo isolacionismo da “cortina de ferro” no imediato pós-guerra. Não se quer com isso desconsiderar as diferenças contextuais entre eles, mas destacar que a prática remontava a um passado. Essas quase duas décadas que separaram as viagens de Maurício de Medeiros (1930) e Osorio Cesar (1931) e as dos outros médicos que viajaram após participarem do Congresso Internacional de Médicos sobre as Condições de Vida, em 1953, convidados por representantes do Estado Soviético, apresentaram o mesmo fascínio e curiosidade em relação à modernidade socialista. Os autores dos relatos lançados nos anos 1950 encontraram uma estrutura mais organizada para recepcioná-los e estiveram mais focados em narrar o que viram e ouviram quando visitaram instituições de saúde e pesquisa e universidades.

De modo geral, os médicos escreveram suas narrativas com base na experiência como ouvintes de palestras nas instituições soviéticas visitadas. Os dados estatísticos são destacados em todas elas, porém nem sempre “comprados” acriticamente por esses autores. Percebemos que os temas são constantes, mas podem ser narrados de maneira diferente, dependendo do autor. A função social do médico, as condições salariais e de trabalho, o apoio estatal destinado às publicações, assim como o destaque para algumas técnicas médicas, foram aspectos mais ressaltados pelas narrativas dos anos 1950, enquanto as dos anos 1930 se preocupavam mais com temas sociais cujo debate na época teve a participação de médicos e agentes da saúde pública – temas como os comportamentos desviantes, saúde da mulher, aborto e divórcio, por exemplo.

A divulgação da medicina soviética realizada por meio da revista *Atualidades Médicas e Biológicas* é o tema dos capítulos 3 e 4. No capítulo 3, nos dedicamos a abordar a revista em suas condições de produção, por meio de suas cartas editoriais e passagens extraídas do livro de memórias de Irun Sant’Anna, médico comunista e um dos editores da revista. O papel do fisiologista russo Ivan Pavlov na revista e na medicina soviética será brevemente apresentado nesse capítulo, sendo desenvolvido no seguinte.

No capítulo 4, a revista *AMB* é analisada na perspectiva de uma análise “por dentro”, isto é, com base em seus artigos, notas, resumos e intertextos. Pelo que pudemos pesquisar, a revista foi pouco utilizada como referência bibliográfica pela historiografia e não foi analisada como um produto editorial – isto é, um produto resultado de um projeto político de divulgação científica específico, voltado para o tema da medicina soviética entre médicos brasileiros. Qual conteúdo era veiculado ao longo de quase uma década (1951-1960) nas edições da *AMB*? Esses artigos foram traduzidos do russo, do francês e, em menor extensão, do inglês. Também havia artigos de autoria de brasileiros.

Não à toa, havia uma variedade de artigos publicados acerca da teoria pavloviana e suas interpretações. Destacaremos desses textos teóricos a tentativa de abordar a divulgação da atividade do córtex cerebral, central para Pavlov por considerá-lo como responsável na regulação de todo organismo. Esse campo de estudo pavloviano foi denominado como Teoria da Atividade Nervosa Superior (ANS). Outro aspecto fundamental para a doutrina de Pavlov estava na consideração do meio ambiente no processo saúde-doença do indivíduo.

Com embasamento nessa doutrina, cientistas russos desenvolveram algumas técnicas, tais como a do “parto sem dor”, que se tornou uma das práticas soviéticas mais conhecidas no ocidente, a da terapia do sono prolongado, indicada para tratamento de algumas patologias

mentais ou que apresentassem fundamento emocional, como a hipertensão. Outra técnica soviética ficou conhecida como terapia tissular ou método de Filatov, oftalmologista russo que desenvolveu uma técnica experimental com tecidos de cadáveres ou de placentas conservadas em baixas temperaturas. Posteriormente, estas seriam enxertadas em pacientes que sofriam de uma gama de diferentes patologias como feridas de pele, doenças do sistema respiratório ou dos olhos, com boa perspectiva de sucesso no tratamento.

O tema das doenças psiquiátricas também mereceu artigos publicados na *AMB* que foram traduzidos do russo e do francês. A psicanálise era rechaçada na tradição soviética por ser identificada como uma prática subjetiva, individual e norte-americana, conforme constatamos na leitura de artigos da *AMB*. A psiquiatria foi um campo médico que alinhou muitos médicos comunistas conforme demonstrou García (2016), o qual analisou o caso dos comunistas psiquiatras no Partido Comunista Argentino.

Como vemos, os temas abordados na revista eram amplos. Alguns foram produtos de conferências como a de Samuel Pessoa sobre zoonoses, proferida no curso da Sociedade de Higiene e Departamento de Endemias Rurais na Universidade Rural em 1960, ou de relatos de viagens à URSS e à China, ou aulas ministradas em um curso sobre Pavlov, veiculadas na imprensa francesa (as aulas do curso Pavlov ocorridas no Brasil não foram publicadas, apenas sua programação).

A controvérsia científica no campo da biologia genética foi um dos capítulos mais dramáticos da ciência soviética e da história das ciências, banindo os mendelistas da URSS, a partir de 1948, após a conferência da *VASKhNIL*¹⁰, a academia soviética de ciências agrícolas, que enalteceu a figura do agrônomo ucraniano Trofim Lyssenko (1898-1976)¹¹. Com apoio político do PCUS, Lyssenko sustentava a tese de Mitchurin (1855-1935) para se alcançar a melhoria da produção de grãos e combate ao estado de seca. A teoria de Mitchurin-Lyssenko se baseava na tradição lamarckista e acreditava na hereditariedade de caracteres adquiridos e na sobrevivência dos organismos em qualquer condição ambiental em contraposição à genética de Morgan-Mendel, que negava terminantemente a implicação do meio ambiente na transmissão dos genes à prole, de acordo com a tradição darwinista (LORETO, 2019).

10 Acrônimo para “Vsesoiuznaia Akademiiia Sel’sko-Khoziistvennykh Nauk Imeni V. I. Lenina” que significa Academia de Ciências Agrícolas de toda União de Lénin, uma livre tradução de Lenin All-Union Academy of Agricultural Sciences” (KREMENTSOV, 1997: XVII).

11 Tal controvérsia ficou conhecida como “o caso Lyssenko” e teve seu ápice durante o contexto de Guerra Fria. Suas teses eram de perspectiva neolamarckista, quando essa abordagem era considerada superada no campo científico da época, e deram origem ao Lyssenkoísmo ou Lyssenkismo que provocou muitas discussões entre cientistas, intelectuais e militantes entre os anos 1930 e 1970 (LORETO, 2019).

Sugerimos que a revista *AMB* editada a partir de 1951 pode ser associada a um determinado evento científico realizado em Moscou organizado pela Academia de Ciências e a Academia de Ciências Médicas da URSS em 1950, a Semana Pavloviana, pensada como a conferência das ciências agrícolas de 1948. O que alinhava essa miscelânea de conhecimentos científicos era a perspectiva materialista que na medicina se encarnava na figura do fisiologista Ivan Pavlov. Também sugerimos que revistas médicas lançadas no pós-guerra ligadas ao Partido Comunista, da qual a *AMB* faz parte, estão intimamente ligadas ao projeto de dogmatização da doutrina de Pavlov como autoridade suprema na medicina soviética, consagrada na Semana Pavloviana (Moscou, 1950). No entanto, assuntos de toda sorte foram publicados, pois os editores incentivavam médicos brasileiros a enviarem textos sobre suas pesquisas.

Capítulo 1 – Ecos da medicina soviética no Brasil: camaradas na saúde e a batalha dos impressos

Esta tese trata dos esforços de divulgação da medicina soviética no Brasil realizada por médicos comunistas em dois períodos distintos: as décadas de 1930 e de 1950, por intermédio de livros, revistas, notícias e matérias em jornais publicados pela imprensa comunista.

O projeto político e cultural que guiou parte da trajetória desses médicos brasileiros pode ser compreendido pelo mapeamento, pela análise e pela circulação de livros de viagens à Rússia e de revistas especializadas em ciência e medicina soviéticas. Um projeto que entrelaçava a cultura política comunista, trajetórias profissionais, ciência e medicina e saúde pública. Tal projeto foi empreendido por médicos que investiram tempo em escrever, exaltar, publicar, debater e apresentar esse conhecimento por meio de impressos – e desse modo, também enfrentaram o forte anticomunismo no Brasil.

Ao longo do século XX, o anticomunismo no Brasil sofreu algumas flutuações, ainda que tenha sido uma dimensão constante na política brasileira (MOTTA, 2020). Em geral, a simples menção simpática a palavras como “Rússia” ou “soviética” e a termos correlatos poderia ser suficiente para ser considerada um atentado à ordem social. As consequências das classificações definidas no vocabulário do aparelho repressivo do Estado – como subversivo, propaganda ideológica, comunista, vermelho – poderiam acarretar apreensões dos impressos, fechamento de gráficas, represálias aos sujeitos envolvidos, como transferência compulsória no serviço público, demissões e prisões. Por outro lado, esses livros, periódicos e impressos, objetos de análise da tese, são testemunhos da participação dos médicos num processo que pode ser chamado de internacionalização cultural comunista (RIDENTI, 2022) – processo esse que se desenvolveu principalmente na Guerra Fria e foi parte constitutiva da disputa bipolar entre Estados Unidos e União Soviética, mas sendo possível reconhecer suas raízes desde o período Entreguerras. Com base nos impressos, é possível visualizar algumas das tensões internacionais em artefatos locais, assim como identificar alguns dos atores ligados à rede de sociabilidade de médicos comunistas, parte integrante da vida intelectual brasileira.

Esses dois períodos – os anos 1930 e os anos 1950 –, que correspondem ao período de produção do corpo documental que estrutura esta tese, foram definidos pela dinâmica política nacional e internacional e do comunismo e anticomunismo no Brasil. Por exemplo, a repressão aos periódicos da imprensa popular e aos livros das editoras comunistas é parte importante da repressão ao PCB nesses dois períodos (SECCO, 2017: 25). Após um breve período de

legalidade, entre 1945 e 1947, o PCB ingressou em um período de clandestinidade (1948-1958) e de semilegalidade (1958-1964), ainda que a cultura comunista tenha se mantido pujante na sociedade civil (NAPOLITANO; CZAIIKA; MOTTA, 2013). A política interna soviética interferiu na dinâmica das viagens à URSS por ocidentais a partir de meados dos anos 1930 – ou seja, antes mesmo da eclosão da Segunda Guerra Mundial, a política de Stálin, que ficou conhecida como o “Grande Terror” (1936-1939), afetou o fluxo de estrangeiros na Rússia (STUDER, 2003), o qual foi retomado no início da década de 1950 e intensificado após a morte de Stálin em março de 1953, como parte de uma nova política cultural da URSS no contexto da Guerra Fria.

Neste capítulo, apresentam-se as abordagens e a literatura que permitem compreender as ações de divulgação da medicina soviética por médicos brasileiros. Entre perspectivas da historiografia incorporadas, destacamos a da cultura política comunista no Brasil; a da “batalha dos livros” e os estudos sobre editoras comunistas; das práticas do turismo político e dos relatos de viagem à URSS. Também da Guerra Fria como fenômeno cultural e local e das noções de internacionalismo, diplomacia cultural e modernidade soviética. Essas perspectivas estão conectadas às trajetórias e aos papéis desempenhados por intelectuais, médicos e comunistas, cujas informações levantadas nesta pesquisa encontram-se como destaque nos anexos.

No bojo dos impressos que difundiam a União Soviética, os quais circularam no período entre guerras e no pós-guerra, escolhemos aqueles produzidos por médicos que propagandearam o “grande experimento soviético” (DAVID-FOX, 2012) nos campos da medicina, da saúde pública, da ciência e da tecnologia. Como membros do PCB, simpatizantes da União Soviética ou mesmo curiosos em relação às novidades do mundo socialistas, esses médicos participaram localmente da chamada Guerra Fria Cultural, antepondo a medicina pública soviética à medicina do Ocidente capitalista.

1.1. Divulgação científica, medicina e militância

Quem foram os embaixadores da medicina soviética no Brasil? Mobilizamos esse termo em livre analogia ao cargo diplomático daquele que representa uma nação fora de seus limites. O Brasil não mantinha relações diplomáticas com a União Soviética, e o intercâmbio intelectual e cultural se dava por vias não oficiais. O reconhecimento diplomático da URSS se deu apenas em abril de 1945, fruto da participação brasileira com os aliados na Segunda Guerra Mundial,

do papel protagonista da URSS na derrota do nazifascismo e da pressão social pela democratização do Brasil. Em 1947, o Brasil rompeu relações com a União Soviética, resultado do início da Guerra Fria, do acirramento do clima anticomunista, das pressões dos EUA e da grande imprensa brasileira e da tradição antissoviética do Ministério das Relações Exteriores do Brasil (MOURA, 2012: 231). Nesse breve período, as preocupações de setores conservadores não cessaram, pois consideravam que a influência soviética cresceria com o restabelecimento das relações diplomáticas. Segundo Moura (2012: 236), “o governo brasileiro parecia esperar a ocasião certa para romper relações mais uma vez”. O pretexto de uma nota crítica ao presidente do Brasil publicada pelo jornal soviético *A Gazeta Literária* em 4/10/1947 foi o estopim para novo rompimento. O clima que antecedeu ao rompimento era de ataques à URSS, pois “o governo e a imprensa conservadora misturavam constantemente a atividade comunista brasileira com as relações soviético-brasileiras para seus próprios propósitos” (MOURA, 2012: 236). Era parte da escalada da ofensiva anticomunista no alvorecer da Guerra Fria que “unia numa mesma corrente de causa e efeito os movimentos sociais urbanos e rurais no Brasil com o Partido Comunista, o movimento comunista internacional e o Estado Soviético” (MOURA, 2002: 11). Em maio de 1947, o PCB foi tornado ilegal; e em janeiro de 1948, os mandatos conquistados pela sua legenda foram cassados e uma forte repressão se abateu sobre sindicatos e imprensa vinculados ao PCB.

Médicos brasileiros desempenharam o papel de promover e circular o conhecimento produzido pela medicina soviética. Ainda que possamos discutir as diferenças entre as narrativas dos primeiros médicos que escreveram sobre a União Soviética em seus livros de viagem nos anos 1930 daquelas escritas anos depois, há também linhas de continuidade. Além de serem diferentes contextos da implantação e da consolidação do socialismo, num primeiro momento, os dois principais autores desses primeiros livros publicados no Brasil, Maurício de Medeiros (1930) e Osorio Cesar (1932), não tiveram à sua disposição políticas, estruturas e agências soviéticas que incentivassem, organizassem e financiassem suas visitas tal como os médicos dos anos 1950. Entretanto, eram semelhantes o interesse e mesmo o entusiasmo em conhecer a modernidade da URSS e ver *in loco* as propaladas “maravilhas” do mundo socialista – particularmente, o investimento estatal em saúde, por meio de suas instituições de saúde e medicina preventiva e da formação e valorização de médicos e enfermeiras.

Esses médicos viajantes e escritores atuaram como produtores culturais, como intelectuais mediadores no Brasil do conhecimento produzido pela medicina soviética. A função de intelectual mediador vem sendo discutida por Gomes e Hansen (2016) e Gomes,

Kodama e Fonseca (2018) como forma de se ampliar a noção de intelectual no campo das práticas e da circulação do conhecimento. O aspecto inovador está no rechaço da visão de intelectual mediador como aquele que “conduz uma mensagem ou um produto cultural de um lugar a outro, de um tempo para outro, de um código cultural para outro sem nada acrescentar ou transformar criativamente” (GOMES; HANSEN, 2016: 16). Pensando fora da dicotomia produtor/receptor, as dinâmicas culturais se complexificam a fim de dar conta da multiplicidade de sentidos que ocorre no processo de consumo dos bens de cultura.

Contudo, o intuito de conceituar a figura do intelectual tem sua própria história, e se reconhece não ser tarefa fácil. Entre perseguir suas origens ou tratar das suas funções, as dificuldades da definição conceitual sobre o que é o intelectual existem e remetem a seus contornos fluidos (GOMES; HANSEN, 2016: 10). As décadas finais do século XX foram fundamentais no debate. Da sociologia recorreu-se ao conceito de *habitus*, de Pierre Bourdieu, e ao de configuração, de Norbert Elias, de maneira a trazer o problema das condições político-sociais das ideias (GOMES; HANSEN, 2016: 12). Já na historiografia, as correntes de renovação do campo recusaram a ideia de associar o intelectual à imagem de um gênio e outras visões que insistiam em tratar ideias sem relações historicamente situadas.

Na nova história política com Jean François Sirinelli, o político e o intelectual passaram a ser vistos mais amplamente – o que ocorreu também na história cultural, em especial em obras como as de Roger Chartier e Robert Darton sobre história do livro e da leitura, atentas aos processos de práticas e representações que se inserem em processos de circulação, apropriação e recepção ativa de bens culturais (GOMES; HANSEN, 2016: 16). Esses historiadores perceberam não haver diferenciações entre intelectuais mediadores e intelectuais criadores, por assim dizer. Essa dicotomia seria uma forma simplista de perceber a circulação de bens culturais. Assim, seria preciso reconhecer os esforços de intelectuais que viabilizavam o acesso de obras a grupos sociais mais amplos, o processo de formação de público e da criação de novos produtos culturais ou ainda de aproximação do público a produtos culturais consagrados (GOMES; HANSEN, 2016: 17). Não obstante, as autoras denunciam que esse tipo de esforço, além de não receber reconhecimento, é visto de forma negativa como se fosse algo de importância inferior ou supérflua. As autoras se contrapõem a tal tendência de depreciar, desvalorizar ou negligenciar a figura do mediador, que pode ser encontrada entre os analistas de diferentes disciplinas do conhecimento, mas também entre os próprios sujeitos, sobretudo em casos em que a dedicação intelectual seja voltada unicamente para atividades de mediações. Essa forma de raciocínio é equivocada, já que todo intelectual mediador dedica tempo e

esforços às suas atividades por serem motivados por um projeto político-cultural (GOMES; HANSEN, 2016).

O intelectual mediador pode atuar sozinho ou em grupo. É possível que trace seu público entre diferentes níveis de especialização: seus pares, entre pessoas mais ou menos iniciadas; ou um público amplo e não especializado (GOMES; HANSEN, 2016: 21). A própria noção de público a que se recorre não é fechada. Intelectuais mediadores trabalham com a finalidade de construção e formação de público. Segundo Gomes e Hansen (2016), a historiografia dedicou bastante discussão acerca de processos de recepção ativa e alteração de sentidos originais de uma mensagem por escolhas de seus usos. No entanto, “não produziu impactos similares para se pensar a questão dos sujeitos históricos responsáveis pela produção e circulação desses bens culturais” (GOMES; HANSEN, 2016: 16). De acordo com as autoras, isso contribuiu para a manutenção do olhar historiográfico de perspectiva hierarquizada que divide o trabalho de criação daquele de divulgação, uma visão reducionista que não reconhece variedade na história.

Outro elemento constatado ao se observarem as atividades de intelectuais mediadores é o acúmulo de funções. Desse modo, um renomado especialista em uma área das ciências ou das artes pode ser também um conhecido divulgador em um público leigo; ou, ao contrário, é possível que se torne um profissional especializado em divulgar determinado assunto (GOMES; HANSEN, 2016: 19). A ideia do perfil de mediadores deve ser discutida, mas não para buscar um modelo, pois se define em contexto, como afirmou Gabriela Pellegrino Soares (2011: 97):

A noção de mediadores, a meu ver, deve ser mesmo ampliada e flexível, definindo-se, em cada trabalho, o lugar de onde falam os sujeitos em questão, suas aspirações e sua maneira de comunicar dois mundos diferentes – não necessariamente “estrangeiros” –, segundo as circunstâncias específicas do percurso trilhado (SOARES, 2011: 97).

Não é possível fixar uma metodologia fechada porque a historiografia vem enfrentando os limites de se pensar a questão da agência dos sujeitos históricos que produziram e fizeram circular bens culturais. No entanto, resta um caminho a ser percorrido nesse sentido, já que Gomes e Hansen consideram que ainda seja comum a existência de estudos que trabalhem com dicotomias e gradações: “atores/criadores/inovadores” ou “divulgadores/ difusores/ vulgarizadores” (GOMES; HANSEN, 2016: 16).

Apesar da variedade das possibilidades analíticas dos bens culturais, podemos reconhecer que ao se apropriar de conhecimentos, o mediador produz novos significados. Ao

mediar, ele cria outro produto (GOMES; HANSEN, 2016: 18). Podemos encontrar historiadores relacionados com o campo da história das ciências com preocupações similares.¹²

A nova história das ciências entende que a ciência é uma série de práticas atreladas ao processo sócio-histórico, que são produzidas em âmbito local (SECORD, 2004: 658).¹³ Para Jim Secord, esse reconhecimento é uma premissa epistemológica; deveria incentivar avanços e não se constituir como conclusão ou argumento. O autor defende a ideia de que mais do que buscar a ciência em contexto, é preciso estar atento ao conhecimento em trânsito, ou seja, ao processo de circulação (SECORD, 2004: 664). Para ele, a história das ciências deveria tratar a ciência como uma atividade de comunicação. Essa abordagem de pensar o conhecimento com base em interações e movimentos (transmissão e traduções) permite o cruzamento de fronteiras entre nações, disciplinas e períodos e deve ser considerada com ampla abrangência, mesmo não sendo essa uma tarefa simples, reconhece Secord.

Para Knorr-Cetina (1999), ciência é linguagem. Ela faz tal analogia atentando para a faceta da ciência como coisa pública: “uma ciência privada é tão impensável como uma linguagem privada” (KNORR-CETINA, 1999: 378). A comunicação lhe é inerente porque a ciência é uma atividade coletiva, e é o meio pelo qual ela se projeta para um futuro. Não obstante, Knorr-Cetina lembra que não há uma ciência única, homogênea, devendo-se considerar a multiplicidade das narrativas e das práticas científicas. Nesse sentido, as ciências são formadas por diversas “culturas epistêmicas” (culturas de formação e validação do conhecimento). Porque essas culturas são constituídas pelo que ela denomina de “folgas epistêmicas” (o fator de flexibilidade e negociação na objetividade científica ou qualquer transformação de sua mensagem), a autora reconhece a possibilidade de um movimento retroativo inserido na comunicação científica, que é capaz de interferir nesse processo de circulação do conhecimento ou no processo próprio de investigação científica (KNORR-CETINA, 1999). A noção de divulgação científica ganha outros contornos, como podemos perceber no trecho transcrito a seguir. Perspectiva que coincide com o que vimos nos artigos veiculados na *AMB* ou nas narrativas dos médicos interessados nas novidades técnicas da medicina soviética.

12 Alguns deles participam desse grupo de pesquisadores dispostos a discutir as atividades de mediações culturais (GOMES; HANSEN, 2016).

13 Tal perspectiva ampliou o olhar histórico sobre o campo científico, contemplou maior diversidade de atores, considerou as controvérsias científicas antes ignoradas, deu fim ao antigo debate do campo acerca das visões internalistas ou externalistas (SECORD, 2004: 658).

Os cientistas aprendem através das descrições popularizadas coisas sobre domínios que se encontram fora das suas áreas imediatas de investigação, e essas descrições popularizadas formam a sua crença no conteúdo e na conduta da ciência. Em segundo lugar, a popularização é igualmente importante dentro do laboratório e no ensino, na construção de propostas a entidades financiadoras e nas apresentações a especialistas em domínios adjacentes. Em terceiro lugar, a popularização pode ser vista como uma extensão do processo de construção do trabalho científico através da transformação de enunciados, executada também no interior da ciência e não como processo inteiramente distinto (KNORR-CETINA, 1999: 387-388).

Na esteira da discussão dos intelectuais mediadores, não é possível mantermos a visão por vezes incrustada entre analistas, mas também nos próprios sujeitos científicos, de que ciência popularizada é mera coadjuvante das ciências. A percepção da interação é, portanto, fundamental ao se tratar de circulação do conhecimento.

Muito conhecido na historiografia das ciências, Bruno Latour contribuiu com avanços em história das ciências, sobretudo no sentido de superar a imagem de sacralidade da ciência, com a necessidade de situar as atividades científicas no tempo e no espaço, ou com a premissa de que o pensamento circula e seus atores atuam em rede. No entanto, no que tange a relações de interações, as teorias de Latour não atentam para a existência das assimetrias no interior dessa rede ou para sua multiplicidade, sendo mais adequadas a investigações limitadas a relações bilaterais, nem tanto àquelas que envolvem redes mais complexas (SECORD, 2004: 664).

Caberia aqui qualificar a transformação de enunciados científicos sobre sua significância e observar se o respectivo entendimento sofreu alguma influência por conta da origem social do observador, ou de avaliações e interesses próprios (KNORR-CETINA, 1999: 388). Segundo a autora, é preciso considerar que “mensagens se modificam na interação, mas igualmente que há resultados emergentes – efeitos da interação aos quais nenhum dos participantes poderia chegar por si mesmo” (KNORR-CETINA, 1999: 380).

A mudança de perspectiva quanto à transmissão do conhecimento impactou os estudos sobre comunicação científica. Knorr-Cetina tratou o modelo difusionista da comunicação científica como o “velho modelo”, ou seja, algo que foi ou deveria estar superado (KNORR-CETINA, 1999: 378). Era preciso rejeitá-lo, sobretudo por seu caráter vertical que vê o conhecimento como sendo originado de um grupo de especialistas que o difunde para um público leigo, dando-se de forma passiva e envolvendo distorções ou simplificações de mensagens originais (TOPHAM, 2009: 1). Afinal, as mensagens não são somente transmitidas; elas também são construídas (KNORR-CETINA, 1999: 380).

Afastando-se da imagem da ciência popularizada como algo menor quando comparada às atividades científicas, há autores que entendem que ela está presente em todos os momentos da ciência e não apenas em um momento específico, como aquele em que os cientistas escrevem seus artigos (SECORD, 2004: 667). Há, no interior do campo, uma concepção equivocada a respeito da ciência popularizada que a designa como uma coadjuvante da história das ciências propriamente dita (TOPHAM, 2009: 1). Ela não é algo simplificado de um estudo original e puro, muito menos pode ser usada como denominação de uma “forma de pseudociência que se passa de real” (SECORD, 2004: 671).

Esse tipo de preconceito com a ciência popularizada parte de “uma má compreensão da natureza da ciência” (TOPHAM, 2009: 1). Bernadette Bensaude-Vincent (2001, 2009) defende a ideia de que a narrativa da história das ciências inclua a história de seu público. Somente o olhar na longa duração da história, preocupado em compreender como as noções de ciência e público se relacionaram e se modificaram, permitiria maior compreensão do termo ciência popular e popularizada (BENSAUDE-VINCENT, 2001: 361). Ela mostra que nem sempre houve um abismo entre os praticantes de ciência e o público. Essa separação, que atualmente pode ser percebida como algo natural, constituindo-se um sinal da crescente especialização da ciência, foi resultado de processos historicamente situados que definiram os sentidos da ciência.

A noção do público como ignorante teve início em meados do século XX (BENSAUDE-VINCENT, 2001). O século XVIII, com o Iluminismo e com o surgimento da esfera e da opinião pública, costuma ser mencionado como sendo o início da comunicação científica. Os amadores da ciência consideraram-se parte da “República da Ciência”, uma rede ampla e internacionalmente conectada com propósito de investigar a natureza, registrar e compartilhar as informações. O conhecimento era visto como transnacional, e aqueles que lhe tivessem apreço se sentiriam parte dessa república imaginária, mas dotada de sentido e significados. Associada à imprensa, a comunicação pública da ciência (com as apresentações performáticas de rua e livros populares, por exemplo) contribuiu para o movimento de contestação de autoridades religiosas e políticas que não apresentassem fundamentos racionais (BENSAUDE-VINCENT, 2001: 102).

A ideia de que a ciência deveria ser acessível a todos fez com que o século XIX se tornasse um celeiro de popularização da ciência, no qual as fronteiras entre público e cientistas fossem pouco definidas. Mais do que uma disseminação simples da ciência, havia a ideia de que as pessoas deveriam ser educadas para assim desempenharem um papel político na sociedade. Tanto que a ciência popular teve destaque nos programas de correntes de positivistas

e de socialistas utópicos (BENSAUDE-VINCENT, 2001: 104). Essa ideia também teve lugar crescente no mercado editorial e no mercado de consumo de massa, que se expandiram bastante no período. Nesse cenário, emergiu a figura do público de ciência como um consumidor de produtos de ciência: livros, revistas, jornais, instrumentos para diversas práticas, brinquedos, espetáculos com apresentação de experimentos. As exposições universais, que foram atração nas principais cidades europeias a partir de meados desse século, são uma marca da época. Tais feiras reuniam muitas pessoas entre cientistas especialistas, industrialistas e investidores, trabalhadores, amadores e ainda milhões de visitantes que ao longo de seis meses visitavam o espaço. As feiras de exposições buscavam enaltecer o valor da modernidade e o progresso por meio das imagens de inovações das ciências e indústrias. Nesse sentido, algumas áreas se destacaram em se tratando de ciência popular, como a botânica, a astronomia e a zoologia, que atraíram muitos amadores interessados em suas práticas em campo, jardins botânicos, centros de observação de astros e museus.

O comércio de produtos de ciência fez parte de um fenômeno do período: a formação de uma cultura de consumo de massa. Este foi impulsionado pelo mercado editorial, que se expandiu e ofereceu publicações entre livros e periódicos de variados assuntos, para diversas classes e bolsos (BENSAUDE-VINCENT, 2001: 104-105). Tais empreendimentos possibilitaram que a ciência adentrasse cada vez mais a esfera da vida privada e burguesa. Na esfera pública, ganharam importância livros populares de ciência em escolas e bibliotecas, instituições que se expandiram nesse período na Europa. A alfabetização era uma condicionante importante para o acesso a livros, jornais e revistas. Para Bensaude-Vincent (2001: 104), era a única, não havendo outras restrições. A ciência estava atrelada ao senso comum e era apresentada como uma prática de conhecimento útil, de entretenimento e lazer, além de ser vista como fonte de saber e do progresso.

Nas proximidades do fim do século, a ciência tornou-se também mágica, despertando ainda mais deslumbramentos, com a eletricidade e o cinematógrafo (BENSAUDE-VINCENT, 2001). Outra característica importante desse fim do século XIX nos grandes centros europeus era a figura de mediadores. Alguns deles utilizavam a literatura e ficções científicas como maneira de difundir a ciência como progresso (KNIGHT, 2008: 87), mas nada comparado à profusão de periódicos.

No século XX, a noção de ciência popular deu lugar ao termo ciência popularizada e depois à comunicação científica (BENSAUDE-VINCENT, 2001: 106). Para a autora, a mudança foi mais que mera distinção de nomenclatura: ocorreu mesmo uma transformação no

sentido de compreensão de público na ciência. Qualquer prática que não seguisse normas acadêmicas seria considerada pseudociência. Não haveria ciência alternativa; a ciência era a única guardiã de uma verdade (BENSAUDE-VINCENT, 2001). Por exemplo, o surgimento da nova física da relatividade, que passou a ser identificada como modelo de pensamento científico, tem tudo a ver com o crescimento dessa distância entre a ciência e seu público no século XX. A ciência foi adquirindo, paulatinamente, um valor sagrado, sendo totalmente separada da vida cotidiana e dos códigos conhecidos pelos homens e mulheres comuns. Isso despertou sentimentos ambivalentes entre sensações de medo e de fascínio; conseqüentemente, também ampliou o fosso entre a ciência e o público. Tal fenômeno tornou-se mais evidente durante a Guerra Fria (BENSAUDE-VINCENT, 2001: 108; 2009: 362). Nesse momento, a imagem do fosso entre a ciência e o público foi utilizada para sustentar a ideia de um complexo todo-poderoso secreto científico e militar, o que pode ser observado por meio das notícias de jornais do período (BENSAUDE-VINCENT, 2001: 108). O termo ciência popular, segundo Bernadete Bensaude-Vincent (2009: 367), é uma categoria transitória e contingente relativa ao fim do século XIX e século XX. Não cabe utilizar ciência popular para se referir a períodos anteriores, em que práticas amadoras eram parte da ciência, ou ao atual, quando a tecnologia permeia a vida cotidiana das pessoas (BENSAUDE-VINCENT, 2009).

Andreas Daum (2009) também reconhece a variedade das práticas de ciência popular na história. Defende a existência de mais estudos sobre tais práticas com amplitude suficiente para perceber as mudanças do conhecimento público em diferentes tempos, espaços e culturas (DAUM, 2009: 320). Para tanto, ele sugere aos historiadores trabalharem com categorias heurísticas para contextos locais, regionais, nacionais e de comunicação transnacional, que não diferem da metodologia proposta pela história *tout court* e facilitam o estabelecimento de comparações entre diferentes estudos.

Mostrar fósseis e ossos de mamute ao público do meio do século XIX continua a ser diferente de colocar conjuntos de televisores americanos a cores em exibição numa exposição em Moscou em 1959. Ainda assim, esses atos são comparáveis em seu desejo de dramatizar o valor da ciência e tecnologia com o objetivo de convencer o público a acreditar no poder de produtores de conhecimento e consumidores (DAUM, 2009: 330).

Topham (2009), ao se referir ao artigo de Jim Secord (2004), mencionou que o autor sofrera muitas críticas, sendo acusado de defender uma sub-disciplina dentro da história das ciências. Secord as rebateu, e Topham, em sua defesa, explicou que a questão não seria criar

um sub-campo, mas sim revigorar as pesquisas, reconhecendo a amplitude da comunicação científica, a qual envolve também apropriações e resistência cultural (TOPHAM, 2009: 20).

Segundo Ana Simões (2012), a discussão da comunicação em ciência se relaciona fundamentalmente com a esfera do poder. A comunicação das ciências em regiões identificadas como periféricas teria em comum o fato de elas discutirem assuntos específicos que subjazem à retórica do progresso – assuntos esses que podem ser negligenciados numa comunicação que parte do centro (Inglaterra ou França, por exemplo), cuja autoridade da ciência (e de seus cientistas) é, de antemão, presumida pelo público (SIMÕES, 2012: 14). Interessada em salientar aspectos singulares comuns em se tratando de comunicação científica sob condição periférica, Simões identificou outros elementos: a legitimação da ciência, a relação desta com processos de formação de identidade nacional e com a ideia de progresso e desenvolvimento, que passa a ser invocada a fim de sanar o atraso típico dessas regiões (SIMÕES, 2012: 14). Daí a importância de haver estudos de caso locais considerando seus agentes e sua audiência (SIMÕES, 2012). Esses estudos de caso, ao contrário do que Jim Secord (2004) criticou, relacionaram questões de maior amplitude para a história das ciências.

Nesse sentido, Kostas Gavroglu (2012)¹⁴ destacou a importância de se observar um aspecto que vem sendo desprezado pelos historiadores da ciência: a ideologia. A mensagem de Gavroglu é a importância de recuperar a categoria como instrumento de análise, em vez de criticar seu uso sem propor algo em troca.¹⁵ É preciso reconhecer qual seria a agenda de determinada prática de popularização da ciência conforme proposto por Kostas Gavroglu (SIMÕES, 2012: 13). Ideologias hegemônicas (assim como toda dinâmica envolvida para sua manutenção) são conquistadas por meio de práticas de comunicação científica (GAVROGLU, 2012: 226). Afinal, o campo científico foi constantemente mobilizado para propagação e legitimação de ideologias e utopias sobre o poder científico. A perspectiva tecnocrática levou a uma visão de mundo hegemônica de que a ciência seria capaz de resolver toda ordem de problemas, inclusive sociais e políticos. Tanto que na década de 1960, independentemente da ideologia de que os sujeitos se aproximassem, fossem marxistas ou não marxistas, “ambos acreditavam que a ciência por si mesma fosse um empreendimento neutro, mas se diferenciavam a respeito das aplicações práticas e dos usos da ciência” (GAVROGLU, 2012:

¹⁴ Kostas Gavroglu e Ana Simões participam das discussões do grupo internacional de pesquisa conhecido por STEP (Science and Technology in the European Peripheries), fundado em 1999, com enfoque em estudos de história das ciências, tecnologia e medicina em contextos tradicionalmente conhecidos como periféricos, ou seja, fora dos limites de grandes nações europeias (principalmente França e Inglaterra).

¹⁵ Comunicação proferida na ocasião do 13º Congresso de História das Ciências e Tecnologia da Sociedade Brasileira de História das Ciências (SBHC) em São Paulo, em 2012.

227). Essa crença foi sendo erodida ao longo da década de 1970. A crise energética, por exemplo, contradizia a ideia de infinidade de fonte energética barata e acessível no planeta propagada em épocas anteriores, por meio de práticas científicas de popularização ao longo das décadas de 1950 e 1960. Gavroglu (2012) entende que popularização da ciência, ideologias e utopias estão contiguamente associadas. Principalmente em contextos de batalhas acirradas por hegemonia, as práticas científicas e sua popularização não podem ser consideradas isoladamente da disputa.

Em comum, esses autores, preocupados em estudar o conhecimento em trânsito e as formas de divulgação científica na história, compartilham da premissa de que a ciência não é única e não monopoliza o conhecimento, considerando outras formas de saberes. Como Bensaude-Vincent lembrou, os “outros” da ciência (leigos, amadores, charlatões) contribuíram para a configuração da imagem de ciência. Essa relação é dinâmica e histórica, além de importar à história das ciências como um todo (BENSAUDE-VINCENT, 2009: 368).

Tal discussão pode ser mobilizada para tratar da divulgação científica por médicos comunistas no Brasil dos anos 1950. A disputa da ciência, da tecnologia e da medicina na Guerra Fria talvez seja o forte exemplo da batalha por hegemonia referida por Gavroglu (2012), que chamou a atenção para a crença comum da neutralidade da ciência. Entretanto, a importância da União Soviética nos embates intelectuais do Ocidente remonta ao período de sua fundação, mas sobretudo aos anos 1930, uma vez que os anos subsequentes à Revolução de 1917 foram de “comunismo de guerra”, grande caos com guerra civil, carestia e fome.

A imprensa escrita se constituiu como “um vetor incontornável para qualquer projeto político-cultural de produção e divulgação de ideias e conhecimentos” (GOMES; KODAMA; FONSECA, 2018: 596). Desse modo, os impressos foram primordiais na divulgação de representações sobre a União Soviética para o Ocidente. A admiração de intelectuais brasileiros pela URSS já existia na década de 1920, mas cresceu substancialmente nos anos 1930, quando a visão do socialismo passou a ser associada com desenvolvimento econômico, a partir da divulgação dos resultados da industrialização acelerada sob efeito dos planos quinquenais de Stálin (FERREIRA, 2002: 198).

A interseção entre marxismo, cultura e intelectuais no Brasil emergiu na década de 1930, vinculada a um processo de modernização, industrialização, burocratização do Estado e aquecimento do mercado livreiro, o qual enunciou a figura do intelectual como um estrato social e um mercado consumidor de livros (RUBIM, 2007: 377). Nesse bojo, parece-nos essencial recuperar a participação do PCB (e das esquerdas) e sua contribuição para a cena cultural do

país. Segundo Lincoln Secco, o aparato que deu contornos à formação e à política das esquerdas tem sido pouco lembrado, ainda que seja evidente: “editoras, livrarias, bibliotecas, escolas de quadros, jornais, revistas, livros, aulas, reuniões, comícios, etc.” (SECCO, 2017: 23). Trataremos principalmente dos livros, mas devemos apresentar aspectos da historiografia da cultura política comunista.

1.2. A URSS na imaginação social comunista

Embora os marcos oficiais da história do Partido Comunista Brasileiro sejam importantes, eles não são o guia principal da pesquisa. Isto é, a doutrina, os manifestos, as narrativas das grandes lideranças do Partido, os programas e as diferentes estratégias do PCB ao longo de sua existência desde sua fundação, em 1922, que foram centrais para diversos trabalhos (SEGATO, 1995; CHILCOTE, 1982; RODRIGUES, 1983). A depender do contexto, a linguagem coletiva da militância marcada nos documentos oficiais do partido se evidencia, com intensidade variável, nessas narrativas oriundas das fontes que embasam a nossa pesquisa. As narrativas produzidas durante a Guerra Fria buscam uma neutralidade da observação como valor moral, menos frequente nas narrativas de viagem dos anos 1930. Para além do contexto, a intenção dos autores sobre assumir ou não a simpatia à causa socialista seria outro elemento a considerarmos na análise das narrativas desses médicos. O fato de os autores dos relatos de viagem e editores da revista *Atualidades Médicas e Biológicas*, cujo principal enfoque era a medicina soviética, serem médicos foi fundamental para reforçar a apresentação de seus textos como científicos e técnicos, portanto “verdadeiros”, e não supostamente contaminados por ideologias. Desse modo, os dois aspectos se conjugam para fortalecer a legitimidade do relato e dos artigos em relação a seu público-alvo.

Muito além de uma precisão geográfica e politicamente situada, a União Soviética adquiriu a dimensão de um espaço sagrado e mitológico. Uma espécie de paraíso terrestre, o país dos soviets era o lugar no qual a utopia socialista se tornara experiência real (FERREIRA, 2002). Segundo este autor, o espaço sagrado do território soviético – era regido por um “cosmos” diferente, que havia sido fundado por personagens quase míticos (Lênin, Stálin e o proletariado russo) com a Revolução de 1917, um “tempo primordial”. Nesse sentido, a URSS (espaço sagrado) “revelava uma realidade absoluta, a única existente, permitindo que o mundo fundado pelos ancestrais surgisse, para o militante, como o ‘nosso mundo’” (FERREIRA, 2002: 205). Assim, como destaca o autor, para os militantes comunistas, a União Soviética tinha um

valor existencial. Mito, aqui, não apresenta cunho demeritório; ao contrário. É uma representação forte o suficiente para engendrar coletivamente sonhos, utopias, esperanças; remonta a um passado e se constitui como uma tradição. Relaciona-se com o imaginário político em que símbolos, ritos e imagens participam da vida social, incitam à ação ou transformação de comportamentos (FERREIRA, 2002: 22). Ao estudar o imaginário político dos comunistas brasileiros, Jorge Ferreira (2002: 22) ressaltou que eles “reproduziam seus valores e normas, descreviam a sociedade e designavam a si mesmos perante ela, distribuíam identidades e papéis sociais, expressavam as necessidades coletivas e estabeleciam os fins que se queria alcançar”.

Desse modo, a União Soviética fazia parte do imaginário político de muitos que a viam como um território sacralizado (FERREIRA, 2002: 202), um espaço da utopia realizada, da revolução especializada, como a materialização de uma teoria geral que poderia ser trasladável a outros lugares (SAÍTTA, 2007: 5-6). Desde a Revolução Russa, a União Soviética “surgia como um lugar privilegiado, sonho de todos aqueles que pretendiam construir uma nova humanidade” (FERREIRA, 2002: 196).

Dois exemplos dessa imaginação aparecem em Leoncio Basbaum e Eneida de Moraes. Basbaum (1907-1969), militante do PCB desde 1926, se formou médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1929, mas exerceu a profissão apenas por poucos anos. Filho de imigrantes judeus, sua família se estabeleceu em Pernambuco, onde cresceu até vir para o Rio de Janeiro em 1924. Sua vida foi absorvida pelas atividades de militância política, tendo fundado a primeira célula (núcleo de organização partidária) na Faculdade de Medicina no mês seguinte ao de sua filiação. Também escrevia para diversos jornais, trabalhou como editor para o Partido, com quem manteve uma relação conflituosa em muitos momentos. As palavras de Basbaum extraídas de seu livro de memórias exemplificam essa perspectiva de espaço sacralizado, como uma forma de mito originário para os militantes comunistas.¹⁶

O impacto de sua chegada em Moscou, de trem, por ocasião de uma viagem realizada para participar VI Congresso da Internacional Comunista (1919-1943), ocorrido de julho a setembro de 1928, é destacado em suas memórias. Sua narrativa também aponta para o significado dessa jornada associada à ideia de sacralidade: “estávamos em Moscou. Afinal, a grande cidade, a capital do mundo comunista! A cidade que sonhavam todos os comunistas do mundo, como os muçulmanos sonham com a Meca!” (BASBAUM, 1976: 57-58).¹⁷

16 Basbaum, Leoncio. *Uma vida em seis tempos (memórias)*. Rio de Janeiro: Editora Alfa e Omega, 1976 (publicação póstuma).

17 Esse trecho foi referenciado por Jorge Ferreira (2002: 206).

Essa sacralização do território se estendeu a outras realidades socialistas, que surgiram após a Segunda Guerra Mundial, como destacou a escritora paraense Eneida de Moraes (1959) em *Caminhos da Terra: URSS, Tchecoslováquia, China*, livro de viagem em que reuniu suas crônicas publicadas no jornal comunista *Novos Rumos* (1959-1964)¹⁸ sobre suas experiências de viagem aos países socialistas com duração de três meses no total, no início da década de 1950, após participar de um Congresso da União dos Escritores na ocasião em que morou em Paris. Ao tratar da viagem em direção à China, Eneida de Moraes relatou sua expectativa durante o trajeto: “agora eu ia fazer uma viagem de Alice; estava indo para um país de maravilhas” (MORAES, 1959: 80 *apud* SANTOS, 2014). Essas associações com representações simbólicas de cunho religioso ou fantástico tratam da sensação coletiva que havia em se conhecer um território geográfico modelo exemplar que “realmente existia”, ao mesmo tempo que era mítico, onírico, parte da cosmogonia soviética, se estabelecendo como um “nosso mundo” do militante comunista (FERREIRA, 2002: 203; 206). Por outro lado, o anticomunismo construía imagens diametralmente opostas – nesse caso, a Rússia seria nada menos que uma grande prisão e o inferno na Terra.

1.3. A batalha dos livros e a imprensa comunista

A ideia de batalha dos livros traduz o embate em torno das representações sobre a União Soviética, parte da guerra de propaganda entre projetos comunistas e anticomunistas. Nessa batalha, as representações da União Soviética assumiram centralidade: “os inimigos a atacavam e difamavam; aos comunistas cabia defendê-la” (KONDER, 1988: 185). Na perspectiva da esquerda, era uma convicção e uma vantagem propagar sobre um país que, sob o regime socialista, se reconstruía sem exploração e sem propriedade privada. Para a direita ou ala conservadora, as representações positivas da URSS davam lugar à imagem de um país sem liberdade, sem condições materiais e carente de valores morais (MOTTA, 2006: 137). Motta propõe que nessa “ebulição ideológica” dos anos 1930 os livros possam ser tratados como atores centrais. Tanto comunistas quanto anticomunistas encontraram neles suas “armas” (MOTTA, 2006: 136-137). Havia debates anteriores, mas nos anos 1920 os livros circulantes eram

18 O jornal *Novos Rumos* surgiu após a crise na imprensa comunista, refletindo a crise em todo o PCB após a denúncia de Krushev no XX Congresso do Partido em fevereiro de 1956. Ver verbete “Novos Rumos” no Dicionário Histórico e Biográfico Brasileiro (DHBB) do Centro de Pesquisa e Documentação da Escola de Ciências Sociais e História da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/ FGV), escrito por Marieta de Moraes Ferreira, disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbeta-tematico/novos-rumos> Acesso em janeiro de 2019.

majoritariamente estrangeiros. Foi já nos primeiros anos 1930 que se assistiu a uma profusão de impressos, jornais, livros e maior liberdade à circulação de informações. Entre as editoras comunistas fundadas nesse período, estão: “Marenglen,¹⁹ Lux, Caramuru, Selma,²⁰ Alba, Soviet, Andersen, Cultura Brasileira, Unitas e Calvino” (MOTTA, 2005: 346). Também aqui vale notar as editoras ecléticas que se guiavam pelo mercado. Nesse caso, editavam narrativas tanto à direita quanto à esquerda, tal como a editora Globo. Já a editora Revista dos Tribunais não tinha ligação ideológica, mas o Partido fez uso de sua estrutura gráfica (SECCO, 2013: 55). Outra prática importante a se referir era a circulação de algumas obras no interior das editoras de linha comunista porque os catálogos poderiam ser herdados: “algumas fechavam, retornavam com outro nome ou seus editores se associavam a novos” (SECCO, 2013: 56). Tanto os livros como as casas editoriais desempenharam um papel importante nesse conflito (MOTTA, 2006: 98). Contudo, se o livro pode ser encarado como um “um personagem central” de ambos os lados da disputa, não significa que pode receber o mesmo tratamento. O livro comunista não estava inserido na conjuntura do circuito do mercado livreiro geral, pois era submetido aos contextos políticos de maior ou menor repressão: esses livros foram confiscados, queimados, tiveram suas livrarias e gráficas igualmente destruídas (SECCO, 2017: 25).

A comunicação com editoras internacionais era fundamental. A Marenglen, por exemplo, encomendava livros em sistema de permuta à Ediciones Europa-América (que teve sede em Paris e depois em Barcelona). Esta enviava a remessa com desconto de 50% ao PCB, que a revendia. A rotina dos livreiros brasileiros nessa fase do *boom* editorial dos anos 1930, sobretudo dos livreiros comunistas, entre a Revolução de 1930 e o Golpe de novembro de 1937, deveria lidar com uma série de dificuldades.

Mas não era fácil a vida dos editores comunistas no Brasil. Uma fatura de 31 de outubro de 1931 acusava 113,35 *pesetas* não pagas. Pela correspondência da editora sabemos que um pacote de livros não foi retirado no correio e retornou à filial de Paris, causando estranheza aos editores. A Editorial Marenglen só pôde explicar o que aconteceu depois. Em setembro de 1931, o gerente foi preso, deportado, e somente quatro meses depois os novos responsáveis puderam reorganizar a editora (SECCO, 2013: 57).

Depois de 1935, a circulação de informações e representações sobre o mundo soviético foi inexpressiva no Brasil até o período pós-guerra. Isso se deu como resultado do acirramento

19 Abreviatura de Marx, Engels e Lênin, a editora Marenglen traduziu diversos livros de propaganda soviética (SECCO, 2013: 56).

20 Selma seria um acrônimo formado com as letras iniciais de Stálin, Engels e Marx (SECCO, 2013).

do embate político que levou à lei de segurança nacional, popularmente conhecida como “Lei Monstro” (abril de 1935), que permitia a censura de publicações consideradas subversivas, além de aumentar o controle às atividades sindicais. Tal panorama, somado à reação do governo contra a Insurreição Comunista de novembro de 1935, deu início às engrenagens repressivas, que culminaram em perseguição a pessoas, organizações sociais, editoras, livros, jornais e gráficas. Diversas editoras comunistas tiveram seu funcionamento encerrado, seja por determinação da lei, seja por falência, por conta do prejuízo causado pelo recolhimento dos livros (MOTTA, 2005: 346).

No início dos anos 1930, foi publicado *Rússia*. O médico e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro Maurício de Medeiros pode ser considerado o pioneiro autor brasileiro de um livro de viagem à União Soviética (MOTTA, 2006: 137; PERICÁS, 2016: 90). Chamou a atenção dos analistas o sucesso de seu livro de viagem *Rússia*. *Rússia* teve seis edições consecutivas lançadas no prazo de seis meses (CARONE, 1986: 66). Uma marca surpreendente para um país como o Brasil, com alta taxa de analfabetismo, e no qual livros alcançavam tiragens de, no máximo, 2 mil a 3 mil exemplares (CARONE, 1986: 66). Edgar Carone escreveu um estudo pioneiro sobre a difusão dos livros marxistas, mapeando grande parte dessa produção. Leandro Konder (1988) atentou para o circuito dos livros comunistas e a demanda de leitores ávidos por dados e fatos da URSS, o que revelava uma mentalidade positivista do público leitor. O argumento de Konder é de que a recepção das ideias comunistas no Brasil teve muita influência da filosofia de Comte e pouco interesse pela filosofia dialética, que era, de fato, a base do marxismo (KONDER, 1988: 184-185).

Recentemente, mais historiadores nos convidam a aprofundar essas análises (SECCO, 2017; DEAECTO; MOLLIER, 2013; MOTTA, 2005, 2006). O tema dos livros é parte dos esforços de renovação em compreender a trajetória do PCB, para além da cúpula partidária e de seus conflitos sobre as interpretações da realidade brasileira à luz da doutrina marxista (SECCO, 2017: 26). Há maior preocupação em entender melhor suas funções em âmbito local ou regional (estados, municípios), assim como a participação das mulheres, por exemplo (SECCO, 2017: 26). Além da esfera da doutrina, o PCB foi um partido que apresentava uma série de costumes, jargões, práticas compartilhadas além do chão de fábrica, entre militantes e simpatizantes.

Em relação aos impressos sobre a Rússia, outros intelectuais brasileiros escreveram livros nesse gênero editorial nos anos 1930, além dos médicos Maurício de Medeiros e Osório Cesar – que publicaram seus livros de viagem, respectivamente, em 1931 (*Rússia*) e 1932 (*Onde*

o proletariado dirige...). Por exemplo: Claudio Edmundo, engenheiro que trabalhou nas obras dos planos quinquenais de Stálin, escreveu *Um engenheiro brasileiro na Rússia* (1933), e o jornalista Juvenal Guanabarro, *O que vi em Roma, Berlim e Moscou* (1934). Também foi lançado por Astrogildo Pereira *URSS, Itália, Brasil* (1935), reunindo textos publicados entre 1929 e 1934, e *URSS: um novo mundo*, de Caio Prado Júnior (1934), fruto da viagem com sua esposa durante maio e junho de 1933.²¹

A narrativa de Prado Júnior esteve focada no relato do processo do segundo plano quinquenal (o primeiro foi em 1929). Discorreu sobre passeios em pontos turísticos, mas também sobre suas visitas a fazendas coletivas; sobre a presença de operários nos teatros; um centro de atenção a prostitutas no qual assistiu a palestras de prevenção a doenças (venéreas) sexualmente transmissíveis; uma cerimônia religiosa e uma sessão num tribunal, além de visitas a livrarias e bibliotecas populares (PERICÁS, 2016: 87). Segundo Pericás, Prado Júnior consultou os livros de viagem anteriores para escrever seu relato, provavelmente os livros de Maurício de Medeiros e de seu colega Osorio Cesar. *URSS: um novo mundo*, livro do historiador, teve sucesso de vendas e se esgotou rapidamente (concluído em janeiro de 1934 e lançado em março do mesmo ano). A segunda edição da obra, lançada em 1935, foi apreendida pela polícia política (PERICÁS, 2016: 91).

Osorio Cesar, após a publicação de seu livro de viagem em 1932, seguiu traduzindo outros livros sobre ciência, medicina, assistência social e a vida do operário na União Soviética.²² Juntamente com o livro de Lelio Zeno, a Companhia Editora Nacional lançou a obra da médica russa Esther Conus também em 1935: *Proteção à maternidade e à infância na União Soviética*. A nota na contracapa da obra atesta a dimensão do trabalho do médico: “Tradução direta do original de Moscou por Osorio Cesar com prefácio do dr. Vicente Baptista”.

A questão da dificuldade com idioma, comumente comentada pelos viajantes em suas narrativas (SAÍTTA, 2007: 67), não é válida para Cesar, que tem domínio sobre a língua a ponto de realizar traduções de trabalhos diretamente do russo para o português, encarnando

21 Caio Prado Júnior publicou depois, em 1962, pela Editora Brasiliense, que ele administrava, *O mundo do Socialismo*, sobre suas impressões de uma nova viagem à URSS e à República Popular da China.

22 Referimo-nos a dois livros traduzidos por Cesar: *A luta contra a tuberculose na U.R.S.S.* Drs. Neslin [et al.] Rio de Janeiro: Athena, 1935, que pertence ao Instituto de Estudos da Linguagem da Biblioteca da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) – Coleção Brito Broca (n. chamada: L976) –, e *A vida do operário na União Soviética: seguido de um estudo sobre o Seguro Social Operário*, de Desider Bokani. São Paulo: Udar, 1935, do mesmo acervo.

efetivamente uma das maiores representações da função do mediador cultural, a função de traduzir.

Para Secco (2013), as atividades editoriais nesse primeiro momento do PCB (desde sua fundação, em 1922, até 1935) revelam precariedade e acúmulo de funções dos militantes. Astrogildo Pereira, Otávio Brandão e Bernardo Canellas (expulso em 1924), que estiveram entre os militantes do período de formação do Partido, por exemplo, concentravam ações de militância, doutrinação, edição, tradução e comercialização como livreiros (SECCO, 2013; DEAECTO, 2013: 19). Por sua vez, o próprio ambiente conservador e ditatorial do governo brasileiro impediu a formação de uma escola nacional de quadros (SECCO, 2013: 42).

A Editora Calvino, responsável pelo lançamento de *Rússia*, de Maurício de Medeiros, foi uma das principais editoras que surgiram no *boom* das edições de esquerda na década de 1930. O selo Calvino Filho surgiu em 1929 e foi extinto em 1937, com a ditadura do Estado Novo. Retomou suas atividades na década de 1940 (entre 1943 e 1947), no contexto de redemocratização, passando a se denominar Editorial Calvino. Segundo Motta (2005: 347), ela foi a única, que, tendo surgido nesse momento da primeira metade dos anos 1930, participou da reorganização do PCB e das editoras comunistas após a Segunda Guerra Mundial. Seu proprietário, José Calvino Filho (1903-1959), era considerado audaz e polêmico nesse cenário editorial (MOTTA, 2005). Sua resistência no ramo se deveu à variedade e à amplitude dos gêneros de publicações que compunham o catálogo da editora. Como indica Motta, o editor era sagaz em relação ao mercado e ambiente político. Tanto que, segundo o autor, “quando o ambiente político tornou impossível publicar obras de esquerda, Calvino concentrou-se em edições voltadas para medicina e psicologia” (MOTTA, 2005: 347).

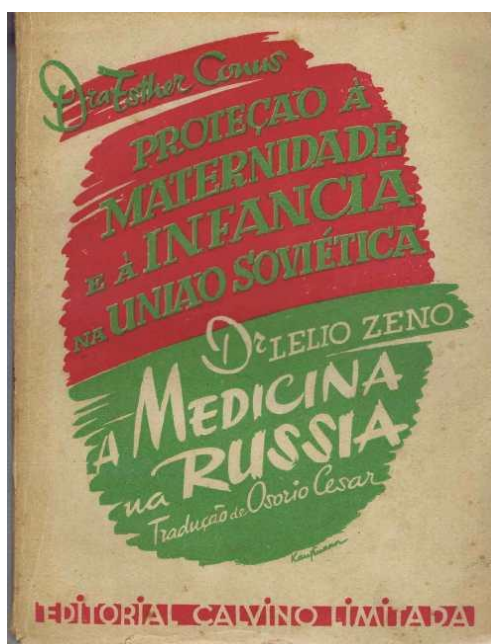
Um dado importante não mencionado por Motta e outros que se debruçaram sobre o tema é que Calvino era médico. Fichado desde 1938 nos arquivos da polícia política do Rio de Janeiro, foi identificado como tal no campo destinado a informar sua profissão.²³ José Calvino Filho se formou na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1929 (JUBERTE, 2016: 14). O *Diário da Noite* publicou uma nota em sua coluna reservada aos aniversariantes do dia:

Calvino Filho – Transcorre hoje o aniversário natalício do dr. Calvino Filho, médico e com uma *passagem brilhante pelo Instituto de Manguinhos*. Jornalista combatente, Calvino Filho é hoje figura de prestígio entre os

23 Prontuário Calvino Filho, GB n. 23318. Fundo Polícia Política. APERJ.

editores de grandes livros no Brasil, graças ao tirocínio nesse novo campo de sua atividade (...) (grifo nosso).²⁴

Em sua nova fase, durante o período da democratização do país, em 1944, Calvino reeditou em única publicação os livros de Lelio Zeno, *A Medicina na Rússia*, e o da médica russa Esther Conus, *Proteção da maternidade e da infância na União Soviética*, que haviam saído pela Companhia Editora Nacional em 1935 (ver Figura 1). Na edição de 1944, o leitor ainda poderia ler artigos sobre o tema da medicina na URSS, nos anexos: “Princípios da Medicina Soviética”, de Henry Sigerist;²⁵ “O desenvolvimento da Biologia da União Soviética”, de L. A. Orbelli;²⁶ e “Programa de Ensino da Faculdade Médico-Cirúrgica dos Institutos Médicos da URSS” (JUBERTE, 2016: 167). Esse material foi traduzido pelo médico Osorio Cesar (JUBERTE, 2016). Em sua nova empreitada editorial, José Calvino Filho lançou um livro contendo quatro estudos e um programa de educação médica e deu continuidade à prática da divulgação da medicina soviética no Brasil, que fora inaugurada por Maurício de Medeiros e Osorio Cesar em década anterior com a publicação de suas narrativas de viagem (ver capítulo 2 desta tese).



24 Aniversariantes do dia. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 22/10/1943, p. 6. Essa referência foi consultada a partir da citação no trabalho de Vinícius de Oliveira Juberte (2016: 14).

25 Henry Sigerist (1891-1957), suíço radicado nos Estados Unidos, por anos se dedicou a pesquisar a história da medicina. Em 1937 ele publicou o livro *Socialized Medicine in the Soviet Union*, contando sua experiência de cinco meses em viagem pelo país.

26 Leon Orbeli (1882-1958), fisiologista russo, discípulo de Ivan Pavlov, com quem trabalhou entre 1907 e 1921, foi diretor do Instituto de Fisiologia Experimental, ligado à Academia de Ciências da URSS (1936-1950). Ocupou outros cargos em institutos de ciência soviéticos; foi ganhador do prêmio Stálin em 1941 (POLLOCK, 2006: 256).

Figura 1: Livro publicado pela Editorial Calvino em 1944, que juntava as obras *Proteção à maternidade e à infância*, de Esther Conus, e *A Medicina na Rússia*, de Lélío Zeno, além de artigos relacionados à medicina na URSS. Destacamos que a identificação do tradutor, o médico Osorio Cesar, se encontra na capa do livro, o que não era usual.

Tudo indica que Calvino tinha boas relações no jornal *Diário da Noite* (do grupo de Assis Chateaubriand) para divulgar seus lançamentos e como espaço de resposta às críticas veiculadas em outros jornais, além de manifestar ali suas indignações quanto a processos e apreensões da polícia. Em 1942, publicou um artigo em defesa do livro nesse jornal, sendo apresentado como médico e como editor: “O livro é a arma que o gênio humano inventou para destruir a mentira”,²⁷ no qual anunciava uma campanha de arrecadação entre editoras e livreiros em prol da livre circulação dos livros, reforçando a ideia do livro como arma – um libelo contra o nazifascismo, em favor das democracias e pela defesa da liberdade de pensamento.²⁸

As anotações do Prontuário de José Calvino Filho no arquivo policial informam sobre movimentações do médico e editor entre junho de 1943 e setembro de 1955. Em julho de 1937, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) comunicou o cancelamento do registro da revista *Mundo Médico*,²⁹ sob a direção de Calvino Filho.³⁰

No depoimento de Calvino às autoridades policiais quando levado à delegacia em 1937, transcrito em parte a seguir, temos acesso à dinâmica de trabalho de Calvino e sua maneira de divulgar seus livros entre novos leitores que residiam no interior, fora da capital carioca. Ele declarou que utilizava a estrutura dos Correios. Em sua defesa, para o delegado, afirmou que era guiado por valores morais e científicos no exercício de suas funções, citando referências intelectuais de suas publicações.

Convencido que as leis de seu país não lhe proibem comerciar e fazer publicidade de suas edições, envia periodicamente às pessoas de maior representatividade no interior do país, os seus livros no sistema de reembolso que consiste no seguinte: entrega aqui no Correio Geral um livro devidamente embrulhado e de acordo com as exigências postais, endereçado a X; que paralelamente envia uma carta a X, comunicando que pelo serviço de reembolso está lhe remetendo o livro tal, juntamente com a carta lhe envia um catálogo completo de suas edições, bem como um folheto que é por assim dizer, um verdadeiro resumo do livro que está mandando; QUE o destinatário

27 Calvino Filho, O livro é a arma que o gênio humano criou para destruir a mentira. *Diário da Noite*, 28/9/1942, p. 3.

28 Calvino Filho, O livro é a arma que o gênio humano criou para destruir a mentira. *Diário da Noite*, 28/9/1942, p. 3.

29 Periódico não localizado pela pesquisa.

30 Carta de Calvino Filho ao delegado Seraphim Braga, em 18/10/1937. Prontuário Calvino Filho, GB n. 23318. Fundo Polícia Política. APERJ.

avisado pela carta do declarante e também pela agência postal destinatária, comparece ao Correio, onde o pacote é desfeito e mostrado o livro ao destinatário, cabendo a este o direito de folheá-lo antes de aceitá-lo; se realmente lhe interessou, paga ao Correio o seu valor, caso contrário recusa a recebe-lo e nesse caso o Correio lh'o devolve; QUE como se vê nenhuma sutileza é usada para a venda dos livros, por isso que, além de todo material de propaganda que ao futuro comprador envia, ele ainda tem no correio, após folhear o livro, a liberdade de aceita-lo ou não; QUE por certo todas as pessoas que estimam as boas letras e desejam sinceramente cultivar o espírito, esclarecendo-os contra abusões e erros criados pela ignorância, não se negam a adquirir as suas edições, o que não acontece com os ignorantes e imorais porque imoralidades não se encontram em seus livros; QUE tem publicado largamente pela imprensa, e em folhetos a opinião de médicos, pensadores, militares, filósofos, teólogos, magistrados, e inclusive de expoentes da própria Igreja Católica defendendo a necessidade imperiosa da cultura sexual para o grande público, afim de que os magnos interesses de raça e da economia; QUE uma prova de que seus livros são rigorosa e criteriosamente selecionados, é que quase todos eles são obras universalmente conhecidas e traduzidas para os principais idiomas: autores do escopo moral e científico Hierschefeld, Liebman, Havelock Ellis, Haro, Otaola, Nemilow, Thesing, Witels, Suckerman, etc. Professores de universidades famosas muitos deles, por certo estão acima de qualquer crítica leviana articulada por débeis mentais ou indivíduos que vivem chafurdados na mais dolorosa ignorância; QUE finalmente, deixa para melhor esclarecimento recortes de jornais e artigos, inclusive um exemplar de cada uma de suas edições, para que espíritos esclarecidos possam com mais clareza justeza formular um conceito sobre a sua obra educacional. E nada mais disse.³¹

Em seu prontuário na polícia política do Rio de Janeiro, uma dessas correspondências de Calvino a clientes do interior do estado, ele declarou que lhe havia postado a obra *URSS: uma nova civilização*, cujo maior trunfo, afirma o editor, era o fato de os autores desse livro, escrito pelo casal Webb, nada terem de comunistas. Eram nobres ingleses fabianos, portanto pessoas “totalmente insuspeitas” em relação ao comunismo, o editor argumentou. Também nessa mesma correspondência registrava a postagem de dois exemplares da “Maravilhosa” (escrito em letras garrafais) revista *Unión Soviética*, editada em grande formato (30x40 cm) em Moscou, ricamente ilustrada em cores, no idioma espanhol.³²

Além da revista *Mundo Médico*, recolhida pelo DIP em 1937 e fechada em 1944, a Editora Calvino publicou a revista *Divulgação Marxista*, contendo artigos traduzidos de pensadores soviéticos (Stálin e Lênin, entre outros) e também artigos de comunistas brasileiros, como do secretário-geral do PCB, Luís Carlos Prestes, de Caio Prado Júnior e Carlos

31 Carta de Calvino Filho ao delegado Seraphim Braga, em 18/10/1937. Prontuário Calvino Filho, GB n. 23318. Fundo Polícia Política. APERJ.

32 “Prezado Amigo e Sr”... Carta de Calvino Filho a cliente não identificado, s/d. Prontuário Calvino Filho, GB n. 23318, fls. 14-15. Fundo Polícia Política. APERJ.

Marighella.³³ A edição n. 4, de setembro de 1946, teve como tema o “socialismo em construção”. Muito marcada pela experiência da guerra na URSS, a revista versava sobre aspectos do regime relacionados com ciência, educação, organizações, moda etc. Alguns dos artigos: “Universidade de Moscou”, “A biblioteca de Lênin”, “Voks”, “A ciência na URSS”, “As crianças no país do socialismo”, sobre os jovens, os estudantes, os *kolkhozes*, educação profissional, mulheres na guerra etc.

Calvino Filho faleceu em 1959. Sem família, pediu que seu corpo fosse doado para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro “para estudo e dissecação entre os alunos”, mas a instituição não aceitou. Seus amigos providenciaram seu enterro, dizia a nota de Abgvar Bastos na coluna “Teatros e sombras” do jornal *Diário da Noite* de 24/6/1959 (JUBERTE, 2016: 57). Juberte (2016) atribuiu essa recusa ao fato de Calvino ser comunista declarado, com o qual não concordamos. Certamente, Calvino era querido entre professores (havia publicado livros de Maurício de Medeiros, Clementino Fraga e outros textos e teses médicas), que lhe permitiram os rituais sociais de uma boa morte, ainda que contrariando sua vontade. Segundo o editor, a Editora Calvino havia imprimido e distribuído a monta de meio milhão de exemplares nos anos 1942-1944 (SECCO, 2013: 64).³⁴

O fim da Segunda Guerra e a legalidade do PCB inauguraram uma nova fase para as editoras comunistas. A aliança vitoriosa contra o nazifascismo, com atuação fundamental da União Soviética no conflito, contribuiu para a retomada da circulação de saberes sobre a URSS no Ocidente. Nesse contexto de retomada em prol da democracia, o Partido criou três editoras em 1944-1945: Leitura, Horizonte e Vitória. A Editora Leitura lançava romances; a Horizonte se voltava para textos doutrinários de militantes do PCB em folhetos ou livretos de baixo custo; e a Editorial Vitória era a mais ampla delas, com “romances, literatura de guerra, livros de ideologia” (MAUÉS, 2013: 124). Em 1948, a Horizonte se fundiu com a Vitória.

A Editorial Vitória (1944-1964), inicialmente dirigida por Leôncio Basbaum, com sede no Rio de Janeiro, é considerada a mais resiliente das editoras comunistas.³⁵ Ligada ao PCB, se

33 Disponível a digitalização da revista em site de divulgação de textos marxistas: <https://www.marxists.org/portugues/tematica/revistas/divulgacao/index.htm> Acesso em janeiro de 2019. Na edição n. 1, de julho de 1946, Calvino Filho e Hersen assinam o editorial “Razão de ser...”. O texto afirma que a revista seria a continuação das atividades de divulgação do marxismo iniciadas nos anos 1930, lembrando que a revista *Mundo Médico* havia sido fechada em 1944. Os autores do editorial dizem que não são filiados ao PCB, mas reconhecem a importância de se elevar o nível do conhecimento do militante nacional, livrando-o de oportunistas (que seriam trotskistas e pseudossocialistas).

34 Secco (2013) fez referência a um dos artigos de Calvino Filho, “Estudemos o marxismo”, publicado na *Divulgação Marxista*, ano I, n. 3, Rio de Janeiro, agosto de 1946.

35 Foi invadida pela polícia pelo menos cinco vezes: em 1949, 1950, 1954, 1956 e 1964. Relatório Policial de 02/10/1964. APERJ/Polícia Política/ Fundo DPS, D37, Vol. I, fl. 1255 (MOTTA, 2005: 5-6). Foi fundada como

destacou por sua atuação ao longo de vinte anos, com um catálogo diversificado. Tendo resistido à repressão anticomunista do governo Dutra (1946-1951), chegou ao fim com o Golpe civil-militar de 1964. O principal meio de publicidade da editora, além de folhetos e cartazes, era a própria imprensa ligada ao Partido, com anúncios nas páginas do jornal diário *Imprensa Popular* (1948-1958).³⁶ Nesse período, o PCB pôde desenvolver um sólido sistema de divulgação, inclusive contando com uma agência de notícias. A *Interpress* era dedicada a organizar a distribuição de informações jornalísticas para as publicações do Partido e “gratuitamente, para a imprensa de pequenas cidades localizadas no interior do país não vinculadas ao Partido” (RUBIM, 2007: 388).³⁷ Segundo Rubim (2007), mesmo com problemas materiais e financeiros, esse foi um dos maiores conglomerados de comunicação da época, atrás somente dos *Diários Associados*, o maior na imprensa brasileira, que, fundado por Assis Chateaubriand, desde 1924 concentrava rádios, revistas e jornais – e também televisão a partir da década de 1950 (RUBIM, 2007). Essa rede de comunicação do PCB recebeu a contribuição de numerosos intelectuais escritores, jornalistas e artistas que imprimiram qualidade ao material produzido.

As editoras ligadas ao PCB, além de produzirem obras, funcionavam como distribuidoras de livros produzidos em Moscou por editoras especializadas em publicações em línguas estrangeiras, que circulavam em países da América Latina (principalmente Argentina, Chile, México, Bolívia): Ediciones en Lenguas Extranjeras, Nóvosti e Progreso (PEREIRA, 2010: 102; 134; MAUÉS, 2013: 126).

Os intelectuais que se filiaram ao Partido, em particular a partir de 1945,³⁸ participaram de revistas, jornais, publicações e entidades culturais a ele vinculadas (RODRIGUES, 1983: 411), mas, com raras exceções, não ocuparam o topo da hierarquia partidária. Se o PCB teve influência para muitas produções intelectuais, o mesmo não se deu em se tratando da influência dos intelectuais brasileiros para linha política, ideologia e interpretações de conjuntura e da sociedade para o PCB (RODRIGUES, 1983: 412).

uma sociedade por meio de cotas, num total de 14 cotistas. A maior parte do capital investido era de Leônio Basbaum; em seguida, vinha o capital aplicado por seus quatro irmãos (MAUÉS, 2013: 125-125). Basbaum deixou a direção da editora em 1945, por determinação da direção do Partido, para assumir um cargo na Comissão Nacional de Finanças. A direção passou a Almir Neves, depois Pedro Motta Lima e vários outros (MAUÉS, 2013).
36 *Imprensa Popular* foi um jornal diário do Rio de Janeiro, sucessor do *Tribuna Popular* e que circulou entre 1945 e 1947.

37 Essa informação veio de entrevista realizada com Armênio Guedes (1918-2015), jornalista e militante comunista, pelo autor, em 16/5/1986.

38 O PCB chegou à monta de mais de 300 mil filiados após a derrota do nazifacismo (RUBIM, 2007: 421).

Em maio de 1947, o PCB foi colocado na ilegalidade, e em janeiro de 1948 seus deputados federais e estaduais e vereadores perderam seus mandatos. Daniel Aarão Reis (2007) afirmou que o Partido foi surpreendido, subestimou o processo de cassação proposto pelo deputado Barreto Pinto, do PTB, um ano antes, assim como negligenciou o arraigado anticomunismo das elites e o clima tenso da Guerra Fria. Em 1947, os quadros dirigentes preparavam o IV Congresso do PCB, ignorando a articulação contra a agremiação e confiando na derrota do processo de cassação (REIS, 2007: 80). O retorno à ilegalidade e a consequente repressão fizeram com que declinasse o número de membros e simpatizantes, afetando a imprensa comunista. Muitos órgãos, contudo, permaneceram funcionando, tais como a Editorial Vitória, a revista *Problemas* (órgão teórico do PCB) e o periódico *Imprensa Popular*, em substituição ao *Tribuna Popular* (RODRIGUES, 1981: 413). Segundo Jorge Amado, em discurso que realizou durante o congresso internacional na Polônia em 1948, 12 casas editoriais, a metade das editoras comunistas em funcionamento naquela época, foram à falência e fecharam suas portas em 1947 (RUBIM, 2007: 410).

No fim dos anos 1950, emergiram outros pontos de produção e difusão. No pós-guerra, o Partido contava com uma distribuidora chamada Atualidades e uma rede de livrarias: em São Paulo, a Itatiaia e Bandeiras; em Porto Alegre, Agência Farroupilha; em Salvador, a Livraria Popular; e no Rio de Janeiro e em Recife, a Livraria Independência (RUBIM, 2007: 410-411). Ou seja, o Partido atuou não apenas na produção de livros, mas também no seu processo de distribuição e venda, constituindo-se como uma importante figura da história do mercado livreiro no Brasil. Segundo Marisa Midori Deaecto, as livrarias comunistas atuaram como a ligação entre o nacional e o local, “como mediadoras entre o Partido Comunista Francês e as organizações comunitárias” (DEAECTO, 2013: 23). Esta autora salienta que a estrutura editorial formada pela União Soviética é singular em toda a história do livro contemporâneo e demonstra como o livro se transformou em uma questão de Estado, assim como a constelação de temas que o rodeia, tais como os níveis de escolaridade, número de leitores e consumidores, incentivos a projetos editoriais, bibliotecas populares e volantes (DEAECTO, 2013: 15).

Ainda quanto aos livros comunistas, cabe mencionar a importância da Editora Civilização Brasileira, que divulgava escritores marxistas, porém com tradição acadêmica (DEAECTO, 2013: 22). Inicialmente, era uma subsidiária da Editora Nacional, fundada nos anos 1920 por Monteiro Lobato e nesse período sob responsabilidade de Octalles Marcondes

Ferreira. Sob a direção de Ênio Silveira,³⁹ a Civilização Brasileira sofreu, a partir de 1951, uma reestruturação em sua linha editorial, que a transformou em uma das maiores casas editoriais do país no final dessa década (HALLEWELL, 2005: 536).

Motta (2005) ressalta que, nas décadas de 1950 e 1960, houve um deslocamento causado pelo fim do entusiasmo com a vitória sobre o nazismo. As edições com enfoque na URSS passaram a explorar temas da “divulgação dos avanços e descobertas da ciência soviética” (MOTTA, 2005: 356-357). Em 1950, a Editorial Vitória organizou a coleção Coletânea dos Estudos Científicos, da qual fez parte o livro *A origem da vida*, com a maior vendagem da coleção, chegando a cinco edições. Em 1953, a editora, com a colaboração e a direção de Jorge Amado, publicou a Coleção Romances do Povo,⁴⁰ um esforço para popularizar títulos de autores literários nacionais e mundiais (MOTTA, 2005: 352). No entanto, a coleção não passou de um projeto; os lançamentos foram interrompidos em 1956, e entre os autores brasileiros, somente Aline Paim chegou a ser publicada – provavelmente em razão da crise interna em vários partidos comunistas após o relatório de Krushev e o processo de desestalinização, além do fato que o próprio Amado se afastou do PCB (MOTTA, 2005: 352, n. 21). *O mundo da paz*, livro de viagem de Jorge Amado, alcançou três edições (1952), porém chegou a ser renegado pelo próprio autor, constrangido com sua narrativa laudatória ao regime (MOTTA, 2005: 361). As reimpressões dessa obra teriam sido proibidas por Amado, após as denúncias ao stalinismo em 1956 (RIDENTI, 2022: 52).

Alguns trabalhos compararam *O mundo da paz* com *Viagem*, relato de viagem de Graciliano Ramos, publicado postumamente em 1954 (ele viajou em 1952 e faleceu em 1953), assim como comparam a postura de seus autores diante da União Soviética. Embora Graciliano Ramos também fosse um escritor e membro do PCB, ele teria se desprendido das amarras de um olhar militante, posicionando-se criticamente em diversas passagens de sua narrativa de viagem (MOTTA, 2005; PALAMARTCHUK, 2019; TORRES, 2019). Graciliano Ramos, que sempre manteve uma posição crítica à literatura panfletária desde a década de 1930, conforme afirmou Moraes (1994: 206), não reduziu suas impressões à URSS somente a imagens positivas, dando espaço a críticas. Dirigentes do PCB buscaram impedir a publicação dos livros *Viagem* e *Memórias do cárcere* por julgarem que as obras “contrariavam as diretrizes partidárias”

39 A editora Civilização Brasileira não era articulada ao PCB, tal qual era a Editorial Vitória, mas Ênio Silveira (1925-1996) foi filiado ao Partido.

40 A coleção era composta por vinte obras, das quais 12 eram de autores comunistas.

(MORAES, 1994: 211). Não obstante, os livros foram lançados, porém não receberam divulgação na imprensa comunista (MORAES, 1994).

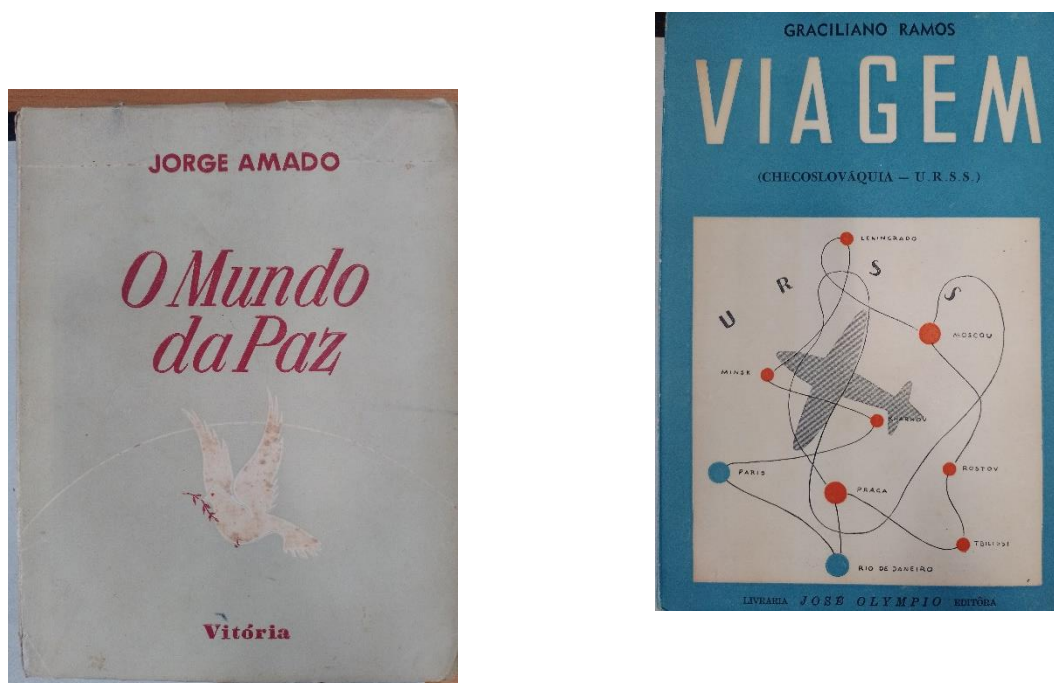


Figura 2: Capas dos livros de viagem *O mundo da Paz*, de Jorge Amado (1952) e *Viagem*, de Graciliano Ramos (1953).

Segundo Motta, os livros sobre a URSS que circulavam segundo as práticas de divulgação poderiam ser categorizados como: romances proletários; Nova Rússia; e relatos de viagem (MOTTA, 2005: 353). Os relatos de viagem à União Soviética despertaram interesse do público e se tornaram um gênero explorado pelo mercado editorial (MOTTA, 2005: 358). Segundo este autor, em relação ao período da década de 1930, os partidos comunistas – tanto o soviético como o brasileiro – se empenharam mais em lançar mão da estratégia das viagens à URSS como propaganda do regime, e isso se refletiu na publicação dos relatos de viagens (MOTTA, 2005: 360).

O sentido simbólico do livro perpassa por toda a discussão. É sabido que se aproximar da esfera da recepção, intrínseca ao processo de circulação do livro, pode ser algo difícil de se operar dentro dos parâmetros da análise histórica. Motta lembra que, nesse ponto, o livro comunista é similar ao livro de maneira geral, ou seja: saber que foram consumidos (dado o sucesso das vendas) não nos permite afirmar que foram lidos exatamente. Outro ponto importante é o de ponderar a outra face da engrenagem repressiva – a de gerar interesse e

curiosidade do público pelas obras classificadas como proibidas ou perigosas. Assim, um livro censurado, ou um título sobre a Rússia, a depender do contexto, poderia se tornar um artefato a significar uma atitude de resistência, de inconformismo, de fazer algo, ainda que apenas simbolicamente, para enfrentar medidas autoritárias (MOTTA, 2005: 364). No caso da recepção do livro de Maurício de Medeiros, *Rússia*, o interesse público é incontestável e pode exemplificar tal dinâmica entre censura e resistência.

1.4. Turismo e peregrinação à URSS: as viagens como experiência e como propaganda

A URSS criou instituições oficiais para organizar e estimular o turismo de estrangeiros no país. Em 1925 fundou-se a VOKS,⁴¹ destinada a promover intercâmbios culturais e científicos entre estrangeiros, sobretudo de países europeus, Estados Unidos e América Latina. Nos relatos de viagem de intelectuais à URSS, a agência é frequentemente mencionada, pois era o primeiro contato dos estrangeiros nos arranjos para viagem e na recepção em solo soviético. David-Fox chamou a atenção para a importância de se compreender a VOKS na relação entre o Partido e a *intelligentsia*, pois a agência tinha amplas funções internacionais e domésticas ao receber estrangeiros e conectá-los com russos e com instituições soviéticas (DAVID-FOX, 2002: 10). Mesmo com outras agências envolvidas, a VOKS foi uma instituição-chave para a diplomacia cultural soviética (DAVID-FOX, 2012: 5). Parte da política externa do Estado soviético na promoção do socialismo e da própria URSS desde o início dos anos 1920 buscava influenciar a opinião pública ocidental. Em 1958, a VOKS passou por uma reestruturação e foi renomeada como União das Sociedades Soviéticas de Amizade e Relações Culturais com os Povos dos Países Estrangeiros, até sua extinção com o fim da União Soviética, em 1992.⁴² Na prática, a agência foi responsável por desenvolver e manter contatos com as sociedades culturais nos países estrangeiros desde o início, quando estava sob direção de Olga Kameneva⁴³ de 1926 a 1928, a qual implementou essa modalidade de intercâmbio (STERN, 2007).

41 VOKS é a sigla de “Vsesoiuznoe Obschestvo Kul'turnoi Sviasi szagranitsej”; seria: relações culturais com países estrangeiros para toda a União Soviética. Estava associada ao NKID (Comissariado dos Povos para Negócios Estrangeiros).

42 A Intourist existe atualmente. Foi privatizada com o fim do regime, passando a se denominar VAO Intourist, e fundiu-se em 2011 com uma tradicional empresa inglesa (Thomas Cook Group).

43 Olga Kameneva (1883-1941), irmã de Trotsky e esposa de Lev Kamenev, foi membro do Partido Bolchevique, desenvolveu programas para enfrentar o problema da fome, para desenvolver a diplomacia cultural e melhorar a

Em abril de 1929, um decreto do Conselho do Trabalho e Defesa da URSS criou a Intourist⁴⁴ para tratar da infraestrutura do turismo sob controle estatal (STUDER, 2003: 2). Samantha Kravitz (2006) estudou as ações da Intourist durante o período Entreguerras, com especial atenção a seus cartazes e folhetos de propaganda endereçados ao potencial turista estadunidense. O público-alvo da propaganda da Intourist era a classe média, em particular profissionais liberais, assim como estudantes, atletas, mulheres e potenciais aventureiros (KRAVITZ, 2006: 72-73). Kravitz mostra que a Intourist estabeleceu programas especiais voltados para profissionais com roteiros turísticos específicos: um programa destinado a advogados, outros a médicos, jornalistas e professores. No caso dos médicos, o roteiro incluía visitas a hospitais, casas de recuperação, centro de atenção materno-infantil, institutos de pesquisa, além de participação em conferências para se ouvirem lideranças da medicina soviética (KRAVITZ, 2006: 74).

A VOKS e a Intourist eram responsáveis pela organização da estrutura das viagens aos estrangeiros, incluindo hospedagens, roteiros e programações. Os visitantes informavam aos agentes de turismo soviéticos com antecedência os seus interesses pessoais, porém muitos reclamavam sobre não terem sido atendidos nesse quesito (STERN, 2007: 115, 117). Stern mencionou que viajantes reclamavam tanto do excesso de organização nas viagens quanto da falta de organização. E sendo o caso de percepção negativa, atribuíam a falta de coordenação à VOKS e à Intourist no atendimento ao turista, como uma de suas competências (STERN, 2007: 117). Segundo Torres (2019), caberia à Intourist escalar motoristas e disponibilizar os melhores veículos para impressionar os viajantes, assim como supervisionar a qualidade das estradas. A VOKS deveria informar sobre as especificidades das visitas à Intourist, agendar entrevistas e encontros dos estrangeiros com russos – ou seja, a ela caberiam medidas para personalizar programações gerais pensadas pela Intourist (TORRES, 2019: 125).

Por sua vez, a Intourist teria uma perspectiva de turismo mais comercial do que a VOKS, posição que se acirrou após a Segunda Guerra Mundial, quando alguns setores da política econômica soviética passaram a cogitar o turismo para viabilizar recursos visando ao equilíbrio da balança comercial da URSS. Segundo Raquel Torres (2019), dados da Intourist apontam que essa tendência se efetivou, visto que “em 1956 a URSS recebeu cerca de meio milhão de cidadãos estrangeiros de 84 países – cinco vezes mais do que antes da Segunda Guerra, e mais

imagem da URSS no Ocidente nos anos 1920. Perdeu sua influência política, foi presa com os expurgos da década de 1930.

44 Intourist era uma abreviação de Inostrannyi Turist, que significava Turista Estrangeiro.

de um milhão de soviéticos foram para o exterior no mesmo ano” (TORRES, 2019: 97). Ambas as agências lidavam diretamente com intelectuais – soviéticos e estrangeiros. Apesar de ter sido financiada pelo governo soviético, a VOKS mantinha uma imagem de organização social neutra em relação ao Partido Comunista. Assim conseguiu abrigar diversos representantes da *intelligentsia* russa interessada em manter contatos com o estrangeiro. David-Fox (2002) demonstra como a relação dos intelectuais russos ligados à VOKS com o Partido era conflituosa e a pretensa autonomia da VOKS em relação à política soviética era fictícia. A partir do final dos anos 1920, a VOKS passou a visar o público “burguês” (isto é, todo aquele que não é comunista, nem proletário, nem camponês) e se organizou por seções ligadas a áreas da cultura e das ciências, tornando-se uma “instituição incomum e híbrida, combinando Partido, estado, polícia secreta, política externa, cultural e finalmente, funções cívicas” (DAVID-FOX, 2002: 28). Em 1929, a VOKS contava com seções de literatura, pedagogia, transportes, agronomia, medicina, etnografia, jurídica, química e técnico-científica (DAVID-FOX, 2002).

Tal situação se refletiu nas viagens à Rússia. A partir de 1929, o fluxo de turistas ocidentais dobrava a cada ano e alcançou seu ápice em 1934-1936 (STERN, 2007: 113). Em 1936, o chefe da VOKS, Alexandr Arosev (1934-1937),⁴⁵ fortaleceu o controle de visitantes, estabelecendo um padrão para os relatórios dos intérpretes com espaços para preenchimento e orientações para detalhamentos sobre os viajantes. Em relação ao período anterior da VOKS com Olga Kameneva, passou-se a ter um sistema de vigilância maior sobre os turistas. Os intérpretes são figuras-chave nesse processo, porém pouco se sabe sobre eles, além de seus nomes e os idiomas que dominavam (STERN, 2007: 114). Maurício de Medeiros comentou a relação com sua intérprete durante a viagem à URSS em seu relato de 1930, mas de maneira geral não era comum que os viajantes intelectuais mencionassem seus intérpretes em suas narrativas, de acordo com a pesquisa realizada por Ludmila Stern (2007).

Turistas de diversas nacionalidades estiveram na União Soviética nas décadas de 1920 e 1930 – cerca de cem mil estrangeiros vindos da Europa e dos Estados Unidos visitaram a União Soviética. Eram “escritores, profissionais, artistas e intelectuais que foram registrar suas impressões do experimento soviético” (DAVID-FOX, 2012: 1). Para este autor, as viagens de intelectuais ocidentais à URSS foram um dos importantes momentos de interação entre Ocidente e Oriente no século XX, constituindo-se como objeto da história intelectual, cultural e política (DAVID-FOX, 2012: 1). Dentre os franceses, foram cerca de dez mil. Os primeiros

45 Alexandr Arosev (1890-1938) sucedeu a Olga Kameneva na direção da VOKS. Oficial bolchevique, escritor, diplomata. Foi preso em 1937 e executado em 1938 durante o “Grande Terror” (DAVID-FOX, 2003).

estrangeiros a viajarem na década de 1920 foram cumprir programação oficial como delegados de congressos da Terceira Internacional (1919-1943) ou do Partido Comunista (STUDER, 2003).⁴⁶ É importante levar em consideração que as viagens realizadas por intelectuais, jornalistas e escritores não são comparáveis às dos militantes ou dirigentes dos Partidos Comunistas para participarem de missões no PCUS ou na Internacional Comunista (Comintern). Segundo Saítta (2013: 64), as viagens dos militantes eram clandestinas, e com raras exceções essas experiências não se publicizaram em relatos de viagens.⁴⁷ Já os intelectuais mobilizavam seus capitais culturais para escreverem críticas a aspectos do socialismo e negociavam as narrativas de suas experiências de viagem tanto com o Partido Comunista de seu país quanto com o círculo político e social no qual estivessem inseridos (STUDER, 2003: 6).

Para Studer (2003), a nacionalidade dos viajantes variou de acordo com o período da viagem. Franceses, por exemplo, afluíram entre 1932 e 1939, com maior concentração na metade da década; alemães afluíram a partir de 1927 e com maior intensidade até 1932 (STUDER, 2003: 4). A dura perseguição aos adversários de Josef Stálin, conhecida como o “Grande Terror” (1937 e 1938), e logo depois a eclosão da Segunda Guerra Mundial fizeram com que o fluxo de estrangeiros se extinguisse para ser retomado na década de 1950 (STUDER, 2003).

Em geral, os trabalhos sobre os relatos de viagem a países socialistas enfocaram a análise de narrativas de viajantes de uma nacionalidade específica (STUDER, 2003). Também muitos autores fizeram uma leitura das impressões do país visitado em diálogo com questões relativas ao seu próprio país (BERTOLLI FILHO, 1998; TORRES, 2013).

Raquel Mundim Torres (2013) trabalhou com relatos de viagens de brasileiros à União Soviética publicados entre os anos de 1928 e 1933, ou seja, durante a implementação do Plano Quinquenal. Com base nos relatos de Maurício de Medeiros, Osorio Cesar, do historiador, editor e militante comunista Caio Prado Júnior e dos engenheiros Juvenal Guanabario e Cláudio Edmundo, a autora buscou compreender como os brasileiros perceberam o cotidiano soviético e também observou como foram recepcionados. Para Torres (2013), os autores de

46 Nessa situação, Antonio Bernardo Canellas, designado pelo PCB para participar do IV Congresso da Internacional, em novembro de 1922, foi o primeiro brasileiro a ter ido à URSS de que se tenha notícia (TORRES, 2013: 70). Podemos citar outros militantes que estiveram na Rússia: Heitor Ferreira Lima e Leôncio Basbaum, em 1928, e Astrogildo Pereira, em 1930.

47 Sylvia Saítta (2013) citou o caso de Rodolpho Ghioldi e Jose Penelón como exceções para o contexto dos militantes argentinos. No contexto brasileiro, tem-se Astrogildo Pereira, que publicou seu relato de viagem em 1935, *URSS Itália Brasil*.

maneira geral transmitiram uma visão limitada, comprometida com seus posicionamentos e restrita àquilo a que lhes foi permitido acesso. Por isso a maioria era muito focada na realidade do operariado urbano. Além disso, emitiram críticas à sociedade brasileira segundo a narrativa do que observaram na Rússia, principalmente Maurício de Medeiros, Cesar e Caio Prado Júnior (TORRES, 2013). Posteriormente, Torres trabalhou com relatos de viagem à URSS publicados por brasileiros nos anos 1950 e 1960. Em relação ao estudo anterior, há uma diferença substancial quantitativa. Nos anos 1930, cinco brasileiros lançaram livros de viagem à Rússia; após a Segunda Guerra, ela registrou 25 livros de viagem publicados por autores e editoras brasileiras durante os anos 1950 e sete livros de viagem de brasileiros na Rússia nos anos 1960-1963, ou seja, antes do Golpe Civil Militar de 1964. Apesar de essa ilustração ser significativa para análises voltadas para o contexto brasileiro, Torres chamou a atenção para não se associar diretamente a proporção de viagens realizadas entre cidadãos de um país à quantidade de livros de viagem que tivessem sido publicados lá em determinado período. Outros fatores interfeririam nessa “equação”. Torres se baseou em suas entrevistas realizadas com autores estrangeiros especialistas em relatos de viagem à Rússia para afirmar que houve muito mais franceses em visita à URSS na década de 1960 do que nos anos 1930, quando houve um *boom* de relatos de viagem à URSS publicados na França. A justificativa para essa disparidade seria uma certa saturação do gênero dos relatos de viagem à URSS e ainda o aparecimento de outros modelos de socialismo, na China (década de 1950) e em Cuba (década de 1960), que poderiam explicar a diminuição das publicações de viagem à URSS na França, nos Estados Unidos e no Reino Unido (TORRES, 2019: 20).⁴⁸ Não obstante, a realidade no Brasil foi diferente: é justamente nos anos 1950 e no início dos anos 1960 que se concentra a maior parte desse tipo de publicação pelos viajantes brasileiros que foram lançadas no Brasil.

Torres defendeu o uso de relatos de viagem como fonte e objeto de estudos na história, enfrentando essa variabilidade de narrativas por brasileiros e brasileiras. Ela considerou dividir seus autores em quatro tipologias por meio da análise de discurso e de comparações, além de cruzamentos com dados biográficos: comunistas, simpatizantes, não comunistas e não definidos (TORRES, 2019: 27).⁴⁹

48 Torres entrevistou Sophie Couéré, em Paris, em janeiro de 2018; e Martin Cornick, em Birmingham, também em janeiro de 2018. E ainda Tobias Rupprecht, no mesmo período, em Exeter (TORRES, 2019: 335).

49 Com base nessas tipologias, Torres contabilizou: 13 comunistas, 27 simpatizantes à URSS, cinco anticomunistas e nove viajantes não definidos, totalizando 33 relatos de viagem à URSS publicados no Brasil entre 1950 e 1963 (TORRES, 2019: 27).

Claudio Bertolli Filho, em artigo pioneiro, analisou relatos de viagem à União Soviética escritos por médicos brasileiros. A medicina soviética, segundo Bertolli Filho (1998), representava a ideia de ampla assistência aos cidadãos e de maior participação dos médicos na resolução dos problemas nacionais. Em geral, seria uma alternativa aos modelos do Instituto Pasteur e da Escola de Saúde Pública da Universidade de Johns Hopkins. Em relação à escola norte-americana, a medicina pública soviética seria um avanço em condições de superar problemas “organizacionais” e “funcionais” das propostas de saúde pública pasteuriana e norte-americana, excessivamente instrumentalizadas (BERTOLLI FILHO, 1998: 102). A medicina soviética é vista como uma das grandes estruturas da sociedade soviética, como parte importante para consolidação da sociedade nova. Para Bertolli Filho (1998), apesar de terem ocorrido dois momentos de abertura aos estrangeiros pela União Soviética, os relatos da década de 1930, em comparação com os daqueles que viajaram em 1953, são muito semelhantes (BERTOLLI FILHO, 1998: 107). Em comum, ele ressalta o fato de todos os médicos viajantes se declararem relatores da veracidade observada, imbuídos pelo caráter de neutralidade como um valor por meio do qual poderiam transmitir exatamente o que se viu e se viveu. Essa era uma influência positivista que também aparecia na atenção com que os autores trataram os dados das estatísticas que apresentaram em suas narrativas. Provavelmente eram dados encontrados nos folhetos divulgados pela VOKS e pela Intourist. Os médicos também teceram comentários sobre o papel da mulher na sociedade soviética e quanto à experiência de o aborto ser uma opção legal condicionada, principalmente, à decisão da mulher. Todos se mostraram perplexos quando comparavam a estrutura dos institutos de pesquisa soviéticos com os do Brasil – em comum, visitaram o Instituto de Fisiologia; de Higiene Social e o do Cérebro; a Maternidade e a Faculdade de Medicina (BERTOLLI FILHO, 1998: 116).

Edvaldo Sotana (2006) analisou os relatos de viagem de brasileiros à URSS, tais como os de Jorge Amado, Graciliano Ramos, Afonso Schmidt e Caio Prado Júnior, intelectuais que foram militantes ou simpáticos ao comunismo no período da Guerra Fria. Devido à variedade temática, Sotana priorizou os escritores que dissertaram sobre “Lênin”, “Stálin” e “Revolução Russa” em seus relatos. Ele considerou a “existência de estratégias narrativas utilizadas somente pelos militantes comunistas” (SOTANA, 2006: 227), conclusão alcançada por meio da comparação com “livros produzidos por viajantes de outras filiações políticas” (SOTANA, 2006: 227). Para ele, os viajantes comunistas partilhavam uma visão de mundo comum, um código de conduta, e foi essa visão que sobressaiu nas narrativas. Torres contestou a estratégia

de Sotana por diminuir a importância da própria viagem, uma vez que esses viajantes já dispunham de ideias e concepções acerca desses temas (TORRES, 2013: 51; 2019: 58).

Torres buscou valorizar a viagem desses atores e comparou as representações em suas narrativas que foram publicadas nas décadas de 1950-1960, tanto no âmbito do cotidiano soviético quanto no das menções feitas à realidade brasileira. Segundo ela, os relatos de viagem dos anos 1950 e 1960 realçaram ainda mais a passagem de transposição de fronteiras entre dois mundos separados pela “cortina de ferro”. As representações mobilizadas pelos autores nessas narrativas de viagem em perspectiva comparativa possibilitaram a Torres o exercício de propor uma classificação dos relatos com base em suas perspectivas ideológicas (TORRES, 2019).⁵⁰ Milton Lobato e Reinaldo Machado, por exemplo, autores de *Médicos brasileiros na URSS* (1955), e Raul Ribeiro da Silva, que publicou *A Rússia vista por um médico brasileiro* ([1956]), foram classificados como simpatizantes (TORRES, 2019: 80). Eles têm em comum dados positivos sobre a URSS, críticas à sociedade e à imprensa brasileiras em razão da maneira como a União Soviética era abordada, além de uma perspectiva otimista em relação ao futuro na “pátria do socialismo”; não se preocupam tanto com declarações de imparcialidade e defendem a retomada das relações diplomáticas com a URSS (TORRES, 2019: 80-82). O fim da VOKS em 1957 e sua absorção pela Intourist refletiu-se na circulação dos relatos de viagem à URSS no Brasil. Após 1956, a Intourist ampliou as capilaridades de seu turismo: sua postura passou a ser mais aberta a viajantes de todo credo político, tendo objetivos mais comerciais. Torres (2019: 328) verificou o maior número de relatos anticomunistas nos anos 1960, além de viagens de brasileiros que não tiveram custeio soviético.

Nosso estudo compreende a importância dos relatos de viagens à URSS escritos por brasileiros como prática política, intelectual e cultural. No entanto, entendemos que eles sejam parte de algo maior, constituíram-se como uma peça nessa engrenagem, eram projetos de divulgação sobre a URSS, com estrutura cultural e política comunista. Os relatos de viagem à União Soviética foram um suporte para divulgar a ideia de superioridade soviética ante o Ocidente em diversos assuntos e áreas. Mais especificamente, nos preocupamos com divulgações sobre a medicina soviética por brasileiros. Nos estudos sobre turismo em países socialistas, o limite entre o relato de viagem e as próprias viagens à URSS pode ser tênue, e eventualmente esses elementos se misturam. Também devemos estar atentos quanto ao fato de a divulgação da medicina soviética não ser a medicina soviética.

50 São as seguintes tipologias propostas pela autora: comunistas, anticomunistas, simpatizantes à URSS e não definidos.

Para Franco (2011), relatos de viagem variam de acordo com a época e a posição geográfica, profissional, social e política do autor. É bem conhecido pela historiografia o uso de relatos de viagens científicas de naturalistas europeus nos trópicos em que coletaram, descreveram e classificaram espécies da fauna e flora, além dos costumes e da vida cotidiana dos locais por onde passaram (FRANCO, 2011: 63).⁵¹ No entanto, os relatos de viagem a países socialistas diferem desses científicos do século XIX. Também se distinguem daqueles relatos de viagem do turismo burguês, típico do século XIX e início do século XX, que buscavam conhecimento sobre culturas consideradas “exóticas” estrangeiras. Constituíram-se como fenômeno do século XX, motivados pelo advento da cultura de massa da sociedade industrial, e aos poucos formaram sua própria tradição (STUDER, 2003). Os relatos de viagem a países socialistas se constituíram como escritos políticos. Tinham como objetivo descrever um país com sistema político diferente daqueles em que viviam (TORRES, 2013: 41), ainda que se reconheçam elementos herdados da narrativa da viagem científica, como a descrição daquilo que se viu de forma objetiva (TORRES, 2019: 328). Especificamente, adquiriram seu próprio sistema narrativo e referências. Uma passagem comum é a narração do cruzamento de fronteira. Sylvia Saítta (2007; 2013: 68) apresentou e organizou uma publicação com narrativas de viajantes argentinos que foram à União Soviética. Ela se refere a eles como relatos de viagem de esquerda, um fenômeno obviamente circunscrito ao século XX e um gênero que se internacionalizou quanto a sua forma de narrar: “há uma estrutura narrativa que se reitera de viajante a viajante”, seja qual for o país, com enunciações próprias da língua de origem; também haveria uma tensão entre a realidade internacionalizada que se descreve e aquelas realidades nacionais do viajante (SAÍTTA, 2013: 66). Como aspectos de similaridades e elementos comuns entre esses tipos de relato, há o momento da passagem pela fronteira, a avaliação na alfândega, a dificuldade com a língua e a presença dos intérpretes (SAÍTTA, 2013).

No ofício de historiadores, os relatos de viagem a países de regimes socialistas foram fonte e objeto de pesquisas, inspirados pela renovação que se deu no campo historiográfico em fins do século XX. A percepção da importância das trajetórias individuais na história, decorrente desse processo, trouxe novas perspectivas para os estudos sobre história política e da propaganda em regimes autoritários (diferente da chave da “manipulação”) e impulsionou a

51 A historiadora Stella Maris Scatena Franco destacou que o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), desde sua fundação, reservou uma seção de sua revista para divulgação de relatos de viajantes europeus sobre o Brasil, além de reconhecer que obras clássicas da historiografia brasileira se basearam nesse tipo de fonte. Franco, Stella Maris Scatena. *Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental*. Junqueira, Mary Anne, 2011, p. 63.

discussão sobre o uso de fontes biográficas e autobiográficas, da escrita ordinária por “gente comum”.

Por sua vez, a ideia de uma vida render uma história é datada. A escrita de si ou escrita autorreferencial surgiu com a noção de indivíduo moderno, datada do século XVIII, e tem seu auge no século XIX, sofrendo alterações no século XX, sobretudo com o advento da internet. Essa prática de escrita de si se relaciona com as transformações da sociedade ocidental que, antes pautada por uma lógica coletiva ou holista, passa por um processo longo e complexo que compreende a emergência da figura do indivíduo, o avanço na escolarização e o desenvolvimento da imprensa. Tal processo reflete o surgimento de uma cultura individualista e práticas culturais que impactam a produção de memória de homens comuns, ensejadas pelo desejo atribuir significado ao mundo de maneira articulada à própria vida (GOMES, 2004: 7-24). A viagem é um dos momentos da vida de uma pessoa que estimula a prática da escrita de si ou autobiográfica. Essa mudança espacial é concebida como um “período excepcional”, percebido como especial. A narrativa de viagem guarda uma relação com o espaço e com o tempo. O sujeito, ao narrar e descrever o que viu, busca reter o tempo, constituindo o próprio texto como um “lugar de memória” (GOMES, 2004: 18).⁵²

Rapidamente, os livros de viagem à Rússia se converteram em uma das fontes de informação mais importantes do período entreguerras; lidos por milhares de leitores, funcionaram como mediadores entre tratados da ciência política e o grande público por ser, precisamente, relatos em primeira pessoa de testemunhos diretos do que foi visto com seus próprios olhos. Nesse sentido, procedimentos do gênero permitiram dar conta de teorias políticas e posicionamentos ideológicos através da narração de experiência, que, como tal, lhe outorga um a mais na credibilidade ideológica de que careciam os textos de teoria política. Porque disso se trata: contar a verdade sobre a Revolução Russa, diferenciar-se assim tanto dos relatos apologéticos dos militantes comunistas, quanto das diversas versões promovidas pelas agências de notícias internacionais. A recepção e venda desses livros foram extremamente bem-sucedidas (SAÍTTA, 2013: 65).

Há de se concordar que existe uma real complexidade em se definir o relato de viagem, que não chega a ser uma autobiografia e não é, necessariamente, um gênero textual ou um estilo, nem simplesmente um relato memorial. Ele é desenvolvido com base em diversas tradições textuais e literárias. Relatos de viagem exigem um cuidado metodológico, pois, ao se constituírem como fontes de análise, deve-se estar atento para a multiplicidade de narrativas contextuais, subjetivas e objetivas.

⁵² Gomes, Ângela de Castro. Introdução. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004, p. 18.

Uma questão recorrente nos estudos sobre os relatos de viagem a países socialistas, a maior parte deles sobre a União Soviética, vem a ser a discussão acerca da capacidade crítica do narrador ante o regime. Primeiramente, precisamos considerar que essa era uma preocupação dos próprios sujeitos viajantes e narradores de sua experiência. Se o tema da bibliografia sobre os relatos de viagem (JUNQUEIRA, 2011: 51) indica que muitos dos viajantes se preocupam em declarar a veracidade de sua narrativa, a questão do testemunho nas narrativas de viagem à União Soviética tem esse aspecto ainda mais realçado. Diante do regime totalitário e da profusão de informações que circulavam no Ocidente a respeito da União Soviética, positivadas ou detratoras, os autores buscaram saber como os narradores comunicaram suas impressões sobre o sistema.

As chamadas “hospitalidade oficial” ou “técnicas de hospitalidade” foram termos cunhados respectivamente por Sylvia Margulies (1968) e Paul Hollander (1998), autores que ressaltam a ausência de reflexão crítica dos regimes comunistas por grande parte desses intelectuais ocidentais que foram uma espécie de “peregrinos políticos” (HOLLANDER, 1998). Os termos designavam o conjunto de medidas pensadas em influenciar positivamente a perspectiva do turista sobre a União Soviética, mas também visavam maior controle sobre ele, utilizando-se de investimento em tratamento especial, recepções e banquetes, publicidade, conforto nos hotéis, gentilezas, regalias, presentes, companhia constante de guias e intérpretes. Esse aparato, segundo Margulies (1968: 81), tinha como princípio “embotar o senso crítico dos visitantes e desviar suas atenções da ausência de oportunidades de penetrar abaixo da superfície”. Para Hollander, haveria dois aspectos quanto aos objetivos das técnicas de hospitalidade por parte dos agentes soviéticos: o enfoque no tratamento pessoal ao turista visando proporcionar sensações de conforto e bem-estar, fazendo com que se sinta importante; e a apresentação de uma realidade seletiva da União Soviética, destacando somente atrativos interessantes, embora o autor reconheça que nem sempre as agências tenham conseguido alcançar sucesso nesses objetivos (HOLLANDER, 1998: 18-19). Os guias intérpretes oferecidos pela VOKS desempenhariam um papel fundamental em tal estratégia (HOLLANDER, 1998: 22), ao contribuírem para o julgamento, positivo ou negativo, da sociedade visitada por meio das suas interações com os visitantes (HOLLANDER, 1998: 22-23).

Segundo Angela Kershaw (2006), o surgimento de tal fenômeno se deu na década de 1930 por esse período ter sido palco de crise e conflito ideológico na Europa, o que fez surgir muitos livros de viagem motivados pela curiosidade política dos viajantes (KERSHAW, 2006:

64). A autora, tendo estudado as narrativas de viagem de mulheres inglesas na União Soviética, mostrou que elas estavam conscientes dessas técnicas de controle em relação aos estrangeiros, que na década de 1930 eram bem conhecidas pela sociedade europeia. Entretanto, tal consciência da existência desses artifícios para seduzir não seria suficiente para afirmar que elas não teriam impacto sobre os visitantes (KERSHAW, 2006: 66). Ainda segundo Kershaw (2006), esses relatos de viagem devem ser tratados também como relatos sobre o próprio viajante e sua própria cultura.

Com a abertura dos arquivos soviéticos na década de 1990, a “peregrinação à Rússia” recebeu novas interpretações pela perspectiva histórica transnacional, como o caso de David-Fox (2002, 2012), que enfocou o período do Entreguerras, e o de Tobias Rupprecht (2015), mais preocupado em compreender o internacionalismo soviético após a morte de Stálin e sua relação com nações latino-americanas.

A perspectiva transnacional de David-Fox o levou a pensar sobre as interfaces das ações da diplomacia cultural e das aspirações internacionais da URSS, durante o período Entreguerras, em relação à política interna e na conformação dos projetos nacionais soviéticos (DAVID-FOX, 2002, 2012). Segundo ele, “a relação com visitantes do ocidente e da Europa Central envolve mais diretamente a ascensão da diplomacia cultural soviética e a cruzada comunista no Entreguerras para inverter o velho discurso do atraso russo” (DAVID-FOX, 2012: 10). Para esse autor, a perspectiva histórica implica compreender que as noções de superioridade e de inferioridade são representações da relação entre a Rússia e o Ocidente ao longo de três séculos e moldaram a própria ideia de Rússia e a ideia de Europa. Entretanto, a Revolução de 1917 reforçou ainda mais tal dinâmica, produzindo uma radicalização dessa dualidade, em um equilíbrio entre rejeição e imitação que constituía uma díade Rússia e Ocidente. Segundo David-Fox, a revolução bolchevique aspirava não apenas alcançar, mas superar os países industrialmente avançados em direção a uma nova modernidade (DAVID-FOX, 2012: 9).

No período da Guerra Fria, viajantes latino-americanos sobressaíram como protagonistas do internacionalismo cultural soviético, sobretudo após a morte de Stálin. Nesse intercâmbio, as ideias do estereótipo de nação “exótica” e do desenvolvimento tardio causado pelo imperialismo norte-americano foram exploradas como elemento de aproximação entre a URSS e a América Latina (RUPPRECHT, 2015: 131-132). Segundo Rupprecht (2015), o período de abertura é fundamental para se compreenderem as relações da União Soviética pós-Stálin, a qual retomou o internacionalismo dos bolcheviques, mas com uma releitura renovada

da sua versão socialista leninista dos anos 1920 e 1930. Os governantes soviéticos, nesse período, apresentaram um tipo de internacionalismo cultural mais interessado em promover intercâmbios entre artistas e intelectuais. Nesse cenário, a América Latina, complementou Rupprecht (2015: 19), se tornou, ao longo dos anos 1950 e início de 1960, um foco dessa estratégia soviética de disseminar seu modelo de sociedade. Em comum, tinham a União Soviética e a América Latina o estereótipo de nação “exótica” e de Terceiro Mundo, além do atraso como marca do processo de desenvolvimento, causado pelos Estados Unidos e suas políticas imperialistas (RUPPRECHT, 2015: 131-132). O autor analisou muitos desses relatos publicados e percebeu que a leitura de viajantes europeus era bastante distinta da dos viajantes latino-americanos, principalmente daqueles que não advinham de classes abastadas (RUPPRECHT, 2015: 134).

Jaime Ortega (2020) analisou relatos de viagens escritos por mexicanos que visitaram a China comunista principalmente na década de 1960. É interessante observar que o que unia essas pessoas era menos seus posicionamentos político-ideológico de esquerda e mais a noção de orientalismo vermelho que se inspirou na categoria de orientalismo periférico, proposta por Taboada (1999). Nesse sentido, Jaime Ortega (2020) e Rupprecht (2015) dialogam sobre o interesse dos latino-americanos por União Soviética e China (no caso de Ortega) pela via da noção de Terceiro Mundo, conjugada com a perspectiva do socialismo como uma condição de diminuição das desigualdades sociais e como um papel ativo do Estado na provisão de serviços públicos e proteção social.

A partir de 1953, houve uma releitura de ideais do internacionalismo leninista da década de 1920 e do início dos anos 1930, com o impacto de um novo internacionalismo cultural. Esse internacionalismo influenciou tanto a reconstrução soviética pós-Stálin quanto os projetos de desenvolvimento dos países latino-americanos, causando impacto tanto interna quanto externamente (RUPPRECHT, 2015: 20-21). Nesse cenário, a União Soviética investiu nas relações com a América Latina. Além das especificidades nacionais e regionais, era possível tratar dos viajantes latino-americanos compartilhando um discurso em comum entre intelectuais latino-americanos na URSS. De maneira geral, baseavam-se no compartilhamento de uma perspectiva anti-imperialista arraigada coletivamente como uma herança revolucionária, que era reivindicada em razão do passado em guerra contra os colonizadores nas Américas (RUPPRECHT, 2015: 142-143).

Para Rupprecht (2011), o internacionalismo soviético após Stálin vai contra a ideia de que a abertura teria afetado valores soviéticos em consequência do processo de ocidentalização.

Ao contrário, a abordagem internacionalista redefiniu a política de divulgar a ideia da modernidade soviética como um modelo.

Endossado politicamente, o internacionalismo abriu espaços de interação que foram além do controle estatal, mas contatos com representantes do Terceiro Mundo mais confirmaram a autoimagem soviética oficial para o mundo do que a atacaram. Eles confirmavam a ostensiva superioridade do sistema soviético – moralmente superior ao ocidente, economicamente, tecnológica e culturalmente acima do resto do mundo (RUPPRECHT, 2011: 285).⁵³

O internacionalismo soviético era mais do que uma interação: era uma política que cumpria um papel importante internamente. Além disso, traz possibilidades de se pensar a relação entre URSS e América Latina na Guerra Fria. Segundo Rupprecht, intelectuais latino-americanos participaram não de maneira complacente, apenas obedecendo a ordens executivas, mas ativamente e confiantes nos programas e oportunidades de intercâmbio soviético imbuídos do espírito internacionalista (RUPPRECHT, 2011: 287).

1.5 Guerra Fria Cultural e cultura política comunista internacional

A década de 1950 foi marcada pelo clima de tensão que se estabelecia com a Guerra Fria e com a perseguição e repressão anticomunista no Ocidente,⁵⁴ um cenário comum a toda a América Latina. Governos latino-americanos aderiram ao discurso dos Estados Unidos, que, internamente, experimentavam intensa perseguição aos comunistas e defensores de direitos civis, especialmente durante o macarthismo (1950-1957).⁵⁵ Em nome da guerra ao comunismo, governantes latino-americanos justificaram perseguições a seus próprios cidadãos como

53 Tradução livre de: “Politically endorsed internationalism had opened up spaces of interaction that went beyond the control of the state, but contacts with representatives from the Third World did more to confirm the official Soviet self-image in the world than to undermine it. They confirmed the ostensible superiority of the Soviet system – morally over the West, economically, technologically and culturally over the rest of the world”.

54 O período concernente ao conflito geralmente é atribuído ao ano de 1945 pelas explosões atômicas durante a Segunda Guerra Mundial ou ao ano de 1947, quando fica clara a oposição dos EUA à URSS, até a queda do muro de Berlim e o fim da União Soviética em 1989. Ao longo desses anos, houve alguns níveis de tensões: muito alta no início, foi se afrouxando com o início dos anos 1960, até novamente haver um clima maior de acirramento nos anos 1980, com o qual se chegou ao fim da União Soviética.

55 O termo macarthismo é uma derivação de Joseph McCarthy, senador republicano norte-americano, que empreendeu uma espécie de “caça às bruxas”, perseguição intensa a comunistas ou suspeitos de práticas políticas relacionadas a ideias progressistas, de esquerda ou de simpatia a valores soviéticos.

estratégia de manutenção no poder (GILBERT, 2008: 5). Os conflitos locais, muitos deles tendo origem de longa data, foram reconfigurados segundo a lógica da bipolaridade e assim receberam inspiração e apoio material externos (GILBERT, 2008: 5).

A maior parte dos estudos históricos que tratam da América Latina na Guerra Fria se centrou na Revolução Cubana (1959) e na subsequente Crise dos Mísseis (1962). Não obstante a importância dessa revolução no impacto das ações de norte-americanas e soviéticas, a Guerra Fria na América Latina não se resume à experiência cubana. Apesar da complexidade em delimitar o conceito de Guerra Fria, é inegável sua importância para compreender a história contemporânea do século XX. A amplitude do tema, capaz de absorver diferentes realidades locais, não invalida o uso do termo. Em se tratando de regiões da América Latina, autores atentam para que a Guerra Fria se revelou mais “quente”, sendo marcada por golpes de Estado, ditaduras, revoluções, violências e abusos de autoridade (GILBERT, 2008: 3).

Para Westad, a Guerra Fria teria conexões diretas e indiretas com os processos de descolonização e das revoluções que ocorreram nos limites dos países chamados de Terceiro Mundo (WESTAD, 2007: 396). Ou seja, a territorialidade da Guerra Fria é internacional, daí o título do estudo de Odd Arno Westad (2007), “The global Cold War”, no qual atenta para que os aspectos mais importantes a serem salientados não seriam estratégico-militares, nem centrados na Europa – referências que pautaram as análises tradicionais sobre o conflito. Esses estudos clássicos reduziam o evento a sua origem (a seus anos iniciais), a fatores que serviram como desencadeadores do conflito ou a seu desfecho: se houve vencedor e a qual potência caberia os louros dessa vitória (GILBERT, 2008: 10). Segundo Elidor Mëhilli (2014), essa perspectiva negligencia outros tipos de tecnologias que interferiram na dinâmica do conflito.

Além da corrida armamentista, outra disputa se dava entre EUA e URSS: por bens de consumo e padrão de vida (MËHILLI, 2014: 292). Por trás da rivalidade da vida mundana dos artefatos de consumo de massa, aparelhos de cozinha e televisivos estariam “aspirações por uma vida melhor, compartilhadas por milhares no mundo e da busca por prestígio internacional e modernização” (MËHILLI, 2014: 292). Com a ciência não seria diferente. É possível que imediatamente pensemos nos elementos da *Big Science*, mas é importante considerar que todas as disciplinas científicas foram impactadas pelo clima de disputa entre capitalismo e comunismo (POLLOCK, 2006).

A presente tese se inspira nessa discussão que privilegia aspectos da cultura política do período, preocupada em contemplar a complexidade da Guerra Fria para além de uma disputa bilateral. Um dos termos que localiza o debate é o de Guerra Fria Cultural. Mais do que um

campo definido, a perspectiva da Guerra Fria Cultural é um modo de enquadramento para uma multiplicidade de problemas e desafios que se apresentam na mesma medida em que se aprofundam estudos de casos nacionais e locais. Tal perspectiva nos permite ampliar os atores que participaram do conflito, por meio da ideia de que a Guerra Fria politizou e internacionalizou a vida de pessoas comuns (GILBERT, 2008; PIEPER; LANZA, 2013: 5). Não apenas políticos, agentes secretos, empresários, financistas, generais; também intelectuais, artistas, editores, diretores de jornais e revistas populares e culturais, professores e outros produtores culturais são mobilizados (CALANDRA; FRANCO, 2012: 11).

Em referência à recém-ampliação de estudos históricos que tratam da relação do comunismo e intelectuais dos anos 1950 em diante e que vem ocupando lacunas quanto ao tema e período, Petra, García e Martirén (2021: 35-36) salientam que a análise dos circuitos comunistas muda de acordo com o ator que se privilegie. Para eles, “não é a mesma conjuntura nacional e organização internacional para um delegado fabril e para um cientista” (PETRA; GARCÍA; MARTIRÉN: 36). Contudo, há um ponto comum característico à cultura política das esquerdas: “a constante preocupação com a educação dos seus militantes e a internacionalização de suas práticas”, o que se deve a um processo de intelectualização da política (PETRA; GARCÍA; MARTIRÉN: 36).

Aqui se compreendem cultura e ciência como parte inexoravelmente constitutiva dessa disputa global. Assim, este trabalho vai tratar de parte da Guerra Fria Cultural, ajustando o foco para observar o caso da saúde pública e medicina. Um dos aspectos da diplomacia cultural na URSS se voltava para o estabelecimento de intercâmbio de saberes no campo da medicina. A divulgação das teses e das técnicas nos moldes soviéticos para os médicos brasileiros, foi realizada por alguns médicos e militantes comunistas.

O processo de internacionalização da cultura e dos intelectuais é um fenômeno que adveio após a Segunda Guerra Mundial e acompanhou toda a Guerra Fria em sua complexidade: “não há como tratar da Guerra Fria Cultural sem remeter à internacionalização dos sujeitos sociais e políticos” (RIDENTI, 2022: 5). Ridenti entende que a internacionalização não é sinônimo de circulação internacional, uma vez que não prescinde necessariamente da circulação dos sujeitos entre os países, remetendo-se a estudos que analisaram a presença de professores universitários norte-americanos europeus na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP) sem que os alunos e outros colegas circulassem (RIDENTI, 2022: 5). O mesmo pode ser aplicado no caso da Guerra Fria: a circulação de pessoas, mercadorias e ideias não se dissocia do contexto social e político. Segundo Marcelo Ridenti (2022: 5), “tanto do lado norte-

americano quanto do soviético vários intelectuais – em suas vidas e em suas obras – participaram ativamente da disputa das grandes potências, apesar de não estarem a par de todos os fatos e de não dominarem todas as regras do jogo”. É interessante observar que “redes internacionais poderosas de difusão” foram organizadas de ambos os lados.

Do lado da União Soviética, destaca-se o Movimento Mundial pela Paz, ligado à estrutura do PCUS, embora não limitado ao Partido – assim como do lado norte-americano houve o Congresso para a Liberdade da Cultura, que anos depois se constatou ter sido financiado pela Central Intelligence Agency (CIA), a agência norte-americana de inteligência. São movimentos que capturaram ativamente os intelectuais, inclusive os latino-americanos (IBER, 2015). O escritor Jorge Amado foi um dos mais ativos brasileiros no movimento da luta pela paz, tendo ocupado o cargo de diretor de um dos escritórios do Conselho Mundial da Paz. Com isso, suas obras receberam boa repercussão internacional, foram traduzidas em diversas línguas e se tornaram bastante populares na União Soviética (RUPPRECHT, 2011: 143; 150).

São várias as iniciativas intelectuais relacionadas a esse fenômeno. Por exemplo: viagens, eventos como conferências e festivais, movimentos, associações, revistas especializadas na imprensa, cinema, arte e intercâmbios estudantis – algo que vem recebendo atenção maior dos pesquisadores mais recentemente. Nesse processo se evidencia a importância da ideia de Terceiro Mundo, que abrangia os países ao sul e periféricos, e das lutas de libertação nacional, o que fez com que se estabelecessem relações entre eles, “envolvendo também aspectos culturais, intercâmbios e viagens que merecem ser estudados” (RIDENTI, 2022: 9).

Diferentemente do tipo de abordagem que foi levada em consideração por Hollander (1998) e Margulies (1968), já referidos, que analisaram os relatos de viagem de intelectuais ocidentais à União Soviética e a outros países socialistas (no caso de Hollander), Ridenti (2022) evitou julgar esses intelectuais.

Não se trata de fazer julgamento moral ou de qualquer ordem sobre esses sujeitos, mas de compreender aspectos de sua inserção no contexto da Guerra Fria, o que envolve sobretudo sua ligação com a política e as lutas sociais nos anos 1950 e 1960, no turbilhão de um processo acelerado de modernização e internacionalização das propostas de desenvolvimento. Lido sob a lente da estrutura social, esse processo gerou classes médias intelectualizadas, a transitar entre o paraíso dos círculos de poder da Guerra Fria e o inferno reservado aos inimigos. Estrutura que se encarnou na vida de personagens dessa história, negociando dentro daquelas circunstâncias, equilibrando-se na corda bamba para realizar seus projetos de integração, mudança ou revolução (RIDENTI, 2022: 10).

Ridenti analisou três cenários relativos às décadas de 1950 e 1960 que evidenciaram a dinâmica de internacionalização com brasileiros no contexto da Guerra Fria Cultural. Trata-se de um período pujante quanto a propostas de desenvolvimento em um contexto de modernização: a trajetória de Jorge Amado e de outros escritores latino-americanos em exílio e suas adesões a manifestações culturais comunistas, tais como movimento dos partidários pela paz e projetos editoriais; os membros da revista *Cadernos Brasileiros*; a Associação Universitária Interamericana, que distribuiu bolsas de estudo em universidades nos Estados Unidos. Estes dois últimos são relacionados com o Congresso pela Liberdade da Cultura, movimento organizado com financiamento norte-americano. Já a passagem de Jorge Amado por Paris, fugindo da perseguição anticomunista do fim dos anos 1940, e sua relação com os camaradas têm similitudes interessantes com nossa pesquisa.

Marcelo Ridenti ressaltou o papel das viagens, dos periódicos e, não menos importante, dos laços afetivos e sociais travados entre escritores comunistas que, no período pós-Segunda Guerra, serviram para fortalecer uma rede transnacional de solidariedade para além da Guerra Fria. Esse autor usou a imagem das peças estrategicamente movidas num jogo de tabuleiro de modo a pensar nesses sujeitos que se equilibravam entre relações de força das superpotências enquanto também se organizavam para construir seus campos intelectuais e profissionais. Eles não tiveram poder na imposição das regras do jogo, sequer tiveram consciência de todas elas, mas isso não quer dizer que esses intelectuais tenham sido manipulados (RIDENTI, 2022: 16). Mas também não podemos considerar que a produção de um sujeito militante ou simpatizante do comunismo fosse puramente um cálculo estratégico frio e racional para galgar vantagens proporcionadas pela rede. Existe uma interface utópica que é alimento da prática militante comunista e faz parte da constituição de sua moral e ética: o fato de se indignar contra as condições do capitalismo e do imperialismo expressadas política e culturalmente (RIDENTI, 2022: 56). Esse equilíbrio entre busca por prestígio, poder, reconhecimento e as também demonstrava a desvantagens de publicizar a opção política em sociedades conservadoras capacidade de se lidar com preconceitos arraigados anticomunistas e também com uma certa limitação quanto à disciplina e à obediência envolvidas na militância (RIDENTI, 2022: 58).

Em diversos momentos, pode-se constatar um alinhamento de questões nacionalistas com a doutrina do PCB. Apesar de Ridenti (2022) ter se debruçado sobre a experiência do exílio em Paris de escritores latino-americanos, entre os quais o brasileiro Jorge Amado, e o desenvolvimento da rede internacional comunista, podemos associar algumas das questões mobilizadas por ele aos médicos comunistas. A valorização das culturas nacionais ante a

necessidade de se responder às ofensivas do imperialismo norte-americano encontrou respaldo na cultura política comunista – tanto com o Partido Comunista Francês (PCF) quanto com a diplomacia soviética que visava boas relações com intelectuais de países latino-americanos (RIDENTI, 2022: 62; RUPPRECHT, 2011).

Intelectuais e artistas em exílio na França no período seguinte ao fim da Segunda Guerra Mundial até a primeira metade da década de 1950 desempenharam um papel fundamental para a configuração da ideia de Terceiro Mundo, pois “viriam a ganhar força na América Latina, sobretudo após a vitória da Revolução Cubana” na década de 1960 (RIDENTI, 2022: 64).

No entanto, Ridenti também colocou em perspectiva os ganhos que intelectuais latino-americanos alcançavam ao participarem da militância, firmando-se em suas áreas de atuação. Um ponto considerável na questão de participar dessa rede seria o dilema causado por testemunharem “perseguições a militantes dissidentes em escala internacional” (RIDENTI, 2022: 64). Outro ponto seria que a posição que esses intelectuais comunistas assumiam nessa rede internacional era desigual. Eles “se inseriram como reprodutores do pensamento e da política produzida no centro, não como formuladores originais”, e assim acabavam reproduzindo relações do tipo centro-periferia típicas das relações entre pensadores latino-americanos e centros europeus (RIDENTI, 2022: 64).

1.6. Por que medicina soviética?

Após a Revolução de 1917, a medicina soviética se constituiu de tal forma que ficou associada à identidade da medicina preventiva, providenciada pelo Estado, guiada por uma filosofia de acesso universal e que estabeleceu relações entre doença e problemas sociais (SOLOMON, 2000: 411).

Ao lidar com o “mundo externo”, o Comissariado de Saúde Pública e seus pesquisadores atuaram como embaixadores para a “nova” saúde pública soviética. Até o momento, se tornou conhecimento convencional que o sistema de saúde pública soviético no início dos anos 1920 estava ancorado nos princípios de cuidados sob financiamento estatal, direito universal e medicina preventiva. (...) Os arquitetos do novo regime estavam comprometidos em integrar prevenção e cura e em compreender saúde e doença primeiramente como fenômeno social (SOLOMON, 2000: 411).

Essa perspectiva de saúde se situava como oposta àquela desenvolvida pelos Estados Unidos. Conhecida por agregar médicos tanto públicos como privados, o sistema de saúde norte-americano tinha como marca sua rica rede de hospitais e a realização de programas

verticais, isto é, centralizados, do tipo que não contempla participação dos agentes envolvidos, que enfocavam doenças específicas.

A medicina e a saúde pública foram convocadas para a formação do Estado Soviético, como em qualquer outro país em processo de modernização. Ampliando tendências globais, coube à medicina do novo regime tratar da regulação de problemas sociais de forte conotação moral ou estética – sexualidade, criminalidade, educação física (BERNSTEIN; BURTON; HALEY, 2010: 8).

A participação da saúde pública e da medicina nos projetos de *state-building* foi divulgada e projetada por narrativas de viagens de ocidentais a seus respectivos países, assim contribuíram para moldar representações de antes e depois da Revolução de 1917 na Rússia soviética (BERNSTEIN; BURTON; HALEY, 2010: 14). A ciência e a medicina participaram em conjunto do projeto de industrialização stalinista nos anos 1930, e muitos indicadores demonstram que houve melhorias para a sociedade soviética (BERNSTEIN; BURTON; HALEY, 2010: 7). No entanto, esses autores lembram que a situação econômica da Rússia nesse alvorecer dos anos 1930 não permitiria mais do que o desenvolvimento de alguns projetos emblemáticos (*flagship projects*) como experimentos sob o direcionamento dos valores socialistas (BERNSTEIN; BURTON; HALEY, 2010: 11). Esses experimentos seriam “instituições-mostruário” que atraíram visitantes e especialistas estrangeiros. Tais viajantes desempenharam um importante papel na conformação de visões do Ocidente sobre o processo de medicalização soviético (BERNSTEIN; BURTON; HALEY, 2010: 11).

Há um debate acerca de o processo de medicalização soviético não poder ser comparável a qualquer outra nação sob transformações da modernidade, uma vez que o Estado Soviético era ao mesmo tempo “o padrão e o cliente de todos os médicos soviéticos” (SOLOMON; HUTCHINSON *apud* BERNSTEIN; BURTON; HALEY, 2010: 13).⁵⁶ Entretanto, como em outros contextos similares a um Estado liberal europeu, o processo de medicalização “não foi exclusivo e frequentemente tomou formas inesperadas” (BERNSTEIN; BURTON; HALEY, 2010: 14). Ou seja: não se deu sem conflitos. No caso do contexto inicial do Estado soviético, para os bolcheviques todos os médicos formados no regime anterior seriam suspeitos de “especialistas burgueses”. Mas haveria um legado de tradição “progressista” da *intelligentsia* russa que interessava ao discurso de construção do socialismo. Nesse sentido, os médicos, professores e agrônomos seriam campos profissionais que se alinhariam aos objetivos do

⁵⁶ Os autores se referem a Solomon, Susan Gross e Hutchinson, John F. *Health and revolutionary Russia*. Indiana University Press, 1990.

Estado soviético. A questão a perseguir seria procurar saber em como se dá essa participação (BERNSTEIN; BURTON; HALEY, 2010: 15).

A relação da ciência e Estado após a Revolução de 1917 era simbiótica. Cada qual mantinha esforços para conquistar seus interesses um do outro: “o Estado providenciava recursos e alto prestígio público; a comunidade científica oferecia ao estado conhecimento especializado e legitimidade na indústria, agricultura e medicina” (KREMENTSOV, 1997: 4).

A cultura profissional da comunidade científica soviética claramente refletia sua simbiose com o Estado; cientistas adotaram a retórica, etiqueta e estilos críticos da burocracia do Partido, habilidosamente nutrindo e explorando as imagens e crenças de seu patrão e parceiro para buscar seus próprios objetivos intelectuais, institucionais e de carreira. Para justificar e legitimar seus próprios interesses, cientistas incorporaram pronunciamentos partidários para suas próprias linguagens e empregaram a retórica do Partido para traduzir suas próprias teorias esotéricas para a linguagem de seus patrões. Eles adotaram o estilo militante das lutas internas partidárias em seus ensaios e discursos, e usaram isso em suas disputas com seus competidores. Eles abraçaram uma etiqueta peculiar do Partido e exibiram obediência e submissão a seus patrões em numerosos rituais, esforçando-se ao mesmo tempo para manterem suas próprias autoridades sobre seus empreendimentos. Eles jogaram jogos intrincados e realizaram cerimônias enigmáticas para melhorar as relações com seu patrono e promover suas ideias e expandir suas disciplinas (KREMENTSOV, 1997: 6).

Tendo surgido na década de 1930, a ciência stalinista foi consolidada e fortalecida durante a Guerra Fria (KREMENTSOV, 1997: 9). Na construção do “novo mundo”, os bolcheviques reservaram à ciência um papel de destaque. Esse ideal tecnocrático, visando a um futuro associado a demandas econômicas urgentes, definiu um duplo movimento político dos bolcheviques em torno da ciência durante a década de 1920. Enquanto se esforçavam para cooptar a comunidade científica “burguesa” existente, procuravam “preparar seus próprios quadros científicos ‘proletários’” (KREMENTSOV, 1997: 17).

Embora a ciência stalinista tenha afetado todas as disciplinas científicas soviéticas, a dinâmica não se deu do mesmo modo, ou seja, as áreas científicas russas durante o governo de Stálin apresentaram similitudes e diferenças no interior desse sistema, que produzia essas diferenças (KREMENTSOV, 1997: 8). Dessa maneira, o termo ciência stalinista não diz respeito a um bloco homogêneo; pelo contrário, se constitui como um campo mediado por estruturas formais e não formais delineadas pelo equilíbrio entre tensões e alianças de subgrupos, cada qual tendo seus representantes no Estado soviético (KREMENTSOV, 1997: 5).

Krementsov foca seu interesse no campo da genética, por meio do caso Lyssenko, como exemplar da simbiose entre ciência e Estado. Em 1948, a partir da Conferência da Academia de Ciências Agrícolas (VASKhNIL), a controvérsia entre mendelistas e mitchurinistas se tornou o cenário que serviu de pretexto para abranger toda a ciência soviética numa batalha contra a ciência ocidental. A perseguição a representantes da genética e da psicanálise na União Soviética se relaciona com a emergência da ciência stalinista. Como um dos mais representativos trabalhos sobre o tema, Nikolai Krementsov (1997) buscou analisar a ciência stalinista pela lente da nova história das ciências. Com isso, ele se afastaria de interpretações da ciência russa como exótica para buscar compreender diferenças e similitudes com a ciência ocidental, que se estabeleceram por meio da interação entre suas instituições, especialistas, seus interesses representados coletivamente em grupos e entre redes nas duas instâncias (KREMENTSOV, 1997: 3).

Após o término da Segunda Guerra Mundial até a data de sua morte, em março de 1953, Stálin interveio diretamente em diversas contendas próprias dos campos científicos. Pollock tratou de analisar como os elementos da ciência stalinista impactaram algumas disciplinas, com base em seis conferências científicas realizadas nas áreas da genética, filosofia, física, linguística e fisiologia. Esses eventos foram organizados por lideranças partidárias e cientistas visando à conjugação de “ideologia” e ciências soviéticas para a resolução de controvérsias científicas (POLLOCK, 2006: 8). Na fisiologia e na medicina, a figura de Ivan Pavlov foi consagrada como um cientista herói soviético, porta-voz da ciência materialista, renomado internacionalmente.

A ciência stalinista “pavlovizou” a fisiologia pelo menos desde o início dos anos 1930, mas foi nos anos 1950 que se fortaleceu como um conjunto retórico, forjando uma relação entre Mitchurin e Pavlov, em especial a respeito de uma parte um tanto obscura dos postulados deste último a respeito dos reflexos condicionados e da transformação em incondicionado. Em suma, isso significaria a defesa da possibilidade da herança dos caracteres adquiridos indo de encontro da tese de Mitchurin.

Uma abordagem da ciência soviética como prática social tende a valorizar a agência dos sujeitos envolvidos. Entretanto, a preocupação do autor era compreender a “máquina” da ciência stalinista, o que era, como atuava. Não havia interesse em como esse sistema afetou trajetórias específicas, nem como os indivíduos desempenharam seus papéis. O trabalho de Krementsov, que enfrentou os recém-abertos arquivos soviéticos, viabilizou uma frente de pesquisas históricas e se mantém como referência incontornável nessa temática.

Assim como o tema da medicina social gerou controvérsias na definição de seu sentido na arena da saúde internacional dos anos 1930, lembrando figuras representativas como o sanitarista belga René Sand (1877-1953) e o iugoslavo Andrija Stampar (1888-1958) (ZYLBERMAN, 2004), o termo medicina socializada também deu margem à polifonia. Conforme as epidemias foram diminuindo no Ocidente, as atenções voltaram-se para problemas abarcados pelo campo da medicina social: mortalidade infantil, tuberculose, “doenças venéreas” e desnutrição. Segundo Zylberman (2004: 92), a ideia de medicina social na Europa se propagou em associação ao marxismo até a emergência das políticas de bem-estar social após a Segunda Guerra Mundial.

Para Sand, a medicina socializada era de perspectiva internacionalista, enquanto Stampar projetou avanços consideráveis na Iugoslávia em termos de prevenção e saúde rural com sua concepção populista e nacionalista de medicina social, graças a uma combinação de políticas de saúde e políticas no campo (reforma agrária, educação rural, reforma de habitações rurais) (ZYLBERMAN, 2004: 92). Logo após o fim da Segunda Guerra, Sand afirmou que medicina social nada tinha a ver com medicina socializada. Até aquele momento, desde pelo menos os anos 1920, medicina social e medicina socializada seriam termos mais fluidos, difíceis de se precisar com distinção (ZYLBERMAN, 2004: 90). Apesar das variadas possibilidades de sentido, toda noção de medicina social tem em si uma posição crítica da clínica médica e uma reavaliação da formação médica (ZYLBERMAN, 2004: 89).

A mesma preocupação quanto à conceituação de termos como “medicina social”, “medicina socializada” e “sociologia da medicina” se abateu sobre Gilberto Freyre, conforme observado em seus textos, que depois formaram a publicação *Sociologia da Medicina*, um conjunto de escritos ensaísticos, resultado de notas para aulas ministradas na Faculdade de Medicina do Recife, na Universidade de São Paulo e no exterior (Califórnia e Estocolmo).⁵⁷ Na busca de definir a necessidade de o médico estar consciente de sua função social, assim como a de estar apto a reconhecer circunstâncias sociais relacionadas aos problemas de saúde no Brasil e no mundo, Freyre se preocupou em esclarecer que tal abordagem não teria nada a ver com a socialista. Ele receava o “sectarismo ideológico” que teria levado a cenários indesejáveis de extremismo que deformariam a função social da medicina. Para efeito de exemplificar tal “sectarismo ideológico”, referiu-se a um artigo que denunciou as acusações a disciplinas

57 Freyre, Gilberto. *Sociologia da Medicina*. São Paulo: É Realizações, 2009. A 1ª edição data de 1967, lançada pela Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. A 2ª edição foi italiana, e a 1ª edição brasileira foi em 1983, pela editora Globo, com o título *Médicos, doentes e contextos sociais*. Em 2004, a Editora UnB lançou a obra com o título original.

científicas de serem idealistas, ou seja, não materialistas – principalmente nos campos da genética e da psicanálise (FREYRE, 2009: 89).⁵⁸

Daí vir resultando na União Soviética uma medicina, até certo ponto, social, é certo; mas apenas o social que corresponde à ideologia ali institucionalizada; sem nenhuma orientação sociológica que dê caráter humanístico-científico ao desenvolvimento de suas aplicações a situações sociais. Situações que, em sua dinâmica, nem sempre correspondem à ideologia estaticamente institucionalizada naquela União.

É uma ciência médica, a russo-soviética, a que não faltam especialistas notáveis em setores apenas médicos, cientificamente ou tecnicamente médicos; mas cuja criatividade, naqueles aspectos que envolvam relações da medicina com a sociedade, tem sido, desde Pavlov, de tal modo reduzida que, pela sua esterilidade nesse setor, constitui exemplo da falta que faz ao médico uma orientação dinamicamente sociológica (FREYRE, 2009: 89-90).

Freyre citou a medicina soviética num contexto em que atentava quanto à burocratização da medicina e saúde pública, o que, segundo ele, poderia levar a uniformizar assistência e serviços a tal ponto de não serem consideradas diferenças qualitativas importantes que não se traduzissem em números e estatísticas.

Esse caldo sobre o que viria ser a medicina social estava no debate dos médicos comunistas dos anos 1950, preocupados com a valorização da função social dos médicos, por exemplo.

58 Gilberto Freyre (2009: 89) referiu-se ao artigo de Leopold Lahedz relacionando tecnologia e totalitarismo, que era um dos capítulos de uma obra coletiva organizada por Glencoe em 1962, *The sociology of Science, the role and responsibilities of the scientist, discussed of a social phenomenon*.

Capítulo 2 - Viajantes médicos no país do comunismo: relatos de viagens de médicos brasileiros na União Soviética no Entreguerras e no Pós-Guerra

Neste capítulo, trataremos de relatos de viagem escritos por médicos brasileiros que estiveram na União Soviética em momentos distintos. Escolhemos dois livros de viagem à Rússia publicados no início da década de 1930: *Rússia*, de Maurício Campos de Medeiros (1885-1966), de 1931; e *Onde o proletariado dirige...: visão panorâmica da Rússia*, de Osório Thaumaturgo César (1895-1979), de 1932. Outros dois livros publicados na década de 1950 também serão analisados: *Médicos brasileiros na União Soviética*, de Milton José Lobato (1921-2004) e Reinaldo Machado (1909-[?]), publicado em 1955; e *A Rússia vista por um médico brasileiro*, de Raul Ribeiro da Silva, lançado em 1956.

Relatos de viagem à União Soviética se tornaram um fenômeno entre leitores ocidentais em diversos momentos do século XX. No Brasil, pode-se considerar que se tornou um “filão editorial” (MOTTA, 2005: 358) no mercado de livros, isto é, “um gênero literário que iria frutificar por muitas décadas: relatos de viagens aos países socialistas” (MOTTA, 2006: 137). Assim como o livro sobre as viagens de Marco Polo no século XIII animou gerações de leitores ávidos pelas aventuras do navegador que apresentou novos mundos aos europeus, as viagens à

Rússia após a revolução socialista representaram o mundo novo para leitores do século XX.⁵⁹ Desde John Reed,⁶⁰ militante e jornalista norte-americano que narrou diretamente de Leningrado a revolução de outubro de 1917 no livro-reportagem *Dez dias que abalaram o mundo*,⁶¹ hoje um clássico, que ocidentais escrevem suas impressões sobre a União Soviética. A diferença com os livros a serem analisados é o contexto do olhar e o sujeito que relata as transformações da sociedade que resultou da Revolução Bolchevique. Olhares de ocidentais estiveram atentos para o “grande experimento socialista” da modernidade socialista num momento em que estavam mergulhados numa crise do sistema liberal (DAVID-FOX, 2012). A peregrinação à Rússia foi considerada um dos eventos mais significativos no âmbito da história intelectual e política do século XX (DAVID-FOX, 2012: 1). O estranhamento ante o desconhecido, como uma sensação comum ao ato de viajar, ganhou novas tintas de significado em se tratando de uma viagem à URSS. As representações e as ideias suscitadas pelo imaginário político em torno da nova sociedade soviética podiam variar entre gradações de sentidos, fantasma, mistério, inferno, paraíso, fantástico, maravilha (SAÍTTA: 2013: 62; MOTTA, 2006: 137).⁶²

Aqui centramos nossa atenção sobre narrativas de médicos brasileiros que viajaram e buscaram publicizar suas impressões contando o que observaram na “Nova Rússia” para seus conterrâneos.

O livro de Maurício de Medeiros foi pioneiro no âmbito do mercado editorial em termos de publicação de um livro de viagem à Rússia escrito por um brasileiro. Ele conheceu as cidades de Leningrado, Moscou e Karkov em 1931. A trajetória intelectual de Maurício de Medeiros foi diversa: médico, professor na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, jornalista, ensaísta político, parlamentar (deputado federal entre 1927 e 1930) e responsável pela pasta do Ministério da Saúde nos primeiros anos do governo JK (1956-1958), eleito membro da Academia Brasileira de Letras em 1955.⁶³ Sua narrativa de viagem *Rússia: notas de viagem*,

59 Essa analogia da União Soviética com o novo mundo está presente em Sylvia Saítta (2007: 22), que organizou uma publicação com extratos selecionados de narrativas de viagens por argentinos militantes de esquerda.

60 John Reed (1887-1920) talvez tenha sido o norte-americano mais prestigiado na União Soviética. Morto em 1920, acometido por tifo na Rússia, seu túmulo foi disposto próximo ao de Lênin em Moscou (MEDEIROS, 1931: 183).

61 Publicado primeiramente nos Estados Unidos em 1919, em três edições (TORRES, 2013: 19).

62 Rodrigo Patto Motta (2006) se referenciou a uma declaração no jornal *A Noite*, de 10/12/1937, de Francisco Campos, um dos articuladores do Golpe de 1937 e ministro da Justiça, para ilustrar a campanha anticomunista do Estado Novo: “Bastará mostrar que o chamado ‘paraíso soviético’ é realmente um inferno em que ninguém pode existir, em que não há garantias nem liberdade, nem condições materiais ou morais de vida” (MOTTA, 2006: 137).

63 Maurício de Medeiros foi nomeado por Nereu Ramos (que presidiu o país entre novembro de 1955 até a posse de JK em janeiro de 1956). JK manteve Maurício de Medeiros até 3 de julho de 1958, quando ele foi substituído por Mário Pinotti.

impressões, entrevistas, observações sobre o regime soviético foi publicada pela editora carioca Calvino Filho em 1931.⁶⁴ *Rússia* rendeu seis edições consecutivas, sendo que cada uma delas oscilou entre duas mil e três mil cópias. A primeira e a quinta edições foram publicadas em um espaço de apenas um ano, o que pode ser considerado um fenômeno editorial para o país com alto índice de analfabetismo (MOTTA, 2006: 138).

Na sequência do relato de Medeiros, outras publicações apareceram no mesmo gênero. Em 1932, Osório Cesar publicou seu livro de viagem com capa e ilustrações desenhadas pela pintora Tarsila do Amaral (1886-1973), sua companheira na época.⁶⁵ Juntos, passaram três meses na URSS em 1931. Osório Cesar voltaria em 1935, para participar do XV Congresso Internacional de Fisiologia em Leningrado, realizado sob a presidência ilustre de I. P. Pavlov.⁶⁶ Natural da Paraíba, Cesar atuou como psiquiatra no Hospital Colônia do Juquery em Franco da Rocha (região metropolitana de São Paulo) mesmo antes de sua formatura na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1925, com 30 anos de idade.⁶⁷ Chegou a se graduar em odontologia, mas não exerceu a profissão. Erudito, acostumado com a cultura musical desde a infância e tendo sido professor de violino, promovia saraus com artistas da música e das artes plásticas em sua casa. Foi também crítico de arte. Conseguiu aliar os dois campos de saberes na sua prática profissional, constituindo-se em um dos pioneiros na inclusão da arte como terapia ocupacional no Brasil, valorizando a produção dos internos. Seu livro de viagem *Onde o proletariado dirige...: visão panorâmica da URSS* foi publicado em São Paulo,⁶⁸ em 1932, e contou com prefácio do escritor comunista francês Henri Barbusse (1873-1935).⁶⁹ Segundo Motta (2006), o livro de Osório Cesar apresentou um discurso mais efusivo em prol do sistema soviético quando comparado ao livro de Maurício de Medeiros, que, segundo ele, assumiu uma

64 A editora Calvino Filho foi fundada no Rio de Janeiro em 1929 como Editorial Calvino Limitada. Passou a se denominar editora Calvino e publicou muitos títulos sobre a Rússia ou teses de pensadores de esquerda. Foi fechada em 1933, tendo seus livros apreendidos. Suas atividades foram retomadas em 1943 (JUBERTE, 2016: 100-101). Em 1944, constatou-se sua ligação com o PCB. Hallewell, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EdUSP, 2005, p. 508. Era dirigida por João Calvino Filho, médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

65 Raquel Mundim Torres (2013) trabalhou com um conjunto de relatos de viagem à URSS do período da década de 1930. Além de Medeiros e Cesar, analisou Claudio Edmundo, *Um engenheiro brasileiro na Rússia*, 1933; Juvenal Guanabarrino, *O que vi em Roma, Berlim e Moscou*, 1934; Caio Prado Júnior, *URSS: um mundo novo*, 1934.

66 *Diário da Noite*, 13/5/1935.

67 Nota biográfica de Osório Thaumaturgo César, patrono da cadeira n. 68 da Academia de Medicina de São Paulo. Disponível em: <https://www.academiamedicinasaopaulo.org.br/biografias/169/BIOGRAFIA-OSORIO-THAUMATURGO-CESAR.pdf> Acesso em 15 de novembro de 2022.

68 Não há referência de editora no livro de viagem de Cesar. Cesar, Osório. *Onde o proletariado dirige: visão panorâmica da URSS*, 1932.

69 Henri Barbusse publicou *Russie* pela editora francesa Flammarion em 1930.

narrativa crítica e moderada, como ao lamentar a falta de liberdade e o alto grau de alcoolismo que encontrou entre os russos, sem qualquer providência para o problema por parte do Estado (MOTTA, 2006: 138).

Outro livro de destaque nesse segmento publicado no período é *Medicina na Rússia*, do médico argentino Lelio Zeno (1890-1968), lançado no Brasil pela Companhia Editora Nacional, sediada em São Paulo, em 1935. Osorio Cesar foi responsável pela tradução do original que fora publicado em 1933, em Buenos Aires. Diferente da editora Calvino, a Companhia Editora Nacional não pode ser considerada uma editora comunista, indicando que a temática sobre Rússia era algo de interesse do público leitor. Embora a maioria das editoras fosse de esquerda, editoras comerciais também lançaram publicações sobre a temática em torno da Rússia (MOTTA, 2005: 358-359) – tanto que a Companhia Editora Nacional investiu em outras obras sobre a URSS no mesmo ano, *Proteção à maternidade e à infância na União Soviética*, um livro de divulgação científica da médica russa Esther Conus, também traduzido por Osorio Cesar.⁷⁰ Para Sergio Iudine, médico russo que prefaciou o livro de Zeno, os elementos que qualificariam a medicina soviética seriam: seu caráter social e gratuito, o princípio da profilaxia e as ações sanitárias no primeiro e no segundo planos quinquenais (IUDINE, 1935: 14-15).

Segundo Motta, embora seduzido pelos avanços científicos que constatou durante a estadia em Moscou, o livro de Zeno, como o de Medeiros, não pode ser tachado como uma obra de propaganda (MOTTA, 2006: 148). A perspectiva da crítica expressa nesses relatos de viagem, sobretudo quanto ao autoritarismo percebido, não apagava a empolgação dos médicos com os avanços científicos da Rússia (MOTTA, 2006: 138).

Como tradutor do livro *A Medicina na Rússia*, Osorio Cesar reforçou a importância da publicação para a formação e a atualização do conhecimento dos médicos brasileiros. Apresentou a obra dividida entre dois grandes temas, “A socialização da medicina” e “A medicina na Rússia” propriamente dita. Nesta parte, Zeno explorou o que aprendeu acerca de estrutura e valores da educação médica na URSS durante sua estadia por seis meses no Instituto Sklifasovski⁷¹, dedicado a atendimentos emergenciais e cirurgias, onde dirigiu a seção de

70 O livro *Proteção à maternidade e à infância na União Soviética* foi reeditado em 1944 pela Editorial Calvino Limitada, com a seguinte informação na capa: “nova edição (tradução do original de Moscou por Osorio Cesar)”.

71 O instituto encontra-se em atividade em Moscou atualmente. Porém, a nomenclatura é diferente daquela indicada no relato do médico argentino Lelio Zeno (1935). O Instituto de Pesquisas em Medicina de Emergências N.V. Sklifosovsky, fundado no século XIX, se mantém como maior referência em primeiros-socorros e traumatologia daquele país, além de dispor de centros de neurocirurgias, cirurgia-plásticas, transplantes, queimados, terapia renal e de toxicologia. Além disso se destaca como instituição habilitada para prestação de assistência à estrangeiros. Há no site do instituto uma página voltada para informações a interessados que chamaram de “turismo

fraturas. Cesar, na nota de tradutor do livro de Zeno, aproveitou a oportunidade para divulgação de sua própria obra como a primeira dedicada ao tema na língua portuguesa:

Entre nós essa parte sobre a situação atual da medicina da União Soviética, é quase que desconhecida na sua totalidade. A não ser o livro que publiquei em 1932, “Onde o proletariado dirige...”, no qual descrevi, em dois pequenos capítulos, algumas modalidades da medicina na pátria dos trabalhadores, com a apresentação de vários institutos científicos, não existe, que eu saiba, em língua portuguesa, trabalho que trate desse assunto. Daí o interesse que o presente livro tem para os médicos do Brasil, proporcionando-lhes ocasião de conhecer, pela pena insuspeita de um colega argentino de grande merecimento, que colaborou num espaço de seis meses entre médicos e cientistas soviéticos num dos mais célebres Instituto de Moscou, o Instituto Sklifasovski, a admirável organização de medicina na URSS (CESAR, 1935: 9).

Após o retorno de sua viagem da Rússia ao Brasil, Osório Cesar se envolveu com a Revolução Constitucionalista de 1932, o que o levou à prisão por alguns meses. Com a liberdade, começou a atuar como tradutor de obras científicas escritas originalmente por médicos russos, literatos ou teóricos do pensamento de esquerda (BERTOLLI FILHO, 1998: 113). Um desses livros foi *A luta contra a tuberculose na URSS*,⁷² lançado pela editora Athena em 1935. Além da participação no livro da médica russa Esther Conus *Proteção à maternidade e à infância na União Soviética*, Osório Cesar fez a apresentação do livro de Fouillet, *A vida sexual na Rússia*, publicado em 1934 pela editora carioca Conkson, considerado uma contribuição na desmistificação da propaganda anticomunista que insistia em acusar os comunistas de destruir a família (MOTTA, 2006: 148). Convém observar que o tema da maternidade e da infância também recebeu destaque de Maurício de Medeiros tanto em seu livro *Rússia*, no qual dedicou uma seção específica ao assunto, como em suas entrevistas aos jornais após retornar de viagem.⁷³ O fluxo de estrangeiros ocidentais visitando a União Soviética foi diminuindo sob o impacto do que ficou conhecido como “O Grande Terror”, em referência aos anos de 1936 a 1938 como os mais intensos de política persecutória liderada por Stálin, que acarretou prisões e execuções de milhares; além disso, o conflito da Segunda Guerra

médico” e “medicina sem fronteiras”. Acesso em 7 de fevereiro de 2023: <https://sklif.mos.ru/services/medical-tourism/>

72 Não consultamos essa obra em razão do fechamento das instituições pela pandemia da Covid-19. Cabe indicar que existe um exemplar desse livro na Biblioteca Central César Lattes/Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Coleção Brito Broca. Notação L976. *A luta contra a tuberculose na U.R.S.S.* / autoria: Drs. Neslin ... [et al.]; tradução de Dr. Osório César.

73 “O problema de proteção à infância constitui uma das faces mais brilhantes da administração soviética”. Correio da Tarde, 19/09/1931, anexo ao prontuário de Maurício de Medeiros no acervo do DEOPS/ APESP (Torres, Raquel Mundim, 2013: 183).

Mundial afetou a dinâmica das viagens. Contudo, as representações da União Soviética no exterior foram fortalecidas positivamente como nação que destruiu o exército nazista.

Nos anos 1950, as narrativas de viagem se transformaram com o contexto da Guerra Fria, em especial os médicos viajantes. O escritor Jorge Amado (1912-2001) foi um dos primeiros latino-americanos a pisar na União Soviética após a Segunda Guerra Mundial, em 1951, quando recebeu o Prêmio Stálin em Moscou naquele ano.⁷⁴ Em 1952, ele retornou lá com os escritores Graciliano Ramos⁷⁵ e Dalcídio Jurandir. Também visitaram, nesse ano, a educadora Branca Fialho e um grupo de juristas.⁷⁶

Uma comitiva de médicos brasileiros e argentinos foi convidada a viajar à URSS por representantes da VOKS⁷⁷ quando esteve em Viena participando do Congresso Internacional de Médicos Sobre as Atuais Condições de Vida, de 23 a 25 de maio de 1953. Esse grupo de médicos brasileiros e argentinos formou a comitiva latino-americana no congresso, composta por 13 médicos brasileiros, seis médicos argentinos, quatro acompanhantes brasileiras e duas argentinas (esposas e mães). Desse grupo, é sabido que três médicos publicaram suas narrativas na forma de livro de relato de viagem alguns anos depois. Um deles foi escrito a quatro mãos: Milton Lobato (MA, 1921-RJ, 2004) e Reinaldo Machado (PR, 1909- [?]) lançaram *Médicos brasileiros na URSS* (1955); outro foi Raul Ribeiro da Silva (MG, 1898-SP, 1989), que lançou *A Rússia vista por um médico brasileiro* (1956). Os livros saíram pela Editora Vitória, a maior das editoras comunistas da época, e pela editora Civilização Brasileira sob a direção de Ênio Silveira, que embora não mantivesse ligação com o PCB, era uma difusora de ideias marxistas e socialistas. Convém ressaltar que o ano de publicação do livro de viagem de Milton Lobato e Reinaldo Machado, em 1955, foi o ano em que a editora Vitória teve maior número de livros publicados (MAUÉS, 2013: 149).

A medicina soviética, segundo Bertolli Filho (1998), representava a ideia de ampla assistência aos cidadãos e de maior participação dos médicos na resolução dos problemas

74 Jorge Amado publicou seu livro de viagem *O mundo da paz: União Soviética e democracias populares*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1951.

75 O livro de Graciliano Ramos, *A Viagem*, com as impressões dessa visita, foi publicado postumamente, pela editora José Olympio em 1954.

76 Juristas brasileiros participaram de um congresso em Berlim e foram convidados a visitarem a URSS. Isso resultou no livro de Osny Duarte Pereira, *Juízes brasileiros atrás da Cortina de Ferro* publicado em 1951 pela editora José Konfino, do Rio de Janeiro.

77 Fundada em 07 de abril de 1925, para tratar do intercâmbio entre intelectuais estrangeiros e soviéticos, a VOKS era uma agência cujo acrônimo russo foi traduzido como Sociedade para Relações Culturais de Toda União Soviética em jornais comunistas que circularam no Brasil, como *Divulgação Marxista*, nº 6, Rio de Janeiro, 15/09/1946, p. 35. Artigos escritos na língua inglesa traduziram-no como All-Union Society for Cultural Relations with Foreign Countries.

nacionais. Em geral, ela seria uma alternativa aos modelos do Instituto Pasteur e da escola norte-americana da Universidade Johns Hopkins. Quanto a esta última, seria um avanço, dado o caráter instrumentalizado de sua proposta de saúde pública (BERTOLLI FILHO, 1998: 102). A medicina soviética é vista como mote importante das grandes estruturas da nova sociedade russa. Nos relatos, os médicos brasileiros mostraram-se impressionados na forma como os médicos na URSS desempenhavam amplos poderes e tornaram-se responsáveis por fiscalizar o novo homem comunista (BERTOLLI FILHO, 1998: 113). Além disso, assinalaram que médicos russos dispunham de vantagens como benefícios ante outras categorias profissionais, apoio à pesquisa e acesso à infraestrutura moderna. Ao mesmo tempo que destacavam que a assistência à saúde era gratuita e acessível na Rússia, denunciavam o descaso das autoridades brasileiras com a saúde individual e coletiva no Brasil (BERTOLLI FILHO, 1998). Apesar de Claudio Bertolli Filho ter apresentado corretamente as similaridades narrativas nos relatos dos médicos, os contextos globais da União Soviética e do Brasil eram muito diferentes entre 1930 e 1950. E isso impactou as formas de ver e narrar dos viajantes.

Vamos observar como médicos que viram com seus próprios olhos o experimento soviético descreveram a medicina soviética. Esse ponto é significativo nessas leituras; ver com os próprios olhos era garantir a veracidade do relato em meio à circulação de informações sobre a Rússia no âmbito da batalha dos livros⁷⁸ no contexto das propagandas comunista e anticomunista (MOTTA, 2006, 2020). Apesar de haver muitos aspectos de similitude entre os relatos de médicos brasileiros na União Soviética (o uso de informações estatísticas para reforçar estatuto de verdade à narrativa e a preocupação com aspectos sociais), não podemos negar as camadas de subjetividade percebidas nessas narrativas. A diferença dos anos é variante importante em nossa análise, mesmo reconhecendo elementos comuns. A Rússia do Plano Quinquenal visitada por Medeiros e Cesar não era a mesma que a comitiva de médicos visitou mais de vinte anos depois, ainda em recuperação pós-Segunda Guerra Mundial, no início do processo de desestalinização e em plena Guerra Fria.

2.1. Dois médicos na Rússia Soviética: os olhares pioneiros de Maurício de Medeiros e Osorio Cesar

⁷⁸ Referimo-nos à ideia da disputa pelo imaginário da União Soviética, em que livros atuaram como atores, elementos centrais na disputa de propaganda pelo comunismo-anticomunismo (MOTTA, 2020: 95).

É significativo que o primeiro relato de viagem publicado no Brasil tenha sido escrito por um médico. O livro *Rússia*, de Maurício Medeiros, foi o pioneiro do gênero sobre viagens à União Soviética publicado no Brasil e, coincidentemente, o ponto de partida para o desenvolvimento deste trabalho, que se iniciou em razão do contato com a obra. No ano seguinte, foi publicado o livro de viagem à URSS escrito por Osorio Cesar, outro intelectual do campo da medicina.

As trajetórias intelectuais de Maurício de Medeiros e Osorio Cesar foram extensas e diversificadas; ambos desempenhavam papéis nas áreas da medicina mental, na educação médica, na política e nas artes. Medeiros era médico, professor na Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro (ocupando a cadeira de fisiologia e patologia geral), parlamentar, jornalista, literato. Osorio Cesar também era médico ligado às doenças mentais e frequentava o mundo das artes, não tanto pela literatura, mas pelas artes plásticas, e no período de sua viagem era declaradamente comunista. Diferente de Medeiros, sua narrativa de viagem apresentava um discurso mais íntimo da cultura política comunista, com passagens entusiasmadas em relação às ações socialistas.

O perfil desses intelectuais que exerciam atividades como médico e professor repercutiu em suas narrativas de viagem ao mundo socialista, influenciando a forma e o conteúdo do que narraram em seus livros sobre a URSS. Sabemos que a União Soviética, por meio de suas agências de turismo (*Intourist*) e intercâmbio (VOKS), convidou diversos profissionais, intelectuais de projeção pública e membros de federações e organizações sociais para visitarem o país. Essas agências consideravam o histórico e a personalidade de seus turistas (KRAVITZ, 2006: 112). Há relatos de viagem à URSS escritos por engenheiros, jornalistas, advogados, juízes, literatos.⁷⁹ Na narrativa de viagem de Medeiros, sua identidade como médico sobressai e esteve reforçada em muitas passagens de seu livro, em especial ao mobilizar casos conhecidos que agregaram ao tema do alcoolismo e do aborto. Em outras vezes, era sua figura de político, cronista da política em jornais de circulação diária e ex-parlamentar deposto pela Revolução de 1930 que transparecia mais – por exemplo, quando defendeu o reconhecimento diplomático da União Soviética pelo governo brasileiro (MEDEIROS, 1931: 155).

Em relação às instituições visitadas durante a viagem, Medeiros não se preocupou com a precisão das nomenclaturas das instituições soviéticas que conheceu. Ao mencioná-las, utilizou-se de alusões genéricas. Para ele, bastava indicar indefinidamente uma maternidade,

79 Ver relação de relatos de viagem publicados no Brasil no Anexo 1.

um hospital, uma casa de repouso de operários, a faculdade de medicina de Karkov ou a casa do camponês. Nesse aspecto, a narrativa de viagem de Osorio Cesar é mais detalhada do que a de Medeiros. Enquanto este organizou sua narrativa por recortes temáticos e possivelmente pela ordem dos acontecimentos, Osorio Cesar apresentou a sua com mais rigor em relação às instituições russas visitadas durante sua passagem por Moscou, Leningrado, Odessa e outras cidades menores, em especial as instituições de ciência, buscando esclarecer missão, estrutura, números e principais atividades delas. Como em outras narrativas de viagem à URSS, o relato de Osorio Cesar é repleto de dados estatísticos. Segundo ele próprio informou na “nota do autor”, uma parte da apresentação de seu livro de viagem, os números lhe foram fornecidos pelas próprias organizações soviéticas ou por materiais produzidos pela VOKS para divulgar os resultados dos planos quinquenais (CESAR, 1932: 12). Cesar indicou como o esforço do governo soviético contribuiu para a alteração do quadro sanitário da Rússia, que era antes marcado por epidemias frequentes principalmente nas áreas rurais e pela ausência total de medidas de prevenção. Focado em “higiene preventiva”, o Estado organizou o Commissariado de Saúde Pública a partir de 1918. Seu programa se guiou com base nos seguintes princípios: unificação da prática da medicina (reunindo as instituições e o pessoal, que seriam todos subordinados ao Estado), acessibilidade à assistência médica, gratuidade neste serviço e seleção profissional. O investimento na formação médica aumentou a oferta de profissionais, o que viabilizou a expansão da assistência à população. Além disso, o Estado teria financiado a formação de laboratórios que realizavam investigações em todas as áreas da medicina e outros setores voltados para desempenho em campanhas sanitárias contra tuberculose, doenças venéreas, câncer, atenção às crianças, disponibilizando creches em todas as unidades de trabalho equipadas com médicos e enfermeiras (CESAR, 1932: 107-109; 149).

Cesar informou que o problema do acesso aos serviços teria sido enfrentado por meio de investimentos na área do ensino médico. A quantidade de estudantes de medicina chegaria a ser quatro vezes maior do que na época czarista, sendo que dessa parcela cerca de metade era de mulheres (CESAR, 1932: 108). Uma vez formados, os médicos eram obrigados a passar uma temporada mínima de três anos em regiões rurais: “dessa maneira retribuem ao Estado o ensino recebido” (CESAR, 1932: 108). Nas cidades, o governo teria investido em clínicas profissionais com atendimento médico e odontológico. A ampliação dessas clínicas absorveu boa parte do efetivo dos novos profissionais. O Estado passou a legislar a carreira médica e a regulamentar jornada de trabalho, férias, honorários e seguro social. Segundo Cesar, algumas especialidades gozavam de vantagens (salário maior, mais tempo em férias). Seria o caso dos médicos rurais,

médicos em cidades operárias periféricas ou psiquiatras. Juntamente com os radiologistas, os médicos da saúde mental tinham direito a um mês e meio de férias por ano; médicos de doenças contagiosas tiravam um mês, enquanto o período de um médico padrão era de duas semanas. Além disso, Cesar destacou que os psiquiatras e médicos sanitários tinham direito a aumento salarial de 20% a cada biênio (CESAR, 1932: 111-112) – algo que lhe interessava, pois era sua área de atuação no Brasil.

Não obstante tantas realizações na área das políticas de assistência médica, Cesar reconheceu que a medicina soviética “deixava a desejar” nas regiões mais afastadas de Moscou, pois estas sofriam com a ausência de instrumentos modernos e principalmente falta de pessoal. Por outro lado, Cesar elencou os aspectos gerais da política em saúde na URSS, chamando a atenção de seus leitores para valores que ele reconheceu como positivos e compensadores diante da realidade (CESAR, 1932: 115):

- 1) garantia pela abrangência da assistência hospitalar e domiciliar a toda a população;
- 2) investimento de recurso estatal em propiciar “meios sanitários”, “hospitalização”, “expedição sanitária” e propaganda principalmente a regiões afastadas;
- 3) grande importância a medidas de profilaxia – meios para conservar a saúde do operário, sanatórios chamados “um dia”, vacinação preventiva obrigatória nas escolas, instituições especializadas etc.
- 4) mobilização da população para defender seus interesses em saúde (“cuidando das condições higiênicas e profiláticas”) por intermédio das instituições e comissões sanitárias (CESAR, 1932: 115).

Conforme avançava em sua narrativa de viagem, Cesar oferecia a seus leitores a comparação entre a realidade dos serviços de saúde da URSS com a dos países capitalistas:

Qual é o país capitalista que possui um serviço de pronto socorro tão completo como este de Moscou? Como se vê, a medicina nesse país avança a passos largos dentro de concepções novas. O seu ensino é presentemente feito em 4 anos. Métodos exclusivamente práticos. Nas clínicas, as necropsias são obrigatórias em todos os casos (CESAR, 1932: 110).

A comparação entre os sistemas socialista e capitalista foi um recurso de escrita constante em relatos de viagem à URSS difundidos no Ocidente. Osório Cesar explorou esse artifício também quando tratou de sua visita ao Instituto Obuch, sediado em Moscou. Voltado para atendimento de doenças profissionais, o instituto oferecia assistência aos operários doentes e saudáveis. Sua estrutura dispunha de laboratórios de pesquisa, contando com policlínicas, dispensários e sanatórios de repouso, além de leitos em diversos hospitais para ampliar seu

alcance (na página 122, o autor lista todas essas sucursais do instituto). Para ele, o instituto era um “formidável laboratório de pesquisas científicas que por si só põe a medicina soviética acima de qualquer crítica” (CESAR, 1932: 116).

Acreditamos mesmo não existir em nenhuma parte do ocidente, um Instituto completo e organizado de maneira tão perfeita para os estudos clínicos e de laboratório sobre a influência de elementos nocivos profissionais e da vida, em relação à saúde dos operários. Conhecemos os principais institutos médicos e laboratórios experimentais de uma boa parte da Europa, inclusive da Alemanha, país mais avançado sob o ponto de vista médico, e não encontramos nada de semelhante que se possa comparar ao Instituto Obuch de Moscou (Cesar, 1932: 116).

Além do suposto pioneirismo em cuidar da saúde do trabalhador, o médico brasileiro apresentou a perspectiva teórica que embasava os estudos do instituto. Para seus pesquisadores, era necessário lançar mão de uma visão ampliada do que seria enquadrado como doenças profissionais sem limitar as pesquisas àquelas mais evidentemente ligadas ao espaço de trabalho. Eles defendiam o princípio de que os limites entre os fatores da vida e os fatores de profissão nem sempre estariam bem definidos (CESAR, 1932: 121). Fatores da vida interfeririam na evolução de uma doença que tenha tido a “etiologia profissional” como causa primordial, assim como “a doença causada pelas condições de vida anti-higiênica pode ser agravada pelas condições desfavoráveis da profissão” (CESAR, 1932: 121). Para uma avaliação adequada da patologia profissional seria necessário considerar a relação da doença com o meio, ou seja, “o esclarecimento detalhado da nocividade do trabalho profissional e das condições sociais em conjunto, em que vive um indivíduo ou o grupo” (CESAR, 1932: 121). O meio ambiente era entendido como um somatório das condições do meio operário – as condições dos meios de produção, as condições de trabalho e as condições de existência (CESAR, 1932: 121).

O caráter experimental das pesquisas médicas desenvolvidas na União Soviética era outro elemento muito explorado pelos autores que narraram suas viagens. Da sua passagem pelo Instituto de Moléstias Tropicais de Moscou, fundado em 1920 para sanear áreas com malária, Cesar destacou que desde 1921 a doença passou a ser registrada obrigatoriamente (o quadro apresentado pelo autor indica a cifra de 1.229.320 doentes para aquele ano). As autoridades perceberam que a doença assolava as populações rurais de maneira surpreendente, chegando-se ao ápice de quase 6 milhões de casos em 1924 (5.977.662 casos registrados). Um decréscimo da taxa de incidência da doença, com 2.868.084 casos registrados de malária, ficou evidente a partir de 1929, marcando a importância desse órgão no combate à malária (CESAR, 1932: 126).

Na narrativa de Cesar, ganhou destaque a pesquisa que tratava da descoberta de um novo agente causador de uma doença epidêmica de caráter indefinido do grupo das *Leptospiras* (*Leptospirosis grippo – thyphosa aqualitis* ou *thyphosa Tarassov*. Desenvolvida por Serge Tarassov, a doença causava uma febre de origem hídrica que era confundida com outras doenças mais bem conhecidas dos médicos.⁸⁰

Cesar ainda observou uma pesquisa na seção desse instituto dedicada ao tratamento da sífilis nervosa, coordenada pelo professor Marzinovski. A técnica se valia da inoculação pela picada de um inseto infectado por malária intercalado com a infecção de febre recorrente conservada em tubos de vidro a 37° (*sic*) em estufa (CESAR, 1932: 125). A malarioterapia foi uma das agendas cruciais no primeiro quartel do século XX para a neuropsiquiatria. Ela foi objeto de interesse dos médicos da saúde mental e participou do processo de legitimação da neuropsiquiatria como especialidade médica em razão do potencial científico da terapia com seu caráter laboratorial, fazendo assim um contraponto às correntes de tratamento de ordem moral. Segundo Accorsi (2020: 296-297), mesmo com algumas diferenças, o tratamento se difundiu por diversos países. Fazia sentido para Cesar mencionar essa pesquisa em sua narrativa de viagem para indicar que o mais importante instituto de medicina tropical de Moscou compartilhava das mesmas pautas da saúde internacional. Uma delas era o combate à sífilis com a malarioterapia para amenizar os efeitos da paralisia geral progressiva, uma das manifestações graves que seriam causadas pela sífilis neural. Segundo Accorsi, esse método era bastante implementado no Hospital do Juquery, onde Cesar atuava. Portanto, se apropriar do conhecimento sobre protocolos e usos da malarioterapia era participar da dinâmica internacional voltada para seu aprimoramento num momento em que havia a preocupação de que doenças, doenças mentais e venéreas não degenerassem a nação brasileira (ACCORSI, 2020: 287). Alguns médicos defenderam a terapia inclusive de maneira preventiva. Apesar de o debate no âmbito ético e metodológico sobre os efeitos e riscos da malarioterapia a um paciente paralisado existir desde a década de 1920, Accorsi afirmou que pelo menos até 1950 há registros da utilização da técnica no Brasil, convivendo com a alternativa da penicilina por pelo menos dez anos (ACCORSI, 2020: 302).

⁸⁰ Pesquisa desenvolvida por Serge Tarassov, que nomeou o agente infeccioso da *Schlammfieber* ou *Leptospirosis grippo – thyphosa aqualitis* – como *Leptospira grippo – thyphosa Tarassov*. Cesar se refere a uma edição dos Anais do Instituto Pasteur como nota complementar (fevereiro de 1931, tomo XLVI, p. 222). Antes da pesquisa de Tarassov, confirmada por outros cientistas russos, o quadro era confundido com outras doenças como tifo abdominal, paratifo e tifo exantemático ou uma gripe tóxica (CESAR, 1931: 126-127).

Outra técnica que se utilizava da inoculação de parasitas despertou o interesse do médico brasileiro em sua peregrinação aos institutos de ciência na Rússia. Cesar relatou sua visita ao Instituto de Biologia Experimental em Moscou, trazendo informações sobre as pesquisas em realização pelos diversos departamentos da instituição, um laboratório para estudos do câncer, outro para a relação entre o bócio e a hereditariedade,⁸¹ outro dedicado a estudos do sêrum sanguíneo. No entanto, um desses laboratórios lhe despertou maior curiosidade.

Mas a seção que mais nos interessou foi a do professor Roskin, professor catedrático da Universidade de Moscou. Esse cientista tem estudos interessantes e originais sobre o câncer. Acaba de descobrir uma reação importante e prática para distinguir num *frotis* as células cancerosas das células de outro tumor benigno. Além disso tem feito grande número de experiências em animais de laboratório portadores de câncer, inoculando o germe da moléstia de chagas, o “Trypanossoma Cruzi”, com resultados surpreendentes. Vários ratos nos foram mostrados antes e depois da inoculação. Realmente, o efeito é seguro. Pouco tempo depois da inoculação do “Trypanossoma” o câncer começa a diminuir, até desaparece inteiramente. São experiências de grande valor científico que vem marcar a primeira etapa sobre os estudos práticos da terapêutica desse terrível mal (CESAR, 1931: 129).

Esse extrato narrado por Cesar e seu interesse na pesquisa do *Trypanossoma cruzi* demonstram que ele era um cientista que estava a par das novidades científicas da época. E aqui nos lança luz ao caso KR (iniciais de Kliueva e Roskin), que no futuro viria a se tornar um dos episódios mais significativos na história da ciência stalinista no pós-Segunda guerra (KREMENTSOV, 2002, 2009). Cesar se referia a Grigori Roskin (1892-1964), professor de citologia da Universidade de Moscou, que naquela época tinha acabado de publicar um artigo científico numa renomada revista alemã (*Zeitschrift fur Krebsforschung*) sobre estudos do câncer, intitulado “Infecção por protozoário e câncer experimental”, em 1931. O artigo tratava da inibição de tumores malignos por meio da inoculação do *T. cruzi* em ratos, sugerindo uma possibilidade promissora de tratamento (KREMENTSOV, 2009: 77). Alguns anos mais tarde, Roskin se associou a sua esposa, Nina Kliueva, microbiologista, imunologista, daí KR, a reunião das iniciais dos nomes dos dois cientistas. Krementsov (2009) demonstrou como o casal KR foi do estrelato à proscricção depois da Segunda Guerra Mundial, em particular com a Guerra Fria. Ao se tornar um instrumento nas relações entre Rússia e Estados Unidos, o destino dos pesquisadores foi moldado pelo contexto das tensões diplomáticas entre as duas nações.

⁸¹ Segundo os dados apresentados por Cesar, a URSS convivia com pelo menos quarenta focos dessa doença no período, tendo maior incidência na Ásia Menor e entre mulheres (CESAR, 1932: 128).

A relação dos institutos ligados ao sistema de saúde visitados por Osorio Cesar em sua viagem à URSS é encontrada nos anexos. Podemos considerá-la extensa, já que pelo menos 23 institutos constam em seu livro, indicando um intenso e acelerado processo de burocratização nas instituições de ciência russas para o ano de 1931, conforme bem tratou Kremontsov (1997) o particular interesse de Osorio Cesar em conhecer o maior número de instituições (ver Anexo 2).

O tema da medicina soviética se destacou na narrativa do psiquiatra, embora ele também estivesse preocupado com aspectos da educação e da cultura (deve-se na descrição de clubes e escolas artísticas). E mesmo tratando desses assuntos, foi possível perceber interfaces com temas de saúde e medicina. Em sua narrativa, encontramos pontos entre educação e assistência médica constituídos como política. As crianças deixadas pelas mães operárias antes de seu turno pela manhã seriam examinadas por um médico; caso apresentassem alguma “anomalia física” ou “doença contagiosa”, seriam tratadas ali mesmo – escreveu, denotando certa surpresa pelo nível da assistência das escolas (CESAR, 1932: 85).

A maternidade e a infância seriam outro mote mencionado em diversos relatos de viagem à URSS. Tanto que Cesar se referenciou a uma passagem de um relato de viagem de autoria de Pierre Dominique, um médico parisiense, *Oui, mais Moscou...*⁸² (1931), em que ele tece elogios ao que viu em Moscou comparando com a realidade de hospitais parisienses. Trata-se de uma estratégia comum a esse tipo de relato de viagem.

Para Cesar, a taxa de mortalidade na União Soviética era preocupante se comparada com a de principais países europeus – 155 mil em 1928 contra a variação de 80 mil-100 mil na França ou até 50 mil na Holanda e na Dinamarca (CESAR: 1932: 148). Ele afirmou que a razão para tanto seriam as superstições e feitiçarias do povo russo, apesar “da campanha sobrehumana do governo contra essas crenças” (CESAR: 1932: 149). Mesmo expressando uma imagem negativa da URSS, que estava baseada em dados objetivos, Cesar isenta a responsabilidade maior do Estado quanto ao problema, deslocando o motivo para os aspectos de tradição e cultura historicamente enraizados na população russa.

O tema da profilaxia, segundo ele, caro aos valores da medicina soviética, foi recorrente na narrativa e pode ser exemplificado pela descrição da visita a um sanatório de repouso (ou *profilatorium*) por Osorio Cesar. Ele contou que esse tipo de instituição poderia ser encontrado em quase todas as estações termais existentes na URSS em que houvesse praia ou

82 Dominique, Pierre. *Oui, mais Moscou...* Éditeur Valois, Paris, 1931.

montanhas, sendo Cáucaso e Crimeia as principais referências (CESAR, 1931: 144). Tradicional para a aristocracia, esses locais de restabelecimento do estado físico e mental passaram a ser ofertados para trabalhadores depois da Revolução. Era necessário um encaminhamento médico para poder passar o período das férias anuais e desfrutar dos benefícios. Segundo Cesar, a frivolidade da vida aristocrática “para divertir gente rica na estação de cura” cedeu lugar aos trabalhadores das “minas, das fábricas, dos campos, das cidades atordoantes” (CESAR, 1932: 145). Eles teriam acesso a atividades de massagem, eletroterapia, estação de saís etc., além de poderem contar com uma junta médica composta por um diretor, três médicos consultores de doenças nervosas e outros especialistas (não especificados) (CESAR, 1932: 146).

Na dinâmica entre política e cultura, existiram temas de políticas sociais que receberam atenção de médicos no debate público em todo o mundo nesse período – temas debatidos no campo da saúde pública, envolvendo formas de enfrentar as doenças que muitas vezes exigiram a mobilização de dispositivos de poder por parte do Estado. Nesse sentido, médicos visitando a Rússia estiveram interessados em ver de perto como o Estado socialista lidava com os problemas como aborto, prostituição, alcoolismo e criminalidade – de modo que esses temas apareceram nos livros de viagem à URSS escritos pelos dois médicos brasileiros no início da década de 1930. Desde o início do século XX, problemas sociais relacionados a comportamentos desviantes eram reivindicados como objeto dos estudos ligados às disciplinas médicas dedicadas às doenças mentais, fazendo parte do processo de legitimação da psiquiatria e da crença de que teorias médicas contribuiriam com projetos de modernidade que mobilizaram nações latino-americanas nesse período (PALMER; CUETO, 2016: 210-211).



Figura 3: Desenhos de Tarsila do Amaral, companheira de Cesar, também ilustraram seu livro de viagem juntamente com reproduções fotográficas, postais, cartazes. Além de duas paisagens, a artista representou o julgamento de uma fuga, que assistiu na ocasião de visita a uma “Colônia de Trabalho em forma de Fábrica” na seção das meninas. A maioria abandonada por morte dos pais na guerra e em conflito com a lei por roubos cumpriam pena nessa instituição organizada como comuna livre. Os votos decidiram pelo perdão da fugitiva, que foi saudada pelas companheiras, segundo Cesar (CESAR, 1932: 175-176).

O aborto livre na URSS repercutia como escândalo no mundo capitalista (CESAR, 1932: 155). Este autor apresentou dados para reiterar que o funcionamento do aborto legal ao longo de 11 anos estava trazendo resultados satisfatórios, considerando as estatísticas entre nascimentos e abortos nas principais cidades soviéticas. Segundo o relato do médico, também acarretou a diminuição das complicações e dos casos fatais em razão de procedimentos realizados por pessoas sem capacidade técnica. Cesar ilustrou com números: em dez anos (de 1920 a 1930), dos 17.500 abortos realizados em Moscou por ginecologistas em instituições do governo, “apenas” nove casos (ou 0,0005%) foram fatais, sendo que três dessas mulheres tinham problemas antecedentes (CESAR, 1932: 158-159). Ele explicou que a lei qualificava três tipos de abortos: o clandestino, que era considerado criminoso,⁸³ o obrigatório, de fundamentação eugênica, já que era determinado em caso de doenças orgânicas em um dos pais ou ainda em casos de acidente durante a gravidez; e o aborto social, que garante o direito do procedimento sob algumas condições.

As condições elencadas por Cesar são mais rigorosas do que aquelas apresentadas por Maurício de Medeiros em seu livro *Rússia*. Segundo explicitado por Cesar, o procedimento somente se realizaria em clínicas específicas para esse fim e por médicos ginecologistas; a mulher seria submetida a uma conversa sobre os riscos do aborto, a conveniência de esperar a criança e meios de evitar outra gravidez; se ainda assim a opção pelo procedimento persistisse, a autorização seria vinculada ao consentimento do marido e à comprovação da ausência de meios materiais para criação da criança ou caso a mulher já possuísse três filhos; seria proibido em casos de mais de três meses de desenvolvimento da gestação (CESAR, 1932: 157). Na descrição de Medeiros, condições para realização do aborto existiam, mas eram mais simples. Comparadas as perspectivas do aborto legal nos relatos de viagem, podemos considerar que Medeiros se mostrou mais liberal, numa visão de que a decisão caberia à mulher; já a leitura de Cesar pendia para outro aspecto: a prática estava submetida ao poder do Estado, primordialmente. Era uma questão de direito social nos casos em que não houvesse condições

⁸³ O aborto clandestino era aquele realizado fora dos hospitais – como acontece em países capitalistas, reiterou Cesar (CESAR, 1932: 158).

materiais para criação da criança, além dos casos de doença ou risco para a mãe ou de doença grave de um dos pais. Ambos concordavam que o que ocorria na União Soviética não era uma prática incentivada pelo Estado, e Cesar fez questão de esclarecer para evitar uma percepção equivocada de seus leitores (CESAR, 1932: 156).

Em comum, os dois médicos consideraram que a legalização do aborto tinha o caráter de regulamentar uma prática existente com o fim de evitar danos de maior impacto à vida das mulheres. Enfim, o amparo legal desde 1920 não teria acarretado baixa populacional, nem teria levado a abusos por incentivo da prática. Cesar (1932: 160) mencionou que o Estado russo investia em propagandas de divulgação de métodos anticoncepcionais como forma de evitar abortos e designou uma comissão científica para se dedicar a pesquisas de desenvolvimento e aprimoramento desses meios. Em visita a uma das maiores clínicas de aborto de Moscou, com um fluxo de sessenta procedimentos por dia e situada num hospital de ginecologia com 220 leitos, Cesar assistiu a intervenções realizadas de modo rápido e sem anestesia. Segundo ele, havia cartazes em todas as salas de consulta; destacou um deles, em que se lia: “Uma vez feito o aborto, que ele seja o último” (CESAR, 1932: 160). Outra medida de fundamentação eugênica debatida entre os médicos soviéticos era a esterilização. Para Cesar, não haveria motivos para alardes quanto a ela e a políticas do aborto legal ou dos investimentos na ampliação de adoção de meios anticoncepcionais por parte de outros médicos e socialistas, pois estariam submetidas à regulamentação. Haveria uma série de condições para a chamada “ligação de trompas”,⁸⁴ assim como para autorização do aborto (CESAR, 1932: 161).

Nessa perspectiva estava o problema das doenças venéreas. Para Cesar, elas deveriam ser atacadas pela raiz: a prostituição (CESAR, 1932: 162). Como ela fazia parte dos sintomas sociais causados pelo capitalismo, assim como a pobreza, o alcoolismo, a criminalidade e a vagabundagem (CESAR, 1932: 164), ele previa que estaria em vias de extinção na União Soviética – juntamente com as doenças venéreas. Embora Cesar tenha afirmado que as medidas de enfrentamento das doenças venéreas vistas na Rússia fossem similares ao que era realizado em países capitalistas com campanhas educativas e criação de dispensários especializados, para ele a URSS alcançava melhores resultados porque trabalhava em prol da eliminação das anomalias da má organização social (CESAR, 1932: 164) –⁸⁵ o que, em última análise, constituía a esperança da promessa socialista. Uma das saídas soviéticas para condutas

84 Algumas das condições para a esterilização seriam “idade avançada, grave afecção crônica e pelo menos ter a mulher três filhos” (CESAR, 1932: 161).

85 Osorio Cesar apresentou dados de incidência de sífilis e gonorreia entre 1913 e 1929, ficando evidente o progresso descendente dos casos após o ano de 1926.

desviantes, tais como prostituição ou criminalidade, seria pela via da filosofia da reeducação por meio do trabalho. Cesar mencionou a importância da atuação dos dispensários venereológicos, criados desde 1922, tanto para tratamento como para instrução e prevenção. Os índices de doenças adquiridas por causa da prostituição caíram de 56,9% em 1914 para 30,3% em 1925, alcançando 21% em 1930 (CESAR, 1932: 167).

Ele descreveu o funcionamento do Profilatorium de Exemplo do Comissariado de Saúde Pública, uma instituição voltada para a “reeducação” de mulheres que exerciam atividades como prostitutas e que dispunha de consultórios e uma fábrica de malhas (CESAR, 1932: 167). Cesar relatou com eufemismo o que pode ser entendido como um sistema repressor, como podemos perceber nesse extrato do relato de viagem em que se refere a tal centro:

Data de 3 anos. Tem 100 mulheres trabalhando. Todas encorajadas nessa sadia atmosfera industrial. São pagas pelo Profilatorium e depois de alguns meses enviadas às fábricas onde são vigiadas durante dois anos. Afim de estimulá-las, condições vantajosas são feitas. Quando elas estão no Profilatorium evita-se dar-lhes a desagradável impressão de que são prisioneiras. Assim, elas saem todas as tardes em grupos, tantas quanto possível, para se vigiarem e se defenderem mutuamente. Às vezes há reincidência, e quando todos os processos de reeducação falham, a mulher é enviada para o governo da Sibéria onde vai encontrar outro meio de reeducação. É dessa maneira que os *soviets* combatem a prostituição (CESAR, 1932: 168).

Já o caso da luta contra o alcoolismo se assemelha ao caso do aborto, ou seja, a ideia era privilegiar vias de regulamentação em detrimento da repressão. Para exemplificar tal abordagem da Rússia, Cesar mobilizou os efeitos a lei seca dos Estados Unidos, que culminou em casos de envenenamento e morte súbita em razão das destilações caseiras impróprias. Segundo ele, esse aprendizado fez com que o governo soviético mudasse de “tática, resolvendo combater o alcoolismo por um processo mais brando, mais humano e científico” (CESAR, 1932: 169). Os marcos dessa política indicadas por Cesar são a derrogação da lei seca, em 1925; a formação da Sociedade Narcológica de Moscou, dedicada a combater o consumo de drogas, em 1927; a criação de um espaço terapêutico chamado de Narcodispensário de Moscou, que Cesar teve a oportunidade de conhecer, no qual ainda havia sido criada a disciplina de narcologia em 1924 (CESAR, 1932: 171-173). O narcodispensário se utilizava de psicoterapia e oxigenioterapia e somente atendia pacientes em casos agudos. Cesar apresentou uma tabela com a estatística do movimento de trabalho dessa instituição entre os anos de 1924 e 1928. A ideia era indicar comprovações de que o trabalho de assistência naquela instituição se encontrava em crescente progresso.

	1924	1925	1926	1927	1928
Consultantes	2.162	5.352	8.971	14.500	16.836
Visitas a domicilio	26.000	54.517	75.619	144.000	181.448
Numero de consultas ás familias dos toxicomanos	684	2.174	4.789	15.000	16.700
Exame do meio em que vivem os toxicomanos	660	3.466	5.256	11.000	14.656
Exposições de propaganda	443	1.022	1.280	1.900	4.115
Numero de assistentes	32.007	70.832	92.535	150.263	424.133

Figura 4: Movimento de atendimentos do Narcodispensário de Moscou (CESAR, 1932: 171).

Além do gradual crescimento do trabalho no narcodispensário, podemos reconhecer na *Figura 4* que ele abordava a doença em uma perspectiva ampla; os elementos que compunham as condições de vida do paciente, tais como visitas a domicílios, consultas a familiares e análise do meio em que viviam foram considerados.

Em resumo, destilações em casas particulares ficaram proibidas; o governo passou a produzir bebidas, foram criadas instituições específicas denominadas narcodispensários, houve a formação de ligas de combate e investimento em propaganda antialcoólica em centros de concentração de pessoas (escolas, fábricas, clubes), com distribuição de cartazes mostrando a vida triste do alcoólico, que passa a ser visto como um inimigo do socialismo (CESAR, 1932). Para Cesar, o segredo estava no investimento nas oportunidades de relações da vida social – nas ocupações de trabalho, lazer e ainda atividades de administrações coletivas.

Para concluir o rol dos sintomas indicativos do que considerava má organização social típica do capitalismo, o médico abordou como a União Soviética lidava com a criminalidade e deixou transparecer seus argumentos eugênicos. Segundo ele, o crime resultaria de problemas sociais ou de doença (o sujeito seria levado por desequilíbrios das glândulas endócrinas e do sistema nervoso). Nos dois casos, o sujeito seria vítima de uma organização social desorganizada. Na opinião de Osorio Cesar, caberia ao Estado atuar nas duas frentes.

Nos dois casos, ele é sempre vítima das organizações sociais. E é por isso que a Rússia soviética para formar uma geração sadia, instituiu o aborto obrigatório nos casos de moléstias reconhecidas dos pais, as quais possam deixar taras nos filhos. Nesse ponto a lei é severa. A saúde de cada indivíduo é controlada pelo médico de distrito. Não será isto um atentado à liberdade individual? Mas que importa que seja si o sacrifício do indivíduo reverte em favor da coletividade? Mas, pode-se ainda objetar que a ciência e a pedagogia devem corrigir os defeitos humanos e é difícil na época atual estabelecer-se a fronteira do normal e o anormal para que sejam previstas com rigor anormalidades futuras. A isso responde-se: a hereditariedade é um fator

importante na vida do indivíduo. Grande número de moléstias são transmitidas aos filhos pelos pais. E a maior parte delas são moléstias graves constitucionais e de consequência desastrosa para a sociedade. A ciência nada pode fazer em seu benefício. Somente a eugenia resolve o problema. E a Rússia dela se prevalece (CESAR, 1932: 172-173).

A narrativa de Cesar traz mais detalhes acerca das instituições científicas e das políticas de enfrentamento de problemas médico-sociais. Ainda assim, ele se interessou em conhecer escolas, fábricas, as manifestações artísticas e intelectuais. Era preciso garantir as condições para a educação da sociedade que estaria se adaptando ao “grande experimento”. Uma mensagem que Cesar transcreveu estava em um folheto traduzido pela intérprete da VOKS que os acompanhava durante uma conferência proferida por Lunatcharski, comissário de instrução pública, na Casa dos Sindicatos de Moscou, a respeito das ciências sociais e da construção técnica da URSS. O folheto trazia o resumo da palestra do que o brasileiro destacou: “O homem novo está nascendo e devemos acompanhar o processo de seu nascimento” (CESAR: 1932: 62).

Cesar mesclou muitos dados desses impressos da VOKS, nem sempre referenciados por ele como no caso citado, da palestra na casa dos sindicatos, com suas próprias impressões. Ele lamentou não ter se encontrado com o fisiologista Ivan Pavlov (1849-1936) quando visitou o Instituto de Medicina Experimental de Leningrado, onde foi acompanhado por um de seus assistentes em uma demonstração de experiência com um cão sobre os reflexos condicionados da fome. Dedicou duas páginas e meia sobre o procedimento científico. Por fim, o autor comunicou que o instituto vinha se dedicando a estudar o processo do sono e da hipnose, tema importante do pavlovismo, que culminaria na terapia do sono (ver capítulo 4). Segundo Cesar, Pavlov foi o grande responsável pelo início do método experimental aplicado nos estudos psíquicos que, segundo ele, “até 1900 era vago, subjetivo, inexato” (CESAR, 1932: 139). Medeiros esteve nesse mesmo instituto, coordenado por Pavlov em Leningrado, porém pouco relatou sobre essa visita, além de contar que lá assistiu a uma “fita de vulgarização feita sob a orientação de Pavlov, no seu Instituto em Leningrado” (MEDEIROS, 1931: 69). Percebemos que havia uma estrutura de divulgação científica preparada e voltada para receber os visitantes no Instituto Pavlov, o que também foi possível observar nas narrativas da década de 1950 de maneira ainda mais difusa como prática presente nas instituições.

O relato de viagem de Medeiros não se limitou a tratar de assuntos de ciência e medicina. Seu olhar era de um intelectual que procurava compreender o povo, os costumes, a política, a economia (“finanças públicas e privadas”) daquele país – além dos tópicos que podemos considerar como inescapáveis para um intelectual observar na URSS, “o problema operário”,

“os camponeses e o regime”, “o problema religioso”. Ele, em seu relato, se definiu como um turista incomum, já que seu interesse era conhecer os aspectos sociais daquele país e não acervos artísticos pré-revolução:

Na Rússia atual é muito frequente receber-se com insistência convite para visitar as lindas coleções artísticas, que enchem seus museus. Mas quem vai ver um panorama social não se interessa muito pelas riquezas artísticas senão em suas manifestações posteriores ao movimento, cujas consequências se observam.

Assim, sempre que a minha intérprete em Leningrado me propunha uma visita a um Museu de Arte – Ermitage, Museu Russo etc. – eu substituí a proposta por uma visita a uma instituição moderna, que me desse uma visão do movimento social (MEDEIROS, 1931: 95).

Temas polêmicos relacionados à URSS que circulavam na imprensa nacional e internacional foram aqueles eleitos por Medeiros para serem abordados em seu relato de viagem, transmitindo suas observações e avaliação sobre esses aspectos. Em determinado momento de sua narrativa, comentando o problema dos menores de rua na Rússia, que era um dos tópicos de seu caderno de notas para “tirar a limpo”, declarou: “o que eu lia na imprensa da Europa Ocidental era simplesmente fantástico” (MEDEIROS, 1931: 70). Medeiros mencionou que havia lido descrições em jornais afirmando que na Rússia haveria cerca de 5 milhões de crianças que andavam em grupos cometendo delitos de várias ordens, vivendo com vícios e doenças (MEDEIROS, 1931). Contudo, não foi esse quadro que ele encontrou em Leningrado: “não encontrei vestígio dessa vagabundagem de crianças” (MEDEIROS, 1931: 71), declarou. Então emendou a descrição de uma conversa com uma velha senhora que ficava à porta do hotel pedindo “auxílio”.⁸⁶ A senhora havia sido artista de ópera na mocidade e depois foi viver de rendimentos na época do czar, passado que recordava com excitação saudosista. Após a Revolução, perdeu tudo. Seu sofrimento pelo álcool era visível; cantou e chorou durante a conversa realizada num perfeito francês interrompido por um guarda policial que a mandou se afastar aos empurrões (MEDEIROS, 1931: 71). Ela foi a única mendiga que vira em Leningrado. Já em Moscou, Medeiros (1932: 72) assumiu que a mendicância era “mais sensível” e incômoda. Ele reconheceu a diversidade regional quanto ao problema do menor abandonado, trouxe dados estatísticos, elencou algumas justificativas históricas (a grande fome de 1921 e o comunismo de guerra pioraram a situação que já existia). Porém, considerou que os russos não davam a devida importância ao problema (MEDEIROS, 1931: 77).

⁸⁶ Medeiros preferiu essa palavra a esmola (MEDEIROS, 1931: 71).

Ao se tratar de relatos de viagens à URSS, comparações entre antes e depois da Revolução Russa são recorrentes. Na passagem em que Medeiros contou o diálogo com a senhora “pedinte”, fez essa comparação de maneira fluida, literária, mais subjetiva do que quando os viajantes apresentam informações estatísticas, por exemplo. Essas duas maneiras constituem diferentes formas de transmitir um estatuto de veracidade.

Além de se ocupar com visitas institucionais, Medeiros procurava se reunir com autoridades russas para entrevistas sobre seus interesses. Chegou a lamentar que os dirigentes não lhe eram acessíveis, mas mandavam representantes aos encontros que conseguiu agendar. Contou que sua intérprete procurava transmitir desculpas pelas ausências, atribuindo-as a responsabilidades do cargo. Uma conversa, porém, com o secretário da feira de Nishni Novgorod (cidade russa que passou a ser denominada Gorki em 1932) lhe informou que esses homens eram temerosos de atentados orquestrados por russos emigrados (MEDEIROS, 1931: 209-210).

Medeiros disse que não se considerava personalidade tão importante, mas não foi isso que transpareceu ao expressar sua frustração. Tentou em vão um encontro com Litvinoff, chefe do Comissariado do Povo dos Negócios Estrangeiros, para agradecer a sua ajuda pela autorização para entrar no país. Medeiros havia enviado uma correspondência ao secretário das relações exteriores, Maxim Litvinoff (1876-1951),⁸⁷ manifestando seu interesse em conhecer o país, declarando não querer estar atrelado a qualquer corrente ideológica. Contou ainda Medeiros que queria saber como “chegar ao seu país, sem compromissos políticos e ideológicos, pois não sou comunista”, declarou terminantemente (MEDEIROS, 1931: 11).

O médico se esmerou em justificar como obteve autorização para entrar no país dos soviéticos, fazendo questão de esclarecer que não queria que sua viagem tivesse qualquer implicação com “qualquer corrente ideológica brasileira” (MEDEIROS, 1931: 9). Por isso informou que buscou as providências necessárias sozinho, sem mediações. Ele frisou que em seu retorno ao Brasil recebeu tantos convites para almoços, palestras e pedidos de impressões por representantes de jornais, que resolveu publicar um livro. Explicou que o livro foi “feito com as notas, que eu tomava na ocasião para reavivar a minha memória, ele só contém o que vi e pude observar” (MEDEIROS, 1931: 8). Essa era uma tendência comum dos autores de relatos de viagem à Rússia: a de declarar que sua narrativa é fruto de observação, do que foi

87 Em 1928 e 1929, o nome de Litvinoff estava presente na seção internacional dos jornais pela defesa do desarmamento, pela assinatura do “Protocolo Litvinoff” ou “Tratado de Moscou”, registrado na Liga das Nações, que recusava a guerra como instrumento de política externa nacional. Em 1930, Litvinoff foi nomeado Comissário do Povo dos Negócios Estrangeiros, a posição diplomática de alto escalão no estado soviético.

vivido e visto com os próprios olhos, contando somente verdades, sem invenções, garantindo a legitimidade do discurso dessa maneira.

Os capítulos do livro de viagem de Medeiros que nos interessam mais são aqueles que abordam aspectos da proteção à maternidade, a questão dos menores abandonados, a questão da mulher, a da prostituição e do alcoolismo (trabalhados dessa forma, juntos em um capítulo), o tema do casamento e o do divórcio, que foram narrados com base na visita a um cartório civil, o tema da educação e o das instituições sanitárias. Também podemos destacar sua preocupação em relatar a situação dos camponeses e dos operários russos, afinal, em tese, esses seriam os sujeitos principais em um Estado proletário.

Medeiros visitou a Rússia em um período de férias escolares. Impossibilitado de conhecer uma escola em funcionamento, visitou uma colônia de férias, a cerca de uma hora de trem de Moscou. Diferentemente da rotina da escola, em que a preparação era puramente intelectual, nesse local as crianças se ocupavam com atividades de jardinagem, modelagem, pequenos engenhos (MEDEIROS, 1931: 209). Sua impressão foi das melhores. Esteve em audiência com um dos diretores do Comissário do Povo para a Instrução Pública, com quem recolheu dados sobre a educação. A maior preocupação era enfrentar o problema da alfabetização do povo: “nisso muito se parece esse país com o nosso”, comparou o médico e professor (MEDEIROS, 1931: 211).

Todas as condições gerais do problema se apresentam, pois, na Rússia muito semelhantes às do Brasil: alta porcentagem de analfabetos, mesmo nas cidades, extensão imensa do território, disseminação de uma enorme população rarefeita pela vastidão das Rússias, dificuldades de meios de comunicação, escassez de professores aptos, e de recursos materiais para o combate ao mal. Nessas condições era de todo o interesse conhecer os métodos empregados pelo regime soviético (MEDEIROS, 1931: 211).

O médico ficou impressionado com as informações coletadas na reunião com esse diretor, em particular com o investimento na área da educação pública, estimado em 400 milhões de rublos ou 1.600 milhares de contos, “ou seja o total da receita atual da União Brasileira!” (MEDEIROS, 1931: 214). Ainda que se considere que a população russa fosse quatro vezes maior que a do Brasil, a diferença quanto ao investimento dispensado à educação entre os países chamou-lhe a atenção, pois tratava-se de dez vezes mais do que o gasto brasileiro para o “problema da instrução” (MEDEIROS, 1931: 214-215). O plano de enfrentamento dos problemas educacionais na Rússia teria se dado com o aumento da quantidade de escolas e um programa específico chamado “liquidação do analfabetismo”, com ensino de leitura, letramento e matemática elementar. Os clubes de operários complementaram o programa com a

organização de círculos de leitura versados nos temas de instrução política, artes, história natural, atividades com notícias de jornais, além de apresentações teatrais e palestras. Outra realização destacada por Medeiros como importante foi o programa que pôs em circulação em torno de seis mil unidades de bibliotecas ambulantes por áreas rurais e metropolitanas de toda a extensa Rússia (MEDEIROS, 1931: 213).

Medeiros expressou sua opinião quanto à conexão entre assuntos de educação e de saúde pública. Para ele, os resultados das políticas nesses campos costumam revelar que essas duas áreas “andam juntas”: “o alfabeto é o maior higienizador de um povo”, afirmou (MEDEIROS, 1931: 222).

Na Rússia, o postulado se confirma. Sua alta percentagem de analfabetos, a ignorância popular, sua absoluta incompreensão dos meios de defesa contra a doença, repercutem de modo sensível nos índices assustadores da mortalidade normal, exagerados frequentemente por epidemias cruéis (MEDEIROS, 1931: 222).

Ao comentar as enfermidades mais importantes na sociedade soviética, Medeiros (1931: 223) fez a observação de que haveria pontos coincidentes com o Brasil. Em dado momento, ele teceu o seguinte comentário a respeito desse tipo de informação bem comum não apenas em seu relato de viagem como também no de outros autores: “como encontraria mais tarde por toda a parte, fornecem-me dados estatísticos e explicações doutrinárias sobre a razões da instituição” (MEDEIROS, 1931: 68). Em outra passagem, teceu um comentário admirando os serviços estatísticos russos: “Não creio que em nenhum outro país se leve tanto em conta a conveniência de uma estatística mantida sempre em dia, como na Rússia dos Soviets” (MEDEIROS, 1931: 162).

Na Tabela 1, apresenta-se uma relação das doenças referenciadas por Medeiros, juntamente com os dados correspondentes à incidência delas na URSS ao longo de um ano. Em seguida, encontra-se a estratégia de combate utilizada pelo Estado Soviético quando tal informação foi mencionada pelo autor. Esses dados possivelmente foram compilados por Medeiros de folhetos contendo estatísticas referentes ao ano de 1928 (MEDEIROS, 1931: 223, 227). São todas doenças infecciosas mencionadas na seção de seu livro dedicada aos “Serviços sanitários” para ilustrar a atuação da União Soviética em saúde pública.

Tabela 1 – Dados extraídos da narrativa de viagem de Maurício de Medeiros

Doenças	Pessoas/1 ano	Ação de enfrentamento
Varíola	20.000	-

Peste	200	-
Raiva	80.000 (vítimas de animais raivosos)	80 unidades de pesquisa do Institutos Pasteur
Lepra	500	12 leprosários
Tracoma	1.000.000	Caravanas de oftalmologistas em regiões rurais, além do Instituto Antitracomatoso de Kasan, que disponibiliza cursos de especialização
Impaludismo	5.000.000	O Instituto de Doenças Tropicais de Moscou oferece um curso de especialização sobre a doença
Tuberculose	1.500.000	420 dispensários e “quase igual número de instituições auxiliares e sanatórios, com perto de 20.000 leitos”
Doenças venéreas	80.000	500 centros antivenéreos

Fonte: MEDEIROS (1931: 223, 226-228).

Medeiros também apresentou dados da mortalidade infantil de modo a comparar o período anterior à Revolução, na Rússia do czar, e a ação do Estado soviético. As maiores taxas de mortalidade corresponderam a 1916, com 27%, e a 1919, com mais de 28%. Os anos subsequentes apresentaram instabilidades, e em 1925 e 1926 as taxas de mortalidade infantil se mantiveram em pouco mais de 14% (MEDEIROS, 1931: 223-224).

Na visão dele, a taxa de mortalidade infantil de um país, se for elevada, “é o verdadeiro sinal de incultura de um povo” (MEDEIROS, 1931: 223). A reversão do quadro de um quarto de nascimentos decorrendo em falecimentos dos bebês na época anterior à Rússia soviética foi atribuída, pelo autor, a parte do esforço da política sanitária com crescente investimento em saúde pública do governo após a Revolução (MEDEIROS, 1931: 225). Além do aumento do

orçamento, o médico valorizou a política de educação sanitária por meio do funcionamento de centros de instrução sanitária que ofereciam exposições, museus, bibliotecas e materiais de divulgação. Segundo ele, para o cumprimento das atividades desses centros, o governo soviético empregou cerca de três mil médicos sanitários. O aumento da formação de médicos no país, que contava com 23 escolas de medicina, nas quais graduavam-se de dois mil a três mil médicos por ano, acompanhou o crescimento da rede de instituições sanitárias. Em 1928, havia um total de 53 mil médicos soviéticos (MEDEIROS, 1931: 226).

Os dados apresentados por Medeiros teriam sido dados estatísticos compilados de algum tipo de material, como folhetos ou livretos, provavelmente distribuídos e produzidos pelas próprias instituições visitadas ou por órgãos como a VOKS, destinados aos turistas estrangeiros. O autor se isentou de realizar uma interpretação mais acurada desses números: “O julgamento dos resultados de uma tal organização não se pode fazer em uma visita de um mês. Tem-se de dar crédito às estatísticas, e estas são favoráveis em todos os sentidos” (MEDEIROS, 1931: 229).

Em geral, ele avaliou esses dados como positivos e promissores, uma vez que o governo revolucionário teria poucos anos de existência e travava um enfrentamento de problemas estruturais que impactavam a saúde pública. Tal situação, em sua visão, era semelhante ao Brasil. Medeiros comparou a realidade da saúde pública russa com a do Brasil, que também levaria anos para obter melhores índices. Segundo o médico brasileiro, as mudanças deveriam ser estruturais e de longo prazo. A solução seria a expansão nos gastos com programas de saúde, como vinha sendo realizado na Rússia, como Medeiros buscou demonstrar. Ao saudar seu colega, o médico Clementino Fraga (1880-1971) – que, como diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), havia enfrentado uma epidemia de febre amarela que assolou o Rio de Janeiro em 1929-1930 –, deixou claro que a resolução dos problemas de saúde pública era tarefa de muitos anos.

Sem dúvida, numa campanha que tem de atacar tudo pela base, não é em alguns anos que se podem colher frutos sensíveis. Estes são rápidos e demonstram bem a perfeição de uma organização sanitária, quando se trata de atacar uma epidemia. É o caso do Brasil, por ocasião do surto da febre amarela em 1929, no Rio de Janeiro, combatido eficazmente pela atividade jamais bastante louvada do prof. Clementino Fraga. Mas quando se trata de levantar o nível geral da saúde pública, expresso em índices de mortalidade, num povo cuja instrução é inferior, a tarefa demanda algumas dezenas de anos para ser frutífera (MEDEIROS, 1931: 229).

Além dos comentários sobre os dados estatísticos, Medeiros buscou transmitir sua impressão quanto à higiene pessoal, doméstica e urbana. Em geral, negativas. Contudo, buscou

ser flexível e ponderou sua opinião por não ter conhecimento da situação pré-Revolução de 1917. Assim, chegou até a considerar que era possível que houvesse alguma melhoria. Outro ponto de que lançou mão para relativizar sua impressão negativa com a higiene do povo russo foi a comparação com a Alemanha, país em que considerou o aspecto da higiene como impecável. Por essa razão, era possível ter tido sua percepção afetada por uma expectativa elevada. No entanto, reconheceu os esforços hercúleos por melhorias da situação sanitária russa. Se os dados apresentados fossem verdadeiros, ele considerava que dentro de algum tempo a União Soviética estaria entre as maiores nações que apresentassem as melhores estatísticas demográfico-sanitárias do mundo (MEDEIROS, 1931: 230). Percebemos assim o cuidado de Medeiros ao transmitir sua opinião e suas impressões. Mesmo julgando as condições sanitárias e de higiene insuficientes, buscou contemporizar sua opinião considerando que talvez fosse pior antes da Revolução, afirmando que os dados sanitários, sendo verdadeiros, levariam a Rússia a condições de disputar índices com os melhores do mundo (MEDEIROS, 1931).

O problema da maternidade, dos menores abandonados, a questão da mulher, o casamento e o divórcio foram outros temas abordados na narrativa de Medeiros de maneira encadeada, porque os considerava interligados. Visitou uma maternidade em Leningrado abrigada na antiga mansão de um proprietário que abandonara o país após a Revolução (MEDEIROS, 1931: 60). Contou que foi recebido com ainda mais amabilidade pelo fato de conhecerem sua condição de médico e professor de faculdade de medicina. Pôde conhecer o procedimento dos atendimentos à mulher gestante, submetida a exames laboratoriais, inclusive o teste de Wassermann (teste bacteriológico para checagem de sífilis) e outros exames de clínica geral, não limitando seu atendimento à especialidade de saúde materna (MEDEIROS, 1931: 61). A mulher grávida tinha direito à licença-maternidade dois meses antes do parto e dois meses pós-parto, mantendo meio salário. Conheceu a área dos bebês prematuros, o laboratório de análise de leite materno e o laboratório de pesquisa, onde eram desenvolvidas experiências acerca da alimentação na primeira infância. A maternidade oferecia cursos de higiene infantil aos pais e creche com os devidos cuidados aos recém-nascidos das mães que trabalham – “e esta é a regra geral na Rússia”, ele complementou (MEDEIROS, 1931: 68). Sua impressão em visita a essa maternidade foi das melhores; elogiou os médicos-diretores, e em sua narrativa aproveitou para valorizar a participação dos médicos na construção das políticas públicas.

Quem organizou todo esse conjunto de serviços? Professores e médicos especialistas.

Assim, o regime comunista foi sendo aos poucos levado a ir admitindo a colaboração dos técnicos (MEDEIROS, 1931: 68-69).

Em relação à saúde da mulher, a legislação russa era considerada muito avançada na questão da legalização do aborto. Maurício de Medeiros expôs sua posição em relação ao tema, ao explicar que caso a mulher não quisesse prosseguir com a gravidez, ela teria o direito de interrompê-la: “nesse sentido a legislação russa é das mais interessantes” (MEDEIROS, 1931: 61). O aborto foi legalizado na URSS pela primeira vez no mundo, em 1920. Para o autor do relato de viagem, isso se deu sem qualquer conotação de ordem moral, mas sim por motivações da ordem da higiene (MEDEIROS, 1931).

Nas observações do médico brasileiro, nos países que criminalizam o aborto, “salvo quando indicado por formais prescrições médicas e só nos casos em que a gravidez pode fazer a vida materna correr risco” (MEDEIROS, 1931: 63), a ocorrência de abortos clandestinos seria enorme. Para fins de exemplificar sua posição, Medeiros reportou o trágico caso de uma viúva em Lyon, França, que procurou um ginecologista decidida a abortar, mas sem confessar seu estado de gravidez. Pelo que descreveu, o médico diagnosticou que ela sofria de um fibroma, uma vez que a reputação da paciente não permitia a suspeita de gravidez pelo médico. Marcada a cirurgia, este se deparou com um feto em desenvolvimento e não conseguiu salvar a vida da mulher, “que assim perdeu a vida para manter a boa fama moral de que gozava” (MEDEIROS, 1931: 62). Medeiros citou esse caso para defender seu argumento. Ironicamente, o trágico desfecho da história ganhou o noticiário dos jornais franceses por causa da revolta de sua família contra o médico, o que acabou dando uma “publicidade escandalosa a situação” (MEDEIROS, 1931: 64). Para o autor, o preconceito das sociedades burguesas contra o aborto seria responsável pelo aumento de abortos clandestinos, dos quais as estatísticas apontam que 3-4% deles resultam em morte (MEDEIROS, 1931: 64). Daí a interpretação dos legisladores russos ser de regulamentar essa intervenção a fim de preservar a saúde da mulher.

Na Rússia dos anos 1930, o aborto era permitido durante os primeiros três meses iniciais de gestação, e a mulher estaria impedida de repetir o procedimento até que se completassem pelo menos seis meses. A mulher deveria se dirigir a um hospital para receber atendimento médico, e uma comissão iria buscar saber das suas motivações. Se estas fossem julgadas insuficientes, tentariam fazer com que mudasse sua decisão, porém sem muito insistirem, “pois ficou demonstrado que, nesses casos, a mulher procurava fazer por meios primitivos aquilo que a comissão lhe recusava praticar em condições higiênicas” (MEDEIROS, 1931: 64). O médico brasileiro apresentou o que seriam dados satisfatórios dessa política: apenas 0,05% de mortes

decorrentes de aborto legal (ou nove mortes em 17.500 abortos realizados) contra os 3-4% dos países em que a prática de aborto é criminalizada (MEDEIROS, 1931: 65).

Sabendo do apelo moral que o debate mobilizava, ele comparou os esforços soviéticos para condenar as práticas que não fossem realizadas segundo as determinações da lei no cenário de países onde o aborto era considerado um crime. Para os casos de criminalização, sua opinião era de que “a prática da justiça não consegue ou não quer punir os provocadores do aborto” (MEDEIROS, 1931: 65). Ao explorar essa temática, deixou transparecer sua posição favorável à legalização de tal prática, esclarecendo-a ainda mais com a seguinte passagem rememorada de suas lembranças.

Ao tomar conhecimento de tais coisas, não evito a reminiscência de minhas leituras de moço e do entusiasmo que me causou o primeiro livro que li defendendo a legalização do aborto... Ideologias de mocidade que a maturidade me permite ver realizadas.

Quanta ruína moral, quanta prostituição, quanta infelicidade se evitaria nas sociedades burguesas, onde os preconceitos marcam indelévels os pecados do amor ou do instinto! Mas o preconceito do aborto crime persegue essas infelizes, que, ou morrem vítimas das tentativas clandestinas, ou arrastam uma vida miserável perseguidas em nome da moral que as condena a todas as imoralidades! (MEDEIROS, 1931: 65-66).

Medeiros mencionou um conjunto de medidas complementares a essa legalização da prática do aborto. Entre elas, ele se referiu à legislação do casamento, que, na Rússia, permite rapidamente como nenhuma outra no mundo a “reparação de um dano porventura causado por um pai ilegal”; e também à educação popular que é praticada sem influência de “preconceitos de ordem sobrenatural e religiosa”, que acaba por neutralizar o estigma da mulher (MEDEIROS, 1931: 65-66). As provas de paternidade de um filho são de direito de qualquer mulher, sendo ou não casada. Na Rússia era diferente do Brasil o modo como a questão da paternidade era tratada em termos jurídicos. No Brasil, reinava o princípio *Pater est quem nuptiae demonstrant*, que define que o pai é aquele cujo filho nasce no casamento, o que era “cômodo sobretudo para os caçadores de mulheres alheias”, manifestou Medeiros (1931: 99). No caso de dúvida de paternidade, a justiça russa deveria atribuir os deveres legais a todos os possíveis pais, destacou o autor, para demonstrar o nível da diferença de tratamento da questão pelos dois países (MEDEIROS, 1931).

Não havia comemorações solenes no casamento russo, que se constituía numa declaração mútua do casal em um cartório. O divórcio era um procedimento ainda mais simples, ao poder ser declarado por apenas um dos cônjuges, um princípio inspirado em legislação da

Revolução Francesa, que foi alterado posteriormente e incorporado pelo Uruguai (MEDEIROS, 1931: 99-100).

Medeiros, que parecia ter uma lista de assuntos de seu interesse a checar, quis saber se haveria crianças pobres e sem responsáveis nas ruas. Em razão do que lia em jornais europeus, estava interessado em conferir como a União Soviética lidava com o problema do menor abandonado. Os dados na imprensa giravam em torno de cinco milhões de crianças ao léu, que cresciam de forma selvagem, em bandos, cometendo diversos crimes de depredações, ataques e até assassinatos (MEDEIROS, 1931: 70). Contou ter visto poucos menores nas ruas de Moscou e muitos em Karkov, na Ucrânia. Carregava sua preconceção sobre o assunto com base em leituras da imprensa, de modo que constatou: “o problema existia. Não era uma fábula” (MEDEIROS, 1931: 74).

Minha impressão pessoal foi a de que o doloroso fenômeno existe. Se não tem as proporções calamitosas, que a lenda lhe deu, tem as suficientes para deixar uma grande dúvida no espírito do visitante sobre a capacidade organizadora da reação com que os Russos afirmam que extinguirão o mal! (MEDEIROS, 1931: 77).

A liberdade sexual da mulher comunista era um tema de curiosidade aos estrangeiros em razão das acusações de que o novo regime trazia a dissolução da família. Medeiros contou: “não é raro que aqueles que me falam de minha viagem indaguem com maliciosa curiosidade sobre o problema feminino...” (MEDEIROS, 1931: 78). Uma posição equivocada causada por notícias que levavam à falsa ideia de que a mulher russa era de domínio coletivo, o que foi negado por Medeiros. Ele disse que o que viu foi que a prática do regime corresponderia aos “ideais doutrinários de elevação da mulher na vida social” (MEDEIROS, 1931: 78). Com a intenção de desconstruir essa visão, lançou mão de dados estatísticos oficiais, relatou conversas e até confessou ter feito um experimento, por sinal machista: buscou flertar por trocas de olhares com mulheres para tirar sua própria conclusão sobre o comportamento da mulher russa. Como conclusão dessa sua experiência, disse que não sentiu malícia alguma, apenas simples cumprimentos (MEDEIROS, 1931: 86-87). Medeiros recorrentemente fez comparações da sociedade russa com a capitalista, e no caso da questão da mulher, afirmou: “nossa educação que torna a mulher o eterno objeto da concupiscência masculina que ela própria se incumbe automaticamente ou quase instintivamente, de despertar” (MEDEIROS, 1931: 94). Ou seja, ele procurou inverter o raciocínio da mulher como objeto: de uma perspectiva preconceituosa que acredita que na União Soviética a mulher pudesse ser tratada como se fosse um “bem coletivo” para a ponderação de que essa noção existiria também nos países capitalistas.

Uma de suas preocupações era saber se houve como consequência da “nova ordem das coisas” um afrouxamento dos laços morais tradicionais, acarretando uma iniciação sexual precoce das pessoas. Perguntou isso a um de seus intérpretes, que lhe respondeu que no início houve, sim, maior “número de defloramentos em baixa idade”, sobretudo nas províncias. Contudo, naquele momento, esse comportamento estaria em diminuição (MEDEIROS, 1931: 90). O médico brasileiro então chegou à assertiva de que o surto de erotismo foi um produto “da libertação dos costumes, tanto mais violento nos seus efeitos quanto mais fechados eram os preconceitos...” (MEDEIROS, 1931: 90-91). Conforme estatísticas oficiais soviéticas, afirmou Medeiros, a idade de início da vida sexual estaria em tendência de queda, assim como casos de aborto antes dos 20 anos, segundo as informações analisadas pelas comissões médicas de consulta para o aborto legal. Ele comparou o controle de natalidade da URSS ao da Inglaterra, país onde havia muita resistência a campanhas de *birth control*, mesmo sendo uma das nações mais liberais do mundo. Na Rússia, o autor salientou, eram realizadas campanhas de educação do uso de anticoncepcionais entre operários e se contava com comissões científicas responsáveis por estudar e aprimorar métodos contraceptivos e avaliar possibilidades de esterilização. A participação dos médicos nesse tipo de questão não tinha nada de imoral, mas era uma preocupação eugênica, pontuou Medeiros (1931: 92).

Um dos assuntos que mais impressionaram negativamente Maurício de Medeiros durante sua estadia na União Soviética foi o alcoolismo. Em sua narrativa, ele conjugou esse tema com o da prostituição em um só capítulo. Medeiros não disfarçou seu espanto com o alto nível do alcoolismo e a negligência dos dirigentes quanto ao problema. Para o autor, essa questão era ainda mais grave do que a prostituição. Compartilhou sua indagação com alguns colegas médicos, que concordaram com ele e previram piora no quadro do alcoolismo. Naquele momento, o governo estava prestes a liberar a venda de bebidas alcoólicas em barraquinhas como as que vendem frutas: “o povo não desabitua da vodka – bebida nacional predileta – e o governo é partidário da não intervenção nesse assunto” (MEDEIROS, 1931: 153). Ele ainda teceu um comentário em relação aos dirigentes da Rússia, que estariam investindo na criação de fluxos de turismo no país e pareciam não se darem conta do impacto e do julgamento de estrangeiros diante da péssima impressão fornecida pelos muitos ébrios e mendigos nas ruas (MEDEIROS, 1931: 153-154).

O médico brasileiro acreditava que o governo soviético não toleraria a prática da prostituição, mas reconheceu que estava enganado. Observou que havia prostituição tanto em Leningrado quanto em Moscou, embora mais discretamente na capital, de modo que considerou

o que viu como não sendo uma situação “tão afrontosa” como já observara em outras capitais do mundo capitalista. Especificamente se referiu à região da Zona do Mangue, no Rio de Janeiro, como o exemplo mais degradado, “espaço moral repugnante”, não tendo visto nada igual em nenhuma parte do mundo: “nesse particular temos uma supremacia que ninguém nos supera” (MEDEIROS, 1931: 146).

A prostituição seria uma anomalia social que tenderia a desaparecer quando o regime socialista se instaurasse e regularizasse todos os aspectos econômicos da sociedade (MEDEIROS, 1931: 149), assim como Cesar (1932) escreveria em seu livro. A visita médica oficial e o registro policial nesses locais foram abolidos com a Revolução. Havia uma mentalidade compartilhada por outros governos de que a regulamentação da prostituição seria equivalente à oficialização da prática. No entanto, Medeiros esclareceu que o governo se preocupava com questões sanitárias pertinentes ao problema da prostituição. Tomou algumas providências, como a criação do delito do contágio, com penas aplicadas tanto às mulheres quanto aos homens. Inaugurou, por todo o território, “ambulatórios de profilaxia e tratamento de doenças venéreas” (MEDEIROS, 1931: 150). Havia instituições denominadas “Preventoria ou Profilactoria”, destinadas a acolher essas mulheres, doentes ou não, tratá-las e oferecer a elas a formação em um ofício. Tais casas funcionavam sob um Conselho de Proteção Social – formado por mulheres operárias e comunistas – responsável pela admissão, por indicar aquelas que necessitavam de tratamento, e por tentar convencê-las de abandonar tal profissão amoral (MEDEIROS, 1931: 151). Nessas instituições, “dão-lhe casa, comida, trabalho, disciplina e um pequeno salário”. O quadro não era bem assim, e Medeiros tinha consciência da existência de casos de retorno à prostituição (as “viciadas” e as “taradas”), assim restaria a internação em um hospital para nervosos ou então a própria rua (MEDEIROS, 1931).

Ao passar por Karkov, na Ucrânia, se dirigiu à Faculdade de Medicina da região. Foi recebido pelo diretor, prof. Pavloff (“sem nenhum parentesco com o sábio homônimo em Leningrado”), que apreciou saber que Medeiros ocupava a mesma cadeira na “Faculdade do Rio” (o médico brasileiro era professor na cadeira de clínica propedêutica) (MEDEIROS, 1931).

Na seção de Anatomia encontramos o respectivo professor em plena atividade de pesquisas. Entre as curiosidades, que me mostrou, a que mais me impressionou foi a de seu método de estudo das terminações nervosas do miocárdio, dos intestinos e dos próprios vasos sanguíneos, por meio de uma iluminação por transparência dos tecidos a examinar, com auxílio de uma simples lente. Disse-me ele que essa técnica, tão fácil, tinha-lhe permitido descrever minúcias até então desconhecidas nessas terminações nervosas. Deu-me um livro maravilhosamente impresso em alemão com o resultado de suas pacientes pesquisas. De lá mesmo o remeti pelo Correio ao meu colega

prof. Alfredo Monteiro⁸⁸ que induziu logo um de seus assistentes a industriar-se na técnica do anatomista de Charkow (MEDEIROS, 1931: 268-269).

Procurou saber das condições de trabalho dos professores, e muito lhe impressionaram o financiamento para aquisição de livros e o incentivo para que os bons professores fossem autores de obras didáticas que eram compradas pelo Estado. Filhos de professores universitários teriam preferência na matrícula da universidade; depois seriam os filhos de camponeses e operários; em terceiro lugar, os dos técnicos; e por último, os filhos dos burgueses (MEDEIROS, 1931: 215). Os professores cientistas receberiam todo o aparato técnico para a realização de suas pesquisas.

Medeiros foi convidado para um jantar na residência de Pavloff em sua residência, “um apartamento modesto em uma habitação coletiva” (MEDEIROS, 1931: 271). Os outros convidados eram o diretor da Faculdade de Odontologia, o da Farmácia, um professor de antropologia (que pesquisava grupos sanguíneos humanos), o secretário do comissariado e dois estudantes. Saudaram brindes à amizade brasileiro-soviética, entre outras coisas, pois não faltavam motivações para um brinde com vodca: “não acabavam as saúdes...” (MEDEIROS, 1931: 272).

O médico brasileiro mostrou interesse sobre como seria a relação dos professores universitários com o regime comunista e perguntou ao prof. Pavloff sobre o “estado de espírito dos professores dentro do regime” (MEDEIROS, 1931: 219). Descobriu que existiram dois tipos de professores. Um deles seria o dos entusiastas do regime que se filiavam ao Partido e a ele revertiam parte do salário que recebiam (o que se limitava a 250 rublos na capital e 200 rublos na província). Outro tipo, que seria a maioria, optava por se abster “da política e fazer ciência, para a qual encontra o apoio oficial” (MEDEIROS, 1931: 219). O autor complementou com a seguinte afirmação sobre os professores: “fazem uma vida calma, de pesquisas, sem nenhuma preocupação com o exterior” (MEDEIROS, 1931: 219). Segundo ele, pelo menos em Karkov, o regime conseguia isolar os professores da agitação da vida, para que vivessem da ciência, alcançando prestígio e respeito com os dirigentes; política e ciência não se misturariam (MEDEIROS, 1931: 221).

⁸⁸ Alfredo Alberto Pereira Monteiro (1891-1961), médico e professor carioca, foi formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1913, na qual se tornou professor substituto de anatomia operatória em 1922. Lecionou em diversos locais. Foi membro da Missão Médica Especial, de caráter militar, enviada à Primeira Grande Guerra em 1918, e na Segunda Guerra compôs a equipe da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Site da Academia Nacional de Medicina, disponível em: http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=140 Acesso em março de 2018.

Medeiros transcreveu um decreto baixado para determinar uma quantia sobressalente ao Instituto de Fisiologia, presidido por Ivan Pavlov na ocasião de seu 80º aniversário, para melhoria de suas instalações.⁸⁹ Sua empolgação pode ser sinal da falta de investimento científico no Brasil: “Cem mil rublos são mais de 400 contos! A Rússia Soviética presenteia um sábio de fama mundial no dia de seu aniversário, por esse modo – dando cem mil rublos para melhoramentos nos seus laboratórios de pesquisas!...” (MEDEIROS, 1931: 217).

Uma das técnicas de hospitalidade utilizada pela VOKS era convidar os intelectuais estrangeiros a participarem de programas de rádio ou receberem repórteres de jornais para serem entrevistados. Maurício de Medeiros foi entrevistado antes de partir de Leningrado para Moscou. A notícia foi reproduzida no original e acompanhada da tradução em destaque na contracapa do livro. Nela, os leitores brasileiros teriam uma evidência da importância da visita de Medeiros à URSS.

Visita de um sábio Brasileiro – Acha-se em Moscou o professor de Medicina e deputado do Parlamento brasileiro, o sr. Mauricio de Medeiros. Nosso ilustre visitante conta demorar-se algum tempo entre nós, viajando a Feira de Nishni, Ucrania e a Crimeia. Hoje S. Exc. foi recebido em audiência pela Camarada Camenieff presidente da Voks (Sociedade para as Relações Intelectuais com o Estrangeiro) (MEDEIROS, 1931).

A conversa com o repórter foi em francês. Como Medeiros foi um defensor do restabelecimento das relações diplomáticas e comerciais dos governos brasileiro e russo, esse assunto teve maior destaque, pelo menos em seu relato (MEDEIROS, 1931: 155). Para o médico e ex-parlamentar, a postura de não reconhecimento da URSS era vantajosa às grandes nações (referia-se à Alemanha, à Holanda, aos EUA e à Inglaterra), que negociavam com a Rússia, intermediando, inclusive, produtos de origem brasileira, tais como borracha e cacau (MEDEIROS, 1931: 166-167).

A repercussão do livro *Rússia* na vida de Maurício de Medeiros foi significativa, pelo próprio título do livro ou pelo seu conteúdo. Suas impressões otimistas com o investimento da URSS em educação e em saúde pesou mais do que as passagens nas quais ressaltou críticas ao regime. As avaliações negativas presentes em seu livro de viagem não o livraram de perseguições. Nem a sua obra (MEDEIROS, 1931: 299-300; MOTTA, 2006).

Medeiros escreveu e traduziu diversos livros entre obras de ficção, ensaios políticos e estudos técnicos de medicina, mas *Rússia* foi seu livro mais polêmico. A imprensa carioca

⁸⁹ O recurso foi utilizado para a construção de um local isolado de sons e para um espaço novo para a Estação Biológica, ligada ao Laboratório.

publicou numerosas críticas ao autor, e seu livro entrou na lista de livros proibidos a serem recolhidos de bibliotecas públicas e livrarias pela polícia política.⁹⁰ Ordens policiais determinaram a retirada desse livro das vitrines; foram presos dois distribuidores de cartazes de propaganda do livro, e o editor Calvino Filho também foi fichado, interrogado e acompanhado de perto pelos investigadores.⁹¹ À guisa de conclusão de seu relato de viagem, Medeiros buscou apresentar um balanço do regime. Como havia participado de conferências e entrevistas a jornalistas declarando suas impressões, ele foi tachado de comunista, “filiado a III Internacional” (MEDEIROS, 1931: 299). Para se defender desse tipo de acusações, utilizou-se de ironia e fez previsões sobre as consequências da publicação de seu livro de viagem, demonstrando consciência da conjuntura anticomunista.

Na sociedade, em que vivemos, o mundo de lendas geradas em torno do comunismo é tão grande, que o simples fato de ter estado na Rússia e voltar, sem dizer que os homens andam de pernas para o ar e as casas têm os alicerces na cumieira, é um sinal de suspeita de solidariedade com o regime...

Quando voltei da Rússia, dei algumas impressões a jornalistas, que me entrevistaram. Eu nada dizia de extraordinário: não tinha visto fuzilar ninguém, nem assistira a nenhuma bacanal...

Tanto bastou para que alguns jornais me dissessem filiado a IIIª Internacional, e para que o serviço de Ordem Social, mantido pela polícia de meu amigo Coriolano de Góes, e subsistente, talvez com maior energia na polícia atual de meu ex-colega o liberal Baptista Luzardo – abrisse um dossiê em meu nome, colecionando o que eu dizia...

Não tenho a menor dúvida de que análoga vai ser a consequência da publicação deste livro, mau grado as verdades que nele digo sobre muitas cousas imperfeitas e desagradáveis que pude observar (MEDEIROS, 1931: 299-300).

Como uma espécie de balanço geral, o autor questionou se a Rússia seria o melhor exemplo de Estado moderno. Para ele, seria difícil responder, porque houve aspectos que lhe encantaram muito, como a importância dos técnicos científicos na elaboração dos programas de governo, porém não aprovava o clima de asfixia mental causado pela liberdade limitada e

90 As delegacias de polícia política surgiram em 1933, com a criação da Delegacia Especial de Segurança Política e Social (DESPS), que organizou o surgimento de unidades regionais, centralizadas pela coordenação de Filinto Muller. Herdou a estrutura de órgãos policiais do início do século XX. Seu objetivo era prever e coibir comportamentos políticos divergentes. Sua maior contribuição foi a produção e o acúmulo de informações sobre pessoas e organizações e expressões políticas de modo geral. Tais delegacias mantiveram as atividades após a queda de Vargas, inclusive de forma mais incisiva. São consideradas um elo entre as ditaduras varguista e militar (APERJ, 1998: 24).

91 Uma nota de rodapé atualizou o leitor, confirmando os prognósticos de Maurício de Medeiros, e podemos inferir que ela tenha sido escrita pelo editor Calvino Filho: “A polícia de meu ex-colega, o liberal Baptista Luzardo, mandou retirar da vitrine das livrarias este livro, por meio de ordens espalhafatosas. Dois distribuidores de cartazes de propaganda do livro foram presos. E o meu editor se viu acompanhado de perto por investigadores!...” (MEDEIROS, 1931: 300).

sem possibilidades de exercício da crítica (MEDEIROS, 1931: 304-305). Embora houvesse os jornais murais, organizações locais e correspondentes livres que poderiam ser citados como manifestações críticas, na opinião de Medeiros, esses elementos eram ínfimos e não passavam de críticas a detalhes, já que em linhas gerais tudo era ditado pelo Partido Comunista (MEDEIROS, 1931: 305). Para o autor, o sistema capitalista em crise precisaria ser transformado para resistir, disciplinando-se por meio das funções do Estado, que deveria assumir maior intervenção na esfera privada; caso contrário, as classes oprimidas pelo liberalismo seriam seduzidas pela ideologia comunista, afirmou em tom de exclamação (MEDEIROS, 1931: 314). Nesse sentido, a Rússia seria um modelo de experiência que valeria a pena ser estudado, sobretudo no que tange a seus métodos econômicos e ao racionalismo científico.

Anos após a publicação de *Rússia*, Clementino Fraga, que havia sido mencionado no livro como carente de reconhecimento público por seu trabalho de controle à epidemia de febre amarela (MEDEIROS, 1931: 229), recebeu Maurício de Medeiros na cerimônia dedicada a sua posse na Academia Brasileira de Letras (ABL), em agosto de 1955. Fraga, que já era membro da ABL, foi professor da segunda cadeira de clínica médica na Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, na qual Medeiros era parte do colegiado. No discurso de recepção, Fraga fez menção ao livro *Rússia*, que qualificou como “sem fantasia, nem crítica” (FRAGA, 1955). Na ocasião, mencionou que a capa desse livro (ver *Figura 8*) com a figura “mavórtica” (relativo a Marte, belicosa) não era de bom gosto e não condizia com o conteúdo da narrativa que qualificou como amena com descrições de paisagens e povoados remotos.⁹² Era como se Fraga precisasse justificar o fato de no passado o novo membro da Academia ter publicado um livro de viagem sobre a Rússia. Fraga disse, ponderando e, talvez, buscando diminuir a importância do livro naquele momento: “No mais, a não ser pela forma, sempre escorreita e amena, não creio que as impressões tenham ainda atualidade, 25 anos passados, num regime que envolve a golpes de autoridade com o apoio da força” (FRAGA, 1955). O discurso de Fraga diz respeito ao lugar do livro *Rússia* na década de 1930 e na conjuntura anticomunista do Brasil na Guerra Fria.

As críticas na imprensa ao autor de *Rússia*, aliadas ao fato de que era um ferrenho crítico do governo Vargas, engrossaram o caldo político que culminou em sua prisão e demissão,

92 A capa do livro *Rússia* pode ser conferida nos Anexos.

juntamente com outros colegas⁹³ da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi readmitido em 1946, com a democratização após a ditadura do Estado Novo.

Também em 1936, a situação da carreira de Osorio Cesar foi abalada. Naquela ocasião, ele havia realizado sua segunda viagem à Rússia, quando participou do Congresso Internacional de Fisiologia, presidido por Pavlov, em maio de 1935. Certamente esse fato, somado à publicação de seu livro de viagem em 1931, foram elementos que deporaram contra o médico quando a perseguição aos comunistas no Brasil se acirrou intensamente após o levante de novembro de 1935. Em março de 1936, seu nome foi relacionado como um atacante à Lei de Segurança Nacional, praticante de ideias subversivas. Cabe mencionar que seu escritório no laboratório de anatomia no Hospital do Juquery havia sido objeto de batida policial, com a apreensão de pelo menos três envelopes timbrados com logotipos da agência soviética VOKS (TORRES, 2013: 103).

O cenário após o levante de novembro de 1935 se alterou rapidamente, tanto que em dezembro seu apartamento foi invadido, seus livros e documentos apreendidos, resultando em uma lista de 250 livros relacionados à URSS ou ao comunismo (TORRES, 2013: 103). Segundo Carneiro (2002), para a polícia seria suficiente checar o nome do autor ou título, não importando a análise do conteúdo das obras, para enquadrá-lo como “perigoso” ou “subversivo”. Qualquer evidência do delito de agitação comunista poderia ser arrolado ao relatório de acusação, tal como a fotografia a seguir (*Figura 5*), que retrata a “Biblioteca comunista” de Osorio Cesar apreendida pela polícia política de São Paulo em seu apartamento e indexada em prontuário a respeito do “Partido Comunista Brasileiro”. Segundo Carneiro (2002), era prática da polícia política anexar aos prontuários “provas do crime” (por exemplo notas fiscais, bilhetes, correspondências), ou seja, evidências de atividade subversiva para serem taxados nos relatórios policiais como “suspeitos por possuírem uma biblioteca comunista” (CARNEIRO, 2002: 114). Para Carneiro essas bibliotecas seriam na maior parte, privadas, improvisadas e clandestina, chamando atenção para como a fotografia (*Figura 5*) mostra um canto do quarto cujo pequeno espaço era dividido com livros e roupas (CARNEIRO, 2002: 114). O médico psiquiatra ficou preso até julho de 1937, sendo liberado por encontrar-se em más condições de saúde (TORRES, 2013: 103-104).

93 Foram demitidos, acusados de exercerem atividades subversivas, os seguintes professores do magistério superior no Rio de Janeiro: Maurício de Medeiros, Hermes Lima, Leônidas de Rezende e Castro Rebelo. “O mês que passou. Notas e comentários. A reintegração dos professores”. *Revista Diretrizes*, ed. 09, ano 1938, p. 13.



Figura 5: “Biblioteca comunista” de Osorio Cesar apreendida pela polícia política de São Paulo em seu apartamento. Prontuário n. 2431, Partido Comunista Brasileiro, 2º vol. fl. 178, reproduzida do livro de Maria Luíza Tucci Carneiro (2002: 115).

2.2. Médicos brasileiros viajam à Rússia em plena Guerra Fria

Diferentemente dos livros de viagem escritos pelos médicos que estiveram na URSS nos anos 1930, os livros dos médicos que viajaram nos anos 1950 identificam já na titulação do livro que os autores são médicos. Ficava claro aos leitores que a narrativa se situava do ponto de vista de homens médicos: *Médicos na URSS: impressões de viagem e aspectos da medicina soviética*, de Milton Lobato e Reinaldo Machado (1955), e *A Rússia vista por um médico brasileiro*, de Raul Ribeiro da Silva ([1956]) (Figura 6). Esses dois livros de viagem, que constituem três relatos no total, são produto de uma mesma viagem realizada com outros médicos brasileiros em junho de 1953.



Figura 6: Livro *A Rússia vista por um médico brasileiro*, de Raul Ribeiro da Silva, indicado entre as novidades editoriais no jornal *Diário Carioca* de 1/7/1956, p. 3. Embora não haja data de edição na obra, essa nota na imprensa da época evidencia que o livro foi lançado em 1956.

A ocupação profissional era um fator de identidade desse grupo desde a organização da viagem no Brasil, reunindo uma delegação de médicos brasileiros de vários estados do país para a participação no Congresso Internacional de Médicos pelas Condições Atuais de Vida, em Viena (realizado entre 23 e 25 de maio de 1953), nos moldes dos Congressos pela Paz. Esses congressos se constituíram como manifestação da cultura política durante a Guerra Fria, animados por intelectuais de várias partes do mundo e diferentes campos de atuação, que mobilizaram as publicações dos impressos da época nos seus múltiplos suportes. A polarização do conflito no âmbito cultural teve maior expressão nas manifestações, de um lado, dos Congressos pela Paz, representando a União Soviética na disputa por ideias de paz e justiça; e, de outro, dos Congressos pela Liberdade, que representavam a visão de democracia apoiada pelos Estados Unidos. Ainda que esse processo tivesse matizes e conflitos traduzidos localmente, tais movimentos foram internacionais, com apoio e financiamento do Kominform, de um lado, e da CIA, de outro (IBER, 2015; PETRA, 2021).

A identificação de autor por ocupação profissional e nacionalidade foi uma tendência de diversos títulos de livros de viagem à Rússia no período. Por exemplo, o livro de Osny Duarte Pereira, *Juízes brasileiros atrás da Cortina de Ferro* (1952), e tantos outros. Nessa lista também cabem: o relato do argentino Alfredo Varela, *Un periodista argentino en la Unión Soviética* (1950); o de autoria de Humberto Alves Campello, no livro *Um marítimo brasileiro na União Soviética* (1953); o de Nestor de Holanda, *O Mundo Vermelho e as notas de um repórter na URSS* (1961); o de John R. Cotrim, com o livro de viagem *Um engenheiro brasileiro na Rússia* (1962), e o de Manuel do Nascimento Brito, *Um jornalista brasileiro na Rússia* (1963). Na década de 1930, tivemos o livro de Claudio Edmundo, *Um engenheiro brasileiro na Rússia* (1934) (TORRES, 2019, 2013).

A identidade profissional explorada como estratégia editorial também reforçou a posição de neutralidade dos autores, o que se convertia numa qualidade valorosa quando analisamos a perspectiva da batalha de propagandas que envolvia a imagem da União Soviética no Ocidente. No caso do livro de viagem de Raul Ribeiro da Silva, isso fica claro quando reparamos nos paratextos editoriais. A dobra da capa e da quarta capa (a “orelha”) do livro de Raul Ribeiro da Silva pode ter sido escrita pelo editor da obra (não identificado), uma vez que não foi assinada. O conteúdo desse texto ilustra como a profissão de médico foi considerada um valor de legitimidade e isenção ideológica que qualifica o relato. Esse tipo de texto costuma ser elaborado visando à venda da obra, fazendo uma breve apresentação do livro ao leitor-consumidor e buscando elementos que o diferenciem entre outros livros disponíveis no mercado. Dificilmente essa apresentação é escrita pelo próprio autor. A ideia é que o texto seja breve e expresse uma opinião isenta, mas seja de alguém que entenda do gênero do livro e consiga atrair o leitor, apontando vantagens para a leitura.

Tratando-se da União Soviética, outra dificuldade de quem escreve é não deixar influenciar-se pela propaganda política, seja pró ou contra. *O autor, apenas médico, isento de paixões sectárias, não se adianta em análises, deixando o leitor à vontade para apreciar e julgar. Além disso, sua profissão fez dele um acurado observador com justa percepção do detalhe e sua importância. Mostra-nos a Rússia, seu povo, sua terra, algumas de suas realizações e deficiências, isso expondo apenas, despreocupado de influir no espírito do leitor* (SILVA, 1956, grifo nosso).

A condição profissional do médico foi mobilizada como uma espécie de selo de garantia da neutralidade para a narrativa de uma viagem à URSS, de maneira que essa narrativa seria baseada em observações de um especialista, sem filtros ideológicos, sobre a medicina soviética e variadas informações sobre a cultura geral da cidade de Moscou, os principais pontos

turísticos e os costumes do povo russo. A neutralidade seria, portanto, uma atitude esperada de homens partícipes da cultura científica, formada por princípios de experimentação, observação, objetividade e pensamento crítico.

Os autores compuseram seus textos com base em memórias e anotações, primeiramente para si mesmos, como se fosse um diário, e depois adaptaram a narrativa na forma de livro. Transcreveram informações das palestras que ouviram e tomaram nota durante as visitas nas instituições que conheceram na União Soviética, destacando dados sobre crescimento econômico, políticas de assistência social, saúde e educação. Assim como na leitura do relato de Medeiros e de Cesar, encontramos muitos dados estatísticos compilados provavelmente de folhetos recebidos durante as visitas. Ambos os livros dos anos 1950 possuem ilustrações fotográficas da viagem, uma indicação da disseminação da técnica fotográfica, de impressão e reprodução gráfica dessas imagens.⁹⁴ Entre fotografias de momentos da viagem e de paisagens, ou uma suntuosa estação de metrô, os livros também foram ilustrados com cartões-postais.⁹⁵

Outra característica editorial comum a esses livros de viagem é que ambos foram prefaciados pelos próprios autores. O texto dessa parte de um livro merece atenção cuidadosa, já que por característica ele expressa a intenção do autor (ou editor) sobre como desejaria que o livro fosse lido, “conformando a recepção junto ao público leitor” (VENÂNCIO, 2009: 174).

No prefácio do livro, que se intitulou de “Explicação preliminar”, Ribeiro da Silva forneceu justificativas ao leitor sobre a motivação e a preparação da viagem: “Essa viagem foi o acontecimento mais imprevisível da minha vida” (SILVA, 1956: 9). Considerou necessário se explicar sobre o aparente desequilíbrio entre o volume de informações narradas em seu livro recolhidas apenas por dez dias de permanência naquele país. Ele disse que isso se deveu ao ritmo das atividades, que foram muito intensas (SILVA, 1956: 11). Para seus leitores, ele adiantou que não iriam encontrar “questões de natureza político-social” ou sobre a “vida pública do cidadão soviético” (SILVA, 1956: 11). Já nesse caso sua breve permanência na região serviu como justificativa dessa sua abordagem “apolítica”.

Percebemos em Ribeiro uma atitude semelhante àquela tomada por Medeiros. Estamos nos referindo a um certo discurso desses autores, encontrado em seus livros de viagem, que busca se antecipar às críticas que os esperariam na fase de circulação/recepção do livro de viagem pelos elogios e aspectos positivos que eles transmitiram sobre a União Soviética em

94 No livro de viagem de Medeiros, não há figuras; já o livro de Osorio Cesar se destaca pelos desenhos realizados por Tarsila do Amaral, assim como fotografias de personalidades, paisagens, edifícios.

95 Não encontramos mais informações sobre a produção dessas fotografias, se vieram dos próprios membros da comitiva brasileira, se era uma prática de representantes da VOKS, se era uma reunião dessas duas.

suas impressões. Além de reforçar o valor de neutralidade de suas observações, Raul Ribeiro da Silva deixou escapar a preocupação em evitar comentários políticos.

De antemão, o autor declarou que enumerou muitos pontos positivos, mas também não se esquivou de mencionar o que considerou como elementos negativos ou “nada lisonjeiros” (SILVA, 1956: 12). Assim, mostrou-se consciente de toda sorte de representação negativa que envolvia a visão da União Soviética no Ocidente e no Brasil dos anos 1950, sem ter de fazer menção diretamente a elas. Declarou que se sentiu livre para andar por onde quisesse no país, de modo que nada lhe era impedido, mas nos momentos de ausência do guia os movimentos eram difíceis por conta da inabilidade com a língua nativa.

É de admitir-se que o visitante estrangeiro, quando recebido oficialmente num país, tenha seus passos controlados e, de permeio a mil atenções, só se lhe mostre e conte o que é bom, resultando daí, para o forasteiro, uma série de impressões agradáveis que podem ser acoimadas de parciais ou, pelo menos, de benevolentes. Dir-se-á que foi o que sucedeu com o autor, diante das vantagens enumeradas em sua narrativa. Isto é verdade mas em parte, porque, em Moscou e Stalingrado, sempre me logrei desgarrar-me da Delegação, movi-me livremente, tudo observando a meu bel-prazer, melhor não o fazendo pela incrível dificuldade com referência à língua; além de que, à custa de tanto perguntar, fez-se verdadeiro inquérito sobre muitos aspectos do mundo soviético. Por outro lado, vários fatos mereceram meu reparo nada lisonjeiro, nem por isso menos razoável, a meu ver. Enfim, pus nas minhas apreciações um juízo sempre desapassionado que, se nessa viagem guardou-me de sensações enganadoras, agora me faz indiferente a espíritos facciosos, que venham interpretar a seu modo o sentido deste livro (SILVA, 1956: 12).

Comparando os autores médicos viajantes aqui reunidos, Milton Lobato foi quem mais se preocupou em divulgar a medicina soviética como missão. Logo no início de sua narrativa, ele justifica: “Em nossos dias uma viagem à União Soviética impõe a responsabilidade da divulgação do que se viu na sexta parte do mundo” (LOBATO, 1955: 7). Em seu livro, no prefácio nomeado como “Introdução”, enumerou de maneira geral os “trabalhos de divulgação da medicina soviética empreendidos pela nossa delegação” (LOBATO, 1955: 7). A relação a seguir (Quadro 1) demonstra a variedade das formas (artigos, palestras, mesa-redonda) em diferentes suportes (instituições científicas, jornais, programa de rádio) de divulgar informações recolhidas na URSS sobre sua prática de medicina, identificando não apenas as suas atividades como também as de seus colegas (LOBATO, 1956: 7-8).

Quadro 1 – Relação de atividades descritas por Milton Lobato em sua narrativa de viagem

- Entrevistas aos grandes jornais;
- Artigos do professor Arnaldo Marques no jornal <i>Folha da Manhã</i> , do Recife;
- Conferências e palestras realizadas por todos;
- Mesa redonda na Associação Brasileira de Imprensa (ABI);
- Palestras de José Brigagão Ferreira em cinema de Nova Iguaçu (RJ);
- Participação de José Brigagão Ferreira em mesa-redonda na Rádio Globo;
- Palestras e debates em residências de colegas e pessoas interessadas;
- Publicação de artigos seus em revistas científicas – sobre a luta contra a tuberculose na União Soviética, um publicado na <i>Clínica Tisiológica</i> ⁹⁶ e outro em <i>Atualidades Médicas e Biológicas</i> ; e sobre educação sanitária na URSS, um publicado na <i>Revista Brasileira de Tuberculose</i> ; este artigo foi fruto de sua comunicação no VI Congresso Nacional de Tuberculose;
- Comunicação no VI Congresso Nacional de Tuberculose, sobre o enfrentamento da tuberculose na URSS, que declarou ter sido premiada, embora sem especificações;
- Exposição de cartazes soviéticos e brasileiros em educação sanitária organizada por Lobato para esse mesmo VI Congresso Nacional de Tuberculose;
- Apresentação sua como palestra em associações científicas;
- Palestras proferidas por ele próprio em Curitiba (PR), Porto Alegre (RS) e Florianópolis (SC), na Sociedade Gaúcha de Tisiologia, na Escola Normal de Curitiba e na Casa de Santa Catarina;
- Artigo de Antônio Justino Prestes Menezes em <i>Imprensa Médica</i> versando sobre a seguridade do trabalho na União Soviética;
- Palestra proferida por Raul Ribeiro da Silva no Hospital das Clínicas de São Paulo.

Fonte: LOBATO, 1955: 7-9.

Milton Lobato (1955) não demonstrou preocupação quanto às críticas que porventura receberia pelos elogios à URSS em sua narrativa de viagem, como assinalaram Ribeiro da Silva (1956) e Maurício de Medeiros (1930) em seus respectivos relatos. Diferentemente de seus colegas, ele se mostrou mais empenhado na militância do PCB. Participou como representante nos eventos do movimento pela paz, assinou manifestos, campanhas em apoio ao *Imprensa Popular*, escreveu artigos em jornais da imprensa comunista, assim como integrou o corpo

⁹⁶ A revista *Clínica Tisiológica* foi localizada no acervo da biblioteca de Manguinhos (Fiocruz).

editorial da revista *Atualidades Médicas e Biológicas* (ver capítulo 3). Daí seu perfil mais inclinado a uma postura de prestação de contas acerca do que foi produzido em termos de divulgação sobre o que aprendeu *in loco* sobre a medicina soviética.

É importante registrar que as despesas da viagem a partir da fronteira e o retorno de Moscou a Viena foram custeadas pelo governo soviético (SILVA, 1956: 29). Talvez esse fato, juntamente com as “técnicas da hospitalidade” tradicionalmente praticadas pelos soviéticos, tenha gerado em Milton Lobato alguma forma de sentimento de dívida pela recepção durante a viagem, buscando retribuir com os esforços de divulgação do conhecimento adquirido com a viagem. Não que fosse obrigatório a todo visitante estrangeiro tratar de divulgar suas impressões em seu próprio país, mas poderia ser algo subentendido que essas experiências fossem comentadas em seus círculos de sociabilidade. Por outro lado, como militante comunista, Lobato teria compromisso político com a luta pelo socialismo, cujo farol era a União Soviética.

Ele fez questão de frisar que o governo brasileiro não mantinha relações diplomáticas com o país, apesar da procura e do interesse das pessoas pelos assuntos da URSS. O reatamento das relações entre Brasil e Rússia seria uma demanda popular e também dos empresários brasileiros, afirmou (LOBATO, 1955: 8). Nesse sentido, seu relato tornava-se ainda mais valioso para o leitor, como defendeu (LOBATO, 1955: 8). No prefácio, protestou contra o desaparecimento do colega médico argentino Juan Ingalinella (1912-1955), seu companheiro de viagem da delegação argentina, que viajou com os brasileiros,⁹⁷ e manifestou-se contra o afastamento do médico pernambucano Arnaldo Marques (1913-[?]),⁹⁸ chefe da delegação brasileira durante essa viagem e professor de clínica propedêutica na Faculdade de Medicina do Recife (nomeado em 24/3/1950), do cargo público de legista no Instituto de Medicina Legal de Pernambuco por questões políticas.⁹⁹

Nessa parte de contato inicial do autor e seu leitor, Lobato finalizou sua “Introdução” com a seguinte declaração: “Este pequeno livro é destinado ao trabalho de aproximação entre

97 Posteriormente, ficou comprovado que ele ficou conhecido como um dos primeiros desaparecidos políticos da Argentina (informação que foi acrescentada como uma nota explicativa de rodapé, possivelmente uma intervenção realizada depois da edição do texto do autor).

98 Arnaldo Marques fez parte da Sociedade de Medicina de Pernambuco. Foi membro do Movimento de Cultura Popular ao Povo, movimento social criado em Pernambuco no início dos anos 1960, assumindo como diretor do setor de saúde. *Última Hora*, 2/9/1962, ed. 77, ano 1962, p. 4. Fez parte de uma delegação de personalidades pernambucanas que visitou Cuba em 1962. Em *Última Hora*, 14/1/1963, p. 3, “Delegação comemora com almoço aniversário de viagem a Cuba”, foi identificado como membro da Sociedade Cultural Pernambucana Brasil-URSS. Foi preso em 1964.

99 Em 1949, Milton Lobato também foi demitido do cargo de médico fisiologista do Instituto dos Bancários, sob acusação de comunismo. *O Combate*, 15/10/1949.

os médicos brasileiros e soviéticos, entre nossos povos pacíficos e amigos. Sentir-nos-emos satisfeitos que ele possa em algo pesar para tão nobre objetivo” (LOBATO, 1955: 9).

Com esse breve trecho, é possível ilustrar a ideia de pacto autobiográfico proposta por Lejeune (2014). Como narrador, ele descreveu seu eu-personagem como bem-sucedido em seu plano inicial de que o livro fosse o anúncio de maior aproximação das relações entre médicos brasileiros e soviéticos. Isso ficou evidente quando ele declarou que teve a satisfação em rever V. N. Butrov no Rio de Janeiro (LOBATO, 1955: 9). O russo era encarregado das relações exteriores do Ministério da Saúde da URSS e havia sido anfitrião da comitiva médica durante sua permanência na Rússia. Butrov se encontrava no Rio de Janeiro como integrante de uma “delegação de médicos soviéticos que participaram do Congresso Internacional do Câncer realizado em São Paulo”, conforme Lobato circunstanciou em sua narrativa de viagem.

Foi um prazer recepcioná-los no Rio de Janeiro e acompanhá-los nas várias conferências e visitas que fizeram procurando, de nossa parte, retribuir, ainda que modestamente as gentilezas recebidas por nossa delegação na União Soviética.

Sabíamos do desejo dos médicos de visitar nosso país e manter relações com os colegas brasileiros em visitar a URSS. O prof. Fernando Paulino, conceituado cirurgião carioca, após a estada dos cancerologistas soviéticos no Brasil, esteve na URSS como convidado de honra dos cirurgiões soviéticos para assistir ao Congresso Nacional de Cirurgia Soviética. Ardente é, pois, o desejo de estreitamento de relações culturais entre os médicos brasileiros e soviéticos, em proveito mútuo da medicina e da saúde dos nossos povos.

Este pequeno livro é destinado ao trabalho de aproximação entre os médicos brasileiros e soviéticos, entre nossos povos pacíficos e amigos.

Sentir-nos-emos satisfeitos que ele possa em algo pesar para tão nobre objetivo (LOBATO, 1955: 9).

Lobato registrou que fora bem-sucedido nessa missão de estreitamento de laços entre Brasil e União Soviética. Entre as referências positivas relacionadas por ele para exemplificar seu êxito estavam o próprio livro de viagem e o reencontro com o representante do ministério da saúde russo (V. N. Butrov); concluindo, mencionou o cirurgião brasileiro Fernando Paulino, que tendo viajado à URSS como cientista convidado, manteve ativo o ciclo de intercâmbios entre médicos brasileiros e russos, sem qualquer participação do Estado brasileiro.

Alguns anos depois, em setembro de 1959, Lobato atuou diretamente em prol do intercâmbio entre brasileiros e soviéticos. Ele fez parte do grupo de médicos que recepcionou no Rio de Janeiro a comitiva de médicos russos que vinham do Congresso Internacional de Fisiologia realizado em Buenos Aires em agosto de 1959. Antes de seguirem para a Europa, em

seu retorno à URSS, passaram alguns dias na cidade do Rio de Janeiro e em São Paulo.¹⁰⁰ Os detalhes dessa visita são conhecidos pelo relato de um agente policial da Divisão de Polícia Política e Social que registrou toda a movimentação dos cientistas russos com detalhes de data e hora. O relatório (em três folhas datilografadas) revela uma certa dificuldade para o desembarque dos russos, porém tudo havia sido acertado por iniciativa de José Brigagão, “o médico comunista” e o deputado Abelardo Jurema, líder da maioria na Câmara, que havia recebido autorização do ministro Armando Falcão (Ministério da Justiça e Negócios Interiores).¹⁰¹ Hospedaram-se no tradicional Hotel Glória, conheceram os bairros de Copacabana e Ipanema, foram ao Corcovado, almoçaram no Jardim Zoológico, foram a uma casa de câmbio e ao aeroporto Santos Dummont para viajarem até São Paulo. No dia seguinte, de volta ao Rio de Janeiro, ficou registrado que se hospedaram no Hotel OK, perto do aeroporto, e assistiram a um “Fla x Flu” no Maracanã. Também fizeram visitas institucionais, nas principais sedes ligadas à saúde da cidade: foram ao Instituto de Manguinhos, onde assistiram a palestras e almoçaram; estiveram no Ministério da Educação, onde assistiram a um documentário científico; visitaram o Hospital dos Servidores do Estado e a Santa Casa de Misericórdia. Carlos Chagas Filho proferiu uma palestra no Hotel Glória antes de eles embarcarem num avião para Paris, sendo trasladados até o aeroporto em um veículo oficial do Ministério da Saúde. Tudo foi vigiado e documentado pela polícia política.¹⁰²

Quadro 2 – Cientistas russos e médicos brasileiros citados em relatório da polícia política em setembro de 1959

Cientistas russos	Ezsias Asratian, Ivan Beritaschvylli, Alexandre Volokhov, Tcherkachine, Petre Anokhine.
-------------------	---

100 Dossiê n. 12: Congresso Internacional de Fisiologia. APERJ. Fundo Polícia Política, pasta Preventivo n. 10.

101 José Brigagão Ferreira foi membro da delegação de médicos brasileiros na União Soviética em 1953.

102 O relatório policial data de 1/9/1959. A pasta do Ministério da Saúde estava a cargo de Mário Pinotti (3/7/1958 a 31/8/1960), que substituiu Maurício de Medeiros, ambos no governo JK.

Médicos brasileiros	Haiti Moussatche, José Brigagão, Isnard Teixeira, identificados como médicos do Ministério da Saúde, e Brigagão, com adendo de “comunista”, receberam o grupo. Milton Lobato com Brigagão e depois Valério Konder, identificados como “médicos comunistas”, se encontraram com os russos.
---------------------	---

Fonte: Congresso Internacional de Fisiologia. Pasta Preventivo n. 10, Dossiê n. 12. Fundo Polícia Política. APERJ.

Tobias Rupprecht (2011), em artigo que tratou das relações internacionais entre Moscou e Brasil nas décadas 1950-1960, afirmou que havia um fluxo intenso de ir e vir entre viajantes russos e brasileiros nesse período. Em 1959, o Brasil retomou relações comerciais com a União Soviética. Ele localizou correspondências nos arquivos soviéticos que atestam que houve um especialista em saúde pública que se estabeleceu por 14 meses em Leningrado, estudando o sistema de saúde pública soviético em 1957. O especialista, não identificado, foi indicado pelo ministro da Saúde, que na ocasião era o internacionalmente reconhecido malariologista Mario Pinotti (1894-1972) (RUPPRECHT, 2011: 513).¹⁰³ Lobato foi um dos que participaram desse processo de intercâmbio científico-cultural entre Brasil e Rússia, o qual se intensificou ao fim dos anos 1950.

O relato de viagem de Milton Lobato à URSS pode ser visto como parte de um processo de construção de sua própria identidade como médico e comunista. Para ele, a palavra era arma de ação, de atuação no mundo e de transformação social. Com base em seu relato, percebemos a necessidade de se compreender como se deu essa rede de sociabilidade, que procuramos mapear aqui, envolvendo intelectuais, com atenção a médicos, editoras, imprensa e o Partido Comunista.

2.3. O Congresso Internacional de Médicos em Viena, 1953

Os livros de viagem escritos por Milton Lobato e Reinaldo Machado e o de Raul Ribeiro da Silva que tratamos aqui foram produtos de uma viagem organizada para um grupo de 23 médicos brasileiros de diferentes estados. Eles participaram do Congresso Internacional de

¹⁰³ As referências aos documentos encontrados em arquivos russos, citados por Rupprecht, acerca de médicos brasileiros na URSS são: RGASPI, f.3M op.15 d.72 l.106, letter from the Soviet Ministry of Health, 22 July 1957; GARF, f.9518 op.1 d.223 l.46, letter to the Soviet Ministry of Health, undated (RUPPRECHT, 2011: 503).

Médicos pelas Atuais Condições de Vida realizado em Viena de 23 a 25 de maio de 1953. A chefia da delegação brasileira ficou a cargo de Arnaldo Marques, médico e professor no Recife. Segundo Raul Ribeiro da Silva, era alta a expectativa do grupo de que houvesse possibilidade de ir conhecer a Rússia uma vez o grupo estivesse participando do congresso na Europa, tal como ocorreu com uma comitiva de juristas brasileiros que participou de um evento internacional em Berlim (SILVA, 1956: 9).¹⁰⁴ A maioria dos médicos entendeu o Congresso de Viena como uma escala para uma excursão ao “país do socialismo”. Conforme declarou Lobato: “Na realidade, a viagem à União Soviética despertara maior interesse que o próprio Congresso de Viena, e com efeito quase a totalidade dos colegas que empreendeu a viagem” (LOBATO, 1955: 11). Ele não dedicou linhas sobre o Congresso Internacional além dessa menção, de ele ter sido visto como escala para um destino muito mais cobiçado.

Ribeiro da Silva dedicou um capítulo de seu livro apenas para tratar desse assunto. O evento reuniu representantes de 32 países, sendo que as maiores delegações eram a brasileira, composta por 23 médicos presididos por Arnaldo Marques, e a chinesa (sem informações da quantidade de membros). Ao todo, o Congresso contou com a presença de duzentos médicos, sendo que setenta deles apresentaram comunicações científicas (SILVA, 1956: 24).

O tom geral do Congresso que Ribeiro da Silva realçou em suas impressões era de que o encontro era apolítico, sem causas ideológicas e partidárias, em respeito da finalidade humanitária que inspirava aquela reunião de médicos. Para exemplificar, narrou um episódio em que um homem insistiu em manter a expressão “povos coloniais subcivilizados e subjugados” em sua tese, o que gerou um debate com a participação de vários dos presentes; por fim, o homem teve que corrigir sua comunicação (SILVA, 1956: 27).

Silva transcreveu o discurso de abertura dessa conferência, a cargo do professor Pietro Verga, professor italiano da Universidade de Nápoles e diretor de um instituto de pesquisas em câncer daquele país. Com base nesse trecho, podemos perceber a importância do conceito de saúde atrelada às condições de vida, que também era parte da agenda dos médicos comunistas brasileiros.

Diz das origens deste Congresso, nascido do interesse em que os médicos de toda parte encaram a relação entre condições de vida e saúde, cujos problemas mais se agravaram e se atualizaram após a última guerra. Razões econômicas, sociais, culturais tem dificultado a devida aplicação das imensas conquistas médicas na assistência a todas as camadas da população. Não bastam soluções prósperas alcançadas, nesse sentido, por alguns países, enquanto outros povos vivem em condições sanitárias precárias. Aos médicos cabe o dever

104 Esse evento de juristas havia acontecido em 1951.

profissional e moral de se devotarem profundamente a estas questões, discutindo larga e livremente o assunto, como é do propósito deste Congresso e sem outras paixões que não sejam a saúde e o bem-estar dos nossos semelhantes (SILVA, 1956: 24).

Possivelmente Silva estivesse na posse de algum folheto da conferência, devido ao teor das informações apresentadas, o qual expôs toda a programação das plenárias principais. Essas foram organizadas com base em três grandes temas: 1) “As condições de vida e de saúde das populações”; 2) “Repercussão da guerra sobre a saúde física e mental”; 3) “Deveres dos médicos em face a esse problema”, sendo que este último recebeu apenas a palestra de Weill-Hallé,¹⁰⁵ membro da Academia Nacional de Medicina de Paris (SILVA, 1956: 25-26).¹⁰⁶ Da comitiva brasileira, três médicos participaram das sessões de teses livres: “Alguns problemas médico-sociais do Brasil”, por Arnaldo Marques, do Recife; “A tuberculose no Brasil”, por Milton Lobato, do Rio de Janeiro; “Aspecto social do doente mental no Estado de São Paulo”, por Venturino Venturi, de São Paulo (SILVA, 1956: 26).

Se para Raul Ribeiro da Silva o Congresso em Viena foi um evento científico e neutro e se para Lobato foi apenas uma escala até um destino mais interessante, para a polícia política do estado do Rio de Janeiro, o “Congresso Mundial de Médicos” era de “inspiração vermelha”. Assim a polícia considerou o acontecimento digno de que fosse lançado no boletim quinzenal relativo às “atividades comunistas compreendidas de 1º a 16 do mês em curso”, junho de 1953. O documento continha a lista dos médicos participantes, com seus nomes sublinhados a lápis de cor vermelha, como é característico desse tipo de documentação que visava ao acúmulo de informações por meio de uma organização de dados arquivados com base em nomes próprios de pessoas, lugares, organizações. Esse trecho relativo ao Congresso está transcrito integralmente a seguir:

Estão em Viena participando do Congresso Médico Mundial, de inspiração vermelha, numerosas delegações médicas, sendo que a delegação médica está assim constituída: do Distrito Federal dr. José Ferreira Brigagão; dr. Lintz Caire; dr. Jorge Silva; dr. Emiliano Pereira; dr. Alcedo Coutinho; dr. Prestes de Menezes; dr. Washington Loiela [*sic*]; dr. Mario Coutinho; dr. Milton Lobato, da Universidade do Brasil. Da delegação paulista participam dr. Reinaldo Machado e dr. João Rodrigues Daria, ambos de Marília; Dr. Raul Rodrigues da Silva, do Hospital das Clínicas; dr. Taques Bittencourt, dr. Venturini Venturi; dr. J. Correa Porto; e dr. E. Fued, do Estado do Paraná; dr. Haroldo Sardenberg, presidente da Sociedade de Cirurgia de Marília, dr. Newton Leopoldo Camara, de Minas Gerais, prof. Francisco Pires da Universidade de Minas Gerais, além do presidente da delegação Honório

105 Benjamin Weill-Hallé (1875-1958), médico pediatra francês.

106 Sua palestra foi intitulada “Deveres dos médicos em face aos perigos da guerra”.

Bezerra Cavalcanti; do Rio Grande do Sul, Osvaldo Conrado, médico cardiologista.¹⁰⁷

Entre as numerosas atividades consideradas como subversivas pela polícia política do Rio de Janeiro atribuídas ao médico sanitarista Irun Sant'Anna (ver capítulo 3), colega de Milton Lobato e Alcedo Coutinho na produção da revista *Atualidades Médicas e Biológicas*, se encontra o dado de que ele saiu a solicitar fundos para auxiliar nos custos da viagem dos médicos a Viena:

Niterói, 06/12/1952. Parte de Serviço – Leva ao conhecimento que Irun Sant'Anna, médico do Hospital de Magé, neste Estado, anda percorrendo os consultórios desta capital angariando donativos, que diz ser para o natal dos pobres dessa cidade, e conforme reação dos respectivos médicos, confessa ser os mesmos para custear as despesas com a ida de membros do Partido Comunista, ao Congresso da Paz em Viena.¹⁰⁸

A anotação faz parte de um dossiê de informações sobre Sant'Anna e revela uma estratégia da militância de um médico comunista voltada para seus colegas médicos. Registrou-se ainda que o médico Sant'Anna “esteve no consultório de Dr. Ari Miranda, na Av. Amaral Peixoto, solicitando a quantia de 2.000 cruzeiros, procedendo da forma descrita acima, levando somente a quantia de 200 cruzeiros”.¹⁰⁹

Convém aqui abrimos um parêntese para comentarmos a relação dos participantes nesse Congresso e a dos médicos da delegação brasileira em Viena que aceitaram o convite dos representantes soviéticos para visitarem o seu país. Raul Ribeiro da Silva mencionou 23 médicos brasileiros em Viena (SILVA, 1956: 9), enquanto o relatório policial anexou 21 integrantes. Milton Lobato listou os representantes da delegação brasileira em excursão na URSS, que reproduzimos no Quadro 2:

Quadro 3 – Relação de componentes integrantes da delegação de médicos brasileiros e argentinos na URSS em 1953

107 Pasta Estados 20 - continuação, fl. 750. Fundo da Polícia Política. APERJ.

108 Irun Sant'Anna. Prontuário 13.573. Fundo Polícia Política. Arquivo Público Estado do Rio de Janeiro.

109 Irun Sant'Anna. Prontuário 13.573. Fundo Polícia Política. Arquivo Público Estado do Rio de Janeiro.

Brasileiros	Local de Atuação	Argentinos	Mulheres
Arnaldo Marques (presidente) Alcedo Coutinho (secretário)	Pernambuco	Espinoza, Zipilivan, Dalmaastro, Accardi, Mayor e Juan Ingalinella (de Rosário)	As esposas brasileiras acompanhantes de Correia Porto, Taques Bittencourt e Brigagão Ferreira e a mãe de Lintz Caire (mãe)
Milton Lobato, Lintz Caire José Brigagão Ferreira, Antonio Justo Prestes Menezes	Rio de Janeiro		
Reinaldo Machado, Raul Ribeiro da Silva, J. Correia Porto, Taques Bittencourt	São Paulo		As argentinas esposas de Espinoza e Zipilivan
Francisco Sá	Minas Gerais		
Newton Câmara	Paraná		
Oswaldo Correa	Rio Grande do Sul		
T.: 13 médicos	T.: 6 locais	T.: 6 médicos	T.: 6 Mulheres (4 brasileiras e 2 argentinas)

Fonte: Lobato; Machado. “Médicos Brasileiros na URSS – Impressões de viagem de viagem e aspectos da medicina soviética”

Fonte: LOBATO, 1955: 11-12.

Embora os médicos argentinos tenham sido mencionados nos relatos de viagens dos autores, a interação dos brasileiros com os argentinos aparece pouco, apenas no início dos relatos. Foram 13 médicos identificados por Lobato como tendo aceitado o convite dos soviéticos. Se compararmos essa lista elaborada pela polícia com aquela apresentada na “Introdução” do livro de Milton Lobato, percebemos que alguns médicos não viajaram à URSS. São eles: Jorge da Silva, Emiliano Pereira, Washington Loyello, João Rodrigues Daria, Mario Coutinho, Venturini Venturi, E. Fued, Haroldo Sardenberg e Honório Bezerra Cavalcanti. No entanto, cogitamos que esse número de membros na delegação brasileira de médicos na Rússia pudesse ser ainda maior do que aquela indicada por Lobato. Encontramos pelo menos uma evidência de que o médico Mario Coutinho, do Rio de Janeiro, esteve na União Soviética. Seu nome se encontra na relação dos participantes do Congresso de Viena indexados pelo serviço de informações da polícia política, mas não entre os membros da delegação brasileira de médicos na URSS apresentada por Milton Lobato em seu livro de viagem. Apesar disso, é de sua autoria um artigo publicado na revista *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 7 (ago.-set. 1953), intitulado “O pronto-socorro em Moscou”. Considerando-se a data da viagem e que a

comitiva desembarcou no dia 8/6/1953, o mais plausível é que Mario Coutinho fizesse parte dela, mas por algum motivo não foi mencionado por Milton Lobato em seu livro de viagem. Desse modo, é possível que haja omissões na relação da delegação brasileira de Milton Lobato

Como o Brasil não mantinha relações diplomáticas com a União Soviética desde 1947, por resultado direto da geopolítica da Guerra Fria e da tendência antissoviética nas relações exteriores brasileiras, era necessário passar por outro país para requerer o visto de entrada na URSS (SOTANA, 2006: 112; RUPPRECHT, 2015). Os vistos dos médicos brasileiros foram providenciados pelo cônsul soviético em Viena (SILVA, 1956: 41). A participação em congressos realizados em cidades europeias promovidos pelo internacionalismo comunista era uma oportunidade para os acertos logísticos e burocráticos para a viagem à Rússia. Apesar de Ribeiro da Silva relatar que os brasileiros estavam ansiosos à espera de um convite, esse roteiro de congressos na Europa já pressupunha tal possibilidade, ainda mais para militantes comunistas e simpatizantes como a maioria da delegação brasileira. A educadora, fisiologista e militante Branca Fialho (1896-1965) esteve em Berlim para participar do Congresso Internacional do Direito ao Serviço da Paz (1951), como presidente da Federação das Mulheres do Brasil.¹¹⁰ Os jornalistas Rubens do Amaral, Josué Guimarães e Edmar Morel participaram da Conferência Econômica Internacional de Moscou (3-12 de abril de 1952) (TORRES, 2019: 14). Advogados brasileiros participaram do encontro de juristas em Berlim (1951). O jornalista Marques Rebello havia estado em Estocolmo, participando do Congresso Mundial pela Paz em 1954. O Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, em Varsóvia (1957), levou o futebolista Flavio Costa (1906-1999) à URSS.¹¹¹ O jornalista Nestor de Holanda participou do Congresso da Cultura Socialista em Praga, em 1959, e publicou dois livros de viagem sobre a Rússia.¹¹²

Raul Ribeiro da Silva (1956) contou que ele e seus colegas viveram a incerteza sobre se conseguiriam embarcar para a Rússia. Os médicos brasileiros esperaram em Viena até que receberam a visita de agentes da VOKS no hotel com o convite oficial e alguns informes:

110 Essa federação existiu entre 1949 e 1957. Mantinha relações com o PCB e publicou um livro contendo trechos de entrevistas de mulheres que contaram suas impressões em *Atravessando as fronteiras da URSS: entrevistas* (Rio de Janeiro: Vitória, 1954). É muito importante registrar que Jovina Pessoa, esposa do médico parasitologista e professor Samuel Pessoa, foi uma das mulheres entrevistadas nessa publicação. Assim tomamos conhecimento do fato de que o casal passou pela Rússia antes de seguir em viagem à China e à Coreia do Norte como membro da comissão científica que atestaria o uso de armas bacteriológicas na guerra da Coreia, em 1952 (HOCHMAN, 2015).

111 Costa, Flavio. *Além das torres do Kremlin: do Brasil à China*. Salvador: Livraria Progresso, 1958.

112 Holanda, Nestor. *O Mundo vermelho e as notas de um repórter na URSS*. Rio de Janeiro: Ed. Pongeti, 1962 e Holanda, Nestor. *Diálogo Brasil-URSS*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1962. Embora não fosse militante comunista, Rupprecht (2015) considerou a narrativa de Holanda bastante elogiosa ao regime soviético.

partiriam de trem em dois dias e receberiam a companhia de um guia-intérprete a partir da chegada em território soviético, na cidade fronteiriça de Chop (SILVA, 1956: 29-30). Os funcionários da VOKS seguiriam de avião e os encontrariam em Moscou. Todas as despesas de viagem da fronteira soviética até Moscou, durante a permanência no país e inclusive a passagem de retorno Moscou-Viena, por via aérea, seriam custeadas pelo governo soviético. Também lhes disseram: “todos os setores médicos e culturais estarão franqueados aos [...] estudos e indagações” (SILVA, 1956: 29-30), sendo sugerido que o grupo elaborasse um programa que dispusesse as questões de maior interesse.¹¹³ Os médicos Lobato e Raul Ribeiro da Silva comentaram a entrega dessa lista contendo os locais de interesse dos médicos. A vice-ministra da Saúde, Maria Dmitrievna Kovriguina, durante a recepção ao grupo teria dito, em tom jocosos, que para cumprirem aquela lista teriam que permanecer por um ano na União Soviética (LOBATO, 1955: 22).

Esse congresso internacional de médicos se integra na mesma tendência do movimento maior que se constituiu como uma das maiores frentes de ação do Partido Comunista Soviético na Guerra Fria e que envolveu intelectuais e políticos de diversas partes do mundo ocidental: o Movimento pela Paz, cujas bandeiras foram declarações humanitárias. Segundo Rupprecht, os representantes do governo soviético aproveitavam esses encontros mundiais pela paz para encontrar novos potenciais convidados, perguntando aos intelectuais sobre recomendações de quem convidar numa próxima ocasião, assim como perguntavam sobre aqueles que deveriam ser evitados (RUPPRECHT, 2015: 145).

No dia 17/3/1953, o jornal diário e comunista *Imprensa Popular* reproduziu um telegrama assinado por diversos médicos do Distrito Federal endereçado ao ministro da Saúde da URSS. Tratava-se de uma manifestação de condolências “ao Governo e ao Povo Soviético” pelo falecimento de Josef Stálin, que ocorrera no dia 5 do mesmo mês. Entre os médicos signatários estavam Milton Lobato, Alcedo Coutinho e Lintz Caire, que viajariam para Moscou poucos meses depois, convidados justamente pelo Ministério da Saúde daquele país.

Ressaltamos que a morte de Stálin não foi mencionada em nenhuma passagem dos relatos de viagem analisados¹¹⁴. A data da viagem à URSS dos médicos em junho de 1953 era muito próxima ao falecimento do ditador, em março de 1953. Seguiu-se um clima de incerteza

113 A efetividade desses aspectos foi questionada por Osny Duarte Pereira, juiz de direito que esteve na URSS em 1950 e publicou *Juízes brasileiros atrás da cortina de ferro* (Rio de Janeiro: José Konfino, 1952). Ali ele declarou que encontrou dificuldade em visitar um lar operário, uma penitenciária e uma universidade, apesar de suas solicitações (SOTANA, 2006: 111-112).

114 Por outro lado, na revista *Atualidades Médicas e Biológicas* n. 5 (sem indicação de mês, 1953) publicou-se uma homenagem à Stálin, uma nota de pesar por seu falecimento.

e instabilidade política. Nem mesmo a palavra comunismo foi mencionada nesses relatos, apontando para uma posição de compromisso com a noção de neutralidade e o princípio de precaução nos discursos que os médicos queriam imprimir em suas narrativas. Essa postura revela um compromisso sobre não opinar sobre a luta interna no PCUS em torno da sucessão de Stálin com um público qualificado, porém mais amplo e diversificado dos já simpatizantes ao comunismo. Dessa maneira, os autores também buscaram diminuir atritos por censura e suspeições da polícia política no Brasil. A viagem e a publicação das narrativas se deram num momento de transição e de acomodação do sistema soviético. O processo de desestalinização teve início depois, nos anos de 1955 e 1956.

A desestalinização consistia no fim da era do congelamento ou início da era do degelo,¹¹⁵ uma “liberalização controlada do sistema” com impactos no interior do Partido, nas artes e na sociedade em geral (SEGRILLO, 2018: 218). O período nomeado pela historiografia como “stalinismo tardio”, que abrange os anos após o fim do conflito mundial até a morte de Stálin, também correspondeu ao momento de maior isolamento da União Soviética. Segundo Tobias Rupprecht (2015), o isolamento cultural, intelectual e econômico vinha se conformando desde o final da década de 1940. Casamentos entre estrangeiros eram proibidos, cientistas foram excluídos da comunidade científica internacional. Viagens internacionais inexistiam, assim como qualquer comparação entre a experiência soviética e o “lado de fora”, com exceção de alguns poucos contatos estabelecidos com indivíduos da Europa Oriental (RUPPRECHT, 2015: 1-2).

Em comparação com os viajantes que conheceram a Rússia na década de 1930, os intelectuais latino-americanos que viajaram para a União Soviética na Guerra Fria, mais especificamente na segunda metade da década de 1950, tiveram acesso a um conjunto maior de informações, pela circulação sobre alternativas de modelos políticos socialistas para observarem em sua viagem (por exemplo: a China Popular e a Tchecoslováquia), como também dispunham de mais dados sobre a União Soviética, que circulavam na América Latina de modo inédito (RUPPRECHT, 2015: 143). Nesse sentido, podemos destacar o trabalho das traduções e das editoras comunistas, as quais foram essenciais para a divulgação desse conteúdo. Rupprecht destacou o papel dos espanhóis exilados que se dirigiram à União Soviética com a derrota da Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e a instauração da ditadura franquista (1939-

115 Era do degelo é o termo dado ao período do governo Khrushchev, a partir de 1955 e oficialmente em 1956. Nikita Khrushchev ficou conhecido pelo discurso durante uma sessão secreta no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em que denunciou os abusos e crimes cometidos por Stálin, em fevereiro de 1956, intitulado “Sobre o culto à personalidade e suas consequências” (SEGRILLO, 2018: 218).

1975). Muitos deles publicaram no México suas impressões sobre a URSS, inclusive muitas delas apresentaram um teor crítico (RUPPRECHT, 2015: 143). Além da circulação de teses sobre a aplicação do modelo stalinista na Europa Oriental, havia cada vez mais intelectuais capazes de ler e falar outros idiomas e produzir obras que, por sua vez, receberam traduções e publicações de destaque nas coleções organizadas por editoras especializadas (RUPPRECHT, 2015: 143).

Até a década de 1950, os viajantes latino-americanos se assemelharam aos viajantes da década de 1930 no sentido de encarar a União Soviética como uma realidade e ao mesmo tempo um lugar utópico (RUPPRECHT, 2015: 151). Nesses primeiros anos da década de 1950, apenas viajantes comunistas entraram no país, mas a partir da metade da década passou-se a admitir intelectuais não comunistas (RUPPRECHT, 2011: 514). Isso fez com que o fluxo de intelectuais latino-americanos na URSS aumentasse, contribuindo para uma mudança de percepção da política soviética com países do Terceiro Mundo. Em vez de vê-los apenas como países dominados pelo poderio dos capitalistas, passou-se a observar aspectos que pudessem realçar as similaridades entre esses países e a União Soviética: como países de Terceiro Mundo, localizados na parte global sul. Em comum, compartilhavam as marcas por fatores estruturais como “pobreza, atraso tecnológico, injustiça social, opressão e exploração” (RUPPRECHT, 2015: 123). Esse internacionalismo soviético dos anos 1950 acentuava as relações culturais com a América Latina segundo a imagem comum e estereotipada de “nações exóticas” e o compartilhamento de um mesmo sentimento anti-imperialista, despertado tanto pelo passado colonial como pela relação com os Estados Unidos (RUPPRECHT, 2015).

Um dos primeiros latino-americanos a visitarem a União Soviética depois da Segunda Guerra Mundial foi Alfredo Varela (1914-1984), jornalista e literato argentino que passou por Moscou, Leningrado, Odessa e Kiev em 1948 (RUPPRECHT, 2015: 148). Ao retornar, Varela publicou um elogioso livro de viagem: *Un periodista argentino en la Unión Soviética* (1950). O escritor brasileiro Jorge Amado (1912-1992) e a esposa, Zélia Gattai (1916-2008), estiveram na União Soviética também em 1948, como convidados da União dos Escritores Soviéticos (SOTANA, 2006: 93-94).¹¹⁶ Prefaciando o livro *Cérebro, neurônio, sinapse: teoria do sistema*

116 Edvaldo Corrêa Sotana (2006) consultou a biografia de Jorge Amado por Miercio Tati (1961), *Jorge Amado: vida e obra*, Edições Itatiaia, 1961, e um dos livros de memórias de Zélia Gattai (1997), *Senhora dona do baile* (6ª ed.), Rio de Janeiro, Ed. Record, 1997, p. 138, em que considera que eles deveriam ser os primeiros brasileiros a viajarem para “aquele país socialista [...] depois do rompimento das relações com o Brasil, em 1947”. Portanto, a viagem de Jorge Amado no ano de 1951 não é sua primeira viagem à URSS, como afirmou Rupprecht (2015: 150).

funcional (1986),¹¹⁷ de João Belline Burza, Jorge Amado declarou que em 1967 estava realizando sua vigésima viagem em vinte anos à União Soviética. Demorando-se em Moscou para rever amigos, acabou por narrar seu encontro com Burza e seu carro sem para-brisa (AMADO, 1986: 16).

Milton Lobato, Reinaldo Machado e Raul Ribeiro da Silva viajaram em junho de 1953, pouco tempo após a morte de Stálin, um momento com presságios de muitas mudanças e antecedendo muitos outros latino-americanos na União Soviética. Temos evidências de que Lobato, Silva e Arnaldo Marques voltaram antes do que a maior parte do grupo, após dez dias de terem desembarcado em Moscou, enquanto o restante do grupo permaneceu por trinta dias na União Soviética.¹¹⁸

2. 4. Conhecendo de perto a medicina soviética

Assim como nos relatos de viagens à União Soviética dos anos 1930 escritos por Medeiros e Cesar constaram diversos dados estatísticos do Plano Quinquenal, os números fizeram parte das narrativas dos médicos que viajaram em 1953. Eram dados de antes da Revolução, de antes e depois da “Guerra Patriótica” (como o discurso oficial soviético denominava a Segunda Guerra Mundial), e que serviam de ilustração dos programas da União Soviética. Certamente são reproduções de folhetos produzidos com o fim de informar os turistas ou dados coletados nas palestras a que assistiam durante as visitas institucionais. A medicina soviética fez parte dos esforços de recuperação pós-guerra do país. Além de problemas estruturais com muitas cidades destruídas, o programa de reconstrução teve de lidar com epidemias de tuberculose e de sífilis.¹¹⁹ Além disso, a medicina seria um instrumento importante para divulgar a modernidade soviética.

A narrativa de Lobato abordou brevemente como atravessaram a fronteira – o cruzamento da fronteira é tido como passagem comum ao gênero das narrativas de viagens à

117 Nesse livro João Belline Burza organizou seus estudos sobre a abordagem geral do sistema nervoso a partir de K. Anoukhin, um dos discípulos de Pavlov. Burza trabalhou com Anokhin como colaborador no Instituto de Fisiologia Experimental de Moscou.

118 Ver Bittencourt, Taques. Vida médica – dia de luto e de protesto na América Latina. *Revista Fundamentos*, Ano VII, n. 38, setembro-outubro de 1958, p. 59-61. Nesse texto, Taques Bittencourt contou que sua estadia na União Soviética teve a duração total de trinta dias. O texto protestava contra o desaparecimento de Juan Ingalinella, médico que viajou junto com os brasileiros para a URSS em 1953 e se tornou um dos primeiros presos políticos desaparecidos do governo Perón (foi posteriormente constatado que morreu sob tortura).

119 A sífilis havia sido causada pelo retorno às práticas de prostituição em razão da presença dos alemães, segundo contou Milton Lobato durante a Segunda Guerra Mundial (LOBATO, 1955: 20).

URSS (SAÍTTA, 2007). Enquanto Raul Ribeiro da Silva percorreu sobre o momento da comitiva na Europa, os pontos turísticos europeus visitados, e precisou detalhes do percurso que durou cerca de três dias de trem até a Rússia, Lobato foi mais objetivo. Porém, ele chegou a informar os horários dos embarques e baldeações (o que mostra como compilou de suas anotações) e descreveu o relacionamento com outros passageiros. Os dois autores comentaram a recepção de chegada em Moscou preparada pelos representantes do Ministério da Saúde. Eles contaram que foram recepcionados pelos mesmos médicos soviéticos que conheceram no Congresso em Viena. Estavam acompanhados de médicas que ofereceram buquês para as mulheres acompanhantes dos integrantes, um ritual de boas-vindas, uma primeira impressão da prática das técnicas da hospitalidade russa. Lobato ressaltou o luxo do Hotel Nacional, localizado na Praça Vermelha, de cujas janelas poderia avistar as torres e estrelas vermelhas do Kremlin (LOBATO, 1955: 15). Após um breve descanso, ele contou que se dirigiram à sede do Ministério da Saúde da União Soviética.

Lobato ressaltou seu interesse progressivo em pesquisar assuntos da medicina soviética, assim como reforçou a maior motivação da viagem: “Por mais que tivéssemos lido a respeito dos progressos alcançados pelo socialismo no campo das ciências médicas, viajamos para a URSS com a atitude de quem precisa conhecer a medicina soviética” (LOBATO, 1955: 23). Essa passagem exemplifica uma tendência comum aos relatos de viagem: a de os viajantes buscarem se informar previamente sobre seus destinos antes de partirem e desse modo chegarem com alguma noção, carregando alguns conceitos preestabelecidos.

Fica evidente na narrativa de Lobato sua intenção em reforçar o valor da profilaxia nas atividades de saúde pública na URSS. Outros valores, tais como a gratuidade e o princípio de organização distrital na saúde, aparecem com algum destaque. No entanto, palavras como profilaxia e suas variantes foram as mais recorrentes em seu texto. Se considerarmos os termos correlatos como “profilático, (s), (a), (as)”, temos 25 ocorrências da ideia de profilaxia na narrativa; em contrapartida, temos apenas três menções à palavra “curativa” – conceito esse que denota, por definição, o sentido oposto ao de prevenção (ou profilaxia). Após a Revolução de 1917, a medicina soviética se ligou umbilicalmente à noção de medicina preventiva e providenciada pelo Estado, baseada na premissa do acesso universal e estabelecendo relações entre doença e problemas sociais (SOLOMON, 2000: 411). Essa perspectiva de saúde se situava como antagonista àquela forjada, praticada e ensinada majoritariamente nos centros de ensino em medicina pelos Estados Unidos. Esse modelo norte-americano seria caracterizado como empregador de médicos tanto públicos como privados, conhecido por ofertar uma rica rede de

hospitais e programas verticais, mas sem a participação dos agentes envolvidos, além de ser dedicado a doenças específicas (SOLOMON, 2000).

A discussão sobre medicina curativa *versus* preventiva ecoou também nos debates brasileiros e internacionais. Esse é um período em que se discutiram as relações entre doença, pobreza e subdesenvolvimento – o ciclo vicioso da doença e da pobreza e a expansão da assistência médica nos institutos de aposentadoria e pensões. Qual o lugar da medicina pública no Brasil e como superar as doenças do subdesenvolvimento eram perguntas da agenda sanitária brasileira na década de 1950 (HOCHMAN, 2009). A medicina estatal soviética foi apresentada por esses médicos como um exemplo de cuidados com a saúde da população e da superação de um histórico atraso sanitário.

Dos autores de relatos de viagem aqui tratados, Lobato é o que defendeu mais enfaticamente o preventivismo da medicina soviética e suas estratégias de exames coletivos. Nessa mesma linha de ações para prevenção na URSS, o médico também citou as atividades de educação física promovidas pelo Serviço Esportivo ligado ao Ministério da Saúde soviético e a grande oferta de sanatórios e casas de repouso para recuperação dos trabalhadores: “somente na União Soviética vemos sanatórios para pessoas sadias” (LOBATO, 1955: 24). Ainda assim, ele disse que não era possível desprezar o aspecto curativo da saúde pública soviética: “curar um doente significa fazer profilaxia da morte”, jogou com as palavras, parafraseando a dr.^a Kroviguina, representante do Ministério da Saúde da URSS (LOBATO, 1955: 23). Algumas doenças como tuberculose, difteria e varíola tinham órgãos específicos de trabalhos de prevenção. Segundo ele, o tifo, a peste, a varíola e a malária haviam sido erradicadas em razão das práticas profiláticas específicas a cada uma dessas doenças (LOBATO, 1955: 23).

De maneira geral, os médicos louvaram a primazia da prevenção na medicina soviética. A despeito disso, Milton Lobato se entusiasmou com a produção de diversas drogas antibióticas e quimioterápicas e vacinas cuja finalidade seria “eliminar como já eliminaram muitas infecções (tifo, cólera, varíola, peste, etc.)” (LOBATO, 1955: 80), um discurso comum na época, bem no clima do otimismo sanitário que emergiu após a Segunda Guerra Mundial.

As doenças parasitárias eram de interesse da delegação brasileira de médicos. Lobato resumiu as respostas às perguntas feitas pelos colegas aos palestrantes na sede do Ministério da Saúde Pública após a conferência de boas-vindas. Foram informados de que na Rússia a esquistossomose e a amebíase eram raras, concentradas apenas na Ásia Central; sobre o tratamento da raiva, providenciavam a morte do cão infectado e vacinação; sobre a brucelose que atacava o gado, tratavam de sanear o gado – por lei, todo rebanho seria perdido em caso de

uma contaminação; e quanto à questão sobre se vacinavam para coqueluche, a resposta foi negativa. Ainda se interessaram sobre a organização administrativa dos hospitais psiquiátricos, ao que lhes responderam que seriam subordinados ao ministério. Outro questionamento foi sobre jovens médicos terem liberdade de atuação onde optarem. Disseram que sim, mas seria preciso cumprir os três anos iniciais onde fossem designados em locais rurais, afinal, buscavam valorizar as pesquisas sobre saúde rural (LOBATO, 1955: 27).

Além da prevenção, outros valores da medicina soviética foram reiterados ao longo da narrativa de Milton Lobato, tais como o de gratuidade a todos, o de eficiência técnica (LOBATO, 1955: 22) e a valorização da prática aliada à teoria no ensino e desenvolvimento científico (LOBATO, 1955: 35). O ensino médico também era grande preocupação. A delegação brasileira visitou o Instituto de Ensino Médico em Moscou (por onde Osorio Cesar também passou), e Lobato descreveu toda a sua estrutura, forma de admissão, suas disciplinas (inclusive uma disciplina obrigatória de marxismo-leninismo); mencionou as perspectivas do recém-formado: “nenhum médico fica sem trabalho” (LOBATO, 1955: 33). Com as respostas descritas resumidamente em seu diário, podemos nos aproximar dos interesses dos médicos brasileiros. As questões eram a respeito da carga horária e do salário dos professores catedráticos, assim como da idade mínima para aposentaria dessa categoria; acerca do padrão de exames para os estudantes; sobre médicos rurais submetidos a exames a cada três anos como forma de serem cobrados das atualizações de conhecimento; do incentivo do Estado aos médicos para publicarem seus estudos (LOBATO, 1955: 33-34).

Lobato (1955: 33) mencionou a expansão do ensino médico (77 faculdades de medicina em todo o país e 11 institutos de aperfeiçoamento) e das instituições científicas (com mais de trezentos institutos) como uma estrutura que fortaleceria a saúde pública soviética, absorvendo cerca de 200 mil médicos, sem contar outros 100 mil que exerciam funções em outros ministérios (LOBATO, 1955: 24). Antes do Estado soviético, eram apenas 18 institutos dedicados à educação médica; em 1918, contava-se com vinte mil médicos distribuídos irregularmente pelo país (LOBATO, 1955: 24-25). Outro aspecto importante era a respeito de a maioria desses médicos ser do sexo feminino. Em certa passagem do seu relato, sobre terem sido recebidos por uma médica que era chefe do setor médico de uma fábrica, Lobato se expressou: “já não nos desperta curiosidade a preponderância dos colegas do sexo feminino. Referimos, antes, que o contingente de médicos soviéticos conta com oitenta por cento de mulheres” (LOBATO, 1955: 42).

As narrativas de viagem desses médicos estão permeadas de exemplos da técnica de hospitalidade explorada pela diplomacia soviética. O texto de Milton Lobato foi constituído por uma coleção de trechos de diários, anotações das palestras que ouvira e algumas transcrições de notícias nos jornais russos “Pravda, Izvestia e Trabalhador Médico” (LOBATO, 1955: 36) que noticiaram a presença dos médicos brasileiros no país. Copiou, por exemplo, a nota do jornal soviético *Trabalhador Médico* em sua edição de 12/6/1953: “Médicos Brasileiros e Argentinos em Moscou”. Dois dias antes da publicação dessas notas nos periódicos russos, o grupo havia visitado a Academia de Ciências Médicas da União Soviética, onde foram recebidos em sessão solene regados a “manjares, doces e frutas em abundância”, como referido por Lobato (1955: 35-36). A notícia destacou a atuação de Milton Lobato como orador da delegação e os interesses da delegação dos médicos brasileiros e argentinos em conhecer a medicina soviética:

Milton Lobato declarou que o tratamento pelo sono prolongado, os trabalhos de Filatov, a cirurgia cardiovascular, o problema da velhice constituem em síntese, o círculo de assuntos do mais alto interesse. Queremos conhecer, também – prosseguiu – a vida, o trabalho e métodos de aperfeiçoamento dos médicos na URSS. Os médicos do Brasil e da Argentina estão interessados em ampliar as suas relações com os médicos soviéticos (LOBATO, 1955: 38).

Com essa transcrição em seu livro de viagem, Lobato reforçou seu projeto pessoal de se apresentar como um homem imbuído da nobre missão de difundir a medicina soviética no Brasil e ser um mediador entre médicos desses dois países. Durante o discurso, destacou o jornal, Lobato (1955: 38) chegou a dizer que “médicos brasileiros conhecem de longa data a ciência médica russa”, destacando Metchnikoff e Pavlov.

Em visita a uma fábrica de tratores na cidade de Stalingrado, a delegação de médicos conheceu o Serviço Médico de Higiene que era responsável por proteger a saúde dos 16 mil trabalhadores dessa fábrica. Ali conheceram umas das principais frentes de trabalho para proteção à saúde dos trabalhadores: a nebulização de substâncias alcalinas, metais e mentol para eliminação da poeira tóxica e perigosa. Alguns dos médicos se submeteram ao procedimento e eliminaram muco. Outra medida destacada pelo setor foi a importância da aplicação de exames periódicos para se verificar a saúde dos pulmões. Nessa passagem, Lobato narrou sua conversa com a radiologista local; percebemos como ele fez questão de reiterar os entrelaçamentos entre Brasil e Rússia.

Indistintamente, todos os operários passam pela roentgenfotografia (exame radiológico dos pulmões), de seis em seis meses. Olhei um dos aparelhos e verifiquei ser de fabricação soviética (35 mm). Perguntei à radiologista se sabia quem fora o inventor do método, mas ela o ignorava. Escrevi num papel

o nome de Manoel de Abreu e disse-lhe que era um médico brasileiro de renome internacional. Ela sorriu com simpatia (LOBATO, 1955: 43).

Manoel de Abreu (1891-1962), pneumologista e professor, deu nome à técnica de radiografia dos pulmões conhecida por abreugrafia (roentgenfotografia, fluorografia, fotofluorografia, radiofotografia são outras nomenclaturas), marcada por rapidez e baixo custo e que propiciou o diagnóstico precoce da tuberculose. Esse excerto da narrativa de viagem destacada aqui foi transcrita por seu próprio autor, Milton Lobato, que a citou em uma nota dirigida contra o senador Reginaldo Fernandes publicada no jornal semanal *Novos Rumos*¹²⁰ meses após o falecimento de Abreu por câncer de pulmão em 30/4/1962 – era um fumante inveterado. Nessa nota, num jornal da imprensa comunista, Lobato se posicionava contra declarações do senador, que havia dito que a União Soviética não conhecia Manoel de Abreu. O palco desse “debate” era mais uma vez o anticomunismo – e nesse caso, em um ato da Guerra Fria. O jornal *Novos Rumos*, que publicou essa nota, era uma publicação ligada ao PCB e circulou entre fevereiro de 1959 (em substituição ao *Imprensa Popular* e ao *Voz Operária*) e 19 de abril de 1964 (com o golpe militar, sua circulação foi proibida).¹²¹ A manifestação de Lobato apontava para a persistência da questão apresentada em seu livro de viagem acerca do reconhecimento da criação do método da abreugrafia pelos soviéticos. Sua resposta ao senador associou seu nome ao de Alcedo Coutinho, companheiro de viagem à URSS e editor da revista *Atualidades Médicas e Biológicas*, revelando que Lobato e Coutinho se estabeleceram como mediadores dos contatos entre cientistas brasileiros e russos. O trecho é um pouco longo, mas bastante ilustrativo de como o contexto de Guerra Fria implicou as escolhas dos cientistas.

Afirmo que Manoel de Abreu era reconhecido e estimado na União Soviética, respeitado como criador da roentgenfotografia. Eu e Alcedo Coutinho, várias vezes, transmitimos a Abreu convites das autoridades sanitárias soviéticas para que visitasse a União Soviética, como convidado de honra, com todas as despesas pagas pelo Ministério de Saúde daquele país. Alcedo Coutinho e Gil Ribeiro, assistente de Abreu, podem confirmar quantas vezes este convite foi transmitido.

Abreu, porém, sempre recusou o convite temendo represálias americanas, devido suas patentes e, quando procurei demovê-lo por se tratar de um cientista renomado apontou-me Openheimer, o criador da bomba atômica, estar vivendo ostracismo porque se manifestara contra o emprego das armas atômicas.

Conversando com Gil Ribeiro, seu assistente dileto e companheiro de consultório, disse-me aquele cientista que Abreu ficara muito sensibilizado,

120 Lobato, Milton. As explorações em torno da abreugrafia. *Novos Rumos* 26/10/1962 a 2/11/1962, p. 6.

121 Ferreira, Marieta de Moraes. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Verbete Novos Rumos. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/novos-rumos> Acesso em fevereiro de 2022.

quando assistindo a um congresso médico em Paris, recebera a homenagem da delegação soviética que, com todos os seus membros, viera cumprimentá-lo e convidá-lo para visitar a União Soviética.

Maior homenagem não podiam os soviéticos prestar a Abreu do que difundir o seu método e fabricar a aparelhagem apropriada para realizá-lo. Nós, brasileiros, até hoje dependemos da aparelhagem alemã, holandesa ou americana para difundir a abreugrafia no Brasil. Devíamos seguir o exemplo soviético que incorpora as conquistas científicas internacionais em benefício do seu próprio povo. Um maior intercâmbio científico com os soviéticos, é outra necessidade com o qual lucrariam nossos povos, com conhecimento mútuo das pesquisas realizadas pelos nossos cientistas.¹²²

Lobato registrou em seu relato evidências do intercâmbio entre Brasil e Rússia no âmbito científico, como o encontro com Butrov no Rio de Janeiro, anfitrião da delegação na viagem e encarregado das relações exteriores do Ministério da Saúde russo, que participou do Congresso Internacional de Câncer de São Paulo (LOBATO, 1955: 9). E o fato de, depois disso, o professor Fernando Paulino, cirurgião carioca, ter sido convidado para participar do congresso nacional de cirurgia em Moscou (LOBATO, 1955: 9).

Juntamente com Arnaldo Marques e Raul Ribeiro da Silva, Lobato passou seu último dia em Moscou (em 18/6/1953) com a visita a um “Sovkóz” (uma fazenda ou granja estatal) no distrito de Kalinin, perto de Moscou. Os restantes membros da delegação permaneceram em viagem e partiriam nesse dia para Leningrado (LOBATO, 1955: 75). Ele contou que o “Sovkóz” o remeteu à infância, por ser de origem rural: “uma pequena cidade de camponeses do interior do norte do Brasil –, a visita a esta cidade trouxe-me recordações de minha infância e uma visão do que nossos camponeses podem conseguir numa vida futura” (LOBATO, 1955: 73). Lobato era do interior do Maranhão. Ao mencionar suas origens, buscou se autorrepresentar numa imagem ligada ao trabalhador camponês, excluindo-se de se ser confundido com um médico burguês.

A parte da viagem a Leningrado foi narrada pelo médico Reinaldo Machado na segunda parte do livro como “Notas de viagem”. A relação das instituições visitadas pela delegação médica brasileira na Rússia e que consta nos relatos de viagem de Milton Lobato e Reinaldo Machado pode ser consultada na seção dos anexos, ao fim desta tese.

Nas narrativas de viagem escritas por Lobato e Machado no livro *Médicos brasileiros na URSS*, as informações são apresentadas como compilação de anotações “passadas a limpo”. Segundo suas descrições, percebemos que as instituições estiveram preparadas para recebê-los,

122 Lobato, Milton. As explorações em torno da abreugrafia”. Revista *Novos Rumos*, 26/10/1962 a 0/11/1962, p. 6.

informaram sobre a estrutura organizacional, a rotina dos trabalhos e relatos de casos, replicaram experiências, ou seja, havia uma organização institucional pensada para a divulgação e a recepção dos viajantes. Eles não se aprofundaram em técnica ou tratamento específico, apesar de assinalarem interesses próprios. Por exemplo, em uma notícia de jornal russo transcrita no livro, Lobato (1955: 138) destacou os seguintes interesses: sono prolongado, os estudos de Filatov, a cirurgia cardiovascular e o problema da velhice. O método de Filatov das bioestimulinas (ver capítulo 4) também era aplicado na odontologia, em casos de parodontose por meio de injeção de lama mineral ou aloés na gengiva. Lobato mencionou ainda uma liga que vinha sendo usada no lugar do ouro nas obturações. Referiu-se de forma lacônica, mas percebemos que mencionou técnicas com caráter de serem experimentais e modernas.

Quanto à técnica da terapia do sono prolongado, Milton Lobato descreveu o que viu na ocasião da visita à Policlínica 71, localizada na estrada entre Moscou e Leningrado.

Nas enfermarias havia casos comuns de clínica médica e, num quarto escuro, achava-se um doente em tratamento pelo sono prolongado. Formulamos perguntas a respeito e soubemos que o sono é muito usado em caso de úlcera gástrica das mais singelas: nembutal ou amitil na dose de 0,10, três vezes ao dia durante quatro dias seguidos. A partir do quarto dia, são dadas cápsulas vazias e o paciente dorme do mesmo modo. Se não dorme, volta a tomar as cápsulas verdadeiras. Quando desperta, o paciente alimenta-se normalmente e logo volta a dormir. Depois de dez a doze dias, os sintomas melhoram e, a partir de um mês, as úlceras gástricas podem desaparecer aos raios-X, ou baixar a hipertensão arterial a cifras normais (LOBATO, 1955: 29).

Como fisiologista, Lobato se interessou pelas medidas contra tuberculose na União Soviética: os diagnósticos geralmente eram feitos com base nos dispensários distritais, que orientam o tratamento e buscam eliminar o foco da doença. A vacinação da BCG era obrigatória por decreto a bebês recém-nascidos, repetida em idade pré-escolar, na idade escolar e na adolescência, e havia incentivos para exposição de crianças e adolescentes a atividades ao ar livre durante o período de férias por meio de atividades de esportes, centros infantis, escolas florestais, casas de Komsomol (outro nome para União da Juventude Comunista Leninista). Havia sanatórios diurnos e noturnos para pacientes com condições físicas de trabalhar – após um turno normal de trabalho, se dirigiam para esse local para receberem medicação, antibióticos, fisioterapia e descanso (LOBATO, 1955: 61). Casos graves seriam encaminhados para um centro regional de tratamento para tuberculosos. Além disso, o médico destacou a existência de centros regionais dedicados somente à pesquisa sobre a doença (eram 23 ao todo no país) e um instituto central, responsável pela coordenação dos trabalhos.

O tratamento da tuberculose era realizado com base em higiene, antibióticos e cirurgia: a melhor maneira era o corte das formas iniciais. Havia uma lei que determinava que pessoas que trabalhassem no ramo de alimentos e em qualquer ramo de trato com crianças deveriam se submeter a exames periódicos (por abreugrafia).

Lobato visitou todos os departamentos do Instituto de Tuberculose – entre eles, o laboratório de fisiologia clínica, com pesquisas desenvolvidas com base nos estudos de Pavlov. Conheceu uma pesquisa dedicada a estudar os reflexos vasculares e a ação de medicamentos (caféina e bromo) sobre o sistema nervoso. O médico viajante brasileiro assistiu a estudos de reflexos condicionados e incondicionados realizados em câmara apropriada. Visitou o laboratório de anatomia patológica e pôde verificar as lâminas com cortes de rins infectados. E no laboratório bacteriológico, soube de estudos sobre uma nova vacina contra a doença com base em “bacilos humanos atenuados que não tinham mais virulência para os animais de laboratório” (LOBATO, 1955: 64). Por fim, considerou a área da fisiologia na União Soviética como uma das mais avançadas do mundo.

Como Milton Lobato abreviou sua excursão e não acompanhou seus colegas à visita ao instituto de Pavlov, sediado em Leningrado, ele dedicou algumas linhas para homenageá-lo, dedicando-lhe uma seção em seu texto: “Tantas vezes falei e ouvi falar em Pavlov que me sinto na obrigação de dizer breves palavras sobre esse sábio russo e seus estudos que orientam até hoje as pesquisas e a medicina soviética” (LOBATO, 1955: 77). O sentimento de obrigação declarado por Lobato teria a ver com seu compromisso e sua posição como médico comunista, já que nesse período Pavlov era considerado a maior autoridade científica para a medicina soviética (KREMENTSOV, 1997; POLLOCK, 2006). Sua apresentação sobre o fisiologista se assemelha às leituras que encontramos nos artigos da revista médica *Atualidades Médicas e Biológicas* (ver os capítulos 3 e 4). Segundo a apresentação de Lobato, Pavlov foi um cientista do século XIX que recebeu todo o apoio da Revolução de Outubro e ainda depois. Destacou a base de sua teoria dos “reflexos condicionados” como tendo aberto muitas possibilidades para os processos nervosos. De acordo com a tese de Pavlov, esse conceito se explica na relação das atividades do organismo com o meio ambiente. Lobato enumerou algumas das aplicabilidades da teoria, citando o “tratamento pelo ‘sono prolongado e descontínuo’, o parto sem dor, a prevenção das doenças, a educação das crianças e uma série de perspectivas científicas” (LOBATO, 1955: 79). Nessa dinâmica dos reflexos condicionados com o meio, Lobato ressaltou a possibilidade de um reflexo condicionado se tornar “permanente”: “podendo

adquirir caráter hereditário e podendo ser transformados de temporários em permanentes ou seja em ‘reflexo incondicionado’” (LOBATO, 1955: 79).

O ponto sobre a hereditariedade, a que Lobato se referiu em relação à doutrina Pavlov, se tornou uma das maiores questões envolvendo ciência e política na União Soviética de Stálin do pós-Segunda Guerra. O período foi curto – desde o fim da guerra até a morte do ditador, em 1953 –, mas significativo em consequências. A mais famosa delas foi a perseguição aos geneticistas russos. Stálin interferiu em várias disciplinas, trazendo ao relevo controvérsias científicas que foram deliberadas pela Academia de Ciências da URSS, pelo Comitê Central e pelo ditador. A guerra das ciências no fim da era Stálin traduziu debates de campos científicos datados de 1940 a 1950 como temáticas cruciais para a legitimidade do Partido e fundamentais para a sustentação da visão de mundo da ideologia soviética na Guerra Fria (POLLOCK, 2006: 2). Nesse sentido, disciplinas como a fisiologia e a biologia influenciaram diretamente as justificativas objetivas na conformação do novo homem soviético (POLLOCK, 2006: 3).

Lobato finaliza sua narrativa de viagem trazendo informações sobre a medicina soviética que obteve por outras fontes, isto é, não pelas vivências na viagem. Ele se justificou: “são inúmeras as contribuições científicas soviéticas que deixamos de abordar, porque não estavam diretamente ligadas ao nosso programa de visitas e porque seria humanamente impossível conhecê-las em tão pouco tempo” (LOBATO, 1955: 79). Entre as contribuições que enumerou, a referência ao caso Lyssenko apareceu primeiramente na relação das contribuições científicas de médicos soviéticos à humanidade, não somente aos russos (LOBATO, 1955: 81).

Os estudos de Mitchurin e Lyssenko, por exemplo, são da maior importância para quem estuda biologia. Afirmam esses autores, contrariamente aos geneticistas, morganistas, weissmanistas, que as qualidades adquiridas pelos seres vivos no curso de seu desenvolvimento são transmissíveis hereditariamente, de tal maneira que a vontade do homem pode modificar as qualidades de muitos seres (LOBATO, 1955: 79-80).

Essa quase subscrição de tais “contribuições científicas soviéticas” se diferenciava da maior parte do relato. Conciso, o médico comunista brasileiro foi direto ao ponto que envolvia o debate sobre a hereditariedade: a questão da ideologia soviética e a possibilidade de transformação chancelada por leis da natureza. Lobato demonstrou claramente seu perfil como um “camarada na saúde” (BIRN; BROWN, 2013) em diversas passagens de seu relato narradas com entusiasmo e sem sombra de dúvida nas palavras de saudações aos colegas soviéticos, desejando pleno êxito aos “camaradas” (LOBATO, 1955: 81). Seu colega brasileiro e companheiro de viagem Raul Ribeiro da Silva revelou outro perfil de divulgação da viagem à União Soviética.

A narrativa de viagem de Raul Ribeiro da Silva (1956) expressou comparações e considerou a medicina europeia como “vanguarda da experiência e da técnica, com vantagens sobre os russos” (SILVA, 1956: 79). Segundo ele, os médicos brasileiros, por estarem em meio a um clima tropical, “com mais doenças e mais doentes”, adquiriram boa qualidade de conhecimento no campo clínico – a ponto de quase não mais justificarem a procura de recursos no estrangeiro (SILVA, 1956). Em sua opinião, os problemas dos “trópicos” pareciam mais complexos para uma medicina no estilo da soviética conseguir resolver. Ele comparou aquilo que havia ouvido durante a palestra no Ministério da Saúde Pública da URSS, no primeiro dia da viagem, com sua leitura sobre a realidade sanitária no Brasil.

Ouvindo a exposição acima estamos a imaginar que ela seria menos lisonjeira se a União Soviética se estendesse à zona tropical do planeta... Não queremos subestimar os feitos realmente notáveis da ciência sanitária russa, mas nós, brasileiros, sabemos que a empresa é aqui menos árdua do que nos países quentes, onde o fator climático enseja e favorece endemias de toda sorte, tornando mais negras as cores do panorama epidemiológico. E se esse país tem a extensão territorial do Brasil e é quase todo abarcado pelos trópicos, então os problemas de saúde pública tomam extensão impressionante. Contudo, ao revés do clima agressivo (e outras circunstâncias que não mencionamos), no Brasil alcançamos dia a dia boas vantagens nesse terreno, embora longo e difícil nos seja ainda o caminho a vencer. Isto já nos alerta. O tema é sedutor e gostaríamos de estender o comentário, mas seria fugir ao objetivo dessas notas de viagem (SILVA, 1956: 79).

Para Silva (1956), a medicina no Brasil se desenvolveu com vantagem em relação à da União Soviética por conta dos desafios sanitários impostos pelo clima tropical.

De modo geral, comparando as três narrativas de viagem dos anos 1950 que analisamos aqui, podemos afirmar que Ribeiro da Silva buscou se mostrar mais próximo da representação de um intelectual e homem das letras. Em seu texto, esforçou-se para reforçar uma imagem de si como um homem culto. Em diversos trechos ao longo do seu livro de viagem, ofereceu informações de história, geografia, costumes culturais – e a essas agregou lembranças de suas viagens anteriores. Teceu diversas comparações da União Soviética com suas vivências em capitais europeias: “já conhecíamos a Viena dos bons tempos, anteriores à última guerra” (SILVA, 1956: 30). Seu texto apresenta associações com a cultura geral (“a música de Strauss” quando se referia ao passeio em Viena), com as infinitas vezes que lera na seção de notícias da guerra dos jornais sobre “Berchtesgaden”, local escolhido por Hitler para veraneio nos Alpes alemães, quando visitou o local da casa de Hitler (inclusive o livro apresenta fotografias da “berghof” antes e depois dos bombardeios aliados). O médico Raul Ribeiro da Silva revelou sua expectativa em conhecer a “tão lendária Rússia”, suas gentes, costumes e seu regime e

complementa: “podendo eu até mesmo apreciar, assim inesperadamente, alguns aspectos desse misterioso país” (SILVA, 1956: 43).

A ideia de um país misterioso – e mesmo exótico – foi uma tendência geral das narrativas sobre a Rússia e a União Soviética. Em contraste com o relato de Lobato e Silva, a narrativa de viagem do médico Reinaldo Machado se mostrou ainda mais objetiva. Sua escrita é um registro das anotações do que ouviu nas palestras durante as visitas a instituições e pontos turísticos, ou seja, é uma compilação de suas “Notas de viagem”. Pelo estilo narrativo, percebemos um ritmo intenso de atividades na viagem dos médicos, com pouco espaço para elaboração e interação com cidadãos soviéticos. Como exceção que extrapola esse formato, podemos destacar sua menção ao impacto da notícia da execução nos EUA por traição e espionagem do casal Julius e Ethel Rosenberg em 19 de junho de 1953, um dos dramas da Guerra Fria mais comentados nos círculos intelectuais comunistas (RIDENTI, 2011): “foi-nos traduzida dos jornais a notícia do assassinio do casal Rosenberg, nos Estados Unidos, de modo que saímos todos verdadeiramente contristados” (MACHADO, 1955: 95). Nessa passagem, Machado se humaniza, sua fala é subjetiva.

A parte da narrativa de Machado em que ele é mais prolixo é a descrição da visita da delegação médica ao Instituto de Transfusão de Sangue, em Leningrado, realizada no dia 22/6/1953 – o que indica que esse assunto seria de seu interesse pessoal. Segundo ele, “os cientistas russos foram precursores nos estudos do sangue” (MACHADO, 1955: 103) e o referido instituto se desenvolveu muito durante a Segunda Guerra Mundial. No combate contra o nazifascismo, o instituto passou a ser um alvo estratégico, fornecendo transfusões a soldados feridos. O médico descreveu as competências de cada laboratório ligado ao instituto (MACHADO, 1955: 102-110). Ele mencionou os procedimentos da doação sanguínea, que era voluntária. Sobre doenças do sangue, discorreu sobre especificidades das transfusões relacionadas ao tratamento de “anemia plástica”, policetemia, leucemia e como profilaxia em hemofílicos (“transfusões repetidas e diretas”) (MACHADO, 1955: 109).

A descrição da visita ao Instituto Pavlov por Machado se situa como uma espécie de etnografia do lugar, um relato das replicações de experiências e de explicitações conceituais da doutrina Pavlov. Em cada seção do Instituto de Fisiologia (oito laboratórios),¹²³ a delegação assistia a uma experiência. Foram recebidos por Bykov, discípulo do patrono e diretor do Instituto Pavlov, que fez demonstrações ao grupo no laboratório de relações entre o córtex e os

123 Os outros institutos que compunham o complexo Instituto Pavlov ficavam no centro da cidade e não foram visitados pela delegação (MACHADO, 1955: 110).

órgãos internos em animais. Machado buscou transmitir ideias-chave da doutrina pavloviana com suas breves anotações. Estavam presentes: o tema da hereditariedade e a possibilidade de transmissão à prole das modificações fisiológicas (MACHADO, 1955: 112); o córtex cerebral como regulador de todos os órgãos e aplicações práticas da teoria (citou o tratamento da enurese noturna e o parto sem dor, mas nesse caso não deu detalhes). Na passagem a seguir, relativa a visita ao Laboratório de relações entre a (*sic*) córtex e os órgãos internos do Instituto, Machado fez menção, ainda que de maneira discreta, à importância do meio ambiente para a dinâmica da fisiologia pavloviana, outro elemento fundamental nessa teoria.

A córtex cerebral tem ação reguladora sobre todos os órgãos. O conhecimento da doutrina de Pavlov traz muitos esclarecimentos sobre a patogenia. Através da córtex cerebral, iniciam-se muitos processos patológicos. Os órgãos internos são dirigidos pela córtex cerebral mas também exercem ação sobre esta. Artificialmente, podem-se formar reflexos condicionados, por excitações nos órgãos internos. Isto é demonstrado pela excitação de qualquer órgão (excitante do ambiente exterior) (MACHADO, 1955: 114).

Machado não se mostrou preocupado com uma pedagogia para um leitor totalmente leigo, na medida em que não poupou termos técnicos e científicos em seu texto. Mesmo Lobato, que tanto elogiou o trabalho do instituto de divulgação e educação sanitária soviética, por diversas vezes não se atentou em traduzir alguns termos para leitores fora do campo médico. Isso indica que o público-alvo deles eram os médicos brasileiros. Para os três autores, a União Soviética se destacou no campo das inovações em soluções científicas, tecnologias médicas e ações sanitárias.

Os médicos brasileiros que estiveram na Rússia amplificaram suas narrativas de viagem participando de palestras, mesas-redondas em rádio, conferências públicas. Em setembro de 1953, José Brigagão Ferreira,¹²⁴ “médico e professor da Universidade do Brasil”, realizou uma conferência no Cine Nova Iguaçu. O jornal *Imprensa Popular* noticiou que a sala de cinema estava lotada com uma audiência interessada em ouvir sobre “A Medicina na União Soviética”. Segundo o jornal, o público teria ficado particularmente impressionado com a promessa da medicina soviética de que em pouco tempo haveria a possibilidade de transplantação de membros que dispensaria o uso de artefatos mecânicos e muletas.¹²⁵ E Brigagão teria recebido aplausos quando comentou suas impressões, sobretudo no momento em que falou sobre a URSS

124 José Brigagão Ferreira se candidatou a deputado federal pelo Estado do Rio de Janeiro. *Voz Operária*, 8/5/1954, p. 11.

125 *Imprensa Popular*, 16/9/1953, Conferência sobre a medicina soviética, p. 2.

dispensar carinho e atenção especial às crianças.¹²⁶ Lobato (1955: 7), em seu livro de viagem, relatou que Brigagão participou de uma mesa-redonda na Rádio Globo. Ele também participou de uma mesa-redonda difundida pela Rádio Difusora, do Vale do Paraíba, tratando das pesquisas experimentais com animais que buscavam o desenvolvimento do transplante de órgãos; da técnica do “parto sem dor”; e da especial atenção dos órgãos dirigentes a medidas destinadas às crianças.¹²⁷

A Associação Brasileira de Imprensa (ABI) foi um dos espaços onde as atividades de divulgação dessas viagens e da medicina soviética ocorreram. Em uma sessão na ABI, em outubro de 1953, participaram os médicos que estiveram juntos na URSS: Alcedo Coutinho, Lintz Caire, Milton Lobato, Francisco Sá Pires, Washington Loyello, Brigagão Ferreira, Justino Prestes de Meneses e Mario Coutinho.¹²⁸ O *Imprensa Popular* noticiou o evento e, sem detalhar as apresentações, destacou uma fala laudatória de Brigagão ao Partido Comunista Soviético (*Figura 7*). Segundo a nota do jornal, os oradores rebateram críticas celebrando o fato de que na União Soviética não haveria trabalhadores desempregados, fossem eles médicos ou de outra categoria profissional. Brigagão teria dito que, a tendo conhecido, era apaixonante defender a União Soviética.¹²⁹

126 *Imprensa Popular*, 16/9/1953, Conferência sobre a medicina soviética, p. 2.

127 *Imprensa Popular*, 4/11/1953, p. 2.

128 *Imprensa Popular*, 3/10/1953, p. 2.

129 Antes disso, em setembro, os médicos já haviam estado na ABI para exporem suas impressões sobre a medicina na Europa. Trataram da medicina na França, na Áustria e sobretudo na União Soviética. *Imprensa Popular*, 29/9/1953, p. 3.



Figura 7: Convite à conferência sobre a medicina soviética no salão da ABI publicado no jornal *Imprensa Popular* de 2/10/1953. Embora a intenção dos médicos fosse a divulgação da medicina soviética, a chamada era mais abrangente: medicina na Europa.

Em 22/9/1953, o jornal *Imprensa Popular* noticiou que Milton Lobato havia sido uma das testemunhas de defesa em um processo contra o líder comunista Luís Carlos Prestes. O processo, que foi replicado pelo periódico, também serviu para a divulgação da viagem e como propaganda da medicina estatal soviética. Segundo Lobato, os médicos soviéticos lhe informaram que gastavam o que recebiam, pois não precisavam custear instrução e saúde; já o gasto com habitação poderia variar de 1% a 6% do salário.¹³⁰ Lobato, na condição de testemunha de defesa, disse ao promotor que, de fato, visitara a Rússia e lá constatou que o salário mensal do médico tem variação entre 800-1.000 rublos, considerando o rublo a 10 cruzeiros; isso significaria um salário entre 80 mil-100 mil cruzeiros num ano em que o salário mínimo brasileiro estava estabelecido em 1.200 cruzeiros.¹³¹

130 *Imprensa Popular*, 22/9/1953, Nova audiência no processo nazi-ianque contra Prestes, p. 1 e 5.

131 *Imprensa Popular*, 22/9/1953, Nova audiência no processo nazi-ianque contra Prestes, p. 1 e 5.

Interessante percebermos como um testemunho em tribunal, num processo contra a maior liderança do PCB, Luís Carlos Prestes, se tornou material de divulgação de ideias, valores e informações da cultura política comunista e foi veiculado pelo periódico ligado ao Partido, *Imprensa Popular* (1948-1958). Lobato foi questionado sobre se “o incitamento à greve” não seria um ato de “sabotagem e terror”. O jornal reproduziu as palavras de sua resposta: “Greve nada tem a ver com desordens, terror e sabotagens. Trata-se de um direito constitucional do proletariado. Não se confunde de modo algum com atos terroristas”.¹³²

O livro de viagem dos médicos Milton Lobato e Reinaldo Machado foi dedicado ao estabelecimento de “relações culturais entre médicos brasileiros e soviéticos” (LOBATO, 1955: 9) – algo que efetivamente se buscou como uma pauta perseguida pelos médicos comunistas, sendo importante que exista uma análise histórica desse intercâmbio cultural e científico entre as medicinas do Brasil e da União Soviética pós-Stálin, no sentido de dimensionar essa interação.

No caso dos livros de viagens à Rússia dos médicos brasileiros, percebemos muitos elementos em comum com as narrativas escritas por intelectuais de outros campos do conhecimento, mas suas escolhas durante a viagem influenciaram suas escritas. Por interesse profissional, buscaram conhecer o funcionamento das instituições científicas, de educação, hospitais e clínicas especializadas. Em comum, todos os cinco autores aqui reunidos se preocuparam com as condições de trabalho dos médicos na URSS. No entanto, aqueles que escreveram na década de 1950 lidaram com o contexto da greve dos médicos, como veremos no capítulo 3, por meio das cartas editoriais da revista *Atualidades Médicas e Biológicas*.

2.5. Sociabilidade e cultura política nas viagens à URSS: considerações gerais

Aos pioneiros dos anos 1930, autores dos primeiros relatos de viagem à URSS escritos por médicos, os livros serviram para fortalecer a acusação do Estado de que esses médicos desempenhavam atividades subversivas. Entretanto, queremos chamar a atenção para a viagem à URSS como elemento da sociabilidade entre militantes e simpatizantes do comunismo no Brasil.

¹³² *Imprensa Popular*, 22/9/1953, Nova audiência no processo nazi-ianque contra Prestes, p. 1 e 5.

Em 1951, os escritores e militantes comunistas Jorge Amado (1912-2001), Graciliano Ramos (1892-1953), Dalcídio Jurandir (1909-1979) estiveram na União Soviética. Jorge Amado, que ainda viajaria por diversas vezes à Rússia,¹³³ publicou o livro *O mundo da paz: União Soviética e democracias populares* (1951). Resultado da mesma viagem, o livro de Graciliano Ramos *A viagem*, com suas impressões, foi publicado postumamente, pela Editora José Olympio, em 1954.

Graciliano Ramos morreu de câncer no pulmão em 20 de março de 1953. A doença havia sido diagnosticada por Milton Lobato, que contou essa história anos depois em pelo menos duas cartas enviadas para a seção de cartas de leitores do *Jornal do Brasil* no início dos anos 1980. Lobato utilizava esse espaço no jornal para realizar uma campanha antitabagista, enviando periodicamente cartas que remetiam à morte de pessoas famosas em decorrência do consumo de cigarros. Essas cartas foram reunidas em uma publicação intitulada *Cigarro: invalidez ou morte* (s.n., 1992). Numa dessas cartas enviadas ao jornal, ele contou que após exames e diagnóstico, ele próprio comunicou à família do escritor e aos dirigentes do Partido, que denominou como “a nossa família” (LOBATO, 1992: 59).¹³⁴ O tisiologista sugeriu a cirurgia imediata, indicando o jovem argentino cirurgião de tórax Jorge Alberto Tayana, que veio a se tornar ministro da Saúde no governo de Juan Domingo Perón.¹³⁵ A família teria feito questão de que, durante o procedimento cirúrgico, houvesse um médico assistente vinculado ao Partido, que supomos que tenha sido Milton Lobato. A cirurgia constatou que o câncer se encontrava em estágio avançado e irreversível. O relato demonstra a proximidade entre intelectuais e médicos ligados aos partidos comunistas argentino e do Brasil e as reminiscências da viagem do “Velho Graça” à União Soviética:

Na Argentina foram gentilíssimos com o Graça. O partido dispensara Ghioldi de todas as tarefas a fim de acompanhá-lo, pois haviam sido companheiros de prisão no Brasil. Mais ainda, fizeram questão que do ato cirúrgico tomasse parte um cirurgião do partido como auxiliar. Abriram e fecharam o tórax, o câncer mostrara-se absolutamente inoperável.

Visitamos algumas vezes Graciliano em sua casa, logo que voltara ao Brasil, tomando seu chá num copo e estojo ganhos na União Soviética onde estivera pouco antes da doença e fora tratado com todo carinho, recebendo vários

133 Amado, Jorge. Depoimento Literário sobre o Acadêmico Anoukhin. Prefácio do livro de João Belline Burza, *Cérebro, neurônio, sinapse: teoria do sistema funcional de K. Anokhin, seguidor avançado de I. P. Pavlov* (São Paulo, Editora Ícone, 1986, p. 15-16). Jorge Amado afirmou que no inverno de 1967 esteve pela 20ª vez na União Soviética, em vinte anos.

134 Lobato, Milton. *Velho Graça*. *Jornal do Brasil*, 28/9/1984.

135 Segundo o relato do médico, a Argentina era bastante desenvolvida em cirurgia endotorácica, enquanto o Brasil engatinhava, “em virtude do cisto hidático, mais frequente entre ele, e sua única solução, a cirúrgica” (LOBATO, 1992: 59). Originalmente publicado no *Jornal do Brasil*, 28/9/1984, 1º Caderno, Cartas, p. 10.

presentes, inclusive aquele estojo de chá que adorava. O escritor falava-me entusiasticamente sobre aquele Novo Mundo, pois estava escrevendo sua memória de viagem, quando a morte o surpreendera, deixando incompleta essa sua última obra-prima, contando o que vira na URSS e que seu filho Ricardo editou com anotações suas (LOBATO, 1992: 59-60).

Lobato lera o livro *Viagem*, com notas de viagem, pois declarou conhecer toda a obra de Graciliano.¹³⁶ Mais do que isso, Lobato ouviu do próprio “Velho Graça” (como Graciliano era chamado na intimidade), à beira do leito, as suas histórias de viagem. Essa informação se encontra em carta escrita por Lobato e publicada no *Jornal do Brasil* em 1983, na seção de cartas de leitores. Na ocasião, o filme *Memórias do cárcere*, baseado na obra homônima de Graciliano Ramos, estava em exibição nos cinemas. Os textos dessas cartas foram integrados, posteriormente, ao livreto de Milton Lobato lançado em 1992: *Cigarro: invalidez ou morte?*. Na citação anterior, extraída de uma de suas cartas, tem-se um exemplo de como a viagem à URSS circulava pelas redes de sociabilidade dos intelectuais. Lia-se e conversava-se sobre a União Soviética e o mundo socialista. Privilégio maior seria dos que podiam “ver com os próprios olhos” a União Soviética. Nesse arranjo de gestos simbólicos, como se sentir parte de uma família, a “nossa família”, viajar à Rússia, narrar o périplo e voltar com presentes, todos os sentidos e sentimentos eram explorados. Conversas e relatos de uns, publicados ou não, certamente influenciaram outros e narrativas posteriores.

O médico Alcedo de Moraes Coutinho (1906-1992), colega de Milton Lobato e companheiro de viagem à URSS, diretor da revista *Atualidades Médicas e Biológicas*, foi mencionado no relato de viagem do jornalista Edmar Morel (1912-1989), *Ida e volta a Moscou* (1952). Ele o apresentou como um “médico pernambucano de família tradicional de banguzeiros, muito embora seja considerado o inimigo número um dos latifundiários de sua terra, sobretudo os usineiros”,¹³⁷ segundo as palavras de Morel (1952: 21). Nesse tempo, Coutinho atendia em consultório particular de clínica médica no Rio de Janeiro.¹³⁸ Havia desistido da política parlamentar, após a cassação dos mandatos de parlamentares comunistas, em janeiro de 1948, interrompendo seu trabalho como deputado, mas sem abandonar suas ações na militância.

136 Lobato, Milton. Graciliano Ramos. *Jornal do Brasil*, 17/9/1984, p. 10. Nessa carta, Lobato conta que essa coleção da obra de Graciliano Ramos lhe foi ofertada pelos internos do Sanatório Cardoso Fontes, onde trabalhou como médico. Lobato também buscou no livro *Memórias do cárcere* as referências ao cigarro feitas pelo autor.

137 Convém assinalar que há uma série riquíssima de fotografias do acervo pessoal de Morel, guardada pela seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional e com acesso público pelo portal Biblioteca Nacional Digital, contendo registros fotográficos dessa viagem.

138 Anúncio. *Imprensa Popular*, 3/1/1951.

Não obstante a função de diretor da revista *Atualidades Médicas e Biológicas*, as fontes apontaram que Alcedo Coutinho vem a ser uma figura preponderante para nossa pesquisa. No livro de viagem do jornalista Edmar Morel (1952), o médico Alcedo Coutinho foi quem, no dia 17 de março, às 22 horas, surpreendeu o jornalista com um telefonema convidando-o a realizar uma viagem à URSS, em nome da “delegação brasileira ao Encontro Econômico em Moscou” (MOREL, 1952: 21). Estava acontecendo um jantar de aniversário na casa de Morel (seria a comemoração de 40 anos de idade do repórter, embora ele não tivesse declarado o fato em seu livro). O jornalista chegou a titubear, mas acabou aceitando o convite, ainda que com receio pelo clima repressivo daquele período. Aprontou os papéis em 12 dias (MOREL, 1952).

Vimos que o clima de repressão também assombrou os médicos que publicaram suas narrativas de viagem na década de 1930. Por outro lado, as viagens à URSS fomentaram várias formas de divulgação científica, de interesse do público especializado e leigo, além de intercâmbio científico.

Os médicos, no momento de torna-viagem, divulgaram o que viram em conferências e palestras públicas sobre suas impressões sobre a União Soviética. Osorio Cesar participou de alguns eventos com Tarsila do Amaral, quando voltaram a São Paulo. Em 1935, ele voltou à Rússia e participou do XV Congresso Internacional de Fisiologia, sob a presidência de Pavlov (1849-1936) (ANDRIOLO, 2003: 75). Junto consigo, Cesar levou uma série de artefatos, produtos que eram fruto do trabalho de outros cientistas brasileiros, ligados a grandes instituições de ciências do Rio de Janeiro e São Paulo, para divulgação entre os cientistas soviéticos ligados ao Instituto de Moléstias Tropicais de Moscou. Os detalhes podemos conhecer no trecho a seguir, extraído do jornal *Diário da Noite* (13/5/1935), indexado em seu prontuário (Deops/SP).

A viagem do Dr. Os

orio Cesar, além desse objetivo pessoal significa também um fruto da propaganda que já vem fazendo no Rio, em São Paulo, em prol do estabelecimento de relações de intelectuais brasileiros e russos. Tanto assim que o distinto viajante leva para o Instituto de Moléstias Tropicais de Moscou uma grande quantidade de material do Instituto Biológico de São Paulo, representando os trabalhos do Professor Rocha Lima e outros cientistas patrícios. Para aquele mesmo instituto o Dr. Osorio é portador de uma coleção de fotografias do serviço de lepra deste Estado, coleção essa que foi especialmente organizada pelo dr. Salles Gomes, para o aludido fim.

Na sua passagem pelo Rio, o Dr. Osorio recebera de Manguinhos também uma coleção de barbeiros infectados da moléstia de Chagas e um grande número de trabalhos de colaboradores daquele Instituto brasileiro, que igualmente se destinam ao estabelecimento científico de Moscou.

Ainda na sua bagagem o conhecido médico e escritor leva um valioso trabalho sobre tifos, do professor Octavio de Carvalho, diretor da Escola Paulista de Medicina. Dessa obra o Dr. Osorio distribuirá a várias bibliotecas dos

institutos científicos russos (DIÁRIO DA NOITE, 13/5/1935 *apud* TORRES, 2013: 119).

A matéria do jornal é bastante ilustrativa do esforço de fazer circular, entre os russos, produtos científicos brasileiros. Além de Cesar, há indicações de que pelo menos outros três cientistas brasileiros estiveram presentes nesse congresso como delegados: prof. Thales Martins, Paulo Enéas Galvão e Dorival Macedo Cardoso (BURZA, 1962: 10). Uma das fichas de Cesar no arquivo do Deops/ SP indica que ele recebia em sua residência “frequentadores de tendências socialistas”, era “amicíssimo de Dr. Paulo Fratelli, ex-diretor do Juquery”, e também que havia feito um resumo de suas viagens à URSS.

Documentos oriundos dos arquivos da polícia política, como esse do jornal indexado no prontuário de Cesar no Deops, ou aquele que citamos sobre os cientistas russos em passagem pelo Rio de Janeiro e por São Paulo tendo tido médicos brasileiros como anfitriões, indicam que uma das intenções de Milton Lobato com a publicação de seu livro de viagem, a de fortalecimento das relações entre médicos e cientistas russos e brasileiros, não se limitou apenas ao plano do discurso.

Lembrando Angela de Castro Gomes, o relato de viagem é o próprio texto como um “lugar de memória” (GOMES, 2004: 18). Para Milton Lobato, a viagem à URSS ainda pode ser considerada como um biografema de sua vida.

Biografema é um conceito cunhado por Roland Barthes na década de 1970 e resgatado pelo movimento de retomada da relação entre história e biografia a partir da década de 1980. O termo se refere a uma das formas de narrar uma vida, que valoriza as diversas faces do “Eu” e a multiplicidade da identidade de um sujeito fragmentado (DOSSE, 2020). Na retomada da biografia como gênero cientificamente legítimo para as ciências humanas, seu sentido se alterou – não mais a vida exemplar da história “mestra da vida”, em que o biógrafo narrador não aparece e dá lugar à personagem como um simulacro e uma inspiração ao leitor, e sim maior preocupação em valorizar as singularidades, fenômenos complexos e não rígidos como uma entrada para se chegar a uma universalidade, porém desacreditando em grandes paradigmas explicativos (DOSSE, 2015: 406). Segundo Dosse (2015: 406), “essa busca identitária não desapareceu, mas fragmentou-se numa miríade de ‘biografemas’ que já não tem necessidade de ser ligados por um cimento de engaste. Ao contrário a pluralidade é de bom uso (...)”.

Um biografema estaria relacionado ao detalhe ou a uma vivência, que é mobilizada para dar sentido à narrativa: “esses detalhes que podem sozinhos dizer o todo de um indivíduo” (DOSSE, 2020: 22).

O “biografema” se apresenta em relação forte com a desapareição, com a morte: ele remete à (*sic*) uma forma de arte da memória, a um *memento mori*, a uma possível evocação do outro que não está mais. Barthes sugere uma leve evocação por um detalhe de distanciamento e revelador de uma singularidade: “é um traço sem união... O biografema nunca pode ser definido. Ele nem entra numa definição. Ele é, portanto, um bom objeto” (GAILLARD, 1991: 102).¹³⁹

Lobato era um homem da palavra, para quem a palavra era arma de ação, de atuação e de transformação social. O termo homem de palavra é uma referência livre inspirada em um artigo de Gomes (2008) dedicado a analisar a escrita autobiográfica de San Tiago Dantas (1911-1964), considerando que mesmos escritas de si, autorreferenciais, podem apresentar um estilo objetivo, uma tendência entre políticos. As categorias “homem de palavra” e “homem de ação” eram nativas; Gomes demonstra como os termos eram tratados pelos próprios atores políticos, sobretudo entre 1945 e 1964, como um modo de classificar estilos de se fazer política – os “homens de ação entendidos como tendo capacidade de articulação, de agremiação e de realização, uma vez que dominavam ‘informações’ e produziam ‘fatos’” (GOMES, 2008: 192). Os homens de palavra eram especialistas na arte da oratória, se destacavam na tribuna, produziam conhecimento, ideias, projetos. Nos textos analisados, Gomes observa como o político-intelectual buscava se retratar como homem de ideias e de projeto, mas também de ação (GOMES, 2008: 192). Certamente, não queremos com isso comparar Lobato com San Tiago, mas realçar como a capacidade de comunicação, da expressão de ideias e projetos de Lobato era um fator valioso para a militância comunista. E como essa capacidade era valorizada como prática.

Em diversas notas na imprensa, como aquela publicada em *Novos Rumos* em defesa ao professor e médico Manoel de Abreu contra o senador ter afirmado o desconhecimento dele em Moscou, Lobato mencionava o fato de ter viajado à URSS¹⁴⁰. Essa breve viagem teve grande significado para ele, de maneira que se remetia a ela com frequência em suas publicações na imprensa em forma de cartas, notas, artigos ou ainda na “justificativa” de seu livreto *Cigarro: invalidez ou morte?* (LOBATO, 1992). No primeiro parágrafo dessa apresentação do texto, disse o seguinte:

No Brasil, poucos médicos escreveram para o povo, e me entusiasmei quando estive na União Soviética, vendo seu Instituto de Educação Sanitária, com

139 Essa citação é do texto original de François Dosse (2020) e refere-se a: Gaillard, Françoise. Roland Barthes: le biographique sans la biographie. *Revue des sciences humaines*, n. 224, p. 85-103, oct./déc. 1991. A expressão em latim *memento mori* dizia respeito à lembrança da morte, algo como “lembre-se de que você vai morrer”.

140 Lobato, Milton. As explorações em torno da abreugrafia. *Novos Rumos* 26/10/1962 a 2/11/1962, p. 6. Referência citada na p. 124 desta tese.56

farta produção de livros populares, redigidos por médicos, visando esclarecer determinados problemas sanitários (LOBATO, 1992: 9).

Interessante perceber como a viagem à URSS seria uma marca que cancelava Lobato em seus argumentos e como ele mobilizava essa memória, falando de si, para defender aspectos objetivos em suas atividades de divulgação.

Livros de viagens ao mundo socialista estão inseridos num sistema mais amplo da imprensa e da cultura política comunistas. Tanto a narrativa de Lobato quanto a de Machado são laudatórias à medicina soviética, com poucas críticas ao regime.

Esse grande mito político do século XX sustentava a ideia da construção de um mundo novo, e na visão de Jorge Ferreira (2002: 199), “por mais parcial que fosse a narrativa de uma utopia soviética, ela exprimia uma percepção racionalizada do presente e do futuro da coletividade”. Desconsiderar um relato de viagem por julgá-lo como produto de manipulação soviética é ignorar a história dos intelectuais que viajaram à URSS, assinalou Michael David-Fox (2003), que estudou o fluxo de viajantes ali entre os anos 1920-1940, um dos raros momentos históricos de interação entre Ocidente e Oriente no século XX (DAVID-FOX, 2003: 166).

Recuperar a trajetória desses indivíduos é perceber que “a associação entre ciência, medicina e militância comunista” (HOCHMAN, 2014) era entendida como um problema passível de medidas repressoras. Não à toa, esses militantes de esquerda na saúde, em algum momento de suas vidas, foram submetidos a prisões ou sofreram expurgos de seus cargos profissionais, em especial depois do golpe civil-militar de 1964.

2.6. Os livros de viagem escritos por médicos brasileiros e seus índices



Figura 8: *Rússia*. Por Maurício de Medeiros (Calvino Filho, 1931).

Rússia por Maurício de Medeiros
Data de publicação: 1931; Editora: Calvino Filho
Tiragem: Total de 24 mil exemplares, em 6 edições
Nº páginas: 315
Gráfica: “composto e impresso na oficina gráfica do ‘mundo médico’ Borsoi e Companhia – rua do senado, 77. Rio de Janeiro”.
Sumário da obra: O Porque deste livro?/ Para entrar na Rússia/ Uma ante-visão da Rússia Soviética/ Pelo Ar, a caminho da Rússia/ A chegada à Rússia/ Só, pelas ruas de Leningrado/ O problema da maternidade/ Finanças Públicas e Privadas/ O problema da Maternidade/ Os menores abandonados/ Mulher, pudor, a questão sexual/ Casamentos e divórcios/ O problema Operário/ As artes revolucionárias (música, teatro, arquitetura e cinema)/ Museus/ Prostituição e Alcoolismo/ Comercio exterior/ Os estrangeiros na Rússia/ Moscou/ O culto a Lenine/ O problema religioso/ Instrução Pública/ Os serviços sanitários/ Os camponeses e o regime/ A feira de Nishni Novgorod/ Charkow/ Organização política administrativa/ Para sair da Rússia/ Conclusões.

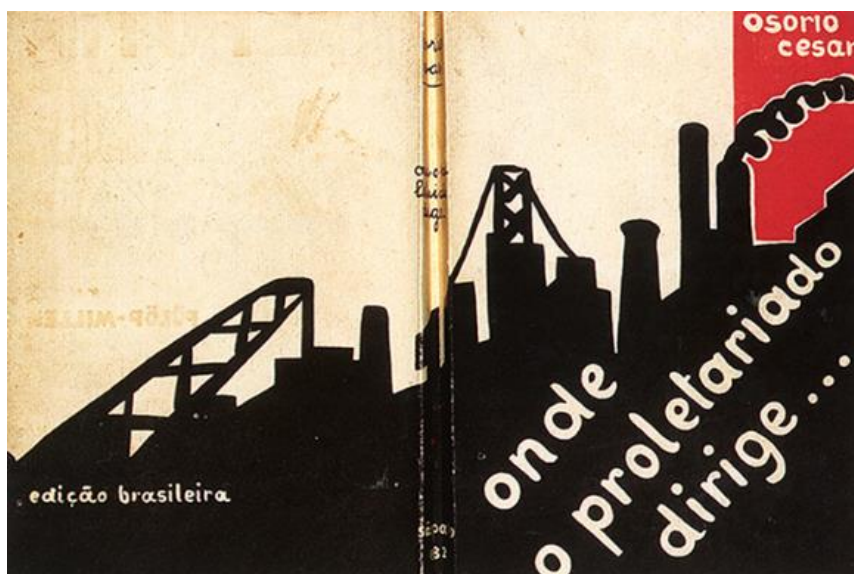


Figura 9: *Onde o proletariado dirige...* (visão panorâmica da URSS) (São Paulo: s/ed., 1932). Por Osorio Cesar.

Tiragem: não consta/ informação não localizada

Sumário da obra: Prefácio

Capítulo I – A Terra: Superfície; Clima; População; Agricultura; Florestas; Pecuária; Riquezas do subsolo; Meios de Comunicação

Capítulo II – A Organização Econômica: Piatileka; Seus resultados até 1931; Seus grandes projetos em construção

Capítulo III – A Organização Social: Instrução Pública, Escolas, Academias, Casa do Camponês, Parque de Cultura, Clubes

Capítulo IV – A Organização Social (continuação): Saúde Pública; Institutos Médicos; Sanatórios de Noite; Casas de Repouso; Creches; Hospitais.

Capítulo V – A Organização Social (continuação): Clínicas de Aborto; Dispensários de Moléstias Venéreas; Profilatorium; Narcodispensários; Colônias de Correção

Capítulo VI – Arte e Literatura: Pintura; Escultura; Cartazes Ilustrados; Música; Literatura; Teatro

Capítulo VII – Leningrado, Moscou, seus Monumentos e Museus: Hermitage; Museu da Revolução; Museu Russo; Dietskoie Selo; Palácio de Catarina II; Kremlin; Mausoléu de Lenin; Catedral de São Basílio, o Bem-Aventurado; Museu Histórico Russo; Monastério Novodievitchi; Galeria Tretiakóv; Museus das Belas-Artes; Museu de Pintura Ocidental Moderna

Apêndice: Constituição da URSS; Constituição da RSFSR.

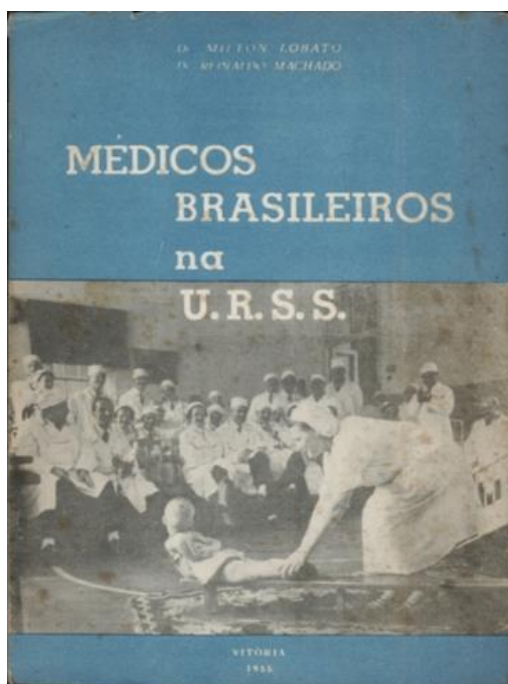


Figura 10: *Médicos Brasileiros na URSS: impressões de viagem e aspectos de medicina soviética.* Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1955. Por Milton Lobato e Reinaldo Machado.

Tiragem: não consta/ informação não localizada

Sumário da obra:

(Milton Lobato): Introdução; Médicos brasileiros da União Soviética; A viagem; Em Moscou; A nova universidade em Moscou; A medicina Soviética; Visita ao Ministério de Saúde Pública; Estruturas do Ministério de Saúde Pública; Perguntas; Visita à policlínica 71 de Moscou; Fora de Medicina; Visita ao 1º Instituto de Ensino Médico; Perguntas; Na Academia de Ciências Médicas; Notícias nos jornais; Médicos brasileiros e Argentinos em Moscou; Voo a Stalingrado; Na Fábrica de tratores Stalingrado; Na maternidade de Stalingrado; Excursão ao Canal Volga Don; Último dia em Stalingrado; Noticiário do Trabalhador Médico do dia 16 de junho; No Instituto Burdenko de Neurocirurgia; No Pronto Socorro de Moscou; No Instituto de Tuberculose; No Instituto de Cirurgia Experimental de Moscou; No Kremlin; No metropolitano de Moscou; No Sovkoz do Distrito Kalinin; Breves palavras sobre Pavlov; Outras contribuições científicas soviéticas.

(Reinaldo Machado – Notas de Viagem): Em Leningrado; Visita ao Instituto de Pediatria; Um pavilhão para crianças sadias; Combinado de ginecologia e partos; Instituto de Proteção ao Trabalho dos Sindicatos Soviéticos; Excursão pela cidade; Visita ao Hermitage (Palácio de Inverno); Instituto de Transfusão de Sangue de Leningrado; Instituto Pavlov; Visita à Carélia.

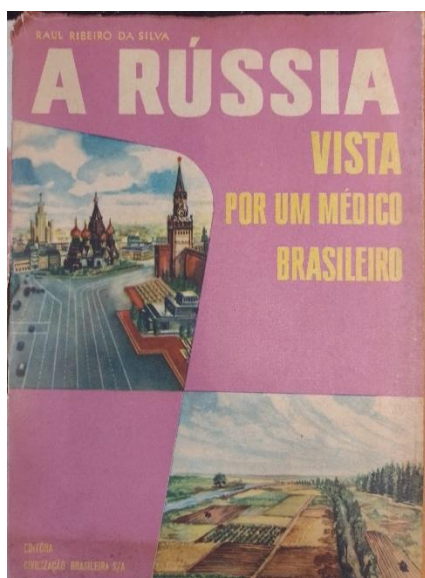


Figura 11: *A Rússia vista por um médico brasileiro*. Por Raul Ribeiro da Silva. Editora Civilização Brasileira, s/d.

Tiragem: não consta/ informação não localizada

Sumário da obra: Explicação Preliminar;

Capítulo I: A Viagem Rio-Viena

Capítulo II: O Congresso Médico Mundial de Viena

Capítulo III: Na Áustria – O convite da Rússia; A capital austríaca; Salzburg; Berchtesgarden

Capítulo IV: A Caminho da União Soviética – 1.700 quilômetros de trem; As primeiras horas em Moscou

Capítulo V: Aspectos da Medicina Soviética – Recepção no Ministério da Saúde; Notas sobre o Ensino Médico; O Instituto de Medicina; Estipêndios médicos; A Acedemia de Ciências Médicas; O Instituto de Divulgação Sanitária; Instituto de Neurocirurgia; Assistência Hospitalar; Um tipo de Hospital Rural; Creche e jardim de Infância; Um tipo de policlínica; Conclusões.

Capítulo VI: Moscou – Perfil da Cidade; Obras de Urbanização; População, Movimento e Aspectos Urbanos; O Metropolitano; A Universidade

Capítulo VII: O Kremlin – A Cidadela; O Museu das Armas

Capítulo VIII: Visita a Stalingrado – A Viagem Aérea; Stalingrado; O Canal Volga Don; Uma Fábrica de Tratores

Capítulo IX: O Balé – O Grande Teatro; O Espetáculo; O Teatro Tchaikovsky

Capítulo X: O País – Aspectos Físicos; Por extensão, o Solo Europeu

Capítulo XI: O Povo Russo. Usos e Costumes – O Povo; Usos e Costumes; Diversões. Difusão Cultural

Capítulo XII: Notícias e Fatos Diversos – O Dinheiro Russo; Trabalho e Economia; Religião; A Língua; Alimentação

Capítulo XIII: O Regresso – Minhas últimas horas em Moscou; De volta a Viena

Capítulo XIV: Impressões Avulsas – Suíça, França e Inglaterra



Canal Volga-Don — Médicos visitantes — A Vice-Prefeito de Stalingrado (assinalado, o autor)

Figura 12: Passeio dos médicos no Canal Volga-Don. Fotografia reproduzida de livro de viagem de Raul Ribeiro da Silva.



Figura 13: Parte de recorte de jornal anexado ao prontuário de Raul Ribeiro da Silva. O *Imprensa Popular*, 5/8/1953, reproduziu publicação do paulistano *A Gazeta*, que se baseava em conferência proferida pelo médico no Hospital das Clínicas.

Capítulo 3 - “Fermento para que os ‘poucos’ se transformassem em ‘alguns’”: a medicina soviética na revista *Atualidades Médicas e Biológicas* em tempo de Guerra Fria (1951-1960)

Neste capítulo, analisaremos um dos principais veículos originados dos esforços voltados para a divulgação da medicina soviética no Brasil: a revista *Atualidades Médicas e Biológicas* (AMB). Dirigida pelo médico Alcedo de Moraes Coutinho (1906-1992),¹⁴¹ ela foi editada entre 1951 e 1960.¹⁴² Além de Coutinho como diretor da publicação, no expediente da revista constavam os médicos Washington Loyello (1922-2007), David Hunovitch (1928-2002) e Carlos Castellar (1929-2006). Em junho de 1957, a partir da edição n. 15, estes dois últimos foram substituídos por Irun Sant’Anna (1916-2013) e Milton Lobato (1914-2004). Esses médicos se ocuparam das atividades de edição da revista AMB visando à realização de um projeto intelectual, técnico e político destinado a seus pares. Diferente de muitas das revistas médicas do período, a *Atualidades Médicas e Biológicas* não era acadêmica, nem voltada para uma especialidade. Sequer era representada por uma sociedade de classe específica da medicina. Seus editores atuavam em diferentes especialidades médicas: um era cirurgião e clínico, outro fisiologista, outros psiquiatras, sanitaristas e clínicos. Podemos dizer que, além do diploma, tinham outro ponto em comum: se vinculavam ao Partido Comunista Brasileiro. A AMB, portanto, expressou uma forma material da sociabilidade e da ação de médicos comunistas no Brasil. Ela era um veículo de propaganda comunista, todavia se apresentando como uma revista médica e científica, portanto, para além das ideologias.

Com a revista, esses médicos apresentaram um produto cultural não apenas com a proposta de informar, mas de formar no interior da classe médica brasileira um público interessado em conhecer os temas da medicina e das ciências da vida soviéticas (e de países socialistas em geral) no período da década de 1950 no Brasil.¹⁴³ Para os editores dessa publicação, o projeto de difundir teorias, práticas e técnicas desenvolvidas por cientistas soviéticos seria bem-sucedido se, mais do que divulgar, a revista levasse à formação de um público entre seus pares que reconhecesse a relação entre “doenças e as condições de vida, entre

141 Cabe mencionar que até a edição n. 12, janeiro-fevereiro 1956, apenas o nome de Alcedo Coutinho constava no expediente da redação da revista *Atualidades Médicas e Biológicas*.

142 Foram lançadas vinte edições, sendo que as revistas de n. 18 e n. 19 não foram localizadas.

143 Apresentação. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 1, ano I, setembro-outubro 1951, p. 3.

os recursos médicos e a situação econômica, entre as organizações médico-sanitárias e a estrutura social”.¹⁴⁴

Neste capítulo, apresentaremos questões relacionadas às condições de produção da revista, entendida como um produto entre o mundo dos impressos comunistas e da narrativa que delineia seu perfil por meio de suas cartas editoriais. Também demonstraremos que a publicação é um artefato da Guerra Fria no Brasil e, como tal, organizou a memória e constituiu a identidade de um médico e militante comunista, como veremos no livro autobiográfico de Irun Sant’Anna (2011).

O objetivo é trabalhar com o periódico de modo integral e não apenas com artigos isolados. Embora a preocupação deste texto seja analisar a revista *Atualidades Médicas e Biológicas*, eventualmente mobilizaremos algumas notícias, reportagens ou entrevistas publicadas em jornais. O tratamento do conteúdo da revista segue o entendimento de que a publicação era parte do sistema de imprensa comunista. O jornal *Imprensa Popular*, que era diário e visava a um público leitor mais amplo, anunciava as novas edições da *AMB* (Figura 14).

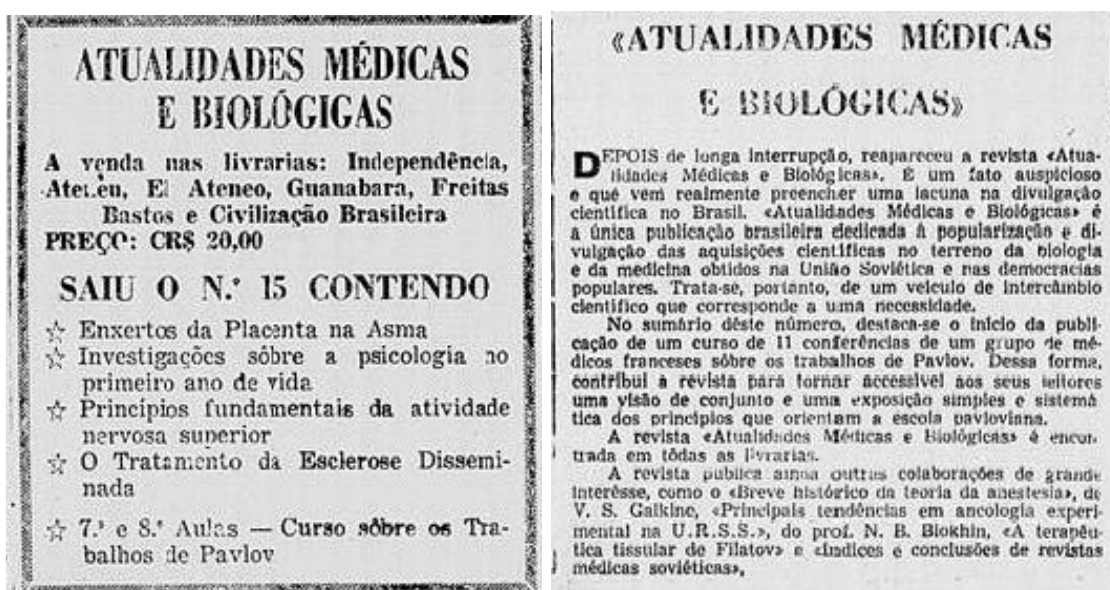


Figura 14: A *AMB* anunciada no *Imprensa Popular*: da esquerda para a direita, temos o anúncio de *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 15, publicado no jornal *Imprensa Popular*, 6/8/1957, p. 4 e o anúncio da *AMB*, n. 12, no *Imprensa Popular* de 25/2/1956, p. 2.

Nas páginas de expediente das revistas (em todas as edições), nos deparamos com o seguinte aviso: “É livre a transcrição dos artigos, indicada a procedência” (Figura 15). Ou seja,

144 “Apresentação”. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 1, ano I, setembro-outubro 1951, p. 4.

era desejável que seu conteúdo circulasse em outros meios de comunicação e fosse amplificado a outros públicos, especializados ou não.

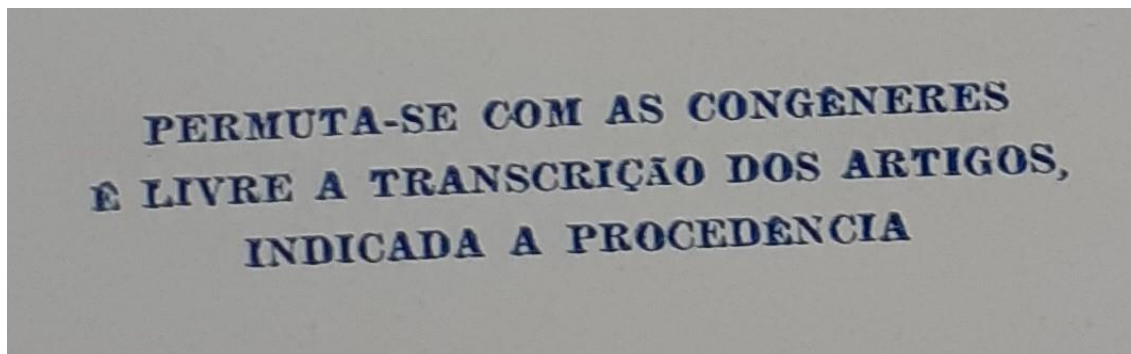


Figura 15: Detalhe da contracapa da *AMB*, n. 17. A nota permitindo transcrições de seus artigos era reiterada em todas as edições.

3.1. A revista *AMB* como porta-voz da medicina soviética no Brasil

As revistas eram espaços propícios para “o estabelecimento de agendas de discussão e ação no campo cultural e intelectual e na esfera sociopolítica” (CRESPO, 2020: 187). Nas sociedades latino-americanas do século XX, elas funcionaram como instrumento para as redes intelectuais se expressarem e intervirem na realidade política e cultural (CRESPO, 2020: 187). Inspirando-se em Beatriz Sarlo (1992), sobre a percepção da matéria-prima das revistas ser o tempo presente, Crespo afirma que elas apresentam peculiaridades em relação a outros impressos. Por exemplo, as revistas apresentam uma característica intermediária entre o imediatismo dos jornais e a perenidade dos livros (CRESPO, 2020: 187). Há uma sutil diferença entre a produção de uma revista e a de um jornal. Ambos lidam com questões do tempo presente, porém suas estratégias de ação são distintas. Artigos de uma revista exigem maior refinamento e mais tempo de desenvolvimento do que as notícias de um periódico diário: “sua incidência político-cultural é pensada por outras perspectivas e seu ritmo é mais pausado” (CRESPO, 2020: 187). A decisão de publicar uma revista corresponde à decisão de realizar política cultural (SARLO, 1992: 9), e as revistas latino-americanas marcaram posição como elementos de intervenção na conjuntura de seus países. Em alguns casos até transpuseram suas fronteiras nacionais para se tornarem influência transnacional (CRESPO, 2010: 14).

A imprensa comunista, segundo Jorge Ferreira (2013: 205), tradicionalmente tratava seus jornais como porta-vozes das orientações políticas das suas organizações. Os jornais publicados pelo PCB desde sua fundação, em 1922, acompanharam as mudanças de suas teses

e foram perseguidos com a decretação da ilegalidade do Partido em 1947, mas se mantiveram em atividade mesmo com alterações na linha editorial. O caráter geral do conteúdo de um jornal comunista explicitado por Ferreira também pode ser estendido para o caso da revista *AMB*.

Por meio de um veículo de comunicação, a linha política adotada, veiculava mensagens enaltecidas de si mesmo, desqualificava os inimigos, mobilizava a militância, publicava notícias sobre o movimento revolucionário, esforçava-se para arrematar novos filiados e adeptos, entre outras atividades (FERREIRA, 2013: 206).

Nesse sentido, a revista *Atualidades Médicas e Biológicas* pode ser historicamente encarada em duplo viés, como fonte e como objeto. A *AMB*, por exemplo, atuou na divulgação das teorias de I. P. Pavlov no Brasil. A revista é uma expressão material do “pavlovismo” no Brasil (objeto) e uma ferramenta importante para conhecer a mediação cultural entre medicina e União Soviética (fonte).

A medicina soviética teve Ivan Petrovich Pavlov (1849-1936) como seu patrono. Ele foi um importante fisiologista com reconhecimento internacional devido à projeção de sua teoria dos reflexos condicionados no meio científico europeu. Obteve boa recepção na Europa por suas experiências que evidenciaram relações entre o sistema nervoso e o sistema digestivo,¹⁴⁵ sendo premiado na França, na Inglaterra e na Espanha no início do século XX. Foi o primeiro russo e o primeiro fisiologista laureado com o Prêmio Nobel de Medicina, em 1904 (TODES, 2002). Formou-se na tradição de materialistas russos, representados entre outros por Ivan Sechenov (1829-1905) e Vladimir Bekhterev (1857-1927), que remonta à época do império czarista. Nessa perspectiva, a atividade psíquica seria um fenômeno fundamentado por métodos objetivos da ciência natural (GRAHAM, 1987: 158) em contraposição a teses idealistas. Seu trabalho teve impactos nos estudos de fisiologia e de psicologia, alterando a maneira de se entenderem o comportamento e o processo de aprendizagem humanos. Em seus experimentos utilizou animais, na maior parte cães, mas também macacos e gorilas. Tendo trabalhado até seus últimos dias de vida, a produção de Pavlov é ampla. No final da sua carreira, esteve interessado nas atividades do córtex cerebral em consonância com outros órgãos do corpo animal e humano, sendo vistos de maneira integral. Tal campo de estudos recebeu a denominação de Teoria da Atividade Nervosa Superior (ANS), que pode ser entendida como

145 Em 1908, o Prêmio Nobel de Medicina foi entregue a Ilya Mechnikov (1845-1916), microbiologista nascido em Karkov (atual Ucrânia), pertencente ao Império russo, indicando como a ciência russa alcançava níveis de expansão e reconhecimento internacional naquele momento (KREMENTSOV, 1997: 14).

um desmembramento da teoria dos reflexos condicionados e incondicionados em suas relações com o meio ambiente (GRAHAM, 1987).

Quanto a sua periodicidade, a revista foi publicada de modo irregular até sua edição n. 20 (atribuída como última),¹⁴⁶ lançada em dezembro de 1960. No editorial da revista n. 16, de novembro de 1957, se comemorou o sétimo ano da publicação, lançando um “Apelo aos leitores” por assinaturas.¹⁴⁷ Esse tipo de pedido aos leitores era uma prática recorrente em produtos da imprensa comunista, que lidavam com constantes perdas materiais em razão das apreensões policiais e dos poucos recursos. Tanto Alcedo Coutinho quanto Irun Sant’Anna participaram de campanhas para angariar assinaturas do jornal *Imprensa Popular*.¹⁴⁸ Mesmo reconhecendo uma série de limitações de ordem financeira e técnica, os editores da *AMB* saudaram a ampliação dos leitores, inclusive alcançando estrangeiros de países vizinhos que não foram especificados.¹⁴⁹ O apoio de anunciantes da indústria farmacêutica, que desde a edição n. 12 (jan.-fev. 1956) passaram a publicar propagandas de medicamentos na revista, foi mencionado pelos editores, fazendo com que expressassem otimismo quanto à regularização dos lançamentos. O terceiro e último ponto que destacaram nesse balanço de sete anos da *AMB* foi a “disposição de amplo e variado material científico, que representa o conteúdo da revista”.¹⁵⁰ Era valorizado, desse modo, o fato de que o material disponibilizado tinha cunho científico, por isso não era ideológico ou propagandístico do regime soviético. Encontramos esse tipo de mensagem também nos relatos de viagem, porém nas narrativas de viagem ela é muito mais incisiva em razão de seu formato admitir narrativas eminentemente subjetivas. Um artigo científico divulgado aos pares possui o valor da objetividade como premissa, daí não

146 Tal atribuição se baseia em informações recolhidas em fontes biográficas relacionadas com Irun Sant’Anna, fruto de uma entrevista divulgada na internet e um livro autobiográfico publicado em 2011 pela Fundação Dinarco Reis (ligada ao atual PC do B). A entrevista foi realizada por representantes dessa fundação com o médico e militante comunista Irun Sant’Anna na ocasião do lançamento de seu livro de memórias *O garoto que sonhou mudar a humanidade*, em abril de 2012. Na referida entrevista, Irun disse que ele e seus colegas conseguiram editar vinte números dessa revista. Disponível em: <https://fdinarcobreis.org.br/fdr/2012/04/27/entrevista-irun-santanna/#more-25> Acesso em setembro de 2020.

147 Cada revista avulsa custava Cr\$ 20,00, a assinatura anual, Cr\$ 120,00 e o pacote com dez exemplares custava Cr\$ 200,00, segundo informações dispostas na contracapa da edição n. 12. Não havia desconto para compra por assinatura, portanto.

148 Irun Sant’Anna assinou como presidente da Comissão de Finanças Pró-*Imprensa Popular* – Magé em convite para o Grande Comício de Luís Carlos Prestes em Magé datado de 18/8/1948. O convite é material fruto de apreensão policial. APERJ. Fundo Polícia Política. Irun Sant’Anna: Prontuário n. 13.573. Também há evidências da participação de Alcedo Coutinho em movimentos para conquistar assinantes para o jornal. Ele assinou, entre outros, um apelo em apoio aos jornais populares lançado com a campanha “Mês da *Imprensa Popular*”: “Aos que aspiram a paz e a independência popular”. *Imprensa Popular*, 27/2/1955, p. 1. Não obstante, Alcedo Coutinho foi o único médico cujo anúncio de suas consultas em clínica médica no Centro do Rio de Janeiro esteve presente na seção de classificados da *Imprensa Popular* durante toda a década de 1950.

149 *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 16, ano VII (2), novembro de 1957, p. 3.

150 *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 16, ano VII (2), novembro de 1957, p. 3.

prescindir de explicações ao leitor. Entretanto, uma revista cujo foco eram as ciências da vida e a medicina soviética, num contexto de Guerra Fria, talvez necessitasse reiterar o enunciado da neutralidade científica, ainda que dessa forma sutil.

Com os anunciantes, percebemos uma melhoria na qualidade do papel no qual se imprimia a revista. O leitor, assim como pesquisadores ao consultarem esse material depois de guardado e arquivado décadas mais tarde,¹⁵¹ passaria(m) a folhear páginas em papel *couché*, mais brilhoso, ou papel mais esbranquiçado e resistente do que o papel-jornal das primeiras edições. Curiosamente, em um desses anúncios encontramos a assinatura de José Calvino Filho (1930-1959). Com isso, inferimos que o fim da Editorial Calvino (1943-1948) levou o médico, cronista e editor a se ocupar profissionalmente em outra atividade. Ele atuou como distribuidor do medicamento Dilaminal, uma droga anticonvulsivante com base de fenobarbital e outras substâncias, indicado ao tratamento da epilepsia e que fazia parte do grupo das mais recentes medicações sintéticas. Era produzido pelo laboratório Farmatécnica, sediado em São Paulo. O endereço de “J. Calvino F^o”, conforme assinatura na parte inferior do anúncio, era o mesmo da editora Calvino Filho (ver capítulo 2), que também consta em relatório da polícia política dos anos 1940 em resposta a uma denúncia contra o editor: avenida Vinte e Oito de Setembro, no bairro carioca de Vila Isabel (Figura 15).

Outras peças publicitárias de medicamentos e suplementos vitamínicos foram anunciadas nas páginas da *AMB*, pertencentes a laboratórios do Rio de Janeiro e de São Paulo, medicamentos naturais, mas sobretudo sintéticos.

151 Instituições de memória responsáveis por acondicionar e disponibilizar seus acervos são fundamentais para a História. No caso de pesquisas que tratam da história da prática comunista, tal importância é potencializada em razão da perseguição anticomunista e dos estados de democracia cambaleantes na história de nosso país.

NOVIDADE TERAPÊUTICA

“DILAMINAL”

Nestes últimos tempos, grande número de substâncias anticonvulsivantes, foram sintetizadas e incorporadas à terapêutica; entretanto nenhuma das drogas recentes conseguiu ofuscar o emprêgo do fenobarbital e da hidantoína no controle ou redução dos sintomas convulsivantes que caracterizam a epilepsia. Agora surgiram novas possibilidades para estas duas drogas, pois o seu uso simultâneo em uma só medicação, resultou em notáveis benefícios para o controle de vários tipos de epilepsia, com melhor margem de segurança para os doentes, uma vez que a associação fenobarbital-hidantoína é eficiente no controle das convulsões em dosificações sensivelmente menores que as necessárias para cada uma das drogas isoladas. Em publicação recente L. M. Pence, relata o uso desta associação no controle de ataques por epilepsia idiopática, epilepsia por traumatismo durante o parto, epilepsia post-traumática e casos ligados a moléstias cerebrais vasculares, e clinicamente caracterizadas como tipos grande mal, pequeno mal, psicomotor e focal. O uso simultâneo das duas drogas foi tão ou mais eficiente que a maioria dos anticonvulsivantes, muito embora os dois componentes figurem em doses relativamente pequenas. A associação fenobarbital-hidantoína quase não provoca sonolência, nem erupções cutâneas de aspecto mobiliforme ou de caráter pruriginoso: não provoca também, hipertrofia das gengivas ou edema, bem ao contrário das medicações isoladas. Ainda, com a medicação associada não se notou inibição da medula óssea por ação tóxica. Reconsiderando, a associação fenobarbital-hidantoína se revelou como uma associação ideal para controle dos ataques convulsivantes, pela sua melhor tolerância, pela menor dosificação e maior margem de segurança para o tratamento do eplético.

DILAMINAL condiciona estas duas drogas associadas no bromidrato de hioscina e extratos de Adonis Vernalis e Mulungú nas seguintes ponderais:

FÓRMULA

Cada drágea de 0,50 g contém:

Fenobarbital	0,035 g
Difenilhidantoína sódica	0,100 g
Bromidrato de hioscina	0,0001 g
Extrato mole de adonis vernalis	0,035 g
Extrato mole de mulungú	0,035 g
Excipiente q. s. p.	0,500 g

INDICAÇÕES

Como anticonvulsivante no tratamento auxiliar da epilepsia.

POSOLOGIA E MODO DE USAR:

Por via bucal 3 a 6 drágeas ao dia, segundo prescrição médica e necessidade de cada caso, estabelecida por tentativas.

APRESENTAÇÃO:

Tubos com 30, 100 e 1.000 drágeas

FARMOTÉCNICA LTDA.

Rua 13 de Maio, 596 — São Paulo-Brasil

Farmacêutico Resp.: ARLINDO JUSTINO JUNIOR

Direção Científica: DR. NELSON ALBANO

VENDA E USO SOB PRESCRIÇÃO MÉDICA

Distribuidor exclusivo para o Brasil

J. CALVINO F. O.

Av. 28 de Setembro, 174 — C. P. 2477 — Rio de Janeiro D. F.

INDÚSTRIA BRASILEIRA

ATUALIDADES MÉDICAS E BIOLÓGICAS

Figura 16: Anúncio do medicamento *Dilaminal* onde observamos o nome de João Calvino Filho e seu contato de caixa postal e endereço (na parte inferior, penúltima linha de baixo para cima). *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 12, janeiro-fevereiro 1956, p. 84.

3.2. A revista *AMB* na militância política de Irun Sant’Anna

Quanto à importância dos anunciantes para a sobrevivência da revista *AMB*, seria oportuno citarmos uma passagem do livro de memórias de Irun Sant’Anna lançado quando completava seus 94 anos de idade, em 2011: *O garoto que sonhou mudar a humanidade*.¹⁵² Ele dedicou sua autobiografia a amigos, parentes e colegas médicos. Seu texto é um caleidoscópio de lembranças nas distintas dimensões de sua vida pública e privada: escolar, universitária e profissional, política e militante, seus casamentos, relações com familiares e amigos e algumas frustrações. Entre elas, ter pedido demissão do cargo – “dos mais bem remunerados para médicos” (SANT’ANNA, 2011: 72) – de diretor do laboratório de entomologia instalado em Aracati, sertão do Ceará, no programa da Fundação Rockefeller, no que considerava um ótimo salário,¹⁵³ posto que havia alcançado apenas sete meses de sua formatura na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1938, após especialização no curso de malariologia (SANT’ANNA, 2011: 72). A Fundação Rockefeller financiou e coordenou uma campanha contra o *Anopheles gambiae* no Nordeste em parceria com o governo brasileiro entre as décadas de 1930 e 1940. O Ceará foi o estado mais atingido pela epidemia de malária, no que se considerou o maior surto da doença no século XX em toda a América Latina (MAGALHÃES, 2016: 105; LOPES, 2020). Sua esposa se recusou a permanecer ali “numa vida monótona e vazia”, enquanto ele se sentia bem diferente. Sentia-se motivado, realizado, e disse: “vibrava por estar empenhado numa luta pela saúde do povo pobre da minha terra” (SANT’ANNA, 2011: 111). Ela voltou ao Rio de Janeiro. Mesmo morando na casa da irmã de Irun, sua esposa grávida não respondia a suas correspondências, nem telefonemas. Diante disso, não hesitou em voltar também, abandonando o posto de trabalho e a campanha sanitária no Nordeste. Declarou que se demitiu, em 1939, por paixão “numa época em que me paporicavam pelas atitudes de dedicação ao serviço”, escreveu (SANT’ANNA, 2011: 111). Lembrou-se de Marcolino Candau (1911-1983), que naquela época trabalhava no mesmo serviço, no mesmo nível hierárquico que ele. Anos mais tarde, Candau, “por seu valor, tornou-se diretor-médico da Organização Mundial da Saúde, por 20 anos” (SANT’ANNA, 2011: 112).

Pela mesma razão, “por paixão”, disse ter recusado o convite de realizar um doutorado em saúde pública pela Universidade Johns Hopkins em 1944. Interessante observar que suas

152 Irun Sant’Anna publicou dois livros: *O garoto que sonhou mudar a humanidade*, lançado pela editora Fundação Dinarco Reis, em 2011, e *Brasil: país sem futuro?*, editora Imprimatur, 1997.

153 Segundo Irun Sant’Anna (2011: 68), o contrato com a FR correspondia a 1.800 salários mínimos.

memórias de homem nonagenário, ao fazer um balanço da carreira como sanitaria, se referenciaram no maior brasileiro da área que desempenhou um papel de liderança global nas décadas de 1950 e 1960.¹⁵⁴ Seus talentos como profissional da saúde pública haviam sido reconhecidos por uma agência internacional, mesmo com sua carreira em fase inicial. No entanto, não pôde se dedicar à função em regiões distantes da sua família: “olhando para trás chego à conclusão que não deveria ter me casado. Mulher nenhuma teria aguentado um homem alucinado por política, pela atividade científica” (SANT’ANNA, 2011: 112). Dito de forma similar, ele se identificou como um perfil incompatível ao casamento: “militante político em atividade profissional duríssima, a saúde pública, praticada em sua fase epidemiológica. Turfista inveterado” (SANT’ANNA, 2011: 12).

O cenário da década de 1950 seria bem diferente para um médico comunista brasileiro que se vinculasse a uma agência norte-americana.¹⁵⁵ Nesses tempos, desde que retornou do Ceará, Irun Sant’Anna trabalhava em Magé e atendia em seu consultório de clínica geral em Niterói. Nos anos 1940, com o dinheiro que conseguiu economizar no Ceará, havia adquirido um laboratório em Nova Iguaçu, e quando surgiu oportunidade, se candidatou a uma vaga no Serviço Federal de Combate à Malária da Baixada Fluminense. Bem-sucedido no concurso, fez questão de lotar em um local de que pudesse retornar para casa todos os dias. Optou por Magé.¹⁵⁶ Ele contou que vibrou ao pesquisar sobre a região e descobrir que era um município rural e que a economia girava em torno de cinco ou seis fábricas de tecidos: “Seria participar diariamente do conflito capital x trabalho, patrão x operário. Aceitei. Foi um chuí. Levei para lá algumas atividades da luta por ‘O Petróleo é nosso’” (SANT’ANNA, 2011: 70).

Sua autobiografia foi escrita com base em anotações acumuladas ao longo de 15 anos, organizadas de maneira não linear, mas ainda assim em diversas passagens ele recorreu a faixas cronológicas, como um apoio às lembranças de seu passado. Referindo-se à fase da “Vida adulta”, repartiu alguns anos a partir dos anos finais na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (formou-se na turma de 1938), mesclando fatos de sua vida pessoal e marcos da vida do país ou de suas atividades políticas.

Cabe destacarmos o excerto da narrativa em que Sant’Anna sublinhou o período da fundação da revista *AMB*. Em 1947-1948, quando o PCB foi colocado na ilegalidade, ele contou

154 Marcolino Gomes Candau (1911-1983) foi o primeiro brasileiro a dirigir a OMS, por vinte anos, entre 1953 e 1973 (CUETO; PALMER, 2016).

155 Em sua autobiografia, Sant’Anna se declarou comunista desde o Levante de 1935.

156 Magé é um município metropolitano do Rio de Janeiro. Uma viagem do centro do Rio de Janeiro até o centro de Magé dura cerca de uma hora de carro. Fica mais próximo do município de Petrópolis.

que teve seu mandato de vereador de Magé cassado e foi arrastado da Câmara Municipal contra sua vontade por policiais. Desde então, não abandonou a luta política travada entre Magé, Niterói e interior do estado (SANT'ANNA, 2011: 72). Reparemos nos marcos descritivos utilizados pelo autor no trecho a seguir: “Guerra Fria”, “médicos comunistas”.

1954-1963: Guerra Fria no auge. Dezenas de médicos comunistas, se cotizando, fundam a Revista “Atualidades Médicas e Biológicas” para divulgar o que se fazia em Medicina nos países socialistas.

Alcedo Coutinho, Washington Loyello, dezenas de outros, com o apoio dos dentistas e médicos da família Lemme, em especial Paschoal e Virgílio, tocam para frente a Revista. Momento crucial. Manter a Revista com o nosso bolso, quase impossível. Faço uma aposta. Ponham meu nome como Diretor Gerente e conseguirei anúncios. Ganhei a aposta. Quando, por motivo ignorado, publicou-se seu último e 20º número, estava sendo sustentada por 36 anunciantes (SANT'ANNA, 2011: 72-73).

A breve passagem fornece alguns dados importantes – menos pela precisão das datas, já que a revista circulou entre 1951 e 1960 e Irun Sant'Anna passou a compor oficialmente seu corpo editorial a partir da edição de n. 15 (junho de 1957). De pronto, Irun Sant'Anna vinculou a revista ao contexto de Guerra Fria, um recurso que fortalece a sua imagem de “eu-personagem” (LEJEUNE, 2014) quanto à missão empreendida em participar de uma revista que falava da União Soviética nesse período. Outro aspecto importante é a denominação “dezenas de médicos comunistas”, em alusão aos colegas que se organizaram em torno da *AMB*, logo após ter localizado o momento como auge da Guerra Fria. No livro de memórias do médico, encontramos outros nomes que não os constantes na contracapa das edições da revista. Nesse sentido, fica subentendido que havia um coletivo maior de intelectuais comunistas participando das práticas de divulgação para sua realização. Citou a família do educador Paschoal Lemme (1904-1977),¹⁵⁷ cujo pai, Antonio Lemme, era imigrante italiano e cirurgião-dentista, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. A importância dos anunciantes para a realização do periódico se tornou ainda mais evidente quando Irun se gabou diante da aposta de que seu nome estampado na revista seria suficiente para a negociação dos famigerados anúncios que financiariam as edições. Por último, nos trouxe o dado de que seu fim veio após a 20ª edição, embora não tenha explicitado o motivo.

157 Paschoal Lemme foi autor do relato de viagem *A educação na URSS*, publicado pela Editorial Vitória em 1955, que lançou uma segunda edição em 1956. Paschoal Lemme havia participado da Conferência Mundial dos Educadores, em julho de 1953, antes de visitar a Rússia (TORRES, 2019: 106). Assim como outros intelectuais brasileiros que atravessaram a “cortina de ferro”, participou primeiro de um congresso ocorrido em Viena.

Também as lembranças de Irun Sant'Anna revelam a questão de como esses artigos de autores estrangeiros russos teriam sido traduzidos. O grande trunfo da *AMB* era justamente publicar artigos científicos escritos originalmente numa língua de raro acesso no Ocidente e mormente para brasileiros, cuja formação escolar e culta na tradição das elites girava em torno do alemão, do francês e do inglês. Também o espanhol era facilmente encontrado na cultura dos impressos acadêmicos e na cultura de esquerda no Brasil.

Irun Sant'Anna relacionou alguns perfis de amigos, irmãos, colegas e militantes. Entre amizades marcantes, recordou-se de Dinah. Era considerada como irmã, mesmo porque era amiga próxima e colega no magistério de sua irmã Stella, com quem se alfabetizou. Sobre Dinah, disse que ela lhe tinha bastante afeto, lhe ensinou inglês na época do ginásio, era professora de línguas. Quando precisou de um esforço para a tradução dos artigos, recorreu a sua antiga professora e amiga. A amizade deles foi fundamental para a revista acontecer (SANT'ANNA, 2011: 95).

Quando dirigi a revista *Atualidades Médica e Biológicas*, pedi sua ajuda. E fomos estudar russo no Instituto Brasil-URSS. Desde aí passamos a traduzir os artigos que recebíamos, na Guerra Fria, em inglês ou russo. E confesso, sem sua ajuda, os 20 números da Revista não teriam sido editados (SANT'ANNA, 2011: 95).

Essas evidências indicam que a atividade desses mediadores entre o saber médico soviético e sua divulgação para médicos brasileiros tinha uma dimensão coletiva, mesmo na etapa de produção do periódico. Além disso, era impulsionada por fatores afetivos e de solidariedade, não puramente político-ideológicos. É possível que se argumente sobre a participação de Irun Sant'Anna e Dinah no Instituto Brasil-URSS como uma evidência indicativa de práticas de militância política. A associação de intelectuais a institutos culturais, como esse ou como o Instituto Sino-Brasileiro, requer mais investigações empíricas a respeito de suas interseções na cultura política comunista. Esses institutos foram espaços de intercâmbios culturais, com cursos de línguas, palestras, e abrigavam variados perfis de frequentadores. Para a polícia política, era importante arquivar a lista dos membros com dados quanto a contribuições mensais dos sócios; em sua versão, era uma instituição “vermelha”, e seus membros, subversivos.

Irun Sant'Anna afirmou ter dirigido a *AMB* no trecho de sua autobiografia referenciado na citação anterior: “quando dirigi a revista (...)” (SANT'ANNA, 2011: 95). No entanto, no expediente encontrado na contracapa da revista, o cargo de diretor estava indicado a Alcedo Coutinho do início ao fim de sua circulação. São deslocamentos possíveis em se tratando de

uma fonte de memória. Mais do que precisar a veracidade desse tipo de informação, importam as evidências de sua participação ativa nesse projeto intelectual de edição da revista. Na prática, funções e cargos não eram rigidamente delimitados entre seus membros.

A narrativa de Irun Sant'Anna apresenta esses deslocamentos comuns a uma narrativa autobiográfica. A produção da *AMB* era uma das atividades da militância comunista entre os médicos, mas também poderia envolver outras.

A categoria de “médicos comunistas” utilizada por ele, em referência aos participantes da produção da *AMB*, é uma janela que nos convida a olhar para a especificidade desses atores e de suas práticas de militância e divulgação na cultura comunista. Mais adiante, nessa mesma narrativa autobiográfica, Sant'Anna prestou uma homenagem aos “camaradas médicos”. Um casal de médicos comunistas maranhenses, “Maria Aragão e William”, foi lembrado pela colaboração com a divulgação da *AMB* no Maranhão. No entanto, nenhum de seus colegas oficialmente nomeados como editores da revista *AMB* foi mencionado nessa lista dos “médicos comunistas” apresentada por ele em seu livro de memórias, que transcrevemos a seguir. Trata-se de médicos que militavam no PCB.

- Paulo César Pimentel: Professor da Universidade Federal Fluminense – nos anos de luta pela Paz e contra as armas atômicas.
- Samuel Barnsley Pessoa, professor catedrático da Universidade de São Paulo.
- Milton Caires de Britto¹⁵⁸, médico paulista comunista, da bancada constituinte.
- Maria Aragão e William, médicos comunistas maranhenses que muito trabalharam pela divulgação da Revista Atualidades Médicas e Biológicas, que, nos anos de Guerra Fria, divulgou métodos terapêuticos usados no Mundo Socialista.
- Waldemar Bessa, cearense, que por sua intensa atividade política teve que se mudar para o Rio.
- Isnard Teixeira. Também cearense, durante anos se destacou no Rio por sua militância intensa e por seu valor como pesquisador.
- Os Teodósio: Nayde, Bianor, seu marido e sua filha Marta, que tiveram de fugir de sua terra, Recife, para continuar a viver e militar no Rio.

¹⁵⁸ Agradeço a Olival Freire a informação de que Milton Caires de Britto seria baiano, e não paulista como consta na narrativa de Irun Sant'Anna. Caires de Britto nasceu em Paramirim, BA, em 1915 e faleceu em 1985 em Salvador, BA. Viveu e atuou profissionalmente em São Paulo. Formou-se na Faculdade de Medicina da Bahia em 1940 e em 1942 foi para a capital paulista, onde participou da reestruturação do PCB após sua desarticulação com a repressão de novembro de 1935. Foi eleito Constituinte de São Paulo pelo PCB em 1946. Tendo sido eleito para o cargo de deputado estadual de São Paulo, transferiu-se da cadeira na Câmara Federal para a Assembleia de São Paulo em março de 1947, ocupando-a até sua cassação em janeiro de 1948, junto com todos os parlamentares comunistas. Ele também atuou como editor de Jornais, Jornal Hoje (ligado ao PCB, editado em São Paulo) e colaborou com a fundação do *jornal da Bahia* e da *Tribuna da Bahia*. Em 1979 fez oposição ao Regime Civil-Militar se filiando ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB) que reivindicava a instauração de uma Assembleia Constituinte. Ver: verbete do Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro na base do CPDOC. Disponível em: <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/brito-milton-caires-de>

- José Otávio de Freitas, catedrático de psiquiatria na mesma cidade, tão militante que sua casa era a sede do Partido nos curtos anos de semi-legalidade de Juscelino e Jango.
 - Fernando Sant'Anna, deputado federal, não sei se advogado ou médico pela Bahia que, mesmo não sendo comunista, seguia a linha do Partido em todas nossas posições, em especial em questões de saúde.
 - Rivaldo Venâncio da Silva, o popular Sergipe. Que chefiou ao meu lado o combate ao primeiro surto de dengue no Rio, em 1987/88. (...)
- Para terminar, pedimos desculpas às centenas ou milhares de médicos comunistas brasileiros que não foram citados pelo fato de não o conhecermos (SANT'ANNA, 2011: 96).

Irun Sant'Anna explicou a categoria “camaradas médicos” utilizada para nomear esses homens que, “apesar da importância social conferida à profissão naquela época, não hesitaram em militar no Partido, como qualquer camarada operário ou proletário” (SANT'ANNA, 2011: 95).

Nem todos os médicos comunistas com quem Sant'Anna se relacionou estão presentes nessa lista. Uma evidência disso é o nome de Milton Lobato não fazer parte dela. Milton foi seu colega na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (formando da turma de 1937, um ano antes da formatura de Irun Sant'Anna na mesma instituição) e seu companheiro do Partido.

Em 2012, na ocasião do lançamento do livro, a Fundação Dinarco Reis (ligada ao PC do B) realizou uma entrevista com Irun Sant'Anna. A conversa sobre suas memórias como militante abrangeu aspectos não mencionados no livro ou que ao menos lhe seriam complementares. Nessa entrevista, Milton Lobato foi mencionado por Irun Sant'Anna com a denominação de “médico fisiologista¹⁵⁹ e comunista de carteirinha” (SANT'ANNA, 2012), e com sua lembrança veio à tona um fato talvez pouco conhecido: José Sarney (1930-), recém-eleito deputado pela UDN, contribuía mensalmente para o “nosso Partido”; ele era primo de Milton Lobato. Num momento da conversa, disse: “E aí ele contribuía alto, inclusive, pro Partido, através do primo. E o primo fazia questão, dizia: ‘Olha, o Sarney não é flor que se cheire, é meu primo, mas só vou buscar o dinheiro se eu for com você” (SANT'ANNA, 2012). Quando o entrevistador perguntou a Sant'Anna sobre o conhecimento de algum arquivo ainda não aberto sobre a “vida interna do PCB”, o médico lhe respondeu que não, que tais materiais foram queimados. A pergunta lhe remeteu à revista *AMB*, e a conversa entre os dois fluiu da seguinte maneira:

159 Na fonte está “fisiologista”. Tomamos a liberdade de consertar por se tratar de um equívoco da transcrição da audioentrevista. Entrevista a Irun Sant'Anna realizada pela Fundação Dinarco Reis (pertencente ao Partido Comunista do Brasil, PC do B, Partido em atuação que teve origem por meio de uma dissidência em 1962) em 27 de abril de 2012. Disponível em: <https://fdinarcoreis.org.br/fdr/2012/04/27/entrevista-irun-santanna/> Acesso em setembro de 2020.

FDR: Esse material se perdeu?

I: Não se perdeu. A polícia queimou todas! Tá bom? Eu, a duras penas, tenho uma meia dúzia desses exemplares, alguns exemplares de cada. A pergunta foi boa, mas você vê a que ponto chega a repressão da burguesia. O Churchill declara Guerra Fria. Desde aí nada que se fazia, que se produzia, fosse o que fosse em matéria de arte, em matéria de ciência, em matéria de medicina, qualquer coisa nos países socialistas, nada chegava ao Brasil.

FDR: Nem artigos acadêmicos e científicos?

I: Nada. Absolutamente nada. Então nós, para rompermos com isso, criamos uma revista para divulgar o chamado mundo socialista. Todos os países que foram para o Comunismo produziam coisas em medicina. A China, inclusive, foi a mais inteligente de todas.

FDR: Por quê?

I: Como sabiam que ninguém entendia mandarim no mundo inteiro, os chineses pegavam os melhores artigos sobre ciência médica e publicavam uma revista de medicina em inglês. Tá bom? Eu todo mês passava na embaixada chinesa para apanhar a revista. Que visão desse pessoal. Fizeram isso. O que havia de melhor. Com a Guerra Fria acabou isso, não chegava nada aqui. Então nós fizemos uma revista de medicina para publicar... Muitas das coisas que estão aí na medicina atual são de origem socialista: hipnose médica e odontológica. Até aquele período da Guerra Fria, hipnose era artigo de mágico no teatro. Eu assisti um mágico fabuloso hipnotizar toda a plateia. O único que não foi hipnotizado fui eu, que sabia como me livrar, conhecia hipnose. No entanto, é método de tratamento. Você é capaz de hipnotizar um paciente, tirar os dentes todos dele, numa sessão só, sem ele sentir nada e ele sair dali e não sentir nada. Hipnose bem feita, você pode fazer isso, tá? Acupuntura. Método milenar dos xamãs, dos macumbeiros chineses, que são chamados de xamãs, entendeu? Mas um método milenar, método mais velho que Jesus. Acupuntura, isso se aperfeiçoou de tal maneira que quando chegou na China comunista, os médicos verificaram que o troço era bom mesmo. Com os aperfeiçoamentos que tinha sofrido esse processo milenar, chegaram à conclusão de que o troço era bom, e é bom mesmo!¹⁶⁰

Talvez ele estivesse se lembrando das seções de resumos traduzidos de uma revista médica chinesa – a *Chinese Medical Journal*, que, por sua vez, publicava resumos de artigos científicos médicos em diferentes especialidades. São relatos de casos clínicos, com dados acerca de tratamentos variados: uma técnica chamada “aperto do laço”, de tradição milenar, mas modificada como tratamento da fístula anal; acupuntura para cefaleias (também milenar, embora isso não tenha sido mencionado no breve resumo), tuberculose, rinite alérgica, infecção ginecológica (estudo sobre “tricomonas vaginais e efeito do meio para sua viabilidade”); saúde materna como uma pesquisa do estímulo à produção láctea por raio ultravioleta, doenças

160 Entrevista da Fundação Dinarco Reis com Irun Sant’Anna. Versão extensa, compartilhada em um banco de dados na internet. Disponível em: <https://pdftoword-converter.online/converted/be02bf06/entrevista-irun-santanna-irun-santanna-concedeu-essa-entrevista-ao-site-da-fudacao-dinarco-reis-pouco-depois-de-lancar-seu-livro-o-garoto-que-sonhou-mudar-a-humanidade-aos-94-anos-irun/istpcs4amomy28exlhixmir6qtmt0tyupeyofnypdf.pdf> Acesso em setembro de 2020.

dermatológicas tratadas com fumaça obtida por um composto de ervas da flora chinesa.¹⁶¹ A maior parte do material de autoria chinesa publicada nas edições da *AMB* se limitaram a esses resumos. Com exceção de “A Saúde na Nova China realiza grande Progresso” (*AMB*, n. 20, dez. 1960), escrito pelo ministro de Saúde Pública da República Popular da China, Li de Tisuan, e traduzido diretamente do russo por Cândido Silvia e Lucia Brandão (revisão). Os leitores foram convidados a enviar sugestões e solicitações, caso tivessem interesse em saber mais sobre esses assuntos, ou seja, sob solicitação o artigo poderia ser divulgado integralmente.

A revista *AMB* foi um elemento importante na trajetória do médico, algo marcante o bastante para entrelaçá-lo como sujeito de uma época conturbada como a Guerra Fria – ou seja, difundir a medicina soviética nesse momento envolvia riscos. A passagem pela revista *AMB* na trajetória de Irun Sant’Anna era tão importante para sua forma de narrar a si mesmo que tal informação também apareceu em seu depoimento tomado pela polícia do DOPS, anos depois do encerramento da *AMB*, durante a ditadura militar.

Que de 1956 a 1963 o declarante se afastou do PCB, não só porque fazia pesquisas para elaboração de uma revista denominada “Atualidades Médicas e Biológicas”, como também por ter reiniciado em 1961 as atividades no Ministério da Agricultura; que a Revista acima referida, abrangia a medicina socialista, sendo utilizadas para sua confecção revistas russas, chinesas, romenas, Tchecoslováquia e etc...¹⁶²

As “escritas de si” do médico Irun Sant’Anna inspiraram outros militantes a exporem suas memórias, como demonstrou Ribeiro (2022), que analisou entrevistas de trabalhadores fabris de Magé. Segundo ele, Sant’Anna ocupou um papel importante na militância comunista da região ao longo das décadas de 1940 a 1960, contribuindo para o surgimento de lideranças locais. Ao publicar suas memórias em 2011, com o lançamento de *O garoto que sonhou mudar a humanidade*, Sant’Anna estimulou militantes a contarem suas experiências, descortinando a memória operária da região que chegou a ser conhecida por “moscouzinho” – apelido de “pequena Moscou” em referência à capital da URSS, para denominar uma militância comunista forte nas manifestações ou em razão de um resultado eleitoral expressivo de candidatos ligados ao Partido (Ribeiro, 2022: 4-5, 24).

Em plena Guerra Fria, a revista criada para divulgar as novidades da medicina soviética representava atitudes de esforço intelectual, científico, militante, mas também de algumas doses

161 Resumos. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 16 (nov. 1957), p. 89-93. Seção de Periódicos. Fundação Biblioteca Nacional. Resumos. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 17 (jan.-abr. 1958), p. 100-126. Seção de Periódicos. Fundação Biblioteca Nacional.

162 Inquérito DOPS – 27/02/1975. APERJ. Fundo Polícia Política. Irun Sant’Anna. Inquérito. Notação: 23. fl. 220.

de ousadia revolucionária ante a ofensiva anticomunista que se instaurava mais uma vez no país com a ilegalidade do PCB e de seus parlamentares no Congresso Nacional (maio de 1947 e janeiro de 1948, respectivamente). A discussão sobre ciência e Guerra Fria na América Latina e a participação de intelectuais nesse processo que, embora capitaneado por duas potências mundiais, era um fenômeno com implicações globais, encontram na revista *Atualidades Médicas e Biológicas* uma expressão material dessa realidade no Brasil. Seu projeto editorial revela a agenda de uma parcela – a qual, apesar de minoritária, não foi menos importante – que participou da história da medicina e da saúde pública brasileiras.

Apesar de a revista *AMB* n. 4 ter sido indicada como “esgotada” em uma relação com sumário das edições anteriores¹⁶³ publicada na edição n. 17 como um estímulo aos leitores para que viessem a adquiri-los, consta a evidência na documentação do prontuário de Alcedo Coutinho de um mandado de segurança de sua autoria reclamando a apreensão da revista de edição n. 4.¹⁶⁴ Isto é, ela estava esgotada por ter sido apreendida (Figura 16).

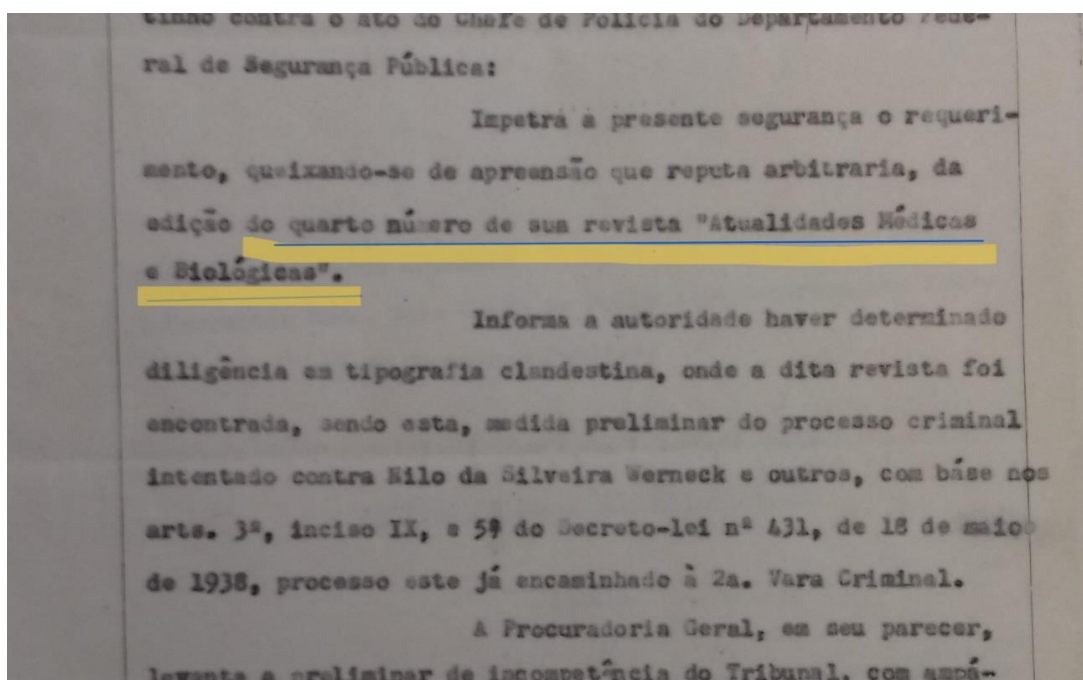


Figura 17: Detalhe de mandado de segurança requerido por Alcedo Coutinho em 8/7/1953 reclamando a apreensão da revista *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 4. Alcedo de Moraes Coutinho. Prontuário Guanabara, n. 3774, folha 19. Fundo Polícia Política. APERJ.

3.3. A *AMB* entre outras revistas sobre medicina soviética

163 Sumário das edições anteriores. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 17 (jan.-abr. 1958), p. 128. As outras edições que também estiveram indicadas como esgotadas nessa relação foram: n. 1, n. 4, n. 9, n. 12.

164 Alcedo de Moraes Coutinho. Prontuário Guanabara, n. 3774. Ver a folha 19. Fundo Polícia Política. APERJ.

A *AMB* funcionou como uma espécie de “fermento para que poucos se tornassem alguns” no interior da classe dos médicos, como explicitado no editorial da revista n. 20 (dez. 1960). O tema das novidades soviéticas na medicina se fazia presente nos produtos da imprensa de circulação mais ampla também, mas principalmente da imprensa comunista – seja nos artigos de cientistas que aplicaram técnicas de tratamentos ou que debateram as teses de Pavlov publicadas na revista *AMB*, seja na forma de reportagens, entrevistas ou ensaios nas produções voltadas para um público diversificado. Nesse caso, por exemplo, podemos citar os artigos de médicos brasileiros publicados em *Fundamentos* (1948-1955), uma revista político-cultural de produção comunista voltada para um público de intelectuais. Muitas vezes, as maravilhas soviéticas no campo da prática médica foram noticiadas por meio de conferências realizadas por médicos que visitaram a União Soviética. Elas eram divulgadas no jornal *Imprensa Popular*. Esse mesmo jornal chegou a publicar uma série de pequenos ensaios na seção intitulada “Ciência e vida”. Alguns desses textos foram escritos pelo médico João Belline Burza (1918-1989), considerado um dos maiores divulgadores das ideias de Ivan Pavlov na medicina no Brasil. Ele publicou artigos em *Atualidades Médicas e Biológicas* e em *Fundamentos*, revista de que participava do conselho editorial.¹⁶⁵ Embora não compusesse oficialmente¹⁶⁶ o corpo editorial da *AMB*, marcou presença na revista. Seu valor como divulgador das teses de Pavlov no Brasil deve-se também ao fato dele ter estudado na União Soviética com um dos alunos e assistentes de Pavlov, Peter Kuzmic Anoukhin (1898-1974), além de ter sido conhecido como membro da Academia de Ciências da Rússia. Burza participou da fundação da Sociedade Pavlov de Medicina e Fisiologia em novembro de 1955,¹⁶⁷ além de ter produzido cursos sobre Pavlov na sede da Associação Médica do Distrito Federal no Rio de Janeiro.¹⁶⁸

Técnicas de tratamentos de doenças ou dados estatísticos de saúde pública passaram a se constituir como elementos de disputa entre Estados Unidos e União Soviética. Essa batalha se expressava no mundo dos impressos. Isso fica claro quando percebemos que havia uma série

165 Cabe ressaltar a participação do professor Samuel Barsnley Pessoa, professor emérito da cadeira de parasitologia da Faculdade de Medicina da USP e também conhecido militante comunista no conselho editorial da revista *Fundamentos*. Fez parte do grupo desde a fundação, em 1948. A revista mantinha em seu conselho editorial uma gama de intelectuais de variados campos de atuação.

166 Por “oficialmente” entendem-se aqueles médicos que compunham o expediente apresentado na contracapa da revista *AMB*.

167 “Sociedade Pavlov de Medicina e Fisiologia”. *Brazil Médico*, novembro-dezembro de 1955, p. 716. “Fundada a Sociedade Pavlov de Medicina e Fisiologia”. *Imprensa Popular*, 30/8/1955, p. 4.

168 “Curso na A.M.D.F.”, *Imprensa Popular*, 26/10/1955, p. 3; “Vai iniciar-se o Curso Pavlov”, 26/10/1955, p. 4; “Desperta enorme interesse nos círculos médicos, o curso Pavlov”, *Imprensa Popular*, 1/11/1955, p. 4; *Imprensa Popular*, 8/11/1955, p. 4.

de revistas médicas especializadas na teoria de Pavlov voltadas para o campo da medicina. De maneira que podemos pensar em um sistema, em um esforço coletivo e transnacional na realização de periódicos voltados para a divulgação da medicina soviética, legitimada pela chamada teoria nervosa superior. Com base em uma nota na edição n. 15, percebemos que *Atualidades Médicas e Biológicas* foi lançada no mesmo período em que se lançaram revistas similares na França. Assim como diversas outras produções voltadas para a difusão do programa comunista no Brasil, a revista resultava da relação com a imprensa comunista francesa (DEAECTO, 2013: 16). Essa nota legitimaria a *AMB* ao inseri-la num circuito internacional de periódicos médicos (ver também Figura 17).

Devemos lembrar a nossos leitores a existência de 3 revistas francesas destinadas a divulgação da teoria nervosa superior e que são: “La Raison” que está no seu 16º número, tendo surgido em princípios de 1951, “Cahiers de Medicine Soviétique” no seu 9º número e que apareceu em abril de 1953 e em terceiro lugar “Revue de la Nouvelle Medicine” que também apareceu em 1953 e está em seu 7º número.

Nossa revista de que muito nos orgulhamos surgiu como “La Raison” em 1951 (último trimestre) e apesar das dificuldades, já vai para 16º número.¹⁶⁹

Possivelmente havia incentivos da União Soviética para a realização dessas revistas. Além das mencionadas, a *AMB* publicou artigos originalmente publicados em revistas médicas soviéticas. No entanto, o centro difusor era Paris. Segundo Hugo Vezzetti (2016), *La Raison* (1951-1958) foi uma revista que surgiu no início dos anos 1950 em um círculo psiquiátrico comunista com a preocupação de tratar das patologias mentais por meio da incidência de condutas patológicas que vinham aumentando (alcoolismo, suicídios, prostituição ou a delinquência juvenil), propondo a elaboração de uma psicopatologia científica que compreendia a unidade entre o homem e a enfermidade (VEZZETTI, 2016: 140-141). *LR* demarcava a importância dos estudos de Pavlov e seus sucessores de maneira bastante genérica, mas transmitia uma visão integralizada entre o organismo e seu meio. Nesse aspecto, a ideia de condições de vida precárias (em níveis habitacionais, salariais, culturais e materiais) estaria associada à emergência de patologias. Por fim, a *LR* propunha ser um meio de divulgação da União Soviética e de suas democracias populares e, por conseguinte, do partidarismo que preconizava as ideias de Pavlov e de Lissenko. A proposta inovadora da revista *LR* sobre possibilitar dar voz aos enfermos não chegou a se concretizar, segundo Vezzetti (2016: 141). Inspirada em *LR*, nesse mesmo período, surgiu a *Revista Latinoamericana de Psiquiatria (RLP)*

169 *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 15, junho de 1957, p. 94.

(1951-1954), na Argentina, por psiquiatras ligados ao Partido Comunista Argentino. A revista foi fundada por Gregorio Bermann (1894-1972) e o brasileiro Claudio Araújo Lima (1908-1978), incluindo mais de trinta nomes entre psiquiatras argentinos e latino-americanos como conselheiros (VEZZETTI, 2006: 137). Vezzetti reconhece nessas revistas “uma formação ideológica e profissional que transcende as fronteiras nacionais”, tendo sido impulsionadas de Paris (VEZZETTI, 2016: 18). Desse modo, a *Revista Latinoamericana de Psiquiatria* seria a expressão material local da “cena francesa da Guerra Fria dos psiquiatras” (VEZZETTI, 2016: 18). Esse cenário era da agenda do movimento pela paz e defesa da URSS, por um lado, e da “promoção ideológica do partidarismo na ciência através do lissenkoísmo e do pavlovianismo”, por outro (VEZZETTI, 2016: 18).

Numa das fichas policiais que integravam o arquivamento de dados das atividades de militantes, registrou-se a informação de que Irun Sant’Anna:

Figura relacionado entre outros destinatários da Revista “URSS Revista quinzenal de Información”, Revista Actualidades Médicas y Biológicas e também entre outras pessoas que recebiam o livreto “Programa del Partido Comunista de la Union Soviética” e a REVISTA PEKIM.¹⁷⁰

Esses dados extraídos do prontuário do médico militante Irun Sant’Anna indicam que periódicos estrangeiros de origem espanhola foram supostamente recebidos por ele, além de mencionar uma revista com o mesmo nome da brasileira.

Técnicas e tratamentos de doenças e dados estatísticos sobre saúde pública passaram a se constituir como elemento de comparação entre Estados Unidos e União Soviética. Essa batalha se expressava no mundo dos impressos. Isso fica claro quando percebemos que havia uma série de revistas médicas especializadas em difundir Pavlov e suas aplicações no campo médico em geral. A *AMB* era parte de um sistema que traduziria um esforço transnacional em produzir periódicos que versassem sobre temas da medicina soviética e o pavlovismo, legitimados pela teoria nervosa superior.

Uma nota editorial no miolo da *AMB* n. 15 (jun. 1957) indica que a revista foi lançada concomitantemente com revistas similares editadas na França. Assim como outros produtos da imprensa comunista brasileira, a *AMB* guardava relação próxima com a imprensa comunista ligada ao PCF.

170 Ofício do DOPS. Divisão de Informação, 11/03/1975. APERJ. Fundo da Polícia Política/Irun Sant’Anna/Prontuário Guanabara n. 43.182.

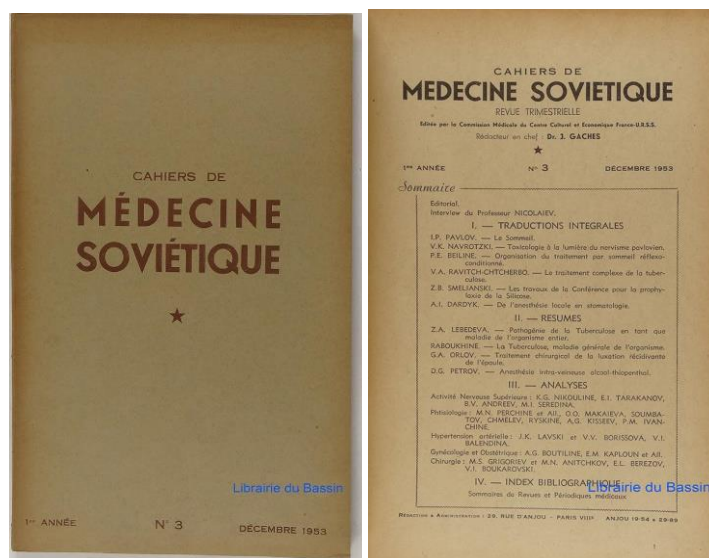


Figura 18: Capa e sumário da revista *Cahiers de Médecine Soviétique*, n. 3, 1953, indicada como uma das revistas francesas a divulgar a teoria da atividade nervosa superior, principal base da doutrina de Pavlov para a medicina. Imagem publicada em *site* de venda de livros usados, acervo Librairie du Bassin. Disponível em: <https://www.abebooks.com/Cahiers-m%C3%A9decine-sovi%C3%A9tique-n%C2%B03-Collectif-Commission/19927311949/bd> Acesso em setembro de 2022.

O pôster da Figura 18 indica a importância das revistas médicas, mostrando como era um segmento do mundo dos impressos na União Soviética. Por outro lado, vimos aqui que o sistema de imprensa comunista também atuou nesse segmento, tanto lançando revistas para médicos em países latino-americanos quanto garantindo o acesso de revistas estrangeiras. Nas figuras subsequentes ao pôster soviético disposto a seguir, podemos reparar os anúncios de livrarias publicados no *Imprensa Popular* – um deles da Livraria das Bandeiras (Figura 19), de São Paulo, voltado aos médicos: “Atenção, médicos, já está à venda”. Foram listadas duas revistas médicas e uma série de publicações do sistema de imprensa comunista: *Revue de la Nouvelle Médecine*; *Atualidades Médicas e Biológicas*; “Grande sortimento de jornais e revistas estrangeiras” (*Les Lettres Françaises*; *Realismo*; *Il Calendario Popolo*; *Cahiers Internationaux*; *L’ Humanité*; *Democratie Nouvelle*; *La Raison*; *Mujer Sovietica Avant Garde*; *Mundo Estudantil*). Outro anúncio no jornal *Imprensa Popular* (Figura 20) apresenta uma relação de sugestão de presentes para o Natal – entre gravuras, livros e revistas, os anunciantes da Editorial Vitória indicaram uma revista médica chinesa (em inglês, *The Chinese Medical Journal*). Por meio de um anúncio no *Imprensa Popular* ficou evidente que a revista *AMB* era uma publicação da Editorial Vitória (Figura 21), além das notas publicadas nesse jornal a cada lançamento de *Atualidades Médicas e Biológicas*.

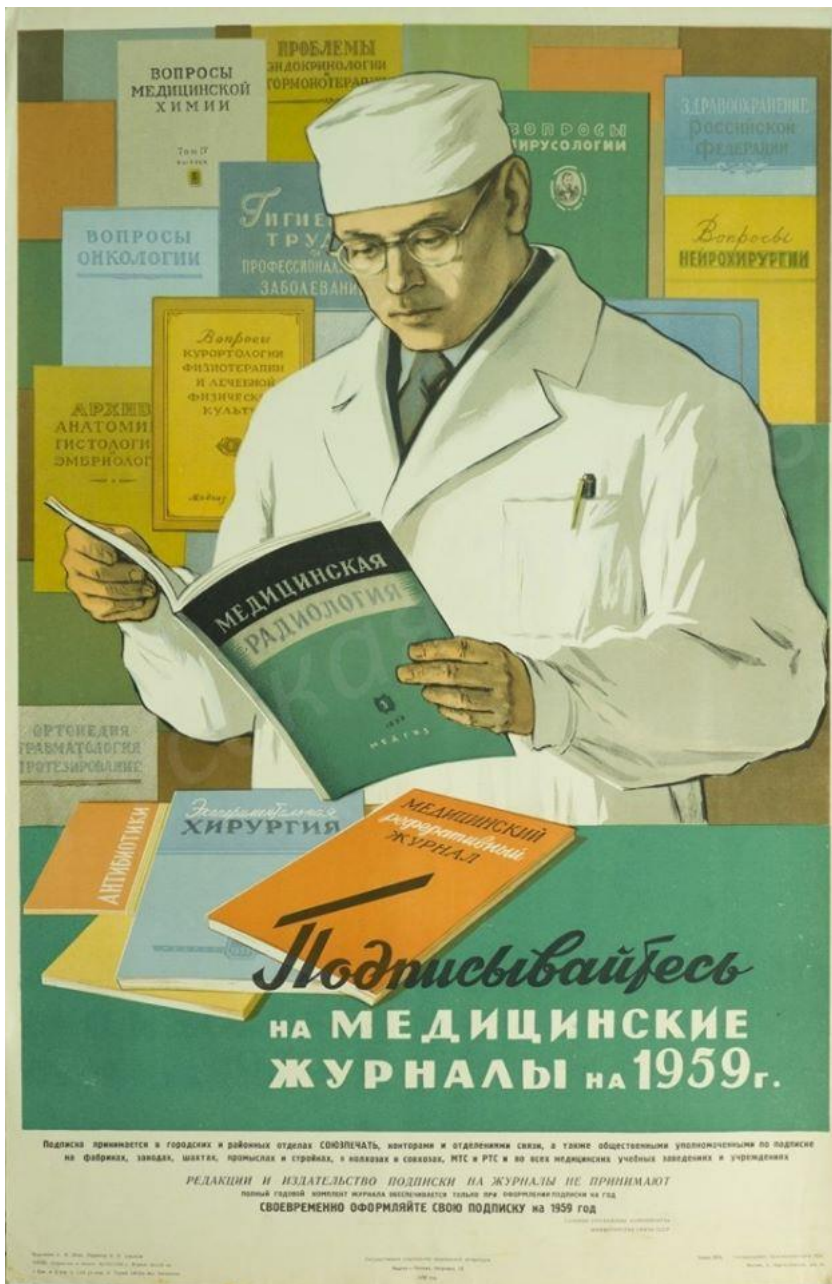


Figura 19: “Subscribe to medical magazines in 1959”. Pôster soviético, 1958. Postagem da página do facebook Soviet Visuals, publicado em 30/3/2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/sovietvisuals/photos/a.1161108403955402/3130087423724147> Acesso em fevereiro de 2023.

ATENÇÃO,

MÉDICOS

Já está à venda

Revue de la
Nouvelle Médecine (n.º 2)

—oOo—

Atualidades Médicas e
Biológicas

—oOo—

Grande sortimento de Jor-
nais e revistas estran-
geiros

	Cr\$
Les Lettres Fran- çaises	5,00
Realismo	15,00
Il Calendario del Popolo	5,00
Cahiers Interna- tionaux	22,00
L'Humanité	3,00
Démocratie Nou- velle (n.º 1)	13,00
La Raison	40,00
Mujer Sovietica	20,00
Avant Garde	5,00
Mundo Estudantil	10,00

**LIVRARIA DAS
BANDEIRAS**

Av. Ipiranga, 570

1.º and — S. Paulo

* * *

Atende-se por Reem-

bolso Postal

Figura 20: Anúncio “Atenção, médicos, já está à venda”. *Imprensa Popular*, 14/4/1954, p. 3.

Faça um Bom Presente de Festas
VENHA CONHECER A NOSSA NOVA COLEÇÃO
RECÉM-CHEGADA DA CHINA

GRAVURAS E QUADROS
BELÍSSIMOS REVISTAS
E LIVROS

(em inglês, francês e espanhol)

Aguardamos a sua visita

EDITORIAL VITÓRIA LIMITADA

Rua Juan Pablo Duarte, 50 - Sobrado

LISTA PARCIAL

GRAVURAS

Envelope c/ 8 cromoxilogravuras 500,00

Uma separadamente 100,00

PINTURAS

China Contemporâneas, album 500,00

Uma separadamente 50,00

LIVROS

Selected Works — Of Lu Hsiang 150,00

On the Party — Liu Shao Chi 20,00

Nouvelles Choises — Luo Sin 100,00

Enfant Ouvrier (conto infantil) 20,00

El Maestro Donguo (conto infantil) 30,00

REVISTAS

The Chinese Medical Journal 50,00

Chinese Literature 30,00

China «Revista Ilustrada» 25,00

CARTÕES FORTAIS

Uma coleção de 12 20,00

Figura 21: Anúncio de Natal da Editorial Vitória. *Imprensa Popular*, 14/12/1957, p. 2.

A EDITORIAL VITÓRIA LIMITADA SELECIONA AS SUAS PUBLICAÇÕES, PROCURANDO ACOMPANHAR O ILIMITADO AVANÇO DA CULTURA HUMANA

APRIMORE SEUS CONHECIMENTOS, LENDO AS NOSSAS EDIÇÕES (PARA HOJE)

Atualidades médicas e Biológicas	20,00
Parto sem Dor (F. Lamaze)	120,00
O que é o Parto Sem Dor (Dr. Hirsch Schor)	120,00
O Socialismo e a Educação dos Filhos (A. S. Makarenko)	40,00
A Educação Norte-Americana Em Crise (F.I.S.E.)	70,00
A Educação Comunista (M. I. Kalinin)	35,00
A Educação na URSS (Paschoal Lemme)	60,00
O Papel do Indivíduo na História (G. Plekhanov)	35,00
Questões Fundamentais do Marxismo (G. Plekhanov)	50,00
História da Antiguidade (A. V. Michulin)	100,00
Vôo no Espaço Cósmico (A. Sternfeld)	100,00
O Brasil e a Era Atômica (Olympio Guilherme)	120,00
A.B.C. do Sistema Solar (V. G. Fesenkov)	100,00

EDITORIAL VITÓRIA LTDA — RUA JUAN PABLO DUARTE,
50 — SOBRADO — D.F.

Figura 22: Anúncio da Editorial Vitória. *Imprensa Popular*, 1/3/1958.

3.4 Cartas editoriais: espaço de luta política

Cartas editoriais têm como função orientar os leitores em suas leituras, estabelecendo uma relação baseada em diálogo mais direto com eles, ganhando contornos de uma narrativa autobiográfica. Os editoriais da revista *AMB* não eram assinados nem tratavam do conteúdo da edição em seu conjunto; não direcionavam a leitura destacando os artigos publicados. Suas narrativas eram estabelecidas como espaço para expressão de opinião e nesse sentido eram o termômetro de um dado momento. Elas buscavam transmitir legitimidade ao periódico, esclarecendo seus objetivos e pautando agendas com referências aos acontecimentos da luta dos médicos por melhores condições de trabalho e salários.

Em seu primeiro editorial, os editores fizeram uma apresentação geral da revista. O texto adquiriu funções de carta de intenções em que os objetivos do projeto político e cultural desses médicos mediadores foram declarados aos leitores e com eles pactuados. O principal deles seria “popularizar realizações científicas da União Soviética e dos países de Democracia Popular”

que se baseavam no “método dialético marxista e profundamente ligado à prática”.¹⁷¹ Esses dois elementos são enunciados que cumprem requisitos fundamentais do que se circunstanciou caracterizar como “ciência stalinista”, coroada no fim da década de 1940 com as teses de Trofim Lissenko (1898-1976) para aumentar a produção agrícola, e que acabou por banir seus opositores geneticistas e por tornar-se um modelo que repercutiu em outras disciplinas científicas. Para Krementsov (1997), o lissenkoísmo se constituiu como um modelo da “ciência stalinista”. Ainda que ciência e política sejam dimensões imbricadas e gestadas no processo histórico por meio de atores sociais e instituições, a “ciência stalinista” colecionou “eventos marcantes, contraditórios e enigmáticos” dessa relação (KREMENTSOV, 1997: 3) – um modelo que ilustra bastante bem uma forma em que ciência, poder e Estado se entrelaçaram tanto que extrapolaram fronteiras que em outras situações históricas estiveram mais bem definidas. Para Kojevnikov, o caso Lyssenko se tornou um símbolo da ordem ideológica em ciência e de suas consequências desastrosas (KOJEVNIKOV, 2000: 142). Esses elementos da “ciência stalinista” impactaram outras disciplinas científicas (POLLOCK, 2006).

Destacamos dois pontos relacionados à “ciência stalinista” considerando alguns questionamentos. As referências ao método marxista e à praticidade das realizações científicas soviéticas se relacionaram com os artigos veiculados na revista? Eram mera formalidade discursiva e ideológica, narrativa típica dos produtos impressos comunistas?

Logo no primeiro editorial da *AMB* n 1 (set.-out. 1951), os editores consideraram que o acesso ao conhecimento em torno da medicina soviética era dificultado pelo cenário internacional da Guerra Fria. Na perspectiva dos editores, o intercâmbio científico estaria sendo sacrificado por correntes ideológicas e propagandistas. A divulgação de ciência praticada em um país socialista seria uma ação de resistência contra essas limitações da propaganda ideológica em prol de um bem maior: o da liberdade na ciência. Ela estaria calcada num pensamento novo, propiciando paz e progresso.¹⁷²

Assumir que o objetivo principal da revista era “popularizar realizações científicas” da União Soviética e que estas se dão com base em um pensamento novo é se mostrar filiado à cultura política comunista.¹⁷³ No âmbito desse discurso, a ciência e a medicina soviéticas se mostrariam em oposição àquelas desenvolvidas na economia ocidental capitalista. Estava estruturado o embate. As novas bases sociais e econômica sobre as quais se apoia todo o

171 Apresentação. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 1, setembro-outubro 1951, p. 4.

172 Apresentação. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 1, setembro-outubro 1951, p. 3-4.

173 Apresentação. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 1, setembro-outubro, 1951, p. 1.

trabalho científico têm permitido um desenvolvimento em ritmo que já não encontrava paralelo nas nações de economia capitalista.¹⁷⁴

Observamos que o uso de termos como liberdade, paz e progresso são facilmente encontrados em discursos veiculados em produtos de imprensa comunista. Ironicamente, o tema da liberdade (e sua antítese, o da censura) científica é delicado e complexo, uma espécie de “calcanhar de Aquiles” quando o assunto é a “ciência soviética”. Por outro lado, liberdade também foi uma palavra invocada pelos discursos anticomunistas nessa batalha ideológica (IBER, 2015). Ciência e liberdade eram termos cujos sentidos estiveram em disputa nos discursos na Guerra Fria.

O contexto da década de 1950 foi marcado pelo clima de tensão que se estabelecia com a Guerra Fria. A batalha das ideias (russofilia x anticomunismo) veiculadas nos impressos com mensagens de propaganda, que marcou a primeira metade da década de 1930 no Brasil, foi renovada em tempos marcados pela bipolaridade ideológica da Guerra Fria.

Essa disputa de narrativas acerca dos avanços científicos também era uma disputa entre discursos ditos autênticos, despidos de falsidade ideológica, e foi apresentada como uma das justificativas para o desenvolvimento da revista *AMB*. As revistas científicas, que em tese estariam isentas de ideologia pelo valor da neutralidade científica, também eram visadas pelo cenário totalizante da propaganda na Guerra Fria. Segundo os editores da revista, a publicação era necessária para desmentir assertivas falsas no campo científico.

Não é somente na imprensa diária que se instala o trabalho mal-são de envenenar o pensamento, de deformar os fatos e de apregoar valores falsificados. Isso também se faz, e talvez, em maior proporção, nas revistas técnicas. Resulta daí uma profusa e babélica publicidade pseudo-científica, à qual a medicina como as demais ciências biológicas não poderia escapar.¹⁷⁵

Assim, a necessidade dessa publicação e sua importância para o campo científico estariam justificadas por seus editores; era preciso combater a “publicidade pseudocientífica”. Não apenas a corrida pelo melhor modelo de se fazer ciência, mas também a disputa pela melhor medicina e assistência de saúde pública, mais avançadas e eficientes, fizeram parte do debate de ideias durante a Guerra Fria.

Uma ilustração da participação de pessoas comuns, intelectuais e artistas na Guerra Fria se fez nas manifestações pela paz ou pela liberdade. Eram bandeiras que foram segmentadas

174 Apresentação. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 1, setembro-outubro, 1951, p. 1.

175 Editorial. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 2, novembro-dezembro de 1951, p. 3.

pelas representações das duas potências: de um lado, o movimento dos partidários pela paz, contra a guerra atômica e vendo a União Soviética como a maior guardiã do progresso e da paz dos povos; de outro, o Congresso Cultural pela Liberdade, contra o totalitarismo identificado nas políticas soviéticas e tendo os Estados Unidos como símbolo democrático (IBER, 2015).

O temor por novas ondas de conflito eminente era sensível por sociedades do mundo inteiro. No Brasil, na Argentina, nos Estados Unidos e na Europa, mensagens e convites para que as pessoas se juntassem aos combatentes da paz eram corriqueiros nos diversos meios da imprensa comunista no início da década. Eles faziam parte da cultura do movimento dos Partidários pela Paz, que contou com vasta participação de artistas e intelectuais do Ocidente (fossem assumidamente comunistas ou não). Esse movimento foi uma das maiores frentes lançadas pelo PC da URSS no pós-guerra (1947) e é considerado por Patrick Iber (2015) como o início do que historiadores atualmente denominam como Guerra Fria Cultural. O termo representa o movimento historiográfico que desloca a abordagem do conflito, de modo a considerar os efeitos da propaganda e dos estados psicológicos, além de ampliar os atores envolvidos nesse processo (nem tanto generais e diplomatas, mas intelectuais, artistas e tipos homem-comum) (PIEPER; LANZA, 2013: 5). Mensagens pela paz e contra a guerra atômica estiveram nas páginas da revista, assim como seus editores participaram de abaixo-assinados, atos públicos, conferências do movimento, que tiveram dimensões transnacionais.¹⁷⁶

Além de viabilizar o acesso a artigos de autores soviéticos traduzidos (ou mesmo de europeus e norte-americanos sobre a URSS), a publicação intencionava abordar assuntos mais próximos aos médicos brasileiros, convidando seus leitores a participarem enviando textos de artigos sobre suas próprias pesquisas para publicação e sugestões de temas para a redação.¹⁷⁷ Ainda na apresentação dos objetivos da *AMB*, os editores trataram de pontuar as principais pautas da agenda ligadas à profissão médica no país. Dessa maneira, também informavam sobre a perspectiva de medicina que defendiam.

Atualidades Médicas e Biológicas debaterá também os problemas médicos nacionais, analisando-os através de uma perspectiva capaz de situar cada questão dentro do panorama geral da vida do país. Procuraremos abordar o estudo dos fatores econômico-sociais em que se assentam as causas de nossos

176 Para uma análise mais apurada acerca do movimento de artistas e intelectuais na Guerra Fria na perspectiva cultural, ver Patrick Iber (2015) e Ridenti (2022). Iber pesquisou os ativismos dos movimentos Conselho Mundial pela Paz (World Peace Council/WPC), que tinha a URSS como redentora, e o Congresso pela Liberdade Cultural (Congress for Cultural Freedom/CCF), que tinha nos Estados Unidos, no anticomunismo e no antitotalitarismo suas bandeiras, como expressões da Guerra Fria na América Latina. Ambas as organizações buscavam influenciar a opinião pública mundial. Ver também Adriana Petra (2018) para os intelectuais argentinos.

177 Apelo a nossos leitores. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 6, junho-julho 1953, p. 3.

baixos padrões de saúde, pondo em descoberto as relações entre doenças, entre os recursos médicos e a situação econômica, entre as organizações médico-sanitárias e a estrutura social.

Por fim, focalizaremos a atividade do médico e do pesquisador como profissionais, em seu trabalho, em suas reivindicações, em seus esforços de aperfeiçoamento técnico, tendo em vista concorrer para uma atuação social mais eficiente e para uma valorização crescente da Medicina, como ciência e como arte.

Esta revista aspira promover um maior conagraçamento dos médicos que labutam em todas as especialidades e em todos os recantos de nosso Brasil, criando um pensamento unitário e progressista entre eles e situando-os como profissionais estreitamente ligados aos problemas do povo.

Atualidades Médicas e Biológicas será por tudo isso um instrumento de defesa e de elevação ideológica e cultural dos profissionais da medicina.¹⁷⁸

A questão social envolvendo práticas da medicina no Brasil seria uma agenda importante dos editores, o que se estabelecia como um diferencial do periódico entre outros do ramo das revistas médicas. Para eles, a medicina deveria ser vista como em relação com outras esferas da vida geral do país. Além disso, desde sua fundação, a *AMB* sustentava outro aspecto da cultura política dos médicos comunistas ao pautar o debate a respeito do papel social do médico.

Com o título “Os médicos brasileiros e a guerra bacteriológica”, o editorial da *AMB* n. 3 (jan.-abr. 1952) se engaja num dos mais dramáticos episódios da Guerra Fria: a acusação da China Popular e da URSS de uso pelos Estados Unidos de armas biológicas. Os editores citaram excertos de publicações norte-americanas a fim de comprovar evidências do uso de armas atômicas pelos Estados Unidos na Guerra da Coreia (1950-1953) (HOCHAMAN; PAIVA, 2020).

A narrativa de caráter antiamericanista também apelou à moral e à ética dos leitores para que participassem das atividades de protestos pela paz, seguindo orientação da política cultural internacional comunista. Além disso, os editores questionavam a função do médico em meio ao progresso científico – uma discussão disseminada entre diferentes representantes do campo intelectual, cultural e científico do pós-guerra, impactados com o rumo que levou às tragédias, como as de Hiroshima e Nagasaki (agosto de 1945). Segundo os editores da *AMB*, a luta contra a guerra atômica seria um dever condizente com a prática da medicina, encarada como essencialmente humanista.

Ante a evidência das provas, os povos erguem seu brado de protesto contra criminosos da guerra bacteriológica. Estes protestos a exemplo do pujante movimento de opinião em defesa da paz não de impedir a continuação do

178 Apresentação. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 1, setembro-outubro 1951, p. 4.

atentado hediondo. A medicina deve continuar sendo um instrumento a serviço da vida, e não um instrumento de morte e destruição indiscriminadas nas mãos de desumanos governantes, mais preocupados com lucros do que com a paz entre os povos do mundo inteiro e o progresso da humanidade.¹⁷⁹

Nesse período, no início dos anos 1950, a doutrina do PCB era guiada pelo chamado “Manifesto de Agosto”. O documento marca a linha de atuação do PCB na condição de partido ilegal e é “em grande parte uma consequência de transformações que ocorreram na política internacional com o início da guerra fria” (FAUSTO et al., 2007: 496). Foi abandonado o programa anterior da ideia da “união nacional”, que refletia bastante o cenário internacional de convivência pacífica entre Estados Unidos e URSS do período da Segunda Guerra Mundial e imediato pós-guerra. Na medida em que a aliança entre União Soviética e nações ocidentais se desgastava e o governo brasileiro¹⁸⁰ se aliava mais fortemente aos Estados Unidos, houve o endurecimento da repressão com o PCB, enquanto este radicalizava suas críticas ao capital estrangeiro e ao imperialismo (FAUSTO et al., 2007: 492).

Encontramos de maneira direta posicionamentos críticos aos governos do general Eurico Gaspar Dutra (1946-1951) e Getúlio Vargas (1951-1954), acusados de prejudicarem os interesses nacionais. Também se criticou a política externa enquanto havia demandas domésticas como a crise com a seca no Nordeste, trazendo o estado da fome a muitos sertanejos. Nesta carta, os editores trataram de algo mais próximo à realidade dos médicos brasileiros, principalmente dos médicos do Rio de Janeiro: “A luta dos médicos por aumento de salários”.¹⁸¹

O governo, tanto de Dutra como o de Getúlio Vargas, tem mantido uma conduta invariável: permanece surdo aos clamores dos médicos. Compreende-se bem a razão dessa atitude. A luta contra o aumento de salário faz parte do programa de Governo, que dedica apenas 8% do orçamento ao Ministério de Educação e Saúde, e reserva polpudas verbas para os ministérios militares. Existem fora do orçamento também verbas dedicadas a fins militares como a do Fundo Naval, de quase um bilhão de cruzeiros, e as verbas de guerra incluídas nos orçamentos dos ministérios civis.

O que há por trás de todas as manobras protelatórias da maioria parlamentar e seus aliados, as diretorias do Sindicato Médico e a A.M.B. é a política de guerra do governo que consome todas as disponibilidades do Tesouro na compra de cruzadores, quando precisamos de navios de cabotagem; na construção de bases navais, quando alguns de nossos portos permanecem em congestionamento crônico, remete 50 milhões de gêneros alimentícios para as tropas da O.N.U. na Coreia, enquanto os nordestinos, vítimas da seca, morrem de fome. (...)

179 Os médicos brasileiros e a guerra bacteriológica. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952, p. 5.

180 As relações diplomáticas entre Brasil e União Soviética foram rompidas em 1947.

181 A luta dos médicos por aumento de salários. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 4, maio-agosto 1952, p. 3-7.

Está claro que um governo que sacrifica os interesses de nosso povo, defendendo os interesses dos tubarões dos lucros extraordinários e dos trustes norte-americanos só poderá modificar sua atitude em relação aos médicos diante de uma grande demonstração de unidade e de força da nossa classe.¹⁸²

Os editores atrelaram a crítica anti-imperialista, a luta nacionalista e a oposição ao governo à luta dos médicos por melhores condições de vida. A revista se tornou o espaço para a defesa das reivindicações da classe médica, baseando-se na ideia do médico-trabalhador. Assim como qualquer sujeito social que vive de sua força de trabalho, os médicos deveriam se legitimar como categoria que, uma vez organizada, garantiria mecanismos de luta por melhores salários e condições de trabalho. Nesse sentido, os editoriais da revista dão voz ao movimento grevista dos médicos dos anos 1950 – pelo menos no que tange à parte da narrativa da Associação Médica do Distrito Federal (AMDF). Fundada em setembro de 1950, a AMDF mobilizou e articulou o primeiro movimento grevista de médicos brasileiros com duas “Jornadas de Protesto” (paralisações em 14/9/1952 e 31/3/1953 e uma greve nacional em maio de 1953) (ESCOREL, 1999: 100).

Os editoriais chamaram a atenção dos médicos para a necessidade de organização da categoria a fim de pressionar o governo pela votação de uma lei que equipararia os salários dos servidores federais ao mínimo estabelecido pelo padrão letra “O”, no caso de apresentarem formação de ensino superior (a letra “O” correspondia a um segmento da tabela de plano de carreira e salários da administração do serviço público federal). Essa luta também ficou conhecida como “campanha dos médicos pelo padrão ‘O’”, ou movimento grevista dos médicos, ou movimento grevista pela letra “O”, que pode ser considerado o primeiro dessa categoria profissional na história do Brasil. Seu marco inicial se deu com o envio do projeto de lei n. 1.082/1950 ao Senado.

A mobilização se deu em torno da expectativa da aprovação desse projeto, que estabelecia a letra “O” como base mínima não apenas para o início da carreira médica, mas também contemplava outros profissionais liberais integrados ao funcionalismo público. Seu ápice foi durante a greve de 1954, que durou quatro dias. O editorial marcava dois anos de luta desde a primeira tentativa de votação do projeto para a melhoria salarial dos médicos em 1950, fazendo um balanço retrospectivo do movimento.

Esse movimento deu início à formação da Associação Médica do Distrito Federal (AMDF) em setembro de 1950, exatamente um ano antes do lançamento da primeira edição da

¹⁸² A luta dos médicos por aumento de salários. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 4, maio-agosto 1952, p. 6-7.

revista *AMB*. Ficou evidente um conflito entre a Associação Médica Brasileira (AMB), presidida pelo prof. Alípio Correia, e a AMDF, que a acusava de apoiar as estratégias do governo para protelar a votação.

Os editoriais foram uma plataforma para a comunicação da AMDF, tais como o resultado da eleição que teve vitoriosa a chapa Ermiro Estevam de Lima (1901-1997) e Cunha de Melo, em dezembro de 1952, e a transcrição do seu discurso de posse que reforçava o papel das associações médicas, em referência à “Carta Médica de Havana”, escrita pela Confederação Médica Pan-Americana (organização pouco conhecida no Brasil) em 1946, como “um dos instrumentos normativos mais preciosos da vida médica dos últimos tempos”. Os membros da AMDF, naquela ocasião, totalizavam dois mil médicos, e o presidente empossado gostaria de incorporar os 1.500 médicos do Rio de Janeiro que ainda não haviam se filiado.¹⁸³

A finalização do discurso de posse de Ermiro Lima, transcrito na *AMB* n. 5 (set./dez. 1952), conclamava os médicos a resistirem na luta pela valorização da profissão. O relato contempla a fala do secretário Cunha de Mello, que concluiu a solenidade fazendo uma retrospectiva do movimento pela letra “O” e relacionando o discurso dos opositores de sua chapa com “o chavão desmoralizado do anticomunismo” que era propalado por alguns “áulicos do Catete”, o que não tinha surtido efeito, já que a maioria compreendeu a importância da organização e união dos médicos, em sua opinião.

Havia a ideia de associar o movimento dos médicos com aquele empreendido por trabalhadores de outras classes, inclusive dos operários, marceneiros e tecelões, que ficou conhecido como “Jornadas de Protesto”.¹⁸⁴ Em sua edição de 11/4/1953, a revista *Manchete* (1952-2000) associou a greve de trabalhadores em São Paulo com a greve dos médicos. Conhecida pela qualidade por suas reportagens fotográficas, a *Manchete* publicou fotografias das ruas de São Paulo ilustrando trabalhadores reprimidos por ação policial violenta e a “Jornada de Protesto dos Médicos” com flagrantes da paralisação de 24 horas dos médicos, dirigida pela AMDF. As fotografias foram dispostas uma acima de outra em páginas duplas; assim transmitiriam a simultaneidade dos movimentos grevistas que ocorreram no mesmo dia: 31/5/1953, embora partissem de organizações distintas. Segundo a reportagem, a greve dos médicos não tinha recebido adesão unânime da categoria nem amplo apoio da população. Houve adesões em São Paulo (estado em que houve maior participação, talvez devido ao

183 Editorial: Eleições na Associação Médica do Distrito Federal” *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 5, setembro-dezembro 1952, p. 5.

184 Editorial: Lutam os médicos por melhores condições de vida. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 7, agosto-setembro 1953.

embalo da luta de outros trabalhadores), Belo Horizonte (o movimento se limitou à recusa de assinatura dos pontos), Petrópolis e Rio de Janeiro (onde 30% dos médicos furaram a greve). Os hospitais programados para a participação da jornada de protesto dos médicos mantiveram o funcionamento, embora parcial, com algum “prejuízo à população”.¹⁸⁵

A “jornada” foi recurso extremo de que lançou mão uma classe que vem lutando por melhoria desde 1950. Mas esse recurso, pela natureza mesmo da classe que o utilizou, repercutiu também com consequências extremas e tristes (tanto para população como para os médicos). E continua-se não sabendo quando os servidores públicos da medicina terão salários iguais pelo menos a dos porteiros do Congresso Nacional, que são bem remunerados para ficarem de braços cruzados.¹⁸⁶

A ambivalência da reportagem da revista *Manchete* em relação ao movimento grevista dos médicos – ora mostrando baixa adesão da categoria e da população, ora se utilizando de ironia para criticar seus baixos salários – ilustra bem a especificidade do drama vivido por eles. Logo no início da reportagem, o movimento foi qualificado como “essa pouco simpática greve dos médicos”.¹⁸⁷ A realidade dos salários baixos, incompatíveis com cargos de nível superior, convivia ao mesmo tempo com críticas à greve dos médicos, os quais se apoiavam no juramento hipocrático sobre a moral da ética médica em não poder negar assistência ao doente e ao seu dever perante a sociedade.

Já para os editores da revista *AMB*, a “jornada de protesto dos médicos” angariou apoio popular. Entretanto, segundo eles, a luta que completava três anos naquele momento deveria ser deslocada do campo do parlamento ou, caso contrário, a campanha se arrastaria por tempo indefinido, indo contra os médicos e a favor do governo.

A história de sua campanha por aumento de salário revelou aos médicos a simpatia e a solidariedade por ocasião das “Jornadas de Protesto”, e particularmente, o apoio de todos os profissionais de nível universitário superior que também lutam por suas reivindicações. Se a Associação Médica do Distrito Federal souber utilizar o prestígio que desfruta entre os médicos, procurando unir as diferentes opiniões em torno das justas reivindicações da classe poderá formar um poderoso movimento capaz de levar a classe médica à vitória de sua causa. Assim, com a união da classe em torno de um objetivo comum, será possível liquidar com as protelações e interferências do Governo

185 “A confusão do país decreta: greve dos trabalhadores em São Paulo. Jornadas de Protesto dos Médicos. Revista *Manchete*, ano 1953, edição 51, 11/4/1953, p. 4 e 5.

186 A confusão do país decreta: greve dos trabalhadores em São Paulo. Jornadas de Protesto dos Médicos. Revista *Manchete*, ano 1953, edição 51, 11/4/1953, p. 4.

187 A confusão do país decreta: greve dos trabalhadores em São Paulo. Jornadas de Protesto dos Médicos. Revista *Manchete*, ano 1953, edição 51, 11/4/1953, p. 4.

e conquistar um salário condigno para os médicos, a fim de que eles possam melhorar seu nível técnico, cultural para bem servir à coletividade.¹⁸⁸

Num balanço do movimento dos médicos até aquele momento, no contexto da realização de outra paralisação, em dezembro de 1953, destacou-se o conflito com o governo. Os editores listaram uma série de arbitrariedades, como o não reconhecimento do direito de greve aos médicos e a ausência à audiência com representantes do movimento que foram solicitar a sanção do projeto n. 1.082/1950. Não obstante, os editores relataram o uso da força militar para ocupar hospitais, ordenar prisões e ocupar as ruas com aparatos para intimidar os médicos, além de difundir calúnias para desprestigiar o movimento em relação à opinião pública.¹⁸⁹ Por fim, concluíram que, apesar das medidas repressivas, a greve foi uma conquista da união dos médicos, que tiveram apoio de outros setores profissionais de nível superior que também buscavam aumento salarial.

Ao longo das edições, a ideia de que o campo médico-científico brasileiro carecia de uma plataforma de difusão da medicina soviética e de que a revista viria preencher essa lacuna era frequentemente reiterada. No que seria a última edição (n. 20, dez. 1960), não houve nenhuma menção à finalização do projeto. No entanto, os editores rememoraram a fundação do periódico (a primeira edição saiu em setembro de 1951): “Reconhecendo essa dificuldade que se constituía numa lacuna em nosso meio médico, é que, há alguns anos atrás, um grupo de médicos fez nascer a revista *Atualidades Médicas e Biológicas*”.¹⁹⁰

Parte elementar na história intelectual, uma revista nunca é um projeto individual; ela reúne uma coletividade com interesses, valores, crenças e objetivos comuns (LUCA, 2005: 140). Para Beatriz Sarlo (1992), o surgimento de uma revista envolve um coletivo de intelectuais que decide empreender um projeto político cultural, imbuídos de uma ideia voluntarista em ocupar um vazio e uma necessidade. Considerando a história intelectual latino-americana, a decisão de um grupo ao publicar uma revista significava dizer que ela era necessária (SARLO, 1992: 9). Dito de outra maneira, o que queremos realçar é que a imagem da lacuna como justificativa para o surgimento de uma revista político-cultural na América Latina, na segunda metade do século XX, era uma tendência do gênero, isto é, fazia parte de um recurso discursivo de legitimação das revistas culturais da época.

188 Editorial: Lutam os médicos por melhores condições de vida. *Atualidades Médicas e Biológicas* n. 7, agosto-setembro, 1953.

189 Editorial. *Atualidades Médicas e Biológicas* n. 11, janeiro-fevereiro, 1955.

190 Editorial. *Atualidades Médicas e Biológicas* n. 20, dezembro, 1960, p. 4.

Ainda que possam ser retomadas por pesquisas de historiadores anos depois de serem publicadas, as revistas não são pensadas visando ao reconhecimento futuro; ao contrário, aspiram a uma presença na atualidade (SARLO, 1992: 9). Isso não tem nada a ver com a qualificação do texto veiculado em uma revista (que pode vir, sim, a obter reconhecimento público futuramente), mas “à forma revista como prática de produção e circulação” (SARLO, 1992: 9). Portanto, a revista é um importante instrumento para o conhecimento do presente de um determinado passado. Segundo Sarlo (1992: 10), as revistas servem como “testemunhos perfeitos para a periodização”. Seu formato “rende um tributo ao momento presente justamente porque sua vontade é intervir para modificá-lo” (SARLO, 1992: 10). Por isso, Sarlo faz uma advertência metodológica. É preciso se precaver de interpretações anacrônicas ante o sumário de uma revista, evitando-se tratar seus textos individualmente sem articulação com a problemática conjuntural que definiu a escolha de publicá-los naquele momento (SARLO, 1992: 10-11).

Desse modo, a *AMB* supriria a lacuna no meio dos periódicos médicos de uma revista de divulgação da medicina soviética no Brasil, “uma publicação de orientação nova”.¹⁹¹ Esse projeto foi desempenhado por médicos comunistas, e as cartas editoriais, em vez de apresentar os artigos e os autores daquela edição, podem ser lidas como fontes biográficas e autorreferenciais; serviram de espaço privilegiado para que os editores se comunicassem com seus leitores, apresentando suas principais agendas, seus enfrentamentos e posicionamentos.

3.5. Ainda sobre as cartas editoriais: uma revista, uma teoria científica, um pensador, um sistema político-ideológico e algumas aplicações

Nesta seção, veremos como as cartas editoriais revelaram aos leitores aspectos do projeto intelectual dos médicos Alcedo Coutinho e seus colegas. É interessante percebermos como a difusão de uma determinada teoria médica, cujo patrono é o fisiologista russo Ivan Pavlov, morto em 1936, foi associada na década de 1950 a um sistema político-ideológico em contraposição ao capitalismo. Em um trecho extraído do editorial n. 16 (novembro de 1957) e transcrito a seguir, fica evidente que se tratou de relacionar a referida teoria científica ao sistema socialista. A centralidade da Teoria da Atividade Nervosa Superior (ANS) na medicina

¹⁹¹ Editorial. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 16, novembro 1957, p. 3.

soviética desenvolvida por Pavlov serviu como embasamento teórico de muitas das práticas médicas de aplicação em diferentes especialidades.

Desejamos recordar que é à luz da teoria pavloviana da Atividade Nervosa Superior que, no mundo socialista, se vai processando a laboriosa e segura revisão das ciências médicas, sob orientação filosófica unívoca e com novos métodos de pesquisa. Isso nos obriga a mais rigorosa seleção das publicações que forem surgindo, de modo a podermos transmitir a nossos leitores as aquisições mais significativas dessa grandiosa obra de regeneração da medicina e da biologia, nos seus aspectos teóricos e práticos.

O nosso propósito essencial é concorrer para uma real atualização do pensamento médico brasileiro, já em grande parte familiarizado com os novos rumos doutrinários, experimentais e práticos da medicina nos países socialistas. Novas doutrinas se acham incorporadas à atividade profissional cotidiana, *como o parto sem dor psico-profilático, a hipnoterapia, a tissuloterapia, a ampliação e a sistematização do emprego dos bloqueios novacaínicos*, inspirados nas descobertas dos sábios soviéticos (grifos nossos).¹⁹²

A medicina soviética foi representada como sendo um pensamento novo, unívoco e ligando teoria à prática por meio de técnicas que já vinham sendo aplicadas à atividade profissional de médicos brasileiros, segundo a narrativa editorial. Essas práticas foram divulgadas na imprensa, de modo geral, como parte das reportagens e entrevistas, e na *AMB*, na forma de artigos científicos. Como o socialismo fez com a Rússia, dando oportunidade de um “mundo novo” no início do século XX, essa teoria inauguraria uma nova fase de desenvolvimento nas ciências médicas. As técnicas relacionadas foram aquelas também destacadas em outros meios impressos: parto sem dor, a tissuloterapia usada no tratamento da asma por Milton Lobato, a utilização de hipnoterapia e o uso de novacaínicos, mais conhecido por terapia do sono. Não é que os artigos publicados na *AMB* apenas tratassem dessas práticas, mas vale sublinhar que elas foram destacadas. De maneira geral, essas práticas eram relatadas em reportagens e entrevistas dos torna-viagens da URSS como uma espécie de “vitrine” da medicina soviética.

Essa relação de práticas médicas surge de maneira objetiva no editorial n. 20, mas ao longo dos anos de circulação da revista, não apenas autores estrangeiros como também brasileiros publicaram artigos relatando suas experiências com algumas delas – como exemplo, “A fenomenologia hipnótica à luz da reflexologia”, dos doutores David Akstein (Sociedade Brasileira de Hipnose Médica) e José de Paiva Carneiro, ambos ligados ao hospital de

192 Editorial. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 16, novembro 1957, p. 3 e 4.

servidores da prefeitura.¹⁹³ E também “Considerações sobre os progressos da assistência aos psicopatas”, na *AMB* n. 20, escrito por Washington Loyello.

Mais de uma vez os editores destacaram que a revista havia surgido para preencher uma lacuna no mercado editorial. Na carta editorial n. 20 (dez. 1960), por exemplo, lançou-se mão de uma metáfora para denominar o percurso desde o lançamento da *AMB*, em 1951, até aquele momento. Numa avaliação retrospectiva, os editores consideraram que “a *Atualidades Médicas e Biológicas* serviu de fermento para que os ‘poucos’ se transformassem em ‘alguns’”.¹⁹⁴ A escolha pelo jogo gradativo dos pronomes “poucos” e “alguns”, em referência ao crescimento dos leitores, sugere que os médicos editores tinham consciência de que o conhecimento pelo qual se empenhavam em divulgar era minoritário entre seu público-alvo (praticantes, pesquisadores e professores da medicina e de outras ciências da vida). Nesse editorial, eles avaliaram:

Podemos afirmar que apesar das dificuldades e insuficiências a revista vem cumprindo suas finalidades pois tem servido como estímulo e instrumento para o melhor conhecimento da teoria de Pavlov e dos avanços científicos dos países socialistas.¹⁹⁵

Tradicionalmente, a medicina e a saúde pública no Brasil foram influenciadas e mantiveram laços de cooperação com instituições francesas, alemãs e norte-americanas – estas últimas se tornaram cada vez mais desenvolvidas principalmente com a Segunda Guerra Mundial (CUETO; PALMER, 2016; CAMPOS, 2006). Na perspectiva do editorial, foi graças à produção da revista que os “poucos” interessados na medicina soviética se tornaram “alguns”. A revista *AMB* foi considerada o “fermento” da introdução das teses de Pavlov e de práticas desenvolvidas na URSS entre médicos brasileiros. Essa analogia ao fermento, aquilo que na culinária é usado para fazer a massa crescer, pode ser vista como a maneira como os editores gostariam que o empreendimento editorial fosse visto.

Nessa mesma carta, os editores enalteceram o surgimento da Sociedade Pavlov de Reflexologia.¹⁹⁶ A *AMB* foi considerada o órgão oficial da novata sociedade, porém a edição n. 20 veio a ser a última.

193 Editorial. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 16, novembro 1957, p. 27.

194 Editorial. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 20, dezembro 1960, p. 4.

195 Editorial. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 20, dezembro 1960, p. 4.

196 No jornal *Última Hora* de 27/8/1959, p. 3, há uma nota intitulada “Espírito associativo” listando as novas associações que haviam se inaugurado no Rio de Janeiro, entre elas a “Sociedade Pavlov de Reflexologia”. Eventualmente, localizamos a terminologia de “Sociedade Pavlov de Fisiologia e Medicina” nos jornais do período.

A *Atualidades Médico e Biológicas* serviu de fermento para que “poucos” se transformassem em “alguns”.

E já agora, para conjugar esforços e prosseguir a tarefa iniciada pela revista fundou-se a Sociedade Pavlov de Reflexologia.

A Sociedade Pavlov de Reflexologia representa uma nova etapa no sentido de promover a divulgação e o interesse pela medicina córtico-visceral em nosso meio.

A *Atualidades Médico e Biológicas* que foi o germe da Sociedade Pavlov de Reflexologia, passa de hoje em diante a ser o seu órgão oficial.

Nesta oportunidade congratula-se com o meio médico brasileiro, pelo início dessa auspiciosa etapa que transformará os “alguns” em “muitos” pois virá, certamente, aumentar o interesse pelo uso das bases científicas, teóricas e metodológicas da Medicina Córtico-Visceral.¹⁹⁷

A medicina córtico-visceral é outra terminologia que representa a abordagem das teses pavlovianas na prática médica, e seu postulado teórico se reunia na doutrina da Atividade Nervosa Superior (ANS). Era vista como uma fase no processo de evolução do desenvolvimento da medicina na história. Segundo a carta editorial da edição n. 20, a patologia clássica teve uma contribuição fundamental na maneira de se entender a relação entre doença e organismo e se desenvolveu com base nos estudos patológicos na tradição de Giovanni Morgani (dos aparelhos) no século XVII, passando pela patologia dos tecidos do francês Bichat, até a patologia das células do alemão Rudolf Virchow.¹⁹⁸ O artigo de Victor Lafitte (médico francês ligado ao PCF) também se desenvolveu em uma perspectiva histórica e evolucionista na medida em que apresenta as fases que antecederam a “Fisiopatologia córtico-visceral”.¹⁹⁹

Apesar de as contribuições da patologia clássica serem fundamentais para a definição da doença, alguns “sintomas, síndromes e estados patológicos” não se encaixavam nos paradigmas da patologia clássica e acabavam sendo nomeados como “designações genéricas de ‘funcionais’, psicogênicos, ‘essenciais’”.²⁰⁰ A patologia clássica, com sua concepção de organismo, não era suficiente para o tratamento de toda manifestação de doença. Era preciso compreender o “homem doente em sua totalidade”, e não apenas seus órgãos ou aparelhos.

A doença se apresenta aos cientistas, cada vez com maior nitidez, como um fenômeno que evolui no espaço e no tempo e cuja complexidade não pode ser compreendida pela simples soma de divisões e subdivisões sucessivas da unidade do organismo.

197 Editorial. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 20, dezembro 1960, p. 5.

198 Editorial. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 20, dezembro 1960), p. 3. Lafitte, Victor. A fisiopatologia córtico visceral. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952), p. 10-11.

199 Lafitte, Victor. A fisiopatologia córtico visceral. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952, p. 8-35.

200 Editorial. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 20, dezembro 1960, p. 3.

A patologia teve que levar em conta que além da realidade da doença existe outra realidade a do “homem-doente”, isto é, a realidade da pessoa humana determinada por condições específicas de vida. Essa tomada de consciência da medicina, deu nascimento à exigência de uma concepção sintética da patologia.²⁰¹

Segundo os editores, haveria uma divergência científica quanto ao método para se alcançar a tal patologia sintética ou a relação com o meio. O fio condutor capaz de alinhar as dezenas de artigos científicos das diversas áreas da medicina que foram publicados tem a ver com a maneira de abordar o tripé formado pela relação entre o doente, o meio ambiente e a doença. Essa perspectiva podia interessar aos médicos e a outros profissionais das ciências da vida, como biólogos ou dentistas. Os editores defenderam a medicina córtico-visceral baseada nos fundamentos de Pavlov, colocando-a em contraposição à abordagem psicossomática, que se inspirava em bases da psicanálise conforme explicitaram na seguinte passagem:

As divergências são, entretanto, evidentes quanto aos métodos para atingir essa concepção sintética do organismo humano em suas relações com o mundo exterior.

Duas concepções gerais se opõem e disputam a primazia [*sic*] na explicação dos fenômenos da patologia médica: a) a Medicina Psico-Somática de inspiração psicanalítica; b) a Medicina Córtico Visceral, baseada na atividade nervosa superior.

A medicina psico-somática apesar de reconhecer no sistema nervoso a base material da unidade do organismo, reduz finalmente ao subjetivismo, através o (*sic*) conceito de “personalidade”, toda a complexa atividade reguladora das diversas funções do sistema nervoso. Poderemos dizer em resumo que a medicina psico-somática utiliza um método puramente subjetivo.

A medicina córtico-visceral apoiada na Teoria da Atividade Nervosa Superior de Pavlov, considera a unidade “organismo-meio exterior” como realizada através [d]a parte superior do sistema nervoso e utiliza o método objetivo experimental para estabelecer sua concepção.

A medicina psico-somática tem seus maiores representantes nos meios médicos dos U.S.A. e a medicina córtico-visceral tem como pesquisadores e continuadores da obra de Pavlov localizados principalmente na U.R.S.S. e nos países de Democracia Popular.

Por razões de ordem geográficas, econômicas e políticas os meios brasileiros têm muito mais facilidade de familiarização com os conceitos emitidos pela medicina chamada psico-somática. Ao mesmo tempo, tem grandes dificuldades de atingirem as fontes de informações sobre a medicina córtico-visceral.²⁰²

Recuperar o discurso narrativo dos editores voltado para seus colegas médicos e que, segundo eles próprios, alcançou um movimento ascendente entre poucos, alguns e muitos

201 Editorial. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 20, dezembro 1960, p. 3.

202 Editorial. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 20, dezembro 1960, p. 4.

leitores, é um de nossos objetivos. Qual programa era divulgado no conteúdo da revista? É possível generalizar uma mensagem central aos leitores?

Ainda assim, pouco sabemos dos leitores de *Atualidades Médicas e Biológicas* e das formas de sua circulação.²⁰³

Novamente, assim como no caso dos relatos de viagens publicados na forma de livros, notícias ou entrevistas veiculadas em jornais, não é o caso de menosprezar as informações divulgadas na revista *Atualidades Médicas e Biológicas* em razão de considerá-la um instrumento da propaganda do regime comunista. Cabe questionar quais eram tais informações que defendiam o conhecimento praticado na União Soviética e como foram propagandeadas.

203 É possível que as revistas pudessem ser encontradas em bibliotecas como a Biblioteca Nacional (acervo consultado para esta pesquisa) ou acadêmicas, pois fazem parte de seus acervos. No Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (CCN/IBICT), constatamos as seguintes instituições como contendo exemplares de *Atualidades Médicas e Biológicas*: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA/CDI); Instituto Vital Brazil e Faculdades de Medicina da Universidade Federal da Bahia, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade Federal de São Paulo. Disponível em: <http://ccn.ibict.br/busca.jsf> Acesso em maio de 2020. Nas páginas da revista *Atualidades Médicas e Biológicas*, não há indicação da tiragem das edições.

Capítulo 4 – Das novidades da medicina soviética e dos interesses da medicina nacional: a revista *Atualidades Médicas e Biológicas* por dentro

Neste capítulo, analisamos a revista *AMB* como fonte e objeto de nossa pesquisa com base em seus artigos, seções de resumos, notícias e notas, apresentando os principais conteúdos contemplados em suas páginas. Abordamos a revista “por dentro”, expressão que compõe o título do capítulo e complementa o capítulo 3, no qual tratamos das condições de produção e da representação da revista pelas narrativas autobiográficas das próprias cartas editoriais e da memória de um dos membros da revista. Como vimos, a *AMB* objetivava aumentar o espaço para “divulgar, popularizar as realizações científicas da União Soviética”,²⁰⁴ especificamente informando o que havia de mais inovador em medicina e ciências da vida soviética para os médicos brasileiros. Aqui tratamos do que exatamente os editores da *AMB* ofertaram para seu público. Se eram inovadores como seus editores anunciavam nos editoriais, o que precisamente era moderno ante as práticas médicas daquela época? Quem foram os autores que escreveram esses artigos? Podemos reconhecer um fio condutor entre eles ou não? Se a revista *AMB* pode ser vista como a expressão material desse projeto de divulgação da medicina soviética a médicos brasileiros, esses questionamentos podem nos informar sobre o que foi esse projeto e como se acomodou nas condições locais do contexto brasileiro.

Como elemento de pesquisa histórica, a *AMB* foi pouco utilizada como bibliografia, e conforme constatamos na fase de levantamento da pesquisa, não foi analisada como um produto editorial.

Editada pelo médico Alcedo Coutinho (1906-1992), pernambucano radicado no Rio de Janeiro, a revista tinha a proposta de se especializar na divulgação da medicina soviética para médicos brasileiros, mas sem se restringir exclusivamente a essa temática. Houve dois grupos de colegas que o auxiliaram durante o período em que as vinte edições (sendo que as edições 18 e 19 não foram localizadas) da revista foram lançadas, entre os anos de 1951 e 1960. Apenas a partir da edição n. 13 (maio-abril de 1956) o expediente estampado na contracapa das edições da *AMB* passou a indicar outros nomes de membros da redação da revista: Washington Loyello (1928-2002) como gerente e Carlos Cesar Castellar (1929-2006) como redator. Na edição n. 15 (junho de 1957), os dois últimos nomes foram substituídos por Irun Sant’Anna (1916-2013) (gerente) e Milton Lobato (1914-2004) (redator).

204 Apresentação. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 1, setembro-outubro 1951, p. 3.

É possível que houvesse uma equipe na redação da *AMB* antes mesmo da indicação no quadro de expediente da *AMB* n. 13. É plausível inferir que Alcedo Coutinho contasse com o apoio de outros médicos, além daqueles identificados na contracapa da revista a partir da *AMB* n. 14, desde o início da primeira edição. Afinal, a produção de uma revista é essencialmente uma prática coletiva. Entretanto, por se tratar de um impresso da cultura política comunista, não podemos traçar equivalências com uma revista de circulação no mercado editorial comum (SECCO, 2017: 25), sendo possível que os nomes dos outros membros da equipe tenham sido omitidos. Vimos no capítulo 3 como a produção da *AMB* envolveu pessoas que não constaram como expediente da redação.

Os assuntos tratados na revista eram diversos quanto aos temas e motivações de produção dos textos. Ao consultarmos brevemente os sumários das 18 edições publicadas (do n. 1 ao n. 20, com ausência dos n. 18 e 19), observamos que os artigos variavam entre muitas matérias relacionadas a medicina e ciências da vida: técnicas de cirurgia pulmonar, combate à tuberculose na Rússia, procedimento inovador para partos, doença hipertensiva, soro para difteria, enurese noturna, enxerto de tecidos, anestesia, teoria dos reflexos condicionados aplicada à odontologia, fisiologia da infecção tetânica, saúde mental, teoria da hereditariedade genética, biologia celular, endocrinologia, entre outras. O objetivo dos textos também variava. Havia notas biográficas de cientistas, resoluções de conferências médicas, narrativas de viagem à URSS, divulgação de cursos, notícias de eventos e resumos de artigos médicos, inclusive de revistas médicas chinesas.²⁰⁵ Alguns dos artigos resultaram de conferências, de relatos de viagem à URSS e à China ou de aulas do curso de Pavlov que haviam sido veiculadas na imprensa francesa.²⁰⁶

Essa miscelânea de conhecimentos a respeito de especialidades médicas distintas apresentava uma raiz epistemológica comum: os estudos de Ivan Pavlov (1849-1936), quem se tornou a autoridade científica central para o embasamento da medicina soviética. No início da década de 1950, houve um investimento do governo soviético em difundir e sistematizar o conhecimento de suas teses entre fisiologistas russos e de outros países por meio da organização de um evento que ficou conhecido por Semana Pavloviana. Esta semana foi um evento organizado conjuntamente pela Academia de Ciências e Academia de Ciências Médicas

205 Resumos de revistas médicas chinesas foram traduzidos da *Chinese Medical Journal*, e os resumos de revistas médicas soviéticas foram traduzidos do *Cahiers de Medicine Soviétique. Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 17, janeiro-abril, 1958, p. 100-126.

206 As evidências de cursos sobre Pavlov para médicos brasileiros veiculadas nas páginas da *AMB* se restringiram à divulgação do curso em termos de programação com título das aulas e nome dos professores.

Soviéticas em junho e julho de 1950, que teve a participação de centenas de fisiologistas da URSS e recebeu cobertura abundante no *Pravda* (diário estatal russo mais importante). Ela seguiu os moldes da conferência da Academia Agrícola Soviética de 1948, que consagrou as teses de Mitchurin e Lyssenko (POLLOCK, 2006) e esteve em consonância com o programa de Zhadnov para ciência soviética – isto é: reiterava a polarização entre dois campos por meio de classificações como ciência burguesa x proletária, capitalista x socialista, pseudociência x verdadeira ciência (KREMENTSOV, 1997).

Representante da perspectiva materialista na ciência e na fisiologia, o primado da teoria de Pavlov serviu não só à medicina, mas também à narrativa oficial de construção de um novo homem soviético (POLLOCK, 2009: 137; GARCÍA, 2016). A relação de Pavlov com o regime soviético não foi exatamente de apoio, nem de oposição. Foram 15 anos²⁰⁷ de negociações, acomodações, batalhas e cooperação com os bolcheviques (TODES, 2014: 4, 724-726). Ele se mostrou um modelo estável de herói científico (POLLOCK, 2006: 136).

Pavlov não foi original em suas pressuposições, mas sua habilidade com as práticas experimentais com animais o levou a formulações das relações materialistas no organismo, assim como a “explanções da atividade física do homem a partir de uma fundamentação fisiológica” (GRAHAM, 1987: 158), representando uma oposição às teses idealistas. Para Pavlov, além da abordagem materialista (que significava entre outras coisas o rechaço a interpretações subjetivas na psicologia, por exemplo), a fisiologia deveria ser aplicável à medicina (POLLOCK, 2006: 137).

Vimos no capítulo anterior que a revista *AMB* foi resultado de um projeto político de divulgação científica com dimensões transnacionais, que contava com a participação de outras revistas para divulgar a medicina soviética. Muitos dos seus artigos foram traduzidos do russo, do francês e, em menor extensão, do inglês. Outros tantos possuíam autoria brasileira. Os editores incentivavam os leitores a enviarem textos sobre seus estudos. Autores brasileiros eram minoria, mas as edições da *AMB* n. 15 (jun. 1957), *AMB* n. 16 (nov. 1957) e *AMB* n. 17 (jan. 1958) apresentaram significativa variedade de artigos escritos por médicos nacionais. Alguns deles são fruto de comunicações apresentadas em congressos médicos. Além dos artigos, a *AMB* se tornou uma plataforma para divulgação de Pavlov para os médicos brasileiros, na medida em que ampliou o alcance do conhecimento ministrado em cursos ou resultados de relatos de viagens. Expressão do pavlovismo no Brasil, a revista *AMB*, por meio de seus editores, buscou

207 Desde 1921, fim da Primeira Guerra e data de decreto de Lenin garantindo todo o apoio necessário à manutenção dos trabalhos no laboratório de Pavlov, até 1936, ano de sua morte.

se afastar da ideia de ser um elemento da propaganda comunista, ancorando-se no discurso científico e sua suposta neutralidade.

Alguns desses artigos escritos por médicos brasileiros consistiam em relatos de vivências na URSS. O psiquiatra João Beline Burza (1918-1989)²⁰⁸ escreveu sobre “O problema do parto sem dor na URSS”. Nesse texto, ele relatou seu encontro com um dos criadores do método psicofilático do parto (denominação técnica do “parto sem dor”), professor I. V. Velvovski, em seu instituto (Clínica Central de Ginecologia e Obstetrícia) sediado em Kiev, Ucrânia. Dentre esses artigos, que nós podemos caracterizá-los como uma forma de narrativa de viagem, há alguns assinados por médicos brasileiros que estiveram na União Soviética como parte da delegação brasileira em 1953 (junto com Milton Lobato, Reinaldo Machado e Raul Ribeiro da Silva) e não publicaram livro de viagem algum. Foi o caso do médico Mario Coutinho,²⁰⁹ autor do artigo “O pronto socorro de Moscou” na edição n. 7 (ago.-set. 1953), e de José Brigagão, que registrou suas impressões sobre “A vida do médico na União Soviética” na edição seguinte (*AMB* n. 8, jan.-fev. 1954). Ambos foram escritos com a memória de lembranças “frescas”, já que a viagem fora realizada apenas meses antes, em junho daquele ano de 1953.

A controvérsia científica acerca da hereditariedade genética foi um dos capítulos mais dramáticos da ciência soviética e da história das ciências, pela perseguição aos mendelistas da URSS a partir de 1948, após a Conferência Agrícola desse ano (KREMENTSOV, 1997; POLLOCK, 2006). Sobre esse assunto, a revista apresentou uma série de três artigos sobre “As novas concepções da hereditariedade” do médico brasileiro Plínio Ribeiro Cardoso em defesa da genética de “Mitchurin-Lissenko” em contraposição à genética de “Morgan-Mendel” (*AMB* n. 7 a n. 9). Esta última negava terminantemente a implicação do meio ambiente na transmissão dos genes à prole. Esse panorama retrata a diversidade dos assuntos tratados.

Em geral, três conjuntos temáticos podem ser identificados e definem o perfil da *AMB*.

1) Artigos que apresentaram o modelo socialista na medicina e saúde pública como mais vantajoso, superior e eficiente em relação ao modelo de saúde pública capitalista. Escritos por médicos, muitos desses artigos se constituem como narrativa de viagem, contando

208MAST. Portal Ciência na Ditadura. Verbete Cientista João Beline Burza. Disponível em: http://site.mast.br/ciencia_na_ditadura/joao_burza.html Acesso em fevereiro de 2022.

209 Cabe a observação de que o nome de Mario Coutinho não consta na relação de médicos participantes da delegação brasileira na URSS apresentada no livro de viagem escritos por Milton Lobato e Reinaldo Machado (discutido no capítulo 2 desta tese).

a perspectiva de médicos estrangeiros ocidentais do que experienciaram na União Soviética. Essa discussão complementa o capítulo 2 e reitera a importância das viagens como produto de divulgação da cultura soviética e da sua medicina. De modo geral, esses textos exploram a representação da medicina soviética como um modelo mais adequado, mais moderno, mais eficaz e mais coletivo de saúde pública em comparação com o modelo capitalista.

2) *Artigos que majoritariamente apresentaram a teoria da fisiopatologia de Pavlov em seu conteúdo.* Esses artigos científicos têm o caráter de reforçar a centralidade da autoridade científica de Pavlov como objetivo principal, divulgando seus princípios e conceituações, se referenciando a seus escritos ou aos de seus discípulos, ou ainda explicitando os argumentos apenas com debate teórico ou apresentação de dados de relatos. Sugerimos que essa seção seja lida como um elo entre as outras, já que a fisiologia de Ivan Pavlov é estruturante da medicina soviética. Nas edições da *AMB*, encontramos uma variedade de artigos em defesa da abordagem da teoria da atividade nervosa superior (ANS) na medicina. Há dois elementos-chave que definem a ANS: segundo seus preceitos, o córtex cerebral é o centro responsável pela regulação de todo o organismo; outra característica dessa epistemologia é a consideração do meio ambiente no processo saúde-doença do indivíduo. Em resumo, a teoria da ANS considera que as partes do organismo estão integradas em uma unidade, que por sua vez está em constante relação com o meio ambiente.

3) *Artigos tratando da aplicabilidade dos postulados de Pavlov em diferentes especialidades da medicina.* Esses artigos narram técnicas e práticas influenciadas pela doutrina de Pavlov. Em geral, são relatos de casos sobre a experiência de seus autores médicos. Para legitimar a apresentação dos dados de pesquisa, buscaram articular a teoria pavloviana e a prática clínica. Com esse referencial, cientistas e médicos russos desenvolveram uma diversidade de técnicas de tratamento ou intervenções experimentais. Dentre as técnicas difundidas no Ocidente no período pós-Segunda Guerra Mundial, tem destaque a do “parto sem dor”, que prometia uma revolução na obstetrícia ao substituir anestésicos por uma preparação pregressa ao parto com informações, exercícios, respiração. Nesse sentido, também sobressaiu a técnica da terapia do sono, que induzia o paciente ao sono mediante a adoção de fármacos como tratamento de algumas patologias mentais e daquelas consideradas psicossomáticas, como é o caso da hipertensão. Outra técnica com significativa repercussão no Ocidente foi a

terapia tissular ou método Filatov, também contemplada em alguns artigos publicados pela *AMB*.

O campo das doenças mentais foi debatido em alguns artigos veiculados na *AMB*. E não apenas porque a psiquiatria foi um campo que congregou muitos médicos comunistas conforme demonstrou García (2016) em seu estudo que analisou a influência partidária do Partido Comunista Argentino entre intelectuais atuantes na psiquiatria, na psicologia e na educação. As doenças mentais receberam uma atenção especial de Pavlov, que dedicou os anos finais de sua carreira, a partir de 1930, trabalhando num hospital psiquiátrico e dedicando suas quartas-feiras (seminário tradicional com encontros semanais entre Pavlov e seus colegas), a discutir resultados de estudos sobre o sistema nervoso superior (TODES, 2014: 631-632).

A psicanálise era rechaçada na tradição soviética por ser identificada como uma prática da abordagem idealista, subjetiva, individual e – não menos importante – associada como sendo norte-americana. A *AMB* reproduziu artigos como “O fim da psicanálise”, por George Politzer, com o pseudônimo de Th. W. Morris (*AMB* n. 3, jan.-abr. 1952), e “Materialismo e Psicanálise” (*AMB* n. 11, jan.-fev. 1955), de Milton Howard, que buscavam responder às “escolas freudianas e pós-freudianas” na perspectiva do materialismo. Essa abordagem chamava a atenção para os problemas sociais na configuração de doenças psíquicas. Uma edição da *AMB* de 1954 replicou o decreto de 30 de novembro de 1950, que proibia a aplicação da lobotomia como intervenção em assistência neuropsiquiátrica na União Soviética (*AMB* n. 8, jan.-fev. 1954). Esse seria um marco para a área da saúde mental de que haveria alternativas à prática considerada invasiva e polêmica até mesmo entre os pares. No Brasil, há evidências de que psicocirurgias, como a leucotomia, foram realizadas até 1951 pelo menos no Hospital do Juquery (TOLEDO, 2015).

Recorrentemente, os autores dos artigos demonstravam conhecimento teórico como forma de embasar o relato de um estudo prático ou uma compilação de estudos sobre um determinado assunto (o método psicoprofilático do parto, por exemplo). Assim, um artigo poderia começar tratando da teoria e terminar discorrendo sobre um estudo clínico específico. Ou seja, esses conjuntos não são excludentes. Eles organizam a importância de Pavlov na medicina soviética, e como na década de 1950, essa associação se tornou imperativa.

4.1. A centralidade da autoridade científica central de Pavlov na medicina soviética

O modelo de medicina na sociedade socialista vivida na União Soviética tinha como referência científica a figura de Ivan Pavlov (1849-1936). Sua trajetória foi apresentada aos leitores da revista *AMB* por meio da tradução de um texto de E. A. Arastian, membro da Academia de Ciências da URSS e um dos alunos de Pavlov.

Pavlov nasceu em 1849, na Rússia czarista, na cidade de Riazan, em uma família de sacerdote, recebendo formação em um seminário local. Em 1870, foi cursar história natural na faculdade de física e matemática e optou pela disciplina fisiologia animal e química. Ingressou no 3º ano da Academia de Medicina e Cirurgia, em 1875, para disputar vaga na cadeira de fisiologia, o que exigia o título de doutor em medicina (PAVLOV, 1962: 14). Entre 1876 e 1978, trabalhou no Instituto Veterinário, prosseguindo com seus estudos na Academia Médico Cirúrgica.²¹⁰ Foi assistente de vários professores e passou períodos no exterior, se aprimorando na fisiologia e na técnica do laboratório até que passou a ocupar uma cátedra. Com 41 anos, tornou-se catedrático de farmacologia (em 1890), e cinco anos depois, de fisiologia, na Academia de Medicina Militar. Foi diretor da seção de fisiologia do Instituto de Fisiologia Experimental – “função que exerceu até seus últimos dias, empenhado nas pesquisas de fisiologia do sistema nervoso, que lhe valeram notoriedade mundial”.²¹¹ Em 1897, Pavlov tornou-se membro efetivo da Academia de Ciências Médicas da Rússia. No entanto, as condições de pesquisa ainda seriam deficitárias em termos de financiamento: “principalmente porque lhe faltavam colaboradores, alguns dos quais eram pagos por ele mesmo”.²¹² Após o processo da Revolução de 1917, Lênin destinou investimentos em equipamentos e pessoal para o laboratório experimental de Pavlov, cujos resultados foram percebidos na realização do XV Congresso Internacional de Fisiologia em Leningrado, em 1935²¹³. Era ativo em sua rotina de experimentos quando morreu no ano seguinte, com 86 anos, atingido por uma afecção pulmonar.

Segundo E. A. Arastian (1951), foram três as áreas da fisiologia que mais receberam avanços do cientista: a fisiologia da circulação, da digestão e da atividade nervosa superior.²¹⁴

210 Arastian, E. A. I. P. Pavlov, homem de ciência. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 2, novembro-dezembro 1951, p. 5.

211 Arastian, E. A. I. P. Pavlov, homem de ciência. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 2, novembro-dezembro 1951, p. 6.

212 Arastian, E. A. I. P. Pavlov, homem de ciência. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 2, novembro-dezembro 1951, p. 6.

213 Arastian, E. A. I. P. Pavlov, homem de ciência. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 2, novembro-dezembro 1951, p. 7.

214 Arastian, E. A. I. P. Pavlov, homem de ciência. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 2, novembro-dezembro 1951, p. 7.

Além desse artigo de Arastian, “I. P. Pavlov, homem de ciência”, publicado na revista, os dados biográficos citados foram extraídos de um excerto autobiográfico do próprio cientista, encontrado em um livro de edição brasileira.²¹⁵ Trata-se do livro intitulado *I. P. Pavlov: obras escolhidas*, lançado em 1962 pela editora Fulgor,²¹⁶ de São Paulo. Tal obra inaugurou o lançamento da Coleção Iniciação à Ciência,²¹⁷ constituindo seu primeiro volume. Esse compêndio havia sido traduzido da publicação de igual título das “Edições em Línguas Estrangeiras, Moscou”. A “Edições em Línguas Estrangeiras”, com sede em Moscou, tinha como missão publicar livros para o Ocidente. Possivelmente essa obra havia sido traduzida da sua versão em espanhol (Ediciones Lenguas Extranjeras). As editoras ligadas ao PCB, além de editarem obras, funcionavam como distribuidoras de livros produzidos em Moscou por editoras especializadas em publicações em línguas estrangeiras, que circulavam em países da América Latina (principalmente Argentina, Chile, México, Bolívia): Ediciones en Lenguas Extranjeras, Nóvosti e Progreso (PEREIRA, 2010: 102, 134; MAUÉS, 2013: 126).

O prefácio desse livro, um compêndio com seleções de textos “tradicionais da obra de I. P. Pavlov” (BURZA, 1962: 12), foi escrito pelo médico João Belline Burza (1918-1989), em novembro de 1962. Burza foi médico psiquiatra e neurologista, professor na Faculdade de Medicina de São Paulo, um dos maiores divulgadores de Pavlov e suas aplicações na medicina para médicos brasileiros, tendo publicado diversos artigos na *AMB*. O trunfo maior da identidade de Burza atrelada a práticas de divulgação era o fato de que ele havia estudado na Academia de Ciências da Rússia, no Instituto de Fisiologia Experimental, onde estagiou com o acadêmico P. K. Anokhin (Pyotr Kuzmich Anokhin) (1898-1974), que foi um dos discípulos de Pavlov e conhecido como fundador da teoria dos sistemas funcionais.

Entre 1958 e 1964, João Belline Burza trabalhou com Anokhin no Instituto de Fisiologia de Stchenov (contracapa do livro *Cérebro, neurônio e sinapse*). Também foi diretor do Instituto Pavlov de São Paulo e membro do Instituto Brasil-URSS. Com a perseguição dos militares, após o Golpe de 1964, Burza foi preso por seis meses e voltou para a Rússia. Esteve em exílio até 1974, quando retornou ao Brasil e foi preso quando desembarcava no aeroporto de Viracopos (Campinas, SP). No prefácio desse livro, *I. P. Pavlov: obras escolhidas*, Burza apresentou Pavlov por meio de sua obra, ligada à tradição materialista entre representantes das

215 A data do texto não pôde ser precisada, segundo a nota da edição original, replicada no livro de edição brasileira.

216 A editora Fulgor foi identificada como parte das editoras paulistanas de esquerda por Edgard Carone (1986: 238-239).

217 Coleção dirigida por José Severo de Camargo Pereira, da Universidade de São Paulo.

ciências naturais do século XIX (BURZA, 1962: 9). Também enumerou os maiores nomes no campo da fisiologia da época,²¹⁸ assim como destacou as influências europeias da formação de Pavlov (René Descartes, Claude Bernard e Charles Darwin).

Consideramos interessante mencionar aqui também o já referido documento da polícia política no capítulo 2. Relembramos o fato de que os nomes Arastian e Anokhin estiveram na relação dos cientistas russos indicados em relatório secreto do agente policial como estando entre os cientistas russos em passagem pelo Rio de Janeiro e São Paulo e acompanhados por médicos brasileiros, após participação do Congresso Internacional de Fisiologia de 1959, em Buenos Aires –²¹⁹ o que evidenciou que parte desse projeto dos médicos comunistas brasileiros estava rendendo frutos. Pelo menos o desejo declarado por Milton Lobato sobre aproximar médicos brasileiros e soviéticos (LOBATO, 1955).

A narrativa da carreira de Pavlov, apresentada por João Beline Burza (e que pode nos sugerir a existência de uma certa tradição em contar a trajetória de Pavlov que fosse compartilhada coletivamente entre seus divulgadores), foi organizada com base em cinco marcos fundamentais. Trata-se de marcos também apresentados na biografia de Arastian, divulgada pela *AMB* n. 2 (nov.-dez. 1951). São eles:

– Em 1898, Pavlov alcançou reconhecimento científico internacional com sua teoria do reflexo condicionado;

– Em 1904, foi laureado com o Prêmio Nobel pelas suas pesquisas desenvolvidas na área da fisiologia da digestão e da fisiologia da circulação;

– Em 1921, Lenin assinou um decreto que garante todas as condições de trabalho para as pesquisas realizadas por Pavlov e seus discípulos. Segundo Burza, a obra de Pavlov servia à ciência em geral e era de interesse do novo Estado Soviético. Assim, os laboratórios de Pavlov progrediram de maneira sem precedentes (esse dado foi replicado nos relatos de viagem de Cesar e Lobato);

– Em 1935, Pavlov presidiu o Congresso Internacional de Fisiologia, realizado em Moscou e em Leningrado. Burza mencionou três delegados brasileiros que participaram do evento: Thales Martins, Paulo Eneas Galvão e Dorival Macedo Cardoso.²²⁰ A essa altura,

218 São eles: I. M. Setchnóv (1829-1905) e N. E. Vidienski (1852-1922) na fisiologia; T. Q. Botquine (1832-1889) na medicina, D. I. Mendeliev (1834-1907) na química; I. V. Mitchurin (1855-1935) na genética; Bechterev (1857-1927) na psiquiatria.

219 APERJ. Fundo Polícia Política. Preventivo 10. Dossiê 12. Congresso Internacional de Fisiologia, p. 1.

220 Quanto a esse fato, saiu no jornal *A Noite*, 15/11/1935, p. 5, a nota “Veio de Moscou”, que noticiava que Thales Martins, médico do Instituto Butantã, Osorio Cesar, Paulo Galvão e David Cardoso estavam a bordo do

Pavlov era aclamado como “o príncipe dos fisiólogos mundiais”, e a Rússia como uma referência internacional nesse campo (BURZA, 1962: 10).²²¹

– Em 1950, *post mortem*: tem-se a realização das chamadas Sessões Pavlovianas. Segue passagem do parágrafo escrito por Burza:

Em 1950, teve lugar em Moscou uma sessão conjunta da Academia de Ciências e da Academia das Ciências Médicas da URSS – o Congresso Pavlov – consagrada a comemorar o balanço crítico e autocrítico total dos trabalhos e ideias da escola pavloviana até os nossos dias. Então, se abriram novas diretrizes e amplas perspectivas para o desenvolvimento ulterior da fisiologia e da patologia da atividade nervosa superior, no terreno da teoria e da prática. Hoje, toda a fisiologia e medicina soviéticas laboram nos princípios da teoria pavloviana da atividade nervosa superior, seguindo a herança clássica do método dos reflexos condicionados e utilizando, ao mesmo tempo, todos os meios e instrumentos de investigação trazidos atualmente pela mais moderna técnica (BURZA, 1962: 10).

O que Burza não mencionou, nesse parágrafo extraído do prefácio de uma edição brasileira de obras escolhidas de Pavlov, era que essas sessões científicas sobre Pavlov em Moscou, em 1950, fizeram parte da política de Stálin para ciência.

Segundo Andrei Brushlinsky (1997), as sessões pavlovianas aconteceram em Moscou entre 28/7/1950 e 4/8/1950, por ordem de Stálin, e marcaram o início de um período de absolutismo quanto à teoria de Pavlov na URSS. Também segundo esse autor, isso era de certa maneira uma ironia, pois contrariava valores morais e pessoais de Pavlov quanto a seu posicionamento em defesa do valor à liberdade do conhecimento (BRUSHLINSKY, 1997). O encontro com diversos cientistas russos promovido pelas duas academias teve como objetivo principal “descobrir as falhas e defeitos na elaboração das ideias pavlovianas” e prevenir

Almirante Alexandrino, em direção a Santos. Voltavam de Moscou, onde representaram o Brasil no Congresso de Fisiologia.

221 Em relato pessoal de memória, “A mão invisível do comunismo”, publicado em *De Botuca*, jornal da cidade de Botucatu (SP) em 23/10/2015, escrito por Antonio Luiz Caldas Jr., médico sanitário e, na época, vice-prefeito da cidade, o autor contou que na época de estudante, como estagiário voluntário da disciplina de parasitologia, se dirigiu ao Instituto Biológico para buscar mostras, sendo recebido por uma “renomada pesquisadora”. Ele e seu colega foram presenteados com “artefatos do XV Congresso de Fisiologia presidido por Pavlov”; tratava-se de dois convites de boas-vindas escritos em russo e francês e cartões-postais com motivos da Revolução Russa que pertenciam a seu marido, já falecido. A pesquisadora disse que seu marido prezava muito por aquelas lembranças e estando com idade avançada, temia que se perdessem. Era o ano de 1972, em plena ditadura militar. A pesquisadora confiou os artefatos a estudantes de medicina, em vez de encaminhá-los para algum arquivo público, já que não tinha motivos para acreditar que os materiais seriam conservados. Segundo Caldas Jr., a pesquisadora teria dito: “Levem este material com vocês e o guardem com muito carinho. Estou ficando muito velha e temo que com minha morte tudo isso caia em mãos erradas e se perca. Vejo que vocês zelarão por esta memória...”. Disponível em: <http://debotuca.com.br/noticias/opiniao/443/a-mao-invisivel-do-comunismo> Acesso em dezembro de 2022.

variações destoantes, assim como “reformular um programa para desenvolver esse campo” (BRUSHLINSKY, 1997: 102).

O editor da revista *Soviet Studies* (1949-1992)²²² publicou o relatório “A conferência de Pavlov”, escrito por W. W. Gordon, um inglês especialista em Pavlov que, tendo participado da Semana Pavlov, foi convidado para relatar o evento em 1951: “O objetivo principal era de revisar e discutir o desenvolvimento da fisiologia do sistema nervoso como elaborado por Pavlov e seus sucessores e promover sua aplicação às necessidades do homem” (GORDON, 1951: 34). Estiveram presentes cerca de 1.400 cientistas fisiologistas, médicos e psicólogos, biólogos e outros (GORDON, 1951: 34).²²³ Com a presença de centenas de fisiologistas russos, as conferências que ficaram conhecidas como “Sessões Pavlovianas” foram cobertas diariamente pelo *Pravda* (principal jornal diário estatal soviético) para todo o país.

Além da figura de Stálin, é sobretudo preciso salientar o papel de Yuri Zhadanov (1919-2006) nesse processo de desenvolvimento da Semana Pavlov. Ele era filho de Andrei Zhadanov (1896-1948), criador do Cominform, em 1947, e um dos maiores formuladores da política cultural stalinista durante a década de 1940, com a imposição do realismo socialista nas artes. Yuri Zhadanov se formou como químico pela Universidade de Moscou em 1941, tornou-se membro do Partido em 1944. Foi genro do líder ditador (casado em 1949 e divorciado em 1952). Ocupou o cargo de chefe da Seção Central do Comitê da Ciência do Partido (entre 1946 e 1954); “identificou a ciência de Pavlov como a única verdadeiramente soviética e com confiança reprimiu qualquer interpretação alternativa” (POLLOCK, 2006: 136).

Podemos inferir que a revista *Atualidades Médicas e Biológicas* tenha sido um produto desse evento. Entre os palestrantes que falaram nas conferências fechadas, estiveram o professor K. M. Bikov (1885-1959), com “O desenvolvimento das ideias de Pavlov (problemas e perspectivas)”, e o professor A. G. Ivanov-Smolensky, com o “O desenvolvimento das ideias de Pavlov no domínio da fisiopatologia da atividade nervosa superior”. Esta segunda conferência foi traduzida e publicada na revista *AMB* edição n. 1 (set.-out. 1951). Seu teor é de combater o que considerava os equívocos da teoria pavloviana, missão que conclama a todos os “discípulos e continuadores de Pavlov” à grande tarefa: “Prosseguir sem desfalecimento o

222 Disponível na base Jstor <https://www.jstor.org/stable/149147> Acesso em 11 de fevereiro de 2023.

223 Editor’s Note. Reports and commentaries. The Pavlov Conference. *Soviet Studies*. Vol 3. N. 1 (jul., 1951), pp. 34-59.

trabalho de seu grande mestre, por (*sic*) em prática sem vacilações as bases de seu ensinamento e antes de tudo, compreender correta e exatamente suas posições científicas”.²²⁴

Para Brushlinsky (1997: 103), as palestras de 1950 podem ser mais bem compreendidas quando se consideram as circunstâncias históricas das décadas de 1940 e 1950. A atividade nervosa superior é conhecida desde a década de 1920. Durante a década de 1940, surgiram alguns estudos experimentais que questionavam a supremacia do conceito de reflexo condicionado para explicar o comportamento humano e a sua ideia de transmissão fisiológica de heranças adquiridas (POLLOCK, 2006: 137; BRUSHLINSKY, 1997: 103). O maior representante dessa linha de contestação foi o fisiologista georgiano Ivan Solomonovich Beritashvili (conhecido por Beritov, seu nome na versão russa, tal qual é mencionado por Ivanov-Smolienski em sua conferência na Semana Pavloviana, realizada em Moscou, 28 de junho a 4 de julho de 1950). Os fisiologistas russos contrários à ideia de transmissão de heranças adquiridas foram atacados, sobretudo Beritov, Orbeli e Anokhin. Esse ponto também foi omitido pelo psiquiatra brasileiro Burza: a de que seu mestre Anokhin foi um dos alvos da Semana Pavloviana ao considerar abertamente algumas das críticas a conceitos de Pavlov (POLLOCK, 2006: 139).²²⁵

Para Brushlinsky, fisiologistas com prestígio que contribuía para o prosseguimento dos estudos de Pavlov nos anos 1940 estavam abrindo caminhos para um “arejamento” com novas ideias. De L. A. Orbeli, P. K. Anokhin, N. A. Bernstein, I. S. Beritashvili, E. A. Arastian, apenas este último se salvou dos ataques que os acusavam de oponentes da teoria de Pavlov (BRUSHLINSKY, 1997: 103). Segundo Brushlinsky (1997: 104), a maioria das determinações que considerou “tabus ideológicos” definidas pelas sessões pavlovianas de 1950 foi cancelada na Conferência Soviética sobre Fisiologia da Atividade Nervosa Superior realizada em 1962.

A seguir, temos o trecho de conclusão da comunicação de Ivanov-Smolensky, que foi publicado como artigo de estreia na *AMB*. Ele revela o clima do evento científico que perfilava questões político-ideológicas referentes ao projeto do Partido na eleição de Pavlov como um dos sacerdotes da ciência soviética, campanha abraçada por Yuri Zhadnov (1919-2006), genro de Stálin (1949-1953), formado em química e filosofia da ciência, que liderou a seção científica do Partido entre 1947 e 1954 (POLLOCK, 2006).

224 Ivanov-Smolienski, G. O Desenvolvimento das ideias de Pavlov no domínio da fisiopatologia da atividade nervosa superior. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 1, setembro-outubro 1951, p. 67.

225 Pollock se refere ao fato de Anokhin apoiar argumentos de Beritashvili e de Kupalov que consideravam comportamentos animais que não poderiam ser explicados nem como reflexo condicionado, nem como incondicionado (POLLOCK, 2006: 139).

Um problema importante e urgente para nós é a preparação de quadros científicos jovens e novos no domínio da fisiologia e da fisio-patologia da atividade nervosa superior.

Assim, a doutrina de Pavlov traz sólidas premissas para uma união fecunda dos esforços comuns dos trabalhadores científicos e médicos para elevar a ciência nacional, e antes de tudo, a medicina soviética a um nível jamais atingido. Lutar para a introdução da doutrina pavloviana nos diferentes domínios da medicina nacional é, ao mesmo tempo, ter o cuidado da saúde de nosso grande povo e da felicidade de nossa grande pátria, o cuidado de ter uma medicina inteiramente digna da grande época staliniana.²²⁶

Consideramos essa chamada como a tradução do discurso da doutrina partidária na medicina soviética que anima a fundação de tantas revistas médicas ligadas à cultura política comunista da qual a *AMB* é parte. O pavlovismo na ciência soviética não foi tão estudado como o lyssenkoísmo. O caso Lyssenko e a criminalização da genética em 1948, acusada de ser uma ciência burguesa, num discurso editado por Stálin, é das temáticas mais estudadas sobre a ciência soviética entre historiadores e historiadores da ciência na Rússia (GORDIN, 2008: 627). Mas o fenômeno do pavlovismo também acarretou conflitos de ideias, represálias, expulsões no contexto da URSS. Na revista *AMB*, esses conflitos ficaram em segundo plano ou sequer foram expostos. Ou seja, a divulgação em si era mais importante do que os debates teóricos que aconteceram na Semana Pavlov.

4.2. Modelos de Saúde Pública: medicina entre o capitalismo e o socialismo

A ideia de que a medicina soviética era um modelo de modernidade, superioridade, criatividade e acessibilidade da assistência médica à sociedade que poderia contar com tratamentos experimentais esteve presente nas narrativas de viagem, como vimos no capítulo 2 desta tese. Entre os artigos na *AMB* que enfocaram essa ideia, alguns extrapolaram a visão de modelo como influência ou inspiração para utilizar a representação de modelo como uma denúncia da contradição implícita na ideia de saúde pública no interior do sistema capitalista.

Vimos no capítulo anterior como a narrativa dos editores da *AMB* associaram teorias médico-científicas no contexto da Guerra Fria em um de seus editoriais. Nesse discurso, estariam contrapostas duas correntes: de um lado, a medicina psicossomática e a psicanálise

226 Ivanov-Smolienski, G. "O desenvolvimento das ideias de Pavlov no domínio da fisiopatologia da atividade nervosa superior". *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 1, setembro-outubro 1951, p. 92.

praticadas nos Estados Unidos, identificadas como parte da ciência burguesa; de outro, a medicina córtico-visceral desenvolvida na União Soviética com os seguidores de Pavlov.

No entanto, a disputa por modelos de medicina já orientava a narrativa da revista. Alguns artigos publicados em *Atualidades Médicas e Biológicas* evidenciaram de maneira mais clara a confrontação desse embate do modelo soviético com o modelo capitalista. Tratando da saúde pública, de uma especialidade ou técnica específica, esses textos elegiam a URSS como um modelo exemplar a ser seguido por ocidentais. Nesse sentido, a revista publicou artigos constituídos por narrativas de viagem à URSS e à China. Dentre esses, tem-se o artigo do médico carioca José Brigagão e Mário Coutinho, que viajaram junto com a delegação brasileira à URSS em junho de 1953.

Foi possível distinguir três tipos de artigos que enfocam a representação da União Soviética como modelo na *AMB*: 1) o discurso que explora o confronto com o capitalismo; 2) o discurso que apresenta dados como se eles falassem por si próprios; 3) o discurso que expressa vivências/experiências, e neste tipo estão aqueles que são fruto de relatos de viagem.

A primeira edição da *AMB* apresentou um artigo que contrapôs a saúde pública no sistema capitalista e no socialista, “A proteção e a saúde pública nos países capitalistas e na URSS” (set.-out. 1951). Segundo seu autor, o cientista russo A. Ivanov, a função do médico na sociedade capitalista estaria permeada de “equivocos e contradições”. Uma delas seria por causa das implicações da vida social na esfera da saúde pública como fonte da maior parte de doenças (citando a tuberculose e doenças venéreas, inclui nesse rol toda forma de doença, as doenças profissionais, infecciosas, nervosas e infecciosas).²²⁷ No entanto, o médico viveria vendendo seu conhecimento e experiência; na sua perspectiva, o médico “se apoia, assim, sobre a sociedade capitalista, em vez de considerá-la inimiga nº 1 da saúde”.²²⁸

Outro aspecto da contradição estaria no fato de o médico ser também uma vítima do sistema, o que configuraria um paradoxo existente na saúde pública quando regida motivada por lucros.

Mas o médico também é vítima do regime, moral e economicamente falando. Miseravelmente remunerado no pequeno setor estatal ou municipal da saúde pública, é obrigado a voltar-se para a clientela privada, base econômica de sua profissão. Essa mesma clientela é reduzida em número e, ainda por cima economicamente fraca em sua imensa maioria. A luta dos médicos é, além disso, uma luta estreita, conduzida com meios e com material geralmente

227 Ivanov, A. A proteção e a saúde pública na URSS e nos países capitalistas (traduzido de *Etudes Soviétiques* n. 5 - setembro). *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 1, setembro-outubro 1951, p. 21.

228 Ivanov, A. A proteção e a saúde pública na URSS e nos países capitalistas (traduzido de *Etudes Soviétiques* n. 5 - setembro). *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 1, setembro-outubro 1951, p. 22.

insuficientes, uma luta sem grandes perspectivas, à cabeceira de homens que a sociedade – grande provedora da medicina – tornou doentes e não cessa de fazer adoecer.²²⁹

Ao confrontar modelos antagônicos de saúde pública nos Estados Unidos – onde não havia serviços médicos acessíveis –²³⁰ e na União Soviética – caracterizada por ser estatal e dependente da organização social –, Ivanov concluiu não ser possível falar em saúde pública no interior de um regime capitalista. Ele denunciou que a renda do médico seria determinada pela esfera privada, restrita a doentes que possuíssem recursos financeiros. Para maior parte da população, entretanto, adoecer seria um luxo, já que as obrigações laborais viriam na frente de cuidados com saúde. As dinâmicas oferecidas pelo seguro de saúde seriam insuficientes, sem cobrir medicamentos e muitos dos tratamentos. A passagem a seguir ilustra como o autor trabalhou as representações da medicina social no capitalismo *versus* socialismo.

Enquanto que, nos países capitalistas, a chamada medicina social constitui, no máximo, uma especialização entre outras e que a aplicação de um tratamento permanece o alfa e ômega da arte médica, a medicina curativa se insere na URSS como uma simples engrenagem no conjunto de esforço social. (...) Na União Soviética, a saúde pública é da alçada do Estado. Todos os estabelecimentos médicos e profiláticos lhe pertencem. Os médicos estão a serviço do Estado, ainda que a lei não faça interdição à prática privada. Mas essa última não é mais a base econômica do sistema. A sociedade toda, por intermédio do Estado, provê o necessário e a obra médica cresce segundo o ritmo do progresso geral.²³¹

Ivanov ilustrou dados da saúde pública norte-americana e canadense para reforçar seu argumento de que a medicina estatal soviética seria superior à medicina social, que segundo ele não passava de uma disciplina. A importância da medicina estatal foi defendida em outros artigos lançados pela revista. Quando comparamos as narrativas de viagem em formato de artigos que saíram na *AMB*, como o relato de três médicos ingleses²³² e o artigo sobre a experiência de Mario Coutinho e José Brigagão Ferreira, dois médicos brasileiros que

229 Ivanov, A. A proteção e a saúde pública na URSS e nos países capitalistas (traduzido de *Etudes Sovietiques* n. 5 - setembro). *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 1, setembro-outubro 1951, p. 25.

230 Ivanov exemplificou com o dado de que em 1947 mais de 40 milhões não dispunham de qualquer serviço de saúde e não podiam pagar por um privado.

231 Ivanov, A. A proteção e a saúde pública na URSS e nos países capitalistas (traduzido de *Etudes Sovietiques*). *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 1, setembro-outubro 1951, p. 26.

232 A medicina soviética vista por três médicos ingleses. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 2 (novembro-dezembro 1951), p. 54-56. Trata-se de uma reprodução de notícia veiculada em jornal inglês: “O ‘British Medical Journal’ publicação da Associação Médica Britânica, dá notícia em seu número 20 de outubro de 1951, das conferências pronunciadas perante a ‘Sociedade pelas Relações Culturais com a URSS’, por três médicos ingleses que visitaram recentemente a União Soviética. São eles Drs. Ian Gilliland, Horace Joules e a Dra Mary Barber”. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 2, novembro-dezembro 1951, p. 54 (grifo nosso).

participaram da delegação brasileira na URSS, percebemos que apresentam aspectos bem similares com aqueles relatos publicados em livros de viagem: saúde materno-infantil, imunização, as condições de trabalho do médico na URSS, a estrutura de ensino médico, as ofertas dos centros de saúde e a variedade de especialidades que ampliavam a assistência à população.

O artigo de Mario Coutinho, neurocirurgião do Rio de Janeiro, “O pronto socorro de Moscou: como funciona o serviço de pronto socorro de Moscou?”, foi acompanhado da informação de que ele havia recém-retornado “da URSS onde teve oportunidade de verificar pessoalmente o alto nível científico alcançado pela medicina soviética”. Essa chamada abriu o artigo da edição n. 7 (ago.-set. 1953) da *AMB*. A data coincide com o retorno da viagem à Rússia (Moscou, Stalingrado, Leningrado) da delegação brasileira de médicos que esteve no país em junho de 1953. Seu texto é breve e seu título é autoexplicativo: narra a rotina de um pronto-socorro em Moscou. Mario Coutinho comentou a abordagem da prevenção (“profilaxia”) no pronto-socorro, descrevendo medidas que demonstravam a participação dos centros de emergências de Moscou na prevenção de acidentes, além de informar sobre salários e planos de carreira do médico socorrista na Rússia. Enquanto no Brasil esse posto seria ocupado por jovens recém-formados, socorristas russos seriam tradicionalmente profissionais experientes. Coutinho destacou o fato de o Estado Soviético (o padrão único do médico soviético) exigir o tempo mínimo de dez anos de experiência.²³³ Já Brigagão, ao abordar a condição para exercer o cargo de médico socorrista, informou que seria de cinco anos, no mínimo.²³⁴ Os dados não coincidem, mas o importante para esses médicos era mostrar que os prontos-socorros russos exigiam a atuação de médicos mais experientes, enquanto nos brasileiros, esses cargos seriam ocupados por médicos em início da carreira.

A narrativa de Coutinho sobre o pronto-socorro se aproximava dos relatos de Milton Lobato e Raul Ribeiro da Silva quando trataram desse assunto. Isso indica que Mario Coutinho fez parte da comitiva dos médicos brasileiros que estiveram na URSS.²³⁵ As semelhanças entre as narrativas também demonstram que houve uma forma de contar/narrar visitas a instituições russas.

233 Coutinho, Mario. O pronto-Socorro de Moscou. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 7, agosto-setembro 1953, p. 53.

234 Brigagão, José. A vida do médico na União Soviética. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 8, janeiro-fevereiro 1953, p. 45.

235 É interessante notar que seu nome não consta na relação indicada no relato de viagem de Milton Lobato (Ed. Vitória, 1955).

Outro membro da comitiva médica brasileira à URSS, José Brigagão foi um médico carioca que clinicava em Nova Iguaçu. Foi deputado estadual pelo PCB em 1948; cassado no mesmo ano, tornou-se candidato a deputado federal como candidato popular (frente dos comunistas que estavam sob o PCB proscrito).²³⁶ Também compartilhou sua experiência após retornar de viagem por meio de notícias e artigos.²³⁷ Seu artigo sobre os médicos na URSS trouxe à tona a pauta da greve dos médicos de meados da década de 1950, que reivindicava melhores condições de trabalho e salariais aos médicos servidores de âmbito federal no Brasil. Os dados relativos às mesmas condições na União Soviética colocavam em enfrentamento duas realidades, a brasileira e a socialista. Para Brigagão, o médico poderia ser associado ao trabalhador assalariado-proletário. Entre outras denúncias de seu texto, ele assinalou que a medicina socializada e a especialidade do médico social em “pleno regime capitalista” geravam maior desvantagem ao médico, que acabava por “trabalhar duro” e ganhar pouco pela medicina “socializada” e ainda iria gastar “as torrentes com os impiedosos capitalistas, no sistema capitalista”.²³⁸ Para o médico carioca, o caso dos médicos que atenderiam em consultórios particulares seria diferente, mas a um alto custo: não teriam tempo para descanso, recreação ou estudo. A greve dos médicos foi mencionada por Brigagão: “uma greve unânime por melhores salários, como aconteceu há poucos meses quando se viram obrigados a deixar de lado os princípios de altruísmo para cuidar defensivamente de si mesmos”.²³⁹ Para ele, o médico sentiria a exploração do trabalho assim como o operário, desse modo o ato de curar necessitava de reconhecimento material.

O objetivo de Brigagão era retratar a realidade do médico na sociedade socialista em situações “totalmente diversas do que conhecemos entre nós”,²⁴⁰ ele declarou como médico brasileiro que havia conhecido Moscou recentemente. Seu relato tratou da educação médica, da quantidade de médicos trabalhando, do fato de os hospitais distritais manterem relação com

236 “Churrasco em homenagem aos candidatos populares”. *Imprensa Popular*, 21/5/1954, p. 3.

237 Sua ficha de informações no acervo da polícia política cita Brigagão como um famoso comunista em Nova Iguaçu, citado em 1966, mas como um dado a ser apurado. Após o Golpe de 1964, foi preso para averiguações, acusado de fazer parte da direção das Ligas Camponesas ligadas ao Rio de Janeiro, porém solto por nada ter sido apurado. Em 1968, consta que Brigagão viajou à URSS para assistir às comemorações pelo 50º aniversário da Revolução. Também foi indicado como médico servidor público no Hospital Rocha Faria, em Campo Grande, Rio de Janeiro, além de trabalhar em consultório em Nova Iguaçu. Pasta Comunismo, Notação 139, fl. 154, fundo Polícia Política. APERJ.

238 Brigagão, José. A vida do médico na União Soviética. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 8, janeiro-fevereiro 1954, p. 41.

239 Brigagão, José. A vida do médico na União Soviética. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 8, janeiro-fevereiro 1954, p. 41.

240 Brigagão, José. A vida do médico na União Soviética. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 8, janeiro-fevereiro 1954, p. 42.

outras instituições do sistema de saúde pública, da importância do valor da prevenção na saúde com serviços de educação sanitária e de dados sobre salários e aposentadoria dos médicos soviéticos.

Brigagão justificou os altos salários de professores de faculdade de medicina pelo reconhecimento e apreço em torno da profissão pela sociedade russa. Na URSS, as cátedras não seriam cargos vitalícios como no Brasil; os professores deveriam se submeter à defesa da cátedra a cada cinco anos. Como em outros relatos de viajantes médicos na URSS, Brigagão observou o tema do apoio ao mundo das edições, do livro e de outros impressos. Ele chamou a atenção para a remuneração bastante vantajosa destinada aos médicos que se dedicassem a escrever livros didáticos. A tabela para pagamento de autores de obras didáticas era fixa para as primeiras mil páginas: 310 rublos (ou mais de 3 milhões de cruzeiros), havendo uma estimativa proporcional ao acréscimo de cada mil páginas.²⁴¹

A assistência médica no âmbito privado ou, para usar o termo do discurso dos médicos comunistas, a “mercantilização da medicina”, teria como consequência um problema grave: o da limitação do acesso à assistência em saúde a poucas pessoas. Por fim, o texto chamava a atenção para a necessidade de organização e união da categoria, movimento de que a Associação Médica do Distrito Federal (AMDF) estaria se ocupando no Rio de Janeiro. O tema do privatismo na saúde estaria diretamente relacionado ao processo da “proletarização dos médicos”.²⁴² O problema foi abordado por outro artigo, publicado na *AMB* n. 1 (set.-out. 1951), sem autoria identificada, cujo trecho é transcrito a seguir:

O sistema burguês de economia com sua livre concorrência, transformara o facultativo em um profissional liberal, e à medida que o caráter de “médico de família” foi sendo mudado, devido ao empobrecimento e proletarização das massas, em médico do consultório, a velha e rígida moral gremial se tornando impotente para abafar o espírito competitivo e mercantilista da nova medicina. Em vão continua-se a falar em ética profissional pois as condições da economia haviam transformado em uma mercadoria e o médico em um pequeno comerciante. O entendimento é direto entre médico e paciente. O pagamento oscila de acordo com as várias circunstâncias, entre as quais estão o prestígio do primeiro, as posses do segundo e a gravidade ou risco da doença. Mas depende essencialmente dos preços fixados, em cada lugar e a cada momento, pela lei da oferta e da procura. O médico vive da doença e seu interesse pela proteção da saúde é quase platônico.

241 Brigagão, José. A vida do médico na União Soviética. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 8, janeiro-fevereiro 1954, p. 45.

242 A medicina e os médicos frente aos problemas da atualidade. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 1, setembro-outubro 1951, p. 15. Embora não exista assinatura de autoria desse artigo, tratava-se de uma autoria brasileira, em razão dos exemplos citados, todos referentes à sociedade brasileira, assim como citação a Luís Carlos Prestes.

A própria distribuição de médicos no Brasil é uma consequência disso. Só há médicos onde há clientela capaz de pagar. E eles se concentram, até a pleitora, nos centros ricos e capitais.²⁴³

O fisiologista Milton Lobato tratou da campanha contra a tuberculose na URSS (*AMB* n. 9, mar-abr. 1954). Ele dedicou um artigo especificamente sobre o assunto na *AMB*, que era seu interesse pela sua especialidade médica, narrando a visita ao Instituto Central de Tuberculose, localizado nos arredores de Moscou. Sua narrativa nesse artigo apresenta deslocamentos com sutis diferenças do que foi relatado em seu livro de viagem. Trata da Rússia Soviética como superando um passado sombrio, no qual a tuberculose estava entre os graves problemas que haviam sido solucionados em razão das transformações e melhorias das “condições de vida do povo”.²⁴⁴ Nesse sentido, ele narrou a campanha como um modelo bem-sucedido em razão dos investimentos em educação formal e em educação sanitária e principalmente pela existência do que ele denominou como um “ministério em miniatura”, sem qualquer precedente no mundo: o Instituto de Educação Sanitária. Lobato se mostrou muito impressionado com a amplitude alcançada pelas atividades empreendidas pelo instituto. Assim, acreditava convencer os leitores da *AMB* da superioridade do programa soviético quanto ao enfrentamento da tuberculose.

Temos a impressão de que a fisiologia soviética é das mais adiantadas do mundo e que seus estudos são dos mais promissores. Além da contribuição científica que vem dando, muito devemos esperar ainda dos fisiologistas soviéticos para o combate à tuberculose.

(...)

Estamos absolutamente convencidos, pelo que vimos na União Soviética, de que o povo soviético acabou com a exploração do homem pelo homem e que vem construindo uma sociedade nova e sadia também, dentro em breve, exterminará a tuberculose, como exterminou outras calamidades – a fome, os pogroms, a prostituição e várias doenças infecciosas.²⁴⁵

A conclusão da narrativa de Lobato poderia se confundir com algum prospecto do instituto de campanha sanitária, tamanho seu entusiasmo ao narrar sua visita.

Um artigo lançado pela *AMB* n. 1 apresentou dados de saúde pública relativos à China Comunista e aos desafios da implementação do novo regime. Essa narrativa explorou a

243 A medicina e os médicos frente aos problemas da atualidade. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 1, setembro-outubro 1951, p. 8-9.

244 Lobato, Milton. Aspecto da Luta Anti-Tuberculosa na União Soviética. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 9, março-abril 1954, p. 25.

245 Lobato, Milton. Aspecto da Luta Anti-Tuberculosa na União Soviética. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 9, março-abril 1954, p. 30.

representação do regime como promissor, levando-se em conta o passado caótico com doenças, epidemias, miséria e fome: a “China de ontem e de hoje”. A Nova China herdava uma tarefa imensa de construir praticamente do zero uma estrutura sanitária: “apenas um mês após o nascimento da Nova República, no dia 1º de novembro de 1949 foi criado o Ministério da Saúde”.²⁴⁶ Enquanto a experiência na União Soviética era relatada buscando exaltar conquistas e a estrutura grandiosa, o exemplo da China era de uma nação que seguia seu modelo, iniciando sua jornada de mudança: “A luta pela saúde pública na China, é antes de mais nada, preventiva”.²⁴⁷ O autor se referia, nesse ponto, a iniciativas de limpeza urbana voltadas para diminuição das epidemias.

O problema da mortalidade infantil seria a segunda preocupação em ordem de prioridades, segundo o autor. Como enfrentamento, agilizaram-se a formação e a atualização das parteiras com métodos modernos, o que possivelmente deve ter gerado dinâmicas de conflito, mas nada foi mencionado nesse sentido no artigo.

Ainda no campo da formação, o autor ressaltou o empenho da Nova China em desenvolver programas de educação em duas frentes – o das campanhas sanitárias e o da educação superior, visando à ampliação de quadros técnicos de médicos e dentistas.²⁴⁸ Por fim, referenciou a estatização da indústria farmacêutica como política, apesar de algumas exceções de empresas privadas no ramo, sem explicar mais sobre o assunto.²⁴⁹

Por sua vez, o modelo dos Estados Unidos deveria ser evitado. Maior exemplificação desse argumento estaria no campo da saúde mental. Além disso, o modelo norte-americano era a encarnação da ciência burguesa. A *AMB* publicou alguns artigos que trataram diretamente dessa temática, que talvez tenha se tornado o maior cenário no qual se expressava o embate entre a medicina soviética e a ocidental.

O artigo intitulado “O problema da saúde mental nos Estados Unidos” (*AMB* n. 6, jun.-jul. 1953) foi constituído por trechos de um relatório assinado por O. R. Ewing, administrador de segurança social nos Estados Unidos, compilados de uma publicação francesa chamada *La Presse Medicale* (3/12/1949). Após exposição dos dados, o texto denunciava:

o relatório de O. R. Ewing mostra a insuficiência dos meios para a solução do problema da doença mental nos Estados Unidos. Enquanto isso o governo

246 Lawton, Henry. “A China de ontem e de hoje – Saúde Pública Criação de um Novo Regime”. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 1, setembro-outubro 1951, p. 33.

247 Idem.

248 Lawton, Henry. “A China de Ontem e de Hoje – Saúde Pública Criação de um Novo Regime”. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 1, setembro-outubro, 1951, p. 34.

249 Idem.

americano dedica verbas colossais no sentido da preparação da terceira guerra mundial.²⁵⁰

O documento de Erwing ressaltava o problema da saúde mental em seu país como um dos maiores em termos de saúde pública. Além disso, ele atrelava a elevada taxa de doenças mentais nos EUA a problemas sociais –²⁵¹ fora os quase dois milhões de inaptos ao serviço militar, ou reformados, por questões neuropsiquiátricas, segundo dados de 1946, ou seja, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial. Dentre as mazelas, citou delinquência infantil, alcoolismo e divórcios (na base de quatro casamentos, um divórcio). Apesar da estimativa de oito milhões de vitimados por algum distúrbio, a quantidade de psiquiatras, hospitais especializados e o investimento público em pesquisa empreendido pelo Estado norte-americano eram insuficientes e irrisórios e iam de encontro à lei de saúde mental. Havia 600 hospitais psiquiátricos, quando era para haver 1.600 a 1.800 clínicas. Lembra a falta de assistência psiquiátrica especializada aos menores. O autor do artigo, que não é assinado, ainda comentou que Erwing se esqueceu de citar a epilepsia, e apresentou dados.

A estatística soviética foi apresentada em artigo seguinte com aspectos visualmente mais diretos e com o título de “Diminuição progressiva das doenças mentais na URSS”, baseando-se em trabalho apresentado em 1949 em Moscou. Por fim, a comparação assinalava a superioridade da política soviética de enfrentamento do problema da saúde mental: “quando se sabe que as cifras das doenças mentais aumentam progressivamente nos E.E. U.U., esses dados vem em apoio da tese que sustentamos quanto ao papel das condições sociais quanto na gênese e da evolução das enfermidades mentais”.²⁵² Algo que o modelo norte-americano estaria negligenciando.

250 “O Problema da Saúde Mental nos Estados Unidos”. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 6, junho-julho 1953, p. 44.

251 O Problema da Saúde Mental nos Estados Unidos. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 6, junho-julho 1953, p. 43.

252 Diminuição progressiva das doenças mentais na URSS. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 6, junho-julho 1953, p. 47.

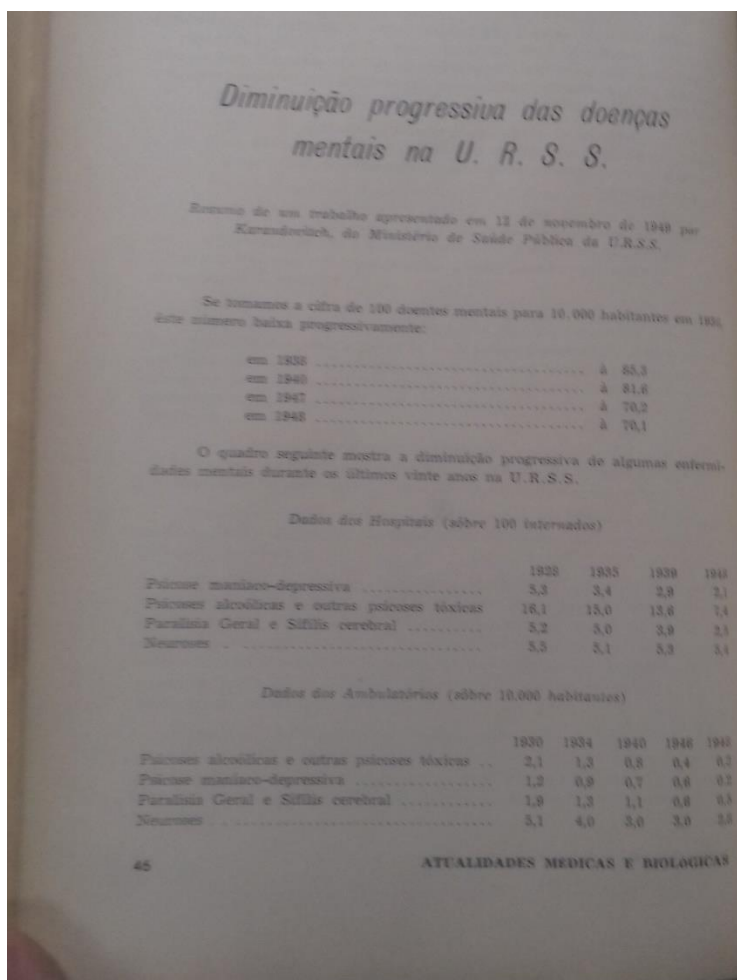


Figura 23: “Diminuição progressiva das doenças mentais na URSS”. *Atualidades Médicas e Biológicas* n. 6, jun-jul. 1953, p. 47.

4. 3. A fisiopatologia de Pavlov

Conforme já mencionamos, os estudos de Pavlov tiveram um impacto importante para a medicina e a psicologia soviéticas. A abordagem da fisiologia de Pavlov nos artigos da revista é baseada em seus estudos que culminaram na concepção da teoria da Atividade Nervosa Superior (ANS), como ele denominou a atuação do córtex cerebral no organismo. Além disso, sua teoria considera a relação do organismo com o meio ambiente, daí a ideia de condições de vida se destacar entre aqueles que seguem seus pressupostos.

Na verdade, a produção científica do fisiologista russo é bastante ampla. Segundo García (2016), a teoria da Atividade Nervosa Superior (ANS) foi uma das fases da trajetória do fisiologista russo. Esse autor segmentou as pesquisas de Pavlov em três momentos para facilitar sua análise acerca da influência da fisiologia e da psicologia russas entre médicos, psicólogos

e pedagogos comunistas ou filossoviéticos na Argentina do século XX. A fase primeira se refere aos anos 1891 a 1896, quando Pavlov se dedicou a estudar as glândulas digestivas; entre os anos 1897 e 1929, ele pesquisou a fundo o sistema nervoso e desenvolveu as bases da teoria da ANS; e no período que segue daí até seu falecimento, entre 1929 e 1936, se dedicou aos trabalhos sobre a psicopatologia humana (GARCÍA, 2016: 25). A participação do fisiologista no XIV Congresso Médico Internacional de 1903, realizado em Madri, e o seu discurso proferido na cerimônia de premiação do Nobel em 1904 demarcaram um giro à psicofisiologia nas atividades científicas de Pavlov (GARCÍA, 2016: 26-27). Vale destacar que a teoria da ANS, explorada em muitos dos artigos publicados na *AMB*, pode ser vista como o coroamento da produção científica na trajetória de Pavlov, culminando no refinamento de seu conceito de reflexo condicionado (GRAHAM, 1987: 159).

Na Rússia, seu laboratório foi um modelo de funcionamento, principalmente após a Revolução de 1917, de um empreendimento científico de atuação em grande escala e organizado verticalmente, no qual Pavlov seria o cérebro e seus discípulos ou colaboradores seriam mãos e olhos (TODES, 2002). Como uma fábrica, o trabalho se desenvolvia coletivamente, de modo que os colaboradores tiveram importância no desenvolvimento dos principais conceitos-chave. Dito de outra maneira, a personificação da autoridade científica em Pavlov é mais estratégico do que fatídico. O que se entende por pavlovismo não é resultado do trabalho de um só cientista. A ideia-analogia de fábrica foi descrita no estudo de Daniel Todes “Pavlov’s Physiology Factory” (2002), que se insere na linha dos estudos de laboratório inaugurada por Bruno Latour e Steve Woolgar em 1979 (Estados Unidos, 1ª edição) e desloca a representação do cientista genial para uma que o situe no interior de condições sociais de seu tempo.

Victor Laffite (1911-1999) foi um médico psiquiatra francês ligado ao Partido Comunista Francês (PCF) que se tornou um dos divulgadores das teses de Pavlov. Ele publicou artigos em revistas especializadas e participou de cursos para médicos. Sua narrativa em um artigo publicado na *AMB* n. 3 (jan-abr. 1952) indica que houve um esforço em associar a teoria da ANS como uma nova fase do entendimento do organismo pela fisiologia. Como o próprio título do artigo sugere, “Rumo a uma teoria da medicina: a fisio-patologia córtico-visceral”, era preciso demonstrar como a doutrina deveria ser encarada como um ápice dentre as teorias médicas.

O grande fisiologista russo, utilizando o método experimental mais rigoroso, realizou, partindo do estudo da inervação cardíaca e da digestão para chegar a

sua concepção nervosa superior, uma verdadeira revolução em nossas ideias sobre o funcionamento do organismo.²⁵³

No discurso da revista, as teses de Pavlov significariam uma nova fase para desenvolvimento do progresso da medicina. A medicina córtico-visceral representa a abordagem das teses pavlovianas na prática médica – e a doutrina da Atividade Nervosa Superior, seu postulado teórico. Nos escritos da revista, os termos circularam com frequência; podem até ter sido tratados como sinônimos.

Havia a ideia da existência de uma espécie de percurso evolutivo das teorias médicas entre os séculos. O artigo de Victor Lafitte (médico francês ligado ao PCF) se desenvolveu nessa perspectiva histórica e evolucionista na medida em que apresenta as fases que, no passado, antecederam a “Fisiopatologia córtico-visceral”, desde as primeiras atividades das artes da cura, passando pelos primórdios de uma medicina científica e seu desenvolvimento.

Na Figura 23, a reprodução de parte da primeira página do artigo ilustra bem essa ideia. Reparemos na escolha das epígrafes: um aforismo atribuído a Hipócrates, grego da Antiguidade considerado o pai da medicina ocidental, juntamente com uma referência a Pavlov: como se fosse o início e o fim de um processo. Os dois pensamentos, escritos com milhares de anos de diferença, tratam da mesma ideia sobre a relação entre partes e organismo, tese fundamental nos estudos pavlovianos. Essa perspectiva holista era diferente daquelas em que as patologias se justificavam por lesões em determinados órgãos do corpo.

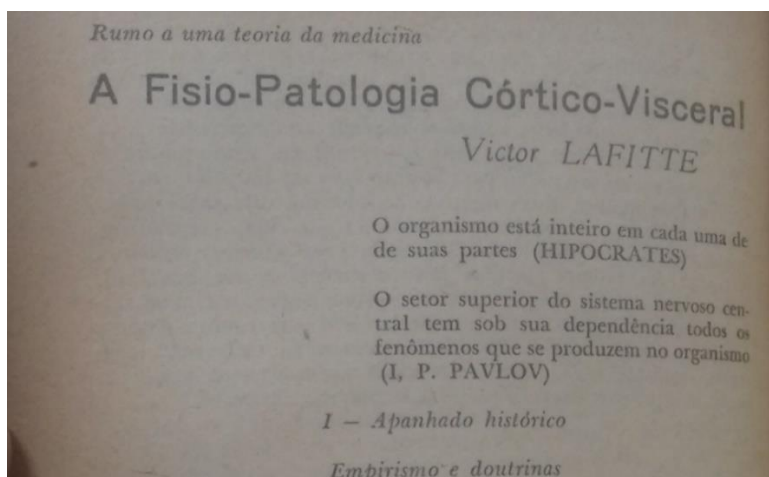


Figura 24: Lafitte, Victor. “Rumo a uma teoria da medicina: a fisiologia córtico-visceral”, p. 31. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952, p. 8.

253 Lafitte, Victor. Rumo a uma teoria da medicina: a físiopatologia córtico-visceral, p. 24. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952), p. 8-35.

Lafitte considerou que essas abordagens de patologia não foram suficientes para abarcar toda a complexidade que envolve o fenômeno da doença. Segundo o médico francês, uma doença não seria produto da soma de dados das partes do organismo, nem somente causada por um agente externo como a bacteriologia evidenciou. Apesar de a revolução pasteuriana ter vindo suplantar as concepções anatomoclínicas por privilegiar a etiologia das doenças, reconheceu-se que a bacteriologia “não explicava tudo”, já que nem toda morbidade poderia ser justificada por infecção bacteriana ou vírus.²⁵⁴ De acordo com o médico, os estudos sobre as formas de agressão do micróbio desembocaram na biotipologia (ênfase na morfologia externa) e na bioquímica (foco na morfologia interna). A bioquímica, na ocasião da escrita do artigo, havia conquistado benefícios com a evolução dos medicamentos, com antibióticos e com o advento das vitaminas sintéticas.²⁵⁵ Já a biotipologia, na opinião de Lafitte, deu margem a teses racistas e tendentes ao fatalismo biológico – disse isso se referindo-se às ideias de Cesare Lombroso com suas definições de características morfológicas dos criminosos e às de Alexis Carrel com os fadados ao desemprego em razão de suas constituições corporais.²⁵⁶

Por outro lado, Lafitte reconheceu a importância dos estudos das regulações simpáticas do sistema nervoso e dos hormônios como um avanço importante para a conformação de uma patologia sintética, ou seja, que levasse em consideração o organismo na sua totalidade. Entretanto, esses estudos isoladamente não seriam capazes de integrar e generalizar todo o conhecimento médico adquirido no passado conjugado com uma perspectiva que examinasse o “homem-doente [...] isto é, a realidade da pessoa humana determinada por condições específicas de vida”.²⁵⁷

Segundo o médico francês, seria caracterizado como uma visão simplista o entendimento de toda doença como produto de uma lesão localizada em um órgão. A complexidade de uma doença estaria associada a uma complexa dinâmica que poderia, inclusive, sofrer influência das emoções.²⁵⁸ As emoções entrariam como mais um elemento a ser analisado em uma teoria médica, além dos outros fatores já mencionados, tais como o meio

254 Lafitte, Victor. Rumo a uma teoria da medicina: a fisiologia córtico-visceral, p. 31. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952, p. 13.

255 Lafitte, Victor. Rumo a uma teoria da medicina: a fisiologia córtico-visceral, p. 31. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952, p. 14.

256 Lafitte, Victor. Rumo a uma teoria da medicina: a fisiologia córtico-visceral, p. 31. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952, p. 13.

257 Editorial. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 20, p. 3.

258 Lafitte, Victor. Rumo a uma teoria da medicina: a fisiologia córtico-visceral, p. 31. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952, p. 8-35.

ambiente ou as condições de vida. Entretanto, fatores emocionais como implicação na doença nada tinham a ver como eram tratadas pela abordagem da “medicina psicossomática de inspiração psicanalítica”. Nem a noção de doença como razão de distúrbio do organismo do homem total tinha relação com as correntes ligadas ao neo-hipocratismo que havia surgido em reação a uma visão atomista da patologia anatomoclínica.²⁵⁹ Lafitte criticou essa visão (que culminou nos estudos de morfologia e biotipologia). Apesar de perceber as condições do meio, pouco valorizava as “condições sociais de existência” – estas lhe pareciam primordiais para definições de doenças.²⁶⁰

Da mesma forma, ele criticou a vertente psicossomática de origem norte-americana e de inspiração na psicanálise freudiana. Nesse caso, no entanto, foi mais duro, lançando mão da ironia como recurso discursivo. Para Lafitte, essas teorias iriam na contramão das lições da medicina experimental.²⁶¹ Ataques a defensores da psicanálise são recorrentes nas páginas da revista. Uma das frentes do pavlovismo era o rechaço ao que Lafitte denominou de “mitologia freudiana”. Associada ao idealismo, a abordagem psicanalítica foi um dos focos de combate da ideologia partidária soviética. Ressaltamos como o ataque à corrente psicossomática foi capturado pelo autor em correspondência ao discurso do Partido. Lafitte vai do deboche à crítica.

Assim, não eram mais as condições de vida que estavam na origem das condições conflituais, podendo acarretar distúrbios funcionais e lesões orgânicas, mas os complexos da mitologia freudiana, cujo aparelho instintivo-afetivo foi repostado na ordem do dia. E pediu-se aos complexos de agressividade e aos sentimentos de culpabilidade que fornecessem a chave das variações tensionais das dispepsias, das enterocolites ou das neuroses. A crítica da psicanálise como sistema de psicologia e psicopatologia individual, sem falar de suas tendências a constituir uma verdadeira visão de mundo não é preciso ser feita. [...] O freudismo biologiza em excesso a personalidade e silencia sobre os componentes sociais; esse biologismo, aliás, não é mais que formal e se reduz a uma metafísica do instinto, a um obscurantismo irracionalista. Com esta base psicanalista, a psicossomática norte-americana chegou apenas a uma caricatura, além do que é utilizada para desviar a atenção da necessidade de modificar as condições de existência, patogênicas para as grandes massas.²⁶²

259 Lafitte, Victor. Rumo a uma teoria da medicina: a fisiologia córtico-visceral, p. 31. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952, p. 21-22.

260 Lafitte, Victor. Rumo a uma teoria da medicina: a fisiologia córtico-visceral, p. 31. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952, p. 22.

261 Lafitte, Victor. Rumo a uma teoria da medicina: a fisiologia córtico-visceral, p. 31. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952, p. 23.

262 Lafitte, Victor. Rumo a uma teoria da medicina: a fisiologia córtico-visceral, p. 31. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952, p. 22.

Nesse artigo, a preocupação maior do médico comunista francês era a definição de corticalidade, também referida como fisiopatologia córtico-visceral como doutrina médica científica. Lafitte caracteriza essa abordagem como “dinâmica e dialética” e como tendo trazido uma evolução para a medicina. Sua vantagem era a de que não desprezava o conhecimento acumulado até ali pela patologia clássica, que ainda daria conta de boa parte dos quadros clínicos. Ou seja, Lafitte ressalta que a fisiologia córtico-visceral não excluiria aspectos da etiologia e dos mecanismos patogênicos, mas vinha prometendo no campo da terapêutica pela atuação no sistema nervoso central e pela “modificação das condições do meio”.²⁶³ Nesse sentido, considerava medidas “profiláticas e terapêuticas” (isto é, de prevenção e cura). Para Lafitte, “o papel da corticalidade aparece fundamental, com suas funções de extero e de introcepção para manter o equilíbrio permanente e instável entre o meio interno e o meio externo”.²⁶⁴

A base ou o primeiro passo para o desenvolvimento da fisiologia córtico-visceral foi o conceito de reflexo condicionado alcançado com os estudos das glândulas salivares. Com base nele, se chegou à função do que se entende por corticalidade. Nas palavras do psiquiatra francês, é o seguinte:

Prosseguindo os estudos de reflexos condicionados, Pavlov fez a demonstração de que ligações nervosas temporárias eram criadas, não somente a partir de excitações do mundo exterior, mas também de incitações partindo do meio interior e informando a corticalidade sobre o estado dos tecidos. A unidade dos meios exterior e interior do organismo, é pois, realizada pelo setor superior do sistema nervoso superior, a corticalidade.²⁶⁵

Estímulos internos (vindos do organismo, denominados instintos) ou estímulos externos (originados do meio ambiente) que agiam sobre o corpo humano ou animal mamífero (Pavlov gostava muito de experimentar com cães, ressaltando semelhanças desses com o homem) atuariam numa dinâmica que gerava excitação e inibição do sistema nervoso (GARCÍA, 2016: 28). As denominações de inibição e excitação são fundamentos básicos para se entender a dinâmica da teoria da ANS. Fomos buscar essas explicações nos artigos publicados na *AMB*.

Segundo um dos discípulos e biógrafo de Pavlov, E. A. Arastian, os estímulos estariam associados à capacidade de adaptação ao meio.

263 Lafitte, Victor. Rumo a uma teoria da medicina: a fisiologia córtico-visceral, p. 31. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952, p. 35.

264 Idem.

265 Lafitte, Victor. Rumo a uma teoria da medicina: a fisiologia córtico-visceral, p. 31. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952, p. 25.

As pesquisas de Pavlov e seus colaboradores demonstraram que qualquer estímulo interno ou externo acessível aos órgãos do sentido pode se tornar um excitante condicionado, isto é, o sinal para o início de uma atividade de vários órgãos e de vários sistemas orgânicos. Tal fato aumenta extraordinariamente a capacidade de orientação do organismo e lhe oferece a capacidade de adaptar-se oportunamente, e com precisão, às condições de vida em contínua mutação utilizando-se de alguns estímulos e recusando outros. O caráter temporário dos reflexos se torna um elemento mobilíssimo e perfeito para uma efetiva adaptação.²⁶⁶

Nesse sentido, desenvolveram-se novos estudos sobre doenças que tinham relação com fatores emocionais. Lafitte citou, nesse caso, a hipertensão arterial em estudos desenvolvidos por discípulos de Pavlov que contradiziam a corrente que justificava a doença por causa de uma lesão renal. Também mencionou o caso da úlcera gastroduodenal, que nessa perspectiva teria benefícios com o tratamento de medicamentos do ramo da narcoterapia. As neuroses, desde sempre associadas ao desequilíbrio emocional, receberiam uma explicação científica diferente da psicanálise. Lafitte não poderia deixar de mencionar a terapêutica pelo sono, afinal ele dedicou artigos especificamente ao assunto publicados na *AMB*, além de ministrar cursos cujo conteúdo escrito também foi divulgado na revista. A terapêutica do sono passou a ser um recurso de tratamento não apenas para desordens psíquicas, mas também para hipertensão e disfunções gástricas.

Segundo Pavlov, a inibição pelo sono restabelece a atividade cerebral enfraquecida e preserva as células nervosas esgotadas de um desgaste ulterior. Esta inibição de defesa não tem somente um valor protetor, mas também como mostraram Pavlov e sua escola, um valor terapêutico. Os psiquiatras utilizam há algum tempo a terapêutica pelo sono nas afecções mentais. Mas é na URSS após Pavlov que essa terapêutica foi utilizada nas doenças somáticas as mais diversas, principalmente na hipertensão arterial e doença ulcerosa.²⁶⁷

A teoria da ANS considerava o aprendizado do reflexo condicionado como o fator que viabilizava a adaptação do organismo visando à manutenção de um equilíbrio, tanto em relação ao meio interno como em relação ao meio externo. Segundo Ivanov-Smolienski (1951), discípulo e colaborador de Pavlov, toda a evolução da atividade nervosa “realiza-se por meio das ligações condicionadas e não condicionadas” (SMOLENSKI, 1951: 46).²⁶⁸

266 Asrastian, E. A. Pavlov, homem de ciência. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 2, novembro-dezembro 1952, p. 11.

267 Lafitte, Victor. Rumo a uma teoria da medicina: a fisiologia córtico-visceral, p. 31. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952, p. 33.

268 Ivanov-Smolienski, A. G. O desenvolvimento das ideias de Pavlov no domínio da fisiopatologia da Atividade Nervosa Superior. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 1, setembro-outubro 1951, p. 46.

Dos experimentos, chegou-se à elaboração de formulações gerais com base nas quais Pavlov e sua equipe concluíram que a causa de uma patologia não é da ordem microbiana, visceral ou hormonal, como se pensava sob a égide da medicina clássica. Nem seria uma intoxicação, um traumatismo, um distúrbio metabólico ou hormonal. Na visão de Lafitte, com base nas contribuições de Pavlov, a doença é explicada por um desequilíbrio na Atividade Nervosa Superior que afeta a corticalidade (cerebral), “entre os êxteros e a introcepção”.²⁶⁹ Essa instabilidade no organismo afeta tanto as relações orgânicas quanto as comportamentais do indivíduo.

A doença aparece-nos como um fenômeno complexo, na expressão da qual o indivíduo participa na sua totalidade somática e psíquica, com todo seu passado e no quadro de todas as condições do meio no qual ele evolui. O papel da corticalidade aparece fundamental com suas funções de extero e de interocepção, para manter o equilíbrio permanente e móvel entre o meio interior e exterior.²⁷⁰

Segundo a explicação de Lafitte, a ANS seria constituída por interações constantes entre incitações oriundas do meio exterior (extero) e do meio interior (introcepção).²⁷¹ A conceituação em torno da ANS baseava-se na ideia de unidade do organismo e na constante relação do córtex cerebral com o organismo humano (ou animais mamíferos) e do córtex cerebral com o meio ambiente. Ele apresentou três pontos básicos:

1. O organismo constitui um todo, com o conjunto de suas funções e regulações, ele realiza um sistema que reage de maneira ininterrupta às incitações do meio exterior no curso de um processo de equilíbrio móvel.
2. O organismo representa uma unidade funcional estabelecida graças ao sistema nervoso entre sua atividade vital interna e externa, isto é, entre a atividade que o liga ao meio exterior e a atividade que produz em seu meio interior.
3. O organismo se constitui um todo, no sentido da unidade do psíquico ou do somático; o psiquismo, a consciência, constituindo ao mesmo tempo uma atividade do cérebro e um reflexo do mundo exterior.²⁷²

O distúrbio da atividade nervosa superior repercute ao mesmo tempo sobre o comportamento social do indivíduo e, por intermédio das ligações córtico-viscerais, sobre as

269 Lafitte, Victor. A terapêutica pelo sono, p. 64. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952, p. 62-71. Artigo traduzido da revista francesa *La Raison*, n. 3.

270 Lafitte, Victor. A terapêutica pelo sono, p. 64. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952, p. 62-71. Artigo traduzido da revista francesa *La Raison*, n. 3.

271 Lafitte, Victor. A terapêutica pelo sono, p. 63. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952, p. 62-71. Artigo traduzido da revista francesa *La Raison*, n. 3.

272 Lafitte, Victor. A terapêutica pelo sono, p. 63. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952, p. 63. Artigo traduzido da revista francesa *La Raison*, n. 3.

funções orgânicas. O tipo de desequilíbrio pode ser qualificado em dois níveis: do tipo funcional no início, podendo ser reversível, e a de tipo lesional, mais grave.²⁷³ Daí a necessidade da intervenção precoce: “para combater tal agente patógeno para suprir tal função deficiente, mais ainda para agir diretamente sobre o córtex cerebral, a fim de obter uma modificação favorável do conjunto de atividades fisiológicas”.²⁷⁴

4.4. Da aplicabilidade dos postulados de Pavlov (teoria e prática clínica) por meio das técnicas empregadas em diferentes especialidades da medicina

Os experimentos de Pavlov levaram à definição de postulados gerais que deram origem a práticas e técnicas terapêuticas empreendidas por profissionais da ciência e da medicina soviéticas. Algumas delas se destacaram pelo alcance e popularidade quanto a sua divulgação científica no Ocidente, como a do “parto sem dor”. Outras técnicas também se tornaram uma espécie de vitrine da medicina soviética para o mundo e foram encontradas nas páginas da *AMB*: a terapia do sono prolongado como alternativa na assistência de neuroses e doenças psiquiátricas mais graves como esquizofrenia; a terapia tissular de regeneração do tecido celular que se mostrou promissora no tratamento de uma variedade de enfermidades.

4.4.1. O famoso “parto sem dor” na *AMB*

Dentre as técnicas soviéticas aplicadas em medicina divulgadas na *AMB*, o “parto sem dor” (PSD) foi, sem dúvida, a mais divulgada nos países do Ocidente no período da década de 1950. Popularmente conhecido como o “parto sem dor”, o método psicofilático do parto prometia um trabalho de parto e nascimento livre de dor, ou menos dolorido. Esteve presente tanto nos jornais em geral quanto na imprensa comunista na forma de reportagens, notícias, divulgações de cursos, conferências e livros. Não seria exagero falar de um certo *frisson* que arrebatou as sociedades europeias e americanas dos anos 1950. O tema mobilizou o Vaticano, que em janeiro de 1956 mudou seu posicionamento, com o Papa Pio XII se pronunciando pública e favoravelmente ao parto sem dor. No Brasil, foi tema de reportagem e crônicas de

273 Lafitte, Victor. A terapêutica pelo sono, p. 63. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952, p. 64. Artigo traduzido da revista francesa *La Raison*, n. 3.

274 Lafitte, Victor. A terapêutica pelo sono, p. 64. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952, p. 62-71. Artigo traduzido da revista francesa *La Raison*, n. 3.

artistas reconhecidos como Vinicius de Moraes.²⁷⁵ Em uma entrevista com Vinicius e o artista Jayme Ovalle (realizada em 1953 para revista *Flan* e publicada dois anos depois na revista *Manchete*, após morte a deste),²⁷⁶ os artistas conversaram sobre o PSD, o que por si só demonstra a popularidade do assunto. Uma enquete realizada pela revista *Cruzeiro* em 1951²⁷⁷ pediu a opinião de cinco médicos brasileiros sobre o método.²⁷⁸ Surgiram matérias com os títulos de “O parto sem dor, onde o temor cede lugar à ansiedade”, também veiculada na revista *Cruzeiro* (ano de 1956, edição 16[4]), e “Vencido, pela medicina, o problema do parto sem dor!”, uma série de quatro reportagens por Maura de Sena Pereira lançada pelo jornal *Diário da Noite* em abril de 1956 (a primeira delas foi em 7/4/1956).²⁷⁹ Prestigiosas revistas ilustradas da época acompanharam partos assim como o treinamento das gestantes em fotorreportagens que destacavam as expressões dos corpos e rostos das mulheres. O assunto abarcou uma variedade de opiniões. Uma reportagem de Ferreira Gullar, “Parto sem dor no Brasil”, na revista *Manchete* (fev. 1952), relatou a rotina do curso para gestantes realizado na Maternidade Clara Basbaum, ligada à Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Ferreira Gullar traçou a trajetória do método até chegar no Brasil.

Esse método que se liga à “teoria dos complexos condicionados” de Pavlov tem hoje aplicação obrigatória nos hospitais da Rússia (onde já se fizeram cerca de 500.000 dessa espécie) e foi levado para França pelo obstetra Lamaze em 1952. Depois disso outros povos começaram a usá-lo. A rainha Elisabeth da Inglaterra adotou o novo método quando deu à luz o seu segundo filho. O dr. Schor, de São Paulo, foi quem trouxe para o Brasil, após se especializar no serviço do Dr. Lamaze.²⁸⁰

As narrativas que divulgavam o PSD na imprensa seguem mais ou menos o mesmo modelo de encadeamento das informações. Iniciam-se mencionando seus criadores e divulgadores na URSS e no Ocidente: Velvovski e seu professor Platonov, ambos ucranianos, Nicolaev na Rússia e Fernand Lamaze no Ocidente. Esse ordenamento discursivo era

275 Moraes, Vinicius de. “O parto sem dor abre novos rumos à ciência”. Entrevista de Vinicius de Moraes a Fernand Lamaze. *Para Todos*, 2ª quinzena de julho de 1956, p. 1. Primeira de uma série de quatro.

276 Vinicius de Moraes entrevista Jayme Ovalle. “Jayme Ovalle, a morte é a única coisa completamente nossa”. *Manchete*, 8/10/1955, ano 1955, edição 181, p. 46. “P: O que é que você acha do Parto sem dor?; R: “Um roubo. Tira o prazer da dor de criar. É no fundo um ato de futilidade”.

277 Eva não sofrerá mais. *O Cruzeiro*, 3/11/1951, p. 77. Reportagem de Arlindo Silva com fotos de José Medeiros e Rapho.

278 A introdução da matéria remetia à ideia difundida por alguns norte-americanos de que um parto sem dor poderia interferir no amor da mãe a seu filho/sua filha, constituindo-se como um exemplo de opinião contrária ao método.

279 Essa série de reportagem resultou no livro da mesma autora *O parto sem dor* (Rio de Janeiro: Organização Simões Editora, 1957).

280 Gullar, Ferreira. Parto sem dor no Brasil. Fotos de Armando Rozário. *Manchete*, 4/2/1952, p. 42.

encontrado em reportagens para o grande público, ou nos artigos de João Belline Burza, por exemplo, publicadas na *AMB*. Em um deles, Burza relatou seu encontro com Velvovski, criador do método psicoprofilático do parto sem dor na URSS.²⁸¹

Hirsch Schor, médico obstetra romeno radicado em São Paulo, noticiou a Conferência Brasileira sobre o Parto sem Dor aos leitores da *AMB*. Segundo ele, a clínica de Lamaze em Paris tornou-se um centro de irradiação do método. Juntamente com os professores Octávio Rodrigues Lima e Francisco Carlos Grele, ele se aperfeiçoou na técnica na maternidade dos metalúrgicos em Paris e depois passou a difundi-la aos médicos brasileiros.²⁸² A narrativa de Schor se debruçou sobre a história do método, que serviu de alternativa a analgesias vindas da farmacopeia que se percebeu não serem “absolutamente inócuas”.²⁸³ A alternativa às substâncias analgésicas teve chance de se desenvolver desde que se concentrou na ideia da materialidade da dor como tendo relação com o córtex cerebral e na ideia de que algumas condições podem determinar sua transformação, extinção ou intensidade. Tal embasamento apoiou estudos pregressos na União Soviética, desde meados dos anos 1920, 1930 e 1940.

Assim como o artigo de Ferreira Gullar publicado na revista *Manchete* (fev. 1952), Schor antecedeu seu relato sobre a conferência, dissertando brevemente sobre a história do método, passando pelos cientistas soviéticos Velvovski, Platonov (ambos ucranianos) e Nicolaev (russo), pelo marco de sua oficialização em 1951 pelo Estado soviético e pela declaração papal em 1956. A “Conferência Brasileira sobre o Parto sem Dor” foi realizada no salão nobre da Associação Paulista de Medicina em 6 e 7 de julho de 1956 e teve boa recepção de público. Segundo Schor, a diferença entre conferências habituais que ocorriam nesse mesmo salão da APM era evidente aos olhos de quem estivesse presente no evento.

Estávamos acostumados a ver nos congressos a eterna “migração”. Entravam e saíam, e se assistiam a uma reunião, não compareciam a outra. Nesta Conferência, caso raro, o salão estava sempre cheio. Ocupadas todas as cadeiras, as escadarias, os corredores! Apesar do pouco tempo de preparo, 700 pessoas acorreram ao congresso, para se inteirarem da boa nova.²⁸⁴

281 Burza, João Belline. O problema do parto sem dor na URSS. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 17, janeiro-abril 1958.

282 Schor, Hirsch. Em torno da Conferência Brasileira sobre o Parto sem Dor. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 16, novembro 1958, p. 6.

283 Schor, Hirsch. Em torno da Conferência Brasileira sobre o Parto sem Dor. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 16, novembro 1958, p. 5.

284 Schor, Hirsch. Em torno da Conferência Brasileira sobre o Parto sem Dor. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 16, novembro 1958, p. 6-7.

Não era para menos, afinal a conferência contou com a presença do renomado professor francês Fernand Lamaze (1891-1957), autoridade científica da técnica trazida ao Ocidente. Schor contou que o médico obstetra exibiu um filme didático que resumia a ideia base central da Atividade Nervosa Superior: o processo de “excitação, e o desenvolvimento da lei dos contrários, excitação-inibição”.²⁸⁵ Hirsch Schor destacou que o conhecimento dessa técnica havia chegado no Brasil cerca de um ano e meio antes da realização desse evento (em julho de 1956), com pequenos cursos de divulgação em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Um desses foi promovido pela Associação Médica do Distrito Federal (AMDF) em novembro de 1956. O curso “Teoria de Pavlov” contou com uma palestra de Schor, intitulada “Método psicofilático da abolição da dor no trabalho do parto” (PEREIRA, 1957).²⁸⁶

Desse modo, a conferência tinha menos o caráter expositivo e muito mais preparatório, visando à formação técnica dos profissionais. A programação da Conferência Brasileira sobre o Parto sem Dor apresentado pelo relato de Schor, que foi publicado na revista, dividiu-se em duas partes, sendo a primeira delas de fundo teórico, versando sobre os estudos de Pavlov e sua contribuição à ginecologia e obstetrícia; a atividade nervosa superior nessa área; a importância do pré-natal para o parto; métodos de organização de assistência do parto sem dor, público e privado. Foram exibidos filmes, com destaque para o documentário exibido por Lamaze explicando o fator central da Atividade Nervosa Superior e a relação excitação-inibição no cérebro. A segunda parte da conferência tratou da prática da técnica: “com 5 cursos ministrados de forma simultânea: desenhos, micro-fotografias, slides e até, num dos cursos, a visão ao vivo de um parto sem dor”.²⁸⁷ Schor contou que uma gestante educada no método entrou em trabalho de parto durante o evento, uma inesperada e rara oportunidade recebida com fervor pelos alunos.

A narrativa de Schor apresentou o PSD como algo em construção. Suas palavras estabeleceram uma analogia com a imagem de uma semente que havia sido recebida pela juventude brasileira com entusiasmo, uma semente em solo fértil: “Esperamos que germine e se desenvolva de tal modo que liberte a mulher da dor do parto, e torne a humanidade mais

285 Schor, Hirsch. Em torno da Conferência Brasileira sobre o Parto sem Dor. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 16, novembro 1958, p. 8.

286 Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documents/opartosemdor-maura.htm> Acesso em setembro de 2020.

287 Schor, Hirsch. Em torno da Conferência Brasileira sobre o Parto sem Dor. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 16, novembro 1958, p. 8.

feliz”.²⁸⁸ O fato de o PSD não ser entendido como algo completamente resolvido seria um convite aos médicos para que o experimentassem e fizessem contribuições com o desenvolvimento de seu conhecimento.²⁸⁹

O tema do parto sem dor apareceu pela primeira vez na revista *AMB* na edição de setembro de 1952, na edição n. 5, em artigo de autoria do russo A. Nicolaev – obstetra que implementou o PSD no Instituto de Ginecologia e Obstetrícia de Leningrado, onde era diretor, após constatar os resultados positivos da sua ampliação em Karkov, capital da Ucrânia. Também era membro da Academia de Ciências Médicas da URSS. O artigo se inicia com a formalidade da saudação a Pavlov como fundador da fisiologia contemporânea das teorias do nervismo, ou seja, as que colocavam o sistema nervoso como determinante para as funções vitais do organismo. O médico russo também fez referências a Velvoski e Platonov (também a Plotitcher e Choubin, que são menos citados nos artigos), psiconeurologista e obstetra soviéticos, como criadores do método psicofilático de analgesia do parto a partir de Pavlov. O objetivo principal do PSD foi explicitado por Nicolaev nesse artigo.

O princípio principal desse método é dissipar o medo do parto nas mulheres grávidas, eliminar as emoções negativas, e a ideia de que o sofrimento é inevitável, criar novas relações corticais sobre o término feliz do parto e ausência de dores em seu desenvolvimento, explicando de maneira minuciosa o ato do parto, que é um processo rigorosamente fisiológico.²⁹⁰

A. P. Nicolaev afirmou serem dois os princípios fundamentais da psicofilaxia da dor do parto: 1) o papel da palavra como excitante incidindo sobre o córtex (Segundo Sistema de Sinalização, na nomenclatura de Pavlov), podendo ser considerada o maior excitante externo para o organismo humano; 2) o papel exclusivo do córtex como diretor dos processos fisiológicos. Sobre a palavra, ele salienta: “ela age sobre o córtex e por intermédio do córtex”.²⁹¹ Para Nicolaev,

direta ou indiretamente, com a ajuda da palavra, podemos agir sobre o metabolismo de água, do CO², sobre as trocas calóricas, sobre o PH, sobre as

288 Schor, Hirsch. Em torno da Conferência Brasileira sobre o Parto sem Dor. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 16, novembro 1958, p. 8.

289 Schor, Hirsch. Em torno da Conferência Brasileira sobre o Parto sem Dor. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 16, novembro 1958, p. 7.

290 Nicolaev, A. Os principais problemas de obstetrícia e de ginecologia à luz da teoria de Pavlov. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 5, setembro-dezembro 1952, p. 52.

291 Nicolaev, A. P. As bases teóricas da psico-filaxia do parto sem dor. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 7, agosto-setembro 1953, p. 17.

funções tróficas do organismo, sobre todas as funções dos órgãos dos sentidos, estimulando, freando ou transformando suas reações.²⁹²

Nesse artigo, Nicolaev estabeleceu contribuições científicas soviéticas que levaram à assertiva de que a dor no parto tem um substrato material “sob a forma de excitações vindas do útero em contração”.²⁹³ Apesar de a dor provocar excitação em todas as mulheres na ocasião do parto, “seu grau não é o mesmo nas diferentes mulheres”. Essa variação depende de seu estado e do “tipo” do seu sistema nervoso” (categorização estabelecida por Pavlov de maneira geral e aplicada por Nicolaev às parturientes). As informações nesse sentido apresentadas por Nicolaev demonstrando as classificações pelos tipos nervosos estão organizadas no Quadro 4.

Relação parturiente x dores do parto, segundo classificação de tipo nervoso de Pavlov		
Não sentem dor	Sentem dores moderadas	Sentem dores fortes
De 7% a 14% das mulheres não sentem dores porque elas têm “elevado limiar de sensibilidade do Sistema Nervoso Central”	Possuem Sistema Nervoso do tipo forte: sentem dores moderadas e as suportam fácil e calmamente, não apresentam medo ou pânico, esperam com paciência a criança, ideia que prevalece como dominante no córtex, acima de outros excitantes internos ou externos.	Possuem Sistema Nervoso do tipo fraco: fortes dores são associadas ao sentimento de medo e pânico, temor do sofrimento e complicações. Possuem um limiar de sensibilidade baixo. Geralmente escutam “coisas terríveis” sobre o parto

Quadro 4: Elaborado com base nos dados apresentados por Nicolaev na *AMB* n. 5 (setembro-dezembro 1952), p. 51.²⁹⁴

Nicolaev explicou que a atividade do córtex cerebral é inversamente proporcional à intensidade da dor experienciada pela mulher:

Quanto mais o córtex está inibido enfraquecido, por exemplo, em presença da hipertensão do sistema nervoso da parturiente, tanto mais a sub-corticalidade

292 Nicolaev, A. P. As bases teóricas da psico-profilaxia do parto sem dor. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 7, agosto-setembro 1953, p. 17.

293 Idem.

294 Nicolaev, A. Os principais problemas de obstetrícia e de ginecologia à luz da teoria de Pavlov. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 5, setembro-dezembro 1952, p. 51.

é ativa e em consequência, a emissão dos impulsos interoceptivos para o córtex se faz facilmente e as dores serão mais fortes.

Quanto mais o córtex é ativo, tanto mais facilmente se forma uma forte concentração do processo excitador num ponto qualquer do córtex que imediatamente é cercado de uma zona de indução negativa; as dores serão menos violentas quaisquer que sejam as condições.²⁹⁵

A aplicação do método psicoprofilático, termo técnico do “parto sem dor”, dependeria de algumas condicionantes. Seria necessário que o pré-natal da mulher grávida fosse realizado em uma clínica antes de quatro ou cinco semanas do parto; que se investisse em formação especializada da equipe profissional da clínica; e que houvesse uma boa conduta do parto, evitando e prevenindo acidentes. Segundo o autor, o método acarretou a diminuição das dores do parto em 90% dos casos.²⁹⁶

Nicolaev afirmou que o papel do sistema nervoso no parto prematuro ficou constatado pela aplicação do tratamento do sono prolongado, outra técnica bastante utilizada por médicos soviéticos inspirada na doutrina pavloviana –²⁹⁷ sendo que na obstetrícia se utilizava o sono prolongado parcial, provocado pelo uso de uma solução de amital sódico (barbitúrico com propriedade sedativa).²⁹⁸ Essa ação trouxe bons resultados em “quadros de vômitos, nefropatia com hipertensão, afecções pós-parto, de processos inflamatórios”.²⁹⁹ Nicolaev reverenciou a autoridade de Pavlov ao final do artigo: “Pavlov demonstrou que a fisiologia e a medicina são inseparáveis uma da outra, que o progresso da terapêutica é impossível sem o progresso da fisiologia e que todo clínico deve ser bom fisiologista”.³⁰⁰ Segundo ele, os estudos que tinham como base a atuação do córtex cerebral no campo da ginecologia e da obstetrícia seguiriam em busca de soluções para diferentes doenças.

João Belline Burza, médico brasileiro que morou na URSS, escreveu um artigo para a revista *AMB* contando a história do PSD: “A verdadeira história do descobrimento da ciência soviética que se converteu em patrimônio de toda medicina mundial”.³⁰¹ “Escreveu de Moscou João Belline Burza”: a informação era significativa e se destacou logo abaixo do título do artigo,

295 Idem.

296 Nicolaev, A. Os principais problemas de obstetrícia e de ginecologia à luz da teoria de Pavlov. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 5, setembro-dezembro 1952, p. 52.

297 Nicolaev, A. P. Os principais problemas de obstetrícia e de ginecologia à luz da teoria de Pavlov. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 5, setembro-dezembro 1952, p. 54.

298 O sono prolongado de longa duração serviria ao campo da saúde mental.

299 Nicolaev, A. P. Os principais problemas de obstetrícia e de ginecologia à luz da teoria de Pavlov. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 5, setembro-dezembro 1952, p. 54.

300 Nicolaev, A. P. Os principais problemas de obstetrícia e de ginecologia à luz da teoria de Pavlov. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 5, setembro-dezembro 1952, p. 54.

301 Burza, João Belline. Dádiva humanitária. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 17, janeiro-abril 1958), p. 3.

“Dádiva humanitária”. Burza foi um dos colaboradores da revista *AMB* e trabalhou no Instituto Pavlov (URSS). Em seu artigo, narrou a experiência sobre ter se encontrado com Iliá Z. Vavilov – “inspirador e criador do método”.³⁰²

A narrativa de Burza é uma ode à ciência soviética. Para ele, a URSS apresentava uma alternativa ao problema milenar enfrentado pelas mulheres com bases científicas, constituindo-se em um benefício humanitário que superaria o “obscurantismo da Guerra Fria”.³⁰³

Na União Soviética, onde a ciência e a técnica atingiram ao grau das conquistas dos vôos cósmicos e do maravilhoso “Sputnik”, pôde-se, também, chegar ao momento da realização de um dos “sonhos dourados da humanidade”.

Na URSS, na verdade, nasceram as ideias, elaborou-se e triunfou o sistema da preparação psico-profilática da mulher para o parto sem dor. E isso, sem qualquer uso de medicamento, da hipnose ou da persuasão, provando-se que a dor do parto não é natural, nem é inevitável, e que pode ser, portanto, perfeitamente evitada.

Para evitar as dores do parto, propôs-se assim, o sistema de “ensinar” à mulher o ato da maternidade. Apresentou-se a teoria de que a dor no parto podia ser evitada, não apenas em casos individuais, em casos isolados. No espírito dos autores, surgiu o pensamento de que estavam realmente seguindo um caminho justo, e que, ensinando-se à humanidade, podemos atingir a um tal nível, que as dores nos partos normal [*sic*] serão completamente abolidas. Nessa hora então, o parto sem dor será um fenômeno de massa e a nobre função da humanidade, antes cheia de apreensões e sofrimento, será um instante de alegria, confiança e felicidade.³⁰⁴

Do encontro com o cientista Vavilov, Burza enalteceu seu humanismo. Durante a guerra, o médico ucraniano trabalhou em um hospital militar, especializado na área da psiconeurologia e de neurocirurgia, de ampla aplicação desde contusões a neuroses traumáticas. Finda a guerra, o estabelecimento foi transferido para Karkov. Nesse local, Vavilov batalhou para fundar uma maternidade. E por ele ser da área da neurologia, o fato de dirigir uma maternidade foi descrito como inusitado. Burza contou que Vavilov reconheceu o apoio que recebeu no início, quando o empreendimento mais parecia uma espécie de “fantasia”, e que em 1949 surgiu uma seção de maternidade sem gritos pela primeira vez no mundo.³⁰⁵ O termo “psicoprofilático” foi denominado por Nicolaev.

E assim surgiu na vida o sistema de psicoprofilaxia da dor no parto. Um sistema baseado nas doutrinas de Pavlov e que encarna as ideias profiláticas

302 Burza, João Belline. Dádiva humanitária. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 17, janeiro-abril 1958), p. 3.

303 Burza, João Belline. Dádiva humanitária. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 17, janeiro-abril 1958, p. 5.

304 Burza, João Belline. Dádiva humanitária. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 17, janeiro-abril 1958, p. 4.

305 Burza, João Belline. Dádiva humanitária. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 17, janeiro-abril 1958, p. 9.

da medicina soviética. Um sistema que não se baseia no hipnotismo. Nem na sugestão elementar, senão na pedagogia, na instrução e na didática. Principiou-se a ensinar às mulheres a darem à luz, do mesmo modo como se ensina qualquer atividade. Principiou-se a educar a mulher grávida para que se comportasse de uma forma consciente e sensata durante o parto. Para que soubesse dar à luz em consonância com as exigências da ciência.³⁰⁶

A metodologia para a preparação da forma consciente do parto foi explicitada por Burza no artigo seguinte, na mesma edição da revista *AMB* n. 17. “O problema do parto sem dor na URSS” é resultado de uma série de visitas ao Instituto de Ginecologia e Obstetrícia de Leningrado, dirigido por Nicolaev e ligado à Academia de Ciências da URSS, que teve um importante papel na consolidação do parto sem dor. Em janeiro de 1951, em Leningrado se realizou a primeira conferência voltada para o problema do parto sem dor, com objetivo de “estudar sua eficácia clínica”, “estabelecer indicações de sua aplicação”, “considerar o problema da combinação racional com os métodos farmacológicos da indolorização no parto e corrigir a metodologia de avaliação dos resultados do método psico-profilático do parto sem dor”.³⁰⁷ Inicialmente o método era realizado com gestantes de 35 semanas, mas posteriormente se considerou atendê-las em fases anteriores da gestação. O método era transmitido em cinco aulas. Para a maioria das gestantes saudáveis, as aulas aconteciam em grupos, e para gestantes em risco, individualmente.

A aula 1 era focada em desvincular a emoção do medo em reação ao parto. Na aula 2, explicavam-se a anatomia genital feminina e as transformações no organismo durante a gestação, ressaltando sua função na preparação do corpo para o parto, esclarecendo a importância do sistema nervoso no parto e modificando a visão da parturiente como passiva. Na 3ª aula, era explicado o primeiro período do ato do parto, com noções de contração e processos que acontecem no aparelho genital feminino. Na 4ª aula eram tratadas as peculiaridades fisiológicas da segunda e da terceira fases do período do parto. Para a segunda fase, eram recomendadas às parturientes a posição “em decúbito dorsal em posição pélvica e rotuliana”.³⁰⁸ O tema da 5ª aula era “alegria da maternidade”, em que se falava da maternidade como tarefa honrosa da mulher, além de se abordar “indicações do governo soviético sobre

306 Burza, João Belline. Dádiva humanitária. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 17, janeiro-abril 1958, p. 10.

307 Burza, João Belline. O problema do parto sem dor na URSS. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 17, janeiro-abril 1958, p. 14.

308 Burza, João Belline. O problema do parto sem dor na URSS. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 17, janeiro-abril 1958, p. 17.

ajuda às mães prolíferas e às mães solteiras”.³⁰⁹ Após cada aula, as gestantes realizavam exercícios físicos, com base na ideia de que eles consolidam o sistema nervoso, melhoram o processo do metabolismo, estimulam a capacidade de trabalho e a circulação sanguínea.³¹⁰ Esses exercícios reunidos em conjunto integrariam a metodologia de combate à dor no parto.

Burza também comentou os critérios de avaliação dos resultados do parto sem dor. Era utilizado o método de avaliação complexa proposto por Velvovski e aprovado pelo Ministério da Saúde da URSS. A peculiaridade do método era a consideração do sofrimento da parturiente, assim como de suas queixas. O processo do parto era dividido em duas etapas: início da dilatação e fim de dilatação. Esse método foi criticado, e passou-se a seguir uma avaliação mais simples no Instituto de Ginecologia e Obstetrícia.

Foi a partir da adoção do método do parto sem dor pelo médico obstetra francês Fernand Lamaze (1891-1957) na maternidade *Pierre-rouquès* (que depois passou a se chamar *Les Bluets*), ligada à Policlínica do Sindicato de Metalúrgicos em Paris e à Central Geral de Trabalhadores, que o método foi amplamente difundido no Ocidente. Lamaze esteve na União Soviética em agosto de 1951 por três semanas. Junto com uma comitiva composta por onze colegas, percorreu pontos turísticos e visitou instituições para conhecer os avanços da medicina soviética, entre os quais o método de analgesia do parto psicoprofilático que vinha sendo praticado por Nicolaev em Leningrado.

Lamaze conheceu Nicolaev um mês antes de sua viagem à URSS, na ocasião em que o russo apresentou um trabalho no Congresso Internacional de Ginecologia e Obstetrícia em Paris, em junho de 1951 (MICHAELS, 2014: 7), o que demonstra a importância dos eventos internacionais para práticas de intercâmbio científico. Além de visitar o Brasil em novembro de 1956, Lamaze esteve em Cuba em dezembro de 1955 (MICHAELS, 2014: 182) divulgando o parto sem dor.

O método psicoprofilático do parto sem dor teve origem em Karkov, na Ucrânia (república soviética), pelo trabalho de Iliá Velvoski em 1950; muito rapidamente, no ano seguinte, o método se transformou em política de saúde pública em todas as repúblicas soviéticas. Para Paula Michaels (2014), houve uma conjugação de interesses que fez com que o PSD sobressaísse e recebesse incentivos estatais nesse momento. Um dos elementos que marcaram as condições da União Soviética no pós-Segunda Guerra Mundial foi a baixa

309 Burza, João Belline. O problema do parto sem dor na URSS. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 17, janeiro-abril 1958, p. 17.

310 Burza, João Belline. O problema do parto sem dor na URSS. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 17, janeiro-abril 1958, p. 17.

demográfica. No entanto, diante do esgotamento de recursos materiais, o orçamento estava bem baixo para as diversas demandas de um país arrasado pelo conflito. As condições eram desanimadoras para a adoção de medidas com amplitude a todas as repúblicas soviéticas. Mesmo no campo da saúde da maternidade e infância, que contava com indesejáveis índices de mortalidade, por exemplo, outras agendas seriam mais urgentes do que aliviar o sofrimento das mulheres no parto (MICHAELS, 2014: 27).

Stalin passou a compactuar com uma postura pronatalista pelo menos desde 1936, quando proibiu a prática do aborto que estava legalmente amparada desde 1920. A política stalinista de Planificação Econômica (década de 1930) incluiu medidas para aumentar a taxa de fecundidade e buscou incentivar o bem-estar materno e infantil com a expansão da oferta de maternidades, creches e jardins de infância (MICHAELS, 2014: 28). A URSS ingressou na guerra em 1941, suspendendo esses projetos, e no imediato pós-guerra não havia viabilidade para retomar a agenda pronatalista.

Tradicionalmente, Karkov, capital da Ucrânia, era conhecida por boas experiências em relação a partos, principalmente antes da guerra (34% dos nascimentos receberam alguma forma de alívio em 1940), porém foi bastante impactada com a ocupação nazista (apenas 3% dos partos tiveram benefícios contra dor em 1944), e depois da guerra vários médicos recorriam à combinação entre psicologia e farmacologia no parto (MICHAELS, 2014: 28, 33). Em 1948, foi lançado um conjunto de instruções para o uso de recursos psicológicos para melhorar a eficácia da analgesia farmacológica em mulheres em atividade de parto. No entanto, dois anos depois desse lançamento ainda havia muita desigualdade entre as áreas urbanas e rurais, além de uma série de outros problemas que levaram os resultados do programa a serem insatisfatórios (MICHAELS, 2014). Por outro lado, a produção de óxido nitroso (recomendado como anestésico no parto natural desde 1949 pela URSS e seu ministro da Saúde, I. E. Smirnov) não era suficiente para um programa amplo e nacional e esbarrava em diversos obstáculos técnicos e financeiros que tinham a ver com limitações da indústria farmacêutica soviética. Esse panorama apresentado por Michaels (2014) dimensiona a importância do PSD na cultura pós-guerra e na Guerra Fria. Segundo Michaels, o método PSD era uma técnica que demandava baixo investimento e atendia a anseios antigos do Estado soviético. Em tempos de Guerra Fria, o PSD foi absorvido como elemento de propaganda soviética e recebeu apoio dos partidos comunistas, principalmente do PCF, para agilizarem práticas de sua divulgação. Porém, o PSD não se restringe a uma prática comunista.

O método psicoprofilático de analgesia do parto é um termo “guarda-chuva” que apresenta variações de significado no tempo e no espaço. Por definição geral, trata-se de uma perspectiva de valorização de aspectos psicológicos com a finalidade do uso de métodos de analgesia não farmacêuticos (MICHAELS, 2014: 7). Paula Michaels (2014) tratou do termo em uma perspectiva transnacional. Segundo ela, tal abordagem psicológica se iniciou com o médico britânico Grantly Dick-Read (1890-1959) nos anos 1940. Na Rússia, a prática diminuiu gradativamente a partir de 1956, além de ter havido dificuldades de sua aceitação entre as parteiras. Na França, após a morte de Lamaze, em 1957, se estabeleceu uma crise quanto ao uso do PSD; apesar disso, se assistiu a uma ampliação do uso do PSD na década de 1960 via grupos feministas que renovavam o feminismo como contracultura, manifestação, bandeira e luta política. Também nos Estados Unidos, a técnica que era associada ao comunismo nos anos 1950, passou a ser ressignificada pelos movimentos feministas e suas noções de empoderamento do corpo nas décadas de 1960 e 1970 (MICHAELS, 2014: 7).

Artigos publicados na *AMB* traduzidos de revistas médicas francesas apontavam que o método psicoprofilático foi uma inspiração, mas não um modelo total e exatamente aplicado tal qual sua origem soviética. Os dois artigos são relatos de caso. Um deles é um relato de caso que trata da aplicação de Henri Pigeaud (1897-1987) e de Armand Notter em uma maternidade francesa em Lyon, demonstrando como conjugaram ao longo de dois anos os métodos do parto dirigido, da analgesia e do método psicoprofilático.³¹¹ Os médicos consideraram que os métodos são complementares, devendo, portanto, estar associados. O resultado de satisfação entre as parturientes foi da ordem de 85%.³¹² Outro apresenta um balanço a respeito dos setecentos casos avaliados, publicado no boletim da Sociedade de Ginecologia e Obstetrícia de Paris. Os autores, como outros de seus colegas e compatriotas, conjugaram o método russo com o do parto dirigido. A opinião expressa no artigo é de que não há contradição desde que a substância utilizada “seja compatível com a manutenção das relações córtico-viscerais”.³¹³ Utilizaram como método de avaliação do programa o esquema Astachov, cujas categorias

311 Pigeaud, H.; Notter, A. A preparação psico-fisio-terápica ao parto dirigido. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 14, maio-junho 1956, p. 13. Publicada originalmente na revista médica francesa *La Presse Medicale* em edição de 14/3/1956.

312 Pigeaud, H.; Notter, A. A preparação psico-fisio-terápica ao parto dirigido. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 14, maio-junho 1956, p. 15.

313 Baux, R.; Ferrier, Y. Nossa experiência de analgesia obstétrica por método psico-profilático em clínica privada. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 17, maio-junho 1956, p. 17.

possuem variantes de 0 a 3: sem dor (3), manifestação de dores suportáveis (2), efeito analgésico passageiro (1) e total insucesso (0).³¹⁴

As narrativas sobre o parto sem dor nos artigos da revista *AMB* tratam do surgimento do método, da sua importância para as mulheres soviéticas e de todo o mundo e da flexibilidade quanto a sua aplicação, de maneira que fossem aceitáveis adaptações.

4.4.2. A tissuloterapia ou o método Filatov na *AMB*

Criada pelo oftalmologista soviético Vladimir Petrovich Filatov (1875-1956),³¹⁵ a tissuloterapia foi uma técnica experimental de regeneração de tecidos com fim curativo para diversas doenças. Por vezes conhecida por histoterapia ou filatoterapia, ela recebeu menos atenção dos ocidentais em comparação com a técnica do parto sem dor. No entanto, ganhou espaço nas páginas da revista *AMB*, inclusive porque teve a adesão de Milton Lobato, um dos editores da revista. Como especialista em fisiologia (antiga denominação da pneumologia), ele tratou pacientes acometidos por asma brônquica crônica após retornar de viagem da URSS e relatou sua experiência com essa terapia em um artigo na revista *AMB* (n. 15, jun. 1957).

A *AMB* publicou meia dúzia de artigos abordando diretamente a técnica de cura com tecidos. Além da publicação de Lobato, houve um artigo sobre a tissuloterapia assinado pelo próprio Filatov. Dois artigos eram de autoria soviética, um do médico francês Emilio Aron e outro que havia sido replicado de outra revista, *Sinopsis Medica Internacional* (periódico publicado em Cuba),³¹⁶ sem identificação de autoria. De maneira geral, os artigos seguiam uma certa ordem narrativa: apresentavam os dados históricos da tissuloterapia, explicavam o princípio geral da metodologia da terapia que tem como base o conceito de “bioestimulinas”, tratavam dos detalhes do procedimento, destacavam a ação de determinadas substâncias

314 Baux, R.; Ferrier, Y. Nossa experiência de analgesia obstétrica por método psico-profilático em clínica privada. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 18, maio-junho 1956, p. 17.

315 Em artigo de *Atualidades Médicas e Biológicas*, Filatov foi identificado como diretor do Instituto Experimental de Odessa (Ucrânia) e vencedor do prêmio Herói do Trabalho Socialista (ano de 1952). Filatov, V. P. Tissuloterapia. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 14, maio-junho 1956.

316 Segundo bases de busca de periódicos do Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (CCN/ IBICT). Disponível: <https://ccn.ibict.br/busca.jsf> <https://portal.issn.org/> Acesso em abril de 2022.

tissulares, faziam referência à literatura e por fim, apresentavam resultados clínicos de seus estudos.

A prática da tissuloterapia se originou no campo da oftalmologia com o objetivo de tratar leucomas, doença que leva ao turvamento na córnea por infecção ou traumatismo, podendo apresentar intensidades distintas e, em alguns casos, levar à cegueira. O tratamento dessa doença variava de uma iritectomia (procedimento na íris) até a necessidade de um transplante de córneas, existente desde 1913. Filatov contou que aperfeiçoou a técnica do transplante, tornando-a mais segura e acessível, permitindo sua popularização e expansão ao “oculista comum”.³¹⁷ Em razão disso, a quantidade de operações cresceu exponencialmente, e Filatov passou a acumular e apresentar dados de êxito. A novidade de seu método era que em vez de utilizar córneas frescas, como era de praxe, passou a utilizar córneas de cadáveres, retiradas após horas do falecimento (no máximo até dez horas) e conservadas em temperatura entre 2° C e 4° C, podendo ter duração de vários dias. Filatov publicou suas observações em 1934, sugerindo que a conservação a frio traria maiores benefícios para o processo de adesão do transplante de córneas.³¹⁸ O tecido fresco possuiria propriedades curativas, mas em menor grau, segundo ele.

Da oftalmologia, a técnica experimental foi adaptada para outros campos da medicina, tais como “dermatologia, pediatria, otorrinolaringologia, cardiologia e cirurgia.”³¹⁹ Fora a expansão dos campos de aplicabilidade da tissuloterapia, a própria base material da experimentação foi ampliada. Após constatar as potencialidades de substâncias vivas do reino vegetal que, em determinadas condições, produziam “estimulantes biógenos”, Filatov reformulou seu conceito, já que sua hipótese de que espécies de plantas em condições desfavoráveis (que no caso das plantas se daria pela ausência de luz) produziriam estimulantes biógenos havia sido confirmada com base em seus experimentos.³²⁰

Isto me permitiu aumentar o conceito de estimulantes biógenos, formulando-o da forma seguinte: todo tecido vivo (humano, animal ou vegetal) separado do organismo e colocado em condições desfavoráveis, porém não mortais, sofre uma modificação bioquímica formando substâncias especiais de caráter não específico – estimulantes biógenos – capaz de exercer reações vitais no organismo no qual foram introduzidos por qualquer via.³²¹

317 Filatov, V. P. Tissuloterapia. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 14, maio-junho 1956, p. 19.

318 Filatov, V. P. Tissuloterapia. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 14, maio-junho 1956, p. 20.

319 Aron, Emilio. A Terapêutica Tissular. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 11, janeiro-fevereiro 1955, p. 19.

320 A Terapêutica Tissular de Filatov. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 12, janeiro-fevereiro 1956, p. 34.

321 Filatov, V. P. Tissuloterapia. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 14, maio-junho 1956, p. 22.

Segundo Filatov, essa substância seria produto de um processo bioquímico de adaptação do tecido a um novo ambiente: “os estimulantes biogênicos formam-se em todas as partes onde existe luta pela vida e as novas condições de existência”.³²²

A técnica era realizada por implantação ou por injeção de extrato de tecido³²³ de procedência animal (após baixas temperaturas) ou vegetal (após obscuridade). O artigo de Filatov explica a metodologia em cada caso; implantações ou extratos seriam administrados em ambulatórios e o doente observado em sete dias.³²⁴ A variedade dessas implantações era reconhecida por pares (pele de cadáveres, placenta, enxertos de vegetais, óleo de fígado de bacalhau). Embora a escola russa desse preferência à pele de cadáveres, para o médico francês Emilio Aron o importante era que o enxerto tivesse sofrido intensa agressão para acumular a maior quantidade de substâncias biógenas.³²⁵ Dos tecidos de origem animal, comumente, se recorria às placentas, que era preferência entre os médicos que utilizariam a técnica em razão de serem tecido humano e descartadas após o parto, sendo abundantes e facilmente encontradas.³²⁶

Embora fosse uma técnica inspirada nos princípios de Pavlov, não há menção à doutrina pavloviana propriamente nos artigos que tratam da tissuloterapia na *AMB*. Outro aspecto da narrativa de Filatov sobre a tissuloterapia, e que se assemelha às teses de Pavlov, era seu caráter inespecífico, isto é, não atuava diretamente nos órgãos doentes, mas ao contrário, agia em todo o organismo.³²⁷

A técnica estaria aberta à experimentação. Essa tendência acabava gerando uma imagem dúbia entre os médicos: a tissuloterapia seria uma panaceia ou uma falácia? Em artigo publicado pela *AMB* n. 11 (jan.-fev. 1955), “A terapêutica tissular”, Aron fez as honras a Filatov. Sua intenção era responder se haveria um princípio no método e se ele era eficaz.³²⁸

De maneira geral, Aron percebeu que haveria duas posições sobre a tissuloterapia na literatura: aquela que a via como uma panaceia de aplicação sistemática e aquela que acreditava que a técnica não traria qualquer resultado, e para a qual os quadros de melhoras seriam atribuídos a efeitos de “influências psíquicas”.³²⁹ Para ilustrar tamanha disparidade de

322 Filatov, V. P. Tissuloterapia. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 14, maio-junho 1956, p. 21.

323 Filatov, V. P. Tissuloterapia. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 14, maio-junho 1956, p. 22.

324 Filatov, V. P. Tissuloterapia. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 14, maio-junho 1956, p. 22-23.

325 Aron, Emilio. A terapêutica tissular. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 11, janeiro-fevereiro, 1955, p. 19-20.

326 A terapêutica tissular de Filatov. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 12, janeiro-fevereiro 1956, p. 35.

327 Filatov, V. P. Tissuloterapia. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 14, maio-junho 1956, p. 23, 30.

328 Aron, Emilio. A terapêutica tissular. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 11, janeiro-fevereiro 1955, p. 19.

329 Aron, Emilio. A terapêutica tissular. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 11, janeiro-fevereiro 1955, p. 22.

percepção quanto à eficácia da técnica, Aron apresentou dados de casos de eficácia no tratamento da miopia progressiva (doença escolhida como exemplo de caso em que a aferição depende da “impressão subjetiva do doente”): 89% de êxito na URSS contra 0% na França.³³⁰ Ainda assim, apesar da exposição dessa porcentagem tão acentuada, não encontramos nesses artigos publicados em diferentes edições da *AMB* uma discussão sobre as abordagens que negavam a eficácia da tissuloterapia.

Todos os artigos apresentaram dados e observações clínicas das experiências de seus autores com a terapia tissular em tratamentos a variados males. Dos cem casos avaliados, Filatov citou em seu artigo uma variedade de enfermidades que tiveram resultados considerados positivos. Segundo ele, a tissuloterapia teve sucesso em mais de quarenta enfermidades. Ela ainda pode ser combinada com outras estratégias terapêuticas (sulfas, penicilina, vitaminas, insulina, hormonioterapia e fisioterapia).³³¹

Fotografias publicadas em artigo de Filatov mostram a situação de alguns dos casos clínicos antes e depois da submissão à terapia tissular comentados pelo cientista e legitimam o sucesso de sua prática, somando-se aos dados positivos apresentados. A melhoria dos problemas de pele e olhos passa a ser inegável com a comparação (Figuras 25 e 26). Vejamos os pares das fotografias na direção vertical de cima (antes) para baixo (depois). Na Figura 25, a primeira fotografia é o registro de uma jovem com lúpus tuberculoso (o tratamento convencional não havia retornado resultados). E após 28 dias de início do tratamento da úlcera tuberculosa com enxerto de pele de cadáver, seis dias no gelo, não retornou mais à clínica.³³² Em seguida (da esquerda para a direita), trata-se de um enfermo, resistente a outros tipos de tratamentos, que apresentava úlcera tuberculosa na mão, após três meses da realização do transplante implantado na parte extrema do antebraço. Seu caso foi acompanhado ao longo de três anos, sem qualquer intercorrência. As figuras subsequentes, de uma criança, são as fotos de um menino com queratite escrofulosa, mais comum na infância e que afeta o estado geral da criança (sono, apetite) – não se indicou informação do prazo do tratamento entre as fotos. As figuras dos olhos demonstram a evolução do campo visual da enferma S., 20 anos em 1949, que de visão 0,02 passou a 0,10 no período em que foi tirada a fotografia. Seu caso foi mais explorado que os outros nesse artigo, e soubemos que em um ano de tratamento com os “estimulantes biógenos” sua visão chegou a 0,8 em um olho e 1 em outro.

330 Aron, Emilio. A terapêutica tissular. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 11, janeiro-fevereiro 1955, p. 22.

331 Idem.

332 Filatov, V. P. Tissuloterapia. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 14, maio-junho 1956, p. 18.

Na Figura 24 também há representações do tratamento de enfermidades da pele. As fotografias da mulher que se encontra no meio, entre um homem e outra mulher, são representativas de uma paciente com lúpus eritematoso, que se infectou durante uma gravidez, sem resultado com tratamento comum. Foi observada por seis anos, sem surpresas.³³³ A moça ao seu lado direito foi afetada por leishmaniose, e a fotografia abaixo demonstra a evolução após 45 dias de tratamento. No estudo, havia outros 53 casos registrados de leishmaniose que obtiveram êxito, segundo Filatov.³³⁴

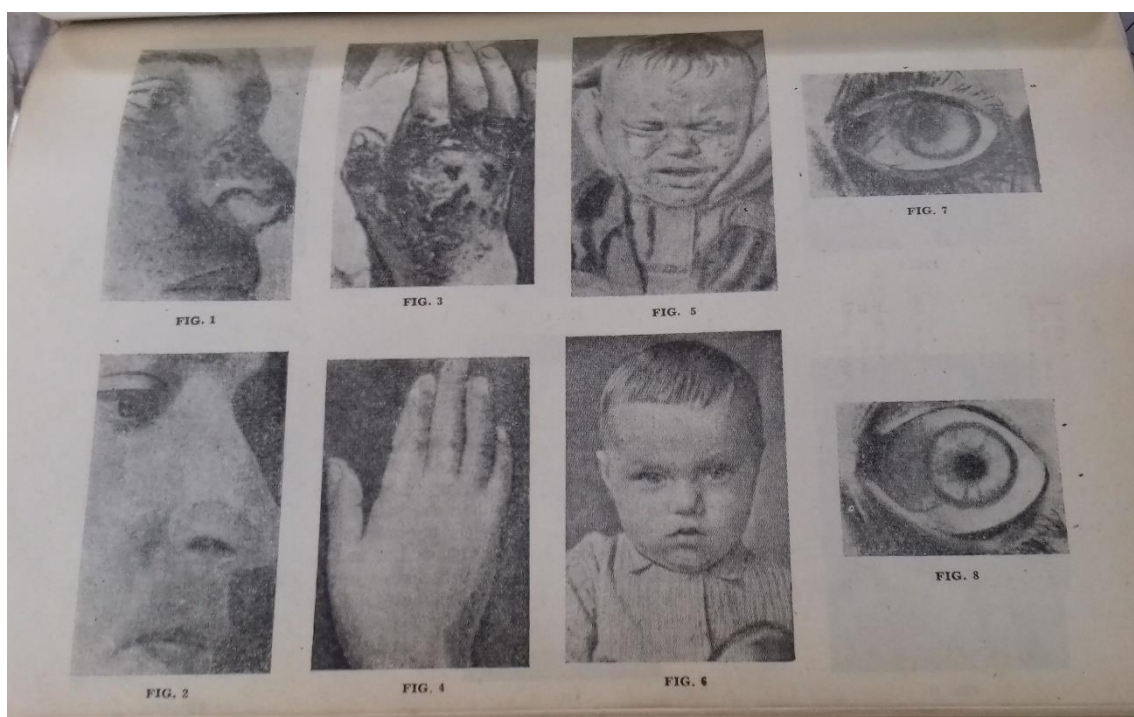


Figura 25: Fotografias de pacientes publicadas no artigo de Filatov na *AMB* n. 14 (maio-junho 1956) sobre casos clínicos e evolução do tratamento.

333 Filatov, V. P. Tissuloterapia. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 14, maio-junho 1956, p. 28.

334 Filatov, V. P. Tissuloterapia. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 14 maio-junho 1956, p. 29.



Figura 26: Fotografias de pacientes publicadas no artigo de Filatov na *AMB* n. 14 (maio-junho 1956) sobre casos clínicos e evolução do tratamento.

Filatov fez referência a trabalhos de colegas que obtiveram êxito com a aplicação dos implantes e engrossava o caldo das enfermidades que se beneficiariam com a técnica. Apesar do amplo espectro de atuação, listou aquelas contraindicadas: “transtorno grave do sistema cardiovascular, renal e hemorragia cerebral recente”.³³⁵

Nas experimentações com humanos coordenadas por Aron, que também acrescentou informações apresentadas na literatura, ele concluiu por reconhecer pelo menos três grupos de enfermidades que teriam indicação para a terapia tissular: as feridas atônicas, as algias, as psicastenias.³³⁶ Dentre as feridas, as úlceras varicosas se destacaram por cicatrizarem totalmente após um mês de aplicação de injeções com extratos de aloés (adotou-se a posologia de oito injeções com intervalo de dois dias). Quanto às algias, Aron destacou melhora nas dores de origem vascular, artrites de membro inferior, angina de peito e doença de Reynaud (estas duas últimas fazem parte das doenças cardíacas) e assinalou que a atuação do tratamento era apenas na dor, não na causa da enfermidade. O tratamento de doenças do grupo classificado como psicastenias mereceu atenção especial quanto à contribuição da técnica tissular. Apesar de o autor considerar o caráter não específico da tissuloterapia e seguir o consenso da literatura

335 Filatov, V. P. Tissuloterapia. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 14, maio-junho 1956, p. 30.

336 Aron, Emilio. A terapêutica tissular. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 11, janeiro-fevereiro 1955, p. 22.

de que ela acarreta melhora geral do paciente, trazendo benefícios ao apetite e ao sono, ele ponderou sobre sua ação às doenças mentais. Nesse caso, as melhorias de ordem subjetiva desafiariam a interpretação científica, já que a avaliação de efeitos psíquicos seria complexa. Ainda assim, destacou que observou evoluções em quadros de menopausa e outras síndromes psicastênicas.

Para Emilio Aron, a técnica da terapia tissular de Filatov requereria maiores estudos sobre os dados que comprovassem a existência dos agentes biógenos e o mecanismo de sua atuação, sendo “desejável que as pesquisas tenham andamento”.³³⁷

Veremos que essa foi a mesma linha argumentativa proposta no artigo de Milton Lobato, um dos membros do corpo editorial da AMB e também parte da delegação médica brasileira em viagem à URSS em 1953. Inclusive ele declarou que iniciou a prática do método de Filatov assim que regressou da União Soviética.³³⁸

O médico brasileiro Milton Lobato (1921-2004)³³⁹ foi um dos médicos brasileiros que aplicaram os ensinamentos de Filatov acerca da terapia tissular em suas atividades no Hospital dos Servidores no Rio de Janeiro e em seu consultório particular no centro da cidade. “Enxertos de placenta na asma” (*AMB* n. 15, junho de 1957) é seu relato de experiência trabalhando com essa técnica no tratamento de asmáticos.

O início do artigo apresentou a mesma disposição do artigo de Emilio Aron: com a informação da origem do método da tissuloterapia (em 1933 com Filatov, oftalmologista “soviético”), explicou o princípio das bioestimulinas (de maneira bastante clara e concisa), conto que a técnica passou por um desenvolvimento que ampliou o conceito e as afecções atendidas e que dispunha de imensa bibliografia apesar do pouco conhecimento do método no Brasil. Lobato mencionou o estudo de Aron, na França, como importante para explicar a razão dos resultados trazidos pelas bioestimulinas. Além dele, citou Zilov e Koullenda (trabalho com enxertos placentários em cães) na URSS.

Retornando de viagem, Lobato obteve autorização do diretor do Hospital dos Servidores da Prefeitura do Rio de Janeiro, Luiz Carlos Moreira de Souza, para realizar as experiências e recebeu apoio do chefe do serviço de fisiologia e doenças torácicas do hospital, Segismundo Ratto. Também recebeu ajuda dos acadêmicos Hyran Barbieri Costa e José Costa Estrada. Como “os gastos com os enxertos são mínimos (esterilização, agrafes, anestesia e

337 Aron, Emilio. A terapêutica tissular. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 11, janeiro-fevereiro 1955, p. 23.

338 Lobato, Milton. Enxerto de placenta na asma. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 15, junho 1957, p. 6.

339 Nesse artigo, Lobato foi apresentado como fisiologista do Hospital dos Servidores da Prefeitura do Distrito Federal e livre-docente de fisiologia da Faculdade Nacional de Medicina.

esparadrapo)”,³⁴⁰ inicialmente o programa era estendido a qualquer paciente que desejasse. No entanto, após uma mudança de direção na administração do hospital, essa autorização foi revogada e o tratamento passou a ser destinado apenas aos servidores municipais. Lobato também utilizava a técnica em pacientes no consultório. Como no artigo de Aron, há uma menção ao sentido de charlatanismo que era imprimido ao método. Na visão dele, isso se devia não apenas a sua imagem de panaceia, mas a sua origem soviética. Ao se referir a um coletivo de colegas brasileiros que realizavam o experimento russo, Lobato visava amenizar essa visão negativa.

A terapêutica de Filatov, no Brasil, ainda é mal conhecida apesar de sua difusão no mundo inteiro. De um modo geral eram usadas por emigrantes russos que se diziam médicos e discípulos de Filatov. Daí seu descrédito e um certo sabor charlatanesco, aliás favorecido pelas incógnitas e pelo panaceismo do método. Contudo, vários colegas de valor vinham ensaiando seu emprego e fazendo experimentação do método: A. T. Cunha de Mello, Julio Sanderson de Queiroz, Pascoale Cataldo, J. C. Gomes Silveira, Homero Jobim, Danilo Romano da Mota, Antonio Dutra Neves, entre outros.³⁴¹

Ao narrar sua experiência com método, Milton Lobato procurou ser didático. Ele contou que aproveitava as placentas que vinham da própria maternidade do hospital uma semana antes de serem utilizadas nos implantes aos pacientes, sendo mantidas conservadas em geladeira. No princípio, Lobato usava o espaço das salas de operação do hospital, depois passou a utilizar a sala de consultório do ambulatório ou de seu consultório privado. Toda a metodologia e a instrumentação (apenas um bisturi e uma pinça hemostática, além de material para assepsia e anestesia) usadas foram explicitadas detalhadamente no artigo. Era realizada a assepsia com iodo e o seguinte procedimento anestésico: “anestesia local com novocaína a 1%, abertura de 1 cm de uma botoeira cutânea e feitura de um túnel subcutâneo de 2 a 3 cm para colocação dos cubos ou fatias placentárias”.³⁴² Os pedaços de placenta eram obtidos do âmago placentário em recortes de 1 a 2 cm de largura e de 1 cm de comprimento – ou seja, eram retirados do tecido placentário longe do cordão, após uma limpeza para desprezar a membrana amniótica, as vilosidades externas e os cotilédones.³⁴³

Quanto à metodologia, todo o processo foi discriminado. Desde a fase da assepsia, da descrição da instrumentação, da frequência das implantações (as cinco primeiras são realizadas

340 Lobato, Milton. Enxerto de placenta na asma. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 15, junho 1957, p. 6.

341 Lobato, Milton. Enxerto de placenta na asma. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 15, junho 1957, p. 6.

342 Lobato, Milton. Enxerto de placenta na asma. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 15, junho 1957, p. 7.

343 Lobato, Milton. Enxerto de placenta na asma. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 15, junho 1957, p. 7.

semanalmente, e as cinco restantes, quinzenalmente), até sobre a região escolhida como sendo preferencialmente a axila. A absorção pelo corpo do paciente do “calombo placentário” levaria cerca de 15 dias a um mês.³⁴⁴

Em seguida a isso, o médico apresentou os resultados de dois anos e meio de trabalho com o método do enxerto de placenta, iniciado em fevereiro de 1954 no Hospital dos Servidores. Sua amostra avaliou 95 casos³⁴⁵ destacados de um total 213 atendimentos. Com pacientes do consultório, a técnica foi implementada um ano antes da redação do artigo. A maioria dos pacientes apresentava asma crônica e grave; muitos deles eram assíduos nos prontos-socorros, sendo reconhecidos por cognomes como “senhora da asma”, “rainha da asma” – uma delas chegava a passar 15 dos 30 dias do mês na tenda de oxigênio.³⁴⁶

Lobato realizava o acompanhamento dos pacientes enxertados e tratou que eles preenchessem um questionário para saber, entre outras coisas, se a doença havia piorado, estacionado ou melhorado. Houve algumas dificuldades no arrolamento desses questionários; nem todos os pacientes responderam (as informações desses casos não foram avaliadas). Optou por evitar “os casos de tuberculose pulmonar evolutiva, os cardíacos descompensados e câncer”,³⁴⁷ sendo considerados por ele como contraindicados ao método do enxerto de placenta. Dos casos avaliados, 10% resultaram em complicação do procedimento: foram acometidos por supurações que se dão pela manipulação da placenta. Houve um caso de paciente que não desanimou, apesar de ter sofrido supuração diversas vezes. A título de comparação, mencionou um colega no Paraná (não identificado) que teve insucesso em 100% de suas implantações. Todas sofreram supurações, mesmo tendo utilizado penicilina e outros antibióticos, de modo que desistiu do método.

Como resultado da análise com seus pacientes submetidos à técnica do implante placentário, Lobato afirmou que 71,5%, ou seja, 68 pacientes melhoraram, 22 estacionaram e cinco deles pioraram. Entre os que melhoraram, 54 (68%) tiveram recorrências leves e 14 não tiveram mais crises (Figura 27). Ele concluiu que a benignidade e o tempo de acometimento do paciente (quanto menor, melhor) com asma influenciariam na eficácia do tratamento.

Por fim, dissertou sobre o caráter fluido da asma.

A asma, contudo, mesmo sem tratamento, é entidade curiosa aparece e desaparece espontaneamente, (na amostra os casos [...] ficaram longos períodos livre da asma) desaparece sem rastros e um belo dia surge

344 Lobato, Milton. Enxerto de placenta na asma. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 15, junho 1957, p. 7.

345 Lobato, Milton. Enxerto de placenta na asma. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 15, junho 1957, p. 9.

346 Lobato, Milton. Enxerto de placenta na asma. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 15, junho 1957, p. 8-9.

347 Lobato, Milton. Enxerto de placenta na asma. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 15, junho 1957, p. 14.

violentamente. Uma vez na arena desafia a argúcia e a sabedoria do terapeuta, todos os tratamentos são enxertados e falham. Um dos maiores estudiosos do problema da asma, em nosso meio, pessoalmente disse-me, no seu desprezo de homem experimentado, que em certos casos, se lhe dissessem que rezar dava resultados, ele estaria disposto a rezar na cabeceira desses doentes. Por que não usar mais uma arma, quando sabemos que outras falharam? Por que não experimentar um método, se nos dizem ter dado razoável percentagem de bons resultados?

Frente a entidade tão caprichosa, como a asma brônquica, o mais aconselhável é o otimismo, usar as várias e precárias armas terapêuticas sem desanimar. Experimentar e experimentar mais, em benefício dos doentes. Por mais grave que seja, o doente espera sempre a sua “chance”. Ofereçam-lhe a do método de Filatov.³⁴⁸

A voz imperativa ao final não esconde o cunho propagandístico na narrativa do médico imbuído da divulgação da medicina soviética. Para Lobato, o método de Filatov se apresentava efetivamente como uma alternativa viável de tratamento para a asma brônquica. Seu discurso é um convite aos médicos para considerarem o tratamento tissular, uma vez que a asma possui traços de difícil eficácia de tratamento. Seu artigo apresentou um resumo em inglês, francês e alemão denotando a preocupação com o alcance de sua divulgação. Outro ponto que gostaríamos de destacar é que a partir do relato de Lobato, soubemos de outros médicos que experimentaram a técnica inspirados em Filatov.³⁴⁹ Nesse aspecto, Lobato ressaltou que Gomes da Silveira e Homero Jobim apresentaram um trabalho no Congresso Brasileiro de Obstetrícia e de Ginecologia (São Paulo, 1954) sobre a implantação de âmnios, membrana do embrião, alcançando bons resultados em mulheres jovens que sofriam de amenorreia secundária.³⁵⁰

348 Lobato, Milton. Enxerto de placenta na asma”. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 15, junho 1957, p. 19.

349 Os colegas de Lobato por ele referenciados como estabelecendo práticas com base nos experimentos de Filatov são: “A. T. Cunha de Mello, Julio Sanderson de Queiroz, Pascoale Cataldo, J. C. Gomes Silveira, Homero Jobim, Danilo Romano da Mota, Antonio Dutra Neves, entre outros”. Lobato, Milton. Enxerto de placenta na asma. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 15, junho 1957, p. 6.

350 Lobato, Milton. Enxerto de placenta na asma. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 15, junho 1957, p. 18.

CODIGO DE CASO	NOME	IDADE	SEXO	COR	PROFISSÃO	ESTADO CIVIL	PRIMEIRO EPISÓDIO DA DOENÇA	PERÍODO EM QUE SOFRE DA DOENÇA	CLASSIFICAÇÃO DO NÍVEL DA ASMA	TRATAMENTO ANTERIOR	DESENSIBILIZAÇÃO ESPECIAL	Nº DE IMPLANTES	DATA DE INÍCIO	DATA DE FIM	REACÇÃO	SUPLENÇÃO	OUTRA DOENÇA	ALTERADA		
69	NIC	9814	23a	B	F	prof.	S	3a	20a	B N	Estrepto. pen. vacs. adr. Bipo. calcimag. B. DISPNEIHAL	S	7	21-6-54	6-7-54	M	5 ^a	N		
70	JC	2589	47a	Pd	M	func.	C	1a	48a	B N	Vacs. soluto croc. auroc. autoben. Tuberculinat.	S	5	12-3-54	13-5-54	M	1 ^a	N		
71	EFC	7623	36a	B	M	func.	S	34a	2a	F S	Vacs. auroc. estrepto. pen. soluto croc. aminofila	S	10	6-12-54	1-4-55	M	5 ^a	N		
72	LM	7738	18a	B	F	dom.	S	1a	18a	F S	Adregalia e BOMBA DISPNEIHAL	N	15	2-5-55	7-10-55	E		Reumatismo Sinusite max. e F.	N	
73	MN	7037	32a	B	M	func.	C	21a	11a	G S	Vacs. soluto. croc. auroc. estrepto. cortone. BOMBA DISPNEIHAL	S	9	14-5-54	1-9-54	E		N		
74	OT	6362	62a	B	F	dom.	C	34a	28a	G S	ACTH. nebul. calcimag. BOMBA DISPNEIHAL	S	14	2-6-54	2-9-55	M	10 ^a	N		
75	JFO	1894	62a	B	M	func.	C	42a	27a	F S	Vacs. glicocil. pen. autol. asompep. soluto. cortálico	S	12	2-5-54	12-8-55	M	7 ^a	N		
76	HC	6528	53a	B	M	func.	C	17a	36a	G S	Vacs. soluto. croc. cortone. asompep. auroc. estrepto. pen.	S	10	1-24-54	1-9-54	E		Eczema acrite	N	
77	AGS	5844	50a	B	F	dom.	C	21a	29a	F S	Vacs. coma insulnico adrenalina	S	6	1-15-54	1-8-54	E		Eufemia escler p.	N	
78	OLS	10420	29a	B	F	func.	C	17a	12a	F S	Autodenotripa. calcimag. trimeton	N	11	1-27-55	1-9-55	E		N		
79	SO	1386	45a	P	M	func.	S	35a	10a	F S	Vacs. adren. aminofil. autobenot.	S	10	3-20-55	13-9-55	M		N		
80	CT	6070	52a	Pd	M	func.	C	28a	21a	G S	BOMBA DISPNEIHAL	S	11	1-24-54	9-9-54	M	3 ^a	N		
81	TS	1023	68a	B	M	func.	C	58a	10a	G S	calcimag. adrenalina	N	10	11-3-55	10-7-55	M	1 ^a	N		
82	NCO	4856	21a	B	F	dom.	S	8a	13a	B N	Vacs. calcimag. autobemot. asompep. auroc.	S	10	1-29-55	19-11-55	M	1 ^a	N		
83	HCN	5213	45a	Pd	F	dom.	C	22a	23a	G S	Vacs. auroc. tuberculinat. marion. autol. asompep. soluto. ben.	S	7	1-26-54	2-7-54	M	5	N		
84	JFB	5949	36	Pd	F	dom.	C	18a	18a	G S	Vacs. auroc. teofil. calcimag. soluto. croc. asompep. estrepto	S	5	1-5-54	26-3-54	M	5	N		
85	FAC	7426	45a	P	M	func.	C	39a	6a	G S	Vacs. auroc. calcimag. marion. auroc. filinasma	S	10	1-8-7-55	23-9-55	M	5 ^a	N		
86	CCC	8610	37a	B	F	func.	C	33a	3a	G S	Vacs. teofilina. estrepto. calcimag. sinatral. asompep.	S	8	1-15-7-55	16-9-55	M	5	N		
87	VHL	8999		Pd	F	dom.	C	19a	19a	G S	Trimeton alarpon. vacs. soluto. croc. aminofila. glicose	N	4	1-14-54	12-5-54	M	3 ^a	N		
88	LOC	10440	29a	B	F	dom.	C	19a	19a	G S	Trimeton alarpon. vacs. soluto. croc. aminofila. glicose	N	13	1-8-7-55	2-12-55	M	8 ^a	N		
89	AHS	8106	31a	B	F	func.	S	7a	9a	F S	Vacs.	S	6	1-11-3-55	6-6-55	M	6 ^a	N		
90	DCO	5455	16	Pd	F	dom.	S	7a	9a	F N	Autoterapia. BCG. vacs. amidalectomia	S	11	1-16-9-55	19-1-56	M	8 ^a	N		
91	JCD	7143	53a	B	M	func.	S	22a	31a	F S	Vacs. calcimag. eufilin. estrepto. pen. soluto. asompep.	S	9	1-18-3-55	23-6-55	M	5 ^a	N		
92	CRNF	11a	B	M	est.	S	9a	2a	B N	Estrepto. efede. adr. benadril. BOMBA DISPNEIHAL. eufin. glicose	N	10	1-8-7-55	5-11-55	M	2 ^a	N			
93	FMO	40a	B	F	dom.	C	10a	30a	F S	Vacs. cortone. adr. efede. eufin. PASPAT. BOMBA DISPNEIHAL. aminofil.	S	10	1-26-11-55	7-2-56	M	2 ^a	N			
94	GSUC	43a	B	F	dom.	C	9a	34a	F S	Vacs. pen. adr. efede. aminofil. BOMBA DISPNEIHAL. cortone.	S	10	1-10-7-55	23-10-55	M	3 ^a	N			
95	MMS	9a	B	F	coleg.	S	2a	6a	F N	Estrepto. pen. asmac. benadril. alercon. hieridrina. BOMBA DISPNEIHAL	N	14	2-16-7-54	4-11-55	E		crecimento maior			

Figura 27: Quadro representativo do perfil dos casos clínicos analisados por Milton Lobato publicado em seu artigo “Enxerto de placenta” na *AMB*, n. 15, junho 1957.³⁵¹

Os médicos soviéticos G. I. Segal e S. S. Severin, diretores no Hospital Regional de Molodechno (cidade da atual Bielorrússia), relataram a implantação de enxertos de tireoide, retirados em cirurgia de pacientes com bócio, em pessoas acometidas por diversos tipos de lesões resistentes a tratamentos convencionais e com tendência a se tornarem crônicas. Também relataram sucesso com os enxertos de tireoide em casos de epilepsia traumática (101 doentes tratados), enquanto os casos de epilepsia essencial trouxeram resultados menos promissores.³⁵²

Eles utilizaram tanto o método de Filatov quanto enxertos frescos. No entanto, declararam que, após três anos de experiências com o enxerto de tireoide, consideraram melhores os resultados adquiridos com o tecido fresco de 10 g a 20 g.³⁵³ Eles reconsideraram o aspecto fundamental do método Filatov em se tratando desse material:

Apesar de que, segundo Filatov, os tecidos frescos são menos eficazes que os conservados, devemos assinalar que a tireoide conservada torna-se muito

351 A figura apresenta as seguintes categorias: nome, idade, sexo, cor, profissão, idade civil, primeiro episódio da doença, período em que sofre da doença, classifica o nível da asma entre benigno, forte e grave, o tratamento anterior, se foi submetido a dessensibilização especial, quantidade de implantes, datas de início e fim do tratamento.

352 G. I. Segal; S. S. Severin. A terapêutica com enxerto de tireoide, segundo o método de Filatov. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 6, junho-julho 1953, p. 22.

353 G. I. Segal; S. S. Severin. A terapêutica com enxerto de tireoide, segundo o método de Filatov. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 6, junho-julho 1953, p. 23.

friável e se desfaz com facilidade nas mãos. Enxertando esse tecido, o processo de autólise surge muito mais rapidamente do que com tecido fresco.³⁵⁴

No início, incisavam em uma região vizinha à lesão, porém consideraram mais adequado que o enxerto fosse realizado na superfície lateral do tórax por meio de uma incisão cutânea de 2 a 2,5 cm e profundidade de 6 a 8 cm. A sutura seria retirada em oito dias.³⁵⁵ Além disso, detalharam a qualidade do material que deveria ser retirado da “parte sadia da glândula” e os tipos de bócio aceitáveis (os parenquimatosos e os de doentes de basedowismo) – o do tipo cístico não serviria aos enxertos.³⁵⁶ Em caso de não haver oferta desse material humano, os médicos soviéticos afirmaram a possibilidade do uso de tireoide animal proveniente de ovelhas ou aves domésticas conservadas. Ainda reforçaram: em casos de aplicação de enxertos sucessivos em um paciente, seria imperativo alterar a origem do animal.³⁵⁷

Já para o médico soviético G. P. Zaidzev, que trabalhou com terapia tissular durante dois anos no campo da cirurgia (na maioria implantações de pele e, em minoria, de outros órgãos como placenta e tireoide), o melhor tecido era mesmo a pele conservada segundo o método de Filatov.³⁵⁸

Assim como Emilio Aron, Zaidzev considerou a importância de estudos que conseguissem explicar a “natureza do mecanismo segundo o qual age esse tratamento” e não apenas o seu efeito clínico.³⁵⁹ Ele explicitou suas considerações sobre a aplicação em casos de diferentes tipos de gangrena, formas de câncer não operáveis e sarcomas, úlcera trófica e estomacal, doença de Raynaud (doença arterial). O médico defendeu o uso do método, mesmo reconhecendo possível influência psicológica do paciente. De modo geral, se alcançavam a diminuição das crises de dores e a melhora geral do doente que sofria os efeitos depressivos causados pela dependência de morfina.³⁶⁰

354 G. I. Segal; S. S. Severin. A terapêutica com enxerto de tireoide, segundo o método de Filatov. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 6, junho-julho 1953, p. 23.

355 G. I. Segal; S. S. Severin. A terapêutica com enxerto de tireoide, segundo o método de Filatov. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 6, junho-julho 1953, p. 21.

356 G. I. Segal; S. S. Severin. A terapêutica com enxerto de tireoide, segundo o método de Filatov. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 6, junho-julho 1953, p. 23.

357 G. I. Segal; S. S. Severin. A terapêutica com enxerto de tireoide, segundo o método de Filatov. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 6, junho-julho 1953, p. 24.

358 G. P. Zaidzev. A terapêutica tissular em clínica cirúrgica. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 5, setembro-dezembro 1952, p. 47.

359 G. P. Zaidzev. A terapêutica tissular em clínica cirúrgica. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 5, setembro-dezembro 1952, p. 47.

360 G. P. Zaidzev. A terapêutica tissular em clínica cirúrgica. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 5, setembro-dezembro 1952, p. 45.

4.4.3. A terapia do sono na AMB

Entre as técnicas inspiradas nos postulados da fisiopatologia de Pavlov, a terapêutica do sono prolongado se destacou no rol das práticas da medicina soviética e marcou presença entre os assuntos contemplados pela revista *AMB*. A terapia foi bastante aplicada em tratamento de doenças psiquiátricas, principalmente nas neuroses, e ainda em alguns tipos de esquizofrenia.

Também algumas patologias gerais apresentaram bons resultados com essa técnica, principalmente as chamadas doenças psicossomáticas (doenças que apresentam sintomas físicos, mas com motivação emocional) como hipertensão arterial, úlcera gástrica, asma e dermatoses. Como seu nome sugere, a técnica consistia em fazer com que o doente se mantivesse dormindo por períodos determinados utilizando como metodologia a administração de narcóticos e controle do ambiente externo.

Victor Lafitte foi um dos médicos ocidentais que divulgaram essa terapêutica nas revistas médicas que fizeram parte da produção cultural dos impressos comunistas. Dois de seus artigos tratando desse assunto foram publicados pela *AMB*, além de sua aula no curso sobre Pavlov. Seu artigo “A terapêutica pelo sono” foi traduzido da revista médica francesa *La Raison* n. 3 (*AMB* n. 3; jan-abr. 1952), e “Aplicações médicas da fisiologia pavloviana (a terapêutica pelo sono)”, publicado em uma edição posterior (*AMB* n. 6; jun-jul. 1953), apresentou conteúdo similar. Sua intenção em ambos era de apresentar a metodologia que ele chamou de revolucionária³⁶¹ e de defender seu uso para determinadas doenças.

Nesses textos, Lafitte declarou desde as primeiras linhas que recolheu as informações sobre a “terapêutica nova” em “recente viagem de estudo na URSS”.³⁶² Assim buscava conquistar legitimidade e confiança dos colegas leitores de que estaria gabaritado para tratar do método. Por outro lado, ao referir sua visita à Rússia, ele reforçou o papel das viagens de médicos como importante plataforma de divulgação e das revistas médicas como um poderoso meio de amplificar e legitimar, fazendo circular o conhecimento médico produzido na União Soviética, ponto para o qual estamos chamando a atenção em nossa tese.

361 Lafitte, Victor. Aplicações médicas da fisiologia pavloviana (a terapêutica pelo sono). *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 6, junho-julho 1953, p. 29.

362 Lafitte, Victor. A terapêutica do sono. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952, p. 62.

Lafitte destacou o crescente interesse pelo pavlovismo na França entre médicos e cientistas. Pela primeira vez havia se realizado uma aula sobre Pavlov no curso de terapêutica na Faculdade de Medicina de Paris.³⁶³ Além disso, duas teses de doutoramento haviam sido defendidas em Lyon e em Paris sobre a terapia do sono, e estudos científicos vinham sendo publicados com indicativos positivos para esse tratamento pelo sono em neuroses e outras doenças. Ele atribuiu o *boom* do desenvolvimento de estudos da atividade nervosa superior, tanto no “plano fisiológico” quanto no “patológico e terapêutico”,³⁶⁴ ao empenho da sessão científica da Semana Pavlov promovida em conjunto pelas Academia de Ciências e da Medicina da URSS (28 de junho a 4 de julho de 1950).³⁶⁵ Independentemente disso, Lafitte lembrou que Pavlov havia manifestado interesse no fenômeno do sono pelo menos desde a década de 1930, em seu relatório escrito para o XIV Congresso Internacional de Fisiologia, ocorrido em Roma em 1932. Ali dissertou sobre experiências antigas de cientistas que haviam provocado o sono profundo em animais fosse pela distribuição de receptores, fosse pela limitação de estímulos externos. Segundo Pavlov e seus discípulos E. A. Arastian e A. G. Ivano-Smolenski, a terapia pelo sono estimularia o desenvolvimento da inibição protetora do organismo.³⁶⁶ Essa ideia ficou conhecida como a teoria da inibição protetora e curativa e foi o mote para direcionar as bases científicas do tratamento nas doenças neuropsiquiátricas.

Segundo outro artigo sobre a técnica publicado na *AMB*, Arastian, Ivano-Smolenski e outros médicos de hospitais militares adotaram a terapêutica do sono prolongado em soldados feridos no conflito da Segunda Guerra Mundial com traumas de encéfalo, choque e contusões.³⁶⁷ Em 1943, F. A. Andreev aplicou pela primeira vez o tratamento para doenças internas tais como úlceras e hipertensão, alcançando resultados otimistas. Arastian, um dos discípulos de Pavlov, membro da Academia de Ciências da Rússia e participante da Semana Pavlov, seguiu trabalhando com a metodologia para atender pacientes com dores causálgicas (dores fortes que causam queimação em mãos ou pés devido a ferimento em nervo periférico ou de origem psíquica) e decorrentes de amputação.³⁶⁸

363 Lafitte, Victor. Aplicações médicas da fisiologia pavloviana (a terapêutica pelo sono). *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 6, junho-julho 1953, p. 25-34. Apesar do subtítulo do artigo, o autor também trata do parto sem dor.

364 Lafitte, Victor. Aplicações médicas da fisiologia pavloviana (a terapêutica pelo sono). *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 6, junho-julho 1953, p. 25.

365 Idem.

366 Alexandrova, L. I. Análise clínico-fisiopatológica do síndrome neurótico (*sic*) da fase inicial hipertensiva e a significação da inibição do sono dessa análise. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 13, março-abril 1956, p. 43.

367 Nevzorova, T. A. O papel da enfermeira no tratamento do sono prolongado. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 10, maio-junho 1954, p. 47.

368 Kaminski, S. D. O sono no tratamento da dor. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 10, maio-junho 1954, p. 27.

Tais aplicações com a técnica inspiraram os estudos de S. D. Kaminski, médico soviético que atendeu pessoas lesionadas ou traumatizadas, e relatou sua experiência num artigo sobre o “sono no tratamento da dor”. Segundo ele, a técnica foi desenvolvida durante a Segunda Guerra Mundial para tratar crises de dor nos soldados retornados (*AMB* n. 10; maio-jun. 1954). Outro médico de Moscou, G. B. Feldman, que teve seu artigo referenciado por Victor Lafitte (*AMB* n. 3; jan-abr. 1952) como base de estudo para casos de pacientes com hipertensão, contou que sua experiência com esse tratamento nos hipertensos (46 pessoas, 39 mulheres e sete homens) começou no ano de 1946.³⁶⁹

Kaminski se mostrou especialmente interessado em casos de dores intensas no membro comprometido e que aumentavam de acordo com uma situação específica de estímulo sensorial “como por exemplo, a detonação de armas de fogo, os chamados de campainha, uma luz intensa e mesmo um desarranjo intestinal”.³⁷⁰ Ele mencionou casos em que a presença do médico durante o exame em meio à crise do paciente seria suficiente para intensificar seu estado de dor. Tal fenômeno seria resultante de uma tendência desses enfermos em desenvolverem “reflexos condicionados patológicos”, segundo o médico soviético. Portanto, isso explicaria a razão de que esses pacientes, mesmo submetidos a cirurgias na periferia do nervo do membro afetado, ainda sofriam com dores. A origem da dor estaria nos centros cerebrais, e não localizada nos nervos. Diante dessa argumentação, Kaminski defendeu as ideias de Pavlov acerca das propriedades restauradoras dos processos de inibição do organismo por meio do repouso que lhe daria capacidade de restabelecer o funcionamento das células e dos centros nervosos.³⁷¹

Em geral, a prática antecede a teoria médica. O aspecto curativo do sono era empiricamente experimentado pela escola suíça, mas foi a escola de Pavlov que conseguiu demonstrar suas bases fisiológicas, testar modalidades técnicas, indicações e acumular resultados, ressaltou Lafitte.³⁷² O médico tratou em sua narrativa do percurso e da fundamentação baseada nos experimentos com animais que levou Pavlov a testar o poder curativo do sono.

Depois de numerosas experimentações e estudos sobre a atividade nervosa superior, Pavlov chegou à conclusão que a inibição interna dos reflexos condicionados e o sono não constituíam senão um único processo.

369 Feldman, G. B. O tratamento da hipertensão pelo método do sono prolongado e descontínuo. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 4, maio-agosto 1952, p. 8.

370 Kaminski, S. D. O sono no tratamento da dor. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 10, maio-jun. 1954, p. 25.

371 Kaminski, S. D. O sono no tratamento da dor. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 10, maio-junho 1954, p. 26.

372 Lafitte, Victor. A terapêutica do sono. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952, p. 62.

O estudo das neuroses experimentais demonstrou a Pavlov e a seus discípulos que diante da multiplicação de estímulos impostos ao animal, desproporcionados em relação às possibilidades de reação de seu sistema nervoso, o animal entrava num estado de hipnose, traduzindo uma parada de sua atividade nervosa superior. Assim sua inibição de defesa adquiria, não somente um valor protetor, mas também terapêutico, pois, ao despertar o animal retomava uma atividade nervosa normal.

(...)

O sono representa pois para Pavlov o mesmo processo que a inibição protetora de defesa. Pareceu pois natural aos fisiologistas soviéticos tentar nos processos patológicos provocar e reforçar essa reação salutar do organismo. É assim que foram lançadas as bases teóricas e práticas da terapêutica pelo sono, terapêutica atualmente largamente utilizada na União Soviética, em numerosos domínios da medicina.³⁷³

Com base nas constatações de que o sono poderia ser provocado, passou-se a instituir uma metodologia para explorar suas potencialidades restauradoras. Esta buscava atender aos aspectos do mecanismo de produção do sono, que poderia se dar por meio de dois procedimentos fisiológicos: “irradiação da inibição interna protetora, ao conjunto do sistema nervoso ou supressão das excitações vindas do exterior ou do interior do organismo para a córtex”.³⁷⁴

Valendo-se da noção dessa fisiologia do sono, a técnica da sonoterapia se baseava no controle da administração da medicação no paciente juntamente com o controle das excitações oriundas do ambiente externo, tais como som e luz. Na URSS, eram utilizados quartos especiais com resistência sonora (inclusive de ruídos de encanamentos de aquecedor e água) e mantidos sob iluminação fraca tipo penumbra. Neles haveria um ou dois leitos e a presença constante de um enfermeiro especializado. Segundo T. A. Nevzorova, o papel da enfermeira nesse tratamento é de suma importância. Ela ressaltou que o sucesso do tratamento dependeria do trabalho de colaboração da equipe formada por médico, enfermeira e atendente. Caberia às enfermeiras oferecer explicações aos pacientes, fazendo com que fiquem a elas subordinados, tentando amenizar suas ansiedades para não atrapalhar o resultado do tratamento.³⁷⁵ Seu artigo teve o caráter de um manual, explicando a fundamentação da técnica, suas modalidades, especificações e todas as responsabilidades que caberiam à enfermagem.

Quanto à medicação, que era uma das bases mais importantes do tratamento, Victor Lafitte contou que comumente se utilizava o barbamil (amital sódico) em comprimidos;

373 Lafitte, Victor. A terapêutica do sono. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952, p. 65-67.

374 Lafitte, Victor. A terapêutica do sono. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952, p. 66.

375 Nevzorova, T. A. O papel da enfermeira no tratamento do sono prolongado. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 10, maio-junho 1954, p. 48-49.

proporcionaria um sono mais suave e seria menos tóxico do que o gardenal, segundo os médicos russos. As doses seriam semelhantes às doses psiquiátricas, e em caso de doenças de “patologia geral”, se utilizava metade ou 1/3 dessas doses. Ao amital sódico poderiam ser associados outros fármacos. O psiquiatra apresentou uma solução via oral como exemplo de posologia recorrentemente adotada na URSS,³⁷⁶ mas deixou claro que o esquema de medicação deveria ser flexível e dependeria de condicionantes tais como o estado geral do doente, o tipo da doença, além de sua classificação quanto ao tipo do sistema nervoso, segundo Pavlov. Os pacientes deveriam ser previamente preparados por uma espécie de psicoterapia com o objetivo de transmitir as informações sobre o procedimento e tranquilizá-los.³⁷⁷

O médico francês destacou duas modalidades (Quadro 5) do tratamento que levavam em consideração a duração do sono e a duração da terapia como um todo: sono parcial e sono prolongado. No entanto, no artigo de Nevzorova sobre o papel das enfermeiras no sono prolongado, foram apresentadas três modalidades (Quadro 6) do tratamento. Segundo essa autora, o modo do sono prolongado, sem interrupções por 18 a 20h/dia, que era bastante comum para tratamento da esquizofrenia, estaria em desuso por causar “efeitos tóxicos posteriores” no paciente.³⁷⁸ O modo mais aplicado em hospitais e clínicas era o de baixas doses de barbamil (não podendo ultrapassar 0,8 g por dia), cujo efeito deveria se assemelhar ao sono fisiológico natural com duração de 10 a 15 horas/dia.³⁷⁹

Modalidades de cura pelo sono por Victor Lafitte

	Tempo de sono	Tempo de tratamento	Cuidados
Sono parcial (em casos menos graves)	15 a 20h/dia	15 a 20 dias	Paciente é acordado 3 x ao dia em horário fixo para atender às necessidades fisiológicas

376 A solução era composta por hidrato de cloral, brometo de sódio, tintura de valeriana, fenobarbital, adolinene em água destilada misturada ao amital sódico. Lafitte, Victor. A terapêutica do sono. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952, p. 68.

377 Lafitte, Victor. A terapêutica do sono. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952, p. 68.

378 Nevzorova, T. A. O papel da enfermeira no tratamento do sono prolongado. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 10, maio-junho 1954, p. 48.

379 Nevzorova, T. A. O papel da enfermeira no tratamento do sono prolongado. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 10, maio-junho 1954, p. 48

Sono prolongado (em casos mais graves)	Sem interrupção	10 a 20 dias	Alimentação via soro glicosado e lavagem intestinal, se necessária
--	-----------------	--------------	--

Quadro 5: Lafitte, Victor. A terapêutica do sono. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952, p. 67.

Modalidades de cura pelo sono por Nevzorova

1	Sono narcótico, prolongado, contínuo por 18 a 20h seguidas, sem despertar o paciente para alimentação
2	Sono prolongado de 15 a 20h, mas paciente é acordado para limpeza e alimentação. Sono se assemelha ao natural. Dose máxima diária de 1,0 a 1,5 g de barbamil.
3	Sono prolongado de 10 até 15h. Dose máxima diária de 0,6 a 0,8 g de barbamil.

Quadro 6: Nevzorova, T. A. O papel da enfermeira no tratamento do sono prolongado. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 10, maio-junho 1954, p. 48.

O artigo de Lafitte havia sido publicado antes do artigo de Nevzorova. Podemos perceber que ao longo dos dois anos que separam as duas publicações, a técnica da sonoterapia foi sendo ajustada visando ao menor risco ao paciente. Em comum, os dois buscaram ser didáticos, sendo que o artigo destinado às enfermeiras teve ainda mais caráter de manual e sem espaço para apresentar as possibilidades de adaptação da terapêutica.

Quanto à aplicabilidade da técnica, alguns artigos explicitaram resultados de experiências, outros eram de caráter mais geral, tal como o de Lafitte. A posição conclusiva de Lafitte foi de que a terapêutica pelo sono não era uma panaceia, ideia também presente nos artigos sobre a tissuloterapia. A técnica era recorrida pelos médicos soviéticos principalmente para atender as doenças psiquiátricas. No entanto, ele fez uma observação quanto à esquizofrenia: a técnica deveria ser aplicada apenas para os quadros de esquizofrenia catatônica.³⁸⁰ Para os casos de neuroses e “perturbações funcionais”, a técnica teria muita aceitação. No campo da neurologia, o autor listou os seguintes quadros como tendo boas

³⁸⁰ Lafitte, Victor. Aplicações médicas da fisiologia pavloviana (a terapêutica pelo sono). *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 6, junho-julho 1953, p. 28.

indicações à técnica: traumatismos, causalgias, dores em “membros fantasmas”, câimbras em escrivães, síndromes neurotróficas, afecções no sistema nervoso vegetativo e periférico.³⁸¹

A solução medicamentosa administrada pelo soviético Kaminski em pacientes acometidos por dor nos membros era diferente daquela indicada no artigo de Victor Lafitte. Ele usou hexonal, medinal e novocaína (cuja função era reprimir os receptores periféricos) em solução glicosada por via oral ou parental – o que levava a um sono entre 15h e 18h de duração. A partir do 4º dia, haveria relato de diminuição da intensidade da dor. Lafitte descreveu uma ordem de desaparecimento da dor: deixa de haver dor violenta ao toque, depois há diminuição da dor generalizada por estímulos externos como sono ou luminosos e por fim cessam os reflexos condicionados patológicos, o que leva o paciente a melhor convivência com o mundo exterior.³⁸² A sonoterapia, entretanto, não viria a substituir a intervenção cirúrgica, mas seria capaz de alcançar bons resultados em casos difíceis em pacientes resistentes à cirurgia.

L. I. Alexandrova, candidato a doutoramento em ciências médicas, elegeu a terapia do sono como método de análise de sua pesquisa com pacientes enquadrados como síndrome neurótica e com sinais de início da doença hipertensiva (*AMB* n. 13; março-abril 1956). O médico esteve interessado em perceber as diferenças entre os pacientes em relação a como reagiam aos hipnóticos, como se comportavam durante o sono e sobre quais tipos de efeitos terapêuticos conseguiu observar. Ele recomendou especificidades quanto às doses e ao tipo de substância hipnótica ou quanto ao momento exato para a aplicação da terapia. Sua conclusão foi de que as indicações e contraindicações da terapêutica do sono deveriam ser analisadas com base na análise fisiológica da atividade nervosa superior. Por exemplo, ele percebeu que em doentes com hipertensão grave (denominado por ele como fase tardia da doença hipertensiva, apresentando sinais de arteriosclerose) a terapêutica não surtia efeito e deveria ser aplicada de maneira conjugada a outras terapias e substâncias.

Para além da função curativa da terapia pelo sono, Alexandrova chamou a atenção para sua potencialidade de prevenção da hipertensão em seus estágios iniciais, cujo sinal de uma possível evolução seria um quadro de neurose.

A caracterização da fase inicial da doença hipertensiva como fase da neurose tem uma importância que supera e muito os marcos do interesse acadêmico. Tem um grande interesse clínico, pois que, em primeiro lugar marca o caminho das influências terapêuticas, e em 2º lugar, o que merece destacar

381 Lafitte, Victor. Aplicações médicas da fisiologia pavloviana (a terapêutica pelo sono). *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 6, junho-julho 1953, p. 28.

382 Kaminski, S. D. O sono no tratamento da dor. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 10, maio-junho 1954, p. 27.

especialmente, está muito ligado ao problema da profilaxia do problema da doença hipertensiva, de prevenção da passagem da enfermidade que em suas 1^{as} fases não é contudo uma enfermidade hipertensiva, a doença hipertensiva propriamente dita, na qual a elevação da pressão sanguínea constituiu um dos fatores patogênicos básicos.³⁸³

Essa passagem de Alexandrova valoriza a prevenção que vimos ser um dos pilares norteadores da medicina soviética, presente nas narrativas de viagem, sobretudo no relato de Milton Lobato (Editora Vitória, 1955).

Ainda sobre a observação de Lafitte sobre o papel da semana pavloviana para a difusão da doutrina de Pavlov na década de 1950, já mencionada, talvez possamos atrelá-la à publicação das “Instruções provisórias”, um texto expedido pelo Ministério da Saúde soviético regulamentando a terapêutica pelo sono prolongado. Essas instruções foram publicadas na revista *Medicina Soviética* em 1951 e traduzidas para a *AMB* n. 7 (ago.-set. 1953). Ali estavam prescritas recomendações sobre as proporções das etapas das doses (sendo cada dose individual a cada caso, mas devia-se seguir uma ordem de proporções), o protocolo de cuidados em geral e em caso de complicações e finalmente uma lista com as indicações e contra-indicações. As indicações foram organizadas para casos de clínica médica, casos de clínica cirúrgica, do sistema nervoso central e periférico e doenças de pele.³⁸⁴ Essas eram as chamadas doenças psicossomáticas, conforme Nevzorova chamou a atenção. Para ela, era importante que as enfermeiras tivessem conhecimento do texto, estudando-o cuidadosamente. Ali soubemos que o mesmo fora decretado por Smirnov, ministro da Saúde Pública, com base nos estudos do conselho científico desse ministério a respeito do “tratamento do sono prolongado em doentes somáticos”.³⁸⁵ Na esteira da Semana Pavlov, o Estado soviético dedicou esforços para regulamentar as práticas médicas inspiradas em sua doutrina. Ainda que as instruções emitidas pelo Ministério de Saúde da URSS fossem provisórias, elas indicam a tentativa de unificar as práticas da terapêutica.

Mesmo com a regulamentação do sistema de saúde soviético, os artigos apontam para uma diversidade da prática da sonoterapia, como podemos observar em relação à posologia das doses e modalidades de duração do sono. Nesse sentido, destacamos a passagem a seguir, extraída do artigo já referido de Feldman (1952), no intuito de ilustrar que na prática os médicos

383 Alexandrova, L. I. Análise clínico-fisiopatológica do síndrome neurótico (*sic*) da fase inicial hipertensiva e a significação da inibição do sono dessa análise. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 13, março-abril 1956, p. 44.

384 Ministério da Saúde Pública da URSS. Instrução Provisória para o emprego da terapêutica do sono prolongado. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 7, agosto-setembro 1953.

385 Nevzorova, T. A. O papel da enfermeira no tratamento do sono prolongado. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 10, maio-junho 1954, p. 51-52.

que adotaram essa terapêutica em suas rotinas ou estudos fizeram ajustes conforme suas experiências. Feldman afirmou como conclusão de seu relato de experiência com pacientes hipertensos que utilizou doses menores e menos frequentes do que aquelas prescritas nas circulares do Ministério da Saúde com o fim de diminuir o risco de toxicidade.³⁸⁶

Quando começamos nossa terapêutica tivemos que resolver o problema da dose do amital sódico. Os dados que dispúnhamos eram unicamente as doses utilizadas na psiquiatria. Além disso, nas circulares do Ministério da Saúde sobre a aplicação da terapêutica pelo sono nas psicoses, estava especificado que a hipertensão arterial constituía uma contra-indicação a esta terapêutica. Por essa razão iniciamos três vezes menores do que as preconizadas nas psicoses (0,30-0,40 em clisteres, três a quatro vezes por dia, ou seja 0,90-1,60 por 24 horas ou 13 a 16 g por tratamento).³⁸⁷

Um dos maiores problemas na transposição da técnica da União Soviética para a França, colocado pelo psiquiatra francês Victor Lafitte, seria a própria estrutura do sistema de saúde do seu país, constituindo o maior limite de aplicação da terapia do sono fora da URSS.

Pesquisas de certo devem ser ainda prosseguidas para melhor precisar seu mecanismo, para melhor fixar suas indicações. Ele representa entretanto já uma importante conquista da ciência médica de vanguarda. Ele merece ser largamente experimentado por toda parte, tendo-se, entretanto em conta que o processo patológico é a resultante de fatores múltiplos, agindo sobre o plano biológico, psíquico e social, e não perdendo de vista que o clima social da URSS que permitiu ao mesmo tempo uma organização modelo da proteção da saúde e o desenvolvimento de uma ciência médica de vanguarda, não é o nosso.³⁸⁸

De maneira indireta, com esse relato, Lafitte demonstrou seu alinhamento militante. Ainda que a técnica fosse revolucionária, seria necessário empreender uma luta maior em direção a um sistema de saúde diferente daquele existente em seu país. A luta deveria alcançar setores sociais mais amplos, além do conhecimento médico. Ainda assim, a técnica deveria e merecia ser experimentada.

De maneira geral, os artigos mantiveram uma estrutura narrativa que permitiria que um leitor médico conseguisse reproduzir o tratamento em seus pacientes.

386 Feldman, G. B. O tratamento da hipertensão arterial pelo sono prolongado e descontínuo. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 4, maio-agosto 1952, p. 19.

387 Feldman, G. B. O tratamento da hipertensão arterial pelo sono prolongado e descontínuo. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 4, maio-agosto 1952, p. 15.

388 Lafitte, Victor. A terapêutica do sono. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 3, janeiro-abril 1952, p. 71.

4.5. Algumas Considerações

Uma das atividades mais importantes da cultura política comunista foi a produção de impressos para promoção e divulgação de sua doutrina (marxismo-leninismo), suas organizações e manifestos, reforçando o imaginário por meio de livros, revistas. Nesse bojo, assuntos relacionados à ciência soviética são parte considerável pelo menos desde 1930. Contudo, no período da Guerra Fria, a noção de ciência soviética foi alçada a destaque ainda maior. O embate entre as duas potências foi traduzido no campo científico como uma batalha entre ciência e pseudociência. Da perspectiva russa, a ciência soviética teria como base a vida material, denominada também por vezes de ciência proletária, e se apresentaria como superior à ciência burguesa – esta, por sua vez, ligada a valores individualistas e da tradição idealista, considerada sem relação com a realidade pela ciência soviética (KREMENTSOV, 1997).

Buscamos apresentar *Atualidades Médicas e Biológicas* por meio de seus artigos, muitos traduzidos de cientistas e médicos russos. Toda revista é um projeto intelectual, coletivo, e demonstra o discurso de que procura ocupar uma lacuna, uma ausência no interior de seu campo de conhecimento. Os editores da *AMB* enfrentaram o desafio de lançar uma revista cujo maior enfoque era divulgar a medicina soviética para seus colegas brasileiros durante anos da Guerra Fria, considerando a empreitada de suma importância, já que não havia nenhuma publicação sobre esse conhecimento no país. Colocá-los em circulação era o maior objetivo deles, tanto que autorizavam a reprodução dos artigos, apenas com a condição de indicação de origem. Como outros impressos comunistas, a revista experenciou dificuldades quanto a sua periodicidade e de ordem financeira.

Sobre a medicina soviética, sobressaíram artigos sobre o parto sem dor, a técnica do sono prolongado e a tissuloterapia. Houve a tradução de textos majoritariamente teóricos, voltados para explicar conceitos de Pavlov. Alguns deles traziam uma ficha de estudo, resenhando e compilando trechos de outros artigos científicos. Uma quantia considerável de artigos constituiu-se como relatos de caso, relatos das experiências com determinada técnica ou tratamento, mas frequentemente abordava a fundamentação teórica de Pavlov aplicada a uma especialidade. Por exemplo, o artigo de Nicolaev, “Os principais problemas de obstetrícia e de ginecologia à luz da teoria de Pavlov”; ou do também soviético E. P. Lukomski, “Etiologia e patogenia da doença hipertensiva à luz dos ensinamentos de Pavlov sobre a atividade nervosa superior”; ou “Aplicações médicas da fisiologia pavloviana: a terapêutica pelo sono”, do

médico psiquiatra francês Victor Lafitte; ou ainda “Importância das ideias de Pavlov no desenvolvimento da endocrinologia”, assinado por Berenstein.

Também foi frequente a utilização de vocabulário da ciência stalinista, marcos históricos e linguagem própria da cultura partidária. Por exemplo, no artigo de Lukomski (*AMB* n.5), ao se referir ao período da Segunda Guerra Mundial, o autor utiliza o termo “grande guerra patriótica”, conforme o conflito é chamado na cultura partidária. Termos relacionados ao Movimento pela Paz também foram incorporados nos textos e paratextos da revista, estando presente como epígrafe estampada na quarta capa uma citação de Pasteur atrelando símbolos da ciência e da paz como perspectiva de um futuro melhor sem guerra (Figura 27). Discursos e resoluções dos congressos pela paz proferidos por médicos também preencheram algumas edições da *AMB*, como a mensagem de que a guerra bacteriológica seria uma prostituição da ciência, segundo a conferência de Samuel Pessoa, que participou da comissão científica que atestou o uso de arma biológica na Guerra da Coreia em violação a acordos internacionais, no artigo “A guerra bacteriológica e o Congresso dos Povos pela Paz” (*AMB* n. 6, jun.-jul. 1953). Relatórios do Congresso Internacional dos Médicos em Viena também foram amplificados para médicos brasileiros leitores da *AMB*: “Consequências patológicas da explosão atômica”, de um médico japonês, divulgava estudos sobre os impactos das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki, compilando dados de diversos relatórios de médicos japoneses, destacando doenças e número de expostos; e “As consequências da guerra sobre a saúde dos povos: relatório apresentado pela Delegação Médica da República Popular da China ao ‘Congresso Mundial de Médicos para o Estudo das Condições Atuais de Vida’ realizado em Viena de 23 a 25 de maio de 1953”.³⁸⁹ Ambos os documentos conclamam os médicos para assumirem a responsabilidade moral em lutar contra as bombas atômicas.

A agenda nacional brasileira desses médicos comunistas se conjugava com a doutrina marxista-leninista. Na *AMB* n. 1, no artigo (não indica autoria) “A medicina e os médicos”, a narrativa se alinha ao *Manifesto de Agosto de 1950*, marcado pela radicalização na luta contra o imperialismo e autoritarismo enquanto discute a ideia de “socialização da medicina”.

A complexa organização de nossos serviços de medicina e higiene transformaram (*sic*) a produção individual dos médicos liberais em produção coletiva, social, dos médicos funcionários. A medicina passa de simples comércio direto entre médico e paciente, para **medicina social**, pela forma da produção. Sua capacidade se amplia, por isso permitindo tratar os problemas da saúde e da doença segundo outras perspectivas como problemas sociais – e com métodos e recurso que estavam inteiramente fora do alcance da prática

389 O relatório que Kusano cita como o estudo mais sistemático é: “Relatório médico dos efeitos da bomba atômica”, publicado no fim de 1951. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 8, janeiro-fevereiro 1954.

artesanal. Mas esse progresso técnico e organizativo não suprime seu caráter capitalista. **Não há socialização alguma**, como pretendem certos comentaristas, porque os meios de produção conservam o seu caráter de capital. O poder permanece na mão da classe empenhada em explorar toda a sorte de trabalhadores – intelectuais e médicos, inclusive.

A socialização implica, antes de mais nada na substituição de poder da burguesia capitalista pelo poder popular. A socialização não pode ser estabelecida, senão sob a totalidade da economia do país. E só se pode chegar a ela, por via revolucionária, visto que a burguesia não abdicará, sem luta de seus atuais privilégios. Isso é o que ensina o movimento e a prática do movimento socialista de todo mundo, isso é o que demonstra a rica experiência da União Soviética coroadas de tantos êxitos (grifos originais).³⁹⁰

A *AMB* divulgou notícias, manifestos contra prisões arbitrárias, obituário de Luis Espinosa e pesar pelo desaparecimento de Juan Ingalinella, dois médicos argentinos que viajaram à URSS com a delegação brasileira em 1953 (LOBATO, 1955).

A fisiologia de Pavlov teve centralidade no que se enquadrou como medicina soviética. O conceito pavloviano de reflexo condicionado comprovaria a viabilidade de os organismos dos seres se adaptarem a condições ambientais mutáveis. E em relação com o meio ambiente os organismos trabalhavam para se manterem em equilíbrio, tanto interna quanto externamente. Esse equilíbrio seria coordenado pelo córtex cerebral. Uma enfermidade poderia ser resultado de um desequilíbrio, não apenas de um agente bacteriológico. Nesse sentido, as condições de vida de um sujeito importariam. Também suas emoções seriam consideradas.

Esse aspecto se refletiria nas críticas feitas à psicanálise, um dos grandes alvos da medicina soviética na Guerra Fria. Segundo Pollock, pelo menos duas regras-chave definiram a relação de Stálin com os cientistas soviéticos: criticar a ciência ocidental e exportar ideias soviéticas para os estados emergentes na URSS, na Europa e na Ásia (POLLOCK, 2006: 5). E a psicanálise representava a ciência burguesa, idealista, individualista e amplamente divulgada entre os norte-americanos. Nas narrativas dos médicos comunistas, a psicanálise seria “misticismo”, “pseudociência”. Entre outros artigos, a *AMB* traduziu “O fim da psicanálise”, por George Politzer, com o pseudônimo de Th. W. Morris (*AMB* n. 3, jan.-abr. 1952) e “Materialismo e Psicanálise” (*AMB* n. 11, jan.-fev. 1955), de Milton Howard, jornalista, condenando a prática. Ao criticar as “categorias psicológicas” mobilizadas nos textos por não poderem ser consideradas universais nem atemporais (“amor”, “repressão”, “justiça” etc.), Howard (1955) pontua sua insatisfação: “o latifundiário e o patrão bem ‘ajustados’ e ‘integrados’ não podem evidentemente estar ‘ajustados’ e ‘integrados’ do mesmo modo como

390 A medicina e os médicos. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 1, setembro-outubro 1951, p. 16.

seus rendeiros e assalariados”. Os objetivos lhes são diferentes, assim como as relações de família operária e as de “classe média e alta”. Para ele, não haveria sexualidade reprimida; a repressão atingiria a todos por conta do sistema opressor capitalista.

Howard apresenta uma narrativa elaborada para desconstruir a teoria das escolas de base freudiana, inclusive os freudianos que se apresentam como “de esquerda”. Estes últimos também criticariam a noção de “impulsos internos imutáveis e herdados, mas mantêm o termo idealista do ‘inconsciente’”, “supostas frustrações de infância”.³⁹¹ Para Howard, as relações familiares não seriam abstrações, mas pautadas em um grupo e problemas sociais. Howard defende os postulados da Atividade Nervosa Superior (ANS), cita passagens de Bykov, discípulo de Pavlov, sobre a integração da biologia e da psicologia e os postulados pavlovianos sobre córtex cerebral como um mediador entre mundo interno (organismo) e externo (“as suas verdadeiras condições de vida”).³⁹² Convida os marxistas norte-americanos a combaterem o freudismo, por uma psicologia da consciência individual e social.³⁹³ No entanto, alerta para que somente a crítica não bastaria,

pois não produzirá automaticamente a assistência que a decadência social torna hoje tão necessária para suas vítimas. O elemento essencial para qualquer luta contra o freudismo é a luta prática contra as condições que produzem depressões, a luta prática por hospitais, centros de assistência, casa de repouso, maior segurança econômica, até onde fosse possível obtê-los no sistema atual.³⁹⁴

O médico brasileiro Washington Loyello, em “Considerações sobre psicoterapia institucional e as condições do Hospital Psiquiátrico” (*AMB* n. 20, 1960), apresentou dados indicativos do aumento do problema da saúde mental no Estado da Guanabara (Rio de Janeiro): entre os anos de 1956 a 1959, mais do que dobrou (de 2.246 a 4.973 internações), chegando à média de 12 internações diárias – o que Loyello apresentou como uma tendência com dados que indicam a progressão de prejuízos em saúde mental da população nos Estados Unidos e na França. Como diretor do Hospital Pedro II, Loyello estava interessado em renovar a perspectiva hospitalar para o tratamento da saúde mental – não aboli-lo, mas humanizá-lo, o que ele

391 Howard, Milton. Materialismo e Psicanálise. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 11, janeiro-fevereiro 1955, p. 8-18.

392 Howard, Milton. Materialismo e Psicanálise. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 11, janeiro-fevereiro 1955, p. 8-18; p. 14.

393 Howard, Milton. Materialismo e Psicanálise. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 11, janeiro-fevereiro 1955, p. 8-18; p. 18.

394 Howard, Milton. Materialismo e Psicanálise. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 11, janeiro-fevereiro 1955, p. 8-18; p. 16.

denominou de “transformação de conduta”, conceito que toma emprestado de autores franceses que trabalham com a ideia de “psicoterapia institucional”.

Não temos dúvida que a profilaxia de muitos dos fatores sociais e patogênicos ultrapassam os limites da prática médica, mas a nosso ver essa constatação não pode ser justificativa para utilizar uma atitude nihilista. Muito ao contrário, o melhor conhecimento e a maior consciência desses aspectos e fatores patogênicos servirá como contribuição para mais rápida remoção dos mesmos. Ao médico psiquiatra cabe o dever de denunciar e organizar a vida dos hospitais orientando-os exclusivamente no sentido da recuperação que a eles recorrem.³⁹⁵

Segundo Loyello, Suíça, França e União Soviética estariam na vanguarda a respeito de “humanização e condições hospitalares”, ao passo que no Brasil (“em nosso meio”) nada era realizado.³⁹⁶ Loyello, no Rio de Janeiro, se apoiou nesses países para comparar a situação dos hospitais psiquiátricos no estado, mas especialmente aquela que conhecia mais de perto, a do Hospital Pedro II. Embora Loyello não tenha apresentado informação estatística relacionada à saúde mental na URSS, ele recorreu frequentemente a comparações vagas, por exemplo, no momento em que denunciou a falta de pessoal como sendo aquém das normas gerais e das normas estabelecidas entre “Suíça, Inglaterra, União Soviética”.³⁹⁷ Ao criticar o modelo de triagem adotado de pronto-socorro, em muitos países mesmo ricos como França e Áustria, ele remete aos modelos soviético e inglês como exemplares, representando a evolução da assistência psiquiátrica, que era de descentralização e seria substituída por “centros de menor porte, mas distribuídos por setores territoriais, a semelhança do que acontece em Londres e Moscou”.³⁹⁸

A relação dos problemas denunciados por Loyello a respeito da realidade das instituições de saúde mental é extensa e de várias ordens. Seriam esses fatores críticos que culminariam no movimento da reforma psiquiátrica brasileira anos depois, na década de 1980. Em relação à sonoterapia, que teve origem com a medicina soviética, utilizada como alternativa a tratamentos conservadores e desumanizados, “que em última análise representa a negação da assistência psiquiátrica”, ele afirma que:

395 Loyello, Washington. Considerações sobre psicoterapia institucional e as condições do Hospital Psiquiátrico. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 20, dezembro 1960, p. 64.

396 Loyello, Washington. Considerações sobre psicoterapia institucional e as condições do Hospital Psiquiátrico. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 20, dezembro 1960, p. 65.

397 Loyello, Washington. Considerações sobre psicoterapia institucional e as condições do Hospital Psiquiátrico. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 20, dezembro 1960, p. 66.

398 Loyello, Washington. Considerações sobre psicoterapia institucional e as condições do Hospital Psiquiátrico. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 20, dezembro 1960, p. 69.

O Hospital não possui condições, nem mesmo adaptação para (*sic*) em prática a sonoterapia, terapêutica de grande valia e largamente empregada no mundo inteiro. Faltam não só condições de ambiente mas também os medicamentos que o tratamento requer.³⁹⁹

Segundo Loyello, “Falta-nos tudo; em excesso só existem os doentes. Faltam-nos os medicamentos, faltam-nos os meios para aplicá-los”.⁴⁰⁰

Os médicos brasileiros que publicaram artigos na *AMB* abordaram assuntos de seu interesse. Os artigos relacionados à aplicação da tissuloterapia ou do método de Filatov, como também foi denominado, era uma área de pesquisa do médico editor Milton Lobato. Previamente ao artigo do soviético P. K. Bulatov, “Modernos métodos de tratamento da asma brônquica”, há uma breve apresentação, “Contribuições soviéticas ao tratamento da asma” (*AMB* n. 17, jan.-abr. 1958), tratando da concepção pavloviana da asma, que podemos inferir ter sido redigida por Lobato. Tanto que o discurso apresentado é similar a seu artigo publicado na *AMB* n. 15 (jun. 1957), sobre a técnica do enxerto de placentas para tratamento da asma, de apresentar os dados científicos e convidar os leitores médicos a tirarem suas próprias conclusões.

Atualidades Médicas e Biológicas publicando o trabalho de Bulatov, coloca, nas mãos dos médicos brasileiros, meios práticos de tratamento da asma, ampliando os horizontes de seus conhecimentos, esperando que a experiência nacional tire as suas conclusões e proveitos das contribuições que a medicina soviética oferece nesse terreno.⁴⁰¹

399 Loyello, Washington. Considerações sobre psicoterapia institucional e as condições do Hospital Psiquiátrico. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 20, dezembro 1960, p. 70.

400 Loyello, Washington. Considerações sobre psicoterapia institucional e as condições do Hospital Psiquiátrico. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 20, dezembro 1960, p. 70-71.

401 Contribuições soviéticas ao tratamento da asma. *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 17, jan.-abr 1958, p. 39.

EXPEDIENTE

Redação :
Rua Buenos Aires, 70 - 4º andar
Rio de Janeiro - Brasil
Numero Avulso: - Cr\$ 10,00
Assinatura Anual: - Cr\$ 50,00

CÔLEGA:

ATUALIDADES MÉDICAS E BIOLÓGICAS tem grandes dificuldades financeiras — ajude à nossa revista a sair regularmente e com melhor apresentação gráfica, fazendo mais um assinante.

Envie-nos um vale postal de Cr\$ 50,00 pela assinatura anual e receba bimensalmente esta revista



“Creio firmemente que a ciência e a paz triunfarão sôbre a ignorância e a guerra e que os homens se entenderão não para destruir mas para construir”.

Pasteur



É livre a transcrição dos artigos, indicada a procedência

Figura 28: Contracapa da revista *Atualidades Médicas e Biológicas*, n. 5, setembro-dezembro de 1952, que evidencia a dificuldade financeira e pedido por assinatura, a epígrafe pacifista e a franca autorização para reprodução dos artigos em outros meios da imprensa.

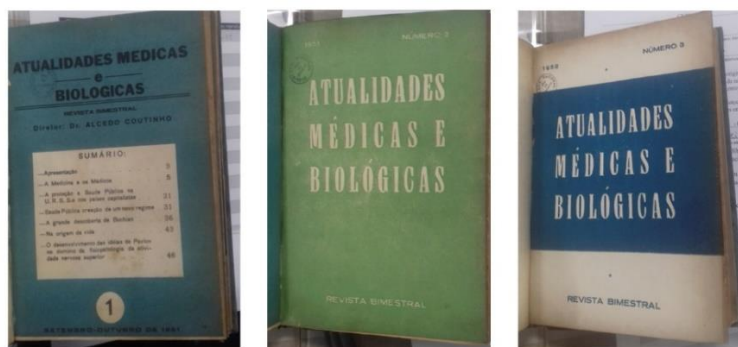


Figura 29



Figura 30

Figuras 29 e 30: capas das revistas *Atualidades Médicas e Biológicas*.



Figura 31

Figuras 29, 30 e 31: Capas das revistas *Atualidades Médicas e Biológicas* pertencentes à coleção de Periódicos da Fundação Biblioteca Nacional. Lançadas entre 1951 e 1960, as edições não apresentavam um projeto gráfico rigoroso, tendo se modificado ao longo dos anos.

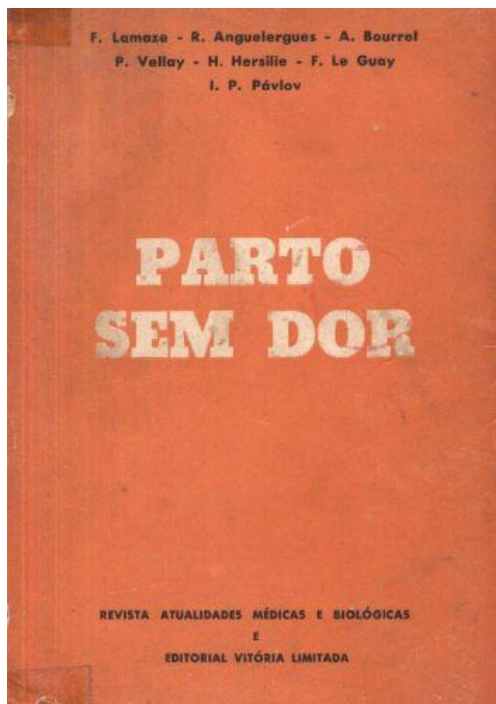


Figura 32: *Parto sem dor*, livro organizado pela revista *Atualidades Médicas e Biológicas* e Editorial Vitória, lançado em 1956.

ÚLTIMOS EXEMPLARES DE

O PARTO SEM DOR

(Edições da Revista Atualidades Médicas e Biológicas)

Contendo trabalhos realizados pela equipe do Prof. FERNANDO LAMAZE

- A concepção pavloviana da dor no parto
- Os cursos preparatórios
- Considerações sobre a técnica do parto sem dor
- Observações clínicas
- Respostas a algumas perguntas
- Ensaio de interpretações das causas de fracasso
- Condições práticas de realização do parto sem dor na Maternidade dos Metalúrgicos em Paris
- O trabalho fundamental sobre os reflexos condicionados de I. P. Pávlov
- Índice bibliográfico.

VOLUME COM 200 páginas: Cr\$ 120,00

— Envie seu pedido —

ATUALIDADES MÉDICAS E BIOLÓGICAS

Rua Buenos Aires, 70 - 4º andar - Rio de Janeiro - Brasil

Nome

Enderêgo

Remeto a importância de Cr\$ 120,00 (vale postal ou cheque) correspondente a 1 exemplar do livro «O PARTO SEM DOR».

94

ATUALIDADES MÉDICAS E BIOLÓGICAS

Figura 33: Anúncio do livro *O parto sem dor* na revista *Atualidades Médicas e Biológicas*.

ATUALIDADES MÉDICAS E BIOLÓGICAS

ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE PAVLOV DE REFLEXOLOGIA

Diretor-Presidente: Dr. ALCEDO COUTINHO
Diretor-Secretário: Dr. WASHINGTON LOYELLO
Diretor-Gerente: Dr. IRUN SANT'ANNA
Redator: Dr. MILTON JOSÉ LOBATO

EXPEDIENTE

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA S. JOSE, 50, 5º andar, sala 502 — Fone 22-0275

Número em circulação	Cr\$	30,00
Números atrasados	Cr\$	35,00
Assinatura de seis (6) números	Cr\$	150,00

PUBLICIDADE

Uma página	Cr\$	5 000,00
Meia página	Cr\$	3 000,00
Encartes	Cr\$	3 500,00

PERMUTA-SE COM AS CONGENERES
E LIVRE A TRANSCRIÇÃO DOS ARTIGOS,
INDICADA A PROCEDENCIA

*“Creio firmemente que a ciência e a
paz triunfarão sobre a ignorância e a guerra
e que os homens se entenderão não para destruir
mas para construir”*

PASTEUR

Figura 34: Contracapa da revista AMB n. 20, dezembro 1960, em que o periódico se apresenta como “órgão oficial da Sociedade Pavlov de Reflexologia”.

Considerações Finais

Esta tese tratou de uma parte da história intelectual brasileira. O conhecimento daquilo que era realizado na medicina da União Soviética circulou no país por meio dos esforços de médicos envolvidos com o PCB. Nesse sentido, esse grupo pode ser considerado como de intelectuais mediadores, ou seja, sujeitos que se envolveram em ações de difusão de produtos culturais para um público mais amplo. Ou seja, eles viabilizaram o acesso a ideias, conceitos, técnicas, artigos com relatos de casos oriundos da medicina praticada na Rússia e em outros países da União Soviética para um público geral e, principalmente, para colegas médicos brasileiros, buscando transmitir vantagens da medicina soviética em relação à medicina de países capitalistas, como sendo mais moderna, acessível, integrativa.

Tivemos oportunidade de mapear essa prática de divulgação entre médicos brasileiros comunistas devido à preservação e localização de produtos culturais que eles fizeram circular – especificamente com base nos registros na imprensa, nos livros de viagem à União Soviética, sendo dois deles publicados no início dos anos 1930 e outros dois em meados dos anos 1950, e em uma revista especializada em artigos sobre a medicina soviética editada entre 1951 e 1960. Além desses, sobressaiu-se também o empenho do médico editor João Calvino Filho. As representações e os significados da União Soviética e da “russofilia” para o mundo ocidental se alterariam em função do sujeito, dos contextos. O cenário seria distinto nos anos 1930 e 1950. Vimos como a Segunda Guerra repercutiu no desenvolvimento de técnicas adotadas pela medicina soviética. Entretanto, em comum aos dois momentos, no que tange ao projeto de divulgação da medicina soviética, se destaca o empenho desses médicos em estabelecer contatos com autoridades russas para compreender o sistema de saúde pública que vinha sendo desenvolvido pelos planos quinquenais de Stálin e depois, em plena Guerra Fria, sem qualquer iniciativa, recurso ou instituição do Estado brasileiro. Esses impressos circularam por intermédio da estrutura da imprensa comunista pelos esforços de alguns médicos brasileiros. Outro elemento importante para destacarmos é que em ambos os momentos essas práticas de divulgação tiveram características transnacionais e de enfrentamento do discurso anticomunista. A revista *Atualidades Médicas e Biológicas* foi desenvolvida paralelamente a outros periódicos nos mesmos moldes na França e na Argentina, que atuaram como polos de difusão da cultura política comunista .

Um trabalho historiográfico invariavelmente enfrenta lacunas documentais. No caso da memória e história do movimento comunista no Brasil, isso é ainda mais evidente. Seus atores,

lideranças e organizações passaram a maior parte da sua história lidando com a ilegalidade e buscando estratégias para atuarem em espaços públicos. Seus jornais, livros, tipografias e documentos sofreram sucessivas apreensões, inviabilizando a preservação de muitos materiais. Além disso, o anticomunismo era uma tendência que se manifestou com mais ou menos intensidade desde os anos 1920, sobressaindo em reação ao Levante Comunista de 1935 e no período da Guerra Fria. Ao longo dos anos de existência da imprensa partidária, foram apenas três períodos em que seus impressos circularam livremente: “de 1945 a 1947; nos governos de Juscelino Kubitschek e João Goulart; após a abertura política de 1979” (MORAES, 1994: 58). A repressão policial levou ao funcionamento na clandestinidade, a mudança de nomes e ao desmantelamento de jornais e editoras. Por outro lado, o lugar dos impressos escritos era essencial na cultura política comunista, na formação política e ideológica de quadros, nas ações de propaganda e de agitação. Na maior parte da história, o ato de escrever, editar livros e revistas com conteúdo de esquerda era um ato de resistência. Era também uma prática coletiva, envolvia grupos intelectuais e relações de diferentes níveis locais ou transnacionais. Essas relações poderiam ser enriquecedoras para esses intelectuais no âmbito de desenvolvimento pessoal ou coletivo, repercutindo benefícios a determinado campo – no caso de nossa investigação, tratava-se do campo do conhecimento entre médicos.

A medicina e a saúde pública foram convocadas para a formação do Estado, como em qualquer outro país em processo de modernização, entretanto tratava-se do primeiro estado socialista. Desse modo, a medicina soviética esteve fortemente associada a ideia de um modelo a ser seguido. Viajantes ocidentais ansiavam para conhecer o que entendiam como o futuro da medicina na construção desse Estado pioneiro que propunha uma estrutura voltada mais para a prevenção do que a cura – e que também fez brilhar os olhos daqueles que defendiam a ampliação da assistência à saúde e dos investimentos na área da educação médica. À medicina coube participar da regulação de problemas sociais – sexualidade, criminalidade, ginástica, saúde e educação, saúde infantil. O socialismo se encontrava com os ideais da medicina socializada. Esse processo de medicalização da União Soviética, ou seja, a participação da saúde pública e da medicina nos projetos de *State-building*, foi divulgado e projetado por narrativas de viagens de ocidentais que publicaram em seus países e contribuíram para moldar representações de antes e depois da Revolução de 1917 na Rússia soviética. Alguns autores se referenciam ao trabalho de Henry Sigerist, *Socialized Medicine in Soviet Union*, lançado nos Estados Unidos em 1937 (BERNSTEIN; BURTON; HALEY, 2010: 14). Inclusive, “Os princípios da medicina soviética” de Sigerist, foi publicado como extra à (re)edição de

“Proteção à maternidade e à infância de Esther Conus e “A medicina na Rússia de Lelio Zeno” pela editora Calvino em 1944, “com tradução direta do original de Moscou por Osorio Cesar”, constava no frontispício e reforça a mediação de Cesar que atuava nas mais representativas atuações de mediação cultural – a de tradutor. O texto de Sigerist destacava o acesso amplo e gratuito, primazia da prevenção como política pública e a centralização e planificação da estrutura sanitária em vasto território enquanto princípios da medicina soviética, com o Estado assumindo a responsabilidade de financiar os serviços em saúde e assistência social. Era um retrato contraposto à realidade conhecida no Ocidente, onde os médicos experimentavam os dilemas de praticarem uma medicina privada, comercial e focada na cura de doenças. Essa publicação é uma peça do processo de divulgação da medicina soviética no Brasil feita por médicos brasileiros destinado a um público em geral, mas principalmente a seus pares.

Em nosso estudo, pudemos observar como a medicina soviética se institucionalizou ao longo dos anos quando comparamos as narrativas de viagem de Medeiros e Cesar, que estiveram na Rússia em 1930, com aquelas dos médicos que a visitaram em 1953. Nas narrativas de viagem, a preocupação em transmitir o processo de construir o novo homem e mulher soviéticos, sua função na sociedade e as expectativas dos investimentos em instituições e homens de ciência deram espaço a algo mais bem estruturado. Além disso, os médicos que narraram suas experiências nos anos 1950 estiveram voltados ao debate sobre a importância do papel social do médico alinhada com a luta da categoria por melhores salários e condições de trabalho.

No Brasil da década de 1930 se observa, ainda de modo bem mais tímido, uma expansão dos aparatos estatais e uma ampliação da participação dos intelectuais na burocracia do Estado, inclusive os médicos. Medeiros e Cesar viajaram à União Soviética com recursos próprios, sem chancela do governo brasileiro. Profissionalmente atuavam nas disciplinas da saúde mental em faculdades de medicina e institutos de referência como era o Hospital do Juquery; divulgaram o que viram na Rússia em jornais, conferências e em livros de viagem. Ao tratar do que viram e de como o “país dos soviets” lidava com comportamentos desviantes, transmitiam suas próprias visões de intervenções estatais quanto à regulação do aborto, da prostituição, do divórcio, ao problema do alcoolismo, da criminalidade, da assistência à saúde materna e infantil. Os discursos médicos que tinham embasamento eugênico também estiveram presentes nas narrativas de viagem de Cesar e Medeiros.

Ainda que em ambos os períodos as narrativas de viagem explorassem dados estatísticos fornecidos pela VOKS estampados com a função de prova de verdade, as narrativas dos anos

1950 estavam mais preocupadas em se mostrarem neutras. A posição de médicos como autores conferiria credibilidade às narrativas, que em princípio seguiriam rigores científicos. Eles estariam aptos a tratar do que viram nas instituições de assistência e pesquisas científicas russas. E é seguindo com esse raciocínio que é preciso reconhecer a importância do “ver com os próprios olhos” nessas narrativas de viagem. Mais do que isso, eram olhos de médicos, acostumados a lentes de saberes objetivos e racional ligados aos cuidados de prevenir e remediar. Os números expostos em quadros estatísticos, as fotografias, as notícias de jornais soviéticos compiladas foram tratados para terem efeito de prova, de testemunho, de veracidade, o que seria estratégico para a propaganda comunista em tempos de batalha das ideias.

Essa pesquisa destacou o papel da sociabilidade das viagens para a circulação de conhecimento sobre a medicina e saúde pública socialista e como isso serviu como modelo comparativo. Paralelamente, o poder dos impressos atuando sistematicamente reforçaram tal processo de circulação, maximizando a divulgação da medicina e ciência soviética. Nos mais variados suportes de difusão (livros técnicos e filosóficos, jornais e revistas populares e especializadas, organização de reuniões, conferências, palestras e cursos), houve a produção da revista *Atualidades Médicas e Biológicas*. A *AMB* se insere nessa dinâmica da sociabilidade entre medicina, militância e ideias do socialismo no contexto internacional e local. Foi na análise da revista *Atualidades Médicas e Biológicas* que a autoridade científica do fisiologista russo Ivan Pavlov emergiu com clareza como marca da medicina soviética. A revista *AMB* foi um artefato da cultura política comunista na medicina. Essa afirmação também poderia ser dita de outra maneira: a revista *AMB* representou a divulgação do pavlovismo no Brasil. Buscamos demonstrar que no limiar da década de 1950 a política de stalinização das ciências, que se iniciara nos anos 1930, impactou fortemente o campo da fisiologia e, por contiguidade, os campos da medicina e da psicologia. A semana de Pavlov em 1950 foi um grande evento orquestrado verticalmente para definir as bases da doutrina Pavlov e seus usos na fisiologia e medicina.

Em setembro de 1951, foi lançada a primeira edição da revista *AMB*, ao mesmo tempo em que revistas médicas similares surgiram na França (*La Raison*) e na Argentina (*Revista Latino-Americana de Psiquiatria*), com o mesmo objetivo de difundir Pavlov entre colegas médicos. Por associação, é plausível relacionar diretamente esses acontecimentos – a Semana Pavlov e o surgimento de revistas médicas divulgando o conhecimento da medicina soviética por médicos comunistas em seus países – como um reflexo da ciência soviética no período da

Guerra Fria. Entretanto, o processo de circulação desse conhecimento envolve sutilezas elevando a complexidade de tal associação.

Pavlov assumiu um espaço destinado a grandes heróis soviéticos no campo da ciência. Seria interessante aos bolcheviques porque se alinhava com a ideia de planificação, centralização e materialismo, elementos demandados para o projeto de construção do novo homem e mulher soviéticos. A centralidade do meio ambiente e das condições de vida na tradução da epistemologia da fisiologia de Pavlov para a prática médica também se alinhava à doutrina marxista-leninista e ao materialismo dialético. Essa linha partidária das teses de Pavlov e suas implicações na medicina chegaram ao ápice na Guerra Fria, como contraposição à ciência ocidental. Entretanto, a transmissão não foi de cima para baixo; a cúpula dos partidos comunistas, em geral, não interferiram nesses projetos editoriais comunistas na área da ciência e da medicina. Eles seriam regulados pelo próprio campo intelectual no qual esses médicos editores estivessem inseridos. Nesse sentido, afirmamos que esses editores trataram de assuntos de seus interesses, dando atenção a aspectos de suas agendas ou de seu grupo sendo legitimados pelo sentimento de pertencimento da identidade comunista e o fizeram, utilizando a estrutura do Partido Comunista, PCB, no caso brasileiro.

Além da revista *AMB*, os médicos editores organizaram cursos sobre Pavlov e a Sociedade Carioca de Pavlov, Sociedade Pavlov de Fisiologia e Medicina (oficialmente inaugurada em 4/11/1955, segundo nota no *Brazil Médico* (novembro-dezembro de 1955)). Esses intelectuais reuniram conhecimento científico e perspectivas de medicina em suas práticas de militância comunista. A centralidade do meio ambiente na epistemologia das teses de Pavlov encontra as denúncias dos médicos sanitaristas brasileiros desde os anos da Primeira República. A importância da análise ambiental e das condições sociais seria de suma importância também na perspectiva de medicina desses médicos e militantes comunistas. A ideia de que doenças teriam implicações sociais guarda pontos de contato entre a epistemologia da fisiologia de Pavlov e a ideologia de Estado Soviético e da agenda do movimento sanitaria no Brasil.

Os relatos de viagem visaram a um público mais amplo, enquanto a revista *AMB*, os cursos e as sociedades voltavam-se para a divulgação da medicina soviética entre os pares.

Milton Lobato manteve-se publicando textos em diversos jornais. Recorrentemente referia-se à viagem à URSS. Assim como podemos observar na narrativa autobiográfica de Irun Sant'Anna, sua participação na revista *Atualidades Médicas e Biológicas* foi igualmente marcante em suas memórias. A viagem a União Soviética e a revista são, para esses médicos e

comunistas, como biografemas, isto é, detalhes de vida que são capazes de narrar toda uma identidade biográfica (DOSSE, 2015: 406).



Figura 35: Notícia do Curso Pavlov, organizado pela Associação Médica do Distrito Federal com apoio da Sociedade Pavlov de Fisiologia e Medicina de São Paulo. *Imprensa Popular* de 29/10/1955, p. 1.

VAI INICIAR-SE O CURSO PAVLOV

A Associação Médica do Distrito Federal comunica a todos os interessados, que na próxima sexta-feira, dia 28 do corrente, às 20,30 horas, terá início o Curso sobre a Teoria de Pavlov, em seu auditório, sito à Rua Senador Dantas, 7-A — 6.º andar.

O curso que terá o patrocínio da Sociedade Pavlov de Fisiologia e Medicina, será franqueado a médicos e estudantes em geral, obedecendo ao seguinte programa:

Dia 28/10/1955 — sexta-feira — Princípios fundamentais da atividade nervosa superior — DR. VENTURINO VENTURI (S. Paulo).

Dia 31/10/1955 — segunda-feira — Noções de Fisiopatologia Córteo-Visceral — DR. JAYME GONÇALVES — (S. Paulo).

Dia 4/11/1955 — sexta-feira — Psico-Profilaxia da dor do parto — DR. HIRSCHSCHOR (S. Paulo).

Dia 7/11/1955 — segunda-feira — A terapêutica pelo sono — DR. WASHINGTON LOYELLO (D. Federal).

Dia 9/11/1955 — quarta-feira — A Vida e a Obra de Pavlov — PROF. MORAES COUTINHO (D. Federal).

As palestras serão todas realizadas às 20,30.

Figura 36: Anúncio de curso Pavlov com a programação. *Imprensa Popular*, 26/10/1955.

«ATUALIDADES MÉDICAS E BIOLÓGICAS»

DEPOIS de longa interrupção, reapareceu a revista «Atualidades Médicas e Biológicas». É um fato auspicioso e que vem realmente preencher uma lacuna na divulgação científica no Brasil. «Atualidades Médicas e Biológicas» é a única publicação brasileira dedicada à popularização e divulgação das aquisições científicas no terreno da biologia e da medicina obtidos na União Soviética e nas democracias populares. Trata-se, portanto, de um veículo de intercâmbio científico que corresponde a uma necessidade.

No sumário deste número, destaca-se o início da publicação de um curso de 11 conferências de um grupo de médicos franceses sobre os trabalhos de Pavlov. Dessa forma, contribui a revista para tornar acessível aos seus leitores uma visão de conjunto e uma exposição simples e sistemática dos princípios que orientam a escola pavloviana.

A revista «Atualidades Médicas e Biológicas» é encontrada em todas as livrarias.

A revista publica ainda outras colaborações de grande interesse, como o «Breve histórico da teoria da anestesia», de V. S. Gaikine, «Principais tendências em oncologia experimental na U.R.S.S.», do prof. N. B. Blokhin, «A terapêutica tissular de Filatov» e «Índices e conclusões de revistas médicas soviéticas».

Figura 37: Anúncio sobre nova edição da revista *Atualidades Médicas e Biológicas* veiculado no *Imprensa Popular*, 24/2/1956, p. 4.

Acervos Consultados

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ)

Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP) (base de dados acessível na internet)

Arquivo Associação Brasileira de Letras

Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (USP)

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Museu Histórico Prof. Carlos da Silva Lacaz da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP)

Seção de Periódicos da Fundação Biblioteca Nacional

Referências bibliográficas

Livros em caráter de fonte primária:

AMADO, Jorge. “Depoimento literário sobre o acadêmico Anokhin”. In BURZA, João Belline. *Cérebro, neurônio, sinapse: teoria do sistema funcional, de P. K. Anokhin, seguidor avançado de I. P. Pavlov*. São Paulo: Ícone: 1986.

CESAR, Osório Thaumaturgo. *Onde o proletariado dirige... (visão panorâmica da Rússia soviética)*. São Paulo: [s.n.], 1932.

CESAR, Osório. “Nota do tradutor”. In ZENO, Lelio. *A Medicina na Rússia*. Rio de Janeiro: Editora Nacional, 1935.

CONUS, Esther. Proteção à Maternidade e à Infância na União Soviética. ZENO, Lelio. *A Medicina na Rússia*. Nova Edição. Rio de Janeiro: Editorial Calvino, 1944.

FEDERAÇÃO DE MULHERES DO BRASIL (Org.). *Atravessando as fronteiras da URSS: entrevistas*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1954.

IUDINE, Sergio. “Prefácio”. In ZENO, Lelio. *A Medicina na Rússia*. Rio de Janeiro: Editora Nacional, 1935.

LOBATO, Milton; MACHADO, Reinaldo. *Médicos brasileiros na URSS: impressões de viagem e aspectos de medicina soviética*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1955.

LOBATO, Milton. *Cigarro: invalidez ou morte*. [s.l.], [s.n.], 1992.

MACHADO, Reinaldo. Notas de Viagem. In LOBATO, Milton; MACHADO, Reinaldo. *Médicos brasileiros na URSS: impressões de viagem e aspectos de medicina soviética*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1955.

MEDEIROS, Maurício. *Rússia (notas de viagem, impressões, entrevistas, observações sobre o regime soviético)*. Rio de Janeiro: Calvino, 1931.

SANT'ANNA, Irun. *O garoto que sonhou mudar a humanidade*. Rio de Janeiro: Fundação Dinarco Reis, 2011.

SILVA, Raul Ribeiro da. *A Rússia vista por um médico brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s/d.

ZENO, Lelio. *A Medicina na Rússia*. Rio de Janeiro: Editora Nacional, 1935.

Referências de livros, capítulos, artigos ou teses:

ACCORSI, Giulia Engel. *Sífilis, loucura e civilização: a paralisia geral progressiva e a institucionalização do campo neuropsiquiátrico no Rio de Janeiro*. 348 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2020.

ANDRIOLO, Arley. A “psicologia da arte” no olhar de Osorio Cesar. *Psicologia ciência e profissão*, Brasília, v. 23, n. 4, dez. 2003, pp. 74-81.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (APERJ). *A contradita: polícia política e comunismo no Brasil (1945-1964)* (mimeo.). Entrevistas de Cecil Borer, Hércules Corrêa dos Reis, José de Moraes e Nilson Venâncio a Leila Menezes Duarte e Paulo Roberto Pinto de Araújo, em 1998. Rio de Janeiro: Aperi, 2000.

BENEDETTA, Calandra; FRANCO, Marina. “Desafios e limites para um novo olhar sobre as relações interamericanas”. In BENEDETTA, Calandra; FRANCO, Marina (Org.). *La Guerra Fría cultural en América Latina*. Buenos Aires: Biblos, 2012. pp. 9-32.

BERNSTEIN, Frances L.; BURTON, Christopher; HEALEY, Dan. “Experts, expertise, and new histories of Soviet Medicine”. In BERNSTEIN, Frances L.; BURTON, Christopher; HEALEY, Dan. *Soviet Medicine: culture, practice and science*. DeKalb, Illinois: Northern Illinois University Press, 2010. pp. 3-26.

BERTOLLI FILHO, Claudio. Uma outra modernidade: médicos brasileiros na União Soviética. *Anos 90*, Porto Alegre, n. 10, dez. 1998, pp. 102–121.

BIRN, Anne-Emmanuelle; BROWN, Theodore. *Comrades in Health: U.S. Health internationalist, abroad and at home*. New Brunswick, New Jersey, and London: New Brunswick: Rutgers University Press, 2013.

BRUSHLINSKY, Andrei. The “Pavlovian” session of the two academies. *European Psychologist*, v. 2, n. 2, jun. 1997, pp. 102-105.

BURZA, João Belline. “Prefácio”. In PAVLOV, I. P. *Obras escolhidas*. São Paulo: Editora Fulgor, 1962. pp. 9-12.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, ideias malditas: o DEOPS e as minorias silenciadas*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, PROIN/USP, Fapesp, 2002.

CRESPO, Regina. *Revistas en América Latina: proyectos literarios, políticos y culturales*. México, UNAM, 2010.

_____. Dossier Revistas en América Latina redes, política y cultura. Introducción. *Revista de Historia de América*, n. 158, 2020, pp. 187-190. Disponível em: <https://doi.org/10.35424/rha.158.2020.621> Acesso em setembro de 2020.

CUETO, Marcos; PALMER, Steven. *Medicina e Saúde Pública na América Latina: uma história*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016.

DAVID-FOX, Michael. “Introduction: ‘Russia and the West’ in a Soviet Key”. In DAVID-FOX, Michael. *Showcasing the great experiment: Cultural West & Western visitors to the Soviet Union 1921-1941*. New York: Oxford University Press, 2012. pp. 1-27.

DEAECTO, Marisa Midori. “A Batalha do Livro”. In DEAECTO, Midori; MOLLIER, Jean-Yves (Org.). *Edição e Revolução: leituras comunistas no Brasil e na França*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. pp. 13-25.

DOMENACH, Jean-Marie. *A propaganda política*. Edição eletrônica: Ed. Ridendo Castigat Mores, 1963. Disponível em: www.jahr.org Acesso em março de 2020.

DOSSE, François. *O desafio de escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

SCOREL, Sarah. *Reviravolta na Saúde: origem e articulação do movimento sanitário*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

FAUSTO, Boris et al. *História Geral da Civilização Brasileira: o Brasil Republicano*. v. 10: Sociedade e Política (1930-1964). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

FERNANDES, Karina Pinheiro. *Os tons da política: os artistas plásticos e o PCB (1945-1950)*. 278 f. Tese (Doutorado em História Social). Instituto de História, Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

_____. *Novos Rumos: jornal do Partido Comunista Brasileiro*. *Locus: Revista de História*, Juiz de Fora, v. 19, n. 2, 2013, pp. 205-224.

FRAGA, Clementino. Discurso de recepção por Clementino Fraga na posse de Maurício de Medeiros à Academia Brasileira de Letras, “Senhor Maurício de Medeiros...”, 9/8/1955. Consultado no site da Academia Brasileira de Letras. Acesso em 11 de fevereiro de 2023. <https://www.academia.org.br/academicos/mauricio-de-medeiros/discurso-de-recepcao>

GARCÍA, Luciano Nicolas. *La psicología por asalto: psicología y cultura científica en el comunismo argentino*. Buenos Aires: Edhasa, 2016.

GILBERT, Joseph M. “What we now know and should know bringing Latin America more meaningfully into Cold War studies”. In GILBERT, Joseph M.; SPENCER, Daniela (Ed.). *From the Cold: Latin America’s new encounter with the Cold War*. Durham: Duke University Press, 2008. pp. 3-46.

GOMES, Angela de Castro. “Introdução”. In GOMES, Angela de Castro. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. pp. 7-24.

_____. “Memória e história nos escritos autobiográficos de San Tiago Dantas”. In RAMOS, Alcides; PATRIOTA, Rosângela; PESAVENTO, Sandra (Org.). *Imagens na História*. São Paulo: Hucitec, 2008. pp. 181-196.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos. “Apresentação”. In GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. pp. 7-37.

GOMES, Angela; KODAMA, Kaori; FONSECA, Maria Rachel Fróes da. Apresentação. Imprensa e mediadores culturais: ciência, história e literatura. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 34, n. 66, set.-dez. 2018, pp. 593-600.

GORDIN, W. W. The Pavlov Conference. *Soviet Studies*, v. 3, n. 1, jul. 1951, pp. 34-59.

GRAHAM, Loren R. *Science, Philosophy, and Human Behavior in the Soviet Union*. New York: Columbia University Press, 1987.

GRAHAM, Loren. *Science and the Soviet Social Order*. Cambridge; London: Harvard University Press, 1990.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EdUSP, 2005.

HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOCHMAN, Gilberto. “O Brasil não é só doença”: o programa de saúde pública de Juscelino Kubitschek. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 16, 2009, pp. 313-331.

_____. Vigiar e, depois de 1964, punir: sobre Samuel Pessoa e o Departamento Vermelho da USP. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 66, n. 4, out.-dez. 2014, pp. 26-31.

_____. Samuel Barnsley Pessoa e os determinantes sociais das endemias rurais. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, fev. 2015, pp. 425-431.

HOCHMAN, Gilberto; PAIVA, Carlos Henrique Assunção. Parasitology and Communism: Public Health and politics in Samuel Barnsley Pessoa’s Brazil. In BIRN, Anne-Emanuelle; LÓPEZ, Raul Necochea (Org.). *Peripheral Nerve: Health and Medicine in Cold War Latin America*. Durham; London: Duke University Press, 2020. pp. 132-157.

IBER, Patrick. *Neither peace nor freedom: the cultural Cold War in Latin America*. Cambridge; London: Harvard University Press; Library of Congress Cataloging Data, 2ª ed. 2015.

JUBERTE, Vinícius de Oliveira. “Editorial Calvino: a retomada das edições comunistas brasileiras nos anos 1940”. In CAMARERO, Hernán; LOYOLA, Manuel (Org.). *Política y Cultura en los sectores populares y de las izquierdas latinoamericanas en el siglo XX*. Libros de la Red Internacional del Conocimiento, Colección e-200, Santiago de Chile, Marzo 2016. pp. 101-122.

JUNQUEIRA, Mary Anne. “Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador”. In JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella M. Scatena (Org.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. v. II. São Paulo: Humanitas, 2011. pp. 44-61.

KNORR-CETINA, Karin. “A comunicação na ciência”. In GIL, Fernando (Org.) *A ciência tal qual se faz*. Lisboa: João Sá da Costa, 1999, pp.375-393.

KOJENIKOV, A. “Games of Stalinist democracy: ideological discussions in Soviet sciences 1947-52. In FITZPATRICK, S. *Stalinism: new directions*. London: Routledge, 2000. pp. 142-175.

KONDER, Leandro. *A derrota da dialética: a recepção das ideias de Marx no Brasil até o começo dos anos trinta*. Rio de Janeiro, Campus, 1998.

KREMENTSOV, Nikolai. *Stalinist science*. Princeton; New Jersey: Princeton University Press, 1997.

_____. *The cure: a story of cancer and politics from the annals of the Cold War*. Chicago: University of Chicago Press. 2002.

_____. Trypanosoma cruzi, cancer and the Cold War. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, supl. 1, jul. 2009, pp. 75-94.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LOPES, Gabriel. *O feroz mosquito africano no Brasil: o Anopheles gambiae entre o silêncio e a sua erradicação (1930-1940)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2020.

MAGALHÃES, Rodrigo César da Silva. *A erradicação do Aedes aegypti: febre amarela, Fred Soper e saúde pública nas Américas (1918-1968)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016.

MAUÉS, Flamarion. “A Editorial Vitória e a divulgação de ideias comunistas no Brasil (1944-1964)”. In DEAECTO, Midori; MOLLIER, Jean Yves (Org.) *Edição e Revolução: leituras comunistas no Brasil e na França*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. pp. 121-152.

MÈHILI, Elidor. “Technology and The Cold War”. In KALINSKY, A.; DAIGLE, G. (Ed.). *The Routledge Handbook of The Cold War*. New York: Routledge, 2014. pp. 292-304.

MICHAELS, Paula A. *Lamaze: an International History*. New York: Oxford University Press, 2014.

MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “O diabo nas bibliotecas comunistas”. In: DUTRA, Eliana; MOLLIER, Jean-Yves (Org.). *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política – Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006. pp. 135-152.

_____. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. 2. ed. Niterói, RJ: Eduff, 2020.

PAVLOV, Ivan Petrovitch. “Autobiografia”. In PAVLOV, I. P. *Obras escolhidas*. São Paulo: Editora Fulgor, 1962. pp. 13-16.

PEREIRA, Luciana Lombroso Costa. *A lista negra dos livros vermelhos: uma análise etnográfica dos livros apreendidos pela polícia política no Rio de Janeiro*. 230 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

PETRA, Adriana. *Intelectuales y cultura comunista: itinerarios, problemas y debates en la Argentina de pós-guerra*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2017.

_____. Cosmopolitismo e nação: intelectuais comunistas argentinos em tempos de Guerra Fria (1947-1956). *Contemporâneo*, v. 1, n. 1, 2021, pp. 51-74. Disponível em: <https://ojs.fhce.edu.uy/index.php/cont/article/view/1058> Acesso em fevereiro de 2023.

PETRA, Adriana; GARCÍA, Luciano Nicolás; MARTIRÉN, Juan. Hacia una Historia de la cultura comunista: un estado del arte de los estudios de lo comunismo em la Argentina. *Nuestra Historia*, Dossier Cien Años de Comunismo Iberoamericano: balance e nuevos enfoques para una Historia Social e Cultural, edição 11, 2021, pp. 17-42.

PIEPER Mooney, Jadwiga.; LANZA, Fabio. “Introduction: de-Centering Cold War History”. In PIEPER Mooney, Jadwiga.; LANZA, Fabio. *De-centering Cold War History*. New York: Routledge, 2013. pp. 1-12.

POLLOCK, Ethan. *Stalin and the Soviet Science Wars*. New Jersey: Princeton University Press, 2006.

RIBEIRO, Felipe Augusto dos Santos. O médico, a fé e os operários: militância comunista entre traumas, interditos e narrativas históricas. *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 14, 2022, pp. 1-24.

RIDENTI, Marcelo. *O segredo das senhoras americanas: intelectuais, internacionalização e financiamento na Guerra Fria Cultural*. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. “Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil”. In: MORAES, João Quartim de (Org.). *História do Marxismo no Brasil: teorias e interpretações*. 2. ed. v. 3. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007. pp. 373-469.

RUPPRECHT, Tobias. Socialist high modernity and global stagnation: a shared history of Brazil and the Soviet Union during the Cold War. *Journal of Global History*, v. 6, issue 3, 2011, pp. 505-528.

_____. *Soviet Internationalism after Stálin: interaction and exchange between the USSR and Latin America during the Cold War*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

SAÍTTA, Sylvia. *Hacia la revolución: viajeros argentinos de izquierda*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

_____. Tren estación cielo. *Estudios de Teoría Literaria*, revista digital, ano 2, n. 4, 2013, pp. 61-70. Disponível em: <https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/etl> Acesso em: fevereiro de 2023.

SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. *América: Cahiers du CRICCAL*, n. 9-10, Le discours culturel dans les revues latino-américaines, 1940-1970, 1992. pp. 9-16. <https://doi.org/10.3406/ameri.1992.1047> Acesso em: fevereiro de 2023.

SECCO, Lincoln. *A batalha dos livros: a formação da esquerda no Brasil*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2017.

SEGRILLO, Angelo. *Os russos*. São Paulo: Contexto, 2018.

SOLOMON, Susan. Through a glass darkly: the Rockefeller Foundation’s International Health Board and Soviet Public Health. *Studies in the History and Philosophy of the Biomedical Sciences*, v. 31, n. 3, 2000, pp. 409-418.

SOTANA, Edvaldo. *Relatos de viagens à URSS em tempos de Guerra Fria: uma prática de militantes comunistas brasileiros*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2006.

TODES, Daniel. *Pavlov’s Physiology Factory: experiment, interpretation, laboratory enterprise*. Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press, 2002.

_____. *Ivan Pavlov: a Russian life in science*. New York: Oxford University Press, 2014.

TOLEDO, Eliza Teixeira de. História, sexualidade e loucura: as psicocirurgias no Hospital Psiquiátrico de Juquery sob o prisma de gênero (1936-1951). *Temporalidades*, Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG, v. 7, n. 2, maio-ago. 2015, pp. 218-238.

TORRES, Raquel Mundim. *O inferno e o paraíso se confundem: viagens de brasileiros à URSS (1928-1933)*. 189 f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

_____. *Transpondo a Cortina de Ferro: relatos de viagem de brasileiros à União Soviética na Guerra Fria (1951-1963)*. 414 f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

VENÂNCIO, Giselle Martins. “A utopia do diálogo: os prefácios de Vianna e a construção de si na obra publicada”. In GOMES, Angela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). *Memórias e narrativas (auto)biográficas*. Porto Alegre: Ed. UFRGS; Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009. pp. 173-218.

VEZZETI, Hugo. *Psiquiatria, psicoanálisis y cultura comunista: batallas ideológicas en la Guerra Fría*. Buenos Aires: Século XXI, 2016.

ANEXOS

Anexo 1

Relação de livros de viagem à União Soviética publicados no Brasil:

AGORIO, Adolpho. *Os deuses vermelhos*. São Paulo: Empresa Editora Nacional Lux, 1931.

ALAMBERT, Zuleika. *Uma jovem brasileira na União Soviética*. Rio de Janeiro: Vitória, 1953.

AMADO, Jorge. *O mundo da paz: União Soviética e democracias populares*. Rio de Janeiro: Vitória, 1951.

AMARAL, Rubens do. *União Soviética: inferno ou paraíso?* São Paulo: Martins Editora, 1952.

AZEVEDO, Irmãos Freitas. *Cartas de dois mundos*. Rio de Janeiro: Vitória, 1959.

BARBUSSE, Henri. *A nova Rússia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932.

BASBAUM, Leôncio. *No estranho país dos iuguslavos: relato de uma viagem através da Iugoslávia, Romênia, Hungria, Polônia, Tchecoslováquia*. São Paulo: Edaglit, 1962.

BRITO, Lotelba R. de. *Um brasileiro na Coreia*. Rio de Janeiro, [1951 ? (sic)].

BRITO, Manuel F. do Nascimento. *Depoimento sobre a União Soviética*. Rio de Janeiro: Ipanema, 1963.

_____. *Um jornalista brasileiro na Rússia*. Rio de Janeiro: Record, 1963.

CAMPELO, Humberto Alves. *Um marítimo brasileiro na União Soviética*. Rio de Janeiro: Vitória, 1953.

CAMPOS, José. *Um brasileiro na União Soviética*. São Paulo: Martins, 1953.

CANELLAS, Antônio Bernardo. *Relatório da Delegacia à Rússia*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1923.

CESAR, Osório Thaumaturgo. *Onde o proletariado dirige: visão panorâmica da URSS*. São Paulo: [s.n.], 1932.

_____. *O que é o Estado proletário (reflexões sobre a Rússia soviética)*. São Paulo: Udar, 1933.

CHESSIN, Sérgio de. *A noite que vem do Oriente*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1932.

CICCO, Andrés. *Um ano em Moscou: uma visão objetiva e real da vida na União Soviética*. Trad. A. Silva. Rio de Janeiro: A Noite, 1955

CORCOS, Fernand. *Uma visita à nova Rússia*. Rio de Janeiro: Editora Americana 1931.

- COSTA, Flávio. *Além das torres do Kremlin: do Brasil à China*. Salvador: Livraria Progresso, 1958.
- COSTA, Luís Edmundo da. *De um livro de memórias*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1958.
- COTRIM, John R. *Um engenheiro brasileiro na Rússia*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1962.
- DOMINIQUE, Pierre. *Com os olhos abertos (na Rússia): reportagem imparcial de 1930*. São Paulo: Pax, 1931.
- DOUILLET, Joseph. *Moscovo sem máscara*. Porto Alegre: Globo, 1931.
- DUBOIS, José. *Rússia: uma nova humanidade*. Editora Atlântida, 1931.
- EDMUNDO, Cláudio. *Um engenheiro brasileiro na Rússia*. Rio de Janeiro: Calvino, 1934.
- FEDERAÇÃO DAS MULHERES DO BRASIL. *Atravessando as fronteiras da URSS: entrevistas*. Rio de Janeiro: Vitória, 1954.
- FIALHO, Branca. *Viagem à União Soviética*. Rio de Janeiro: Vitória, 1952.
- FINAMOUR, Jurema Yari. *4 semanas na União Soviética*. Rio de Janeiro: Ed. Contemporâneas, 1954.
- FREITAS, AZEVEDO et alii. *Cartas de dois mundos*. Rio de Janeiro: Ed. Vitória, 1959.
- GIDE, André Paul Guillaume. *De volta à URSS*. Trad. Álvaro Moreyra. Rio de Janeiro: Vecchi, 1937.
- _____. *Retoques de minha volta da URSS*; . Trad. Povina Cavalcanti. Rio de Janeiro: Vecchi, 1938.
- GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822, 1823*. São Paulo: Editora Nacional, 1956.
- GROZ, Victor. *Polônia: 1939*. Rio de Janeiro: Vitória, 1955.
- GUANABARINO, Juvenal. *O que vi em Roma, Berlim e Moscou*. Rio de Janeiro: Calvino, 1934.
- GUIMARÃES, Josué. *As muralhas de Jericó: memórias de viagem: União Soviética e China nos anos 50*. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- HEWLLET, Jonhson (deão de Canterbury). *O poder soviético*. Rio de Janeiro: Calvino, 1943.
- HIDALGO, Diego. *Impressões de Moscou*. São Paulo: Pax, 1931.
- HOLANDA, Nestor de. *O mundo vermelho e notas de um repórter na URSS*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pongetti, 1962.
- ISTRATI, Panait. *16 meses na U.R.S.S.: rumo a outra flama*. Rio de Janeiro: Alerta, 1946.
- LEMME, Paschoal. *A Educação na U.R.S.S.: 1953*. Rio de Janeiro: Vitória, 1955.
- LOBATO, Milton; MACHADO, Reinaldo. *Médicos brasileiros na URSS: impressões de viagem*. Rio de Janeiro: Vitória, 1955.

- LOUREIRO, Orlando. *A sombra do Kremlin*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1954.
- MARION, Paul. *O paraíso moscovita (deux russies)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931.
- MARTORELLI, Victorio. *No país dos sputniks: reportagens*. São Paulo: Brasiliense, 1958.
- MEDEIROS, Maurício de. *Rússia: notas de viagem, impressões, entrevistas, observações sobre o regime soviético*. Rio de Janeiro: Calvino, 1931.
- MELLO, Olympio Fernandes. *25 dias na URSS*. Rio de Janeiro: Vitória, 1954.
- MENDES, José Guilherme. *Moscou, Varsóvia, Berlim*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.
- MORAES, Eneida Costa de. *Caminhos da terra: URSS, Tchecoslováquia, China*. Rio de Janeiro: Antunes, 1959.
- MOREL, José Edmar de Oliveira. *Moscou, ida e volta*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1952 (duas edições no mesmo ano).
- NOBRE, José de Freitas. *Visão atual da Rússia: observações de um jornalista brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 1957.
- PEIXOTO, Francisco Inácio. *Passaporte proibido*. Rio de Janeiro: Organizações Simões Editora, 1960.
- PEREIRA, Osny Duarte. *Juízes brasileiros atrás da Cortina de Ferro*. Rio de Janeiro: José Konfino, 1952.
- PINHEIRO NETO, João. *URSS: a grande advertência*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1961.
- PRADO JÚNIOR, Caio. *U.R.S.S.: um mundo novo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.
- _____. *O mundo do socialismo*. São Paulo: Brasiliense, 1962.
- RAMOS, Graciliano. *Viagem: Checoslováquia, URSS*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.
- REBÊLO, Marques. *Cortina de Ferro*. São Paulo: Martins, 1956.
- SCHMIDT, Afonso. *Zamir (viagem ao mundo da paz)*. São Paulo: Braziliense, 1956.
- SILVA, Raul Ribeiro da. *A Rússia vista por um médico brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: [1956].
- SILVEIRA BUENO, Francisco da. *Visões da Rússia e do mundo comunista*. São Paulo: Saraiva, 1961.
- STOIANO, Constantino et al. *Operários paulistas na União Soviética: notas e impressões de viagem de membros da delegação de 15 trabalhadores brasileiros convidados pelo Conselho Central Sindical da URSS para participar das celebrações do 1º de maio de 1952 em Moscou*. São Paulo: Fundamentos, 1952.

VAILLANT-COUTURIER, Paul. *No misterioso país de Tarmelão: o socialismo na Ásia Central*. São Paulo: Edições Nosso Livro, 1934.

VAYO, Júlio Alvarez del. *URSS: a nova Rússia*. São Paulo: Editora Pax, 1931.

WHITE, William Lindsay. *Impressões sobre os russos*. Trad. Enio Guazzelli e Aydano Arruda. São Paulo: Cupolo, 1945.

ZOCHTCHENKO, Mihail Mikhailovitch. *No paraíso bolchevista: quadros da vida russa*. Trad. Roman Poznanski. Rio de Janeiro: H. Antunes, Tipografia do Patronato, 1929.

Referências:

CARONE, Edgard. *O marxismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

TORRES, Raquel Mundim. *O inferno e o paraíso se confundem: viagens de brasileiros à URSS (1928-1933)*. 189 f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

_____. *Transpondo a Cortina de Ferro: relatos de viagem de brasileiros à União Soviética na Guerra Fria (1951-1963)*. 414 f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Relação das instituições científicas soviéticas visitadas por Osorio Cesar indicadas em seu relato de viagem (1932)

- Instituto Skifanovski de Moscou (instituto de socorros imediatos com 230 leitos e previsão para seiscentos leitos no fim do ano de 1931);
- Instituto Obuch de Moscou, voltado para moléstias profissionais, inaugurado em 1923;
- Instituto de Moléstias Tropicais, em Moscou, fundado em 1920 com serviços de saneamento contra malária em áreas pantanosas;
- Instituto de Biologia Experimental, desde 1921;
- Instituto Experimental de Endocrinologia de Moscou, fundado em 1923 (possui ambulatório, laboratório e uma fábrica de produtos hormono-opoterápicos);
- Instituto Neuropatológico Cirúrgico de Leningrado, fundado em 1925, contando com três laboratórios (bioquímico, histologia e anatomia patológica);
- Instituto de Higiene Social (voltado à profilaxia mental; Osorio Cesar destacou ter encontrado várias seções de fisioterapia e uma para tratamento de gagueira com a rapidez de três a quatro semanas);
- Instituto de Reflexologia Besterev para o estudo do cérebro, funcionando desde 1918 em Leningrado, sendo sua organizado em três seções: seção de morfologia para anatomia e fisiologia do sistema nervoso; seção de fisiologia para os processos nervosos de origem físico-química; e seção para a “estrutura funcional do sistema nervoso como base para o conhecimento da base humana sob o ponto de vista individual” (CESAR, 1931: 134);
- Instituto de Medicina Experimental de Leningrado; o diretor da seção de fisiologia era Ivan Pavlov (herdado da época do império czarista, recebeu bastante apoio do Estado soviético, sobretudo o laboratório liderado por Pavlov);
- Instituto do Cérebro de Moscou, fundado em 1926 (seu museu guarda cérebros de célebres personalidades russas, inclusive de Lênin, que despertou muita emoção em Cesar ao segurá-lo) (CESAR, 1931: 142);
- I Instituto de Medicina de Moscou (dedicado ao ensino superior de medicina – em Moscou havia dois; ali assistiu a uma aula de fisiologia e visitou o Instituto Morfológico e Anatômico);
- Sanatório de Noite (uma instituição de profilaxia médica destinada a “operários enfraquecidos” (CESAR, 1931: 144);
- Sanatório ligado ao Instituto Lenin de Tratamento Fisioterápico, em Feodossia, Crimeia;
- Hospital de neuropsiquiatria Soloviov, Moscou, fundado em 1920 (destinado somente a casos agudos);

- Asilo de Alienados de Rachtchenko, arredores de Moscou, fundado em 1894 (somente para casos agudos);
- Hospital de psiquiatria de Odessa (somente para casos agudos);
- Hospital Botkin, Moscou, fundado em 1910 (hospital geral com 1.930 leitos);
- Clínica de aborto do Hospital de Ginecologia, anexo ao Instituto de Proteção à Maternidade e à Infância;
- Instituto Venereológico de Broner, em Moscou (ambulatório e cem leitos);
- Profilatorium de Exemplo do Comissariado da Saúde Pública em Moscou, com três anos de fundação (voltado para enfrentamento do problema da prostituição, dispendo de fábrica e ambulatório);
- Um narcodispensário em Moscou, fundado em 1924 (o primeiro instituto fundado para o tratamento de toxicomanias; Cesar indica a existência de sete institutos desse gênero em Moscou, sete em Leningrado e outros na Ucrânia).

Trajetórias entre a medicina e a militância comunista

Alcedo Coutinho (1906-1992)

O médico-cirurgião e comunista Alcedo de Moraes Coutinho nasceu em Nazaré da Mata, no estado de Pernambuco. Filho do produtor rural Alfredo Moraes Coutinho, proprietário de 3 engenhos e comerciante de açúcar, também exercia informalmente a medicina, pois não concluíra os estudos na Faculdade de Medicina da Bahia. Era irmão de Rodolpho, Nelson, ambos graduados bacharéis em Direito, e de Alfredo, seu irmão caçula, que também se formou em medicina – segundo Castro os irmãos Coutinho seriam exemplos vivos de como a decadente oligarquia do açúcar valorizava e ainda conseguia fornecer educação universitária a seus filhos (CASTRO, 2010: 6). Em 1928, Alcedo Coutinho se formou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na Praia Vermelha. Foi clinicar no Recife. Sua trajetória alinhou medicina e atividade política. Alcedo envolveu-se com o movimento tenentista em Pernambuco. Em 1935, atuou na Faculdade de Medicina do Recife, no hospital Dom Pedro II e foi cirurgião de um pronto-socorro local. Foi membro da Aliança Nacional Libertadora (ANL), participou do levante de novembro de 1935 em Recife, o que o levou à prisão por três anos até ser libertado por solicitação de *habeas corpus* e deportado para o Rio de Janeiro, onde retomou suas atividades clandestinas no PCB em 1938.

No Distrito Federal, trabalhou como médico clínico em consultório particular, no edifício *A Noite*, em meados da década de 1940, e depois localizado na região da Cinelândia, na rua Álvaro Alvim, conforme indicam diversos anúncios nos classificados do jornal *Imprensa Popular* publicados ao longo dos anos 1950. Também trabalhou na associação organizada pelo Partido denominada “Comitê de Solidariedade” ou “Socorro Vermelho” como médico voluntário. Ela visava à arrecadação de fundos e prestação de assistência aos presos políticos e seus familiares. Foi médico particular de Luís Carlos Prestes e de outros militantes de cúpula do PCB. Participou do movimento em prol da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

Disputou as eleições de 5/12/1945 pela legenda do PCB como suplente de Prestes. Assumiu o cargo de deputado federal da Assembleia Constituinte por Pernambuco, pois Prestes optou pelo cargo de senador no Distrito Federal. Como constituinte, Coutinho participou da Comissão de Investigação Econômica e Social, sendo relator de um dossiê sobre o problema

sanitário no país. Foi presidente do Comitê Democrático dos Médicos em 1946 (organização ligada ao PCB). Participou do Conselho dos Médicos pela Paz. Em plenário, seus discursos chamavam a atenção para os problemas de saúde pública – um de seus discursos intitulou-se “As endemias e parasitoses que assolam o interior do país”, no qual denunciava as péssimas condições dos trabalhadores e o problema estrutural de longa data no país do latifúndio improdutivo, propondo uma reforma agrária e medidas estatais para melhorar as condições de vida e saúde dos brasileiros. Foi contra o ensino religioso nas escolas, mas teve essa proposta rejeitada. Defendeu a nacionalização de empresas estrangeiras prestadoras do serviço público como a *Ligth* (fornecedora de energia elétrica, Distrito Federal). Das emendas à constituinte, apenas aquela que determinava o repasse de 10% da tributação acarretada pela União aos municípios foi aprovada.

Em janeiro de 1948, Alcedo Coutinho teve seu mandato de deputado constituinte cassado por pertencer à legenda do PCB, cujo registro havia se tornado ilegal por determinação do Tribunal Superior Eleitoral desde maio de 1947.

Fez parte da Comissão Organizadora da Jornada de Medicina Social, preparatória para um congresso internacional de medicina a ser realizado em Roma, de acordo com ofício policial de outubro de 1951.

Em setembro de 1951, solicitou antecedentes para fim de viagem “para todo o continente”.

Em 1953, viajou à Áustria (Viena) e à URSS. Segundo dados da polícia, em seu retorno foi homenageado por seus colegas médicos e funcionários do Hospital São Cristóvão da Cooperativa dos Rodoviários, um almoço servido no próprio hospital em 19/7/1953, com brindes de “champanhe” em que falaram, além do próprio homenageado, o diretor da cooperativa e o diretor do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER), Regis Bittencourt. Dias antes dessa solenidade, o *Imprensa Popular* de 11/7/1953 havia veiculado um artigo em que Coutinho divulgava sua viagem: “A medicina, uma das colunas mestras do regime socialista”.

Os arquivos do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) registraram que ele era diretor da revista *Atualidades Médicas e Biológicas*, sediada na rua Buenos Aires, Centro do Rio de Janeiro, em 1953. Recebia a revista URSS, remetida para a rua Conde de Baependi, 103/502, endereço de sua residência. Quando retornou da URSS, o jornal *Imprensa Popular* publicou “‘A medicina, uma das colunas mestres do regime socialista’, elogiando o modo de viver na URSS quanto a saúde, hospitais e médicos” em julho de 1953, conforme nota em

resumo de sua ficha de prontuário policial. Foi um dos organizadores do 1º Congresso Nacional de Intelectuais, juntamente com João Calvino Filho, editor; formavam a comissão organizadora do Distrito Federal, segundo informação consultada na revista Fundamentos. ed. 34, 1954.

Participou do Congresso Continental de Solidariedade a Cuba, realizado em Niterói (RJ), de 28 a 30/3/1963.

Durante a Ditadura Militar, segundo documentos dos militares em 1977, foi membro do Conselho Consultivo do Instituto Cultural Brasil URSS. Outro documento informava que o Hospital de São Cristóvão, do qual Alcedo Coutinho era diretor, era um local de concentração de militantes do PCB (maio 1964).

Alcedo Coutinho era irmão de Nelson e Alfredo Coutinho, informação que circulava.

Foi militante apoiador da liderança de Luís Carlos Prestes no Partido. Voltou à clandestinidade após o Golpe Militar de 1964. Em 1979, estava presente na recepção organizada por Oscar Niemeyer para Luís Carlos Prestes [APERJ / Pol. Pol. / Alcedo Coutinho / DGIE / Notação 299 / fl. 312 (ano 1979)].

Um documento do Exército de 1978 o coloca como contato do PCB com países socialistas (ver Figura 38).

Na década de 1970, mudou-se para Goiás e depois para Minas Gerais (Uberaba), onde faleceu em 1992.

Recebeu as honras como sócio emérito da Organização dos Cirurgiões do Estado do Rio de Janeiro (Ocerj) em 1988.

Referências:

ARQUIVO PÚBLICO do ESTADO DO RIO DE JANEIRO (APERJ). Fundo Polícia Política. Prontuário Guanabara, n. 3.774, Alcedo Coutinho.

BRAGA, Sergio Soares. *Quem foi quem na Assembleia Nacional Constituinte de 1946: um perfil socioeconômico e regional da Constituinte de 1946*. Brasília: Câmara dos Deputados/Coordenação de Publicações, 1998.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de. Rodolpho Coutinho, o marxista que falava alemão (1901-1955): apontamentos biográficos. Anais do XV Encontro Regional da Associação Nacional de História - ANPUH/ RIO – Memória e Patrimônio – UNIRIO - Rio de Janeiro, 23 a 29 de julho de 2010. pp. 1-11.

Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Centro de Pesquisa e Documentação/ Fundação Getúlio Vargas. CPDOC/ FGV. disponível em:

<https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/alcedo-de-morais-coutinho> Acesso em: fevereiro de 2023.

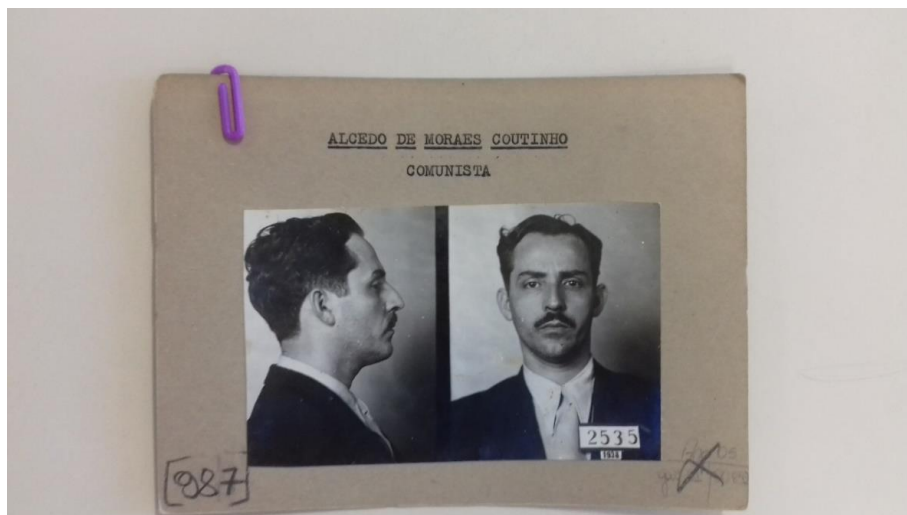


Figura 38: Retrato de Alcedo Coutinho em sua ficha de prontuário (DOPS-RJ) sob guarda do APERJ. Fundo Polícia Política

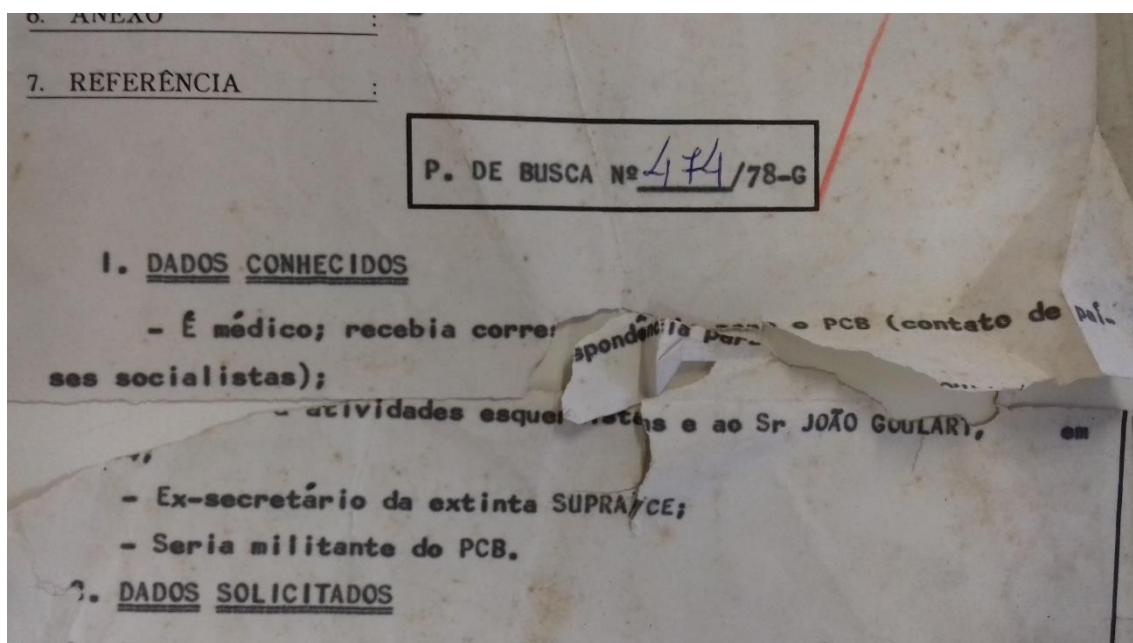


Figura 39: Detalhe de ofício confidencial do Exército durante a Ditadura Civil-Militar informando sobre Alcedo Coutinho receber correspondências para o PCB postadas de países socialistas. Alcedo Coutinho, pasta comunismo, notação 153, fl. 163.
Arnaldo Marques

O médico e professor Arnaldo Marques foi catedrático da Clínica Médica da Faculdade de Medicina do Recife e também presidente da Sociedade Brasileira de Cardiologia.

Fez parte da diretoria do Instituto Cultural de Intercâmbio Brasil-URSS correspondente ao período de 18/6/1958 a 15/6/1960.

Participou da Campanha pelo Petróleo é Nosso e dos Congressos do Povo pela Paz. Foi chefe da delegação de médicos no Congresso Internacional de Viena em 1953, que deu oportunidade de os médicos serem convidados a visitar a URSS.

Participou do Congresso de Solidariedade a Cuba, em 1963.

Referências:

Imprensa Popular, Rio de Janeiro, 17/2/1955, p.4.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (APERJ). Fundo Polícia Política, Prontuário, Rio de Janeiro, Arnaldo Marques.



Figura 40: Recorte de jornal indexado ao prontuário de Arnaldo Marques no arquivo da polícia política do Rio de Janeiro – “Um cientista brasileiro fala sobre a URSS”. *Imprensa Popular*, 5/7/1953, p. 1 e 2.

Carlos Cesar Castellar Pinto (1929-2006)

Estudou na Faculdade Nacional de Medicina (FNM) segundo notícia de jornal (“Desmascarada a nova tentativa comunista no meio estudantil”), que denunciava como uma

célula comunista a organização denominada União Democrática Estudantil, na qual Castellar aparece como membro da diretoria (O JORNAL, 16/10/1951, p. 2). Interessante observar que nesse período estava em seu segundo semestre na faculdade, uma vez que seu nome foi relacionado entre os candidatos aos exames vestibulares da FNM de 1950 (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 12/2/1950, p. 4, 2ª seção). Chegou a ocupar a presidência da União Nacional dos Estudantes (UNE) (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 11/11/1951, p. 7). Foi professor do Departamento de Alergia da Escola de Aperfeiçoamento da Policlínica Geral do Rio de Janeiro (CORREIO DA MANHÃ, 1/11/1959, p. 2, “Curso sobre asma”).

Assumiu como presidente da Associação de Psiquiatria e Psicologia da Infância e Adolescência (APPIA), fundada em 1972, inspirada na associação argentina fundada alguns anos antes. Diferente das instituições psicanalíticas tradicionais ligadas à International Psychoanalytical Association (IPA), a APPIA aceitava profissionais de diversas especialidades, participando de um conflito por hegemonia no campo das organizações psicanalíticas que se acirrou em 1980, quando jornais de grande circulação denunciaram as instituições sob licença da IPA de serem coniventes com tortura ao cobrirem um evento realizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), um seminário sobre psicanálise e política.

Foi membro do Conselho Federal de Entorpecentes como representante suplente do Ministério da Justiça em 1992.

David Hunovitch (1928-2002)

Nasceu em São Paulo, em 1928, no bairro Bom Retiro, mas cresceu em Birigui, município do estado de São Paulo (455 km da capital). Estudou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro entre 1948-1953. Foi médico na cidade paulista de Birigui, São Paulo, e médico-tenente do Exército (CORREIO DA MANHÃ, 28/9/1956, p. 5). Atuou como médico pediatra. Era conhecido por atender famílias carentes e ajudá-las na compra dos medicamentos. Também era proprietário de uma fábrica de móveis, vendida quando passou por dificuldades financeiras. Trabalhou em São Paulo e no posto de saúde em Mongaguá; na década de 1960, foi transferido para São Bernardo do Campo (SP). Militou pelo PCB e foi preso na ditadura militar.

Assinou um exame clínico geral realizado em Frei Tito de Alencar após sessões de torturas enquanto estava preso no Presídio Tiradentes, em São Paulo, com quem dividiu cela e improvisou assistência com soro, segundo seu relato de Tito escrito em cárcere que denunciava a tortura instaurada no país e circulou em diversos países. Ocupou uma cadeira na Câmara

Municipal de Birigui entre os anos 1960-1963. Militou pelo Partido dos Trabalhadores Faleceu em 2002.

Referências:

Câmara Municipal de Birigui. Lei n. 4.447, de 27/10/2004. Adoção do nome do senhor David Hunovich para denominar via pública em Birigui. Disponível em: <https://sapl.birigui.sp.leg.br> Acesso em novembro de 2022.

Iron Sant'Anna (1916-2013)

Iron Sant'Anna nasceu no Rio de Janeiro e foi morador do bairro da Tijuca. Oriundo de uma família pobre, formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1938. Especializou-se no campo da malariologia. Logo depois assumiu como diretor do laboratório de entomologia instalado em Aracati, sertão do Ceará, no programa da Fundação Rockefeller em parceria com o governo brasileiro, no qual coordenou uma campanha contra a malária durante o fim da década de 1930 e início da 1940. Com suas economias, adquiriu um laboratório de análises clínicas em Nova Iguaçu e atendia em consultório privado em Niterói (ambas as cidades no RJ). Aprovado em concurso para Serviço Federal de Combate à Malária da Baixada Fluminense, optou por lotar em Magé (município com muitas fábricas) com intenção de estar próximo dos operários.

Também foi médico clínico do Ministério da Agricultura e médico do saneamento do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (IAPI) (APERJ. Polícia Política. Seção Preventivo. “Vida Progressa”). Na década de 1960, foi funcionário do Departamento de Endemias Rurais (DNERu) em Santa Cruz, no município de Duque de Caxias.

Foi acompanhado de perto por investigadores do serviço secreto do DOPS, que registraram suas ações de militância por Petrópolis e Nova Friburgo ao longo da década de 1950.

Tomou parte de todas as campanhas comunistas como o movimento pelos expedicionários, na campanha em Defesa pelo Petróleo, Apelo de Viena, contra a bomba atômica. Participou de diversos comícios no Rio de Janeiro, Magé e adjacências.

Constam em relatório policial informações sobre sua vida progressa, com o registro de que foi acusado de falsificar assinaturas de empregados em folhas de pagamento no Serviço Nacional de Malária no posto de Magé por um inquérito federal de segurança pública de 1945.

Foi candidato a deputado federal na chapa da Frente de Libertação Nacional – os candidatos de Prestes, nas eleições de 1950. Em 1951, foi demitido do cargo de médico sanitaria classe “K” por decreto presidencial.

Esteve ligado ao PCB pelo menos desde os anos 1930. Em 1935, fez parte do Núcleo de Estudantes de Medicina da Aliança Nacional Libertadora (TRIBUNA DA IMPRENSA, 25/7/1954). Fez parte do Movimento Democrático dos Médicos, organização comunista que defendia a anistia dos presos políticos, entre outras pautas, em 1945, assim como do movimento por assinaturas do jornal *Imprensa Popular* (presidente da Comissão de Finanças Pró-Imprensa Popular) e do movimento pela paz. Organizou um comício de Luís Carlos Prestes em Magé em 1948.

Em março de 1952, solicitou verificação de antecedentes para viagem ao Uruguai para participar do Congresso Continental pela Paz (Prontuário GB).

Candidato a deputado estadual em 1947 pelo PCB, não se elegeu. Foi eleito vereador de Magé pelo Partido Trabalhista Brasileiro, cassado em 1948, por ter “professado da fé do comunismo ao tomar posse da vereança na câmara do Município de Magé”, e preso por “desacato, resistência e agressão”. Chegou a se candidatar à Prefeitura de Magé na campanha eleitoral de 1954, porém sua candidatura foi impugnada pelo Tribunal Regional Eleitoral (TRE) (Prontuário GB 43189).

Segundo relato policial, era “o chefe supremo do comunismo no município de Magé”.

Foi preso em 1948 por desacato; em 1949, em Nova Friburgo, por tentar transmitir uma “conferência pela paz” numa rádio local; em 1950 (solto no mesmo dia); em 1953 (por propaganda comunista, solto em dia posterior); e em 1964, enquanto era professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, “para averiguações”, entre 20/9/1964 e 1/10/1964. Consta em relatório da época da ditadura militar que esteve preso em Bangu em 1977, quando os militares se preocupavam com rumores de que estaria prestando assistência médicas aos presos como maneira de atuações ideológicas (APERJ. Polícia Política. Comunismo, 150, fl. 277). Em maio de 1977, foi condenado a seis meses de reclusão pelo Conselho de Justiça Militar da Aeronáutica pela tentativa de reorganização do PCB. Nesse mesmo inquérito policial militar (IPM) foram absolvidos Milton José Lobato, Lintz Caire e Manoel Isnard Teixeira (APERJ. Polícia Política. Prontuário GB).

Contribuiu com mensalidades à Sociedade Sino-Brasileira, pelo menos em 1963, de acordo com relação nominal apreendida pela polícia (APERJ. Polícia Política. Pasta Comunismo 72 fl. 30), e com o Instituto Cultural Brasil-URSS. Recebia publicações comunistas

referidas pela polícia (1964), como o livreto *Programa del Partido Comunista da Union Sovietica*, a *Revista Pekim Informa*, *Atualidades Médicas e Biológicas* e *Revista Quinzenal de Informações – URSS*.

Também foi indiciado no inquérito policial militar do Departamento de Endemias Rurais, assim como no IPM de Magé e no IPM de Rio Bonito, tendo sua prisão preventiva sido solicitada à Justiça de Magé em 1964. Em 1977, solicitou à Justiça sua reintegração ao serviço público ao cargo de médico sanitarista no DNERu, demitido por acusação ao IPM DNERu.

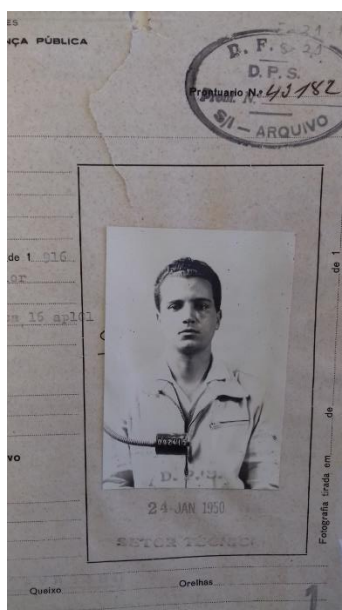


Figura 41: Retrato de Irun Sant'Anna em Prontuário GB n. 43 182. APERJ. Fundo Polícia Política.

No histórico da sua ficha prontuário, está descrito como vendedor de jornais comunistas, muitas vezes encontrando-se nas portas das fábricas. Consta em informações datadas de 1947 que Sant'Anna era cliente da Editorial Vitória.

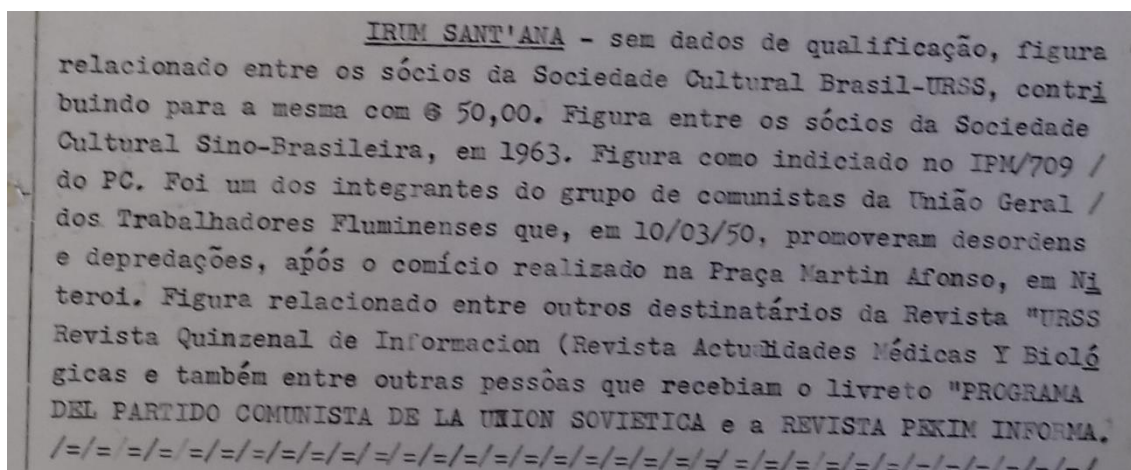


Figura 42: Detalhe de documento confidencial do DOPS (Divisão de Informações) que resumia dados relativos a Irun Sant'Anna datado de 11/3/1975 e anexado ao seu Prontuário GB nº 43.182 no Arquivo da Polícia Política sob a guarda do APERJ.

Referência complementar:

BETO, Frei. *Batismo de Sangue: Guerrilha e morte de Carlos Mariguella*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2006.

http://www.dhnet.org.br/verdade/resistencia/betto_batismo_de_sangue.pdf

Acesso em fevereiro 2023.

João Belline Burza (1918-1988)

João Belline Burza (1918-1988) nasceu em Ouro Fino, Minas Gerais. Formou-se em medicina em 1945, na Faculdade de Medicina de São Paulo. Durante esses anos de estudante, foi orador do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, participando da sua publicação *O Bisturi*. Enquanto presidente desse centro acadêmico, fundou os seguintes departamentos: de Ensino Médico, de Psicologia Médica e de Medicina Social. Trabalhou na Santa Casa de São Paulo.

Atuou como médico no Hospital do Juquery e no Hospital de Higiene Mental Infantil do Serviço de Saúde Escolar, ligado à Secretaria de Educação de São Paulo. Foi psiquiatra na Penitenciária de São Paulo e na clínica neurológica do Hospital das Clínicas, ligado à Faculdade de Medicina de São Paulo.

Foi fundador da Sociedade Pavlov de Medicina e Fisiologia em São Paulo. Entre 1956 e 1958 estagiou no Instituto Pavlov, quando visitou mais de 25 institutos de psiquiatria na URSS e também realizou viagens à República Democrática da China com fins de estudos.

Ao retornar ao Brasil, trabalhou no Departamento de Fisiologia da Faculdade de Medicina de São Paulo, onde pôde idealizar o projeto do Instituto Cérebro. Foi chefe do Serviço Médico da Casa de Custódia e Tratamento de Taubaté (SP).



Figura 43



Figura 44

Figuras 43 e 44: Acima, João Beline Burza. Abaixo, reprodução de fotografia no Aeroporto de Congonhas. Visita de Anokhin ao Brasil, 1959. Da esq. para a dir.: Núncio Carelli; dr. Ideval Alcântara de Carvalho; Oscar de Arruda Moraes; dr. J. B. Burza. Sentado, P. K. Anokhin, ladeado pela família Carelli. A fotografia foi publicada em: BURZA, João Beline. *Cérebro, neurônio e sinapse: Teoria do Sistema Funcional*. São Paulo: Ed. Ícone, 1986.

Voltando novamente à URSS, permaneceu por 11 anos, quando trabalhou no Instituto de Psiquiatria das Ciências Médicas da Rússia e na cátedra de Fisiologia da primeira Faculdade

de Medicina de Moscou. Foi assistente do cientista Anokhin. Realizou viagens de estudo ao Egito, Índia, Suécia, Argélia, Itália, França, Inglaterra, Tchecoslováquia, Hungria, Bulgária, Alemanha, alguns países da África, Ásia e da América Latina.

Foi membro do Instituto P. K. Anokhin de Fisiologia Experimental da Academia de Ciências Médicas da Rússia. Clinicou em São Paulo e desde 1978, em Ouro Fino.

Foi preso em 1950, sendo libertado semanas depois por concessão de *habeas corpus*. Participou de diversos atos do Movimento pela Paz e de reuniões sindicais em São Paulo.

Em 1959, o jornal *Diário da Noite*, de São Paulo, noticiava sua conferência “Aspectos do ensino médico e da medicina na União Soviética” no salão da Escola Paulista de Medicina (DIÁRIO DA NOITE, São Paulo, 6/10/1959, p. 4).

Sua ficha prontuário no DOPS de São Paulo indica um resumo dos dados recolhidos. Segundo informação reservada dos arquivos da polícia política, “o marginado, autor de ‘Impressões de uma viagem à Rússia’ tem na pessoa do médico comunista Ari Doria um grande propagador em conferências que realiza sobre a mesma” (DOPS/SP-APESP). Entretanto, não tivemos outra evidência dessa narrativa de viagem.

A polícia apreendeu diversas correspondências em sua residência em São Paulo a partir do Golpe Militar de 1964, algumas delas em russo. Em uma delas, destinada a um “Sr. Morov” em Leningrado, Burza manifestou sua intenção de criar uma Sociedade de Amigos do Brasil na Rússia.

Foi secretário-geral na União Cultural Brasil-União Soviética. Foi preso em 7/4/1964 para averiguações e libertado em 26/5/1964. Teve prisão preventiva decretada em outubro de 1964; foi indiciado no inquérito de Luís Carlos Prestes.

Sua segunda viagem à URSS foi em exílio. Em junho de 1966, foi condenado à prisão por sete anos à revelia, fazendo parte da lista de foragidos condenados. Em 1969, publicou-se em *Diário Oficial* sua demissão da Secretaria de Educação de São Paulo, justificada como abandono do cargo. Em 1974, a pena recebeu o decréscimo para 18 meses.

Escreveu diversos artigos na imprensa comunista, na *Imprensa Popular*, na revista médica *Atualidades Médicas e Biológicas*. Participou do conselho editorial da revista *Fundamentos*.

Publicou, em coautoria com o professor F. P. Mairov, *A ciência dos sonhos* (Editora Fulgor, 1962). E *Cérebro, neurônio e sinapses: Teoria do Sistema Funcional*. São Paulo, Ed. Ícone, 1986.

Há evidência de em 1978 estar residindo em Ouro Fino (Minas Gerais), segundo uma das cartas em que se correspondia com seu amigo Carlos da Silva Lacaz, médico, professor catedrático de microbiologia e fundador do Museu de Medicina da Faculdade de Medicina da USP.

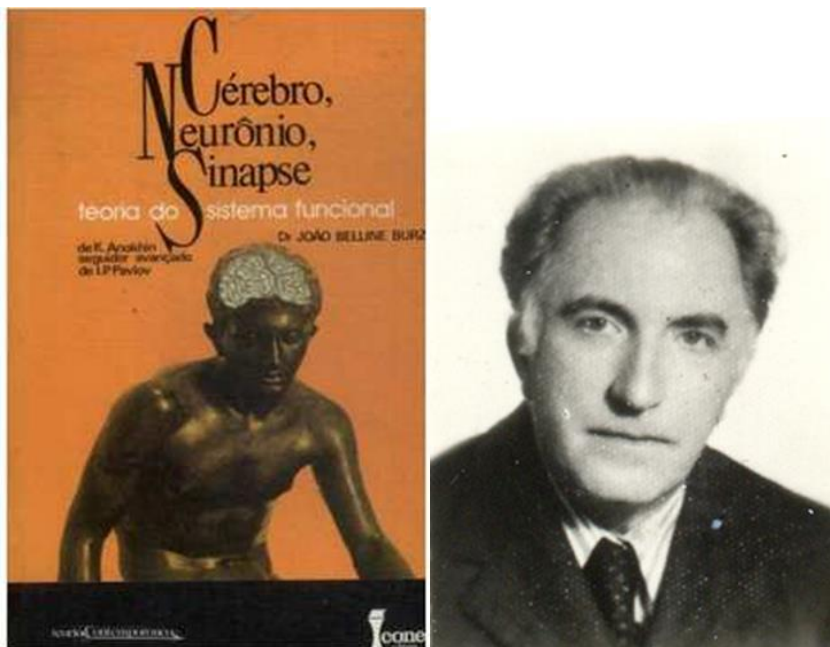


Figura 45: Capa do livro de Burza, *Cérebro, neurônio e sinapse: Teoria do Sistema Funcional*. São Paulo: Ed. Ícone, 1986. E retrato do autor.

Referências:

DIÁRIO DA NOITE (SP), 6/10/1959, p. 4 – “Conferência”. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

JOÃO BELLINE BURZA. Ficha Prontuário. DEOPS/SP. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

PREFEITURA DE OURO FINO. Cópia de ata que apresenta o homenageado João Beline Burza que recebeu o prêmio Laurel “o batedor” dedicado aos cidadãos desse município que se destacaram em áreas socioeconômica e cultural. Fundo João Beline Burza. Museu Histórico da Faculdade de Medicina.



Figura 46: Envelope de correspondência entre João Belline Burza e Carlos Lacaz: “Meu velho e caro amigo, meu ilustre colega Lacaz”, Moscou, 5/10/1968. Museu Histórico FMUSP/João Belline Burza.

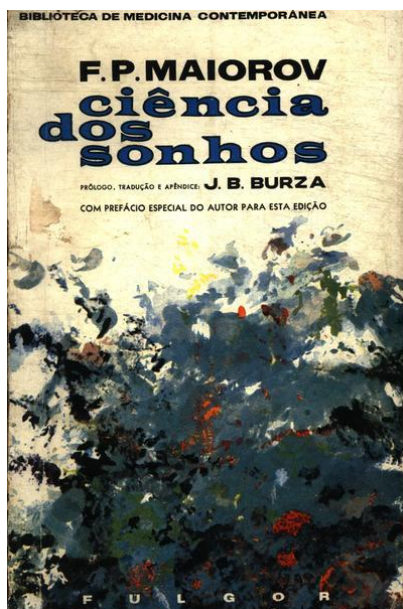


Figura 47: Capa de livro traduzido e prefaciado por Burza, *Ciência dos sonhos*, editora Fulgor, 1962.

Maurício de Medeiros (1885-1964)

Maurício Campos de Medeiros (1885-1964) nasceu no Rio de Janeiro. Filho do 4º casamento de Joaquim José de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque (conselheiro de Estado na época do Império) e D. Maria Carolina Ribeiro de Medeiros (que havia sido casada com o caricaturista Henrique Fleuiss). Irmão mais novo de Medeiros e Albuquerque, intelectual das letras e da imprensa do período da Primeira República.

Foi aluno na Faculdade de Farmácia (formando-se em 1903) e ingressou também na antiga Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (conclusão em 1907).

Em 1904 tornou-se interno extranumerário do Hospício Nacional de Alienados, sob direção de Juliano Moreira. Em 1906, foi nomeado interno efetivo, tendo alcançado o 1º lugar no concurso. Trabalhou no Pavilhão de Doenças Intercorrentes, dirigido por Miguel Pereira, e na seção Esquirol, sob direção de Lucio Oliveira. Em 1906, foi designado como o representante brasileiro no I Congresso Internacional de Estudantes, em Milão.

Uma vez diplomado em medicina, tornou-se coordenador técnico do Laboratório de Medicina Experimental, e sob sua orientação esse laboratório foi instalado ao lado da Clínica de Doenças Mentais e Nervosas da Faculdade de Medicina.

Em 1907 trabalhou no Laboratório de Fisiologia do Dr. François Frank, no Colégio da França, e no Laboratório de Doenças Mentais do prof. Magnan (com direção de George Dumas), no Hospício de Santanne. Trabalhou no laboratório do prof. Delsanne no Instituto Pasteur. Frequentou o Instituto de Fisiologia em Viena (prof. Max Exener e orientação de Karl Schwartz). Durante a viagem à França escreveu sua tese de doutoramento, *Métodos em Psicologia*. Regressou ao Brasil e a defendeu, sendo aprovado com distinção. Além da França, esteve na Áustria e na Alemanha complementando seus estudos.

Em 1910, inscreveu-se para um concurso para professor substituto de fisiologia e terapêutica, mas esse concurso não se realizou. A Reforma do Ensino de 1911 dispensou provas e concursos; para o cargo, foi nomeado Álvaro Osório de Amaral em 1911 e Medeiros foi nomeado assistente da cadeira de patologia geral (Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro).

Passou em 1º lugar em concurso com 102 concorrentes para ser inspetor médico em escolas municipais, em 1916. Em março de 1917, solicitou exoneração desse cargo para assumir o cargo de professor catedrático na Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária. Além disso, passou no concurso de professor substituto na seção de Patologia Geral na Faculdade de Medicina, com unanimidade de aprovação.

Em 1918, também havia cumprido atividades científicas no âmbito de intercâmbio com a França. Maurício de Medeiros foi nomeado chefe do setor de neuropsiquiatria da Missão Médico Militar do Brasil enviada à França, em seu apoio durante a Grande Guerra. Como subchefe da Missão, participou com o coronel Nabuco de Gouveia da instalação de um hospital brasileiro em Paris. A Missão lhe rendeu o título de tenente-coronel, tornando-se reserva do Corpo de Saúde do Exército Brasileiro.

Em 1929, foi transferido para o setor de medicina geral e promovido (termo da fonte) a catedrático da cadeira de patologia geral. Lecionou nessa cadeira até que ela foi suprimida pela Reforma de 1931. Em 1934, ocupou a cadeira de clínica de propedêutica médica, que ficou vaga após Rocha Vaz ter migrado para a cadeira de clínica médica. Ali se manteve até abril de 1936, quando foi “violentamente demitido pelo Governo sob alegação de atividades subversivas da ordem política e social” (Arquivo ABL; Coleção Maurício de Medeiros; Biobibliografia). Moveu ação contra o governo, tendo ganhado em última instância em dezembro de 1943, mas só foi reintegrado em abril de 1945, com a proximidade do fim da Ditadura (Arquivo ABL; Coleção Maurício de Medeiros; Biobibliografia).

Em seu retorno, em 1946, solicitou ser aproveitado para a cadeira de clínica psiquiátrica, vaga com a aposentadoria de Henrique Roxo. Sua solicitação foi aprovada com mais de 2/3 dos votos da congregação, sendo nomeado em abril de 1946. Nesse ano, em setembro, assumiu o cargo de diretor do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil. Como diretor, organizou diversos cursos de extensão e promoveu a visita de especialistas internacionais ao Brasil, os quais lecionaram em cursos de especialização (Ugo Cerletti, Jean Delay e Georges Heuyer). Acumulou essas funções por nove anos, até ser aposentado por “limite de idade”. Recebeu o título de “professor emérito” da Universidade do Brasil, concedido pelo seu Conselho Universitário.

Em 1928, no seio das práticas de intercâmbio cultural entre Brasil e França, foi designado a realizar um curso de patologia geral tropical na Faculdade de Medicina de Paris. Também realizou conferência no Hospital Cochin de Paris.

Cargos administrativos ou políticos exercidos por Maurício Medeiros:

1916 – Nomeado inspetor-geral da Saúde do estado do Rio de Janeiro no governo de Nilo Peçanha.

1917-1920 – Eleito deputado estadual da Assembleia do Rio de Janeiro e reeleito em 1920.

1921 – Eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro; renunciou em janeiro de 1922, para viajar à Europa com o fim de se preparar para a investidura no concurso para cargo de professor substituto em patologia geral da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

1922 – Em dezembro, foi convidado a ser secretário-geral do estado do Rio de Janeiro.

1923 – Em 10 de janeiro, o cargo foi suprimido devido à intervenção federal no estado.

1926 – Reorganizou o Partido Republicano do estado do Rio de Janeiro, juntamente com amigos do falecido Nilo Peçanha (morreu em 1924). Medeiros foi eleito secretário-geral desse partido.

1927 – Retornou ao cargo de deputado federal eleito, compôs a Comissão de Revisão dos Quadros do Funcionalismo Público Civil como relator-geral e apresentou um quadro de classificação que foi mais tarde aproveitado pelo Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP).

1930 – Reeleito no pleito de deputado federal, assumindo parte na Comissão da Instrução. Com a Revolução de 1930, cessou seu mandato. Saiu da vida pública até o ano de 1954, quando se candidatou a deputado federal pelo PSP.

1955 – Em novembro, foi convidado ao cargo de ministro da Saúde pelo presidente Nereu Ramos, que seguiu a indicação do líder do partido (PSP), Adhemar de Barros.

1956 – Foi mantido na pasta ministerial da Saúde no governo de JK (jan. 1956) até julho de 1958, quando foi substituído por Mário Pinotti.

1958 – Em março, passou a integrar uma comissão presidida pelo ministro da Viação, Lúcio Meira, encarregada de coordenar o auxílio à região Nordeste, que sofria os efeitos de uma seca de grandes proporções.

Atividades intelectuais:

1955 – Em abril, foi aceito como membro efetivo da Academia Brasileira de Letras na cadeira n. 38, antes ocupada por Celso Vieira. Em agosto, foi empossado em cerimônia, tendo sido recebido pelo acadêmico Clementino Fraga.

Sua bibliografia é extensa: científicas – “Métodos da Psicologia”, “Fisiologia da secreção intestinal”, “Partenogênese da patologia”, “Coloidoclasia”, “Soro sanguíneo em patologia”, “Psicoterápica”, “Supranormais”, “Aspectos da Psicologia infantil”, “O casamento”.

De caráter geral: conferências e discursos, publicou “Peço a palavra”, “Ciência impura”, “Rússia”, de que foram tiradas sete edições em menos de três meses, “Ideias, homens e fatos”, “Temas falados”, “Joaquim Nabuco”, “No mundo do ensino”, “Inconsciente diabólico”.

Também contribuiu em jornais e traduções do italiano e do inglês de várias obras de divulgação científica.

Sociedades e condecorações:

- Membro estrangeiro da Societè de Psychologie de Paris.
- Membro da Associação Médica Argentina (seção de Psiquiatria).
- Membro efetivo da Academia Brasileira de Ciências.
- Membro da Sociedade Brasileira de Biologia.
- Honorário da Sociedade Brasileira de Hipnologia
- Academia Militar Brasileira.
- Associação Paulista de Medicina.
- Academia Nacional de Medicina.
- Membro efetivo na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.
- *Honoris causa* de curso na Escola Superior de Guerra.
- Medalha Internacional da Vitória (pela Guerra de 1914-1918).
- Medalha Brasileira da Vitória.
- Medalha Militar da Campanha contra os Impérios Centrais (Guerra de 1914-1918).
- Ordem Nacional do Mérito Médico, no Gran Cruz.
- Ordem Militar de Cristo (Portugal), grau comendador.
- Legião de Honra na França, grau comendador.
- Medalha Vermiel, concedida pela França, pelo combate à gripe espanhola naquele país (1918).

Publicações: Romances, ensaios políticos, manuais de medicina, traduções: Livros publicados de Maurício de Medeiros

- *Notas de um anti-alcoolista*, 1906.
- *Métodos em Psicologia*, 1907.
- *Fisiologia da secreção intestinal*, 1913.
- *Partenogênese em patologia*, 1913.
- *A Reforma Constitucional Fluminense*, 1922.

- *Coloidoclasia*, 1923.
- *Peço a palavra*, 1924.
- *O soro sanguíneo em patologia*, 1925.
- *Ciência impura*, 1928.
- *Psicoterapia e suas modalidades*, 1929.
- *Supranormais*, 1930.
- *Rússia*, 1931 (seis edições – 23 milheiros – ESGOTADO).
- *Outras revoluções virão*, 1932.
- *Psicoterapia*, 1933.
- *Concepções e métodos anticoncepcionais* (tradução), 1934.
- *Ideias, homens e fatos*, 1934.
- *Pensamentos de Medeiros e Albuquerque*, 1935.
- *Tratado italiano de medicina*, 1936.
- *Caçadores de micróbios*, de Paulo Kuiff (tradução), 1939.
- *Folhas de fichário de um clínico*, de J. Harpoloe (tradução), 1940.
- *Drama da vida*, da Coleção de Ciência da Vida, dirigida por Wells e Huxley (tradução), 1941.
- *Folhas secas* (comentários e reflexões), 1941.
- *Aspectos da psicologia infantil*, 1941.
- *Domine seu sistema nervoso*, D. H. Fink (tradução), 1944.
- *Tempestades num cérebro*, Carlton Brow (tradução), 1944.
- *Temas falados*, 1945.
- *Memórias de uma cobaia* (tradução), 1944.
- *Joaquim Nabuco*, 1949.
- *No mundo do ensino*, 1954.
- *O casamento*, 1956.
- *Consciente diabólico*, 1959.

Medeiros morreu em 23 de junho de 1966, atropelado na movimentada Avenida Rio Branco, na altura do Clube Militar, por um carro de Luiz Viana, chefe do Gabinete da Casa Civil da Presidência da República. Viana estava no banco do carona quando seu motorista (particular ou de praça, não sabemos) dobrou a esquina em direção à Cinelândia e ocorreu o acidente. Orientou o motorista para levar a vítima ao hospital Souza Aguiar e somente veio a saber de que se tratava de Maurício de Medeiros posteriormente, quando se encontrava no

Palácio das Laranjeiras (CORREIO DA MANHÃ, 26/6/1966, “Auto de Luiz Viana matou acadêmico”, p. 10).

Entre tantas publicações, Maurício de Medeiros publicou seu relato de viagem *Rússia* pela carioca Editora Calvino Filho, em 1931 (fundada em 1932 e com esse nome até 1937, tendo retornado como Editorial Calvino de 1943 até 1948, com o anticomunismo do governo Dutra).

Referência:

Arquivo Academia Brasileira de Letras. Coleção Maurício de Medeiros; Biobibliografia.

Milton José Lobato (1921-2004)

Milton José Lobato nasceu em São Bento, município do Maranhão. Chegou jovem ao Rio de Janeiro e ingressou no serviço público, aprovado em concurso para auxiliar de 3ª classe para diretoria do departamento dos Correios e Telégrafos (CORREIO DA MANHÃ, 2/7/1936). Entre os anos de 1932 e 1937 cursou a Faculdade de Medicina, no Rio de Janeiro. Em 1937, assumiu a diretoria da Sociedade de Internos do Hospital de São Sebastião como vice-presidente (BRAZIL MÉDICO, 2/10/1937, p. 1.016).

Sua vida estudantil foi marcada pela participação em diferentes comissões de organizações, protestos tais como o “Pró-Liberdade de Dionélio Machado”, médico e escritor, membro da ANL, preso no Rio Grande do Sul (A MANHÃ, 16/10/1935, p. 1). Propôs ao Sindicato Médico Brasileiro a criação de uma Ala Reivindicadora dos Estudantes de Medicina, unanimemente aprovada (A MANHÃ, 11/9/1935).

Participou da diretoria da Sociedade Acadêmica de Medicina e Cirurgia, em 1937, e se relacionava com diversas organizações: Conselho Nacional dos Estudantes, no qual pleiteou por matrículas gratuitas na Faculdade de Medicina a estudantes que necessitassem (JB, 19/8/1937); participou da recém-criada Coligação da Mocidade Pró-Educação Sexual (JB, 16/11/1937); esteve entre os membros fundadores da Associação Brasileira de Estudantes (BEIRA-MAR, 23/10/1937). Também participou da Sociedade Brasileira de Tuberculose, sendo um dos organizadores da *Revista Brasileira de Tuberculose e Doenças Torácicas* (CORREIO DA MANHÃ, 30/12/1954).

Foi membro da Associação de Ex-Combatentes e da Liga de Defesa Nacional. Como médico no Exército, organizou cursos de aperfeiçoamento para colegas médicos e conferências

sobre saúde para diversos corpos do Exército no Rio de Janeiro. Assumiu o cargo de secretário na Comissão Central de Solidariedade, uma organização do PCB voltada para prestar assistência a presos políticos e seus familiares (APERJ; Polícia Política; Prontuário Milton Lobato). Em 1945, colaborou com a organização do Movimento Democrático dos Médicos junto com Irun Sant'Anna (CORREIO DA MANHÃ, 15/4/1945, p. 1). Em 1949, foi demitido do Instituto dos Bancários, onde era médico fisiologista, sob acusação de comunismo (O COMBATE, 15/10/1949), o que gerou protestos na Câmara de um conterrâneo do Maranhão, o deputado federal Lino Machado (A MANHÃ, 6/10/1949). Foi transferido a um pequeno laboratório em Belo Horizonte, para prejuízo dos trabalhadores que mantinham tratamento com Lobato, protestou o deputado maranhense (A MANHÃ, 6/10/1949). Na câmara, ele próprio também protestou contra a transferência (A MANHÃ, 29/3/1949, p. 8). No ano seguinte, na eleição de 1950, Milton Lobato foi eleito vereador no Rio de Janeiro pela legenda do Partido Republicano Trabalhista (PRT), com 4.386 votos (A MANHÃ, 16/1/1951), cargo a que logo renunciou em abril de 1951 (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Curitiba, PR, 3/4/1951, p. 2). Como vereador, participou da solenidade da Quinzena pela Paz como membro da comissão que entregou assinaturas juntamente com a Carta da Paz, finalizando o ato que abrangia uma série de comícios realizados em diversas regiões da cidade (IMPRESA POPULAR, 16/1/1951), além de diversas manifestações públicas contra a guerra. Publicou uma carta de pesar pela morte de Stálin no jornal *Imprensa Popular*: “Médicos e camponeses manifestam pesar pela morte de Stálin” (CORREIO DA MANHÃ, 17/3/1953).

Foi primeiro-secretário da Associação de Amigos do Povo Espanhol em 1950.

Passou em concurso de livre docência em fisiologia na Faculdade Nacional de Medicina, com sua tese intitulada *Tuberculose em hospitais gerais* (1952). Por longos anos (1950-1973), foi fisiologista da Cooperativa de Rodoviários, ligado ao Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER). Foi assessor médico da Diretoria do Sindicato dos Rodoviários, em 1950. Foi fisiologista como servidor do Estado entre 1938 e 1973, e passou por diversos hospitais dedicados ao tratamento da tuberculose. Foi fundador e sócio majoritário do Sanatório Santa Teresinha, em Nova Friburgo, desde 1944. Diretor do Hospital Miguel Pereira, em 1944. Além de secretário-geral por seis anos da Associação Médica do Estado do Rio de Janeiro. Trabalhou em seu consultório entre 1938 e 1984.

Um relatório secreto no arquivo da polícia política o associa ao Movimento Nacional Brasileiro que organizava as Ligas Camponesas e tinha práticas de guerrilha como recurso de ação (APERJ. Polícia Política. Comunismo, 52, dossiê 8, fl. 13). No início da década de 1960,

foi um dos fundadores da Associação de Medicina do Estado da Guanabara (AMEG). Como secretário da associação, escreveu diversos artigos publicados na imprensa, muitos deles nas seções de cartas dos leitores. A AMEG organizava cursos e conferências, tais como o curso “Uma nova técnica de tratamento das doenças nervosas: o eletro-sono e a psicoterapia reflexológica – curso para médicos e psicólogos” (IMPRESA POPULAR, 5/10/1966, p. 1). Escreveu diversos artigos para a imprensa comunista, mas também para a imprensa comum ao longo dos anos – prática que manteve inclusive na década de 1980, quando costumava escrever cartas na seção dos leitores do *Jornal do Brasil*.

Em 1978, foi absolvido da acusação de atividades subversivas e de ser comunista pelo Supremo Tribunal Militar, pela 1ª auditoria da Circunscrição Judiciária Militar da Aeronáutica (correspondente ao estado do Rio de Janeiro) (APESP, fichários digitalizados).

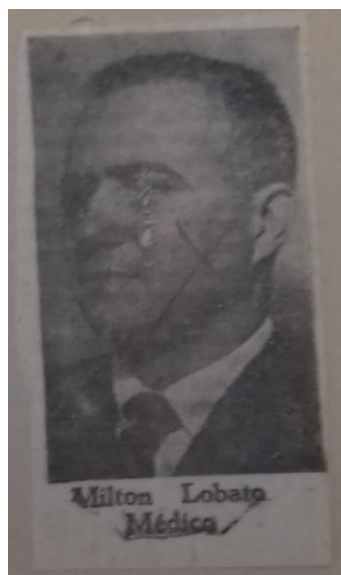


Figura 48: Retrato de Milton Lobato em recorte de jornal sobre sua candidatura na eleição de 1950 indexado a seu prontuário. APERJ. Fundo Polícia Política.

Referência complementar:

LOBATO, Milton. *Curriculum Vitae* profissional do autor. *Cigarro: invalidez ou morte*. s.l., s.n., 1992.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Fundo Polícia Política.
Prontuário, Milton José Lobato.

Osorio Cesar (1895-1979)

Osorio Thaumaturgo Cesar (1895-1979), natural da Paraíba, João Pessoa. Atuou como psiquiatra no Hospital Juquery em Franco da Rocha (região metropolitana de São Paulo) desde que ainda era estudante na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e seguiu sua carreira nessa instituição, onde trabalhou por quarenta anos até a aposentadoria, em 1965.

Formou-se médico em 1925, com 30 anos de idade, quando já possuía um diploma em odontologia, mas não chegara a atuar como dentista. Erudito, acostumado com a cultura musical desde a infância e tendo sido professor de violino antes de se graduar, promovia saraus com artistas da música e das artes plásticas em sua casa. Foi também crítico de arte; conseguiu aliar os dois saberes constituindo-se em um dos pioneiros na inclusão da arte como terapia no Brasil, valorizando a produção dos internos. Uma de suas obras mais conhecidas foi *Expressão artística dos alienados: estudos dos símbolos da Arte*, publicada em 1929. Trocava correspondências com Gustav Jung e Sigmund Freud.

Em 1935, retornou à Rússia para participar do XV Congresso Internacional de Fisiologia em Leningrado, sob a presidência de I. P. Pavlov. Foi preso ao retornar, mas inocentado após julgamento.

Foi um dos membros fundadores da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, em 1927, e também da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, em 1928.

Além da URSS, fez uma incursão às instituições de psiquiatria e assistência da França, da Alemanha e da Itália na década de 1930.

Após o retorno da Rússia, Cesar se envolveu com a revolução paulista de 1932, o que o levou à prisão por alguns meses.

Suas obras de caráter político simpáticas à doutrina comunista, além do livro de viagem, foram: *Onde o proletariado dirige* (1933) e *O que é o Estado Proletário* (1933). Na década de 1940, traduziu obras de médicos russos para publicação no mercado editorial brasileiro.

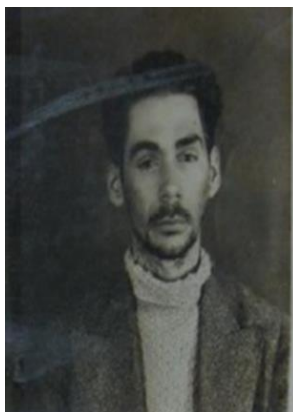


Figura 49: Retrato de Osorio Cesar anexado a seu prontuário/DOPS-SP.

Raul Ribeiro da Silva (1898-1989)

Nascido em Oliveira, Minas Gerais, formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1923. Atuou na clínica privada na cidade de Araçatuba (SP) e depois mudou-se para Barretos (SP). Foi diretor clínico da Santa Casa de Misericórdia de Barretos. Lançou o livro *Um médico brasileiro na Rússia* (São Paulo: Civilização Brasileira, 1956).

Em 1936 mudou-se para São Paulo, capital, onde passou a atuar como proctologista em consultório particular dois anos depois e na Santa Casa de Misericórdia. Seus estudos na especialidade da proctologia se deram inicialmente no Rio de Janeiro e depois em outros lugares, como Londres, Paris e na universidade norte-americana de Columbia.

Em 1947, aceitou um convite para chefiar o ambulatório de proctologia do Hospital das Clínicas, marcando o início de sua relação com a universidade, da qual solicitou ser dispensado em 1956.

Em 1959 recebeu o prêmio Luiz Sodré, concedido pela Policlínica Geral do Rio de Janeiro, em razão de seu trabalho publicado com o título de: *Neuralgias e neuroses ano-retais*, além de outros artigos científicos, entre os quais destacamos “Psicossomatismo em doenças proctológicas”. Participou de diversas sociedades médicas em São Paulo: membro emérito da Sociedade Brasileira de Cólon-Proctologia; um dos fundadores da Sociedade de Nutrição e Gastroenterologia de São Paulo; membro da Sociedade de Proctologia da Argentina e da Royal College of Medicine de Londres.

Seu prontuário localizado no arquivo da polícia política do Rio de Janeiro é sucinto, contendo as informações de uma nota publicada na *Imprensa Popular* em 5/8/1953, transcrita do jornal vespertino paulistano *A Gazeta* de 4/8/1953 com declarações do médico sobre suas “Impressões da medicina soviética”, após participação no Congresso Médico de Viena, também registrado em sua ficha. Segundo documentação anexa a seu prontuário, “fez parte da delegação brasileira em congresso mundial de médicos, de inspiração vermelha”.

Em 20/8/1965, solicitou “verificação de antecedentes para fins de viagem” para os Estados Unidos. E em 17/6/1966 realizou o mesmo procedimento para o destino de Uruguai e Argentina. Na “planilha de registro” preenchida por ele para visto aos Estados Unidos, anexada ao prontuário, constava como endereço declarado a Praia do Flamengo, 350, Rio de Janeiro. Em espaço para observação no verso do formulário, ele declarou que tal viagem teria fim turístico, especificamente para visitar a Feira Mundial em companhia da esposa, e aproveitaria

para rever serviços médicos onde havia estado anos antes (Medical Center) sob orientação da Rockefeller Foundation.

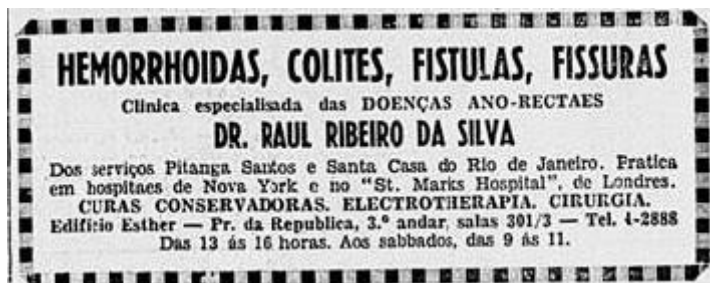


Figura 50: Anúncio do consultório particular de Raul Ribeiro da Silva. *Correio Paulistano*, São Paulo, 12/5/1938, p. 11.

Reinaldo Machado

Natural do Paraná, médico, clínico geral e cirurgião, residente em Marília, interior de São Paulo, desde 1939. Candidato à câmara federal na eleição de 1950 pelo Partido Social Trabalhista da Frente Democrática de Libertação Nacional. Como vereador de Marília, em março de 1953, passou a fazer parte da Comissão Técnica contra o Acordo Militar com os Estados Unidos. Abriu, com outros militantes como Jorge Amado, Elisa Branco, Roberto Morena etc., o Ato da Convenção Estadual contra o Acordo Militar, com duas mil pessoas, no Cine Odeon, em São Paulo (IMPRESA POPULAR, 13/3/1953).

Seu nome consta num relatório da Delegacia de Ordem Política e Social de Curitiba, datado de 21/12/1951, que indicava a preocupação da polícia local com movimentação da retomada da propaganda comunista na região. O nome do médico está, nesse caso, atrelado ao de Aura V. Lima, membro da Federação de Mulheres do Paraná e identificada como “cunhada do famigerado médico Reynaldo Machado, agitador comunista grandemente conhecido por aqui e particularmente no estado de São Paulo, onde reside” (APERJ. Polícia Política. Estados, dossiê 14, fl. 148).

Em 1955, jornais registraram que ele coordenou uma cirurgia de cesariana bem-sucedida para salvar uma bebê de dois meses que possuía um “feto com formas humanas acentuadas” se desenvolvendo em seu ventre, de acordo com a nota no jornal. Segundo a conferência de Machado para esclarecimento do caso, tratava-se de um caso raríssimo na

medicina, denominado teratoma (uma disfunção na embriologia que gera uma neoplasia, ou seja, não se tratava de um feto, mas de um tumor) (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, ed. 43, 1955).

Seu nome constava em relatório policial sobre lista de células comunistas de São Paulo em 1965 que se organizavam em atividades de guerrilha, identificado como médico operador, residindo em Marília, SP.

Washington Loyello (1930-2007)

Foi médico psiquiatra formado pela Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro em 1946. Em 1956, foi para o Uruguai mediante a ameaça de ser preso. Prosseguiu seus estudos em Paris, em 1956-1957. É possível que tenha sido esse o motivo da participação de Milton Lobato e Irun Sant'Anna na produção da revista, a partir de 1957, apesar de o nome de Loyello estar creditado na revista até seu último número, em dezembro de 1960.

Lecionou de 1963 a 1964. Foi diretor do Hospital Pedro II. Desenvolveu um projeto para que o hospital produzisse medicamentos em laboratório próprio a ser construído no interior da instituição. Participou do processo de humanização da estrutura psiquiátrica do hospital.

Foi neuropsiquiatra do Serviço Nacional de Doenças Mentais do Ministério da Saúde; professor de psicologia do Departamento Nacional da Criança; diretor-geral do Centro Psiquiátrico Nacional; professor da cadeira de psicologia da Universidade do Estado da Guanabara e Gama Filho; professor de psicologia da Escola de Comando do Estado-Maior da Aeronáutica (CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 8/6/1969, p. 1 – CORREIO DA MANHÃ FEMININO, edição especial do Dia dos Namorados).

Em 1979, foi aprovado em livre-docência na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).